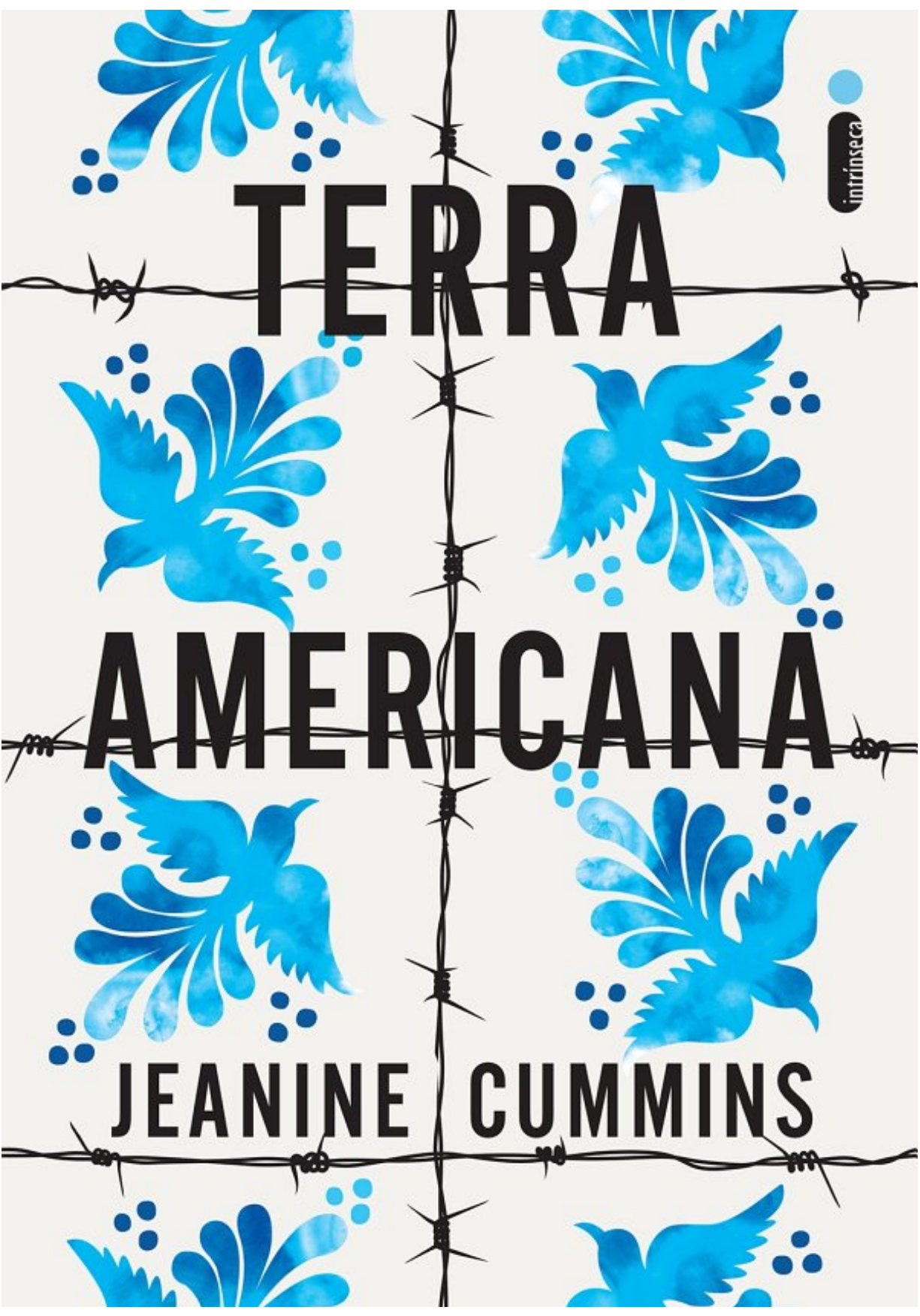


TERRA

AMERICANA

JEANINE CUMMINS





TERRA

AMERICANA

JEANINE CUMMINS



TERRA --- AMERICANA

Jeanine Cummins

Tradução de
Flávia Rössler, Maria Carmelita Dias e Cássia Zanon



Copyright © 2020 by Jeanine Cummins

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, instituições e acontecimentos aqui retratados resultam da imaginação da autora ou são usados ficcionalmente.

TÍTULO ORIGINAL

American Dirt

PREPARAÇÃO

Marcela de Oliveira

REVISÃO

Carolina Vaz

Mariana Bard

DESIGN DE CAPA

Julianna Lee

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

IMAGENS DE CAPA

azulejo: © Akbaly/ Shutterstock; aquarela: ©oxygen/ Getty Images;

arame: ©winston flavor plus/ Shutterstock

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-510-0653-5

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezesete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte

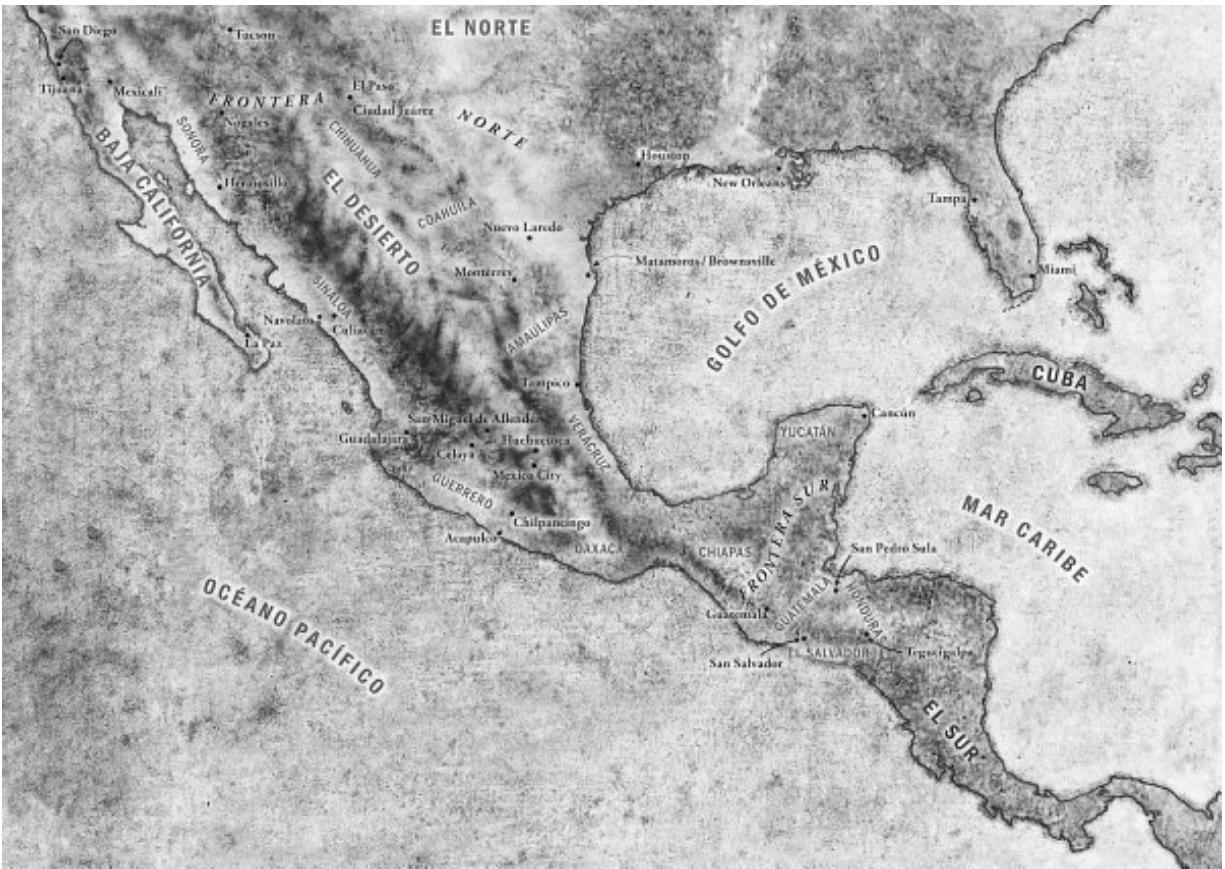
Capítulo Vinte e um
Capítulo Vinte e dois
Capítulo Vinte e três
Capítulo Vinte e quatro
Capítulo Vinte e cinco
Capítulo Vinte e seis
Capítulo Vinte e sete
Capítulo Vinte e oito
Capítulo Vinte e nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e um
Capítulo Trinta e dois
Capítulo Trinta e três
Capítulo Trinta e quatro
Capítulo Trinta e cinco
Capítulo Trinta e seis

Epílogo
Nota da autora
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para Joe

Era a sede e a fome, e tu foste o fruto.
Era a dor e as ruínas, e tu foste o milagre.

— Pablo Neruda, “A canção desesperada”



CAPÍTULO UM

Uma das primeiras balas entra pela janela aberta acima do vaso sanitário, que está bem na frente de Luca. Na hora ele não compreende que se trata de um projétil, e é por pura sorte que não o atinge entre os olhos. Luca mal percebe um leve zumbido quando a bala passa e se aloja na parede de azulejos às suas costas. Mas a rajada seguinte é alta, retumbante e assustadora, um *ratatatá* com velocidade de helicóptero. Há também uma gritaria, mas que dura pouco e é logo silenciada pelos tiros. Antes que Luca consiga fechar o zíper da calça, baixar a tampa e subir na privada para espiar pela janela, antes que tenha tempo de verificar a origem daquele barulho infernal, a porta do banheiro se abre e lá está Mami.

— *Hijo, ven* — diz ela, tão baixo que Luca não ouve.

Suas mãos não são delicadas: ela o empurra em direção ao chuveiro. Ele tropeça no pequeno degrau e cai de bruços. Mami se joga em cima do filho, e ele morde o lábio na queda. Sente gosto de sangue. Uma gotinha escura desenha um minúsculo círculo vermelho nos azulejos verdes do box. Mami entoca o garoto bem no canto. Não há porta nem cortina no box. Ele é improvisado num canto do banheiro de sua *abuela*, e tem uma terceira parede azulejada construída para fazer as vezes de divisória. Essa parede tem pelo menos um metro e meio de altura e não mais de um metro de largura — com um pouco de sorte, é suficiente para impedir que Luca e a mãe sejam vistos. As costas de Luca estão espremidas, e seus ombros estreitos tocam as duas paredes. Os joelhos estão tocando o queixo, e Mami se fecha ao redor dele como um casco de tartaruga. A porta do banheiro está entreaberta atrás da meia parede do chuveiro de sua *abuela*, o que preocupa Luca, embora ele não consiga vê-la por causa do escudo formado pelo corpo da mãe. Ele queria se desvencilhar dela e empurrar a porta de leve com o dedo. Gostaria de fechá-la. Não imagina que sua mãe a tenha deixado aberta de propósito. Uma porta fechada é um convite para um exame mais minucioso.

Do lado de fora o barulho de tiros continua, e chega acompanhado do cheiro de carvão e carne queimada. Papi está grelhando carne e também as coxinhas de frango que Luca adora. Ele gosta delas bem tostadas e com a pele crocante. Sua mãe levanta a cabeça para encarar os olhos do filho. Coloca as mãos nos dois lados do seu rosto e tenta tapar seus ouvidos. Fora de casa, o tiroteio diminui. Para por um instante, mas logo recrudescer em rajadas curtas, refletindo, Luca pensa, o ritmo esporádico e selvagem do seu coração. Mesmo em meio ao barulho, o garoto consegue escutar o rádio: primeiro a voz de uma mulher que anuncia *La Mejor 100.1 — FM Acapulco!*, seguida pela Banda MS cantando sobre a felicidade de estar apaixonado. Alguém atira no rádio, e o som que o substitui é de risadas. Vozes de homens. Dois ou três, Luca não sabe ao certo. Pisadas firmes de botas no pátio de Abuela.

— Ele está aqui? — Uma das vozes vem de bem perto da janela.

— Aqui.

— E o garoto?

— *Mira*, tem um menino aqui. É ele?

O primo de Luca, Adrián. Ele está de chuteiras e com a camisa do Chicharito Hernández. Adrián consegue fazer quarenta e sete embaixadinhas com os joelhos sem deixar a bola de futebol cair.

— Não sei. Parece a idade certa. Tire uma foto.

— Ei, tem frango! — exclama outra voz. — Está com uma cara boa. Quer um pedaço?

A cabeça de Luca está embaixo do queixo da mãe, cujo corpo envolve o dele com firmeza.

— Esqueça o frango, *pendejo*. Examine a casa.

De cócoras, a mãe de Luca empurra ainda mais o filho em direção à parede de azulejos. Ela se espreme contra ele, e os dois ouvem o rangido e a batida da porta dos fundos. Passos na cozinha. O tilintar intermitente de balas na casa. Mami vira a cabeça e percebe a mancha solitária do sangue de Luca, vívida no chão de ladrilhos, iluminada pela luz oblíqua da janela. Luca sente que a mãe prendeu a respiração. A casa está em silêncio agora. O corredor que dá na porta do banheiro é acarpetado. Mami cobre a mão com a manga da blusa e Luca observa, horrorizado, ela se afastar do boxe e se inclinar sobre o pingo de sangue revelador. Ela passa a manga pela gota, que se transforma num leve borrão, e volta para junto do filho no momento em que o homem no corredor usa o cano de seu AK-47 para abrir a porta.

Devem ser três pessoas, porque Luca ainda ouve duas vozes no quintal. Do outro lado da meia parede do chuveiro, o terceiro homem abre o zíper da calça e alivia a bexiga na privada de Abuela. Luca não respira. Mami não respira. Seus olhos estão fechados, os corpos paralisados, e até a adrenalina deles está suspensa na determinação calcificada de sua imobilidade. O homem solta um soluço, dá descarga e lava as mãos. Seca-as na toalha amarela de Abuela, a que ela só usa em dias de festas.

Eles não se mexem depois que o homem sai. Nem quando voltam a ouvir o rangido e a batida da porta dos fundos. Continuam ali, imóveis em um nó cego de braços e pernas e joelhos e queixos e pálpebras cerradas e dedos contraídos, mesmo depois de ouvirem o homem juntar-se aos parceiros do lado de fora, depois de ouvi-lo anunciar que a casa está vazia e que ele agora vai comer um pedaço de frango, porque não há desculpa para desperdiçar um bom churrasco, não quando há crianças morrendo de fome na África. O homem continua tão perto da janela que Luca consegue ouvir os sons úmidos e pegajosos que sua boca faz ao devorar o frango. Luca se concentra em inspirar e expirar, sem emitir som algum. Diz a si mesmo que aquilo é apenas um pesadelo, um pesadelo horrível, mas que é igual ao que já teve muitas vezes. Quando isso acontece, ele sempre desperta com o coração batendo forte, mas é logo invadido por uma enorme sensação de alívio. *Era só um pesadelo.* Porque esses são os bichos-papões modernos do México urbano. Porque mesmo os pais que têm o cuidado de não falar em violência na frente dos filhos, de trocar a estação de rádio quando há notícias de mais um tiroteio, de esconder o pior de seus próprios medos, não conseguem impedir que os filhos conversem com outras crianças. Nos balanços, no campo de futebol, no banheiro dos meninos na escola, as histórias assustadoras se acumulam e se avolumam. Todos esses garotos, ricos, pobres, de classe média, viram corpos nas ruas. Assassinatos eventuais. E eles sabem, por conversarem uns com os outros, que há uma hierarquia de perigo, que algumas famílias correm um risco maior do que outras. Assim, embora Luca nunca visse o menor vestígio desse risco nos pais, ainda que eles dessem uma impecável demonstração de coragem diante do filho, ele sabia... Sabia que esse dia chegaria. Mas a constatação não ameniza essa chegada. Passa-se um tempo muito longo até a mãe de Luca retirar a mão tensa que prendia a nuca do filho, até ela se inclinar o suficiente para que ele perceba que o ângulo da luz entrando pela janela do banheiro mudou.

Há uma bênção nos momentos entre o terror e a confirmação. Quando por fim consegue se mexer, Luca sente uma breve e inquietante euforia pelo fato de estar vivo. Por um momento, delicia-se com a passagem irregular da respiração pelo peito. Coloca as palmas das mãos no chão para sentir a pressão fria dos azulejos. Mami desmorona contra a parede à frente dele e movimenta o maxilar de um jeito que revela a covinha na bochecha esquerda. É estranho vê-la ali dentro do chuveiro com seus sapatos bons de ir à igreja. Luca leva a mão ao corte no lábio. O sangue secou, mas ele passa os dentes no machucado, que volta a sangrar. Ele compreende que, se fosse apenas um sonho, não sentiria gosto de sangue.

Por fim, Mami se levanta.

— Fique aqui — orienta ela com um sussurro. — Não se mexa até eu voltar. Não faça nenhum barulho, entendido?

Luca se lança para segurar a mão dela.

— Mami, não.

— *Hijo*, eu já volto, certo? Você fica aqui. — Mami desprende os dedos de Luca dos seus. — Não se mexa — insiste. — Seja um bom menino.

Para Luca é fácil acatar a ordem da mãe, não tanto porque é uma criança obediente, mas porque não quer ver nada. Sua família inteira está lá fora, no quintal de Abuela. É sábado, 7 de abril, dia da festa de quinze anos de sua prima Yénifer, que escolheu um vestido longo branco para usar em sua *quinceañera*. Os pais dela também estão lá, Tío Alex e Tía Yemi, assim como o irmão mais novo de Yénifer, Adrián, que, por já ter completado nove anos, gosta de dizer que é um ano mais velho que Luca, ainda que a diferença entre os dois seja de apenas quatro meses.

Antes de Luca precisar entrar para fazer xixi, ele e Adrián estavam jogando bola com os outros primos. As mães estavam sentadas no pátio, ao redor da mesa, suas *palomas* geladas suando sobre os guardanapos. Na última vez que todos se reuniram na casa de Abuela, Yénifer entrou sem querer no banheiro onde Luca estava, e ele ficou com tanta vergonha que hoje obrigou Mami a acompanhá-lo e ficar de guarda do lado de fora da porta.

Abuela não gostou. Disse que Mami o mimava, que um menino da idade dele podia muito bem ir ao banheiro sozinho, mas que, por ser filho único, Luca conseguia coisas que outras crianças não conseguiam.

Seja como for, Luca está sozinho no banheiro e tenta não pensar nisso, mas o pensamento surge espontaneamente: aquelas palavras irritadas entre Mami e

Abuela talvez tenham sido as últimas trocadas por elas. Luca tinha se aproximado da mesa, se contorcendo, e sussurrado alguma coisa no ouvido de Mami. Abuela, ao perceber, balançou a cabeça, apontou para ambos um dedo repreendedor e fez suas observações. Ela tinha um modo especial de sorrir enquanto criticava. Mas Mami sempre fica do lado de Luca. Ela apenas revirou os olhos e afastou a cadeira da mesa, ignorando a desaprovação da mãe. Quando aquilo havia acontecido? Dez minutos atrás? Duas horas? Luca se sente desconectado das barreiras de tempo que sempre existiram.

Do outro lado da janela, ele ouve os passos hesitantes de Mami, o arrastar suave de seus sapatos em meio aos cacos de alguma coisa quebrada. Um suspiro solitário, fraco demais para ser chamado de choro. Então, um som mais alto enquanto ela atravessa o pátio com determinação, pressionando as teclas do telefone. Quando fala, sua voz tem um tom prolongado que Luca nunca tinha ouvido, alto e gutural.

— Preciso de ajuda.

CAPÍTULO DOIS

Quando Mami volta para tirar Luca do boxe do chuveiro, ele está com o corpo encolhido e se balança sem parar. Ela o manda se levantar, mas ele sacode a cabeça e se contrai ainda mais, o corpo tremendo de relutância e pânico. Enquanto permanecer no chuveiro com o rosto escondido entre os braços, enquanto não olhar para Mami, Luca pode postergar o que já sabe. Pode prolongar o momento de esperança irracional de que talvez algum pedaço do mundo de ontem permaneça intacto.

Talvez seja melhor ele olhar, ver os respingos no vestido branco de Yénifer, ver os olhos de Adrián, abertos para o céu, ver o cabelo grisalho de Abuela, emaranhado com coisas que jamais deveriam existir fora do caprichado revestimento de um crânio. De fato, talvez seja bom para Luca ver os despojos quentes do pai, o espeto vergado sob seu peso, seu sangue ainda escorrendo pelo pátio de concreto. Porque nenhuma dessas imagens, por mais terrível que seja, é pior do que as que Luca evocará com o brilho da própria imaginação.

Quando por fim consegue fazer o filho se levantar, Mami sai com ele pela porta da frente, o que talvez não seja a melhor ideia. Se *los sicarios* retornassem, o que seria pior? Estar na rua à vista de todos ou se esconder dentro de casa, onde não daria para confirmar a chegada do grupo? Pergunta impossível de responder. Nada é melhor ou pior do que qualquer outra coisa agora. Eles atravessam o pátio bem organizado de Abuela e Mami abre o portão.

Os dois se sentam juntos no meio-fio pintado de amarelo. O outro lado da rua já está na sombra, mas aqui continua claro, e o sol aquece a testa de Luca. Após alguns minutos fugazes, eles ouvem sirenes se aproximando. Mami, cujo nome é Lydia, se dá conta de que seus dentes não param de bater. Ela não está com frio. Suas axilas estão úmidas e arrepios percorrem seus braços.

Luca inclina-se para a frente e vomita. É uma golfada de salada de batata, manchada de rosa pelo ponche de frutas. O vômito se espalha pelo asfalto entre seus pés, mas nem ele, nem a mãe fazem qualquer menção de se afastar.

Parecem nem perceber. Também não reparam no rearranjo dissimulado de cortinas e persianas nas janelas por perto, enquanto vizinhos ensaiam uma postura de quem não tem nada a ver com a história.

O que Luca percebe são os muros que se alinham ao longo da rua da Abuela. Ele já os viu inúmeras vezes, mas naquele momento nota algo novo: todas as casas têm um pequeno pátio como o de Abuela, escondido da rua por um muro como o de Abuela, coberto com arame farpado ou tela metálica ou hastes pontiagudas como o de Abuela, e cujo acesso se dá exclusivamente por um portão trancado como o de Abuela. Acapulco é uma cidade perigosa. As pessoas tomam precauções, mesmo em bairros elegantes como esse — especialmente em bairros elegantes como esse. Mas de que servem essas proteções quando os homens chegam? Luca apoia a cabeça no ombro da mãe e ela o abraça. Ela não pergunta se ele está bem, porque a partir de agora essa pergunta carregará o peso de um absurdo doloroso. Lydia tenta ao máximo não pensar nas muitas palavras que nunca mais sairão de sua boca, no repentino e monstruoso vazio de palavras que jamais conseguirá dizer.

Assim que chega, a polícia estende a faixa amarela *escena del crimen* nas duas extremidades do quarteirão para interromper o trânsito e abrir espaço para o macabro desfile de veículos de emergência. Há muitas autoridades, um verdadeiro batalhão, que vão de um lado para outro e passam por Luca e Lydia com uma reverência coreografada. Quando o chefe dos detetives se aproxima e começa a fazer perguntas, Lydia hesita por um momento, sem saber o que fazer com o filho. Ele é pequeno demais para ouvir tudo o que ela precisa dizer. Seria melhor deixá-lo com outra pessoa por alguns minutos para poder responder com franqueza a essas perguntas terríveis. Seria melhor mandá-lo para junto do pai. Da avó. De Yemi. Mas estão todos mortos no quintal, seus corpos tão próximos uns dos outros que parecem peças tombadas de um dominó. De qualquer forma, nada faz sentido. A polícia não está ali para ajudar. Lydia começa a soluçar. Luca se levanta e coloca a palma da mão fria na nuca da mãe.

— Ela precisa de um momento — diz ele, como um adulto.

Depois de um tempo o detetive retorna acompanhado por uma mulher, a médica-legista, que se dirige a Luca. Apoia a mão no seu ombro e pergunta se ele gostaria de sentar na sua caminhonete. Está escrito SEMEFO na lateral do veículo, e as portas de trás estão abertas. Mami faz um sinal positivo com a cabeça, e então Luca segue a mulher e se senta na caminhonete, com os pés

balançando por cima do para-choque traseiro. Ela lhe oferece uma lata gelada de suco.

O cérebro de Lydia, por um momento paralisado pelo choque, volta a funcionar, mas lentamente, como se rastejasse na lama. Ela continua sentada no meio-fio, e o detetive fica entre ela e Luca.

— Chegou a ver o atirador? — pergunta.

— Atiradores, no plural. Acho que eram três.

Ela gostaria que o detetive se afastasse um pouco, para que Luca ficasse no seu campo de visão. O menino está a apenas dez ou doze passos.

— Você os viu?

— Não, só ouvimos. Estávamos escondidos no boxe do banheiro. Um entrou e mijou enquanto estávamos lá. Talvez o senhor consiga impressões digitais na torneira. Ele lavou as mãos. Acredita nisso? — Lydia bate uma mão na outra com força, como se para afastar a lembrança. — Havia pelo menos mais duas vozes do lado de fora.

— Eles disseram ou fizeram alguma coisa que pudesse ajudar na identificação?

Ela faz que não com a cabeça.

— Um comeu frango.

O detetive escreve *pollo* em seu bloco de anotações.

— Um perguntou se *ele* estava aqui.

— Um alvo específico? Eles disseram quem era *ele*? Algum nome?

— Não precisavam. Era meu marido.

O detetive para de escrever e olha para ela com expectativa.

— Quem é seu marido?

— Sebastián Pérez Delgado.

— O repórter?

Lydia confirma, e o detetive assobia entredentes.

— Ele está aqui?

Ela assente de novo.

— No pátio. Com o espeto. Com a placa.

— Sinto muito, senhora. Seu marido recebia muitas ameaças?

— Recebia, mas não nos últimos tempos.

— E qual era exatamente a natureza dessas ameaças?

— Mandavam que ele parasse de escrever sobre os cartéis.

— Senão?

— Senão matariam a família dele inteira — responde, com a voz impassível. O detetive respira fundo e olha para Lydia com o que poderia ser interpretado como compaixão.

— Quando ele foi ameaçado pela última vez?

Lydia balança a cabeça.

— Não sei. Faz muito tempo. Isso não era para acontecer. Não era para acontecer...

O detetive crispa os lábios e fica em silêncio.

— Eles vão me matar também — prossegue ela, percebendo, conforme pronuncia essas palavras, que podem mesmo ser verdadeiras.

O detetive não faz qualquer menção de contradizê-la. Ao contrário de muitos de seus colegas — não sabe ao certo quais, mas isso não importa —, não está na folha de pagamento do cartel. Ele não confia em ninguém. Na verdade, dos mais de vinte policiais e médicos que circulam pela casa e pelo pátio de Abuela naquele exato momento, assinalando os locais dos projéteis, examinando pegadas, analisando manchas de sangue, tirando fotos, procurando sinais vitais, fazendo o sinal da cruz diante dos cadáveres da família de Lydia, sete recebem dinheiro do cartel local regularmente. O pagamento ilícito é três vezes maior do que o salário que recebem do governo.

Na realidade, um deles já mandou uma mensagem para *el jefe* informando que Lydia e Luca sobreviveram. Os demais nada fazem, porque é exatamente para isso que o cartel lhes paga, para uniformizar gente e passar uma aparência de autoridade. Uma parte do pessoal sente uma espécie de conflito moral com isso; outra parte, não. De todo modo, ninguém tem escolha, então seus sentimentos são em grande medida irrelevantes.

O índice de crimes sem solução no México está bem acima de 90%. A existência disfarçada de *la policía* constitui a oposição necessária à verdadeira impunidade do cartel. Lydia sabe disso. Todo mundo sabe. Ela então decide que precisa ir embora dali. Levanta-se do meio-fio e se surpreende com a força de suas pernas. O detetive recua para lhe dar passagem.

— Quando ele descobrir que sobrevivi, vão voltar. — E então uma lembrança começa a martelar sua cabeça, a pergunta feita por uma das vozes no quintal: *E o garoto?* As articulações de Lydia parecem derreter. — Ele vai matar meu filho.

— *Ele* — repete o detetive. — Sabe exatamente quem fez isso?

— Está de brincadeira comigo? — pergunta ela.

Existe apenas um autor possível para um banho de sangue dessa magnitude em Acapulco, e todo mundo sabe quem é. Javier Crespo Fuentes. Amigo dela. Por que deveria dizer seu nome em alto e bom som? A pergunta do policial só pode ser uma encenação ou um teste. Ele escreve mais palavras em seu bloco de anotações. Escreve *La Lechuza*? Escreve *Los Jardineros*?. Depois mostra o bloco para Lydia.

— Não posso fazer isso agora — diz ela, forçando passagem.

— Por favor, só mais algumas perguntas.

— Não. Chega de perguntas.

Há dezesseis corpos no quintal, praticamente todas as pessoas que Lydia amava no mundo, mas ela ainda não consegue acreditar... Sabe que é real porque as ouviu morrer, viu seus corpos. Tocou na mão ainda quente da mãe e sentiu a falta de batimentos cardíacos no marido quando tomou seu pulso. Mas sua mente ainda tenta rebobinar a cena, desfazer tudo. Porque não pode ser verdade. É horrível demais para ser. O pânico parece iminente, mas não se abate sobre ela.

— Luca, venha.

Ela estende a mão e o menino salta da caminhonete da médica-legista. Ele deixa a lata de refresco ainda cheia em cima do para-choque traseiro.

Lydia lhe dá a mão e os dois descem a rua até onde Sebastián estacionou o carro, quase no fim do quarteirão. O detetive os segue, ainda tentando falar com ela. Ele não se conforma que Lydia tenha encerrado a conversa. Ela não havia sido clara o suficiente? Então, ela para de caminhar tão bruscamente que o detetive quase a atropela, tendo que ficar na ponta dos pés para evitar a colisão. Ela se vira num movimento rápido.

— Preciso da chave.

— Chave?

— A chave do carro de meu marido.

O detetive continua a falar enquanto Lydia força passagem de novo, puxando Luca pela mão. Ela cruza o portão para voltar ao pátio de Abuela e pede que Luca a espere. Mas então pensa duas vezes e o leva para dentro da casa. Coloca-o sentado no sofá de veludo dourado de Abuela e manda o garoto não se mexer.

— Pode ficar de olho nele, por favor?

O detetive assente.

Lydia para por um momento à porta dos fundos e então endireita os ombros antes de abri-la com um empurrão e sair. No quintal sombreado, sente o cheiro adocicado de limão e molho viscoso queimado, e sabe que nunca mais voltará a comer churrasco. Alguns membros de sua família estão cobertos agora, e há pequenas placas de um amarelo vivo ao redor do quintal com letras e números pretos. As placas marcam a localização de provas que nunca serão usadas para buscar uma condenação. Elas pioram tudo, pois sua presença significa que aquilo aconteceu de verdade. Lydia sente os próprios pulmões... Parecem feridos e em frangalhos, algo que ela jamais havia experimentado. Dá um passo na direção de Sebastián, que não se mexe, o braço esquerdo ainda dobrado desajeitadamente sob o corpo, o espeto projetando-se por baixo do quadril. A posição do marido faz Lydia se lembrar das formas que o corpo dele assume quando está no auge da animação, quando brinca de luta com Luca na sala depois do jantar. Eles gritam. Urram. Esbarram nos móveis. Ela continua a lavar a louça na pia da cozinha e apenas revira os olhos. Mas todo esse calor se foi agora. Há uma quietude pulsante sob a pele de Sebastián. Lydia quer falar com ele antes que toda a sua cor desapareça. Quer contar o que aconteceu, rápida e desesperadamente. Dentro dela, alguma parte obcecada acredita que, se lhe contar a história direito, poderá convencê-lo de que não está morto. Poderá convencê-lo da necessidade que tem dele, da gigantesca necessidade que o filho tem dele. Há uma espécie de insanidade congelada na sua garganta.

Alguém removeu o pedaço de papelão que os pistoleiros deixaram sobre o seu peito com uma pedra em cima. Uma mensagem escrita com pincel atômico verde dizia: *TODA MI FAMILIA ESTÁ MUERTA POR MI CULPA.*

Lydia se agacha aos pés do marido, mas não quer sentir sua pele pálida esfriando. Segura o bico de um de seus sapatos e fecha os olhos. Sebastián continua praticamente intacto, e ela se sente grata por isso. Ela sabe que o pedaço de papelão poderia ter sido afixado no peito dele com a lâmina de um facão. Sabe que a relativa limpeza de sua morte é uma espécie deturpada de gentileza. Ela já viu outras cenas de crime, cenas horripilantes... Corpos que não são mais corpos, apenas partes de corpos, mutilados. Quando o cartel mata, é para servir de exemplo, para ser uma ilustração exagerada e grotesca. Certa manhã, no trabalho, enquanto abria a livraria, Lydia viu do outro lado da rua um garoto que ela conhecia se abaixar para abrir a grade da sapataria do pai com uma chave pendurada em um catarfeto no pescoço.

Ele tinha dezesseis anos. Quando o carro parou, o garoto não conseguiu fugir porque a chave travou na fechadura e o prendeu pelo pescoço. Então *los sicarios* ergueram a grade e penduraram o garoto pelo cadarço, e depois o agrediram até não lhe restar mais nada a fazer senão se contorcer. Lydia tinha corrido para dentro da loja e trancado a porta, e por isso não viu quando eles arrancaram suas calças para enriquecer aquele espetáculo dos horrores. Mas ela soube mais tarde. Todos souberam. E cada um dos lojistas da vizinhança sabia que o pai do menino havia se recusado a pagar as *mordidas* do cartel.

Por isso, sim, Lydia é grata por dezesseis entes queridos terem sido mortos pelo disparo rápido e preciso de uma bala. Os policiais no quintal evitam olhar para ela, o que a deixa grata também.

O fotógrafo da cena do crime repousa a câmera em cima da mesa, ao lado do copo de drinque que ainda carrega na borda a marca do batom de Lydia. Os cubos de gelo derreteram, e há uma pequena marca de água condensada no guardanapo que envolve o copo. Ele ainda está úmido, e parece impossível para Lydia que sua vida tenha sido destruída tão completamente em um tempo menor do que o necessário para a água de um simples guardanapo secar. Ela nota que um silêncio reverente caiu sobre o pátio. Ela vai para o lado de Sebastián sem se levantar. Engatinha e depois hesita, com os olhos fixos na mão estendida do marido, no contorno dos nós de seus dedos, nas meias-luas perfeitas das unhas. Os dedos não se movem. A aliança está inerte. Seus olhos estão fechados, e Lydia se pergunta, numa ideia absurda, se ele os fechou de propósito, como num ato final de ternura, para que a mulher, quando o encontrasse, não precisasse constatar o vazio que havia neles. Ela cobre a boca com a mão porque tem a sensação de que uma parte essencial de si mesma pode pular para fora. Logo engole essa sensação, enfia os dedos na dobra daquela mão inerte e se permite inclinar-se com delicadeza sobre o peito do marido. Ele já está frio. Frio. Sebastián se foi, e o que resta dele nada mais é do que sua forma tão querida e familiar, desprovida de respiração.

Ela coloca a mão no maxilar dele, no seu queixo. Fecha bem a própria boca e repousa a palma da mão na testa dele. A primeira vez que o viu, ele estava debruçado sobre um caderno de espiral em uma biblioteca na Cidade do México, segurando uma caneta. A inclinação de seus ombros, a amplitude de sua boca. Ele vestia uma camiseta roxa de uma banda que ela não conhecia. Agora entende que não foi o corpo, mas como o marido dava vida a ele que a tinha encantado. As lajotas pressionam os joelhos de Lydia enquanto ela o

cobre de orações. Suas lágrimas são espasmódicas. O espeto está em uma poça de sangue coagulado, e uma parte ainda tem uma marca de carne crua. Lydia se esforça para conter a náusea, enfia a mão no bolso do marido e pega a chave. Quantas vezes durante os anos em que viveram juntos ela enfiou a mão no bolso dele? *Não pense nisso, não pense nisso, não pense.* É difícil tirar a aliança do seu dedo. A pele mole da junta se enruga sob a joia, e Lydia precisa girá-la, tem que usar uma das mãos para deixar o dedo reto e a outra para rodar o elo, e por fim consegue resgatar a aliança do marido, a que colocou no dedo dele na Catedral de Nuestra Señora de la Soledad mais de dez anos atrás. Ela a enfia no próprio polegar, coloca as duas mãos no peito do marido e se levanta. Então se afasta devagar, esperando que alguém a interpele a respeito dos itens que pegou. Ela quase quer que alguém a proíba de ficar com eles, que diga que não pode alterar a cena do crime ou alguma besteira do tipo. Que satisfação seria ter, por um momento, um receptáculo de toda a raiva que sentia. Ninguém ousa.

Os ombros de Lydia estão totalmente encurvados. Sua mãe. Ela vai em direção a Abuela, cujo corpo é um dos que estão displicentemente cobertos com plástico preto. Um oficial dá um passo para interceptá-la.

— Senhora, por favor.

Lydia olha para ele com expressão feroz.

— Preciso de um último momento com minha mãe.

Ele balança a cabeça, num movimento quase imperceptível. Sua voz é suave.

— Posso lhe garantir que não é mais sua mãe.

Lydia pestaneja, imóvel, com a chave do carro do marido ainda firme na mão. Ele tem razão. Ela poderia passar mais tempo nesse cenário de carnificina, mas para quê? Todos se foram. Não é essa a lembrança que ela quer guardar deles. Ela se afasta dos dezesseis contornos horizontais estendidos no quintal e, com um rangido e uma batida de porta, entra na cozinha. Do lado de fora, os agentes retomam suas atividades.

Lydia abre o armário do quarto da mãe e retira a única bagagem de Abuela: uma pequena valise vermelha, suficiente para um pernoite. Lydia abre-a e descobre que está cheia de bolsas menores. É uma mala de malas. Joga-as em cima da cama, abre a gaveta da mesa de cabeceira, pega um rosário e um pequeno livro de orações e os coloca na valise junto com a chave de Sebastián. Em seguida, inclina o corpo e enfia o braço embaixo do colchão da mãe. Arrasta a mão de um lado para outro até que, com a ponta dos dedos, alcança

maços de papel. Lydia puxa um deles: quase quinze mil pesos. Coloca-os na valise. Joga o conjunto de bolsinhas de volta no armário, leva a valise para o banheiro, abre o armário em cima da pia e pega o que pode — uma escova de cabelo, uma escova de dentes, pasta, creme hidratante, um tubo de protetor labial, uma pinça. Tudo vai para dentro da valise. Faz isso no automático, sem de fato considerar quais itens podem ou não ser úteis. Continua com essa tarefa, porque não consegue pensar em outra coisa para fazer. Lydia e a mãe usam o mesmo número de sapato, uma pequena bênção. Ela pega o único par confortável do armário da mãe — um tênis de lamê dourado acolchoado, com zíper na lateral, que Abuela usava para trabalhar no jardim. Na cozinha, a incursão continua: um pacote de biscoito, uma lata de amendoim, dois sacos de batatas fritas, tudo enfiado na valise. A bolsa de sua mãe está pendurada em um gancho atrás da porta da cozinha, ao lado de dois outros que seguram o avental de Abuela e seu suéter azul-petróleo favorito. Lydia tira a bolsa do gancho e olha seu interior. A sensação é a de que está abrindo a boca da mãe. Tudo ali dentro é pessoal demais. Pega tudo, dobra o couro marrom macio e o enfia na valise vermelha.

O detetive está sentado no sofá ao lado de Luca quando Lydia volta, mas não faz mais perguntas. O bloco e o lápis foram deixados na mesa de centro.

— Precisamos ir — diz ela.

Luca fica de pé sem esperar qualquer sinal da mãe.

O detetive também se levanta.

— Devo aconselhá-la a não voltar para casa neste momento, senhora. Pode não ser seguro. Se esperar aqui, talvez um de meus homens possa levá-la de carro. Podemos encontrar um local seguro para a senhora e seu filho?

Lydia sorri, e é até surpreendente que seu rosto ainda consiga ter esse tipo de reação. Um sorriso contido.

— Prefiro correr riscos sem sua ajuda.

O detetive franze a testa.

— Tem algum lugar seguro aonde possa ir?

— Por favor, não se preocupe com nosso bem-estar — rebate ela. — Sirva a justiça. Preocupe-se com isso.

Ela sabe que as palavras estão saindo de sua boca como minúsculos dardos não envenenados, tão inúteis quanto raivosas. Não faz nenhum esforço para se conter.

O detetive enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão.

— Lamento muito a sua perda. De verdade. Sei o que deve sentir, com tantos assassinatos sem solução, mas há pessoas que ainda se importam, que estão horrorizadas com essa violência. Por favor, esteja certa de que tentarei. — Ele também tem noção da inutilidade das próprias palavras, mas ainda assim parece sentir-se forçado a dizê-las. Em seguida, tira do bolso da camisa um cartão com seu nome e número de telefone. — Precisaremos de seu depoimento oficial quando se sentir pronta para prestá-lo. Tire alguns dias, se for preciso.

Ele oferece o cartão, mas Lydia não faz menção de aceitá-lo, então Luca o pega. O garoto se colocou bem ao lado da mãe, com um braço nas suas costas e agarrado à alça da valise vermelha.

Dessa vez, o detetive não vai atrás deles. Suas sombras se movem pela calçada como uma fera desajeitada. Embaixo do limpador de para-brisa do carro, um Fusca 1974 laranja e chamativo, há um pedacinho de papel, tão pequeno que nem se agita com a brisa quente que sopra na rua.

— *Carajo* — xinga Lydia, empurrando automaticamente Luca para trás dela.

— O que foi, Mami?

— Fique aqui... Não, vá para lá — diz, apontando para a direção de onde tinham vindo.

Pela primeira vez, Luca não contesta. Sai correndo rua abaixo.

Lydia larga a valise na calçada, dá um passo para trás para se afastar do carro e olha de um lado para outro. Seu coração não dispara; ele parece chumbo dentro do peito.

A permissão de estacionamento do marido está colada no para-brisa e há um bocado de ferrugem em toda a extensão do para-choque traseiro. Ela desce do meio-fio e inclina-se para ver se consegue ler o papel sem levantá-lo. Um carro de reportagem está estacionado logo depois da fita amarela que isola a cena do crime no fim do quarteirão, mas o repórter e o cinegrafista estão ocupados com os preparativos e não reparam naquilo. Ela vira e pega o pedaço de papel preso no limpador. Uma palavra escrita com pincel atômico verde: BUUU! A respiração acelerada faz seu peito doer como se estivesse machucado. Ela olha de novo para Luca, amassa o papel e o enfia no bolso.

Eles precisam sumir. Precisam fugir de Acapulco, ir para muito longe, para onde Javier Crespo Fuentes jamais consiga encontrá-los. Não podem ir de carro.

CAPÍTULO TRÊS

Lydia rodeia o Fusca laranja duas vezes. Olha pelas janelas, inspeciona os pneus, o tanque de gasolina, observa o máximo possível do chassi apenas inclinando o corpo, sem tocar em nada. Tudo parece igual a quando saíram do carro pela última vez, embora ela não tivesse prestado muita atenção. Recua e cruza os braços. Não ousaria dirigir o carro, mas precisa pelo menos abri-lo para recuperar alguns pertences. Essa necessidade ganha um caráter de urgência, mas sua mente não consegue ir além do presente imediato, por isso ela não vai tão longe quanto a palavra *recordações*.

Espia pela janela e vê a mochila de Sebastián no chão do banco do passageiro, seus próprios óculos de sol reluzindo em cima do painel, o moletom amarelo e azul de Luca jogado no banco de trás. É perigoso demais ir para casa agora, para o lugar onde sempre moraram.

Lydia precisa agir com rapidez, tirar Luca dali. Por um breve momento, pensa que, se houver uma bomba no carro, pode ser mais generoso levar Luca com ela, chamar o filho e abrir a porta ao lado dele, mas seu instinto materno frustra essa ideia macabra.

Então se aproxima, a chave tremendo em cima das mãos, e usa a outra para contê-la. Olha para Luca, que faz sinal de positivo. *Não tem bomba*, Lydia diz para si mesma. *Uma bomba seria um exagero depois de todas aquelas balas*. Enfia a chave na fechadura. Respira fundo uma vez. Duas. Gira a chave. Um clique. Só o som da porta destravando já é quase suficiente para acabar com ela. Mas logo vem o silêncio. Nenhum tique-taque, nenhum bipe, nada que indique uma atmosfera ameaçadora. Ela fecha os olhos, vira para trás e devolve o sinal de positivo para Luca. Abre a porta e começa a vasculhar o interior do carro. Do que ela precisa? De repente para, sua confusão paralisada por um momento. *Isso não pode ser real*, pensa. Sua mente parece esgarçada e deformada. Lydia lembra que a mãe ficou andando em círculos durante semanas depois que o *papi* morreu, da pia para a geladeira, da geladeira para a

pia. Colocava a mão na torneira e se esquecia de abri-la. Só que Lydia não pode dar voltas indefinidas assim, pois está correndo perigo. Eles precisam ir embora dali.

A mochila de Sebastián está no carro, e ela precisa pegá-la. Precisa realizar as tarefas que estão bem à frente. Mais tarde haverá tempo para tentar entender como aquilo pode ter acontecido, por que aconteceu. Abre a mochila do marido, pega de dentro uma garrafa térmica, seus óculos, as chaves do seu escritório, seus fones de ouvido, três blocos de anotação pequenos, algumas canetas baratas, um gravador portátil e suas credenciais de imprensa, e coloca tudo no banco do passageiro. Separa o tablet dele e o carregador, embora desligue o aparelho antes de devolvê-lo à mochila agora vazia. Ela não sabe como o GPS funciona nesses dispositivos, mas não quer ser rastreada. Pega os óculos escuros do painel e os coloca depressa no rosto, quase furando o olho com uma haste estendida. Empurra o assento para a frente e observa o que tem atrás. Os sapatos de Luca de ir à igreja estão no chão, onde ele os deixou quando calçou os tênis para jogar futebol com Adrián. *Ah, meu Deus, Adrián*, pensa Lydia, e a rachadura em seu peito se abre ainda mais, como se tivessem cravado um machado em seu esterno. Fecha os olhos com força por apenas um momento e se obriga a respirar fundo. Pega os sapatos de Luca e os enfia na mochila. O boné vermelho do New York Yankees de Sebastián também está no banco de trás. Ela o alcança, sai do carro e o joga para Luca, que o coloca na cabeça. No porta-malas, encontra o casaco marrom de qualidade de Sebastián e põe na valise. Há também uma bola de basquete (que ela deixa para lá) e uma camiseta suja, que ela guarda. Fecha o porta-malas com um estrondo, volta para o banco da frente e escolhe um dos blocos de anotação, ainda sem se permitir considerar a razão para isso — para guardar um registro pessoal da extinta caligrafia do marido. Escolhe um ao acaso, coloca-o na mochila e logo tranca as portas.

Luca vai para o lado da mãe antes mesmo que ela o chame. *Meu filho está profundamente mudado*, pensa. O modo como ele a observa e interpreta seus desejos mesmo sem comando...

— Para onde vamos, Mami?

Lydia olha para ele de soslaio. Oito anos. Ela precisa superar tudo aquilo e encontrar forças para resgatar o que for possível. Dá um beijo na cabeça do filho e os dois se põem a caminhar para longe dos repórteres, do carro laranja, da casa de Abuela, de suas vidas aniquiladas.

— Não sei, *hijo* — responde. — Vamos ver. Viveremos uma aventura.

— Que nem nos filmes?

— Exatamente, *hijo*. Que nem nos filmes.

Ela coloca a mochila nos ombros e ajusta as tiras antes de pegar a valise. Os dois seguem a pé por vários quarteirões rumo ao norte, depois dobras à esquerda em direção à praia e voltam para o sul, porque Lydia não consegue decidir se devem ir para um lugar lotado de turistas ou tentar manter distância da visão de todos. A todo instante ela olha por cima do ombro, examina os motoristas dos carros, segura a mão de Luca com mais força. Quando passam por um portão aberto, um vira-lata late para eles, pulando e mordiscando suas pernas. Uma mulher com um vestido estampado desbotado sai de casa para repreender o cachorro, mas, antes que ela consiga se aproximar, Lydia dá um chute violento no animal e não sente a menor culpa. A mulher grita atrás dela, mas Lydia segue em frente, segurando a mão de Luca.

O menino ajeita a aba do boné do pai, grande demais para sua cabeça. O suor de Papi está impregnado na faixa interna do boné, de modo que pequenas ondas do seu cheiro emanam dele sempre que Luca o ajeita, levando o garoto a repetir o gesto em intervalos regulares para sentir a essência do pai. Então ele começa a imaginar que talvez o cheiro seja finito e fica com medo esgotá-lo, por isso resolve parar de mexer no boné. Por fim, ele e a mãe avistam um ônibus e embarcam nele.

É sábado à tarde, e o ônibus não está lotado. Luca sente-se feliz por conseguir se sentar, até se dar conta de que o movimento de suas pernas, que carregam o peso de seu pequeno corpo pelas ruas de sua cidade, havia evitado a onda de horror que agora ameaça cair sobre ele. Assim que se acomoda ao lado de Mami no banco de plástico azul, balançando as pernas cansadas, começa a pensar. Começa a tremer. Mami o abraça com força.

— Você não pode chorar aqui, *hijito* — diz ela. — Ainda não.

Luca assente e para de tremer no mesmo instante, eliminando o risco de ser tomado pelas lágrimas. Apoia a cabeça no vidro quente da janela e olha para fora. Concentra-se nas cores vivas de sua cidade, no verde das folhas das palmeiras, nos troncos das árvores pintadas de branco para afastar as abelhas, nas luzes espalhafatosas de placas que anunciam lojas, hotéis e sapatos. Na porta do parque aquático El Rollo, Luca olha para crianças e adolescentes na fila da bilheteria. Todos usam chinelos e têm toalhas penduradas nos ombros. Atrás deles, toboáguas vermelhos e amarelos sobem e descem. Luca pressiona o

dedo no vidro e esmaga as crianças na fila, uma a uma. O ônibus dá uma freada brusca e três adolescentes de cabelo molhado entram. Passam por Luca e Lydia sem olhar para eles e se sentam no fundo do ônibus, com os cotovelos enfiados nos joelhos e conversando baixinho nos dois lados do corredor.

— Papi vai me levar lá no verão — diz Luca.

— Aonde?

— No El Rollo. Ele disse que no verão a gente iria lá. Que, quando eu estivesse sem escola, ele tiraria folga no trabalho.

Lydia morde a parte interna das bochechas. Um reflexo desleal: ela sente raiva do marido. O motorista fecha a porta e o ônibus segue seu caminho. Lydia abre o zíper da valise aos seus pés, tira os sapatos e os substitui pelos tênis dourados acolchoados da mãe. Ela não tem nenhum plano, o que não é do seu feitio, e acha difícil elaborar algum, porque sua mente lhe parece estranha, ao mesmo tempo inquieta e embotada. Sim, ela tem condições de lembrar que a cada quinze ou vinte minutos eles devem descer e trocar de ônibus, o que de fato fazem. Às vezes mudam de direção, às vezes, não. Um dos ônibus para bem na frente de uma igreja, então eles descem e entram rapidamente nela, mas a parte de Lydia que em geral está disponível para orações fechou. Ela já sentiu esse entorpecimento algumas vezes na vida — quando tinha dezessete anos e seu pai morreu de câncer, quando sofreu um aborto espontâneo no fim da gravidez dois anos depois de ter Luca, quando os médicos lhe disseram que não poderia mais ter filhos —, por isso não considera isso uma crise de fé. Ao contrário, acredita que seja uma dádiva divina. Como uma paralisação do governo, Deus adiou as ações não essenciais para ela. Do lado de fora, Luca vomita mais uma vez na calçada enquanto esperam pelo próximo ônibus.

Lydia usa no pescoço uma fina corrente de ouro adornada por apenas três elos entrelaçados. É uma joia discreta, e a única que ela usa além da aliança de ouro filigranado no dedo anelar da mão esquerda. Sebastián deu-lhe o colar no primeiro Natal após o nascimento de Luca, e ela amou o presente na mesma hora, adorou seu simbolismo. Desde então, usa o colar todos os dias, tanto que passou a fazer parte dela a ponto de tê-lo incorporado a seus maneirismos. Quando está entediada, percorre a delicada corrente para a frente e para trás com a ponta do polegar. Quando está nervosa, tem o hábito de prender os três elos entrelaçados na ponta de sua unha cor-de-rosa, fazendo com que eles emitam um leve tilintar. Lydia não toca nos elos de ouro agora. Sua mão se move distraidamente em direção ao pescoço, mas no mesmo instante ela se dá

conta do gesto. Já está se condicionando a disfarçar antigos hábitos. Precisa ficar totalmente irreconhecível se alimenta alguma esperança de sobreviver. Abre o fecho do colar na nuca e desliza a aliança de Sebastián do seu polegar para a corrente. Coloca de novo o colar no pescoço e enfia todo o conjunto por dentro da gola da blusa.

Eles precisam evitar chamar a atenção dos motoristas de ônibus, conhecidos por agirem como *halcones*, falcões, sentinelas do cartel. Lydia entende que sua condição de mulher razoavelmente atraente, mas não bonita, com idade indeterminada, viajando pela cidade com um menino de aparência comum, pode fornecer uma espécie de camuflagem natural se tiver o cuidado de passar a impressão de que apenas tiraram o dia para fazer compras ou visitar amigos em algum bairro distante. De fato, Luca e Lydia poderiam facilmente trocar de lugar com muitos de seus companheiros de viagem: o que ela considera um verdadeiro absurdo é que as pessoas ao seu redor não consigam perceber de imediato a abominação pela qual eles acabaram de passar. Pelo menos para Lydia, isso parece tão evidente quanto se ela estivesse carregando uma placa de neon bem chamativa. Ela luta a cada momento para conter o grito que pulsa dentro de seu corpo como algo vivo. Algo que se aproxima e chuta suas entranhas, como Luca fazia quando estava dentro dela. Com excepcional autocontrole, ela estrangula e elimina esse incômodo.

Quando enfim um plano começa a emergir da violenta névoa de caos que reina em sua mente, Lydia não sabe se é um bom plano, mas se agarra a ele porque não tem outro. Às três e quarenta e cinco, pouco antes do fim do expediente bancário, Lydia e Luca descem do ônibus em Playa Caletilla, entram em uma agência qualquer do seu banco e esperam na fila. Lydia liga o celular para verificar seu saldo, mas volta a desligá-lo antes de preencher um formulário de saque de um valor próximo ao total: 219.803 pesos, ou seja, cerca de 12.500 dólares, quase todo ele uma herança do padrinho de Sebastián, que possuía uma empresa engarrafadora e que nunca teve filhos. Ela pede o dinheiro em notas grandes.

Poucos minutos mais tarde, Luca e Lydia estão de novo no ônibus, com o dinheiro de suas economias da vida inteira em três envelopes no fundo da valise de Abuela. Três ônibus e mais de uma hora depois, desembarcam no Walmart em Diamante. Compram uma mochila para Luca, dois pacotes de roupas íntimas, dois jeans, duas embalagens com três camisetas brancas cada uma, meias, dois moletons com capuz, dois casacos quentes, duas escovas de

dentes extras, lenços umedecidos, Band-Aid, protetor solar, protetor labial, um kit de primeiros socorros, dois cantis, duas lanternas, pilhas e baterias, além de um mapa do México. Lydia demora muito para escolher uma faca na seção de artigos para casa, e por fim escolhe uma pequena com lâmina retrátil e uma bainha toda preta que ela pode prender na perna. Não é bem uma arma, mas é melhor do que nada. Pagam em dinheiro e depois atravessam por baixo do viaduto da rodovia em direção aos hotéis da praia — Luca com o boné de Papi, e Lydia sem tocar no seu colar de ouro. Conforme caminham, ela observa tudo, outros pedestres, motoristas nos carros, até meninos magricelas andando de skate, porque sabe que há *halcones* por toda parte. Apressam o passo. Lydia escolhe o Hotel Duquesa Imperial por causa do tamanho. É grande o suficiente para garantir relativo anonimato, mas não tão novo a ponto de atrair a atenção de quem gosta de locais da moda. Pede um quarto de frente para a rua e paga, mais uma vez, em dinheiro.

— Agora só preciso dos dados de um cartão de crédito para garantir despesas extras — diz o recepcionista enquanto enfia duas chaves em um pequeno envelope.

Lydia olha para as chaves e pensa em pegá-las e sair correndo para o elevador. Depois abre a bolsa e finge procurar o cartão de crédito.

— Droga, devo ter deixado no carro — diz. — Quanto é a caução?

— Quatro mil pesos. — Ele lhe dirige um sorriso frio. — Totalmente reembolsáveis, claro.

— Claro — repete Lydia, apoiando a valise no joelho e abrindo um dos envelopes. Pega os quatro mil pesos sem tirar o envelope da valise. — Pode ser em dinheiro?

— Ah.

O recepcionista parece meio espantado e olha depressa para o gerente, que está ocupado com outro hóspede.

— Em dinheiro está ótimo — concorda o gerente de longe, sem tirar os olhos do que estava fazendo.

O recepcionista faz sinal positivo para Lydia, que enfia as quatro notas cor-de-rosa de mil pesos na sua mão. Ele as coloca em um envelope e o lacra.

— E seu nome, por favor?

A caneta preta do atendente paira sobre o envelope.

Lydia hesita por um momento.

— Fermina Daza — mente.

É o primeiro nome que lhe vem à cabeça.
Ele lhe entrega a chave do quarto.
— Aproveite a estadia, Sra. Daza.

* * *

A subida de elevador até o décimo andar parece o minuto e meio mais longo da vida de Luca. Seus pés doem, suas costas doem, seu pescoço dói, e ele ainda não chorou. Uma família entra no quarto andar, mas logo percebe que o elevador está subindo e sai. Os pais riem um para o outro, de mãos dadas, enquanto os filhos estão brigando. O menino olha para Luca e mostra a língua no instante em que as portas do elevador se fecham. Luca sabe por instinto e pelas dicas sutis de Mami que deve se comportar como se tudo estivesse normal, e até agora tem conseguido cumprir bem essa tarefa hercúlea. Mas há também uma mulher mais velha e elegante no elevador, e ela está admirando os tênis dourados de Mami. Os tênis de Abuela. Luca pisca várias vezes.

— Que tênis lindos... Tão diferentes — comenta a mulher, com um leve toque no braço de Lydia. — Onde comprou?

Lydia olha para seus pés sem se virar para dar atenção à mulher.

— Ah, não lembro. São muito velhos.

Ela então aperta o botão 10 sem parar, o que não acelera o elevador, mas tem o desejado efeito de silenciar qualquer nova tentativa de conversa. A mulher sai no sexto andar, e, depois disso, Mami toca também nos botões 14, 18 e 19. Eles vão até o décimo andar e descem três lances de escada até o sétimo.

Uma coisa surpreendente acontece com Luca depois que Mami finalmente abre a porta do quarto, depois de olhar para os dois lados do corredor acarpetado e o levar para dentro depressa, depois de trancar a porta, passar a correntinha de segurança e arrastar a cadeira da escrivaninha pelo chão de lajotas para colocá-la sob a maçaneta da porta. A coisa surpreendente que acontece é: nada. A torrente de angústia contra a qual Luca tem lutado não irrompe. Nem vai embora. Ela permanece ali, contida como uma respiração presa, pairando bem na periferia de sua mente.

Ele tem a sensação de que, se girasse a cabeça, se tocasse nesse pesadelo condensado, ainda que com delicadeza, provocaria uma torrente tão colossal

que seria varrido dali para sempre. Luca toma cuidado para manter-se quieto. Então tira os sapatos e sobe na cama. Uma toalha foi colocada em cima dela, dobrada no formato de um cisne, que Luca segura pelo longo pescoço e joga no chão. Pega o controle remoto como se fosse um colete salva-vidas e liga a TV.

Mami leva as sacolas do Walmart, as mochilas e a valise de Abuela para a mesinha e esvazia tudo. Começa a retirar etiquetas, organizar pilhas de cada item e, de repente, desaba em uma das cadeiras e fica sem se mexer por pelo menos dez minutos. Luca não olha para ela. Está com os olhos grudados no canal Nickelodeon, vendo *Henry Danger* no volume máximo. Quando volta a si, Mami se aproxima dele e lhe dá um beijo repentino na testa. Depois atravessa o quarto e abre a porta da varanda. Ela duvida que haja ar fresco suficiente para desanuviar sua mente, mas precisa tentar. Deixa a porta aberta e sai.

Lydia agora entende que, se há uma coisa boa no terror, é que ele é mais imediato que a dor. Ela sabe que logo precisará lidar com o que aconteceu, mas por enquanto a possibilidade do que ainda pode acontecer serve para anestesiá-la da pior das angústias. Debruça-se no parapeito da varanda e verifica a rua abaixo. Diz a si mesma que não há ninguém lá fora e que estão em segurança.

No saguão, o recepcionista pede licença e se dirige à sala de descanso dos empregados. Na segunda cabine do banheiro, tira o telefone pré-pago do bolso do casaco e envia a seguinte mensagem: Dois hóspedes especiais acabam de dar entrada no Hotel Duquesa Imperial.

CAPÍTULO QUATRO

No dia em que se conheceram, Javier Crespo Fuentes apareceu sozinho na livraria de Lydia. Foi numa manhã de terça-feira, no instante em que ela colocava o quadro-negro na calçada. Naquela semana, tinha selecionado dez livros ambientados em lugares distantes para colocar em promoção, e a chamada, escrita a giz, dizia LIVROS: MAIS BARATOS QUE PASSAGENS AÉREAS. Ela estava segurando a porta aberta com uma perna enquanto levantava o quadro para colocá-lo do lado de fora, e então Javier apareceu e logo se aproximou para ajudá-la. A sineta acima deles tocou como um prenúncio.

— Obrigada.

Ele fez um sinal com a cabeça.

— Mas muito mais perigosos.

Ela franziu a testa e abriu o cavalete.

— Como assim?

— O quadro. — Ele apontou para a frase, e ela se afastou para reler o que havia escrito. — Livros são mais baratos que viagens, mas também são mais perigosos.

Lydia sorriu.

— Bem, acho que isso depende do destino da viagem.

Os dois entraram, e ela o deixou em paz para explorar as estantes. Quando por fim ele se aproximou do balcão e colocou seus livros ao lado da caixa registradora, ficou surpresa com as escolhas do sujeito.

Lydia era proprietária da livraria havia quase dez anos, e tinha abastecido o lugar não só com livros que adorava, mas também com obras que não enchiam seus olhos, embora com certeza vendessem bem. Ela mantinha um bom estoque de cartões, canetas, calendários, brinquedos, jogos, óculos de leitura, ímãs e chaveiros, e era esse tipo de mercadoria, junto com grandes best-sellers, que tornava sua loja lucrativa. Dessa forma, por muito tempo Lydia cultivara o prazer oculto de abrigar, escondidos entre tantos artigos mais populares, alguns

de seus mais queridos tesouros secretos: joias que haviam aberto sua mente e mudado sua vida, livros que, em alguns casos, nunca tinham sido traduzidos para o espanhol, mas que ela mantinha em estoque mesmo assim, não porque imaginasse que os venderia, mas porque a simples ideia de que eles estavam lá a deixava feliz. Havia talvez uma dúzia desses livros escondidos em suas prateleiras, resistindo em meio a uma lista de vizinhos que mudava constantemente. Às vezes, quando um livro a comovia, quando abria em sua mente uma janela antes desconhecida e alterava para sempre sua percepção do mundo, ela o adicionava a essas fileiras secretas. Vez ou outra até tentava recomendar um deles. Mas só fazia isso quando o cliente era alguém que ela conhecia e de quem gostava, alguém que ela achava que reconheceria o valor do tesouro oferecido. Quase sempre se decepcionava. Ao longo dos dez anos em que vinha fazendo isso, apenas duas vezes Lydia desfrutou do prazer de ver um cliente se aproximar espontaneamente com um desses livros na mão. Em somente duas ocasiões em dez anos houvera uma faísca de encantamento na loja... Uma possibilidade de algo mágico.

Assim, quando Javier se aproximou de Lydia, que examinava catálogos atrás da caixa registradora, e colocou em cima do balcão os livros escolhidos, ela ficou surpresa ao encontrar entre eles não um, mas dois de seus tesouros secretos: *Heart, You Bully, You Punk*, de Leah Hager Cohen, e *The Whereabouts of Eneas McNulty*, de Sebastian Barry.

— Ah, meu Deus — sussurrou Lydia.

— Tem alguma coisa errada?

Ela voltou a si, dando-se conta de que ainda não havia olhado para ele, apesar da conversa divertida de momentos antes. Ele estava vestido com uma roupa estranha para uma manhã de terça-feira: calças azul-escuras e uma camisa guayabera branca, roupa mais adequada para uma missa de domingo do que para um dia de semana. Seu espesso cabelo preto estava repartido com capricho e penteado para o lado em um estilo antiquado. As armações de plástico preto de seus óculos eram pesadas e igualmente ultrapassadas, tão retrô que pareciam quase chiques. Seus olhos ficavam imensos atrás das lentes grossas, e seu bigode parecia tremer enquanto ela o observava.

— Estes livros — explicou ela. — São dois dos meus favoritos.

Era uma resposta insuficiente, mas foi só o que ela conseguiu pensar em dizer.

— Meus também — comentou o homem do outro lado do balcão. O bigode ergueu-se um pouquinho com seu sorriso hesitante.

— Já leu estes livros antes? — Ela segurava *Heart, You Bully, You Punk* com as duas mãos.

— Na verdade, só esse aí — respondeu ele, apontando para o que ela segurava.

Ela baixou os olhos para a capa.

— Você lê em inglês? — perguntou, em inglês.

— Eu tento. Meu inglês não é fluente, mas está quase lá. E essa história é muito delicada. Tenho certeza de que há coisas que perdi na primeira leitura, então gostaria de tentar de novo.

— Claro. — Ela sorriu para ele, sentindo-se meio afoita. Ignorou essa sensação e avançou de forma imprudente. — Quando terminar, volte para discutirmos.

— Ah! — Ele parecia ansioso. — Você tem um clube do livro aqui?

A boca de Lydia se entreabriu.

— Não — disse, rindo. — Sou só eu!

— Melhor assim.

Ele sorriu, e ela franziu a testa, disposta a preservar a pureza do momento. Seria um flerte? Sempre que o comportamento de um homem era inescrutável, a resposta em geral era sim. Lydia colocou o livro no balcão e a palma da mão sobre a capa.

Ele percebeu a hesitação em seu gesto e fez um esforço para se corrigir.

— Só quis dizer que às vezes a experiência da leitura pode ser corrompida por um número excessivo de opiniões. — Olhou para o livro sob a mão de Lydia. — É um livro marcante, com certeza.

Ela lhe concedeu um sorriso enquanto levantava o scanner e o apontava para o código de barras do livro.

Na segunda-feira seguinte, ele foi direto para o balcão, embora Lydia estivesse atendendo outro cliente. Afastou-se um pouco para esperar, as mãos cruzadas na frente do corpo, e, quando a pessoa saiu, eles trocaram um largo sorriso.

— E então? — perguntou ela.

— É ainda mais incrível na segunda leitura.

— Exato! — exclamou Lydia.

Uma das personagens principais do livro tinha um problema: não conseguia evitar a tentação de pular de lugares altos. Não queria morrer, mas sempre se machucava por causa desse impulso perigoso.

— Tenho o mesmo problema — confessou Javier de repente.

— O quê? Mentira!

A história era ficção. Lydia, no entanto, também passava pelo mesmo problema. Em casa, sempre que se aproximava demais do parapeito da varanda, precisava agarrar-se a ele com força e pressionar os calcanhares no chão. Tinha medo de um dia pular sem pensar, sem nenhum motivo aparente. Ela se esborracharia na calçada lá embaixo e o tráfego de Acapulco protestaria e gritaria, desviando-se dela sem a menor necessidade. A ambulância chegaria tarde demais. Luca ficaria órfão, e todos se equivocariam ao interpretar o ato como suicídio. Esse cenário havia passado mil vezes pela cabeça de Lydia como uma espécie de antídoto. *Não devo pular.*

— Pensei que eu fosse o único no mundo — confessou Javier. — Achei que essa condição não passasse de uma invenção maluca da minha mente. E então lá estava ela, no livro.

Lydia só percebeu que sua boca estava aberta no momento em que a fechou. Sentou-se com um baque em seu tamborete.

— Mas *eu* pensei que fosse a única — retrucou.

Javier endireitou o corpo e se afastou um pouco do balcão.

— Você também?

Lydia assentiu.

— Meu Deus! — exclamou ele, em inglês. Em seguida começou a rir. — Vamos criar um grupo de apoio.

E o homem ficou ali conversando com Lydia por tanto tempo que ela por fim lhe ofereceu um café, que ele aceitou. Ela passou um banco para o outro lado do balcão, de modo que o visitante pudesse tomar o café com mais conforto. Ele teve o cuidado de não macular o bigode com a espuma da bebida. Conversaram sobre literatura, poesia, economia, política e sobre as músicas de que ambos gostavam, e Javier permaneceu na loja por quase duas horas, até que ela começou a se preocupar com a possibilidade de estarem dando falta dele, mas ele se limitou a balançar a mão com desdém.

— Não há nada lá fora mais importante do que isto.

Era exatamente como Lydia tinha sempre esperado que a vida em sua livraria fosse um dia. Em meio ao trabalho estafante de administrar um

negócio, ela poderia entreter clientes que fossem tão animados e interessantes quanto os livros ao redor.

— Se eu tivesse mais três clientes como você, estaria com a vida ganha — observou, tomando seu último gole de café.

Ele colocou uma das mãos no peito e fez uma ligeira mesura.

— Tentarei ser o suficiente. — E prosseguiu em tom informal e voz suave: — Se eu tivesse conhecido você em uma vida diferente, teria pedido sua mão em casamento.

Lydia levantou-se de repente do seu tamborete e balançou a cabeça.

— Desculpe — disse Javier. — Não tive a intenção de constrangê-la.

Ela recolheu as xícaras em silêncio. O seu desagrado não vinha da confissão recebida. Vinha de sua resposta tácita: em uma vida diferente, talvez tivesse dito sim.

— Preciso voltar ao trabalho — limitou-se a dizer. — Tenho que finalizar um pedido até o fim da tarde. E também preparar algumas encomendas para o correio.

Ele levou sete novos livros naquele dia, três dos quais recomendados por Lydia.

Na manhã da sexta-feira seguinte, uma tempestade de verão alagou a rua, e dois homens enormes e inquietantes se espremeram sob o toldo que protegia a porta da livraria. Momentos depois Javier apareceu e Lydia teve uma forte sensação de felicidade. Novos livros para discutir! Tentou agir com naturalidade, mas quando olhava para os homens na porta sentia um aperto no peito.

— Você está nervosa por causa deles — observou Javier.

— Só não sei o que querem.

Lydia saiu de sua posição habitual, emergindo de trás da caixa registradora. Ela, como todos os outros lojistas da rua, pagava as *mordidas* mensais impostas pelo cartel. Não tinha condições de pagar mais.

— Vou mandá-los embora — prometeu Javier.

Lydia protestou, agarrando seu braço, e falou ainda mais alto, mesmo quando a voz de Javier baixou para um tom reconfortante. Ele conseguiu desviar quando ela tentou bloquear sua passagem.

— Eles vão machucá-lo — sussurrou ela com a maior severidade possível sem provocar alarde.

Ele sorriu de um modo que fez seu bigode se movimentar.

— Não vão, não — garantiu.

Lydia escondeu-se atrás do balcão e baixou a cabeça quando Javier abriu a porta e saiu. Observou com espanto enquanto ele falava com os dois homens corpulentos sob o toldo. Ambos gesticularam na direção da chuva, mas Javier apontou o dedo, fazendo um movimento com a mão como se os enxotasse dali, e os homens correram para o aguaceiro.

Lydia relutava em entender. Mesmo com visitas cada vez mais frequentes e demoradas, mesmo quando as conversas passaram a abordar assuntos mais pessoais, quando ela percebeu de longe a presença dos homens em mais duas ocasiões, Lydia esquecia de propósito o poder que Javier demonstrara naquela manhã chuvosa. Quando, em algum momento, ele falou com veneração sobre a esposa, a quem chamou de *la reina de mi corazón*, Lydia sentiu sua guarda baixar. E baixou ainda mais quando ele revelou a existência de uma jovem amante, a quem chamou de *la reina de mis pantalones*.

— Que nojento — disse ela, mas surpreendeu-se rindo, também.

Não era incomum um homem ter um caso, mas falar tão abertamente a respeito disso com outra mulher era bem diferente. Por esse motivo, e conforme Javier revelava cada vez mais seu eu secreto, a confissão serviu tanto para livrar Lydia de qualquer vislumbre de vínculo afetivo quanto para selar a amizade entre eles. Tornaram-se confidentes e passaram a compartilhar brincadeiras, observações e decepções. Até comentavam às vezes as coisas irritantes que os parceiros faziam.

— Se você fosse casada comigo, eu jamais me comportaria assim — disse Javier quando ela reclamou que Sebastián largava as meias sujas no balcão da cozinha.

— Claro que não. — Ela riu. — Você seria o marido ideal.

— Eu lavaria todas as meias da casa.

— Com certeza.

— Queimaria todas as meias e compraria novas a cada semana.

— Sei.

— Até deixaria de usar meias, se isso a fizesse feliz.

Lydia riu, mesmo sem vontade. Ela tinha aprendido a revirar os olhos diante dessas declarações porque, naquele clima de amizade, o flerte dele era apenas uma nuvem passageira. Havia tempestades muito mais significativas entre eles. Descobriram, por exemplo, que os pais dos dois haviam morrido de

câncer ainda muito novos, um fato que por si só já os uniria. Ambos tiveram bons pais e os haviam perdido.

— É como fazer parte do grupo mais infeliz do mundo — disse Javier.

No caso de Lydia, quase quinze anos tinham se passado e, mesmo que sua tristeza agora fosse mais esparsa, a dor, quando surgia, ainda era tão aguda quanto no dia em que seu pai morreu.

— Eu sei — disse Javier, embora ela não tenha falado nada em voz alta.

Assim, ela suportava suas constantes lisonjas, e ele, por sua vez, aceitava, talvez até com prazer, a rejeição dela ao seu flerte. Lydia chegou a pensar que aqueles galanteios faziam parte do seu charme.

— Mas, Lydia — dizia ele em tom reverente, levando as duas mãos ao coração —, apesar dos meus outros amores, na verdade é você *la reina de mi alma*.

— E o que a coitada da sua esposa acha disso? — retrucou ela.

— Minha maravilhosa esposa só quer me ver feliz.

— Ela é uma santa!

Ele falava com frequência na filha única, uma menina de dezesseis anos que estudava em um colégio interno em Barcelona. Tudo nele se modificava quando falava dela: a voz, o rosto, o comportamento. Seu amor pela filha era tão sincero que ele tratava com extremo cuidado qualquer assunto que dissesse respeito a ela. Seu nome era como um belo enfeite de cristal que ele temia deixar cair.

— Sempre brinco sobre meus muitos amores, mas, na verdade, tenho apenas um. — Sorriu para Lydia. — Marta. *Es mi cielo, mi luna y todas mis estrellas*.

— Eu sou mãe — disse Lydia, assentindo. — Conheço esse amor.

Ele estava sentado na frente dela, no tamborete que Lydia já considerava dele.

— Esse amor é tão imenso que às vezes me dá medo. Não posso jamais esperar recebê-lo, por isso temo que ele desapareça, que me consuma. E, ao mesmo tempo, é a única coisa boa que já fiz na vida.

— Ah, Javier, isso não pode ser verdade.

O assunto o deixou melancólico. Ele balançou a cabeça e esfregou os olhos com força por baixo dos óculos.

— É que minha vida não seguiu o caminho que eu pretendia — continuou. — Você sabe como é.

Mas ela não sabia. Depois de semanas aprendendo um sobre o outro, foi ali que a linguagem compartilhada entre os dois titubeou. Com a exceção de ter um só filho, a vida de Lydia tinha se tornado exatamente a que ela sempre desejou. Ela desistira de esperar pela filha que não podia mais ter; aceitara essa ausência, porque tinha feito tudo que era possível. Estava satisfeita com suas escolhas. Mais do que satisfeita. Era feliz. Javier, no entanto, olhava para ela através das próprias lentes distorcidas, e Lydia via em seu rosto o desejo de ser compreendido. Ela crispou os lábios.

— Conte — pediu.

Ele tirou os óculos e dobrou as hastes. Colocou-os no bolso da frente e piscou, já com os olhos pequenos desprovidos do escudo habitual.

— Pensei que seria poeta! — Ele riu. — Ridículo, não é? Agora e nesta idade?

Ela pôs a mão em cima da dele.

— Pensei que seria acadêmico — continuou Javier. — Uma vida tranquila. Acho que eu lidaria muito bem com a pobreza.

Ela sorriu e tocou no elegante relógio que ele tinha no pulso.

— Tenho minhas dúvidas.

Ele deu de ombros.

— Acho que gosto de sapatos.

— E de um bom bife — lembrou Lydia.

— Sim, de um bom bife. Quem não gosta?

— Só os seus hábitos literários já levariam muita gente à falência.

— *Dios mío*, tem razão, Lydia. Eu seria um péssimo pobre.

— O pior de todos — concordou ela. — Nunca é tarde, Javier. Se estiver de fato infeliz. Você ainda é novo.

— Estou com cinquenta e um!

Mais novo do que ela pensava.

— Praticamente um bebê. Mas, no fim das contas, o que o faz ser tão infeliz?

Ele baixou os olhos para o balcão, e Lydia ficou surpresa ao ver uma angústia genuína atravessar seu rosto.

Ela diminuiu o tom de voz e se inclinou para a frente.

— Você pode escolher um caminho diferente. Você tem condições. É uma pessoa talentosa, capaz. O que o impede?

— Ah. — Ele balançou a cabeça e recolocou os óculos. Ela observou Javier forçar o rosto a voltar às feições habituais. — Tudo agora não passa de um sonho romântico. Acabou. Fiz minhas escolhas há muito tempo, e foi a isto que elas me conduziram.

Ela apertou a mão dele.

— Não é tão ruim assim, certo? — Era o que ela diria para Luca, para induzi-lo a adotar uma postura mais otimista.

Javier piscou devagar e inclinou a cabeça para um lado. Um gesto ambíguo.

— Não há nada a fazer.

Ela endireitou o corpo atrás do balcão e tomou um gole do seu café morno.

— Suas escolhas renderam Marta.

Os olhos dele brilharam.

— Sim, Marta. E você.

* * *

Na visita seguinte, Javier levou uma caixa de *conchas* mexicanas e se sentou no lugar de sempre. Como havia vários clientes na livraria, abriu a caixa com os pães doces e colocou dois em cima de guardanapos enquanto Lydia circulava pelos corredores ajudando os fregueses com seus pedidos. Quando eles se aproximavam do balcão para pagar, Javier os cumprimentava como se trabalhasse ali e lhes oferecia as *conchas*. Quando finalmente Lydia e Javier ficaram sozinhos, ele tirou um caderninho do bolso interno do casaco e o colocou em cima do balcão.

— O que é isso? — perguntou Lydia.

Javier engoliu em seco.

— Minhas poesias.

Os olhos de Lydia se arregalaram de satisfação.

— Nunca as mostrei para ninguém, exceto Marta — explicou ele. — Ela está estudando poesia na escola. Além de francês e matemática. Ela é muito mais talentosa do que seu velho *papá*.

— Ah, Javier...

— Escrevi poemas a vida toda — disse ele, tocando o canto do caderno com dedos nervosos. — Desde criança. Imaginei que gostaria de ouvir um deles.

Lydia puxou o tamborete para mais perto do balcão e se inclinou na direção de Javier, com o queixo apoiado nas mãos cruzadas. Entre eles, os pães doces deixavam marcas gordurosas nos guardanapos. Javier abriu o caderno, as páginas meio amassadas pelo uso. Folheou-o com cuidado até chegar à página que tinha em mente. Pigarreou antes de começar.

Ah, o poema era horroroso. Era ao mesmo tempo sério e frívolo, tão ruim que fez Lydia amar Javier muito, muito mais, só por toda aquela vulnerabilidade ao querer compartilhá-lo com ela. Ao terminar de ler, com o rosto tenso de preocupação, Javier ergueu os olhos para ver a reação dela. Mas os olhos de Lydia estavam brilhando, passavam uma aura reconfortante, e as palavras que ela disse transmitiram o que de fato sentia naquele momento.

— Que bonito. Muito bonito mesmo.

A amizade que se consolidava entre eles surpreendia por sua rapidez e intensidade. O flerte tinha quase acabado, e, em seu lugar, ela descobriu uma intimidade que raras vezes experimentara fora da família. Não havia um sentimento de romance por parte de Lydia, mas a ligação entre eles era revigorante. Javier a fazia lembrar, no meio de seus anos de maternidade, que a vida era emocionante, que sempre havia a possibilidade de algo, ou alguém, até então não descoberto.

No dia do seu aniversário, uma data que Lydia não se lembrava de ter revelado, Javier chegou com um pacote prateado do tamanho de um livro. Na fita havia o nome JACQUES GENIN.

— O maior chocolateiro de Paris — explicou.

Lydia tentou recusar, mas não foi convincente (ela adorava chocolate). E por acaso acabou comendo cada uma daquelas minúsculas obras-primas antes de Sebastián e Luca chegarem à loja de noite para levá-la ao seu jantar de aniversário.

* * *

Devido a uma explosão de violência entre cartéis rivais em Acapulco, Lydia e sua família — na verdade, a maioria das famílias da cidade — não frequentava mais os cafés das redondezas. O novo cartel desafiante se autodenominava Los Jardineros, um nome que não conseguiu, de início, provocar na população o medo esperado. Esse problema, no entanto, havia sido transitório. Pouco

depois da sua formação, todos os moradores da cidade sabiam que “Os Jardineiros” só usavam armas de fogo quando não tinham tempo para dar asas à criatividade. Suas ferramentas preferidas eram as que estivessem mais à mão: pá, machado, foice, gancho, facão. Instrumentos simples de corte e abertura de valas. Com eles, Los Jardineros fizeram mudanças na terra, desbancaram e enterraram seus rivais. Alguns dos poucos vencidos que conseguiram sobreviver juntaram-se às fileiras de seus conquistadores; a maioria fugiu da cidade. O resultado foi uma recente redução no derramamento de sangue quando o vencedor emergente lançou um manto de calma inquietante sobre os ombros da cidade. Quase quatro meses de relativa tranquilidade se seguiram, e os cidadãos de Acapulco voltaram com cautela para as ruas, para restaurantes e lojas. Estavam ansiosos para reparar os danos à sua economia. Estavam prontos para um drinque. Assim, no bairro mais seguro, onde o dinheiro dos turistas sempre havia fomentado alguma moderação, em um restaurante escolhido mais pela segurança do que pelo cardápio, e cercada pelos rostos animados da família, Lydia soprou a vela do bolo de seu trigésimo segundo aniversário.

* * *

Mais tarde naquela noite, depois que Luca foi para a cama e Sebastián abriu uma garrafa de vinho no sofá, a conversa, como não podia deixar de ser, enveredou para as condições de vida em Acapulco. Lydia estava apoiada no balcão da cozinha americana, com uma taça ao lado do braço.

— Foi ótimo conseguirmos sair para jantar esta noite.

— Tudo parecia quase normal, não é? — comentou Sebastián, com as pernas apoiadas na mesa de centro da sala.

— Havia muita gente na rua.

Era a primeira vez que eles levavam Luca para comer fora desde o verão anterior.

— O próximo passo será trazer os turistas de volta — acrescentou Sebastián.

Lydia respirou fundo. O turismo sempre tinha sido a força vital de Acapulco, e a violência assustara a maioria dos viajantes. Ela não sabia por quanto tempo conseguiria manter a livraria de pé se eles não voltassem. Era tentador esperar que a paz recente sinalizasse uma mudança radical.

— Acha que as coisas podem de fato melhorar agora?

Ela perguntou porque o conhecimento de Sebastián sobre os cartéis era imenso, o que tanto a impressionava quanto desconcertava. Ele sabia das coisas. Por sua vez, a maioria das pessoas era como Lydia: não queria saber. Elas tentavam se isolar do horror da violência do narcotráfico porque não conseguiam lidar com ele. Sebastián, no entanto, tinha um apetite voraz pelo assunto. Uma imprensa livre era a última linha de defesa, insistia ele, a única coisa que restava entre o povo do México e a completa destruição. Era a vocação dele, e ela admirava esse idealismo quando os dois eram mais jovens. Imaginava que, se tivesse filhos com Sebastián, eles sairiam do seu ventre dignos, com princípios morais irrepreensíveis. Nem precisaria ensinar seus bebês a distinguir o certo do errado. Mas agora os cartéis matavam um jornalista mexicano a cada poucas semanas, e Lydia temia pela integridade do marido. Podia parecer hipocrisia, egoísmo. Ela fazia mais questão de Sebastián vivo do que dos seus princípios inabaláveis. Gostaria que ele pedisse demissão, que fizesse algo mais simples, mais seguro. Tentava apoiá-lo, mas às vezes sentia raiva por ele ter escolhido enfrentar o perigo. Quando essa raiva explodia e os perturbava, eles a contornavam como se fosse um móvel grande demais para o ambiente que ocupava.

— Já estão melhores — respondeu Sebastián, pensativo, com sua taça de vinho.

— Que já estão mais calmas eu sei — retrucou Lydia. — Mas estão realmente *melhores*?

— Depende dos seus critérios, eu acho. — Ele olhou para a esposa. — Se você gosta de sair para jantar, então, sim, as coisas estão melhores.

Lydia franziu a testa. Ela de fato gostava de sair para jantar. Será que era tão superficial assim?

— O novo *jefe* é inteligente — explicou Sebastián. — Ele quer paz, porque sabe que estabilidade é a chave de tudo. Por isso precisamos esperar para ver, talvez sob o comando de Los Jardineros as coisas fiquem melhores do que antes.

— Melhores como? Você acha que ele consegue dar um jeito na economia? Recuperar o turismo?

— Não sei, talvez. — Sebastián deu de ombros. — Tomara que consiga mesmo acabar com a violência a longo prazo. Pelo menos por enquanto, ela

está limitada a outros narcotraficantes. Eles não estão correndo por aí e matando inocentes por diversão.

— E aquele menino na praia na semana passada?

— Efeito colateral.

Lydia fez uma careta e tomou um gole de vinho. Seu marido não era insensível, e ela detestava quando ele falava assim. Sebastián viu a reação da esposa e se levantou do sofá. Aproximou-se e segurou as mãos dela com firmeza do outro lado do balcão.

— Sei que é terrível — disse ele. — Mas aquele menino na praia foi um acidente. Ele foi atingido no meio do fogo cruzado, foi só isso que eu quis dizer. Ninguém atirou nele de propósito. — Ele puxou de leve a mão da esposa. — Vem sentar comigo?

Lydia contornou o balcão e se sentou ao lado dele no sofá.

— Sei que você não gosta de pensar nestes termos, mas, no fim das contas, esses caras são empresários, e este é mais inteligente que a maioria — disse Sebastián, colocando o braço ao redor dos ombros de Lydia. — Ele não é o típico narcotraficante. Em uma vida diferente, ele poderia ter sido Bill Gates ou alguém assim. Um empreendedor.

— Ótimo — retrucou ela, passando um braço pela cintura do marido e apoiando a cabeça em seu peito. — Talvez ele devesse se candidatar a prefeito.

— Acho que ele é um sujeito mais do tipo câmara de comércio. — Sebastián riu, mas Lydia não conseguiu acompanhar o bom humor. Eles se calaram por um momento e depois Sebastián disse: — La Lechuza.

— O quê?

— É o nome dele. *A coruja*.

Dessa vez ela conseguiu rir.

— Está falando sério? — Lydia se endireitou no sofá para conseguir olhar seu rosto, para tentar descobrir se ele estava de brincadeira. Às vezes, ele dava corda para os disparates da esposa apenas para testar sua ingenuidade. Dessa vez sua face demonstrava inocência. — A Coruja? Que nome horrível! — Riu de novo. — Coruja não dá medo.

— Como assim? — rebateu Sebastián. — Corujas são aterrorizantes.

Ela balançou a cabeça.

— Uuu, uuu — disse ela.

— Meu Deus, pare com isso.

Ele enfiou os dedos nos seus cabelos, e ela se sentiu feliz por estar ali, recostada no seu peito. Podia sentir o cheiro de vinho tinto na sua respiração.

— Eu te amo, Sebastián.

— Uuu, uuu — repetiu ele.

Os dois riram. E se beijaram. Deixaram o vinho na mesa.

* * *

Foi só muito mais tarde naquela noite, quando se sentou para ler na cama, bem depois de Sebastián ter adormecido com a cabeça apoiada no braço, seu ronco envolvendo o quarto em um véu suave de familiaridade, que Lydia sentiu a flecha de algo preocupante perfurar sua consciência. Algo que Sebastián dissera. *Em uma vida diferente, ele poderia ter sido Bill Gates*. Ela fechou o livro e o colocou em cima da mesa de cabeceira.

Em uma vida diferente. As palavras ecoaram de maneira incômoda na sua cabeça.

Ela empurrou as cobertas para o lado e passou as pernas pela borda da cama. Sebastián se mexeu, mas não acordou. Sua camiseta folgada mal cobria suas nádegas, e seus pés estavam frios contra as lajotas do corredor iluminado pela lua. Ela foi à cozinha, até a mesa onde os três jantavam juntos. A mochila do marido estava lá, entreaberta. Tirou de dentro o laptop e acendeu a luz de cima do fogão. Também havia cadernos na mochila, além de várias pastas abarrotadas de fotos e documentos.

Lydia esperava estar errada, mas sabia, de algum modo, o que encontraria antes mesmo de encontrar. Quase no fim de uma pilha de fotos na segunda pasta, ela viu, sentado à mesa em uma varanda com vários outros homens, um sujeito cujo rosto agora lhe era querido. O bigode largo, os óculos vistosos. Não havia dúvida de quem era La Lechuza. Apesar do vinho, do bolo e do jantar, ela ainda podia sentir na boca o gosto de seus chocolates.

CAPÍTULO CINCO

Em casa, na mesa de cabeceira do quartinho de Luca, tem uma luminária com formato de arca de Noé. A luz não é muito forte, mas é suficiente para que, quando tiver um pesadelo e atirar longe as cobertas para correr até Papi, ele consiga ver onde pisa. Por isso sente-se desorientado quando acorda no quarto escuro do Hotel Duquesa Imperial. Sem conseguir distinguir nenhuma forma no meio da escuridão, ele se senta na beira da cama desconhecida e fica com as pernas pendendo.

— Papi? — É sempre Papi que ele chama primeiro. É pelo lado de Papi que ele se aproxima da cama, é o ombro de Papi que ele cutuca, é Papi que o aninha, que não o manda voltar para o quarto. O travesseiro de Papi tem um leve cheiro do líquido âmbar que ele bebe antes de dormir. Mami é ótima para as coisas diurnas, mas Papi reage melhor, infinitamente melhor, a interrupções do seu sono. — Papi — chama pela segunda vez, e sua voz soa estranha sem as paredes estreitas para contê-la.

Luca segura a ponta do cobertor fofo.

— Mami? — tenta ele, então.

Há uma respiração profunda ao lado dele, que cessa e logo volta ao normal.

— Estou aqui, *mi amor*. Venha cá.

Mami. Luca enfia de novo as pernas embaixo das cobertas e se apoia no monte de travesseiros atrás dele, e é então que ela volta, de uma vez só: a lembrança do que aconteceu. A verdade de onde eles estão. A respiração sai fraca do pequeno corpo de Luca, e seus joelhos se aproximam do queixo. Ele cobre a cabeça com os braços e grita sem querer... O som escapa de dentro dele. Mami se ajoelha depressa na cama, estende o braço em direção à luminária e tateia para encontrar o interruptor. Agora o quarto está iluminado, mas Luca mal consegue perceber através das pálpebras cerradas. Mami puxa o filho para perto e coloca suas pernas embaixo dele para que ele se aninhe no seu colo, e os dois permanecem nessa posição por um bom tempo. Ela não

tenta impedi-lo de gritar ou chorar, apenas se mantém firme e envolve o corpo dele da melhor maneira possível. É como se enfrentassem um furacão. Quando o pior parece ter passado, talvez uns quinze minutos depois, os olhos de Luca são como lixa, e ele ainda não consegue encontrar um modo de relaxar o corpo, mas pelo menos volta a respirar direito. Ele inspira e expira, inspira e expira. Seu rosto está inchado.

Lydia sai da cama vestida com uma das camisetas compradas no Walmart, e Luca se contorce. Há uma dor física provocada pela mínima separação entre os dois. Ela pega uma garrafa de água na cômoda e volta como um raio para junto dele.

— Estou aqui — diz. — Não vou a lugar nenhum.

Luca está virado de lado, encolhido. Ela tira a tampa da garrafa e toma um gole, depois oferece a ele. Seu cabelo preto está bagunçado. Ele recusa, mas ela insiste.

— Sente-se. Beba um pouco.

Ele endireita o corpo com dificuldade. Ela então aproxima a garrafa dos lábios do filho e a inclina como fazia quando ele era bebê.

— Já me disseram que o único bom conselho contra a tristeza é manter-se hidratado. Porque o resto não passa de *chingaderas*.

Mami disse palavrão de novo! É a segunda vez desde ontem. Luca aperta os lábios para evitar a garrafa, mas ela insiste.

— Beba mais um pouco.

Ela está com o rosto manchado, porém seco, e há círculos escuros sob seus olhos. Luca jamais vira aquela expressão na mãe, e teme que ela passe a ser permanente. É como se sete pescadores tivessem jogado seus anzóis no rosto dela de diferentes direções e todos estivessem puxando ao mesmo tempo. Um pela sobrancelha, um pelo lábio, outro pelo nariz, outro pela bochecha... Mami está contorcida. Ela gira o relógio para ver a hora. Quando se inclina sobre a mesa de cabeceira, a aliança de Papi desliza pela corrente de ouro, dando a impressão de que os três elos que sempre estiveram ali eram minúsculos. Ela enfia a corrente para dentro da gola da camiseta.

— Quatro e quarenta e oito — diz. — Chega de dormir, não acha?

Luca não responde. Apenas bebe um pouco de água. Ela prende seus cabelos desalinhados em um rabo de cavalo, levanta-se de novo e liga a TV. Acha um desenho animado em inglês.

— Aqui. Para você treinar — diz, ainda que ele não precise de prática, porque seu inglês é excelente.

Ela pede o café da manhã no quarto: ovos, torradas e frutas. A ideia de comer alguma coisa deixa Luca com o estômago embrulhado, e ele procura não pensar nisso. Gruda os olhos na TV e tenta relaxar o corpo. Sua cabeça parece um bloco de concreto, seu nariz está entupido. O garoto abre a boca para respirar, mas, quando Mami entra no banheiro e liga o chuveiro, ele se levanta da cama e atravessa o quarto correndo para ficar perto dela. Ela está no vaso sanitário, e ele se senta na borda da banheira até ela terminar. Depois é a vez dele. Não porque precise, mas porque não quer ficar sozinho no quarto. Permanece sentado no vaso com a cueca nos tornozelos até ouvir a torneira fechar e a água parar de correr no chuveiro. Levanta-se e dá descarga no momento em que Mami abre a cortina.

— Você também precisa tomar um banho — diz ela, enquanto sai do box e se enrola em uma toalha. — Pode levar alguns dias até ter outra chance.

Luca olha para ela no espelho e balança a cabeça. Para ele é impossível tomar um banho. Ficar sozinho ali, preso entre as paredes de azulejo com o som de tiros varrendo o quintal de Abuela. Ele balança de novo a cabeça e fecha os olhos com força, mas não adianta. Tudo volta à sua mente. Seu corpo está agitado, e, a respiração, dificultada pelo pânico. O som que ele emite dessa vez é algo entre um gemido e um grito. Ele tenta provocar um barulho maior do que o tiroteio em sua cabeça.

— Está tudo bem, está tudo bem. — Mami tenta acalmá-lo e o abraça. E mesmo que Luca saiba que essas palavras não são estritamente verdadeiras, ele de todo modo se apegava a elas.

Em vez de um banho propriamente dito, ela o coloca na pia e lhe passa uma toalhinha ensaboada, como fazia quando ele era bebê. Pescoço, orelhas, axilas, barriga, costas, bumbum, genitais, pernas e pés. Retira a sujeira, as manchas de sangue, os vestígios de vômito. Deixa-o limpo e seco. Em seguida, acaricia sua pele com uma toalha branca macia e quentinha.

* * *

Embora estivessem esperando o serviço de quarto, a batida na porta os assusta. Estão tensos pela dor, e há uma debilidade no ar que amplifica todos os sons.

Mesmo contra vontade, Luca espera no banheiro com a porta trancada enquanto a mãe vai receber a comida. Ele cantarola baixinho para si mesmo assim que fica sozinho, mas não é exatamente uma música. Não há melodia no som. Lydia hesita entre as duas portas trancadas. Atrás da do banheiro, ouve o ruído dissonante. Atrás da outra, a voz de um homem que anuncia novamente a chegada do café da manhã. Descalça no carpete, ela treme ao afastar do caminho a cadeira da escrivaninha e coloca a mão na maçaneta. Quer ficar na ponta dos pés e olhar pelo olho mágico para se certificar, mas como? Como fazer isso quando tudo que ela consegue imaginar é que verá do outro lado o cano de uma arma e depois mais nada? Mas, se esse é o destino que a espera, ela diz a si mesma, então não, ela não abrirá a porta nem o convidará a entrar. Em silêncio, prende a respiração enquanto coloca as mãos em cada lado do olho mágico. O jovem do lado de fora empurra um carrinho carregado de bandejas prateadas. Está uniformizado. Tem o rosto coberto de acne. No seu crachá há o nome IKAL. Nada daquilo tem relação com a segurança deles. Ela volta à posição normal, vai até a cômoda e pega a faca na primeira gaveta.

— Só um segundo, já estou indo! — grita.

Vestida com o roupão grosso que encontrou no armário, Lydia enfia a faca no bolso largo. Mantém a mão no cabo e segura com firmeza a maçaneta. Diz “tudo certo” em voz alta para si mesma. E então abre a porta.

Fica logo evidente que Ikal não é um *sicario*. Na verdade, mal parece um entregador de serviço de quarto. Ele baixa a cabeça e pigarreia, parecendo constrangido por estar em um quarto de hotel com uma mulher de roupão de banho. Desvia os olhos quando passa por ela e, quase como se pedisse desculpa, deixa a bandeja na mesa. Logo volta para o carrinho que o espera na porta e pede que Lydia assine o pedido. Ela se sente confiante para deixar a faca no bolso por um momento enquanto assina. Agradece e devolve o recibo, mas, quando a porta está se fechando, ele diz “ah, quase esqueci”, e a mão de Lydia volta para o bolso. Ele, porém, apenas lhe entrega alguns talheres enrolados em dois guardanapos de pano.

— E isto — continua ele, pegando um envelope forrado de uma prateleira inferior. — O pessoal da recepção me pediu para trazer.

Lydia dá um passo para trás.

— O que é isso?

— Uma encomenda. Chegou para a senhora ontem à noite.

Lydia balança a cabeça. *Ninguém sabe que estamos aqui, ninguém sabe que estamos aqui.* Um refrão repetido pela força do pânico.

O envelope está entre os dois, nas mãos do entregador, mas Lydia não faz qualquer menção de pegá-lo. Olha para o papel pardo. Não consegue ver nada escrito nele, nem mesmo o próprio nome.

— Devo colocá-lo na mesa onde deixei o café da manhã? — Ele aponta para dentro, mas parece relutar em voltar para o quarto sem ser convidado.

— Não — responde Lydia. Ela sabe que sua reação é uma loucura, mas não se importa. — Não quero essa encomenda.

— Senhora?

Ela balança a cabeça de novo.

— Não quero — repete. — Livre-se dela.

Ikai tenta não demonstrar sua confusão e apenas responde com um firme aceno de cabeça. Recoloca o envelope no carrinho, e só quando o som abafado das rodinhas chega aos elevadores no fim do corredor é que Lydia muda de ideia. Abre a porta e corre atrás do entregador.

— Espere!

Quando ela volta para o quarto, Luca já saiu do banheiro e está na frente da bandeja do café da manhã, retirando a cobertura de cada prato. Lydia mantém o pequeno pacote afastado do corpo e o coloca com cuidado sobre uma toalha no fundo da banheira. Depois sai e fecha a porta, deixando o embrulho trancado lá dentro.

Então pega o café da bandeja, dá um longo gole e se veste depressa, enfiando seu jeans rasgado novo por baixo do roupão do hotel.

Luca come em pé, apenas de cueca. Está morrendo de fome, e essa fome parece uma traição. Como é possível que seu corpo queira comida? Enfia uma fatia de torrada na boca. Como a manteiga pode estar tão gostosa? Observa a mãe pelo canto do olho, sem desviar a atenção da TV. Ao ver como Mami contrai os lábios, Luca resolve que passará a tomar conta dela. Não agirá mais como um bebê. Decide isso sem hesitar, naquele instante, e sabe que é a mais pura verdade.

— Devíamos ir para *el norte* — sugere ele, porque suspeita que esse já seja o plano dela e quer confirmar que é uma boa ideia, talvez a única, para chegar a um lugar onde ninguém consiga alcançá-los.

— Sim. — Mami está ao lado da cama, de calça jeans e roupão. Parece ter perdido a noção do que estava fazendo no meio do processo de se vestir. Passa a

impressão de que está ao mesmo tempo com pressa e incapaz de se mexer. — Vamos para Denver.

Ela tem um tio nessa cidade. Lydia coloca uma camiseta branca lisa e dá um passo para fora do roupão embolado ao redor de seus pés. Ela se sente tão atormentada e desconfortável que até o roçar do algodão da camiseta na pele provoca arrepios em seus braços. Ela os esfrega e pede que Luca se apresse e se vista assim que acabar de comer.

De volta ao banheiro, olha para o envelope pardo no fundo da banheira e fica em dúvida se tomou a decisão correta ao trazê-lo para o quarto. Talvez não faça diferença. Alguém sabe que eles estão no hotel, por isso precisam ir embora logo, independentemente do conteúdo do envelope. Não foi curiosidade que a fez correr atrás do entregador. Ela não é curiosa. Não está interessada no que tem dentro. Ela sabe, entretanto, que desinteresse é um luxo que não pode mais se permitir ter. Se quiser sobreviver a essa provação com Luca, precisa prestar atenção a cada detalhe. Precisa estar atenta a toda informação disponível, por menor que seja. Com cuidado, levanta o envelope segurando um dos cantos e examina a aba no verso. Nada fora do comum. Será preciso abri-lo. Mas ali, no banheiro? Ou deve levá-lo para a varanda para o caso de provocar uma explosão?

— *Carajo* — exclama em voz alta.

— Está falando comigo, Mami? — pergunta Luca do outro lado da porta.

— Não, *hijo*. Vista-se!

Ela encosta o envelope no ouvido, mas não ouve nada. Nenhum tique-taque. Nenhum bipe. Leva-o ao nariz, mas não identifica qualquer odor específico. Com cuidado, desliza o dedo pela borda mal colada, fecha os olhos e a rasga delicadamente. Na sua cabeça, o martelar do seu próprio medo encobre o som do papel rasgado, mas agora o envelope está ali, aberto em suas mãos. Um envelope pardo comum. Nenhum pó tóxico cai para fora. Nenhuma nuvem venenosa.

Dentro, amarrado com uma fita azul-clara, há um exemplar em inglês de *O amor nos tempos do cólera*. Um livro sobre o qual ela já discutiu com Javier, um dos muitos favoritos que partilhavam. Há alguma coisa enfiada entre as páginas. Ela puxa a fita, que cede e cai no chão, perto de seus pés descalços. Seu corpo parece uma flecha lançada do arco a caminho do alvo. Ela está em suspenso, arqueada, sujeita às leis da gravidade. Abre a página em que há um envelope. É claro que ela sabe, soube desde o primeiro som do caos no quintal,

que Javier foi o responsável pelo massacre de sua família. Isso parece tão impossível quanto verdadeiro. Até aquele momento, no entanto, ela evitou reconhecer o fato em sua plenitude. Porque, quando aceitar essa verdade incontestável, precisará reconhecer também a própria culpa. Ela conhecia esse homem. Ela o *conhecia*. E mesmo assim tinha deixado de considerar o perigo que ele representava; tinha deixado de proteger sua família. Lydia ainda não consegue pensar em nada disso; ainda não está pronta. Precisa encontrar uma forma de protelar seu desespero. Luca é a única coisa que importa agora. Luca. Ele ainda corre perigo.

— Vista-se! — grita de novo, e sua voz sai em um tom pouco usual.

Ela volta a atenção para o livro que tem em mãos. Um trecho está destacado, o do momento em que a heroína viúva, Fermina Daza, insegura após a morte do marido, encontra o homem, Florentino Ariza, que ela rejeitou cinquenta anos antes:

“Fermina”, ele disse, “esperei esta ocasião durante mais de meio século para repetir-lhe uma vez mais o juramento da minha fidelidade eterna e do meu amor para sempre.”

Lydia empurra o livro para longe e ele cai na banheira. O envelope continua na sua mão. Ela pensa em jogá-lo também na banheira e deixá-lo lá, mas precisa saber seu conteúdo. Com o estômago embrulhado, tira o cartão de dentro do envelope grosso e vê lírios brancos na frente. *Mi más sentido pésame*. Dentro, reconhece de imediato a caligrafia.

Há sangue em suas mãos também. Sinto muito por sua dor e pela minha. Agora estamos unidos para sempre neste sofrimento. Jamais imaginei este capítulo para nós. Mas não se preocupe, mi reina del alma — seu sofrimento será breve.

Javier

Ela solta o cartão, que aterrissa dentro da privada e escurece ao entrar em contato com a água. Lydia não tem certeza do que esperava quando o abriu. Não há nada que ele pudesse ter escrito que fosse fazer alguma diferença. Nenhum traço silencioso de tinta no papel pode ressuscitar sua mãe, seu marido. Nenhum pedido de desculpa ou explicação pode reanimar o cérebro de Yénifer, devolver a alma ao seu corpo. Aquela menina com cheiro tão doce

agora se foi. Lydia reprime um soluço usando uma palavra em inglês da qual nunca gostou: “*Fuck!*” Funciona, por isso a repete de novo e de novo. Talvez ela tenha esperado que o cartão esclarecesse alguma coisa. Fora de órbita, ela o lê mais uma vez, a tinta começando a sangrar, e é assombrada pela familiaridade da caligrafia. O que ela tinha deixado passar? Como isso pode ser real? Ela tenta, mas não consegue forçar a situação a fazer sentido, e o esforço lhe dá vertigem.

Só uma coisa está clara: Javier sabe onde estão. Ela não tem tempo para entrar em pânico nem para refletir. Precisa tirar Luca dali agora. Eles precisam correr. Ela abre a porta do banheiro com violência e mais uma vez manda Luca se vestir. Diante da falta de resposta, ela olha para o filho e percebe que ele, já com sua calça jeans recém-comprada e o boné vermelho do pai, está sentado na cadeira ao lado da escrivaninha, calçando um pé de uma das meias novas.

— Ah, *ándale* — diz ela. — Muito bem.

Mas então ele decide comer mais alguma coisa da bandeja do café da manhã antes de colocar a outra meia, e Lydia entra em desespero. Com uma pancada, arranca a torrada da mão de Luca e ela desliza para o chão.

— Mami! — exclama Luca, chocado.

Ela se limita a balançar a cabeça.

— Não coma. Não coma mais nada. — Luca está calado. — Não sei se é seguro.

Ela pensa em arrastá-lo para o banheiro e enfiar o dedo na sua garganta, mas o tempo é escasso. Joga todos os seus pertences na valise da mãe e nas duas mochilas. Ela ainda nem vestiu o sutiã. Não há tempo. Seu cabelo está molhado e deixa um círculo úmido ao redor dos ombros da camiseta. Lydia calça os tênis acolchoados da mãe, coloca a mochila nas costas e pega a valise.

— Está pronto?

Luca assente e pega a segunda mochila, a que compraram no Walmart.

— Silêncio total — orienta ela. — Não quero nenhum pio.

Luca fecha a boca com um zíper imaginário. Lydia para diante da porta e encosta o ouvido na madeira antes de abri-la. Imprensa Luca contra a parede ao seu lado e só então abre uma fresta. Está tudo vazio, e o único som vem de uma TV no quarto do outro lado do corredor. Ela pega a mão de Luca e o puxa para fora, calçando a porta com uma toalha para evitar que ela faça um clique ao fechar. Eles correm em silêncio para a escada de serviço, e Lydia empurra Luca pela porta ao ouvir o sinal do elevador no outro extremo do

corredor. São sete andares, e Luca dispara na frente dela. Os pés de Lydia tocam o chão a cada três ou quatro degraus escada abaixo.

CAPÍTULO SEIS

Os dois chegam ao fim da escada, que dá em um pequeno estacionamento atrás da cozinha. Açoitados pelo fedor do lixo acumulado, Lydia diz a Luca que vai ficar tudo bem, mas que agora precisam tanto de calma quanto de rapidez. É necessário manter o foco. Há uma parede de arbustos para esconder dos turistas os trabalhos em curso, e eles a atravessam juntos, pegando uma trilha bem-cuidada que serpenteia entre as piscinas de água cintilante e desemboca na praia. O tempo todo Lydia tenta ouvir atrás deles qualquer som que indique uma perseguição, mas por ora não percebe nada além do murmúrio do oceano saudando a costa. O quiosque que disponibiliza toalhas aos hóspedes ainda não abriu, mas um homem no deque da piscina está empurrando um carrinho com toalhas limpas dobradas e oferece uma para Lydia, que sorri e a coloca no pescoço.

— Obrigada — diz ela, pegando uma para Luca também.

Na areia, tiram os sapatos e tentam parecer simples passeantes. Em questão de minutos, chegam em segurança aos fundos do hotel vizinho. Calçam de novo os sapatos e atravessam o saguão com passos rápidos, descartando as toalhas em uma espreguiçadeira. Passam por vasos de palmeiras e garçons com bandejas de suco de laranja e café fresco. Lydia pega dois muffins de uma bandeja esquecida em um carrinho. Quando alcançam a porta da frente do hotel, embarcam em um ônibus parado. Logo estão passando pela portaria do Hotel Duquesa Imperial, e Lydia consegue ver três utilitários esportivos pretos à espreita no estacionamento. Segura a aliança de Sebastián pendurada na corrente de ouro e busca com os dedos os três elos entrelaçados.

Ela não sabe como Javier os encontrou. Ou por quê. O plano dele era apenas apavorá-la? Aumentar seu sofrimento com ainda mais terror? Ou adverti-la, macular a pureza de sua angústia com uma estranha e revoltante compaixão? Os motivos dele são tão confusos que Lydia não consegue sequer começar a entendê-los. Aquele trecho que ele escolheu e destacou, o do marido

morto, a declaração banal de amor. Javier não se lembra do que acontece depois? Que Fermina Daza rejeita a declaração, que amaldiçoa seu nome e o manda embora, que deseja sua morte e ordena que ele nunca mais volte? Lydia não entende nada.

Por um instante — apenas um instante — ela pensa em pedir ao motorista que pare. Imagina-se andando até aqueles carros e batendo na janela. Pensa em ir até Javier, onde quer que ele esteja, em encontrá-lo pela primeira vez fora das quatro paredes da livraria. Ela poderia abraçá-lo, suplicar sua misericórdia, exigir uma explicação. Poderia implorar que ele acabasse logo com aquilo. Poderia esmurrá-lo e chutá-lo, sacar a faca e arrebentar seu rosto, cortar seu pescoço. Então olha para Luca, e aqueles devaneios evaporam. Ela está em um ônibus abafado que presta serviço de traslado para um hotel e há algo pegajoso no assento. O espectro da bala derretida de alguma criança. Ela está ali com Luca e vai até o fim para protegê-lo. Essa é a única coisa que importa. À frente deles, um utilitário esportivo preto passa devagar pelo cruzamento.

— Pode nos levar até o ponto de ônibus? — pergunta ao motorista.

— Não posso desviar da minha rota, senhora.

— Mas não tem nenhum passageiro aqui, e são só alguns quarteirões a mais. Quem vai saber?

— O GPS. — O motorista aponta para uma tela presa ao painel. — Há outro ônibus do hotel que leva ao terminal. Este vai para o distrito de compras. Se quiser, pode voltar para o hotel e pegar o outro ônibus.

— Por favor — implora Lydia. — Eu pago.

Diante da proposta, o motorista freia e abre a porta. Lydia lança um olhar cheio de ódio para ele, mas reúne suas coisas e empurra Luca para fora do ônibus. É cedo demais para fazer compras, as ruas do distrito ainda estão desertas. O motorista fecha a porta e o ônibus segue seu caminho. A avenida é ampla e aberta. São apenas oitocentos metros dali até o terminal rodoviário, mas parece uma distância impossível de ser percorrida com tamanha exposição. Seria como atravessar um campo de batalha sem armadura ou armas. Ela consegue esconder seu medo, mas Luca o percebe mesmo assim, enquanto segura a mão fria e suada da mãe.

Chegar ao ponto de ônibus parece uma versão ensandecida do jogo da galinha atravessando a rua, no qual, em vez de evitar táxis, caminhões e trens, Luca e Mami precisam se esconder e desviar de narcotraficantes escondidos em

utilitários esportivos. A ameaça sempre presente de tiroteios toma de assalto a mente de Luca.

— Não se preocupe — diz para Mami. — Se alguém estivesse procurando a gente, iria para o terminal central da cidade, não é? Ninguém ia imaginar que estamos em Diamante.

Luca não sabe do envelope, mas sua lógica é suficiente para fazer Lydia sorrir por um momento.

— Foi o que pensei também. Garoto esperto. — Ela puxa a aba boné de Papi e quase cobre o rosto de Luca. Ele está caminhando muito rápido. — Temos que andar como pessoas normais — adverte ela. — Diminua o ritmo.

— Pessoas normais às vezes estão com pressa para pegar o ônibus — argumenta o menino, seus membros parecendo se contrair.

— Dá muito bem para pegar o ônibus seguinte — retruca ela.

São seis e sete quando Mami compra seus bilhetes só de ida para a Cidade do México, o que lhes dá ainda treze minutos até a partida. O terminal é uma estrutura moderna, quase toda de vidro, e, embora o sol ainda não tenha aparecido, o céu começou a clarear e Luca consegue distinguir os contornos dos carros no estacionamento. Há apenas um utilitário esportivo, e ele parece estar vazio, com as luzes apagadas. Mas alguém poderia estar à espreita lá dentro, reclinado no assento, dormindo em pleno trabalho. Luca analisa o carro enquanto Mami recebe o troco da atendente no balcão. É domingo, e por isso os ônibus para a capital mexicana estarão lotados de famílias que voltam para casa depois de seus dias de descanso. Luca e Mami podem parecer uma dessas famílias. Já há um bocado de crianças cheias de energia no terminal, conversando e pulando em volta de pais com olhos cansados e uma xícara de café na mão.

Mami leva Luca para a cabine de deficientes no banheiro feminino e o faz ficar em pé no vaso sanitário. É o tipo de coisa que ela em geral não toleraria. Luca acha que ninguém no terminal reparou neles, e tem certeza disso porque esteve analisando o rosto das pessoas, mas, se houver alguém à sua procura, se os rastrearam primeiro até o terminal de ônibus, depois até o banheiro feminino e, por fim, até a cabine de deficientes, bem, então ficar em um vaso sanitário com as costas contra a parede não parece um modo muito eficaz de sobreviver. Luca apoia as mãos nos joelhos e tenta não tremer. Ele observa Mami tirar a mochila dos ombros e apoiá-la no canto antes de pendurar a valise no gancho atrás da porta. Ela precisa enfiar a mão quase até o fundo para

encontrar um par de meias. Elas ainda estão presas por um fio plástico, que Mami arrebenta antes de calçá-las. Luca não sabe como ela faz isso. Ele sempre tem que cortar o fio com tesoura. Mami não parece tão forte, mas ele sabe que ela é realmente poderosa, porque sempre arrebenta esse fio como se não fizesse esforço algum. Ela também tira da valise um sutiã e o veste por baixo da blusa. Depois, puxa o zíper dos tênis dourados de Abuela e vira de costas para Luca, de modo que seus pés estejam apontados na direção certa caso alguém espie por baixo da cabine. Os dois estão sozinhos no banheiro, mas de todo modo conversam em voz baixa para conseguir ouvir a porta, caso alguém entre.

— Quer dizer que a gente está indo para o Colorado?

Lydia confirma e Luca a abraça pelo pescoço.

Ele apoia o queixo no ombro da mãe.

— Bom plano.

— Ninguém jamais pensaria no Colorado.

Lydia olha para a valise pendurada na frente deles e tenta lembrar se alguma vez conversou sobre Denver com Javier. Por que faria isso? Ela nunca esteve lá e não vê o tio desde a infância.

— É longe — acrescenta Luca.

— É verdade — concorda Mami. — Muito longe daqui.

De fato, Luca sabe com algum grau de precisão qual a distância entre Denver e Acapulco (mais de três mil quilômetros de carro). Sabe porque tem um senso perfeito de direção, da mesma forma como alguns prodígios são incrivelmente afinados. Ele nasceu com esse dom, como um GPS humano indicando seu caminho pelo universo. Quando vê alguma coisa em um mapa, ela permanece em sua memória para sempre.

— Vou sentir falta da olimpíada de geografia — confessa.

Ele se preparou durante meses. Em setembro, sua escola pagou seiscentos pesos para ele fazer o exame de qualificação internacional porque seu professor estava confiante de que Luca levaria para casa o prêmio de dez mil dólares pelo primeiro lugar.

— Sinto muito, *hijo* — lamenta Lydia, beijando seu braço.

Luca dá de ombros.

— Não tem problema.

Até ontem, aquele concurso sobre conhecimentos de geografia era de extrema importância para todos; agora, parece a coisa mais trivial do mundo, assim como todas as tarefas da lista que Lydia mantinha ao lado da caixa

registradora da livraria: preencher a papelada da igreja para a primeira comunhão de Luca; pagar a conta de água; levar Abuela ao cardiologista; comprar um presente para a *quinceañera* de Yénifer. Que perda de tempo era tudo aquilo.

Lydia está chateada porque sua sobrinha não pôde ganhar a caixa de música que ela comprou para o seu dia especial. Foi tão cara! Ela de imediato se dá conta de como esse pensamento é grotesco, mas não consegue evitá-lo. Não se repreende por pensar nisso, e concede a si mesma o pequeno gesto de generosidade de perdoar sua lógica imperfeita.

— Com quase setecentos mil habitantes, Denver recebe o apelido de Mile High City porque sua altitude é de uma milha acima do nível do mar. Está localizada a leste do sopé das Montanhas Rochosas — sussurra Luca, tudo recitado de memória. — É a capital do estado do Colorado, e um quarto de sua população reivindica herança mexicana.

Lydia aperta o braço do filho e passa a mão no cabelo preto do menino. No último verão, quando o ávido interesse de Luca por mapas deixava de ser um mero deslumbramento para se transformar em obsessão, Lydia o manteve ocupado com guias e atlas na livraria. Parece impossível que, naquela época, há tão pouco tempo, Acapulco fervilhasse de turistas e encantasse pela música, pelas lojas e pelo mar. Pombos exibiam-se pela areia. Enormes navios de cruzeiro estrangeiros despejavam nas ruas seus passageiros com os bolsos recheados de dólares e a pele reluzente por causa do filtro solar com cheiro de coco. Os dólares enchiam os bares e restaurantes. Na livraria de Lydia, enchiam a caixa registradora. Esses turistas compravam guias e atlas, além de romances sérios e romances bobos, chaveiros e pequenos tubos de ensaio cheios de areia e fechados com rolhas minúsculas, que Lydia mantinha em um grande aquário perto do balcão. E, *ay, Dios mío*, os turistas não se cansavam de ouvir Luca. Lydia o colocava em um tamborete, como se fosse um boneco, e ele falava, em um inglês fluente, sobre os lugares de onde eles vinham. Ele tinha seis anos. Um prodígio.

— Com uma população de seiscentas e quarenta mil pessoas e localizada na confluência dos rios Columbia e Willamette, Portland é a maior cidade do estado de Oregon. Foi incorporada em 1851, sessenta e cinco anos depois de sua homônima no litoral do Maine.

Henry, de Portland, Oregon, ficou boquiaberto ao ouvir o menino.

— Marge, venha cá, você precisa ver isto! Fale de novo. — Marge se aproximou do marido e Luca repetiu o que já havia dito. — Incrível. Menino, você é mesmo um talento. Marge, dê um dinheiro para ele.

— Você inventou tudo isso? — perguntou Marge, cética, ao mesmo tempo que revirava a bolsa atrás de trocados.

— Que nada, ele conhecia os rios — respondeu Henry, saindo em defesa de Luca. — Como poderia inventar tanta coisa?

— É verdade — confirmou o menino. — É que me lembro das coisas. Principalmente de mapas e lugares.

— Bem, Henry tem razão, é incrível. — Marge deu-lhe um dólar. — E num inglês perfeito! Onde aprendeu a falar inglês tão bem?

— Em Acapulco — respondeu Luca com naturalidade. — E no YouTube.

Lydia, que observava em silêncio, sentiu-se obscenamente orgulhosa. Presunçosa, até. Seu filho era perfeito... Tão esperto e capaz, tão *guapo* e feliz. Ela ensinava inglês para ele desde que começara a falar. Era uma habilidade que ela sabia que o ajudaria muito, já que morava em uma cidade turística. Mas ele logo a superou no conhecimento da língua, e então os dois passaram a aprender juntos, sobretudo no celular ou no computador dela. Aulas no YouTube, aplicativos de ensino de língua, novelas. Com frequência falavam em inglês quando Sebastián não estava por perto, ou quando fingiam contar algum segredo na frente dele. Às vezes tratavam um ao outro com gírias em inglês. Lydia chamava Luca de *dude* e ele a chamava de *shorty*.

Marge e Henry riram do charme pragmático de Luca e depois reuniram seus amigos do cruzeiro e voltaram para vê-lo se apresentar. Ofereceram-lhe um dólar por cada cidade sobre a qual soubesse discorrer. Ele ganhou trinta e sete dólares naquele dia e poderia ter continuado se os turistas não precisassem voltar para o navio.

Sim, é verdade, a olimpíada de geografia aconteceu há quase dois anos. Mas agora Lydia não consegue pensar em detalhes, na logística inviabilizada de sua vida. Seu cérebro não os suporta. Até os fatos maiores e mais fundamentais parecem impossíveis de ser compreendidos. Do lado de fora da cabine, a porta do banheiro se abre. Não há qualquer rangido, mas eles sabem que alguém entrou porque, de repente, o som exterior fica por um instante mais alto e volta a diminuir quando a porta se fecha. Os dois prendem a respiração. Luca ainda está pendurado nas costas de Mami, e ela segura seus braços, que o menino mantém ao redor do pescoço da mãe. Ele aperta o pulso de Mami com tanta

força que as pontas dos seus dedos ficam amarelas. Ela não se mexe. Ele fecha os olhos com força também. Mas logo vem o ruído da tranca da porta da cabine vizinha. Uma mulher mais velha dá um pigarro alto. Luca sente Mami soltar a respiração como um balão sendo esvaziado. Ele encosta os lábios no pescoço dela.

Depois de terminar, a senhora da cabine ao lado lava as mãos e fica se elogiando em voz alta na frente do espelho. É hora de eles se aventurarem a sair. Ele sabe que não dá para ficar no banheiro eternamente, mas seu coração bate num ritmo desenfreado quando Mami abre a porta. É hora de pegar o ônibus. Quando atravessam o saguão, Luca registra o rosto das pessoas que continuam no terminal: a senhora impecável atrás do balcão, com os lábios contornados em um tom mais escuro que os lábios em si; o homem com chapéu de papel vendendo café; os pais com o bebê agitado que preferem esperar até o último minuto para embarcar. Na TV afixada na parede, Luca vê um apresentador empertigado e, em seguida — com certeza absoluta —, a pequena casa de Abuela. A fita amarela da cena do crime balança para todos os lados. A câmera enquadra o portão aberto do pátio e, depois, o quintal dos fundos, os corpos da família de Luca cobertos por lonas plastificadas, o rosto sombrio de *los policías* enquanto eles caminham, se curvam, se levantam, respiram, enquanto fazem as coisas que pessoas vivas fazem quando andam entre cadáveres. Luca aperta a mão da mãe, não para chamar sua atenção, mas para abafar um grito. Ela não olha para a TV. Apenas o coloca no chão ladrilhado reluzente, mas ele tem a sensação de estar sobre uma faixa de areia que o suga na maré alta. Luca espera pelo estampido de uma bala atingindo a parede da frente do terminal. Espera pela chuva de cacos de vidro. Mas agora seus pés estão na calçada do lado de fora, e a calçada tem a cor púrpura obscura do nascer do dia. Seus tênis ganham um tom azulado. Só duas pessoas esperam na frente deles para embarcar no ônibus. Só uma. Mami põe o filho na sua frente e então, grudada na mochila, empurra-o pelo corredor, forçando a passagem com seus joelhos e cotovelos. E quando Luca desaba na poltrona, contra o tecido macio das almofadas, e Mami se acomoda ao seu lado, ele se sente agradecido e aliviado como nunca antes na vida.

— Conseguimos — diz ele em voz baixa.

Mami fica imóvel, com os lábios entreabertos. Não parece aliviada.

— É, *hijo*.

Ela coloca a cabeça de Luca no seu colo e acaricia seu cabelo. Conforme o ônibus segue na direção norte pelo Viaducto Diamante e ganha velocidade, ele adormece.

CAPÍTULO SETE

É uma vitória sair de Acapulco com vida, Lydia sabe. Sim, eles ultrapassaram a primeira barreira importante. Ela gostaria de ter a mesma sensação de otimismo e alívio do filho, mas conhece muito bem a influência e a determinação de Los Jardineros e seu *jefe* para sentir qualquer mudança efetiva no seu medo. Olha pela janela e mantém a cabeça baixa.

No início do casamento, Lydia e Sebastián viajavam bastante para a Cidade do México nos fins de semana, no contrafluxo dos turistas. Os dois tinham feito faculdade lá. Foi onde se conheceram e, embora nenhum deles tivesse a menor vontade de morar na capital, gostavam de estar perto para visitá-la. Naquela época, o estado de Guerrero, onde ficava Acapulco, parecia seguro, protegido. Seu país tinha sua cota de narcotraficantes, mas na prática eram tão distantes quanto Hollywood ou Al-Qaeda. A violência irromperia em focos distantes e concentrados: primeiro em Ciudad Juárez, depois em Sinaloa, depois em Michoacán. Acapulco, cercada por montanhas e mar, mantinha sua bolha de turismo ensolarada e segura. A brisa salgada do mar, o canto triste das gaivotas, os óculos de sol enormes, o vento soprando forte no bulevar e jogando cabelo no rosto bronzeado das mulheres, tudo isso intensificava a crescente ilusão de imunidade.

Em geral, Lydia e Sebastián levavam pouco mais de quatro horas para ir de Acapulco à Cidade do México em seu Fusca laranja, porque ele acelerava loucamente nas curvas suaves das montanhas, para cima e para baixo nas encostas panorâmicas. Embora ele não fosse lá essas coisas ao volante, a estrada era larga e bem-cuidada. Lydia ficava olhando a paisagem, o sol se pondo entre os morros distantes, as camadas de nuvens encobrindo o relevo irregular, os telhados e campanários das cidadezinhas que passavam depressa, e se sentia segura com seu novo marido em seu carrinho laranja. Em Chilpancingo, sempre paravam para tomar um café ou comer um sanduíche. Às vezes encontravam com amigos — o antigo colega de quarto de Sebastián morava lá

com a esposa e o bebê, que veio a ser seu afilhado. E depois, algumas horas mais tarde, já na Cidade do México, encontravam um hotel barato e passeavam durante horas. Museus, espetáculos, restaurantes, boates, vitrines, o Bosque de Chapultepec. Ou, às vezes, nem saíam do quarto, e Sebastián, suado, rindo, enredado nos lençóis, sussurrava com a boca colada no cabelo da esposa que eles deveriam ter ficado em Acapulco e economizado.

Lydia recosta a cabeça no banco do ônibus. É inconcebível que essas lembranças sejam de dez anos atrás, inconcebível que Sebastián não esteja mais ali. Ela sente um enorme aperto no coração, então leva a mão até a curva da orelha de Luca. Tudo aconteceu tão depressa nos últimos anos. Acapulco sempre foi uma cidade de extravagâncias; portanto, quando caiu em desgraça, o fez com toda a pompa e a circunstância que o mundo esperava. Os cartéis pintaram as paredes de vermelho.

Quando o ônibus passa pelos ombros retorcidos das árvores e por uma grande cicatriz na face de uma rocha onde a estrada atravessa o campo, Lydia percebe que chegaram a Ocotito. Ela reza para que a estrada até a Cidade do México esteja livre, mas sabe que é impossível. Mesmo antes da derrocada de Acapulco, bloqueios em Guerrero, como em grande parte do país, já haviam se tornado uma ameaça. São comandados por gangues, ou narcotraficantes, ou policiais (que podem também ser narcotraficantes), ou soldados (que podem também ser narcotraficantes), ou, nos últimos anos, por *autodefensas* — milícias armadas formadas por habitantes de certas cidades para proteger suas comunidades dos cartéis. E essas *autodefensas*, claro, podem também ser narcotraficantes.

Em essência, os bloqueios variam de inconvenientes a ameaças de morte. E foi por causa destas, mais graves, que Lydia e Sebastián pararam de ir com tanta frequência para a capital após o nascimento de Luca. Ele só tinha visitado a Cidade do México uma vez até então, e era pequeno demais para lembrar. Também por causa disso, Lydia não renovava a carteira de motorista fazia quase dois anos. Agora raramente saíam de Acapulco, e ela, como a maioria das mulheres nos estados mais humildes do México, não viaja sozinha de carro. Essa constatação lhe provocou uma irritação crescente, ainda que jamais tenha sido verbalizada, ao longo dos últimos dois anos; era uma afronta à autonomia feminina contemporânea. Hoje, no entanto, não passava de um nó muito palpável ao redor do pescoço. Por ora, podem ter conseguido escapar de

Acapulco, mas ela sabe que ainda estão encurralados no estado de Guerrero, sentia os bloqueios em toda a periferia de sua mente, o cerco se fechando.

Sem acordar Luca, Lydia abre o mapa e prende-o com uma das mãos no encosto do assento à sua frente. Estuda as estradas espalhando-se feito veias e percebe a insignificância desse ato. Quem dera seus corpos conseguissem passar tão livres e desimpedidos por essas rodovias quanto seu dedo traça a rota. Se os bloqueios fossem retratados na legenda, seu ícone poderia ser um pequeno AK-47. Mas ficaram de fora, porque estão sempre em movimento, para manter o elemento surpresa. Lydia sabe que todas as estradas dali até a Cidade do México terão pelo menos um bloqueio a serviço de Los Jardineros. Sabe que os rapazes que controlam essas barreiras estarão especificamente à procura dela e de Luca. Imagina que alguns deles sejam ambiciosos e violentos, loucos para reconhecê-la. Pergunta a si mesma qual seria a recompensa por entregá-la, inteira ou em pedaços, ao seu amigo.

Lydia tenta dobrar o mapa respeitando os vincos originais, mas sua paciência é pouca, então acaba enfiando o papel de qualquer jeito no compartimento do banco à frente. Tenta pensar com clareza, repassar as opções. A maioria das pessoas a que ela, em condições normais, pediria ajuda está morta, e, mesmo que não estivesse, pedir ajuda é o mesmo que entrar na cozinha de um amigo segurando uma bomba. Representaria um risco egoísta demais para ser considerado. Embora esteja ciente de que Chilpancingo está repleta de Jardineros, também sabe que, se quiserem evitar um bloqueio, terão que descer ali. Embarcar neste ônibus parecia uma tremenda vitória poucos minutos antes, mas talvez tenha sido um erro. Talvez eles estejam acelerando em direção a uma armadilha. Ela observa Luca dormindo, o peito subindo e descendo, e tenta entrar no ritmo da respiração do filho.

Quando criança, Lydia adorava os livros da coleção *Escolha sua aventura*. No fim de cada capítulo, tinha que decidir o que fazer. Para andar de bicicleta no parque, vá para a página 23. Para seguir o desconhecido misterioso, pule para a página 42. Sempre que Lydia não gostava do resultado da trama escolhida, ou, às vezes, até quando gostava, retrocedia e seguia um novo caminho. Gostava de poder voltar atrás nas próprias decisões, gostava de saber que nada era permanente, que sempre poderia começar do zero e tentar de novo. Mas a verdade era que às vezes isso não fazia diferença, o labirinto do livro parecia levá-la de volta ao mesmo resultado, independentemente de sua decisão. Naquela manhã, ela e Luca escolheram o ônibus que saía de Diamante às seis e

vinte e que agora segue pontualmente para o norte. Ela fecha os olhos e reza para que tenha feito a escolha certa.

Luca acorda quando o ônibus se aproxima de Chilpancingo. Lydia não consegue ver muita coisa de onde estão, no meio do ônibus, mas inclina-se para o corredor e procura algum sinal do bloqueio. Luca apoia a testa na janela e aponta, pressionando o indicador no vidro pegajoso.

— Mami, veja! — Ele boceja. — O que é aquilo?

No topo da montanha acima deles, fileiras de casas coloridas serpenteiam pela encosta, todas agrupadas por cor: vermelhas, azuis, verdes, roxas.

— Ah, são só casas, *amorcito*.

— Só casas?

O amanhecer era radiante. Eles estavam na estrada havia quase duas horas.

— Por que são tão coloridas?

— Acho que é a decoração.

— Parece Lego.

Lydia prende a respiração toda vez que o ônibus sacode, faz uma curva ou muda de velocidade, mas até agora ele não parou nenhuma vez. Nem sinal de homens armados na estrada. E os dois lados da rua estreita se enchem de prédios; eles chegaram. Estão em Chilpancingo. Ela se benze e traça uma pequena cruz na testa de Luca. Estão diante de uma construção familiar, uma miniatura da estação onde embarcaram em Acapulco. O motorista freia e o ônibus para soltando um soluço. Ele fica em pé e anuncia por trás do seu bigode:

— Parada de cinco minutos.

Alguns passageiros levantam-se para esticar as pernas. Alguém lá da frente sai para fumar. Lydia e Luca são os únicos que começam a reunir suas coisas para desembarcar. Todos a bordo têm como destino a capital.

— Vamos descer, Mami?

— Sim, *mi amor*.

Então ela para ao lado do assento, no corredor estreito, com a mochila nos ombros, e olha para o filho sonolento, com o cabelo escuro todo despenteado, e torce para que consigam fugir. Deseja que pudessem continuar ali, encolhidos, camuflados entre os passageiros, prendendo a respiração até chegar à Cidade do México. Talvez conseguissem. Talvez a barreira entre os dois lugares fosse inofensiva. Uma parada rápida, um punhado de notas, um aceno desanimado. *Tap! Tap!* Duas pancadinhas na lateral do ônibus, que seguiria seu

caminho feliz. Lydia imagina tudo isso com um arrepio de esperança. Nesse momento o motorista sai do terminal e volta para o ônibus. Novos passageiros começam a embarcar, e o motorista recolhe as passagens de cada um deles.

— Mami?

— Venha.

Quando a sombra do ônibus se afasta da calçada, Lydia e Luca estão na claridade cintilante de Chilpancingo. Ela se sente ao mesmo tempo aliviada e desanimada por sair do ônibus. Mas para um momento a fim de lembrar a si mesma que conseguiram chegar até ali: dezenove horas e mais de cem quilômetros de distância do epicentro da calamidade. A cada minuto, a cada quilômetro, Lydia sabe que suas chances de sobrevivência aumentam. Ela precisa tirar coragem de onde foi possível. Não pode se desesperar com a enormidade da tarefa que ainda tem pela frente. Precisa concentrar-se apenas no próximo passo: encontrar o colega de quarto de Sebastián na faculdade.

Na calçada, ajusta as alças da mochila de Luca, que estava batendo lá embaixo, quase nas pernas do menino, dando a ele um aspecto de tartaruga com um casco inadequado — mas que conseguia manter suas partes mais vulneráveis escondidas. Ela se pergunta quais seriam os efeitos a longo prazo dessa retração.

— E agora, Mami? — pergunta Luca, no tom de voz uniforme que parece ser agora sua única inflexão.

— Vamos procurar um cibercafé.

— Mas você tem o tablet de Papi, não é?

Ele está desligado na mochila e ela não vai ligá-lo. Ela também jogou o chip do próprio celular em uma lata de lixo na frente do banco em Playa Caletilla. Sentia-se estupidamente louca, paranoica, enquanto o arrancava com a unha, mas não queria ser um ponto piscando em alguma tela remota e hostil. Ajusta a aba do boné dos Yankees de Sebastián para cobrir um pouco mais a testa do filho. Deveria comprar um para ela também, pensa.

— Vamos — diz.

O El Cascabelito Internet Café acaba de abrir quando Lydia compra um café e quinze minutos de conexão para examinar com mais detalhes os mapas on-line. Compra também um saco de *platanitos* para Luca, mas a embalagem de papel-alumínio verde permanece fechada em cima da mesa. Lydia escolhe um computador no canto dos fundos, com duas cadeiras e uma divisória, de modo que tenham privacidade e não sejam vistos da entrada. Luca coloca os

pés no assento e apoia o queixo nos joelhos, mas seus olhos permanecem fixos nos *platanitos* enquanto Lydia estuda a tela. De Chilpancingo, há somente duas rotas viáveis para a Cidade do México, e é quase certo que ambas tenham bloqueios. Lydia mordisca o interior da boca e suas pernas se agitam embaixo da mesa. Não há como ir a pé dali até a capital. Lydia nunca foi claustrofóbica, mas naquele momento sente-se encurralada. Percebe isso em seus membros, que ela tem uma vontade desesperada de esticar. Parece não haver saída. *O desânimo não ajudará.*

Ela abre o Facebook e encontra o amigo de Sebastián. Ele é advogado, e seu perfil tem o nome do escritório, que não estará aberto em um domingo. Ela verifica a aba de informações da página e rola a tela até seus *likes*: um jornal local, duas organizações sem fins lucrativos, sua *alma mater*, uma página de tênis Adidas, muito futebol. Mas então encontra. Bingo: uma igreja pentecostal ali mesmo em Chilpancingo. Um culto às nove. Verifica a localização e descobre que fica a pouco mais de três quilômetros. Há um ônibus na rua principal, e, vinte minutos depois, Luca e Lydia estão nele.

* * *

Lydia receia ter anotado o endereço errado, porque, quando desembarcam do ônibus, percebem que a rua tem um estabelecimento ao lado do outro, todos fechados por ser manhã de domingo. Por fim encontram o número que procuram, espremido entre uma loja de eletrônicos e uma joalheria. Mas, assim que ela confere o endereço no pedaço de papel que tem na mão, um homem ainda jovem empurrando um carrinho de bebê se aproxima e abre a porta para a esposa grávida. Lydia espia dentro antes que a porta se feche e vê fileiras de cadeiras dobráveis em frente a um palco. Luca a puxa pela manga e mostra uma placa apoiada na janela que ela não tinha visto: IGLESIA PENTECOSTAL TABERNÁCULO DE LA VICTORIA. Não há campanário nem vitrais, mas é esse o lugar.

O interior é maior do que ela imaginava, com teto baixo e ventiladores nas paredes. Há uma bateria completa, um amplificador e alguns alto-falantes enormes instalados atrás do púlpito. Não há cruz nem pia de água benta na entrada, mas Lydia se benze, por força do hábito, e Luca repete o gesto. Ela espera por alguma sensação — um sussurro de sua legião de anjos recém-

nascidos, ou talvez, pelo contrário, uma manifestação de raiva contra Deus. Mas nada acontece; é uma erva daninha espiritual. *Un desierto del alma*, porque ela só tem espaço para o medo.

Sentam-se na última fila, perto da parede, e Lydia guarda as mochilas embaixo das cadeiras dobráveis. Cobre o rosto com as mãos e pede que Luca faça o mesmo, mas não por veneração. É só para dissimular, caso algum de Los Jardineros seja cristão pentecostal, caso trafiquem drogas nas segundas-feiras, esfaqueiem pessoas nas quintas e frequentem a igreja aos domingos para buscar perdão. Isso não parece improvável perto de tudo já aconteceu.

Por entre seus dedos entrelaçados, Lydia observa o quadrado de luz solar no chão de azulejos brilhar mais cada vez que alguém abre a porta de vidro para entrar. Alguns dos fiéis olham para eles ali na última fila, assentem ou abrem sorrisos de boas-vindas, mas a maioria passa direto, rumo a seus assentos habituais.

A lotação da igreja está quase pela metade quando Carlos chega com a esposa e os filhos. A mulher cumprimenta um a um com abraços, e tem a voz aguda de uma *gabacha*, que encobre o zumbido da conversa reverente no salão. Lydia se levanta um pouco da cadeira e dá um tchauzinho, mas Carlos não a vê. O filho mais novo avisa, apontando para ela no canto, então Carlos se vira.

— Lydia, meu Deus, o que faz aqui? — Sua voz chega antes dele, que logo caminha entre as fileiras de cadeiras até ela e a abraça. — Uau, que surpresa! É muito bom vê-la.

Luca apenas observa enquanto esse homem, Carlos, dá dois beijinhos em Mami e segura suas mãos.

— Este deve ser Luca — diz ele, inclinando-se para o menino, ainda sentado. — Você é igualzinho ao seu *papi*. — Ele endireita o corpo. — Onde está Sebastián? Veio com vocês?

— Você não deve ter ouvido as notícias.

A voz de Mami soa muito distante. Luca pode garantir, sem precisar olhar, que o rosto de Carlos mudou de repente, que empalideceu, que já está se preparando para ouvir a história horrível que Mami está prestes a contar.

— Venha — diz Carlos. — Podemos conversar lá em cima.

Eles vão para um escritório, e não é de todo correto dizer que Luca se desliga enquanto sua mãe e Carlos conversam, porque essa afirmação indicaria alguma participação ativa de abstenção de sua parte. Ao contrário, sua consciência, como um balão de hélio preso a ele por uma corda tensa e frágil,

flutua momentaneamente. Seu corpo está sentado a uma mesa, com a mochila aos seus pés. Com as pernas faz a cadeira girar, com as mãos brinca com um prato de cliques de papel, enganchando um no outro até formar um fio longo, mas seus mapeamentos internos estão de férias. Os adultos olham para ele de vez em quando, por trás da barreira de suas vozes distorcidas e rostos pálidos, e seu corpo não deixa de dar a devida resposta às perguntas dele, seja assentindo ou encolhendo os ombros. Deixaram um copo descartável de água na mesa para ele, que toma um gole por delicadeza. Alguém lá embaixo toca bateria. Guitarra. Luca sente a vibração do contrabaixo atravessar o chão. Depois eles estão no carro de Carlos, circulando pelas ruas da cidade a caminho da casa dele. Mami está no banco traseiro e tenta segurar a mão de Luca. Ele vê a cena, vê a mão de Mami cobrindo a sua, e são o calor e a pressão de seus dedos que o trazem de volta.

Depois que deixam a *zona centro*, Luca percebe que Chilpancingo não é tão diferente de Acapulco. Não há gaiotas, não há turistas, e as ruas não são tão largas. Mas há muitas lojas e táxis coloridos, pessoas que passeiam ao sol com suas roupas de domingo. Há senhoras com bolsas a tiracolo, jovens com tatuagens malfeitas. Muitos grafites vistosos e brilhantes. Todas as casas são pintadas em cores vivas. Luca as vê passar como cartas de um baralho. Depois de três músicas e meia tocadas no rádio, Carlos entra em uma rua um pouco mais larga que as outras. A copa de árvores frondosas forma um arco sobre a rua, dando a sensação de que aquele é um lugar secreto, um esconderijo silencioso. No meio do quarteirão, há uma linda igreja branca com dois pequenos campanários na frente. Bem parecida com as igrejas que eles frequentam. *Católica*. Os outros prédios da rua movimentada ficam afastados da igreja, dando-lhe espaço. Carlos deixa o carro em um estacionamento.

A casa dele é azul-turquesa — exatamente a cor da faixa intermediária do oceano em Acapulco, entre a areia clara perto da costa e o azul mais escuro no horizonte, visto dos degraus da Plaza España, bem ao longe, em um dia ensolarado. A casa parece grande e moderna, embora esteja geminada em uma roxa idêntica de um lado e uma idêntica cor de pêssego de outro. Carlos leva as malas para dentro.

A esposa de Carlos se chama Meredith, e é branca. Nasceu nos Estados Unidos, e isso Luca poderia ter deduzido sem que lhe dissessem, só de vê-la rapidamente na igreja antes de Carlos subir com eles. Sua voz, suas roupas. Seu jeito de segurar as pessoas pelos ombros e sacudi-las de leve enquanto fala com

elas. Luca investiga a casa vazia, as fotos de família, dá uma boa olhada nos três meninos, todos com a pele rosada de Meredith e as covinhas de Carlos. O do meio parece da idade de Luca. Até que Meredith chega em casa sozinha (as crianças ficaram um pouco mais na igreja), e com ela vem a primeira experiência de sofrimento genuíno de Luca.

Genuíno é uma palavra que Luca conhece (em espanhol, mas não em inglês), porque ele conhece muitas palavras que não estão no repertório de outros garotos de oito anos, como *viscoso*, *bombástico* e *imprevisto*. Mas no fundo ele ainda não tinha entendido o verdadeiro significado da palavra *genuíno*. Nunca tinha sentido nada *genuíno*. Um sentimento que o invade como um rolo compressor muito potente. Quem é essa mulher que chora por Papi? Quem é essa senhora cujas feições estremecem? Que são esses olhos marejados, essas mãos trêmulas e essa grande necessidade de ser consolada? Luca se surpreende com a própria interpretação pouco generosa de uma emoção tão crua. Afinal, ela havia sido amiga de Papi. Ou pelo menos se casara com o amigo de Papi. E devia gostar de Papi o suficiente para convidá-lo a ser padrinho de seu filho mais velho. Então, por que não deveria estar triste, até traumatizada com a notícia de sua morte inesperada e violenta? Por que não deveria chorar, lamentar e demonstrar toda a sua dor? Luca não consegue, portanto, explicar por que a exibição de tudo isso o irrita tanto. Quando ela tenta abraçá-lo, ele recua, e Mami não o força. Apenas o leva pela mão para o banheiro e joga água no seu rosto. Quando voltam, Meredith já se recompôs. Ela insiste que Mami se sente enquanto vai preparar chá para todos. O chá permanece intocado nas xícaras, mas a conversa prossegue por um bom tempo, e Luca deixa a maior parte escapar.

* * *

Meredith conheceu Carlos na época da faculdade, quando era missionária de Indiana, e ainda hoje está envolvida com a igreja daquela seara distante. No verão em que esteve na cidade pela primeira vez, apaixonou-se por Carlos e por seu país. Ela gostava da facilidade com que os mexicanos lidavam com sua fé. Gostava da sensação de estar em um país onde falar abertamente sobre Deus não era polêmico nem estranho. No México, naquela época, rezar era normal, um ato público. Esperado. Para Meredith, essas convenções culturais pareciam

milagrosas. Assim, ela e Carlos se casaram jovens, e a partir de então ela dedicou a vida a preservar o vínculo entre Chilpancingo e a comunidade da igreja de Indiana e a compartilhar a experiência do lugar com outras pessoas.

De fato, há nesse momento quatorze missionários de Indiana passando as férias de primavera em Chilpancingo. Esses missionários estão sendo recebidos pela igreja que Carlos e Meredith frequentam. Meredith é a coordenadora-chefe dessa visita, e de duas outras que acontecem no verão. É um movimento constante de missionários loiros de Indiana abrindo caminho por Guerrero. O grupo atual volta para os Estados Unidos na tarde de quarta-feira, e às sete da manhã as três vans da igreja estão programadas para partir rumo à Cidade do México. É então que a conversa assume um caráter de urgência. Luca endireita o corpo na cadeira e brinca com a alça da xícara de chá de Mami.

— Eles podem ir de van, claro. É perfeito — sugere Carlos.

Meredith não faz qualquer comentário em voz alta, mas diz muito com os olhos, e não é nada acolhedor.

E então Mami diz:

— Seria seguro atravessar os bloqueios se viajássemos em uma van da igreja.

— Eles jamais esperariam que vocês estivessem entre os missionários — acrescenta Carlos.

Mami concorda.

— Nem olhariam.

E então Meredith se manifesta.

— Seguro para quem? Talvez para vocês, mas, sinto muito, não posso colocar todos esses jovens em risco.

Ela balança a cabeça, e Luca tem a percepção de que ela não lembra em nada a mulher que chorava por Papi poucos minutos atrás. Não só a cor mudou totalmente, como também as feições endureceram.

Mami abre a boca, mas consegue fechá-la antes de falar. Apenas corre o polegar pelos elos de ouro no pescoço.

Carlos bate com o dedo indicador na mesa entre eles. Todos ficam atentos.

— Meredith, não há outra opção. Entendo sua preocupação, mas esta é a única forma de tirá-los de Guerrero em segurança. Se não os ajudarmos, eles podem morrer.

— *Podem* é um eufemismo — interrompe Mami.

Meredith, no entanto, cruza os braços e balança de novo a cabeça. Seu cabelo tem uma cor entre castanho e dourado, preso para trás por uma faixa

preta. Seu nariz está vermelho, as faces coradas, os olhos de um azul intenso. Mami levanta a xícara e se esforça para tomar um gole, mas, quando a coloca de volta na mesa, Luca sabe que ela não engoliu nem uma gota.

— Sinto muito, é arriscado demais — insiste Meredith. — Não é justo fazer isso com os jovens, com seus pais em Indiana. É exatamente isso que essas famílias temem quando mandam os filhos para o México. Você tem ideia do que é preciso para tranquilizá-los? Damos a eles nossa palavra de que os filhos ficarão seguros. Eu, pessoalmente, garanto a segurança deles. Digo que esse tipo de coisa jamais acontecerá.

Mami pigarreia e seu rosto parece uma bomba prestes a explodir, mas logo respira fundo e se recompõe.

— Esse *tipo de coisa*?

Meredith aperta os olhos fechados.

— Sinto muito. Não me interprete mal. Nem sei o que dizer.

— Sebastián morreu, Meredith — diz Carlos. — Meu amigo, seu amigo. Morto. E outras quinze pessoas além dele. Não é normal acontecer esse tipo de coisa. Nem aqui. Você conhece mais alguém que tenha perdido dezesseis membros da família em um único dia? — Meredith o encara, mas ele continua: — Precisamos ajudá-los. Se o sofrimento de nossos amigos não significar nada, se esses jovens não puderem nos conhecer, não puderem ver como é o México de verdade, o que eles estão fazendo aqui? São apenas samaritanos de passagem?

— Carlos, não! — protesta Meredith, e Luca tem a sensação de que essa é uma discussão antiga entre eles.

— Só querem fazer panquecas e tirar selfies com crianças pardas esqueléticas? — pergunta Carlos.

Meredith dá um tapa na mesa e o chá ondula nas xícaras. Mami, porém, intercepta a raiva que cresce entre eles. Ela fala como se estivesse num vácuo, como se houvesse abandonado a conversa por completo e apenas sua voz permanecesse. Prossegue sem nenhuma expressão.

— Sebastián, Yemi, Alex, Yénifer, Adrián, Paula, Arturo, Estéfani, Nico, Joaquín, Diana, Vicente, Rafael, Lucía e Rafaelito. Mamá. Todos se foram. Todos eles.

Um nó se forma na garganta de Luca e cresce a cada nome que sai da boca de Mami. Ele confere a reação de Meredith, mas o rosto dela é apenas uma

indecifrável mistura de rosa e azul. Em seu lugar, é Carlos quem responde, com as mãos espalmadas na mesa.

— Vamos ajudá-los — sussurra. — Claro que vamos.

De braços cruzados, Meredith caminha de um lado para outro atrás da cadeira.

— Lydia, não posso fingir que sei o que você tem passado. É inimaginável. E, sim, é claro que faremos tudo ao nosso alcance para ajudar. Mas por favor, tente entender, minha responsabilidade também está em questão. Às vezes não há respostas fáceis.

Mami coloca as mãos na testa.

— Não tenho a intenção de causar problema para ninguém. Só quero tirar Luca daqui. Preciso tirar. — Pela primeira vez, desde que tudo começou, Luca acha que ela pode desabar. Ele a observa com atenção, e a voz dela falha. — Por favor. Estamos desesperados.

Carlos ergue os olhos para a esposa.

— Querida, escute. Entendo sua resistência. Claro que entendo. Mas às vezes há, sim, respostas fáceis. Esta é uma resposta fácil: se não os ajudarmos, se eles pegarem um ônibus por conta própria, se acabarem parados em um bloqueio e forem mortos porque não tivemos coragem de salvá-los, você conseguirá viver com isso? Nós conseguiremos?

Meredith suspira e apoia as mãos no encosto da cadeira.

— Não sei.

— Reze. Entregue a Deus.

Ela se vira e liga a chaleira elétrica, mesmo que ninguém tenha conseguido engolir a primeira xícara de chá. De costas para a mesa, pergunta:

— Tem certeza de que eles estão à sua procura agora? — Vira-se de novo para a mesa e se apoia no balcão. — Sebastián não era o exemplo que eles queriam? Eles o apanharam, então talvez tudo esteja acabado agora.

Luca desvia o olhar de Meredith para Mami, que para ao encarar o filho, como se avaliasse o quanto poderia dizer na frente dele. Talvez ela se lembre de que o medo fará bem a ele agora. Ele deve mesmo ficar com medo.

— Não — diz Mami, em voz baixa. — Ele não vai desistir até nos encontrar.

CAPÍTULO OITO

Na cama, na noite em que descobriu que Javier e La Lechuza eram a mesma pessoa, Lydia apagou a luz, mas não fechou os olhos. Ela e Sebastián sempre concordaram que pessoas casadas tinham direito a algum grau de privacidade, que não precisavam contar tudo uma à outra. Essa foi uma das razões por ela ter se apaixonado por ele: ele não exigia saber seus assuntos pessoais, raramente sentia ciúme e não tinha interesse em controlar suas amizades com outros homens.

— Você é adulta — disse ele antes de assumirem um compromisso mais sério. — E eu sou seu amante. Se nos casarmos, será porque você me escolheu. Espero que continue me escolhendo todos os dias.

Lydia na ocasião riu do uso antiquado da palavra *amante*, mas o sentimento a emocionou. Antes de Sebastián, ela sempre imaginara que o casamento implicaria sacrificar sua liberdade. E ficou encantada quando ele lhe ofereceu o oposto disso. Ambos eram dignos de confiança e se consideravam modernos. Não escondiam nada importante um do outro, mas Lydia gostava de ter um armário sagrado íntimo, ao qual mais ninguém tinha acesso.

Assim, nada havia de errado em não ter mencionado o nome de Javier para o marido antes, mas, é claro, naquela noite tudo mudou. Quando Sebastián se levantou de manhã e lhe deu um beijo na testa a caminho do banheiro, ela ainda estava acordada. Sentou-se na cama e sentiu o estômago embrulhar com o movimento.

— Sebastián.

Pensava em não contar para ele, em talvez apenas fazer perguntas. Sabia que, tão logo as palavras saíssem de sua boca, a amizade com Javier chegaria ao fim, e, sob todo o resto, havia uma base de tristeza por aquela perda iminente. Ela gostaria que sua descoberta fosse falsa, que não passasse de um mal-entendido.

Seu marido se virou para ela na claridade cinzenta do quarto.

— Qual é o problema?

Pelo tom de voz da esposa, ele soube que havia algo errado no mesmo instante. Então se sentou ao seu lado na cama.

— Ele é meu amigo — confessou Lydia.

* * *

Sebastián não foi trabalhar naquela manhã. Ligou para o editor e deixou uma mensagem dizendo que estava apurando uma notícia e que chegaria bem mais tarde. Ele e Lydia sentaram-se juntos na cama desarrumada e conversaram durante horas, enquanto do lado de fora a luz cinzenta ficava rosada e depois ganhava o amarelo-vivo do dia ensolarado. Na hora de acordar Luca e levá-lo para a escola, mantiveram a rotina com alguma desatenção.

— Eu levo hoje — decidiu Sebastián. — Você espera aqui.

Lydia chorou no chuveiro.

Quando Sebastián voltou, continuaram a discussão na mesa da cozinha. O cabelo molhado de Lydia estava preso no alto e seu rosto parecia manchado.

— Existe alguma possibilidade de você estar enganado? — perguntou ela, com os braços cruzados.

Já sabia a resposta, mas nada fazia sentido. Ela estava confusa.

Sebastián encarou-a e respondeu no tom mais firme possível:

— Não.

Ela balançou a cabeça.

— A matéria sobre Los Jardineros que você está escrevendo... menciona o nome dele especificamente?

— Sim, é toda sobre ele, sobre sua grande iniciação. Todo o *Olá, mundo, sou um chefão de primeira* está ali.

Lydia inclinou a cabeça para um lado e colocou a mão na testa, sussurrando:

— Não sei o que fazer. Parece impossível.

— Não há o que fazer, Lydia.

— Mas eu não consigo entender. Eu o *conheço*.

— Eu sei, Lydia, eu sei. Sei como ele pode ser encantador, erudito. Mas é também extremamente perigoso.

Ela pensou nos olhos de Javier, em como ficavam transparentes sempre que ele tirava os óculos. A palavra *perigoso* parecia totalmente incompatível.

— Sei que é difícil aceitar — insistiu Sebastián. — Posso ver que está sendo muito sofrido para você, e sinto muito. — Hesitou antes de continuar. — Mas ele é um assassino, Lydia. Já matou muita gente. Esse cara tem sangue nas mãos.

Esse cara. Ela balançou de novo a cabeça. Sebastián levantou-se e colocou as mãos no encosto da cadeira. Empurrou-a para baixo da mesa.

— Ele não é quem você pensava.

— Mas você mesmo disse, ontem à noite, que ele, que Los Jardineros, não são tão violentos quanto os outros cartéis.

Ele tinha dito isso, droga. Lydia abriu a janela da cozinha e deixou entrar o barulho do tráfego lá embaixo.

— Lydia, eu amo você. Amo sua lealdade e sua bondade. Mas estamos falando aqui de níveis de assassinos. Menos violento ou não, ele não deixa de ser um narcotraficante importante. E quando alguém assassina essa quantidade de pessoas, matar se torna comum. Faz alguma diferença se ele matou *menos* crianças do que os outros? Não é uma moderação nascida da virtude. É uma decisão profissional. Esse cara mataria *qualquer um* se considerasse a coisa mais inteligente a fazer.

— Não qualquer um. — A voz de Lydia estava mais fraca. — Ele tem uma filha.

Sebastián apoiou as mãos nas costas da cadeira e baixou a cabeça entre seus braços esticados.

— Sebastián, escute. Sei que tudo soa absurdo, mas não sou ingênua. Não sou idiota, certo?

— Você é a mulher mais inteligente que conheço.

— Então, estou apenas tentando assimilar a situação, conciliar tudo que você está me contando e encaixar com a pessoa que eu sei que Javier é.

— Eu sei, eu sei.

— É difícil.

— Não consigo imaginar o quanto.

— Porque eu o conheço, Sebastián. E, como você diz, ele é inteligente. Em uma vida diferente, poderia ser uma pessoa boa...

— Mas não é uma vida diferente, Lydia. E ele não é uma pessoa boa.

— Mas talvez ainda possa ser. É o que estou dizendo. Porque as pessoas são complexas, e, apesar de tudo o que você está me dizendo, ele não deixa de ser

essa outra pessoa. Essa alma torturada e poética, cheia de remorso. Ele é engraçado. É gentil. Talvez as coisas ainda possam ser diferentes.

— Espere. — Sebastián observou a esposa, agora debruçada no peitoril da janela da cozinha. Lá fora, uma buzina soou e uma brisa moveu uma mecha quase seca de seu cabelo. — Espere um segundo, Lydia. Você está apaixonada por ele?

— O quê?

— Está ou não?

— Sebastián, não seja ridículo. Não é hora de fazer drama.

Ele balançou a cabeça.

— Mas você sente alguma coisa por ele?

— Não, não assim. É claro que o amo...

— Você o *ama*?

— Ele é meu amigo! Um amigo de verdade, alguém que se tornou muito importante para mim! — Apoiou as mãos nos joelhos e ergueu os olhos para ele. A cafeteira borbulhou e chiou. — O pai dele morreu de câncer também.

Seu marido puxou a cadeira e voltou a sentar-se.

— Ah, Lydia...

Sebastián não chegara a conhecer o pai de Lydia, mas foi uma perda tão marcante na vida dela, e logo no início do relacionamento dos dois, que ele sentia uma grande afinidade com o falecido sogro. Conhecia todas as histórias. Sabia que, quando Lydia tinha doze anos, o urso de pelúcia preferido de toda a vida dela (embora estivesse um pouco grande para isso) apareceu com um corte no nariz. Lydia ficou arrasada e envergonhada. Houve uma hemorragia de estofó pela casa inteira. O pai dela foi discretamente à farmácia e voltou com uma sacola, que colocou na mesa da cozinha sob a luz de uma luminária de braço articulado. Pediu-lhe que pegasse o urso no quarto. Lydia transportou o paciente com muito cuidado, e, quando chegou à cozinha, o cômodo tinha virado uma sala de cirurgia. Havia um plástico estendido na mesa. Seu pai usava máscara e luvas de borracha. Seus instrumentos cirúrgicos estavam espalhados sob a luminária: agulha, linha, um pedaço reluzente de couro novo. O pai de Lydia criou um novo nariz de couro para o urso. Sebastián sabia, também, que a única coisa verde que seu sogro comia era feijão-de-lima; que ele tinha uma cicatriz de sete centímetros na perna, de um acidente de barco na infância; que cantava alto em espetáculos e, às vezes, em constrangedora harmonia com o que quer que estivesse sendo encenado. Sebastián sabia que a

única vez que Lydia vira seu pai chorar foi quando Oscar De La Hoya ganhou a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1992 em Barcelona. Sebastián sentia tanto carinho pelo sogro que se perguntava se o conhecia melhor morto do que teria conhecido em vida. Ele e Lydia namoravam havia apenas oito semanas e estavam no Estádio Azul, na Cidade do México, assistindo a jogo de futebol quando ela recebeu aquele telefonema terrível. Embora o câncer tenha sido lento, o fim foi rápido, inesperado. Era 24 de outubro de 2003, exatamente uma semana antes do *Día de los Muertos*. Dizem que suas últimas palavras foram: “Tem uma festa. Preciso me preparar.”

Lydia e Sebastián foram embora do estádio na mesma hora, e ele a levou primeiro ao apartamento dela e depois, durante a noite, de volta para Acapulco. Suas roupas estavam amontoadas no banco traseiro do carro. Ela não conseguiu decidir o que levar, então levou tudo, em um cesto de roupa suja. Sebastián segurou sua mão no escuro e parou no acostamento perto de Cuernavaca quando ela achou que vomitaria. Ele foi e voltou de carro até a Cidade do México mais três vezes naquela semana: no dia seguinte, para buscar as próprias roupas, dois dias mais tarde, para comunicar suas ausências aos professores de Lydia e aos seus, e, por fim, para levar alguns amigos para o enterro e ajudar a mãe de Lydia a convencê-la a voltar para a faculdade.

De algum modo, Sebastián sempre acreditou que essa tragédia cimentou o relacionamento dos dois. Eles já sabiam que estavam se apaixonando, mas a gravidade daquele sofrimento serviu para Lydia calcular a profundidade do caráter de Sebastián. A morte despertou uma estabilidade desconhecida em Sebastián. De repente ele se viu fazendo um esforço cada vez maior para tapar os buracos na vida de Lydia. Por isso ele entendeu quando ela disse algo tão simples sobre Javier — que seu pai tinha morrido de câncer também. Sebastián entendeu o alcance que aquela experiência compartilhada realmente tinha para sua esposa.

— Quantos anos ele tinha — perguntou Sebastián — quando perdeu o pai?

— Onze.

Sebastián fez uma careta.

— Terrível.

Lydia foi até o armário, pegou duas canecas e as encheu de café. Colocou uma na frente do marido e voltou a sentar-se ao lado dele. Ergueu os joelhos e abraçou as pernas.

— Sebastián, acho que ele está apaixonado por mim.

Sebastián encheu as bochechas de ar antes de soltá-lo todo de uma vez.
— *Maldita sea*. Claro que está.

* * *

No curto prazo, a única mudança real foi que Sebastián começou a telefonar e a ir à loja com mais frequência. Mandava mensagens quatro ou cinco vezes por dia, e, mesmo que estivesse ocupada, ela fazia questão de responder, para tranquilizá-lo. Estava tudo bem. Lydia ficou extremamente nervosa quando Javier apareceu na semana seguinte. Mandou uma mensagem para Sebastián embaixo do balcão. “Ele está aqui. Ligo depois.”

Javier carregava um pequeno embrulho e seus olhos estavam mais brilhantes que o normal. Parecia ansioso para que os outros clientes fossem embora, mas Lydia não se apressou, relutante em ficar sozinha com ele. Quando o último casal foi em direção à saída sem comprar nada, ela os chamou:

— Não gostaram de nada?

Eles não responderam. O homem apenas assentiu, e a sineta acima da porta tocou quando saíram. As mãos de Lydia tremiam enquanto ela colocava açúcar na xícara de Javier.

Do seu tamborete, ele deu um sorriso enorme para ela.

— Trouxe um presente — disse, apontando para o pacote embrulhado em papel no outro lado do balcão.

Era um papel pardo comum, fechado com fita adesiva e sem laços, mas a austeridade do embrulho não diminuiu o caráter íntimo de um presente aleatório em uma manhã de quarta-feira. Lydia abriu-o, de todo modo. Dentro havia uma boneca de madeira, em forma de amendoim e mais ou menos do tamanho do antebraço de Lydia, com uma costura quase invisível passando pelo meio de seu corpo. Era pintada em cores vivas: cabelo preto, bochechas rosadas, avental amarelo, rosas vermelhas. Lydia abriu a costura central e encontrou dentro uma boneca menor e idêntica. Abriu de novo e de novo, e cada vez descobria uma miniatura da boneca anterior.

— São matrioskas — concluiu ela.

— Sim. — Javier observou seu rosto. — Mas na verdade elas são eu. Continue.

Ela abriu a última boneca, do tamanho de seu polegar, e dentro encontrou a menor das irmãs. Essa era azul-turquesa e mais bonita, mais requintada e detalhada que todas as irmãs que vieram antes. Lydia segurou-a entre o indicador e o polegar. Ergueu-a e estudou a intrincada filigrana de prata de sua pintura.

— E essa é você. — Javier bateu no peito com o punho. — *Muy dentro de mí.*

Lydia pestanejou rapidamente, mas era tarde demais para esconder as lágrimas que brotavam no canto de seus olhos. Javier interpretou-as mal, e seu sorriso cresceu.

— Gostou delas?

Ela fungou.

— Gostei, muito. Obrigada.

Apressou-se a recolocar as bonecas uma dentro da outra enquanto ele observava.

Ele reparou que ela não se preocupava em alinhar as partes de cima com as de baixo das bonecas. Essa foi a primeira indicação de que algo estava de fato errado.

— Qual é o problema, *mi reina*?

Quando as bonecas estavam de novo encaixadas, Lydia as enrolou no mesmo papel pardo e colocou-as embaixo do balcão ao lado do telefone. Não havia um jeito fácil de dizer. Era melhor ser direta.

— Recebi algumas notícias ruins na semana passada — disse. Ele se inclinou para a frente, a testa franzida. — Sobre você.

Ele se empertigou e franziu mais a testa. Um longo silêncio surgiu entre eles, e foi então que uma cliente entrou, fazendo soar a sineta acima da porta. A mulher pegou três cadernos, três canetas sofisticadas e um cartão de aniversário, e Lydia não conseguiu sorrir enquanto registrava a compra. Sentia a ansiedade de Javier como uma maldição na loja. Isso a deixava aflita. Os ombros dele estavam encolhidos, as mãos entre as coxas. Quando a cliente saiu, Lydia foi até a porta e a trancou. Virou o lado *CERRADO* da placa para fora.

Eles se estudaram, um de cada lado do balcão. Ela o encarou, e nenhum dos dois desviou o olhar.

— Imaginei que você soubesse — disse ele por fim, com a voz tensa, rouca. Ela balançou a cabeça sem tirar os olhos dele.

— Como eu saberia? Por que saberia?

Os olhos dele estavam ainda maiores que o normal por trás dos óculos. Sua boca tremia enquanto ele falava:

— Parecia que quase todo mundo sabia. Pensei... De alguma forma, eu esperava que isso não fizesse diferença para você. Pensei que não fizesse diferença porque você me conhecia, conseguia ver quem eu realmente sou.

— Eu consigo, ainda consigo. Mas, Javier, essa outra parte de você, a parte que não conheço... é irreconciliável. Essa pessoa é real também, certo?

Ele por fim desviou o olhar. Pestanejou, tirou os óculos e limpou-os com a barra da camisa.

— Eu amo você — disse ele.

— Eu sei.

— Não, não sabe.

Lydia cerrou os lábios.

— Estou apaixonado por você. Estou *apaixonado* por você.

Ela balançou a cabeça.

— Lydia, você é a única amiga que eu tenho. A única pessoa que não quer nada de mim senão a alegria entre nós.

— Isso não é verdade.

— É, sim! E quando não estou com você, estou sozinho. Você não tem ideia da luz que me proporciona. Você e Marta, no fundo, são tudo o que tenho. Nada mais importa. Eu largaria tudo se pudesse.

— Então faça isso! — Ela bateu com a mão no balcão. — Largue!

Ele abriu um sorriso triste.

— Não é assim que as coisas funcionam.

— Elas funcionam como você disser que devem funcionar! Você é o *jefe*, certo?

— Sim, e se eu largar tudo, o que acontecerá? O que será de Acapulco? Quantas pessoas morrerão enquanto brigam para decidir quem ocupará meu lugar? — Seus cotovelos estavam apoiados no balcão. Passou as mãos no cabelo com aflição. — Você sabe que nunca quis isto. Foi por um acidente do destino que acabei aqui.

Bem perto da superfície da sua consciência, Lydia sabia que isso não podia ser verdade. Se aquilo era um bilhete de loteria, ele o havia escolhido e comprado com seu próprio dinheiro. Ela sabia disso, sabia que ele devia ter cometido delitos específicos para chegar a essa posição. Quantos? De que

natureza? Uma combinação de medo e tristeza a impedia de perguntar. Não se atrevia a contradizer as justificativas dele.

— Mas aqui estamos, aqui estou eu. — Seus olhos estavam suplicantes. — Não tenho como deixar essa vida, Lydia, não posso. Mas isso não define quem eu sou.

Ela sentia a dissonância latejar em seu cérebro como um pulso irregular. *Claro que isso define quem você é*, pensou ela, mas não disse. Fechou os olhos com força e sentiu-o segurar sua mão.

— Por favor, entenda — pediu ele. — Tente.

Ao encontrar a foto de Javier na pasta de Sebastián na semana anterior, Lydia se sentira assolada por uma angústia real. Poucas vezes vivera uma amizade tão profunda e autêntica. A perspectiva de perder esse vínculo a entristecia. Mas ali, com Javier diante dela, segurando sua mão, depois de terem conversado e confirmado a verdade, tudo que restava para Lydia era a autópsia. Qualquer tipo de amor que tivesse existido já começava a se dissipar. Ela ainda podia percebê-lo como um fantasma na loja, vago e inanimado, mas não podia mais senti-lo. Seu afeto havia acabado, se exaurido, como o sangue de um cadáver. Quando ele apertou seus dedos, ela sentiu cheiro de formol. Quando ele fixou seus olhos tristes nos dela, ela viu o vidro de suas lentes salpicadas de sangue.

CAPÍTULO NOVE

Na casa de Carlos e Meredith em Chilpancingo, há novos fantasmas a enfrentar. O trauma aguarda a calmaria. Lydia parece um ovo quebrado, e não sabe se é a casca, a gema ou a clara. Está mexida. Durante os três dias seguintes, ela e Luca ficam muitas vezes sozinhos em casa enquanto os meninos vão à escola, Carlos, ao trabalho, e Meredith prepara os missionários de Indiana para a volta para casa. Não há uma suspensão temporária das atividades do dia a dia, como em geral ocorre quando morre alguém, porque uma pausa pública levantaria suspeita. Lydia e Luca precisam ficar escondidos. A família deve levar uma vida normal. Os filhos têm estantes bem abastecidas de livros em seus quartos, *gracias a Dios*. Assim, enquanto eles estão fora fazendo suas coisas, Luca lê dois ou três livros por dia. Lydia tenta ler também, mas sua mente não consegue reter as palavras. Sua mente não tem espaço para mais nada, então ela procura manter o corpo ocupado. Prepara comida que nenhum dos dois tem vontade de comer. Limpa as pias, põe roupas e tapetes que não estão sujos para lavar. Observa Luca ficar cada vez mais calado.

As tardes parecem durar mil horas. Luca mal troca de posição no sofá enquanto lê. Só se movimenta quando acaba um livro: vai até a prateleira pegar outro. Cada vez que ele se levanta para ir ao banheiro, Lydia tenta convencê-lo a comer. O resto do tempo ela passa no antigo computador IBM, que fica em um carrinho em um canto da sala de estar. Ela lê as manchetes sobre Acapulco. Os colegas de Sebastián prestaram lindas homenagens, mas Lydia não consegue ler matérias que exijam reflexão. A palavra *héroe* lhe dá raiva, como se ele tivesse escolhido sua morte com valentia, como se isso significasse alguma coisa. Pelo amor de Deus, ele morreu com um espeto na mão. Ela então passa os olhos nas notícias à procura de novos fatos sobre a investigação e encontra o que esperava: nada. Porque medo e corrupção trabalham em conjunto para censurar as pessoas que poderiam descobrir as pistas que apontariam para a justiça. Não haverá provas, não haverá um processo justo, reivindicação. Então

Lydia busca outras notícias, novos casos de violência, alguma pista do que está acontecendo entre Los Jardineros. Um turista foi morto acidentalmente em um tiroteio perto dos guarda-sóis em Playa Hornos na tarde do dia anterior. Um carro queimado com dois corpos dentro, um grande e outro pequeno, foi encontrado de manhã na frente de Colonia Loma Larga.

O cursor do mouse treme na tela, mas ela consegue fechar a página de notícias e pensar em outra coisa. Carlos os levará até a Cidade do México, mas e depois? Ela precisa planejar alguma coisa. Pesquisa sobre os ônibus e, sim, há relatos do aumento de bloqueios na área, e um crescimento no número de desaparecidos. Viajar dentro das cidades é mais ou menos seguro, mas entre cidades é altamente desaconselhado. As autoridades recomendam evitar viagens em rodovias regionais nos estados de Guerrero, Colima e Michoacán. Lydia sente uma nova onda de desespero se aproximar, mas não tem tempo para isso. As estradas estão fora de cogitação. Mesmo que sua carteira de motorista estivesse em dia, ela não arriscaria dirigir com Luca agora, e de ônibus não seria muito melhor. Os bloqueios são muito perigosos. Qual é a saída, então? Ela pesquisa passagens aéreas, embora não goste de pensar em seu nome constando de uma lista de passageiros. Tudo é digital hoje em dia, e de que adiantará correr para mais de mil e quinhentos quilômetros de distância se seu nome puder ser rastreado em algum banco de dados on-line? Tijuana é talvez o mais longe que conseguiria chegar sem passaporte, a três horas e quarenta minutos de voo. Tempo suficiente para Javier mandar um *sicario* recebê-los no desembarque. Lydia imagina uma carnificina na esteira de bagagem. Consegue até imaginar as manchetes. No México, os trens não transportam passageiros a longas distâncias. E, portanto, como último recurso, Lydia pesquisa trens de carga nos quais os migrantes da América Central viajam de um extremo a outro do país. De Chiapas até Chihuahua eles se equilibram no alto dos vagões. O trem ganhou o nome de La Bestia porque a viagem é uma missão de terror em todos os sentidos imagináveis. Violência e sequestro são endêmicos ao longo das ferrovias, e, além dos crimes, migrantes também são mutilados ou mortos todos os dias quando caem do topo dos trens. Só as pessoas mais pobres e destituídas tentam viajar assim. Lydia fica arrepiada com os vídeos do YouTube, as fotos, os conselhos sombrios das recentes vítimas amputadas. Ela recomeça a pesquisa do início. Ônibus, aviões, trens. Deve haver alguma coisa que ela não tenha levado em consideração. Deve haver uma saída. Ela clica, rola a tela e as horas se arrastam, enquanto Luca vira página após página.

Na mesa de jantar com os três filhos de Carlos e Meredith, Luca usa o boné do pai e Lydia não exige que ele o tire, mesmo quando Meredith fala para o filho mais novo que não quer saber de chapéu quando estiverem à mesa. O menino mais velho limpa o bigode de leite e abre um sorriso forçado para Luca, ainda com o boné dos Yankees.

— Você gosta de beisebol?

Luca apenas dá de ombros.

Ele sempre foi uma criança calada. Quando bebê, nunca articulou um som sequer. Na verdade, não disse nenhuma palavra até os quatro anos, e a essa altura Lydia já vivia em pânico havia dois. Ela adquiriu o hábito de ler para ele muito antes de suspeitar de algum problema, só porque amava os livros e gostava de ler em voz alta para o seu bebê. Gostava da ideia de que, mesmo antes de compreendê-las, ele pudesse começar a ouvir as palavras mais bonitas, e assim construir uma linguagem a partir de fundamentos de literatura e poesia. Começou então com Márquez, Tolstoi e as irmãs Brontë e, depois, conforme sua apreensão crescia, lia para ele não como os pais leem contos de fadas e histórias de ninar para os filhos, mas de maneira frenética e urgente, com o intuito de salvá-lo. Quando seus temores aumentaram e o hábito se intensificou, ela invocou Paz e Fuentes, Twain e Castellanos. Ela também era fluente em inglês (se formara em Letras), por isso às vezes lia Yeats, refletindo o verde exuberante da Irlanda em seu sotaque mexicano.

Quando Luca era bebê, ela o levava para o trabalho em um sling, e eles liam juntos entre pedidos e clientes, entre limpeza de prateleiras e reposição de estoque. Às vezes o intervalo entre um cliente e outro era grande e os dois tinham tempo para mergulhar em suas histórias. Quando ele já estava um pouco maior, ela o sentava em uma cadeirinha de balanço inflável ou em uma pequena esteira que ficava sempre no canto atrás da caixa registradora. Vez ou outra Lydia o deixava andar pela loja, mas, quando chegava a hora de ler, ele sempre se sentava sem que ela precisasse mandar, de pernas cruzadas e em silêncio, a cabeça inclinada para o lado, como se fizesse do ouvido um funil para as palavras que ela lhe apresentaria. Ela lia livros com e sem figuras. Livros coloridos, livros táteis, poesia, fotografia, arte. Livros infantis, livros de culinária, a Bíblia. O menino passava as mãos com cuidado pelas páginas brilhantes, laminadas, mas ainda assim não dizia nada. Às vezes ela lia até ficar rouca, e em outros dias ela logo se deprimia com o som solitário da própria voz

na livraria, mas, sempre que tentava parar, Luca empurrava com insistência o livro do dia para a mãe. Ele o abria e o colocava de volta no colo dela.

Na semana anterior ao seu quarto aniversário, enquanto comiam pozole à mesa da cozinha, Lydia lamentou pela milésima vez o silêncio do menino. Sebastián equilibrou sua colher na borda da tigela e analisou o rosto de Luca. O menino, por sua vez, analisou o pai.

— Talvez você não fale espanhol — disse Sebastián em espanhol.

Luca, para imitar o pai, também equilibrou a colher na sua tigela.

— É isso, não? — perguntou Sebastián. — *¿Cuál idioma hablas, hijo?* Inglês? Você é um *gabacho*? Espere! — Estalou os dedos. — Você é haitiano. Não... Árabe! Filipino?

Lydia encarou, atônita, o marido. Luca sorriu e tentou estalar os dedos também. Sebastián mostrou-lhe como fazer. *Clique clique clique*. Lydia estava sozinha em seu desespero. Ela imaginava que Sebastián estivesse preocupado também, mas seu otimismo obstinado o impedia de revelar. Os médicos não viam nada errado. Lydia tinha vontade de gritar.

Não gritou, e em vez disso prosseguiu pacientemente com seus esforços. Allende, Borges, Cervantes. Ela lia para que as palavras que lhe eram tão preciosas pudessem adentrar a solidão do filho. E então um dia, quando ela virou a última e insatisfatória página de um romance curto de um escritor jovem e pretensioso, Luca se empertigou e balançou a cabeça. Passou as mãos de leve nos joelhos. Lydia fechou o livro e colocou-o na mesa ao lado da cadeira de balanço onde estavam. Luca pegou o exemplar e o abriu na primeira página.

— Vamos ler este de novo, por favor, Mami. Mas desta vez podemos criar um final mais agradável?

Perfeitamente. Como se apenas continuassem uma conversa que vinham tendo ao longo da vida. Lydia ficou tão assustada que quase jogou o filho do outro lado da sala. Tirou-o do colo e o colocou de pé. Virou-o e olhou para ele.

— Como é? — Luca apertou os lábios. — O que você disse? — Ela o agarrou pelos braços, talvez com força exagerada e com medo de se descontrolar. — Você falou! Luca! Você falou?

Depois de uma breve e petrificante pausa, ele assentiu.

— O que você disse? — sussurrou ela.

— Quero ler este livro de novo.

Ela segurou seu rosto com as duas mãos, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Ah, meu Deus! Luca!

— Com um final melhor.

Ela apertou-o contra o peito e ali o manteve, depois deu um pulo, segurou suas mãos e o fez girar várias vezes.

— Fale de novo. Diga outra coisa.

— O que devo dizer?

— Exatamente isso. Meu menino. Ele fala!

Lydia fechou a loja mais cedo naquele dia e foi para casa, pois queria que ele se apresentasse para o pai. Ela se lembra de tudo com muita clareza, mas deixou de confiar nessa lembrança, porque, quanto mais distante, mais fantasiosa parece. Como ele conseguiu se manter calado por tantos anos? Além disso, como poderia ter começado a falar assim, como um âncora de um noticiário, como um professor universitário, com frases bonitas e ao mesmo tempo complexas? Isso é impossível. Um milagre da sintaxe.

Mas ali, na casa turquesa de Carlos, depois de mais de quatro anos de belas conversas em dois idiomas, a voz de Luca recua e o silêncio anterior se instala. Lydia vê o que acontece, e não há nada que um ou outro possa fazer para evitar. No início, o silêncio se apodera dele aos poucos, mas logo endurece, como cimento. Na manhã de quarta-feira sua mudez se acentua. Ele reage a perguntas diretas apenas com o rosto, com o corpo. Aperfeiçoa, mais uma vez, a arte do olhar vazio, e Lydia sente dentro de si uma última rocha de sanidade começando a se desfazer.

Durante esses dias de silêncio torturante, o assustador redemoinho na mente de Lydia nunca desacelera, por mais que ela tente. Ela se mantém firme na frente de Luca, mas há momentos em que precisa de um alívio. Corre então para o banheiro e abre a torneira para que a água disfarce os ruídos abafados e dolorosos de sua tristeza. Seu corpo é um espasmo de infelicidade, e a sensação física é tão elementar que a faz se sentir um animal selvagem, um mamífero afastado da matilha. À noite, quando se deita ao lado de Luca na cama estreita do afilhado de Sebastián, direciona seus pensamentos para o vazio. Faz esse exercício com autoridade, e sua mente obedece. Repete muitas e muitas vezes: *Não pense, não pense, não pense*. E, graças a esse autocontrole, consegue chegar a um sono misericordioso. As lembranças jogam adrenalina em sua corrente sanguínea cem vezes por dia, e assim seu corpo chega à exaustão. Suas

pálpebras desabam. Mas então há o instante seguinte, a deriva momentânea após deixar a costa e antes de ser levada pela corrente, e nesse lapso de tempo ela afunda. Seus membros estremecem, seu coração palpita e seu cérebro fornece mais uma vez a lembrança dos tiros, do cheiro de carne queimada, dos dezesseis rostos desprovidos de vida, do olhar vazio voltado para o céu. Ela se senta na cama, controla a respiração e tenta não acordar Luca ao seu lado. Noite após noite, o mesmo obstáculo entre a vigília e o sono. Esse trecho que ela não consegue superar. Que tipo de pessoa não enterra a família? Como ela poderia deixá-los no quintal de olhos e boca abertos, o sangue esfriando em suas veias? Lydia já viu viúvas que se expressavam abertamente, viúvas tomadas de coragem por causa da angústia. Falando de frente para câmeras, recusando-se a silenciar, colocando a culpa no seu devido lugar, desprezando a violência de homens covardes. Dando nomes. Essas mulheres são baleadas em funerais. *Não pense, não pense, não pense.*

* * *

Carlos tira a quarta-feira de folga para levar a terceira van da igreja até a Cidade do México. Lydia deixa a valise vermelha de Abuela na beira da cama onde passaram as últimas três noites. Dentro, estão seus sapatos altos e os sapatos sociais de Luca. Ela enfiou o resto nas duas mochilas, e eles não vão levar nada além disso por ora. Ela decidiu pegar um voo na Cidade do México. É a única opção. Levarão apenas as duas mochilas, para serem rápidos, para não terem que ficar de olho na esteira de bagagem, à espera do que, de todo modo, não precisam. Lydia ignora o que Carlos e Meredith disseram aos missionários de Indiana sobre os dois passageiros extras. Não sabe nem se chegaram a comentar alguma coisa, mas ninguém faz perguntas quando eles entram. Os adolescentes mostram seus sorrisos sentimentaloides e tentam falar com ela sobre o Salvador, mas Lydia finge que não entende inglês. Ela mantém um braço ao redor de Luca no banco de trás e tenta agir como uma pessoa normal. Ela tem dificuldade para lembrar como é. Os missionários carregam sacolas de pano e mochilas elegantes, e todas as meninas usam duas tranças embutidas no cabelo (cacheado ou liso, grosso ou sedoso). É um código missionário, Lydia percebe, e toca seu rabo de cavalo. A jovem no banco ao lado percebe.

— Quer que eu faça tranças no seu? — Ela sorri para Lydia. — Sempre fazemos umas nas outras.

Lydia hesita, porque nem as mais impecáveis tranças do mundo a fariam se passar por uma missionária adolescente de Indiana. Mas até uma armadura ridícula é melhor que nada. A garota interpreta a reticência de Lydia como uma barreira do idioma, e então aponta para as suas próprias tranças, para as tranças das duas missionárias na fila à frente e depois para o cabelo de Lydia.

— Você gosta? Tranças?

Lydia assente, tira a presilha do cabelo preto e espesso e vira as costas para a jovem, que começa a percorrer com os dedos o seu couro cabeludo. Faz calor na van. Quando a jovem termina, pergunta se alguém tem um espelho. Das cinco adolescentes na van, nenhuma é vaidosa a ponto de carregar um espelhinho na bolsa. Por fim uma delas abre a câmera frontal do iPhone e o entrega para Lydia.

— Ficou lindo! — diz em voz alta, apontando para as tranças. — *¡Me gusta!*

Lydia se olha na tela, girando um pouco a cabeça para observar as tranças. *Pareço mais jovem*, pensa ela, *pelo menos um pouco*. Sorri e devolve o telefone. O alívio toma conta de Lydia quando a cantoria começa, porque o clamor enche a van e não deixa espaço para pensamentos. Todas as jovens missionárias cantam, assim como Carlos, em voz alta e com alegria.

— Você devia tirar uma soneca — diz ela baixinho no ouvido de Luca quando se aproximam de Axaxacualco. Ele olha para a mãe sem piscar. — Está engarrafado. Durma um pouco aqui no chão. É confortável. — Lydia enfia a mão embaixo do banco e abre espaço entre duas das sacolas de pano maiores. Luca desce e se encolhe, fazendo uma mochila de travesseiro. Ele fecha os olhos, e o trânsito começa a ficar pesado, assim como a respiração de Lydia. As meninas cantam “Jesus, assuma a direção” mais alto. Carlos olha para Lydia pelo retrovisor. Pisca uma vez, porque é a única segurança que pode lhe oferecer. A fila de carros parou. A van deles é a segunda das três. Meredith dirige a da frente.

Na estrada, dois adolescentes carregam fuzis AR-15. Talvez seja justamente porque esse tipo de arma não é tão preciso nem tão atrativo quanto o onipresente AK-47 que Lydia acha aquilo ainda mais aterrorizante. É ridículo, ela sabe. Uma arma mata tanto quanto qualquer outra. Mas há algo de tão utilitário no elegante AR-15 preto que ele parece não precisar ser incomodado para já dar um show.

Às vezes, o cano de um desses fuzis entra na janela de um dos carros da fila, mas quase sempre fica do lado de fora, apontado para cima. Os garotos seguram suas armas com as duas mãos. Os motoristas não se assustam. Em geral os motoristas aceitam os egos inflados dos jovens e admitem aquela falsa arrogância porque, embora ninguém espere que eles saiam atirando, todos sabem que o único caminho para uma bravata genuína passa primeiro pela simulação. É apenas uma questão de tempo, e ninguém quer estar presente no dia em que esses meninos finalmente resolverem falar sério. Um a um, os motoristas enfiam com cautela a mão em suas carteiras, bolsas ou porta-luvas para pegar as *mordidas*. Entregam o dinheiro sem reclamar e com *bendiciones* verdadeiras, porque esses garotos poderiam ser qualquer um, poderiam ser irmãos, filhos ou netos dos motoristas. Com certeza, são de alguém.

Carlos anda e freia, anda e freia. Luca mantém os olhos fechados, e as missionárias cantam. Lydia reza pela improvável possibilidade de os garotos na estrada serem *autodefensas* não corrompidas.

As missionárias cantantes também estão performando a própria bravata, porque, ainda que o bloqueio seja emocionante para elas, ainda que seu pastor, na van de trás, tenha explicado que isso é comum naquela região e não há motivo para se preocupar, que aquilo é quase como passar por uma praça de pedágio, elas sabem que os operadores das cabines de pedágio em Indiana não carregam armas automáticas. Secretamente, nas câmaras ocultas e pecaminosas de seus corações, a maioria dessas meninas tinha desejado ver seu veículo ser parado em um bloqueio: a emoção exótica da experiência, a descarga de adrenalina, as histórias que teriam para contar quando voltassem para Indiana! No entanto, quando vieram da Cidade do México, elas foram dispensadas com um simples gesto. Uma decepção cheia de culpa. Ainda assim, agora que o momento de fato chegou, agora que podem ver os garotos na estrada, quase da mesma idade que elas e brandindo armas impensáveis, agora que seus inexperientes sistemas nervosos missionários inundam suas correntes sanguíneas com hormônios caóticos, todas as meninas de trancinhas estão morrendo de medo. Algumas desejam ter coragem de dar seus testemunhos aos meninos, de salvá-los ao falar de Jesus. Mas a maioria só quer ir para casa. Uma das jovens no banco da frente, a do iPhone, tenta puxar mais uma música, mas ninguém a acompanha, e o esforço se mostra inútil após as primeiras tentativas. Carlos baixa o vidro de sua janela.

A primeira van já está cercada. Lydia consegue ver a silhueta de Meredith no banco do motorista, conversando com o garoto que está na sua janela. Deve ser o responsável. Meredith aponta o dedo para as outras duas vans atrás, e os dois meninos se viram. Lydia fica petrificada. Não há como repararem nela ali, no banco traseiro de uma van com vidro escuro. O adolescente *jefe* ao lado da porta do motorista usa um boné azul liso sem nenhum emblema. Ele manda o colega investigar as outras vans. O jovem passa entre os para-choques dos veículos parados e se aproxima da janela de Carlos, enquanto o cano de seu AR-15 acompanha as linhas brancas pontilhadas da estrada. Lydia olha para Luca no chão do veículo e percebe que ele está de olhos bem abertos, quase do tamanho de colheres de sopa. Ela se mexe um pouquinho, cobrindo-o com as pernas.

— Para onde está indo? — pergunta o menino a Carlos, para ter certeza de que ele vai contar a mesma história de Meredith.

— Para o aeroporto da Cidade do México. Nossos visitantes voltam para casa hoje.

— *¿De dónde eres?* — pergunta para a menina sentada atrás de Carlos.

— Elas não falam bem espanhol — responde Carlos em espanhol. — São de Indiana.

O menino inclina um pouco a cabeça para olhar pela janela e examina as meninas sorridentes e caladas. Se ele for suscetível aos feromônios delas, está sendo bombardeado. Passa os olhos por Lydia e torce a boca.

— Quem é a mulher?

— Uma de nossas conselheiras.

— *¿Estadounidense también?* — O jovem tem um rosto bonito, cético.

— Não, ela é daqui. É uma das nossas.

— Por que está sentada lá atrás?

Lydia sabe que não deve olhar para Luca, mas ele é sua única âncora no mundo, e seus olhos querem procurá-lo. Ela consegue, porém, fixá-los no encosto do assento de Carlos.

— Uma das jovens estava enjoada. Ela foi para trás ajudar.

Lydia ergue a mão e a coloca com um gesto maternal, mecânico, entre as escápulas da missionária ao lado, a que trançou seu cabelo. Afaga as costas da menina, que se pergunta como Lydia consegue perceber que ela está assustada. Grata pela pequena demonstração de conforto, a menina abre um sorriso

lacrimoso. O adolescente na janela apoia uma das mãos na porta e se dirige diretamente a ela.

— *¿Cómo se llama, doña?*

— Mariana — mente Lydia.

— Ela ainda está doente, Mariana? — Ele aponta com o queixo para a jovem.

— Está um pouco melhor, eu acho — responde Lydia, ainda esfregando as costas da menina. — Não muito.

Mesmo sem ser de propósito, a menina dá veracidade à história quando empalidece. Inclina-se um pouco à frente, e Lydia pensa que talvez esteja mesmo com vontade de vomitar.

O garoto continua olhando, o AR-15 bem perto da janela, seus olhos examinando as linhas do rosto de Lydia. Inclina de novo a cabeça para dentro do carro.

— Só há meninas nesta van? Nenhum menino?

No chão, aos pés de Mami, Luca arregala os olhos e fecha bem a boca. Nem sequer respira. Tornou-se um especialista em se esconder, completamente imóvel dentro de seu corpo.

— Todos os meninos estão na van de trás — explica Carlos.

O garoto bate na janela com a palma da mão. Carlos lhe entrega um maço fino de notas, dizendo:

— *Ten cuidado, y que Dios te bendiga.*

O garoto assente, dobra as notas, coloca-as no bolso de trás da calça e passa pela janela de Lydia rumo à van de trás. Nesse momento, Lydia repara na tatuagem pequena e simples de um facão que ele tem atrás da orelha esquerda. Confirmado: esses são os meninos de Javier, Los Jardineros. Há um suspiro coletivo no interior da van, mas Lydia não acompanha o restante do grupo. Ela permite que seu olhar se dirija por um breve instante para o pequeno rosto de Luca, voltado para cima. Ele está de olhos fechados, e ela faz o mesmo, para um momento de alívio contido. Sente as pálpebras latejando.

— Todo mundo está bem? — pergunta Carlos em inglês, virando-se para olhar cada uma das meninas.

Elas respondem com risadinhas. Lydia balança a cabeça e coloca a mão de novo no colo. O menino parece levar uma eternidade para concluir a inspeção na terceira van. Ele acena quando passa de volta ao encontro do parceiro na frente da fila. Os dois soltam as armas apenas para jogá-las nas costas e arrastar

o grande tronco improvisado como portão. Abrem apenas o espaço necessário para permitir a passagem do comboio de vans missionárias.

Meia hora mais tarde, quando atravessam a *puente* Mezcala Solidaridad sobre o rio Balsas, as meninas ofegam e apontam suas câmeras para fora, na direção dos exuberantes desfiladeiros verdes. Quando Luca sai do seu ninho para se aconchegar sob o braço de Lydia, ela finalmente volta a respirar.

CAPÍTULO DEZ

Eles sobreviveram tempo suficiente para ver as ruas saturadas de sol e as cores sufocantes da Cidade do México. Não é pouca coisa. Estão agora a quatro dias e quatrocentos quilômetros a menos do seu destino. Mas Lydia sabe que é mais do que isso. Porque o anonimato da capital representa a frágil passagem para o futuro deles. A partir dali, ela pode ter alguma esperança; talvez seja possível desaparecer. Lydia concluiu que a opção menos angustiante é o avião. Alguma coisa parecida com superstição levou-a a adiar a escolha de um destino, mas ela pesquisou todas as cidades da fronteira norte e elaborou uma pequena lista das principais possibilidades. De oeste para leste: Tijuana, Mexicali, Nogales, Ciudad Juárez, Nuevo Laredo. Qualquer um desses aeroportos serve como uma porta de tela na varanda dos fundos, oculta e íntima. De qualquer uma dessas cidades é possível sentir o cheiro das tortas recém-saídas do forno nos peitoris das janelas de *el norte*.

Quando Carlos abre a porta traseira da van da igreja e as meninas de tranças e mochilas abarrotadas descem para o asfalto reluzente, Luca e Lydia vão atrás.

Ao lado da porta aberta, Carlos segura as mãos de Lydia e sussurra no seu ouvido:

— Sebastián continua com vocês. Sinto isso. Ele cuidará de você e do seu filho. Vocês ficarão bem.

Lydia inveja sua certeza. Eles se abraçam enquanto as missionárias de tranças e seus equivalentes masculinos das outras vans evitam o rosto scandalizado dos dois. Meredith para ao lado de Luca e, sem muito jeito, tenta arrumar a mochila às suas costas enquanto ele discretamente se esquia de sua ajuda. Quando Carlos solta a mão de Lydia, Meredith chega para abraçá-la também, mas o afeto que um dia existiu entre as duas, principalmente por causa da amizade entre os maridos, acabou. Ainda assim, a gratidão de Lydia é verdadeira. Ela olha nos olhos de Meredith.

— Sei como isto foi complicado para vocês. Assumir esse risco por nós. — Meredith nega, mas seu gesto não convence. — Sou muito grata, Meredith. Vocês provavelmente salvaram nossa vida. Obrigada.

— Que Deus esteja com vocês — responde Meredith, e logo a tagarelice ruidosa dos grupos de adolescentes comparando as histórias do bloqueio na estrada engole todas as outras conversas, e as duas mulheres sentem-se aliviadas por se separar.

As portas automáticas do terminal se escancaram com um ruído quando os primeiros missionários adolescentes se aproximam. Enquanto Carlos e Meredith se despedem do casal de pastores de Indiana, Lydia e Luca passam por baixo de um toldo em direção ao bonde que os levará ao terminal de voos domésticos.

Luca nunca andou de bonde. Ele tenta não demonstrar interesse, mas é surpreendente como aquela coisa vítrea desliza sem nenhum ruído e vomita sua gente na plataforma. Luca segura a mão da mãe e sai do caminho enquanto as pessoas passam apressadas com suas bagagens. Ele olha para os próprios pés ao atravessar o minúsculo espaço entre o fixo e o móvel. Mami puxa-o para dentro do bonde, sem encontrar nenhuma resistência. Eles estão no carro da frente, e então como Luca conseguiria não pressionar as mãos e a testa no vidro oval? Qualquer menino sentiria um friozinho na barriga vendo a pista passar sob seus pés numa velocidade cada vez maior e desaparecer. É como uma montanha-russa, deslizando em silêncio acima dos carros e ônibus que se entrecruzam, dos táxis e postes de iluminação, da pista salpicada de aviões à espera e dos caminhões com escada estranha na traseira. Um avião passa depressa diante deles, enorme, e Luca se afasta do vidro, maravilhado.

— Mami!

É a primeira palavra que ele diz em três dias, mas se arrepende ao ouvi-la, já que soa como uma felicidade simples e desleal. Mami sorri para ele, mas não é seu sorriso de sempre, e é inconfundível a diferença entre um sorriso forçado e uma alegria genuína. Então, por que ele não está destruído também? O que há de errado consigo, que não consegue ter um comportamento normal? Mami passa os dedos pelo topo de sua cabeça e o menino vira de novo o rosto para o vidro. Observa o bonde engolir a pista embaixo deles.

Dentro do terminal, o zumbido mecânico do ar-condicionado é como um bálsamo em meio a todos os outros ruídos: uma menina segura a mão da mãe e puxa pela coleira sua mala de rodinhas em forma de cachorro, um homem grita

no seu celular em uma língua gutural e desconhecida, uma mulher segue apressada com o toc-toc-toc de seus saltos enfurecidos. Há um cheiro de limão e gás fréon no ar. Eles vão até um pequeno quiosque onde há um monitor, e Luca observa a mãe clicar na tela por alguns minutos. Então pensa que não deveria estar de olho nela, mas nas outras pessoas, para ter certeza de que ninguém repara neles. Por isso se vira e vê que, de fato, ninguém presta atenção nos dois, exceto a menina com a mala de cachorro. Ela está parada na fila com a mãe, ou melhor, sentada na mala. Quando a mãe avança, ela empurra a mala com os pés para acompanhá-la. Luca gostaria de ter uma mala dessas.

— Não podemos reservar daqui. — Mami interrompe os pensamentos dele. — A máquina não permite a compra de passagens para o mesmo dia. Precisamos entrar na fila. — Mami pega a mochila que colocara sobre seus pés, e Luca a segue até a fila. Ele está feliz de ver mais de perto a mala de cachorro, que, como pode perceber, tem também rabo peludo e orelhas.

A menina vê que ele está admirando a mala e sorri. Ela tem mais ou menos a idade de Luca, talvez seja um ano mais nova.

— Pode fazer carinho nele, se quiser — diz ela. — Ele não morde.

Luca hesita e esconde o rosto atrás de Mami. Mas então, logo em seguida, estica a mão e toca de leve na ponta do rabo do cachorro. A menina ri e sua mãe a chama:

— Vamos, Naya.

Ela então acena e vai em frente, empurrando a mala com os tênis até o balcão da companhia aérea.

Luca e Mami são os próximos, e em pouco tempo estão diante de uma senhora com tailleur azul e um lenço de seda vermelha no pescoço. Seu rosto redondo está reproduzido em miniatura no crachá de plástico pendurado no pescoço. Ela sorri para Luca.

— Olá, garotão! Primeira vez que voa?

Luca olha para Mami, que assente, então ele assente também. Voar! Ele não consegue acreditar nisso. Ele nem tem certeza se quer mesmo voar, mas talvez queira, sim. É difícil saber.

— Estamos tirando alguns dias de férias — diz Mami à atendente.

As mãos da mulher estão sobre o teclado.

— Muito bem. Para onde vão?

— Pensei em Nuevo Laredo.

A mulher move as mãos no teclado com uma velocidade cômica. Não é possível que consiga realmente digitar tão depressa, Luca pensa. Deve estar fingindo. Ela franze a testa.

— Só há voos a partir de sexta-feira. Gostaria de embarcar hoje mesmo?

— Sim. — Mami apoia os cotovelos no balcão. — E para Ciudad Juárez?

Tec tec tec.

— Sim. Há um voo às quinze horas com escala em Guadalajara. Chega a Juárez às 19h04.

Mami morde o lábio.

— Não há voos diretos?

Tec tec.

— Há um sem escala amanhã às onze da manhã.

Mami balança a cabeça.

— Obrigada. Pode tentar Tijuana?

Dessa vez a mulher encobre o som da digitação com conversa. Ela nem olha para a tela ou para as mãos, que se mexem diante dela como dois animais velozes, independentes do seu corpo. Vira o rosto redondo para Mami.

— Cidade divertida. Já estive lá?

Mami faz que não.

— Eu já. Fui comissária de bordo antes de ter filhos. Fazia a rota de Tijuana, então de vez em quando precisávamos pernoitar. — Ela pisca para Luca. — Espero que você goste de festa!

Luca enfia as unhas nas palmas das mãos para evitar pensar em festas, e a mulher vira mais uma vez o rosto e os olhos redondos para a tela à sua frente.

— Há um voo direto para Tijuana às 15h27. Chega às 17h13. Eles estão duas horas atrás de nós no fuso horário.

— Perfeito — diz Mami. — Dois lugares?

— Claro. E quando querem voltar?

Mami baixa os olhos para seus tênis dourados no piso que lembra mármore. Luca não entende sua hesitação, não entende que ela está tentando executar um algoritmo de calamidade em sua mente. Lydia sabe que eles têm exatamente 226.243 pesos, porque os contou no chão do banheiro de Carlos, em Chilpancingo. Já gastaram mais de oito mil no hotel, nas compras e nas passagens de ônibus. Ela também tem a carteira da mãe, com um cartão que tem medo de usar. Abuela tinha uma poupança, e, seja qual for o valor guardado, será preciso usá-la. Terão que pagar um coioote quando chegarem à

fronteira, e, se tiverem sorte, restará uma pequena quantia para sustentá-los até ela pensar no que fazer depois. Não podem se dar ao luxo de jogar dinheiro fora em uma passagem aérea extra que não usarão. Mas também não podem contar para essa adorável moça, uma estranha, esse *halcón* potencial, que a viagem é só de ida. Luca aperta a mão de Mami.

— Pode ser na próxima semana.

— Muito bem — diz a mulher, animada, mas Luca receia que seu sorriso tenha saído um pouco esmaecido. — Podemos colocá-los em um voo de volta, vejamos, que tal às 12h55? Chega aqui às 18h28, voo direto.

— Perfeito. Qual é o preço?

A mulher ajeita o lenço vermelho enquanto rola a tela para baixo. Suas unhas são quadradas e pintadas da cor de concreto. Emitem um clique toda vez que ela bate na tela.

— Três mil seiscentos e dez pesos cada.

Mami assente, pega a mochila e a equilibra no joelho. Tira a carteira do bolso lateral enquanto a mulher continua digitando.

— Posso pagar em dinheiro?

— Sim, claro. Só preciso de um documento de identificação com foto.

Mami tinha separado seu dinheiro em vários lugares, mantendo cerca de dez mil pesos na carteira. Luca observa enquanto ela conta as notas para pagar as passagens, sete cor-de-rosa, duas laranja e uma azul. Ela empilha as notas no balcão e a mulher as recolhe para conferir. Mami abre de novo a carteira e retira seu título de eleitor, que faz um pequeno estalo quando encosta no balcão. A mulher deixa o dinheiro no teclado e pega o documento de Mami. Segura o título com uma das mãos e digita com a outra.

— Obrigada. — Devolve o cartão para Mami e olha para Luca. — E você? — Ela abre um sorriso brincalhão. — Trouxe seu título?

Luca faz que não com a cabeça. É óbvio que ele ainda não tem.

Ela volta sua atenção para Mami.

— Só preciso da certidão de nascimento ou outro documento para verificar a custódia legal.

— Do meu filho?

— Sim.

Mami balança a cabeça, e a pele ao redor de seus olhos começa a avermelhar. Luca acha que ela pode chorar.

— Não tenho. Não tenho nenhum.

— Ah. — A mulher junta as mãos e endireita as costas. — Sinto muito, mas ele não pode embarcar sem documento.

— A senhora não pode abrir uma exceção? Claro que ele é meu filho.

Luca assente.

— Sinto muito. Não é uma política nossa, é a lei. Isso vale para todas as companhias aéreas.

Ela refaz a pilha de dinheiro colorido e a devolve, mas Mami não aceita, deixando as notas no balcão.

— Por favor — implora Mami, baixando a voz e inclinando o corpo. — Por favor, estamos desesperados. Precisamos sair da cidade. Este é o único modo, por favor.

— Senhora, sinto muito. Gostaria de poder ajudá-los. É preciso ir à Oficina Central del Registro Civil e pedir uma cópia da certidão de nascimento, ou ele não poderá viajar. Não há nada que eu possa fazer. Mesmo que eu vendesse a passagem, vocês não passariam pela segurança.

Mami pega o dinheiro com raiva e o enfia no bolso de trás da calça com a identidade. Seu rosto continua a mudar de cor, e agora parece esbranquiçado, desbotado.

— Sinto muito — repete a mulher, mas Mami já se virou para ir embora.

Luca a segue sem perguntar para onde vão, e logo eles estão no metrô. Quando saem na estação Isabel la Católica, os sentimentos conflitantes de Luca apenas se intensificam, porque estar na Cidade do México é uma verdadeira aventura. Tudo é diferente de Acapulco, e Luca tem dificuldade em absorver tanta cor: as bandeiras agitadas, os vendedores de frutas, os prédios coloniais barrocos convivendo lado a lado com seus vizinhos modernos. A música transborda das varandas de ferro forjado, vendedores anunciam aos gritos suas fileiras de refrescos coloridos e, por toda parte, há arte, arte, arte. Murais, pinturas, esculturas, grafites. Em uma esquina, uma estátua alta e colorida de Jesus — é assim que Luca enxerga, porque é pequena para uma estátua, mas muito alta para um humano adulto — está com uma dobra de sua túnica verde brilhante caída sobre o braço. Sob esse verdadeiro ataque sensorial, Luca consegue enterrar sua culpa por um momento. Sua boca fica levemente aberta ao caminhar ao lado de Mami, absorvendo a paisagem.

Em uma banca, Mami compra *tamales* e um saco de pepinos cortados. São quase duas horas, e Luca está faminto, então eles se sentam sob um guarda-sol para comer. Ele pensa em como é estranho que algumas coisas não tenham

mudado. Os pepinos salgados têm o mesmo sabor de antes de todos morrerem. Os nós de seus dedos não mudaram. Suas unhas. A largura dos ombros de Mami. Ele mastiga sem falar. Quando terminam o almoço, Mami o leva a um prédio quadrado, de concreto, com uma estátua de dançarinas nuas na frente, onde o homem atrás do balcão lhes diz que para conseguir uma cópia da certidão de nascimento de Luca eles precisam ir ao cartório de registro no estado em que ele nasceu.

— Ele nasceu na Cidade do México?

— Não.

— No estado do México?

— Não, em Guerrero.

— Então não posso ajudá-la.

Há um sanduíche ao seu lado, no balcão, e o sujeito parece ansioso para continuar a comê-lo.

Do lado de fora, na calçada, Luca e Mami fazem uma pequena pausa para ela poder pensar. Agacham-se juntos na sombra do prédio quadrado, encostados na parede, e, alguns instantes depois, Mami se levanta.

— Está tudo bem. — Seu rosto já com o tom normal e suas mãos firmes. Ela cerra os punhos. — Está tudo bem — repete.

Em seguida, caminham alguns quarteirões até um imenso prédio de pedras que devem um dia ter sido brancas, mas que tinham perdido a cor devido ao tempo, ao clima e à poluição. Há uma gigantesca porta arqueada, de madeira, cravejada de enormes botões dourados. Luca ergue os olhos e se sente quase assustado com o tamanho, dez vezes maior que ele. Mas Mami o segura pela mão e, juntos, passam por baixo das flores roxas luminosas dos jacarandás. Passam por uma porta menor dentro da porta gigantesca e entram no frescor do silêncio interno.

É a Biblioteca Miguel Lerdo de Tejada. Ainda que seja especializada em economia, é tão absurdamente linda que tinha se tornado o lugar preferido de Lydia na época em que estudava literatura e inglês na faculdade. É também o lugar onde ela e Sebastián se conheceram, um pensando que o outro era estudante de economia. Conforme foram ficando mais íntimos, brincavam que ambos estavam procurando um parceiro economicamente mais confiável, mas acabaram se conhecendo.

Com exceção dos novos computadores instalados nas mesas ao longo da parede dos fundos, a sala principal da biblioteca continua a mesma da

lembrança de Lydia. O pé-direito não é tão alto quanto o de uma catedral, o espaço cavernoso está saturado da luz natural e as paredes são completamente cobertas pelos murais coloridos de Vlady. Sebastián tinha certa vez avisado Lydia que ela seria reprovada nos exames se continuasse estudando ali; ela passava a maior parte do tempo vidrada naquelas paredes. Durante muito tempo sonhou em levar Luca para conhecer aquele lugar surpreendente, mas nunca imaginou que seria dessa forma. Sempre pensou que lhe contaria muitas histórias, mas agora que estão ali, com o peso brutal de sua partida da realidade, ela não consegue trazer as lembranças aos lábios: Sebastián levando lanches contrabandeados enquanto ela estudava para as provas finais. Sebastián fazendo-a rir tanto que o bibliotecário chegou a pedir que eles se retirassem. Sebastián enfurnado naquela saleta de estudos logo adiante, lutando para atravessar *O labirinto da solidão*, apenas porque sabia que era o livro preferido do pai dela, e queria ter acesso a algumas das mesmas coisas que o sogro, para conhecê-lo melhor.

O luto de Lydia pelo pai fora enorme! É terrível para ela pensar nisso, em como a perda do pai havia moldado aquela fase de sua vida. Agora há mais dezesseis perdas. Quando lembra, sente-se tão frágil quanto um pedaço de renda, definida não tanto pelo material, mas sobretudo pelas formas que não estão ali. Não consegue imaginar como essa perda moldará Luca. Eles precisam organizar uma cerimônia fúnebre tão logo estejam em segurança. Luca precisa de um ritual, de um método para depositar sua dor em algo que ele possa controlar. A lembrança a envolve, mas ela logo volta ao seu mantra: *Não pense, não pense, não pense*. Observa o filho absorver a magnitude do lugar, como ele joga a cabeça para trás e percorre com os olhos todas as superfícies, como ele tenta afugentar do rosto um sorriso accidental.

— Está tudo bem, *hijo*, vá dar uma olhada.

Mas Luca segura com ainda mais firmeza a mão da mãe.

— Tudo bem, vamos nos sentar, então.

Ela o conduz até uma mesa de computador vazia e eles se sentam.

A primeira vez que a ideia lhe ocorreu, quando estava agachada à sombra do prédio da Oficina Central del Registro Civil, foi pensando em uma camuflagem: eles poderiam se disfarçar de migrantes. Mas agora, sentada nesta biblioteca silenciosa com o filho e as mochilas abarrotadas, Lydia entende, numa fração de segundo, que não se trata de um disfarce. Ela e Luca são de fato migrantes. E essa constatação simples, entre todas as outras novas

realidades severas de sua vida, lhe tira o ar. Durante toda a vida ela se compadeceu dessas pobres pessoas. Doou dinheiro. Imaginava, com o fascínio distanciado da elite acomodada, como deviam ser terríveis suas condições de vida, de onde quer que viessem, e se espantava que pudesse ser ainda pior do que aquilo. Que essas pessoas preferissem abandonar casa, cultura, família e até mesmo idioma para se aventurar em tamanho perigo, arriscando a própria vida, tudo pela chance de realizar o sonho de chegar a um país distante onde nem mesmo eram bem-vindas.

Lydia recosta-se na cadeira e observa seu menino, que não tira os olhos de uma figura fúcsia reclinada na parede acima de sua cabeça. *Migrante*. Não consegue descrevê-lo assim. Mas é isso que eles são agora. Essa é a realidade. Eles não são os primeiros a ir embora... Acapulco está se esvaziando. Quantos de seus vizinhos fugiram no último ano? Quantos desapareceram? Depois de tantos anos vendo isso acontecer em outro lugar, de sentir por essas pessoas uma compaixão remota, de balançar a cabeça enquanto o fluxo de migrantes passava a distância, do sul para o norte. Acapulco juntou-se à procissão, ela percebe. Ninguém consegue ficar em um lugar brutal e manchado de sangue.

Lydia desvia os olhos de Luca e se concentra na tela à frente. Sua busca nasce agora de um desespero verdadeiro. Não lhes restam opções. Ela abre o navegador e encontra a rota que deixa o trem La Bestia mais perto da Cidade do México. Tira os fones de ouvido do suporte ao lado do computador e os conecta. Verifica primeiro o YouTube e acha tudo horrível. Muito mais horrível do que poderia imaginar. Mas é melhor saber, estar preparada. Ela se concentra, e ignora sua respiração acelerando e sua pulsação disparando enquanto absorve as histórias.

Todas as maneiras possíveis de morrer no La Bestia são terríveis: esmagado entre dois vagões em movimento quando o trem fizer uma curva; sugado para os trilhos ao pegar no sono e acabar caindo; pernas decepadas. (Quando isso acontece, se o migrante não morrer na hora, em geral sangra até a morte em um canto remoto dos campos de um fazendeiro antes de ser encontrado.) E há, por fim, a onipresença da violência humana comum: espancamento, facada ou tiro. Roubo é praticamente certo. Sequestros em massa para obter resgate são corriqueiros. Com frequência os sequestradores torturam suas vítimas para ajudar a persuadir as famílias a pagar. Nos trens, um uniforme raramente representa o que deveria. Metade das pessoas que finge ser migrante, coiote, engenheiro ferroviário, policial ou *la migra* trabalha no cartel. Todo mundo

está envolvido. Aqui está um guatemalteco de vinte e dois anos que perdeu as duas pernas três dias antes da entrevista. Falta-lhe um dente da frente também. Ele conta: “Alguém me disse, antes de pegarmos o trem, que se eu caísse, se visse uma perna ou um braço sendo sugado, eu teria uma fração de segundo para decidir se deveria ou não colocar a cabeça junto.” O jovem pisca para a câmera. “Fiz a escolha errada”, conclui.

Depois de bater a cota de histórias de terror, Lydia inclina a cabeça por um momento para avaliar seu estado de espírito. Porque, apesar de tudo que acabou de ver, ela também sabe que, como todas as empresas ilícitas no México, o La Bestia é controlado pelos cartéis. Ou melhor, por um cartel específico, a mãe de todos os outros, uma organização tão assustadora que as pessoas nem pronunciam seu nome, e, naquele momento, esse é o fator-chave para Lydia. Porque não é Los Jardineros. Ela sabe, pela pesquisa de Sebastián, que a influência de Javier agora vai muito além das fronteiras de Guerrero, que ele estabeleceu alianças com cartéis que se estendem por todo o México. Que ele controla *plazas* distantes como Coahuila, ao longo da fronteira com o Texas. Mas, se esse alcance se estender ao La Bestia, ela sabe que lá ele deve ser restrito. Javier não é o *jefe* nos trens. Sua escolha, portanto, é entre fugir de um monstro para entrar no covil de outro.

Meio milhão de pessoas sobrevive a essa viagem todos os anos, ela diz a si mesma. *Isso garantirá o nosso anonimato*. Ninguém estará à procura deles no La Bestia. Javier jamais a imaginaria viajando nessas condições; ela mesma mal consegue imaginar. Então, talvez ela e Luca tenham tantas chances quanto qualquer um de sobreviver à besta. Na verdade, é provável que suas chances sejam até maiores, porque eles têm os recursos necessários para se preparar para a viagem e já provaram ser sobreviventes. Dessa forma, tudo se resume ao seguinte: seus medos do La Bestia, do risco de violência, sequestro e morte, são todos hipotéticos. Nenhum deles se compara ao medo enregelante que ela agora tem de Javier, à lembrança do boxe de azulejos verdes da mãe, daquele *sicario* comendo as coxinhas de frango de Sebastián enquanto caminhava entre os cadáveres de sua família.

Lydia decide que seu plano, embora assustador, é viável. Abre uma nova página no navegador para pesquisar a rota com cuidado. Na Cidade do México, parece que os migrantes se reúnem em Lechería, dentro dos limites da expansão norte da cidade. De lá, a linha segue por cento e sessenta quilômetros para o norte antes de se dividir em três direções distintas. Há um trem para

Lechería não muito longe dali, em Buenavista. Lydia sente o estômago se contorcer.

— Isso é loucura!

Luca vira-se depressa para a mãe, mas não diz nada. Ela pendura de novo os fones de ouvido no gancho ao lado do computador e se levanta para pegar suas coisas.

— Não. — Ela coloca a mochila nos ombros e faz um gesto chamando Luca. — Não.

Porque Lydia, a sensata proprietária de uma livraria, a ótima mãe e esposa, a Lydia da semana passada, está brigando com essa nova Lydia, a perturbada, a que pensa que arrastar o filho de oito anos para o alto de um trem de carga em movimento é uma boa ideia. Nenhuma das duas Lydias tem um plano melhor.

— Não — repete uma última vez.

E logo estão de novo do lado de fora, sob o sol inclemente, sem nada mais a fazer.

No mercado de La Ciudadela, Lydia compra um cobertor e quatro cintos de lona. E eles vão embora, determinados a encontrar o trem para Lechería.

CAPÍTULO ONZE

A estação de trem fica na extremidade de um amplo centro comercial que abriga uma loja de maquiagem, um fast-food chinês chamado Panda Express e até um ringue de patinação. A rua da frente está abarrotada de ônibus vermelhos e táxis cor-de-rosa. Os atendentes e lojistas se vestem de forma mais elegante do que em geral se vê em Acapulco. Todos usam tênis limpos. Na vitrine de uma livraria, Lydia faz uma rápida pausa para contemplar os livros expostos em uma fileira em arco-íris: os novos lançamentos, alguns dos quais à mostra na vitrine de sua própria livraria. Ela pensa no motorista que costuma fazer suas entregas parando do lado de fora da loja, protegendo os olhos com as mãos enquanto olha para dentro através da grade e do vidro escurecido. Pensa nas duas funcionárias de meio período: Kiki, uma pessoa em que não se pode confiar para repor os livros das prateleiras porque sempre interrompe o trabalho para ler qualquer exemplar que caia nas suas mãos; e Gloria, que nunca leu um livro adulto na vida, mas tem um ótimo faro para literatura infantil, além de ser uma funcionária zelosa. Lydia se pergunta como as duas vão se virar agora, sem a remuneração da livraria, tão importante para o sustento de suas famílias. Pensa no depósito acumulando poeira, nas encomendas não entregues. Quando se afasta da vitrine da livraria, sua mão deixa uma marca no vidro.

Lydia e Luca têm que esperar na fila do Banamex no terceiro piso, e, perto deles, uma moça está vendendo cartões-postais estocados em uma grande bolsa de lona. O Zócalo ao pôr do sol, o Palacio de Bellas Artes iluminado como no Natal. Lydia pensa em comprar um cartão e enviar para Javier. O que escreveria? Apelaria para sua humanidade abandonada, agradeceria suas estranhas condolências, suplicaria pela vida dela e do filho? Faria alguma tentativa vã de ressaltar seu ódio e seu luto? Por mais que Lydia ame as palavras, sabe que às vezes elas são completamente inúteis.

No fundo da mochila está a bolsa de sua mãe, dobrada cuidadosamente em um compartimento que ela não abrira desde que saíram de Acapulco. Dentro da bolsa, enfiado em uma fenda de sua carteira, está o cartão da mãe. Lydia sabe a senha, porque ajudou Abuela a escolher os números e a ensinou a usar o cartão. A bolsinha marrom é a que a mãe usou a vida inteira, pelo menos até onde Lydia se lembra. O couro grosso era rígido quando Lydia era mais nova, mas foi amolecendo com os anos. O fecho quebrara havia muito tempo; dessa forma, a única coisa para evitar que os objetos caiam da carteira é a aba dobrada sobre a abertura. Lydia não faz qualquer pausa para recordar. Apóia a mochila contra o vidro e abre a bolsa da mãe. Luca não olha. Ele está parado ao lado dela, cutucando o canto de um grande adesivo afixado no vidro anunciando empréstimos a juros baixos. Há não muito tempo, Lydia teria censurado esse comportamento, teria dito ao filho que alguém gastara dinheiro para pôr aquele adesivo e não cabia a ele descolá-lo da vidraça. Agora, não. Ela observa o interior da bolsa. Há um odor específico, na verdade um aglomerado de odores, que a envolve, mesmo ali, entre um McDonald's e uma creperia. O aroma imediatamente evoca recordações às quais Lydia se recusa a ceder. Cheiro de couro velho, lenço de papel (tanto usado quanto não usado) e do chiclete de canela que a mãe sempre compra, além das balas de alcaçuz de que ela gosta, enroladas em um saquinho de papel branco, de um tubinho de hidratante para as mãos com extrato de damasco e do seu pó compacto, com aroma de bebê, tudo combinado em um odor íntimo e inequívoco da infância de Lydia. *Mamá.*

Luca também sente o cheiro. Ele articula o nome dela, sem emitir qualquer som e sem desviar o rosto do vidro.

— Abuela.

Então retoma seu ataque ao adesivo.

Lydia respira pela boca. Quando chega a vez deles, vê-se diante do caixa eletrônico com os detritos de sua vida se esparramando para fora da mochila em torno de seus pés. Uma mulher jovem no caixa vizinho toma o cuidado de não olhar para mãe e filho. Lydia fica constrangida com a cautela da mulher. Além de querer se proteger de suas recordações, Lydia também está apavorada. Ela teme que essa única transação eletrônica vá disparar uma faísca que denuncie sua localização. Sua mão treme quando ela introduz o cartão da mãe e digita a senha. O caixa eletrônico solta um bip alto e cospe o cartão de volta.

— *¡Me lleva la chingada!* — xinga ela. Luca se vira para a mãe. — Está tudo bem — mente.

Insera o cartão mais uma vez. Toma um cuidado maior agora, observa o modo como seus dedos tremem ao digitar a senha, que sabe de cor. É o aniversário de Luca. Não tem erro.

Deu certo. *Gracias a Dios.*

É incomum em uma cultura onde filhos adultos cuidam dos pais idosos que a mãe de Lydia chegasse a ter uma poupança. Na realidade, ter um cartão de débito tornava Abuela um tipo de anomalia em relação a pessoas da idade dela, mesmo em uma economia urbana robusta como a de Acapulco, mesmo na sólida e crescente classe média mexicana. Porém, na verdade, a mãe de Lydia sempre foi uma espécie de anomalia. Ela sempre fez as coisas em um ritmo distinto ao de sua geração. Recusara os primeiros dois rapazes que pediram sua mão em casamento, por exemplo. E, para grande consternação da mãe, quando finalmente se dignou a se casar, aos vinte e quatro anos, já não mais na flor da juventude, não largou imediatamente o emprego de guarda-livros em um hospital da região; pelo contrário, voltou à escola para continuar os estudos. Estava casada havia três anos quando recebeu a licença de contadora pública, e conseguiu um emprego na prefeitura. Seus pais e conhecidos às vezes levantavam as sobrancelhas diante das escolhas de Abuela, mas o pai de Lydia adorava ser casado com uma pioneira, mesmo após o nascimento das duas filhas, quando ele teve que trocar mais fraldas do que o previsto. Assim, Lydia cresceu com uma mãe que enfatizava a importância de se manter independente e poupar para o futuro. Uma mãe que havia lhe emprestado dinheiro para abrir a livraria. Apesar da gratidão, Lydia nunca imaginara que a excentricidade da mãe um dia pudesse salvar sua vida.

O número salta na tela à sua frente, e é mais dinheiro do que ela ousara imaginar: 212.871 pesos; mais de dez mil dólares. Lydia solta um suspiro mínimo, que poderia ser apenas de alívio, mas parece de alegria. É muito dinheiro. As mulheres do clube de jardinagem de Abuela ficariam escandalizadas com a quantia. Lydia retira o cartão e o coloca na bolsa da mãe sem fazer qualquer saque. É mais seguro deixar a quantia no banco até que seja necessário. Se dinheiro pudesse resolver todos os seus problemas, Lydia e Luca estariam salvos. No entanto, não há como pagar para conseguirem sair da capital, e agora, com essa única transação bancária, ela sabe que pode ter adicionado um ponto ao mapa de Javier. Ela sabe que a imensidão da Cidade

do México traria uma única oportunidade de fazer essa transação sem revelar sua localização imediatamente, mas, agora que isso foi feito, eles precisam seguir em frente. Compram tacos na praça de alimentação, e Luca pede uma porção extra de creme azedo, o que Lydia considera extremamente reconfortante. Os dois comem no trem das 18h32 com destino a Lechería.

* * *

Ainda está claro do lado de fora, com longas sombras reclinadas sobre as ruas, na hora em que Luca e Mami chegam ao endereço que ela descobriu na biblioteca. Entretanto, as portas da Casa del Migrante estão trancadas, e eles veem pelas janelas que as luzes estão apagadas lá dentro. Mami encosta o rosto contra a vidraça e coloca as mãos acima dos olhos para enxergar, e Luca faz o mesmo. Ele não consegue ver nada no interior. Uma mulher passa na calçada, puxando um carrinho de metal cheio de compras.

— *Está cerrado* — diz a mulher.

— Fechado? — Mami se vira para fitá-la. — O expediente já se encerrou?

— Não, fechou de vez. Alguns meses atrás. Os vizinhos reclamaram. Trazia problemas demais para a vizinhança. Veja isso aqui.

A senhora afasta o carrinho e abre a caixa de correio pendurada ao lado da porta. Puxa um panfleto e entrega para Lydia.

— Amigo migrante — Lydia lê em voz alta. — Os moradores de Lechería o convidam para continuar sua jornada até a Casa del Migrante em seu novo endereço, em Huehuetoca. — Lydia bufa. — Que gentil da parte deles.

A senhora joga as mãos para cima.

— Não é culpa dos migrantes, coitados, mas aonde quer que vocês forem, os problemas vão atrás — comenta, pegando o carrinho e o inclinando sobre as rodinhas.

— Mas espere — diz Lydia. — Onde fica Huehuetoca?

A mulher começa a andar.

— Para o norte — diz, acenando sem olhar para trás.

Lydia fita Luca, que se limita a dar de ombros. Ele podia contar à mãe que Huehuetoca fica a cerca de vinte e sete quilômetros dali, porque viu no mapa quando Mami estava procurando Lechería no computador da biblioteca, mas sua língua perdeu a capacidade de formular as palavras *Mami, é longe demais*

para ir a pé de noite. Então, ele segue a mãe, e os dois percorrem três quarteirões na direção contrária, de volta para a estação de trem e o sol poente, antes que ela repare em um grupo de homens com mochilas e bonés. Luca percebe que a ansiedade da mãe aumenta na mesma medida em que suas sombras. Logo estará escuro. Os homens se viram para fitá-los conforme os dois se aproximam, e imediatamente cumprimentam Mami.

— *Saludos, señora. ¿Cómo va?*

— Bem, obrigada. Podem me dizer como chegar a Huehuetoca? — pergunta ela. — Acabamos de encontrar uma mensagem avisando que o abrigo para migrantes fechou.

— Fechou, sim. É uma longa caminhada até o novo endereço, senhora — responde o homem mais jovem. Seu hálito exala algo azedo.

— Qual é a distância?

— Um bocado. Daqui deve dar uns vinte quilômetros.

— Nossa!

Todos os homens concordam. Um deles, com um palito na boca, está encostado em uma mureta.

— Tem ônibus para lá?

— Ônibus, não, mas a senhora pode pegar o trem aqui até o fim da linha em Cuautitlán. Aí fica um pouco mais perto. E de lá dá para ir a pé, talvez umas quatro, cinco horas de caminhada.

Só o mais jovem fala. Os outros dois homens assistem à conversa como se fosse um jogo de tênis. Luca observa os demais acompanhando a partida de tênis.

— É muito longe para ir de noite — diz Mami.

— A senhora pode acampar conosco. — O homem dá um sorriso afetado. — Vá amanhã de manhã. — Ele mexe o corpo de um jeito meio bobo, e a oferta parece abrupta e duvidosa. Luca se coloca entre os homens e a mãe, não porque queira bancar o mártir, mas por já ter reparado que, de vez em quando, a presença de uma criança serve para inibir o mau comportamento das pessoas. Ele pega a mão de Mami, e os dois vão embora.

Novamente na estação de Lechería, tomam o trem na direção norte para o fim da linha em Cuautitlán, onde Mami paga bem caro por um quarto de hotel vagabundo. Ela diz a Luca que será o último pernoite deles em um hotel durante muito tempo.

Ela acorda o filho à primeira luz do dia, e os dois partem para Huehuetoca, não necessariamente porque precisam encontrar o abrigo dos migrantes, mas porque precisam encontrar os migrantes.

Cuautitlán é a estação terminal da linha suburbana, mas a estrada de ferro continua rumo ao norte. Uma nova cerca caríssima separa a rua dos trilhos; faz parte do Programa Frontera Sur do governo mexicano, financiado principalmente pelos Estados Unidos, com o objetivo de evitar que os migrantes usem o trem. Os migrantes não podem saltar para cima dos vagões nesse ponto porque a cerca os mantém longe, mas um quilômetro e meio a norte da estação a barreira é bruscamente interrompida. Então, Luca e Lydia caminham pelo estreito acostamento gramado, ao lado dos trilhos.

Luca não entende por que precisam ir a pé. Ele sabe que a mãe tem dinheiro para comprar as passagens. Gostaria de lhe perguntar sobre isso, mas ele continua sem voz. Ele pula de dormente em dormente no lado externo da via, e Lydia observa por cima dos ombros para verificar se não há algum trem se aproximando. Luca ainda guarda a passagem da noite anterior no bolso — a que compraram para ir de Lechería a Cuautitlán. Mami lhe confiou a responsabilidade de tomar conta da própria passagem, mesmo sendo necessário passá-la na máquina duas vezes — ao subir no trem e ao sair. Ele vasculha o bolso e tira o bilhete. Puxa a manga de Mami, e ela se vira para fitá-lo. Ele mostra a passagem para a mãe, que entende o que o filho quer saber, porque ela entende tudo.

— Não dá para comprar passagens para esses trens — explica ela. — Aquela era a última estação.

Luca franze a testa e surge uma pequena ruga. Inclina a cabeça para cima e semicerra os olhos. Ele está vendo os trilhos. Faz um gesto com os dedos caminhando no ar, tracejando as linhas de trem que vê no mapa de sua memória.

— Esses trilhos embaixo dos seus pés continuam indefinidamente — confirma Mami. — Direto para *el norte*.

O olhar de Luca avança e ele quase consegue sentir os trilhos, seguindo quilômetros adiante, estendendo-se entre os céus do dia e da noite, diretamente até o Texas. Por que não podem comprar as passagens?

— Os trens que vão para o norte a partir daqui só levam carga — explica Mami. — Não transportam pessoas.

Com esforço, Luca consegue emitir duas pequenas palavras:

— Por quê?

— Não sei, *amorcito* — responde Lydia, balançando a cabeça.

Parece uma pergunta muito simples. *Por quê?* Antes não havia trens de passageiros no México, junto com os trens de carga? Lydia tem uma vaga lembrança da infância: trens transportando mais do que apenas carga ao longo das paisagens. Lembra-se de gente parada nas plataformas carregando malas, do som alegre do apito de uma locomotiva. Porém, as ferrovias deixaram de transportar passageiros há muito tempo, e Lydia vasculha suas tênues recordações, mas em vão. Ela não se lembra por quê; de qualquer modo, não faz diferença.

Ao seu lado, Luca continua a pular de um dormente ao outro. Ele observa a ponta do seu tênis azul pressionada contra a madeira. Às vezes, pergunta *por que* apenas no automático, Lydia percebe. Ele não se importa de verdade que ela não saiba a resposta, contanto que lhe diga alguma coisa, pelo menos.

— Ainda assim, algumas pessoas embarcam nos trens — diz ela, olhando de soslaio para o filho. — Mesmo sem passagem, mesmo sem ter onde se sentar.

Luca ergue o olhar e examina o rosto da mãe. Não fala nada, mas fica com os olhos bem abertos.

— As pessoas sobem no teto do trem — diz ela. — Dá para imaginar?

Luca não consegue.

Lydia se sente encorajada pelo progresso dos dois. É uma sensação boa aumentar a distância entre eles e Javier, mas também é assustador se aventurar para longe da vastidão da Cidade do México e voltar aos distritos mais simples, onde Lydia pode sentir a névoa urbana da invisibilidade começar a se dissipar. É difícil se entregar à sensação de anonimato quando se é um estranho em uma cidade pequena. Por isso, ela mantém a cabeça baixa e permanece atenta. Eles andam rápido, e Luca não reclama, mesmo quando passam por uma pequena oficina de bicicletas e ele fica com vontade de agarrar o guidão de uma que está encostada na parede. Porém, continuam a caminhar e, menos de uma hora depois, acabam topando com um grupo de mais de vinte jovens migrantes ao lado da linha férrea. São todos homens, aglomerados em uma clareira atrás de um depósito, justo onde a expansão urbana diminui e a paisagem rural começa a surgir aqui e ali. Um lugar entre lugares.

A maior parte dos migrantes carrega uma mochila e tem uma expressão carrancuda. Eles já percorreram milhares de quilômetros em suas jornadas, tendo saído há semanas de Tegucigalpa, ou San Salvador, ou das montanhas da

Guatemala. São oriundos de cidades ou aldeias ou de *el campo*. Alguns falam quiché ou ixil ou mam ou nauatle. Luca gosta de ouvir os sons estrangeiros, os sotaques e cadências das palavras que não compreende. Gosta de como as vozes soam iguais em qualquer idioma, do modo como, ao treinarmos o ouvido para escutar só o desenrolar das palavras, só as nuances de modulações, podemos conectar nossos próprios significados aos sons. Muitos homens também falam inglês. Mas ali, enquanto esperam o trem em direção ao norte nas cercanias da Cidade do México, todos se comunicam em espanhol. A maioria é católica e colocou a própria vida nas mãos de Deus; muitos clamam por ele com frequência e convicção. Invocam as bênçãos de seu filho e de todos os santos. Já se passaram dois dias desde o último trem, e os homens estão cada vez mais cansados de esperar.

Perto dali, uma mulher vende comida em uma carrocinha. Ela tira *tortillas* de um balde e as recheia com o feijão de um segundo balde. Serve sem sorrir nem falar. Luca e Mami compram o café da manhã e procuram um lugar à sombra: um espaço sem grama no chão, embaixo de uma árvore. Mami estica a manta colorida que comprou em La Ciudadela após deixarem a biblioteca, e os dois se sentam. Perto deles, dois homens jovens estão descansando com a cabeça nas mochilas. Um deles se apoia no cotovelo de frente para Lydia e Luca.

— *Buen día, hermana, y que Dios la bendiga en su camino.*

— Obrigada — diz Lydia. — E que Deus também abençoe você em suas viagens.

O jovem volta a descansar a cabeça na mochila enquanto Luca e Mami comem.

— Vocês parecem ter acabado de começar a viagem — comenta ele. — Estão cheios de energia. Meu irmão e eu já estamos viajando há quatorze dias.

— E de onde saíram? — pergunta ela.

— Honduras. Meu nome é Nando.

— Olá, Nando — diz Lydia, sem revelar o próprio nome. Ele também não pergunta. — Nando, posso fazer uma pergunta? — O rapaz se apoia de novo sobre o cotovelo. — Onde está todo mundo?

— Ahn?

— Onde estão todos os migrantes? Achei que encontraria muita gente aqui, aguardando os trens.

— Bom, com o fechamento do abrigo para migrantes em Lechería, e agora com as cercas, acho que pouca gente continua passando aqui. É por isso que só os mais jovens vêm para cá agora, *hermana* — responde ele. — Os atletas.

— *¡Los olímpicos!* — complementa o irmão do rapaz, sem levantar a cabeça ou abrir os olhos.

O irmão é magro, exceto por uma barriguinha proeminente, e Luca acha que o rapaz nem de longe se parece com um atleta olímpico. O chapéu do hondurenho protege seu rosto contra o sol.

— Sério? A cerca impede a presença das pessoas? — pergunta Lydia. Parece um obstáculo bem improvável.

— Não apenas essa cerca — responde Nando. — Mas todas as cercas em todas as estações de trem.

— Tem cerca para todo lado?

O homem dá de ombros.

— Em quase todos os lugares, pelo menos no sul.

— E todas essas cercas caras só foram levantadas para evitar que as pessoas subam nos trens?

— É, supostamente servem para nossa própria segurança — responde ele. — Mas, veja, só colocaram as cercas onde os trens param. — Ele aponta para os trilhos, para a direção de onde vieram, e Lydia se recorda do local onde as grades de metal desapareceram e a via férrea se abriu. Havia veículos de *la migra* lá, observando o tráfego de pedestres. — Na hora em que o trem chega aqui, ele já está ganhando velocidade. Então, você tem que pular no trem em movimento.

Luca solta um suspiro, fazendo com que tanto Lydia quanto Nando olhem para ele; mas o garoto volta a se concentrar na *tortilla*.

— Não viu os cartazes do governo grudados nas cercas? *Segurança em primeiro lugar!* — Nando ri. — Vai pular em um trem em movimento, *hermana?*

— Talvez não. — Lydia franze a testa. — Talvez sim.

O homem estica as pernas e as cruza, fitando Luca.

— E você, *chiquito?* Vai pular em cima de La Bestia? Como um vaqueiro montando em um touro no rodeio?

Luca nunca viu um rodeio, e nem tem certeza se já chegou a ver um vaqueiro de verdade. Ele dá de ombros.

— Então é isso? Eles levantam umas cercas, e do nada as pessoas deixam de vir?

— Quem disse que elas deixam de vir? Do meu país, vem mais gente do que nunca, e o número aumenta mais a cada ano.

— Mas, se essas pessoas não estão no trem, cadê elas?

— A maioria agora vai atrás dos coiotes. Pulando de um abrigo para outro. Uma rede inteira de abrigos, direto para *el norte*. Mas é caro, e os coiotes podem ser tão ruins quanto *los criminales*. Então, quando a pessoa não pode pagar pela travessia ou não confia nos coiotes, ela vem para cá pegar La Bestia.

— E quando as pessoas chegam aqui e descobrem a cerca? O que elas fazem se não conseguirem subir no trem?

Nando arranca uma folha de grama seca e a deixa pendurada no canto da boca.

— *Ay, hermanita mía...* Elas vão a pé.

Lydia duvida daquilo.

— Elas fazem o caminho todo de Honduras até os Estados Unidos a pé?

Luca faz uns cálculos de cabeça. Mesmo que esses *hondureños* cheguem só até o ponto mais ao sul da fronteira norte, a viagem toda deve totalizar cerca de dois mil e quinhentos quilômetros. Ele se pergunta se é realmente possível que um ser humano caminhe tanto assim.

— A não ser que *la migra* apanhe alguém no caminho e mande voltar — diz Nando. — Então, eles descansam um pouco no ônibus com ar-condicionado, indo na direção contrária. E aí eles recomeçam tudo.

Lydia come o último pedaço da *tortilla*.

— Mas vocês não estão preocupados com *la migra*? — pergunta ela, tirando migalhas dos cantos da boca.

— Não. — Ele sorri. — Você não tem que correr mais do que *la migra*. Só precisa correr mais rápido do que o seu irmão. Está tudo sob controle.

— Vá sonhando, gordão — diz o irmão.

— E você, *hermana*? E o seu filho? O que vai fazer se *la migra* chegar?

Agora é a vez de Lydia se recostar na mochila. Tecnicamente, *la migra* não pode mandar os dois de volta para lugar nenhum, porque eles são mexicanos e, diferentemente de Nando e muitos outros, estão viajando pelo próprio país; não podem ser deportados. Mas Lydia sabe que nenhuma questão técnica vai ajudá-los se o pessoal de *la migra* na região trabalhar para Los Jardineros. Ela estremece.

— Vamos dar um jeito — responde.
Nando assente e dá um sorriso de incentivo para Luca.
— É claro que vão — diz.

* * *

Depois de muito tempo, os migrantes sentados ou deitados nos trilhos se levantam e avisam os demais — eles já conseguem sentir a reverberação. O trem se aproxima. Luca coloca a mão no trilho, mas não sente nada.

— Parou em algum lugar da linha, *chiquito* — diz Nando. — Vai aparecer logo, logo.

Depois de alguns minutos, outro homem chama Luca.

— Sinta agora — diz, e o garoto obedece, colocando a mão no metal quente.

Ele sente a energia do trem repercutindo pelo aço. Por instinto, recolhe a mão, se afasta da linha férrea e volta para perto de Mami. Na clareira, há uma forte agitação entre os migrantes, que vão tentar embarcar. Todos recolhem seus pertences e se espalham pelo terreno. Cada um ocupa uma parte do terreno, dando espaço uns aos outros para que possam correr lado a lado com a composição. Prestam atenção também a *la migra*, que costuma fazer a batida assim que chega o trem. Após dois dias aguardando escondidos, mais migrantes aparecem de repente, surgindo de seus esconderijos para tentar o perigoso salto rumo ao trem em movimento.

Lydia rapidamente enrola a manta e a prende sob a mochila. Depois se vira para apertar o máximo possível as alças nos ombros de Luca. As pontas ficam penduradas até as pernas do garoto. Ela dá nós nas alças penduradas e prende as pontas no cóis da calça do filho. Nervosa, muda o peso de um pé para o outro.

— Você quer fazer isso, *hijo*? — pergunta ela, torcendo por uma resposta negativa. Torce para que ele diga “Mami, isso é uma loucura, não quero morrer, estou com medo”. Luca, porém, limita-se a fitar a mãe. Não responde nada. — Talvez a gente possa tentar — continua ela. — Vamos observar primeiro. Ver o que vai acontecer — completa, sentindo-se enjoada de tanto pavor.

Quando o trem desponta na curva distante, quando Lydia consegue ver a frente da locomotiva percorrendo os trilhos, ele parece avançar em câmara lenta. *Dá para fazer isso*, diz para si mesma. *Não está tão rápido assim*. O trem faz muito barulho ao entrar na clareira; Lydia sente nos próprios ossos o som do motor, e muitos homens começam a trotar ao longo da pista. É um desafio que engloba detalhes conflitantes, todos importantes na mesma medida, e Lydia se vê absorva enquanto observa, tentando aprender a técnica. Ela percebe que é preciso combinar a própria velocidade com a velocidade do trem, fazendo ajustes no ritmo durante a corrida. Deve-se encontrar o ponto ideal de acesso, uma saliência, uma escada, um local onde se segurar e uma maneira de escalar depressa até o teto do vagão. É preciso ficar firme em sua posição e defendê-la contra outros migrantes que têm a mesma urgência. Não se deve, em hipótese alguma, mudar de posição depois de iniciar o percurso. Mas também é necessário ter cautela com galhos de árvore e outros obstáculos fixos que ameacem a jornada e prestar muita atenção ao que está à frente no chão. Deve-se tomar cuidado redobrado para não pisar em um buraco ou tropeçar em uma pedra durante a corrida, não tombar para baixo das rodas destruidoras da besta. Não se deve esquecer jamais o poder dessas rodas barulhentas, ruidosas, retumbantes, implacáveis. Seu chiado é um sinal de advertência.

— *¡Qué Dios los bendiga!* — grita seu novo amigo ao se afastar e começar a correr ao lado do trem.

O irmão segue junto, na retaguarda, os dois em uma corrida contida, não muito acelerada. Nando corre, oscilando a cabeça para que ambos observem sua direção e tenham uma visão dos vagões posteriores, procurando um bom ponto de subida. Ele avista uma escada se aproximando, a dois vagões de distância. Desacelera. A um vagão de distância, aumenta o ritmo, olha para a frente, se abaixa por causa do galho de um arbusto frondoso. Alcança a escada, seus dedos agarrados ao terceiro degrau. Dá duas passadas, três, quatro, apenas com a mão direita presa no suporte de La Bestia, e então, de uma vez só, joga todo o peso do corpo no braço direito. Agora estica o braço esquerdo também, passando por um instante de pânico até os dedos atingirem o alvo e o agarrarem. Todo o seu corpo está preso, suspenso. É esse. É esse o momento mais arriscado de todos. Os braços presos, agarrados, sendo puxados. O corpo balançando como uma bandeira. As pernas suspensas mas baixas, ainda não a salvo das rodas.

— Suba! — grita o irmão barrigudo. — Levante os pés!

Ele continua correndo.

O instinto é apoiar os pés, sentir o que tem embaixo, procurar um esteio, encontrar uma maneira de alavancar o peso do corpo. Mas não. É preciso se curvar e levar os pés para cima. Para cima. Para cima! Os pés de Nando tocam o degrau de baixo. Seus braços se esticam e ele começa a subir. Com força. Determinação. Mais alguns segundos — paf! —, um galho de árvore ameaça sua empreitada, arranha o seu corpo, mas ele agora está a salvo, em cima do trem, e se deita no teto, oferecendo uma das mãos para o irmão, que ainda corre lá embaixo.

Com os olhos arregalados, Lydia observa os irmãos desaparecerem. Os outros ao redor deles vão rareando à medida que embarcam, um a um, dois a dois. Ela aperta tanto a mão de Luca que parece um torniquete, mas não repara na força que usa, e ele não reclama. Os dois ficam parados no lugar, sem se mexer, até que, repentinamente, todo o eco do trem se dissipa.

Eles se põem a caminhar.

Há uma reverência renovada depois de terem visto o trem com os próprios olhos, o peso inexorável das rodas nos trilhos, os homens agarrados ao exoesqueleto, como insetos em uma vidraça.

Em Acapulco, no assento traseiro do fusca laranja de Papi, Luca tinha o próprio sistema de segurança. Uma almofada azul brilhante com estampa de macacos que Papi desenrolara e de alguma maneira fixara de modo permanente no assento. Quando era pequeno, Luca gostava dos macacos, as fitas acolchoadas que iam acima de sua cabeça e depois ao redor da cintura. Ele se sentia aconchegado ali. Entretanto, no verão anterior, começou a implorar para se livrarem daquilo. Era coisa de bebê, insistia o menino. Dizia que já era grande o suficiente para usar um cinto de segurança normal. Luca capta um último vislumbre da traseira do trem desaparecendo em silêncio, contornando uma curva ao longe, e não consegue extrair sentido algum do que quer que seja.

CAPÍTULO DOZE

Mesmo que soubessem quanto tempo levaria até a chegada do próximo trem, eles não conseguem imaginar como vão embarcar em La Bestia agora que viram como aquilo era feito. Lydia reflete sobre o assunto enquanto percorre com o filho os onze quilômetros até Huehuetoca. Será que seria melhor colocar Luca na escada antes? Teria que fazer isso; não haveria possibilidade de entrar e deixá-lo correndo sozinho ao lado do trem. Será que conseguiria correr e se segurar se ele estivesse agarrado em seu pescoço, as pernas enroscadas em volta de sua cintura? Parece fisicamente impossível. Toda vez que ela tenta visualizar a empreitada, a cena termina da mesma maneira: em carnificina.

Luca tenta ignorar suas pernas exaustas observando as paisagens pouco comuns. Mãe e filho caminham por um local repleto de estátuas de todos os tipos: ursos, leões, vaqueiros, golfinhos, anjos, crocodilos. Passam por alguns homens empilhando tijolos para construir um muro. Depois cruzam o caminho de uma mulher limpando a entrada da casa com um aspirador, em vez de usar uma vassoura, o que faz com que Luca aperte a mão da mãe, para chamar sua atenção. Quando passam por uma escola, Luca avista crianças jogando futebol no pátio e percebe que é quinta-feira. Lembra que deveria estar na escola em Acapulco, e que Papi deveria buscá-lo, porque quinta-feira é o dia em que ele o pega depois da aula, e às vezes Papi compra biscoitos e os dois comem no caminho para casa se o menino prometer que não vai contar para Mami. Depois disso, Luca não olha mais a paisagem. Fita os próprios pés, ainda que o sol es quente sua nuca, e eles levem quase três horas para chegar a Huehuetoca.

Na cidade, os dois encontram facilmente o local que procuram, pois ele se localiza caprichosamente ao lado da linha férrea, atrás de uma cerca verde castigada pelo vento. A Casa del Migrante é um ajuntamento de tendas e estruturas simples em um pedaço de terreno amplo e plano que só não é bonito por causa do caráter meramente utilitário das suas construções. A rua larga que

separa a casa da estrada de ferro é feita de terra e cascalho e está vazia, pelo menos até onde a vista de Luca alcança. É plana por uma extensão considerável, mas a distância, quando seus olhos seguem os trilhos até o horizonte, Luca nota que a paisagem se eleva de ambos os lados. As nuvens, fofas e brilhantes, se encontram com a estrada no horizonte. Há campos sem vegetação em torno e atrás da casa, assim como no lado mais distante da linha férrea, mas Luca consegue ver que o solo foi vergado, revirado, riscado com faixas mais escuras de terra, onde os fazendeiros vão plantar suas lavouras na estação certa. O vento traz um forte odor de minério.

Luca e Lydia cruzam a estrada ressequida de mãos dadas e se aproximam da cerca de arame entrelaçada com faixas de plástico verde. Três tiras de arame farpado cortam o ar em cima da cerca, com dois cartazes pendurados. O primeiro é de um azul turvo e desbotado, contendo a imagem de Jesus e Maria. Luca supõe que seja uma bênção, mas está escrito: *Irmão migrante, cuidaremos de você e protegeremos você de polleros, guias e coiotes para que possa usufruir de uma boa estadia aqui com toda a nossa hospitalidade. Qualquer um que seja descoberto transgredindo essas especificações será entregue às autoridades competentes. Que Deus o proteja em sua viagem!*

O segundo cartaz, muito menos floreado, traz uma lista de regras escritas com tinta preta, e é tão comprido que seu único ornamento, uma faixa vermelha na extremidade inferior, toca o solo: BEM-VINDOS, IRMÃOS E IRMÃS VIAJANTES! Luca lê algumas das regras aleatoriamente.

- As pessoas que pedem abrigo na casa devem ser migrantes. Deste país ou de outros países, ou deportados dos Estados Unidos.
- É proibido o consumo de drogas e álcool. Qualquer pessoa que apresente evidências do uso dessas substâncias terá a entrada negada.
- Por favor, lembre-se de que este é um lugar de refúgio. Aqui você pode descansar enquanto Deus lhe restaura as forças para prosseguir em sua jornada. Portanto, sua estada aqui deve ser transitória, limitada a um máximo de três noites.

Antes que o menino consiga terminar de ler, dois homens cumprimentam mãe e filho a distância, do outro lado da cerca. Apenas suas cabeças estão

visíveis por cima das tiras de plástico verde. O mais velho, com óculos escuros e cabelo grisalho, é quem fala:

— *¡Bienvenida, hermana!* — Aproxima-se da cerca, de modo que agora Luca também vê os ombros dele entre as tiras de arame farpado. O sujeito está usando um casaco azul-escuro e sorri para eles. — Estão precisando de abrigo?

Luca aquiesce.

— São migrantes?

Lydia assente, aceitando com relutância essa palavra.

— Por aqui — orienta o homem, com um tom gentil, gesticulando para que seu companheiro, robusto e mais novo, abra um portão alguns metros adiante. — Por favor, entrem.

No lado de dentro, há um prédio de blocos de concreto com janelas vazadas cobertas com lonas pretas. É feio, e sua sombra deprimente se apossa de Luca e rouba o alívio que ele sentira.

O homem mais velho entrelaça os dedos e fala com delicadeza:

— Vocês estão em alguma situação de perigo iminente?

Lydia pensa antes de responder.

— Não, acho que não. Não agora.

— Vocês têm alguma necessidade médica urgente?

— Não, estamos saudáveis.

— *Gracias a Dios* — diz o homem.

— Graças a Deus — concorda Lydia.

— Estão com sede?

Ele se vira para ir a algum lugar e faz sinal para que o acompanhem.

— Sim, um pouco.

Dão a volta no horroroso prédio cinza e, de repente, o espaço se abre ao redor deles. Os pulmões de Luca se enchem com a adrenalina que ele estava esperando. A cerca de arame que circunda todo o complexo é opaca somente na frente; agora, na parte de trás, ele tem uma visão para além dos limites da propriedade, para os milharais vazios até o centro de Huehuetoca, com suas casas aglomeradas alegremente na encosta do morro. Grandes figos-da-índia agrupam-se do lado de fora da cerca, as folhas largas e verdes em um contraste gracioso com a tarde dourada. O complexo é muito maior do que parecia visto da estrada. Há uma caminhonete branca, uma casinha, uma capela, uma fileira de banheiros químicos e dois armazéns gigantescos.

— Bem-vindos à Casa del Migrante San Marco D'Aviano. Eu sou o Padre Rey. Esse é um dos meus ajudantes, Néstor.

Néstor levanta a mão em cumprimento, mas não olha para eles. Mantém os olhos fixos nas sandálias pretas do Padre Rey.

— Vamos pegar alguma coisa para beber agora mesmo, aí vocês vão poder se refrescar.

Luca enfia os polegares nervosamente sob as alças da mochila.

— A Hermana Cecilia vai providenciar a admissão de vocês na casa depois que descansarem um pouco.

— Obrigada, Padre — diz Lydia. — Deus o abençoe por sua gentileza.

Eles entram no primeiro dos dois armazéns, e, apesar de o ambiente estar bem iluminado, Luca leva alguns minutos para acostumar a vista. É a primeira vez no dia inteiro que o menino sai da forte luz do sol. A uma mesa, um garoto e uma garota, ambos mais novos do que Luca, estão desenhando. A menina vira a cabeça de um lado para outro, admirando sua obra de arte. Um grupo de homens e mulheres está sentado a outra mesa, alguns catando feijão, outros descascando cenouras. Tiras alaranjadas brilhantes se empilham sobre a mesa. No canto mais distante do amplo cômodo, outros homens estão vendo um jogo de futebol. Luca e Lydia escolhem uma mesa vazia e se acomodam em cadeiras de plástico verde-limão. Uma senhora de macacão vermelho traz dois copos de limonada gelada. A bebida tem uma tonalidade marrom, mas mesmo assim Luca bebe com voracidade e prazer.

— O jantar é servido às sete — explica a mulher, como que pedindo desculpa. — Não podemos abrir exceção nenhuma, a não ser por alguma emergência médica.

Já passa das três da tarde, e eles não comeram nada desde as *tortillas* perto da via férrea de manhã cedo. Mas Lydia responde:

— Sem problemas, estamos bem. Obrigada.

Quando a mulher retorna para a cozinha, Lydia é tomada pela emoção. Ela a engole junto com a limonada. Examina o rosto das pessoas nas outras mesas, mas ninguém olha para ela. A Hermana Cecilia logo aparece e os leva para seu pequeno escritório. É uma mulher baixa e bem-vestida, e a sala está coberta de desenhos infantis. Há cadeiras verdes iguais às do cômodo grande e, em cima da mesa, um vaso com uma flor de plástico rosa. A voz da Hermana Cecilia é o som mais doce que Luca já ouviu na vida, um som monocórdio e sereno que transmite uma sensação de proteção inabalável. Dessa forma, não importa que

palavras ela pronuncie, o que Luca ouve é: *Vocês estão seguros aqui, vocês estão seguros aqui, vocês estão seguros.* De uma prateleira atrás da mesa, ela tira um pote de giz de cera e uma pequena pilha de papel em branco.

— Gostaria de ficar aqui e desenhar? — pergunta a Luca com sua voz agradável. — Ou prefere se sentar no salão com as outras crianças?

As mãos de Luca se estendem e agarram as de Mami.

— Muito bem — diz a Hermana Cecilia. — Pode ficar com sua mãe.

Lydia se levanta para tirar a mochila das costas do filho. Ela encoraja Luca a se sentar na outra mesa, ao lado da porta.

— Assim vai dar para desenhar melhor — diz ela. — Não vai precisar ficar com o papel no colo.

Luca obedece, e Lydia volta para se sentar de frente para a freira, que tem diante de si uma papelada e uma pasta de arquivos.

— Antes de começar, quero que você saiba que não precisa responder nada que a deixe desconfortável. Vou pedir para tentar, porque suas respostas nos ajudarão a socorrer mais gente no futuro, a preparar novos padrões de chegada. Mas todas as informações que reunimos aqui são anônimas. Você não precisa dar o seu nome verdadeiro, só se quiser.

Lydia concorda em silêncio. A freira tira a tampa da caneta e elas começam.

— Nomes e idades?

Lydia alonga um pouco o pescoço antes de responder.

— Tenho trinta e dois e meu filho tem oito.

A Hermana Cecilia escreve *María, 32, y José, 8.*

— De onde estão vindo?

Ela hesita, depois pergunta.

— Ninguém tem acesso a esses arquivos?

A Hermana Cecilia cruza as mãos e se inclina ligeiramente para a frente.

— Garanto, *hermana*, que a coisa ou a pessoa com que você está preocupada, quem quer que seja, jamais terá acesso a esses arquivos. A única cópia fica trancada neste armário, neste escritório, que também fica trancado sempre que não estou aqui. — Seus olhos são azuis, e eles brilham quando ela sorri. — E eu estou sempre aqui.

Lydia aquiesce.

— Viemos de Acapulco.

A freira volta a escrever.

— Qual é o destino planejado?

— Estamos indo para os Estados Unidos.

— Qual cidade?

— Denver.

— Uma cidade receptiva — comenta a freira. — É bonita. Você está viajando para se reunir com algum membro da sua família imediata?

— Não.

— Você tem parentes morando atualmente nos Estados Unidos?

— Tenho, um tio e dois primos.

Ela não via aquele tio, o irmão mais novo de Abuela, desde criança. Nem conhece os filhos dele.

— Eles estão em Denver? — pergunta a Hermana Cecilia.

— Estão.

— Estão esperando vocês?

— Não.

— Sua decisão de emigrar foi planejada?

— Não — responde Lydia, juntando as mãos entre as coxas.

— A principal razão para sua viagem foi de ordem financeira?

— Não.

— A principal razão para sua viagem foi de ordem médica?

— Não.

— A principal razão para sua viagem foi violência doméstica?

— Não.

— A principal razão para sua viagem está relacionada a recrutamento ou violência de gangues?

— Não. — Lydia balança a cabeça.

— A principal razão para sua viagem está relacionada à violência de algum cartel ou de traficantes em seu local de origem?

Lydia pigarreia.

— Sim — responde em voz baixa.

Ela ouve o som aveludado do giz de cera de Luca se movendo rapidamente pelo papel.

— Você atualmente sente sua vida ameaçada por algum indivíduo ou por indivíduos específicos?

— Sim.

— Você recebeu ameaças diretas a sua segurança?

— Recebi.

— As ameaças foram de natureza violenta?

— Foram.

— Pode descrever as ameaças?

Lydia chega a cadeira para mais perto e apoia os cotovelos na mesa. Entrelaça os dedos e baixa a cabeça e a voz.

— O cartel matou dezesseis parentes nossos — diz, fitando a caneta. A freira não tira os olhos do papel. — Eles foram a uma festa de família e atiraram em todos. Meu marido, minha mãe, minha irmã e os filhos dela. Todo mundo. Apenas nós dois escapamos.

A caneta da Hermana Cecilia faz uma pausa repentina. Paira sobre a página por alguns segundos antes que a freira a coloque em movimento outra vez. Ela anota tudo antes de voltar a falar:

— Sua partida resolveu a ameaça iminente a sua segurança e a seu bem-estar?

Lydia hesita, porque tudo o que ela sempre pensou sobre como proteger Luca mudou. Ela não quer que ele tenha medo, mas precisa que ele tenha muito medo. E, além do mais, como alguma coisa que ela faz ou deixa de fazer pode ter algum impacto sobre Luca depois de tudo o que aconteceu? Ela balança a cabeça.

— Não — admite. — Ainda estamos correndo perigo.

— Você sente que a ameaça a seguiu?

Lydia assente sutilmente.

— Sinto. Quer dizer, ele não sabe onde estamos agora. Mas foi um homem muito poderoso que fez isso. A influência dele se estende até *el norte*. E ele não vai parar de procurar até nos encontrar.

— Você sabe que *plazas* pertencem a ele, ou quem são seus aliados em outras organizações? — pergunta a freira. — Você sabe quais são as rotas seguras para vocês viajarem sem os *halcones* dele?

Lydia tem a sensação de que aquela sala contém a santidade de um confessional.

— Não — sussurra ela. — Eu não sei.

— Você está muito longe de casa — diz a freira. — Ele não vai encontrar vocês aqui. Vocês estão seguros.

O giz de Luca não faz nenhum som atrás dela. A freira coloca a caneta no copo ao lado do telefone e enfia a papelada na pasta. Depois estica as mãos por cima da mesa na direção de Lydia, que as segura, e baixa a cabeça. Ao fechar os

olhos, Lydia percebe que suas mãos tremem. Os dedos da Hermana Cecilia são frios ao toque.

— *Padre nuestro*, abençoe esses filhos com seu amor e sua graça. Proteja-os de qualquer outro mal, meu Deus, e lhes conceda conforto no seu período de luto indescritível. Faça com que Jesus siga com eles nessa jornada e cure seus corações partidos. Que Nossa Senhora varra todos os perigos do caminho e os guie com segurança até seu destino. *Padre nuestro*, esses dois servos fiéis já carregaram mais do que sua parcela de fardo nesta vida. Por favor, meu Deus, que o senhor os alivie de qualquer tormento futuro, não por nosso desejo, mas que seja feita a Vossa vontade. Em nome de Jesus, amém.

— Amém — diz Lydia.

Atrás, em sua mesinha, com os olhos fechados e agarrando com força o giz de cera, Luca está mexendo os lábios.

A Hermana Cecilia se inclina para a frente uma última vez.

— Tenha cuidado com quem você conversa — diz ela.

* * *

Naquela noite, Lydia acorda com o som de vozes exaltadas no corredor. Na penumbra do dormitório, ela se senta e percebe que diversas outras mulheres fazem o mesmo em suas camas. Elas agem silenciosamente para ver como estão os filhos, que dormem apesar do tumulto. Luca está alojado na cama de cima do beliche; e Lydia precisa desembaraçar a alça da mochila que ela prendeu na perna antes de dormir. Ela se levanta, os pés descalços sentindo o frio do chão de azulejos, e alcança as cobertas emboladas do filho. Luca não está lá. O pânico cresce em sua garganta.

— Luca!

Ela confere a própria cama novamente sem nem perceber, e depois as camas em volta, como se o filho fosse um objeto que ela tivesse colocado no lugar errado sem querer. Um celular, um livro. Um par de óculos. Há uma vidraça na porta que dá para o corredor, e um retângulo de luz brilha através dela. Sem sapatos nem sutiã, Lydia dispara em direção àquele feixe de luz.

Esta é a terceira ida de Luca ao banheiro desde que foram para a cama algumas horas atrás. Culpa da limonada turva. Estar na cama de cima tornou suas corridas frequentes ao banheiro ainda mais desafiadoras, mas Mami está

tão exausta que não acorda, nem mesmo quando ele quase pisa no ombro dela ao descer a escada, nem mesmo quando ele aterrissa com um baque forte a apenas alguns centímetros da sua cabeça, nem mesmo quando ele corre — com a aflição e a urgência de quem sofre de diarreia — do beliche ao banheiro e do banheiro ao beliche.

Ele lava as mãos e retorna para a luz fluorescente do corredor quando vê o Padre Rey e Néstor falando com um homem jovem na entrada do dormitório masculino. Luca o reconhece: um migrante que chegou no fim daquela tarde, antes do jantar. Ele está usando bermuda vermelha, camiseta branca, meias sem sapatos, e carrega a mochila na frente do corpo, com o zíper aberto. No chão ao seu lado há um par de tênis brancos e caros.

— Posso pelo menos me vestir primeiro? — pergunta o rapaz. — Cara, isso é balela. Vocês deviam ajudar as pessoas.

Néstor vai atrás dele em direção ao dormitório escuro, colocando-se entre o rapaz e os migrantes adormecidos.

— Podemos conversar, mas não aqui. Você está perturbando todo o estabelecimento — diz o Padre Rey com calma. — Por favor, venha conosco para a sala principal, onde poderemos conversar sem acordar ninguém.

— É tudo balela, Padre, aquela puta está mentindo! — declara o rapaz, aos berros. — É mentira!

No dormitório, vários homens saem dos beliches e se posicionam ao lado de Néstor, formando uma espécie de parede. Cruzam os braços, fincam as pernas abertas no chão. Luca fica parado, ao lado da porta do banheiro. Ele deveria se virar e seguir para o outro lado. Deveria seguir pelo corredor rapidamente e voltar para o quarto das mulheres e das crianças, subir no beliche passando pela cabeça de Mami e se enfiar embaixo das cobertas, onde deveria deixar o corpo, temporariamente aliviado das cólicas intestinais, descansar. Mas está paralisado, hipnotizado. Não percebe a própria pulsação acelerada, a respiração entrecortada, os dedos cutucando as junções entre os blocos de concreto pintados da parede atrás de si.

— *¡Chinga tu madre!* — grita o jovem.

— Vamos, *hermano*. — É a primeira vez que Luca ouve Néstor usar a voz, tão sólida quanto seu corpo. — Não torne isso mais difícil do que já é.

O rapaz se abaixa e pega os tênis, enquanto Néstor e os outros homens fecham o espaço atrás dele, incitando-o a ir em frente no corredor, mas sem encostar no sujeito. Quando o rapaz se endireita para seguir o Padre Rey, Luca

nota uma tatuagem despontando debaixo de sua meia, no formato de uma foice com três gotas vermelhas de sangue na lâmina. Está desenhada na panturrilha da perna direita. O menino não sabe o significado exato da tatuagem, mas não precisa entendê-la para que seu medo aumente. Aquela foice sangrenta descola Luca da parede e faz com que ele volte correndo para o dormitório feminino. Quando dispara porta adentro, tromba em Mami.

— Luca! — diz ela. — Meu Deus, Luca, onde você estava?

Ela não espera por uma resposta. Com as mãos nos ombros dele, Lydia o conduz para o interior do quarto antes de colocar a cabeça para fora, no corredor, a fim de verificar de onde vem todo aquele barulho, mas só consegue identificar Néstor e alguns outros homens seguindo o Padre Rey em direção à frente do prédio. Ela volta para o dormitório e deixa a porta fechar. Luca está tremendo.

— O que aconteceu? — sussurra ela.

Ele balança a cabeça.

— Que gritaria toda era aquela?

Ele continua tremendo, e seu rosto está marcado pela preocupação.

— Está tudo bem — diz ela. — Está tudo bem, está tudo bem.

Ela o puxa para si e aninha a cabeça dele em seu peito. O menino estende os bracinhos e a abraça. Os dois ficam naquela posição até que ela o pega no colo. Ele é grande demais para isso, e seu peso é tanto que Lydia tem dificuldade para segurá-lo. Mas ele envolve as pernas em volta da cintura da mãe, e ela o carrega de volta ao beliche. Dessa vez Luca não vai para a cama de cima. Lydia transforma o próprio corpo em um escudo para proteger o filho. Passa um braço e uma perna por cima da sua pequena figura, mantém a respiração profunda e lenta, a fim de levá-lo a fazer o mesmo, para que consiga descansar e dormir. Mas Lydia permanece vigilante até o sol nascer.

CAPÍTULO TREZE

A *primeira vez* em que uma cabeça apareceu nas ruas de Acapulco foi uma grande comoção. Era a cabeça de uma pessoa de vinte e dois anos, com cabelo cacheado preto raspado dos lados. Tinha uma argolinha de ouro na orelha direita. Suas pálpebras estavam inchadas e a língua estava para fora. Foi deixada em cima de um telefone público próximo a uma pizzaria, bem ao lado da fonte de Diana Cazadora. Enrolado e enfiado no canto da boca, como se fosse um cigarro, havia um bilhete: *Me gusta hablar*.

A enfermeira que encontrou a cabeça estava a caminho de casa após seu plantão noturno no Hospital del Pacífico. Não era, portanto, uma pessoa que se apavorasse facilmente ao ver sangue. Mas naquele dia, assim que a alvorada lançou suas luzes pelas calçadas de Acapulco, fazendo com que a cabeça projetasse uma sombra esquisita e sem corpo a partir da cabine telefônica em direção a seus pés, a mulher berrou, deixou a bolsa cair e correu três quarteirões até tirar o celular do bolso para chamar a polícia. Os agentes de segurança chegaram com estardalhaço; a imprensa apareceu em peso. As pessoas que passaram pelo local indo para o trabalho ou para a escola ficaram horrorizadas. Muitas paravam ali, ajoelhando-se e benzendo-se, desfiando orações em favor da alma anônima que pertencera àquela cabeça algum dia. A cabeça ficou famosa.

Até que veio a segunda.

Quando a contagem das cabeças passou de dez, uma apatia vergonhosa e defensiva começou a se espalhar pela cidade de tal forma que, durante as manhãs, quando chegava uma ligação avisando que outra cabeça fora encontrada, na praia ou no Zócalo, ou no nono buraco do campo do clube de golfe, o atendente volta e meia fazia uma piada.

— É só usar um taco para pequenas distâncias. Vai ser uma jogada bem fácil.

Naquela época, Sebastián havia sido o primeiro a reconhecer o que estava ocorrendo: a tomada abrupta e completa da cidade por parte de cartéis rivais. Enquanto outros jornalistas relutavam em admitir a verdade de sua decadente realidade, Sebastián alardeava o fato em suas manchetes.

CARTÉIS PROVOCAM AUMENTO BRUTAL DA VIOLÊNCIA

TERROR E IMPUNIDADE: CARTÉIS NÃO SÃO PUNIDOS POR SEUS ASSASSINATOS

E com maior intensidade, depois de um fim de semana excepcionalmente nefasto, que testemunhou a morte de dois jornalistas, uma vereadora, três comerciantes, dois motoristas de ônibus, um padre, um contador e uma criança segurando uma espiga de milho na praia, os pés sujos de areia e ainda úmidos pela água do mar, Sebastián conjurou uma afirmação simples em letras de cinco centímetros.

ACAPULCO DOMINADA

Naquela manhã de segunda-feira, Lydia estava sentada atrás da caixa registradora da livraria lendo o relato inabalável do marido sobre os assassinatos do fim de semana enquanto seu chá esfriava e amargava na xícara. Ela achara particularmente difícil deixar Luca na escola naquele dia. Havia segurado sua mãozinha com força e esfregado os nós de seus dedos com o polegar enquanto caminhavam. Luca fingira não notar, mas balançava a lancheira com mais vigor do que de costume. Ao lhe dar um beijo de despedida, Lydia achou uma mancha de pasta de dente no lábio inferior do menino. Ela lambeu o polegar e esfregou a mancha, enquanto ele protestava contra aquele gesto asqueroso. Que nojento. Talvez ele tivesse razão. Mas mesmo assim beijou a mãe de volta, os lábios grudados e molhados, e dessa vez Lydia não limpou discretamente o rastro que o beijo deixou em sua bochecha. Dessa vez, não deu meia-volta e saiu apressada no instante em que ele passou pelo diretor e correu para o pátio da escola. Em vez disso, ela esperou, uma das mãos apoiada na parede de blocos de concreto, e manteve o olhar fixo no filho. Só foi embora quando o pequeno uniforme verde e branco do menino ficou invisível em meio ao mar de outros uniformes.

Para Lydia, a mudança pareceu súbita, brusca. Ela tinha ido dormir na noite anterior na mesma cidade onde nascera e crescera, onde morara a vida inteira, tirando apenas os breves anos de faculdade na Cidade do México. Seus sonhos haviam sido povoados pela mesma corrente do ar que vinha forte do oceano, as

mesmas cores claras e brilhantes, os mesmos aromas e sons ritmados de sua infância e o mesmo balançar cadenciado dos quadris que sempre definiram o ritmo da vida nesse lugar que ela conhecia tão bem. Claro, surgira uma nova onda de violência, um rompante desconhecido de ansiedade. Claro, a criminalidade estava aumentando. Mas, até aquela manhã, a verdade parecera isolada por trás da imunidade ilusória de que Acapulco desfrutava havia pouco tempo. E então a manchete de Sebastián rasgara esse véu protetor. De repente, as pessoas tiveram que olhar e prestar atenção. Não puderam mais fingir: *Acapulco dominada*. Por um breve período, Lydia odiou o marido por causa daquela manchete. Odiou o editor-chefe dele.

— Quer dizer, ficou um pouco melodramático, não? — provocou Sebastián quando ele a buscou na livraria para almoçar.

Ela virou a placa com a palavra *cerrado* e trancou a porta.

— Na verdade, não acho nada melodramático — respondeu Sebastián, com a testa franzida. — Acho que não existem palavras capazes de captar com precisão as atrocidades que estão acontecendo aqui. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e observou o rosto da esposa enquanto andavam. Falava com cautela, esforçando-se para suprimir o tom acusatório na voz. Ela, porém, conseguia notar. — Você não concorda? Que é um horror indescritível?

Havia ali uma leve superioridade reprimida.

— Quer dizer, claro que concordo, Sebastián. É uma insanidade. — Ela jogou as chaves na bolsa e não quis encará-lo. — Mas *Acapulco dominada*? Como *Roma em chamas*? Quer dizer, olhe em volta. É um dia comum, o sol está brilhando. Olhe, tem até turistas. — Ela gesticulou em direção a um café na esquina onde um grupo de americanos barulhentos ocupava uma mesa do lado de fora sob a sombra de um toldo.

Havia diversas garrafas de vinho vazias em cima da mesa.

— Seria uma boa ideia tomar uma daquelas também — disse Sebastián.

E, embora ainda não fosse nem meio-dia, Lydia concordou, e eles praticamente só beberam no almoço. Ela o olhava de relance do outro lado da mesa e preferiu não dizer o que queria, que era uma estupidez da parte dele escrever aquelas coisas, que ele estava colocando um alvo nas próprias costas, que ela não queria se envolver em sua virtuosa campanha em prol da verdade, que ela esperava que ele estivesse satisfeito com sua assinatura na reportagem, que não valia a pena correr o risco. Ela não disse: *Você tem filho. Você tem esposa*. Mas ele sentiu tudo isso, pelo ângulo que a esposa olhava para ele do outro

lado da mesa. Sebastián não respondeu condenando a falta de coragem dela. Não se indignou contra seu ressentimento nem a provocou. Ele sabia que a cautela de Lydia não era um defeito. Segurou a mão dela por cima da mesa e examinou o cardápio em silêncio.

— Acho que vou pedir a sopa — disse ele.

Isso aconteceu mais de um ano e meio antes de ela conhecer Javier. Mas agora, refletindo sobre o passado, em um beliche no dormitório feminino da Casa del Migrante, em Huehuetoca, com Luca dormindo profundamente nos seus braços, Lydia se pergunta se Javier teve alguma coisa a ver com aquelas primeiras cabeças, se ele as viu ou se selou o destino delas, se brandiu a arma responsável por separar alguma delas do corpo. *Claro que sim*, pensa. *Só pode ser*. O que parecia inconcebível antes agora parece ridiculamente evidente. *Por Dios*, como a vida dela seria diferente se ela tivesse aceitado a verdade mais cedo?

Certa vez, talvez um ano antes, um freguês entrou na livraria em um dia de muita ventania, com o cabelo todo bagunçado e as bochechas vermelhas. Um arrepio de excitação percorria seus ombros. Ele estava agitado e falou rapidamente com Lydia. Havia ocorrido um tiroteio a alguns quarteirões dali. Uns homens chegaram de moto e deram doze tiros na cabeça de um jornalista local. O homem ainda jazia na rua.

— Quem era. Quem era?

O outro balançou a cabeça.

— Não sei. Um repórter.

Lydia ficou aterrorizada. Agarrou o celular e correu para fora da loja, ignorando o homem parado em frente ao balcão. A pressa foi tanta que ela saiu sem finalizar a compra do cliente. Conforme corria rua abaixo, ligou para Sebastián, mas a ligação caiu na caixa postal. Entrou em pânico e gritou. Quando chegou à esquina, percebeu que não sabia para que lado estava correndo. Onde tinha sido o tiroteio? Em que rua? Ela ficou rodando sem sair do lugar. Ligou de novo. Direto na caixa postal. Os lojistas estavam parados nas portas das lojas.

— Onde foi? — perguntou ao dono da loja de sapatos enquanto ligava para Sebastián pela terceira vez. Caixa postal.

O vendedor apontou para uma direção, e Lydia correu. Virou uma esquina e outra, telefonando sem parar. Pediu indicações conforme corria, e as pessoas respondiam, e ela seguia em frente, continuava ligando e correndo, e então

parou quando chegou a uma rua no momento em que a polícia apareceu, onde uma multidão de curiosos se agrupava ao redor do corpo. Ela parou, porque não queria chegar mais perto. Não queria ver. Seu marido deitado na poça da própria morte. O polegar dela estava frio enquanto ligava para Sebastián mais três vezes. Caixa postal. Já estava chorando antes mesmo de se aproximar, o cabelo colado no rosto por causa do vento e das lágrimas. Ela segurou o celular com as duas mãos na sua frente. Andou pela faixa dupla amarela como se fosse a prancha de um navio, sentindo as pernas bambas.

Não era ele. Havia tanto sangue que era difícil distinguir, mas, depois de alguns minutos, deu para ver claramente que não, aqueles sapatos não eram dele. Não, o cabelo de Sebastián não era tão grande, suas pernas não eram grossas assim. *Ai, meu Deus, que alívio.* Não era ele. Ela chorava copiosamente, e cada vez mais. Não era ele. Uma desconhecida envolveu Lydia nos braços grandes e moles, e a consolou enquanto ela chorava. Ela era enorme e cheirava a talco, e Lydia não resistiu ao abraço solidário, nem corrigiu a suposição da mulher de que seu desespero se devia a alguma familiaridade com o jornalista morto. Afinal, essa noção tinha um fundo de verdade. Então Lydia deixou que a desconhecida a confortasse, murmurasse algumas palavras em meio a suas lágrimas, fizesse a gentileza de oferecer um lenço de papel, e em alguns minutos tudo terminou. Para Lydia. Era a vez de outra viúva naquele dia. E quando ela finalmente se afastou dos braços da desconhecida, o corpo de Lydia estava trêmulo e agitado pela adrenalina enquanto caminhava os vários quarteirões de volta à livraria. Descobriu que o cliente deixara o dinheiro, além de uma gorjeta, no balcão, ao lado da caixa registradora.

Ela ainda tem medo de, um dia, ser a vez de Sebastián. Tem medo há tanto tempo que agora não consegue distinguir os fatos: a vez dele já chegou, assim como a do restante da família. Isso realmente aconteceu; todos aqueles anos de preocupação não foram capazes de evitar esse destino. E não apenas de Sebastián, mas de Mamá, e de Yemi e seus lindos filhos, e nenhum deles havia escolhido se casar com Sebastián, nenhum deles tinha assumido os riscos da profissão dele. Apenas ela fizera isso, e a família inteira pagara por essa escolha. Os medos de seu passado e os horrores de seu presente estão tão misturados que parecem peças de diferentes *rompecabezas*, como se ela estivesse tentando juntar coisas que nunca foram destinadas a se encaixar.

Talvez ela só não esteja pronta. Lydia conhece os estágios do luto, e esse é o da negação. Em vez de aceitar, ela quer se lembrar do rosto de Sebastián, do

almoço naquele dia no café, do jeito infantil que sua postura assumiu quando ele se inclinou na mesinha depois da primeira taça de vinho. Eles riram juntos, e Sebastián brincou ao olhar discretamente para o decote dela, roçando a coxa dela embaixo da mesa, e perguntar se ela não queria voltar mais cedo à livraria para “fazerem o inventário” juntos. Mas, no escorregadio calor da lembrança que se segue, ela não consegue invocar o rosto de Sebastián. A absoluta ausência dele parece um terror consumado.

* * *

Lydia fica sobressaltada ao abrir os olhos e perceber que o dia já está claro, e por um instante não sabe dizer onde está. Luca está acordado ao seu lado, observando-a, os olhos negros límpidos por trás da cortina de cílios grudados pelo sono. Ela sente o cheiro de alguma coisa cozinhando e escuta o tinido de garfos.

— Venha, vamos comer alguma coisa.

Ela se senta na cama, mas depois se inclina para trás e pressiona os lábios contra a bochecha quente de Luca. Sente tanto conforto ali que fica por um minuto, as mãos em contato com a maciez da pele do filho.

Luca também se senta na cama, as mãos se estendendo até a cabeça para confirmar o que ele já percebeu, que o chapéu de Papi não está lá. Luca o usa agora até mesmo na hora de dormir, e, quando precisa tirá-lo para tomar banho, faz Lydia segurá-lo até ele acabar. Não permite nem que ela apoie o boné em algum lugar. Também não deixa que ela o use, porque precisa continuar com o cheiro exato de Papi misturado com o dele próprio, um mix que Luca fica muito satisfeito em constatar que não diminuiu pelo tempo de uso. Pelo contrário, só aumentou. Talvez o cheiro de Papi também seja o seu próprio cheiro e ele possa intensificá-lo com o uso contínuo. Portanto, não pode acrescentar sem querer nenhum outro ingrediente que corrompa a pureza do boné. Ele deve ter caído na noite anterior, quando Luca estava dormindo, ou durante uma das suas muitas viagens para cima e para baixo do beliche até o banheiro.

— Não se preocupe, *hijo* — diz Lydia.

Fica claro que Luca está procurando o boné, e ele inclusive já saiu do ninho quente da cama de baixo e escalou para vasculhar a de cima. O estrado da cama

range enquanto ele examina as cobertas. Há um audível suspiro de alívio, e o boné aparece, empoleirado de maneira triunfal no braço de Luca, esticado por cima da beira da cama.

Há muitos jovens no abrigo, mas apenas algumas crianças mais novas, e no café da manhã ficam todas juntas na mesa redonda no centro da sala. Uma garotinha sai da mesa quando Luca entra, e o leva, segurando seu cotovelo, até uma cadeira vazia. Lydia faz um prato para ele e outro para si mesma, depois se acomoda a uma mesa próxima junto com duas guatemaltecas, Neli e Julia, ambas com vinte e poucos anos. Neli é branca, rechonchuda e tem o cabelo cacheado. Julia é magra, negra e tem olhos amendoados. Lydia acena com a cabeça e sorri educadamente quando elas se apresentam, mas continua calada, com medo da própria voz, com medo de se trair de alguma maneira imprevista. Seu sotaque, uma expressão, algum costume inconsciente que possa identificá-la. Ela evita mexer no colar. Neli e Julia percebem sua cautela e compreendem. Não a pressionam. Lydia vira o rosto na direção do prato, fecha os olhos brevemente e se benze. Neli e Julia retomam a conversa.

— Ela nem ia contar para ninguém? — pergunta Neli. — Deus a abençoe.

— Ela disse que não queria causar confusão. Foi só porque apareci no corredor bem na hora, totalmente por acaso — diz Julia. — E vi com os meus próprios olhos! Eu vi o que ele fez com ela. Obriguei o garoto a sair de perto e fui logo chamar o padre.

— E o que o padre fez? — Neli quer todos os detalhes.

Ela come devagar, picotando a *tortilla* em pedacinhos do tamanho de uma hóstia, os quais coloca na língua um de cada vez.

— O padre foi ótimo, entrou e puxou aquele *cholo* da cama. Fez ele ir embora.

— E eu estava dormindo enquanto tudo isso acontecia! — Neli parece decepcionada. — Soube também que teve confusão, que ele resistiu.

Do outro lado da sala, o pivô do escândalo da noite anterior, uma adolescente de dezesseis anos de San Salvador, mantém os olhos fixos no próprio prato. Os ombros estão tão curvados que seu corpo parece estar tentando engolir a si mesmo. Lydia se concentra na mastigação, embora esteja comendo ovos mexidos e precise mastigar pouco. Sua boca precisa fazer alguma coisa. Outra mulher se aproxima da mesa e aponta para a cadeira vazia ao lado de Lydia. Neli acena para indicar que está livre. A mulher coloca o prato na mesa e puxa a cadeira. Ela usa saia rosa e chinelos, e está com uma fita

multicolorida entrelaçada em duas tranças compridas que lhe caem pelas costas. Se suas roupas não a identificam como indígena, seu sotaque acentuado faz isso. Neli e Julia trocam olhares quando a mulher se senta. Ela sorri para as outras e diz que seu nome é Ixchel, mas Neli e Julia não interrompem a conversa, virando seus corpos de modo quase imperceptível para longe da recém-chegada. É uma grosseria que Lydia teria combatido na sua antiga vida, com um sorriso e uma palavra gentil para a moça. Talvez até mesmo uma repreensão para quem tivesse feito a ofensa. Porque Lydia percebe que as duas guatemaltecas estão sendo indelicadas com a novata por puro preconceito, pelo fato de ela ser indígena. E Lydia fica devidamente ofendida em nome de Ixchel, mas realizar um ato de delicadeza significaria colocar-se em uma posição de risco. Assim, em vez disso, ela mantém a atenção no prato e coloca ovos em uma *tortilla*.

— Vi os dois conversando ontem à noite depois do jantar — diz Julia. — Vi como ele olhava para ela, e simplesmente presumi que eles estavam juntos. Mas, pelo que percebi depois, não há dúvida de que o interesse era só de uma parte.

— Ela tentou resistir? — pergunta Neli, colocando um naco de comida na boca.

— Pior. Ela tentou, brigou, mas depois pareceu conformada. — Julia demonstra tristeza, mas há uma ponta de raiva em sua voz. — Como se ela soubesse que não havia nada a fazer se ele estivesse realmente decidido. *Qué chingadera*.

— Eles deveriam ser castrados, todos eles — comenta Neli, balançando a cabeça cheia de cachos negros.

Julia volta o olhar para a jovem indígena.

— Ela é muito bonita, também. Vai ter uma estadia difícil.

— Muitas viagens de volta ao *cuerpomático* — concorda Neli.

— Ao quê? — pergunta Ixchel.

— O *cuerpomático* — repete Neli.

Ixchel parece confusa. Ela pode até ter sotaque, mas seu espanhol é excelente, e mesmo assim nunca tinha ouvido essa palavra. Talvez seja uma gíria. Talvez seja inventada. Lydia também não a conhece.

— Você nunca ouviu essa palavra? — pergunta Julia.

Ixchel balança a cabeça. Lydia observa Luca na mesa redonda enquanto escuta a conversa das mulheres.

— Achei que todas as guatemaltecas conhecessem. — Neli deixa o resto da *tortilla* no prato.

— *Las guanacas también, y las catrachas.* — Julia se inclina para a frente apoiada nos cotovelos e deixa o prato de lado. — Significa que seu corpo é um caixa eletrônico.

Lydia tenta engolir, mas os ovos e a *tortilla* formaram uma pasta na boca. Seu garfo está cheio de arroz, além de uma rodela crocante de banana frita espetada na ponta. O garfo paira no ar.

— Esse é o preço para se chegar a *el norte* — diz Neli.

Após alguns segundos excruciantes, Ixchel recupera a voz, com as palavras em espanhol que lhe são familiares. *La violación.*

— Estupro? É o preço?

As duas mulheres olham para ela sem expressão. Elas não conseguem acreditar que isso é uma novidade. Será que ela viveu em outro planeta até agora?

— Como você veio parar aqui, *mamita*? — pergunta Neli, voltando sua atenção à comida.

Ixchel não responde.

Julia se inclina para a frente e baixa a voz.

— Já paguei duas vezes.

Essa revelação, compartilhada com uma mulher que ela parecia rejeitar apenas momentos antes, é de uma intimidade tão inesperada que Lydia sem querer faz um barulho com a garganta. Um som arranhado. As três mulheres olham para Lydia, que toma um gole de suco de frutas e apoia o garfo ainda cheio na borda do prato.

— E você? — Julia volta a atenção a Neli. — Já pagou?

— Ainda não — responde, com um tom sombrio na voz.

— E você? — Elas olham ansiosas para Lydia.

Ela balança a cabeça.

Uma mulher jovem e sorridente se aproxima da mesa onde Luca está sentado com as outras crianças.

— Quem está pronto para um teatro de fantoches? — pergunta.

A garotinha ao lado de Luca salta da cadeira, os braços levantados.

— Eu, eu! — exclama ela.

— Ótimo, vou precisar de vários ajudantes!

— Ouvi dizer que ele era um *sicario*.

Essa informação faz com que a atenção de Lydia se volte para a conversa.

— O quê? — pergunta ela, de maneira quase involuntária.

— É o boato que corre por aí. — Julia dá de ombros. — Parece que eles deveriam se precaver e não deixar narcotraficantes entrarem na casa.

— Mas ele contou ao padre que estava saindo — intercede Neli. — Disse que foi recrutado pelo cartel quando era só uma criança e que nunca teve nenhuma oportunidade, você sabe a história. Cansou dessa vida e quis ir para *el norte*.

— Qual cartel? — pergunta Ixchel, porque, como a maioria das pessoas, sua experiência de vida faz com que tenha mais medo de um cartel específico do que dos outros.

— E isso importa? — pergunta Neli. — São todos a mesma coisa. *Animales*.

— Não são, não — insiste Julia. — Alguns são bem piores do que os outros.

Neli faz uma careta como se não acreditasse, mas não discute.

— Como Los Jardineros — argumenta Julia. — Eu soube que eles doaram dinheiro para construir um novo hospital do câncer em Acapulco.

Lydia suspira longamente, mas Neli balança a mão, demonstrando seu desdém.

— Isso foi só para tentar comprar a lealdade das pessoas — diz ela. — Propaganda.

— Mas talvez a razão seja menos importante do que o fato — retruca Julia. Depois baixa a voz em um sussurro e se inclina para a frente de novo, fechando o espaço da mesa em um círculo apertado. Ela nomeia o cartel inominável. — Los Zetas alimentam as pessoas com pedaços do próprio corpo. Penduram bebês em pontes.

Lydia cobre a boca com a mão. Seus dedos estão frios e rígidos, e, ao lado dela, Ixchel faz o sinal da cruz. Lydia pretende fazer uma pergunta, mas vai manter a voz suave. Neutra.

— Então, ontem à noite, o sujeito que foi expulso... era de qual cartel?

Julia dá de ombros.

— Não sei — responde ela. — Mas, se ele realmente quiser sair, melhor correr. Rápido e para longe, certo? Eles não deixam ninguém sair.

Lydia empurra o prato. *Rápido e para longe*, pensa. Algumas coisas são simples demais.

CAPÍTULO QUATORZE

Seis dias e quatrocentos e cinquenta quilômetros após a catástrofe total, Lydia e Luca saem de Huehuetoca e rumam em direção ao norte mais uma vez, seguindo o rastro de La Bestia. Quando Lydia pensa em como conseguiram sobreviver à última semana, se afastar tanto de Acapulco e continuar vivos, sua mente entra em colapso. Porque ela sabe que fez boas e más escolhas naqueles seis dias, e que, no fim das contas, é apenas pela graça de Deus que nenhuma dessas escolhas tenha encontrado o azar e resultado em catástrofe. Essa constatação é paralisante. Ela não consegue elaborar um plano para embarcar no trem, que é o que precisam fazer. Precisam entrar no trem. Enquanto isso, andar vai lhe dar tempo para pensar. Eles encheram os cantis antes de sair do abrigo, mas param em uma lojinha na rua, e Lydia entope a bolsa de lanches. Como se trata de uma loja frequentada pelos migrantes, ela estoca o tipo de coisa que os viajantes carregam e comem: frutos secos, maçãs, balas, granola, batatas fritas, carne-seca. Lydia compra o máximo que consegue fazer caber na mochila. Compra também um chapéu de abas largas, rosa com flores brancas, para proteger o rosto e o pescoço do sol. O chapéu lembra aquela coisa horrorosa que Mamá usava quando cuidava do jardim, e, sempre que flagravam a mãe com aquilo, Lydia e Yemi riam e zombavam dela.

“Vocês riem, mas é por causa desse chapéu que eu tenho a pele de uma mulher de vinte e quatro anos!”, ralhava a mãe.

Do lado de fora, a estrada de ferro destinada a transporte de cargas se estende pela paisagem mexicana como um pé de feijão que os migrantes devem escalar, e Luca e Mami seguem passo a passo, dormente por dormente, folha por folha. De manhãzinha o sol está claro, mas não quente demais. Eles se dão as mãos brevemente, depois começam a suar e se largam, e então o ciclo se repete. Pegam a rota mais a oeste porque o mapa mental de Luca indicava que, embora aquele trajeto fosse mais longo do que os demais, a topografia seria mais acessível se terminassem fazendo grande parte da viagem a pé, como

parece ser o caso. Ele está feliz que Mami não o pressionou para explicar seu instinto; ela simplesmente cedeu à suave pressão da mão dele quando se puseram a caminho.

Lydia sabe que seu plano de ir para Denver é falho, que talvez seja difícil encontrar seu tio Gustavo. A Abuela reclamava que o irmão caçula se tornara um gringo, ao ir embora para *el norte* tantos anos antes, quando ainda era novo, e jamais olhara para trás. Lydia sabe apenas que o tio se casou com uma moça branca, mudou o nome para Gus, e abriu uma empresa, alguma coisa ligada a construção. Seria de encanamentos ou instalações elétricas? E se ele tivesse mudado o sobrenome também? Ela nunca havia conhecido os filhos dele, seus primos ianques. Não sabe nem seus nomes. Quando se detém a refletir sobre esses fatos, Lydia começa a entrar em pânico; portanto, desmembra tudo em partes menores e mais viáveis: *Ir para o norte. Chegar à fronteira. Encontrar um coiole. Atravessar. Pegar um ônibus para Denver. Haverá igrejas por lá. Bibliotecas, acesso à internet, comunidades de imigrantes. Gente querendo ajudar. Por ora, apenas vá para o norte, vá para o norte. Afaste Luca do perigo.*

Algumas horas de caminhada depois, Luca e Mami avistam duas adolescentes sentadas em um viaduto por cima da estrada de ferro, balançando os pés suspensos. Ambas usam, em seu fino braço esquerdo, pulseiras de arco-íris combinando. As duas são muito bonitas, mas uma delas, um pouco mais velha, é perigosamente linda. Ela usa roupas largas e está com a cara fechada, em um esforço vão de esconder sua beleza absurda. A mais nova está reclinada, apoiando-se em sua mochila cheia, mas ambas se empertigam quando veem Luca. A estudada rigidez nas suas expressões se derrete. Juntas, soltam aquele “ah” de fofura que as garotas adolescentes costumam emitir para crianças menores.

— ¡Mira, qué guapo! — fala a irmã mais nova em voz alta com um sotaque pouco familiar.

— Muito fofo! — concorda a mais velha.

As duas têm um cabelo preto abundante, sobrancelhas acentuadas e expressivas, olhos escuros e penetrantes, dentes perfeitamente alinhados, lábios carnudos e maçãs do rosto pronunciadas. A mais velha tem alguma coisa a mais, algo indefinível que a torna mesmo impressionante. Luca fixa o olhar nela por acaso e não consegue mais desviar. O mesmo ocorre com Mami. A garota é tão bonita que parece quase brilhar, mais colorida do que a paisagem

onde se encontra. O cinza sujo do viaduto de concreto, o marrom pétreo dos trilhos e do solo, o azul desbotado de sua calça jeans folgada, o branco encardido de sua camiseta grande demais, o arco descorado do céu, tudo some perto dela. Sua presença é uma vibração intensa de cores que esvazia tudo ao redor. Um acidente biológico. Um milagre vivo de esplendor. Um problema real.

— *Oye, ¿adónde van, amigos?* — grita a menos bonita quando eles estão exatamente abaixo dela.

— Para o mesmo lugar aonde todo mundo vai — responde Lydia, colocando a mão sobre os olhos, para conseguir enxergar as garotas em cima do elevado. — *El norte.* — Ela tira o horroroso chapéu rosa e o usa para se abanar. Seu cabelo suado está grudado na testa.

— Nós também! — diz a garota, balançando os pés. — Seu filho é muito fofo!

Lydia mira Luca, que sorri para as garotas, o sorriso mais genuíno que escapara do seu rosto desde a manhã da *quinceañera* de Yénifer.

— Meu nome é Rebeca, e essa é minha irmã, Soledad. — A garota fala diretamente para Luca. — *¿Cómo te llamas, chiquito?*

Lydia, que criara o hábito de responder por causa da mudez do filho, abre a boca para falar, mas...

— Luca — responde ele.

Sua voz é clara como um sino, nenhum sinal de rouquidão por todos aqueles dias sem uso. Surpresa, Lydia fecha a boca com força.

— Quantos anos você tem, Luca? — pergunta Rebeca.

— Oito anos.

As irmãs se entreolham com animação, e a mais nova junta as mãos batendo palma.

— Eu sabia! Exatamente a mesma idade do nosso priminho em casa. O nome dele é Juanito. Ele parece com você! Não parece, Sole?

Soledad, a Bela, sorri com certa relutância.

— Parece — admite ela. — Praticamente gêmeos.

— Quer ver uma foto dele? — pergunta Rebeca.

Luca olha para Mami, que tem sido muito cautelosa ao falar com estranhos. Mas essas garotas devolveram a voz ao menino. Ela concorda com a cabeça.

— Suba aqui! — diz Rebeca.

Ela tira do bolso da mochila da irmã um frágil saco de plástico com fotos embrulhadas e as examina. Luca escala até o viaduto para se juntar às garotas, enquanto Mami observa de baixo. Ela tenta avaliar sua localização, mas o trecho de terra cortada pelos trilhos ali não traz muita visibilidade; por isso ela segue Luca e sobe o morro íngreme e arenoso. Na verdade, as garotas não estão sentadas exatamente sobre o viaduto, mas em uma grade de metal que sai da pista em um dos lados, como uma perigosa passarela. Lydia testa a grade com o pé antes de pisar nela. Luca se agacha no lado da estrada, apoiando os cotovelos na mureta baixa. Rebeca se inclina para trás, e juntos olham para as fotos.

— Viu? — diz ela. — *Guapo como tú.*

Luca sorri novamente, e aquiesce.

— Parece mesmo comigo, Mami — diz. — Menos pelos dentes.

Rebeca mostra a foto para Lydia.

— Ele perdeu esses dois dentes no mesmo dia, e aí ficou igual a um vampiro — diz a garota para Luca. — Já perdeu algum dente?

Uma memória poderosa emerge sem ser convidada: Papi arrancando seu primeiro dente — um incisivo inferior. O dente estava mole havia semanas, e então, durante um jantar, Luca deu uma mordida em uma *tampiqueña* e sentiu uma fisgada de dor atravessar sua gengiva. Ele deixou o garfo cair, engoliu a comida sem nem mastigar e depois examinou o estrago. Viu que o dente tinha ficado torto, inclinado como uma lápide velha na terra fofa. Tocou-o de leve com um dedo e ficou assustado ao perceber como estava solto. Mami e Papi pousaram os garfos na mesa para examinar. Mas Luca estava com tanto medo da dor que se viu incapaz de fazer qualquer coisa. E então Mami tentou, por uns vinte minutos, convencê-lo a abrir a boca só um pouquinho para ela dar uma olhada. Mas Luca se manteve firme e mudo, os lábios cerrados. Quando Mami finalmente perdeu a paciência, Papi se sentou ao lado de Luca. Fez caretas engraçadas na intenção de mostrar o que acontecia às crianças quando não deixavam arrancar um dente pronto para cair. Luca riu apesar do medo, e no espaço dessa risada ele finalmente aceitou abrir a boca enquanto Mami observava a cena do outro lado da mesa. Papi agiu de maneira tão delicada que o menino nem sentiu a presença dos seus dedos em contato com o dente. Mas ele se lembra das mãos de Papi no seu rosto, uma segurando o queixo com firmeza, a outra entrando na boca. Luca se lembra do gosto salgado dos dedos de Papi e do sorriso triunfante quando eles emergiram com aquele minúsculo prêmio. Luca arregalou os olhos quando viu aquilo e soltou um suspiro. Não

conseguia acreditar que não sentira dor nenhuma, nem mesmo um desconforto. Papi simplesmente tinha colocado a mão dentro da sua boca e tirado aquela coisinha. E em seguida os três riram e comemoraram juntos, e Luca pulou da cadeira, sem acreditar, e os pais o abraçaram e o beijaram. Ele comeu o resto da *tampiqueña*, e o novo buraco na boca acumulou pedaços de comida que ele tinha que soltar com leite. Naquela noite, seus pais deixaram o dente embaixo do travesseiro, e a fada dos dentes foi buscá-lo, deixando para Luca um poema e uma nova escova de dentes no lugar.

Luca leva uma das mãos até a boca e chupa o dedo, mas não é a mesma coisa, e ele precisa espantar aquela lembrança que parece um inseto irritante. Uma mosca-varejeira. O gosto perdido das mãos do pai. Mami vê aquilo, se projeta para a frente, e aperta o dedão dele no tênis, apenas uma pressão suave que o traz de volta a esse viaduto empoeirado. Ele respira fundo.

— Vocês não conseguiram entrar no trem, hein?

Entre outras coisas, Soledad tem o dom de mudar de assunto no momento certo. Ela é mais desconfiada do que a irmã, mas é difícil permanecer retraída diante de Luca ali, com seus cílios e suas covinhas tímidas.

Lydia se contorce para tirar a mochila e pega um cantil.

— Ainda não.

— Está muito mais difícil. *Segurança em primeiro lugar!* — Rebeca solta um bufo que, em outro momento, passaria por uma risada.

— Pois é. — Mami balança a cabeça. — Segurança.

— Vocês já embarcaram nos trens? — pergunta Luca.

Soledad se vira e olha para ele, descansando o queixo no ombro.

— O caminho todo desde Tapachula, mais ou menos.

Luca pensa nos homens correndo ao lado do trem na clareira perto de Lechería, na maneira como escalaram, um por um, e desapareceram, enquanto ele e Mami observavam, incapazes de se mexer. Ele pensa no ruído e no bramido ensurdecadores de La Bestia, bradando avisos que penetravam seus corações e ossos enquanto eles olhavam, e se sente fascinado por aquelas duas irmãs poderosas.

— Como? — pergunta ele.

Soledad dá de ombros.

— Aprendemos alguns truques.

Luca bebe água do cantil que Mami lhe entregou.

— Tipo o quê? — pergunta Lydia. — Estamos precisando de umas dicas.

Soledad cruza as pernas, deixando a coluna e os ombros com uma postura ereta, e Lydia vê, mesmo nessa mínima reação do corpo da menina, como o perigo a afeta de maneira constante. Essas irmãs não fizeram amizade com ninguém desde que saíram de casa, até porque evitavam ao máximo o contato com os outros durante a jornada. Mas ainda não tinham encontrado alguém tão novo quanto Luca. Nem tinham conhecido uma pessoa tão maternal e cuidadosa quanto Lydia. Então, é um imenso prazer se sentir normal por um minuto, aproveitar a suavidade de uma conversa amistosa. Não deve haver problema em compartilhar alguns conselhos com seus companheiros viajantes.

— Assim — diz Soledad, apontando para os trilhos embaixo deles. — A gente percebeu que eles gastam todo o dinheiro em cercas ao redor das estações de trem, mas ninguém pensou ainda em cercar os viadutos e as passarelas.

Luca observa o rosto de Mami enquanto ela estuda a posição deles agora com essa nova informação. Mami se inclina ligeiramente para a frente e avalia a distância até o chão lá embaixo. Não é tanta assim. Mas logo ela tenta imaginar como esse espaço se transformaria com o barulho, o peso e a presença de La Bestia.

— Vocês embarcam daqui? — pergunta ela, incrédula.

— Daqui, não — esclarece Soledad. — Porque senão você bateria a cabeça assim que pulasse. Você se chocaria no viaduto antes de conseguir se equilibrar. Nós ficamos sentadas nesse lado para ver o trem chegando. Mas depois você pula de lá.

Ela aponta.

Luca segue a direção que Soledad indicou, o outro lado da estrada, e vê, afixada à mureta de segurança, uma cruz branca empoeirada com um buquê de flores de um tom laranja desbotado no centro. Provavelmente um memorial, percebe ele, por alguém que tentou embarcar no trem daquele lugar e não conseguiu. Luca morde o lábio.

— Vocês simplesmente pulam em cima do trem?

— Bem, nem sempre — diz Soledad. — Mas, sim, se as condições forem boas, você simplesmente pula em cima do trem.

— E o que torna as condições boas? — pergunta Lydia. — Ou ruins?

— Bom... Em primeiro lugar, é preciso escolher com cuidado de onde pular. Este lugar aqui é bom porque dá para ver — diz ela, levantando-se e apontando para o outro lado da pista em direção aos trilhos. — Está vendo a curva lá, bem adiante?

Lydia também se levanta, para poder enxergar o lugar para onde a garota está apontando.

— O trem sempre diminui a velocidade na curva. Quando é uma curva longa, diminui muito. Então a gente sabe que ele vai estar lento quando passar. E aí a próxima tarefa é garantir que não tem outros perigos à frente. É por isso que escolhemos esse elevado em vez do primeiro.

Lydia olha para o sul, para o caminho que eles acabaram de percorrer. Ela não havia nem notado aquele primeiro elevado quando passaram. Só ficou agradecida pela sombra momentânea, uma trégua breve do sol.

— Porque, pulando daquele — acrescenta Rebeca, continuando a explicação da irmã —, você só teria uns segundos para conseguir se equilibrar antes de passar embaixo deste aqui. É difícil.

Lydia pisca e balança a cabeça. Ela não consegue imaginar.

— Por isso ficamos sentadas aqui — continua Soledad. — Observando. Esperando o trem. E, quando vemos um que parece bom, atravessamos a pista, avaliamos a velocidade e decidimos se embarcamos ou não. Então saltamos.

— É como pular de um trampolim? — pergunta Luca, pensando no parque aquático El Rollo.

— Não exatamente — diz Soledad. — Primeiro você tira a mochila, porque ela deixa você sobrecarregado e instável. Aí você joga a mochila. Depois você se agacha bem, bem perto do chão. Não se pendure, porque, se fizer isso, seus pés vão continuar seguindo com o trem e seu tronco não vai acompanhar. Você se estica igual a um estilingue. Então é preciso encolher bem o corpo e saltar que nem um sapo. Baixo e compacto. E prestar atenção para se agarrar em alguma coisa na mesma hora.

Luca fica com o coração acelerado só de pensar. Ele lembra que precisa respirar. Depois olha para Mami, refletindo, considerando as chances de sobreviverem. Sente uma súbita onda de energia atravessando seu corpo; ele precisa se levantar e pular e chutar e liberá-la.

— Se você tirar a sorte grande, pode ser que o trem pare — diz Rebeca. — E aí você só precisa subir. Fácil.

— Mas muitas vezes deixamos o trem passar — continua Soledad. — Se estiver indo rápido, nem tentamos. Já vimos duas pessoas que tentaram embarcar e não conseguiram.

Lydia olha para Luca com o objetivo de ver como essa informação vai afetá-lo, mas ele não esboça qualquer reação.

— Essas pessoas estavam embarcando como vocês? Do alto?

— Não! — Rebeca parece quase orgulhosa. — Só nós duas embarcamos assim. Nunca vi ninguém mais fazer isso.

Lydia contorce a boca. Ou essas garotas são brilhantes, ou totalmente malucas.

— Quantas vezes vocês já fizeram isso? — pergunta.

As irmãs se entreolham, e é Soledad quem responde:

— Cinco, talvez? Seis?

Lydia solta o ar lenta e profundamente. Ela aquiesce.

— Tudo bem.

— Vocês querem vir com a gente? — pergunta Rebeca.

Apenas depois de as palavras saírem ela olha para a irmã, lembrando-se de que devem sempre confirmar uma com a outra primeiro sobre praticamente qualquer assunto. Soledad toca o topo da cabeça de Rebeca, tranquilizando a irmã. Na linguagem da intimidade de uma vida inteira, aquele gesto indica que não há problema.

— Talvez — responde Lydia, ignorando o peso nos pulmões quando deixa a palavra sair.

Eles conversam um pouco enquanto esperam, e Lydia descobre que as meninas têm quinze e quatorze anos, que já viajaram mais de mil e quinhentos quilômetros até agora, que sentem muita saudade da família e que nunca tinham estado sozinhas. Elas não contam por que foram embora de casa, e Lydia não pergunta. Ao ver as duas, ela se lembra de Yénifer, embora provavelmente seja só por causa da idade. As irmãs são mais altas e mais magras, com a pele mais escura do que a da sobrinha, e ambas são bonitas e divertidas. Yénifer foi uma menina séria e estudiosa. Mesmo quando bebê havia um quê de sobriedade nela.

A irmã mais velha de Lydia, Yemi, escolhera Lydia, que tinha apenas dezessete anos quando o pai delas morreu e Yénifer nasceu, para ser a madrinha da menina. Lydia se lembra de segurar o bebê na pia batismal e chorar. Ela fez questão de não usar rímel naquele dia para não manchar o vestido de batizado. Sabia que iria chorar, não de alegria ou pela honra de ser a madrinha, nem devido à emoção do momento, mas porque o pai não estaria lá para presenciar. Assim, suas lágrimas haviam se espalhado pela testa da criança junto com a água benta, e Lydia ficou surpresa de perceber, em meio à visão embaçada, que o bebê nos seus braços não a acompanhou no choro. Os olhos de Yénifer

estavam abertos e atentos. Sua boca, um arco rosa franzido e perfeito. Lydia amava tanto aquele bebê que não conseguia imaginar que algum dia pudesse amar alguém mais que a sobrinha, nem o próprio filho. Quando Luca nasceu, anos depois, conheceu a incomparabilidade desse tipo de amor, claro. No entanto, foi Yénifer, aquela garota sóbria e extraordinária, que atenuou seu luto quando Lydia perdeu o segundo bebê. A sábia e pequena Yénifer, com nove anos na época, que havia chorado com ela, acarinhado sua testa e lhe oferecido consolo:

— Mas você tem uma filha, tia. Eu!

A enormidade da perda de Lydia é inimaginável. Há tantos lutos de uma só vez que ela não consegue separá-los. Não consegue senti-los. Ao seu lado, as garotas conversam alegremente com Luca, e ele responde com suas palavras reavivadas. A animação que os une é algo fenomenal. O som da voz de Luca é um elixir.

O sol parece mais quente enquanto estão sentados e parados, e Lydia percebe que seus braços estão tão bronzeados quanto na infância. Luca também está um tom mais bronzeado do que o usual, e há gotículas de suor por toda a testa, sob o boné de Sebastián. Mas a espera debaixo daquele sol debilitante é breve demais, pensa Lydia. Ela poderia ter usado o tempo para se sentir mais segura sobre aquilo tudo. Não se passam nem duas horas quando o barulho distante do trem cresce, e os quatro se levantam sem falar nada e começam a se preparar. Na verdade, Lydia não tem nem a mais remota convicção de que eles vão realmente continuar com aquela empreitada. Ela espera que sim, porque precisam entrar naquele trem. E espera que não, porque não quer morrer. Não quer que Luca morra. Ela sente como se estivesse fora do próprio corpo, escutando o trem se aproximar, levando a mochila para o outro lado da estrada, colocando Luca na frente dela. Guarda o cantil no bolso dianteiro da mochila e fecha o zíper. Mesmo que ela se sinta confiante de que consegue pular em um trem em movimento, como pode pedir ao filho para fazer uma maluquice dessa? Seus ombros parecem frouxos, suas pernas, instáveis. A adrenalina se espalha por todo o seu corpo trêmulo.

Ao seu lado, Luca anda sobre uma rachadura do asfalto. Ele mantém os olhos e os pensamentos fixos nos detalhes triviais. Deixa para Mami assimilar a grande manobra da tarefa à frente: o gramado pardo e os arbustos atulhando o aterro, o domo azul acima, a passagem elevada e a via férrea formando uma interseção, como uma cruz. O vento bagunça o cabelo de Luca ao mesmo

tempo que o barulho do trem aumenta, o tinido crescente e a reverberação daquelas rodas monstruosas no metal dos trilhos — a tremenda altura daquele barulho parece designada a servir como um aviso que entra pelos ouvidos, mas se aloja no estérno: *Saia de perto, saia de perto, saia de perto, sem loucuras, sem loucuras, sem loucuras*. Luca segura a mochila pela alça com as duas mãos, deixando-a caída na sua frente. Na escola de Luca, há uma menina que é uma espoleta. Seu nome é Pilar, e ela está sempre fazendo coisas perigosas e malucas. Ela pula lá do topo do trepa-trepa. Voa até o ponto mais alto com o balanço. Uma vez, ela escalou uma árvore ao lado do portão da escola e ficou oscilando em um galho mais alto, de onde subiu até o telhado do prédio da escola. Ficou dando estrelas lá em cima até o diretor chamar sua *abuela* para convencê-la a descer. Mas nem mesmo Pilar saltaria de um viaduto em cima de um trem em movimento, pensa Luca. Pilar nunca, nem em um milhão de anos, acreditaria que Luca, quieto e cumpridor de regras, seria capaz de fazer tamanha loucura. Ele observa a frente do trem se aproximar e desaparecer atrás da extremidade mais ao sul da estrada. Ele então se vira e vê o trem emergindo por debaixo dos seus pés. Mami examina por cima da mureta baixa logo que o trem desponta.

— Está bom. — Rebeca sorri para eles. — Lento e tranquilo.

— Pronta? — pergunta Soledad.

A irmã mais nova confirma com a cabeça. O rosto de Lydia ganha um ar sombrio conforme observa as garotas. Luca examina o trem em toda a sua extensão e vê alguns migrantes aglomerados perto da parte de trás, nos últimos cinco ou seis vagões. Um está em pé, a silhueta do corpo formando um X, e acena para eles. Luca retribui o aceno.

— Vamos — diz Soledad.

Ela e a irmã se alinham uma ao lado da outra, bem no centro da via férrea. Elas se agacham, segurando as mochilas embaixo do corpo, e esperam pelo vagão certo. Procuram por um que seja plano em cima. Um vagão que tenha o tipo de grade onde se possa andar, arrumar um espaço para sentar e se segurar. Elas esperam, porque a primeira metade do trem é toda de vagões-tanque, arredondados. E finalmente, bem devagar, Soledad lança a mochila e pula logo atrás dela. Com um impulso gracioso, caótico e suicida, ela transita entre o estado de repouso e o de movimento, e cai — Lydia não consegue precisar a distância. Dois metros? Três? Em seguida, a silhueta da garota vai ficando menor conforme se afasta com o trem.

— Venha! — grita para a irmã. — Agora!

E logo Rebeca também pula, e Lydia percebe como isso tem que ser rápido, que eles não têm tempo para avaliar as opções nem para considerar estratégias melhores. Ela rejeita a percepção de que por toda a vida teve medo de pular acidentalmente de penhascos, de varandas, de pontes, como a personagem do seu romance preferido. Agora Lydia sabe, com certeza absoluta, que jamais pularia, que o medo sempre fora um complexo truque de sua mente. Seus calcanhares estão grudados na pista. Uma semana atrás ela teria gritado para Luca descer de lá. Teria dito para não ficar tão perto da beirada. Teria estendido as mãos e agarrado o braço do menino para se convencer de que ele estava seguro. Agora ela precisa jogar o filho em cima de um trem em movimento que está correndo embaixo deles. A pequena multidão de migrantes nos últimos vagões se aproxima. Eles se encolhem para passar por baixo da pista e então, ao emergirem do outro lado, encaram Lydia, os braços abertos, gesticulando para que ela arremesse as mochilas. Ela arremessa as mochilas. E depois segura Luca pelos ombros e fica parada atrás dele.

— Dê um passo — instrui ela.

Luca dá um passo sem qualquer hesitação ou objeção. Seus calcanhares estão na pista. As pontas dos seus tênis azuis estão no ar enquanto o trem passa embaixo. O menino faz um zumbido para encobrir o barulho assustador do trem.

— Agache bem — diz ela. — Do mesmo jeito que elas fizeram.

Ele se agacha ao máximo. Se ele pular desse lugar e morrer, será porque fez exatamente o que Lydia mandou. Ela sente como se estivesse assistindo a si própria em um pesadelo fazendo uma coisa monstruosa que a deixa em pânico. Uma coisa que, graças a Deus, ela nunca faria na vida real. E então bem na hora em que está prestes a puxá-lo, a apertar sua cabecinha contra o peito, a envolvê-lo com seus braços e a chorar de alívio porque acordou a tempo, ela escuta. Com convicção, a voz de Sebastián, ultrapassando todo o barulho que vem de dentro e de fora.

A voz, quando ela abre a boca e grita no ouvido de Luca, quase não é a sua.

— Rápido, Luca! Pule!

Luca pula. E cada molécula do corpo de Lydia pula junto. Ela o observa, um pedaço de gente, como ele é pequeno, como é absurdamente corajoso, seus músculos e ossos, sua pele e seu cabelo, seus pensamentos e palavras e ideias, a grandeza de sua alma. Ela o vê em sua plenitude no instante em que seu corpo deixa a segurança do elevado e voa, apenas momentaneamente, para o alto por

causa do impulso, até que a gravidade o apanha e ele desce em direção ao topo de La Bestia. Lydia o vê cair, e sente os olhos tão arregalados de medo que quase pulam para fora das órbitas. E logo ele aterrissa como um gato, de quatro, e a velocidade do seu salto se choca com a velocidade do trem, e ele tomba e rola, e a perna se estica em direção à borda do trem, puxando o corpo junto, e Lydia tenta gritar o nome do filho, mas sua voz some, e então um dos migrantes o agarra. Uma mão grande e calejada segura o braço de Luca, a outra pega os fundilhos da sua calça. E Luca, capturado, salvo pelos braços fortes desse desconhecido em cima do trem, levanta o rosto para procurar a mãe. Os olhos dele encontram os dela.

— Consegui, Mami! — grita ele. — Mami! Pule!

Sem nenhum pensamento na cabeça a não ser Luca, Lydia pula.

CAPÍTULO QUINZE

No ano anterior ao assassinato de Sebastián, o México era o país mais perigoso do mundo para jornalistas, chegando a ser pior do que zonas de guerra, até mesmo a Síria e o Iraque. Jornalistas eram assassinados em todos os cantos do país. Tijuana, Ciudad Juárez, Chihuahua. E mesmo assim, como Los Jardineros não miravam especificamente os repórteres — tal qual a maioria dos cartéis —, fazia quase dois anos que Sebastián não recebia uma ameaça de morte oficial. Não é de todo correto afirmar que Sebastián e Lydia sentissem uma falsa sensação de segurança; ninguém em Acapulco se sentia a salvo. A imprensa livre era uma espécie altamente ameaçada no México. No entanto, depois da descoberta de que o amigo de Lydia era La Lechuza, a ausência de um aviso explícito por parte dele, combinada com uma ligação tensa mas genuína entre Lydia e Javier, funcionava como um tipo de analgésico de curto prazo para o pior dos medos do casal.

Sebastián continuou a tomar as precauções costumeiras: procurava não seguir uma rotina diária fixa, evitava ir com seu fusca laranja, que era fácil de reconhecer, à cena dos crimes, e sempre que escrevia uma matéria com potencial de risco maior usava um pseudônimo, como “da redação”, para ocultar sua identidade. Nesses casos, o jornal também alugava um quarto de hotel na região turística da cidade. Sebastián levava Lydia e Luca, e os três ficavam instalados ali por alguns dias, escondidos. Quando parecia que não haveria retaliação imediata, a família deixava o esconderijo e voltava a tocar a vida. Essas providências, contudo, eram em grande medida ilusórias. Sebastián sabia que qualquer apuração que realizasse, qualquer crime que investigasse, qualquer fonte que abordasse, tudo era um campo minado em potencial. Ele era tão cuidadoso quanto poderia ser qualquer jornalista mexicano que dissesse a verdade.

Lydia, por sua vez, tornou-se extremamente atenta a qualquer sinal de perigo. Javier continuava a visitá-la na livraria quase toda semana, e a agonia

que ela sentiu na noite em que descobriu a verdade sobre ele foi dando lugar a outro sentimento. Ela ainda o atendia, oferecia café, conversava com ele sobre diversos assuntos. Ela escutava com redobrada atenção quando ele lia poemas anotados em um caderno Moleskine. Até dava sorrisos verdadeiros, e, apesar de uma sensação nauseante de culpa e uma relutância em admiti-lo, ainda se sentia atraída por ele. Seu intelecto, sua ternura, sua vulnerabilidade e seu senso de humor — nada disso havia mudado. No entanto, quando surgia a notícia de um novo assassinato, apesar de acontecer com menos frequência do que antes, Lydia experimentava uma espécie de bloqueio emocional, e sabia que se afastar de Javier de uma forma cautelosa não era apenas necessário, mas também inevitável. Seus atos só precisavam acompanhar o que seu coração já havia concluído.

— E se contarmos para ele? — sugeriu Lydia a Sebastián na semana anterior à *quinceañera* de Yénifer.

Eles haviam deixado Luca na casa da irmã de Lydia, Yemi, para dormir com o primo Adrián.

— Contar o que para quem?

— Contar para Javier a respeito da matéria. Antes de ser publicada.

Sebastián fechou o cardápio com capa de couro e o repousou sobre o prato.

— *¿Estás loca, mujer?*

Lydia passava manteiga em um pãozinho quente retirado da cesta de pães, e não levantou o olhar para encarar o marido.

— Estou. Mas acho que estou falando sério também. — Ela pressionou a manteiga no miolo e esperou amolecer.

Sebastián olhava para a paisagem iluminada pelo pôr do sol atrás de Lydia. O restaurante ficava em uma colina ao lado da baía, e dava para ver as luzes piscando por todo o vale abaixo, a iluminação bruxuleante refletindo na água. Ele não queria pensar naquela ideia. Queria pensar na vista, no cardápio e em sua linda esposa. Após anos fazendo matérias sobre o narcotráfico, aprendera muito bem a colocar cada coisa em seu devido lugar, a deixar de lado toda a monstruosidade. Sebastián tinha um talento para aproveitar cada momento. Mas respeitava Lydia e não queria dar a impressão de que não se importava.

— Se conversarmos sobre esse assunto por mais dois minutos, promete que não vamos mais falar disso até o fim da noite? — perguntou ele.

— Prometo.

Ela sorriu e deu uma mordida no pão.

— Muito bem. Por que contaríamos para ele? Qual seria a vantagem?

Ela tomou um gole de água.

— Para avaliar a reação dele com antecedência, para saber com quem estamos lidando. — Sebastián permaneceu completamente imóvel enquanto escutava. — Talvez ele possa até se encontrar com você, lhe passar a versão dele dos fatos.

— Acha que ele faria isso?

— Não sei. Quem sabe? Quer dizer, a gente sabe que ele é muito esperto. Talvez veja como uma oportunidade de tentar controlar a mensagem. Conseguir um pouco de publicidade positiva, ser mostrado de uma maneira melhor.

— Todo narcotraficante tem um complexo de Robin Hood.

— É mesmo, então apele para isso. Talvez ele até goste.

— Mas é exatamente disso que eu tenho medo. Não posso ter essa ligação com ele.

— É, eu sei.

— E *ele* pode não saber. Pode achar que vou ser o novo RP dele. E que depois disso vou entrar em sua folha de pagamentos.

— *Ay...* — Lydia fez uma careta.

— É arriscado demais — disse Sebastián, abrindo o cardápio. — O que você vai querer comer?

* * *

Lydia leu a matéria na noite de segunda-feira, na véspera da publicação. Ela e Sebastián tinham que calcular o nível de risco, determinar a conduta para os próximos dias em relação à segurança. O jornal tinha oferecido hospedá-los em um hotel de novo, tirá-los de cena. A reportagem não seria publicada com o seu nome, mas seria bastante fácil descobrir quem a escrevera. Qualquer uma de suas fontes revelaria sua identidade para Javier. Talvez já o tivessem feito.

Sebastián andava de um lado para outro atrás de Lydia, que lia o texto no laptop dele, na mesa da cozinha: LA LECHUZA REVELADO: RETRATO DE UM SENHOR DAS DROGAS. A história vinha acompanhada de diversas fotos. Sebastián e seu editor haviam selecionado uma foto lisonjeira de Javier, sentado de maneira elegante com a perna cruzada e um dos braços sobre o encosto de

um sofá de veludo. Usava calça jeans escura e jaqueta de tweed, e estava idêntico a um acadêmico, os olhos acolhedores atrás de lentes grossas, o rosto sorridente mas não presunçoso. Lydia pensou de novo na manhã em que ele aparecera na loja pela primeira vez, em como sua amizade e sua vulnerabilidade a tinham afetado tão profundamente nos meses anteriores à descoberta de sua verdadeira identidade. Ela ainda relutava em saber mais coisas desagradáveis sobre ele. Ainda tinha a lembrança de se sentir apegada àquela amizade, o que a tirava do sério. Fechou os olhos com força e inspirou profundamente antes de começar a leitura.

Lydia ficou impressionada com a familiaridade de Sebastián com o tema — ele claramente percebia um Javier diferente do que aquele que ela conhecia, mas ainda assim o relato era ao mesmo tempo objetivo e sensível. Nas palavras do marido, ela reconhecia a intensidade do amigo, mas também descobria pela primeira vez os detalhes sórdidos do empenho de Javier para agir de forma cruel. As decapitações foram apenas o início. Los Jardineros também eram conhecidos por esquartejar suas vítimas e rearrumar as partes do corpo em um quadro digno de um show de horrores. De acordo com a reportagem de Sebastián, durante a guerra entre Los Jardineros e o cartel anterior, corria o boato de que Javier havia atirado em um menino de dois anos enquanto o pai — que era seu rival — assistia. Ele pintara o rosto do homem com o sangue do filho morto. Esses detalhes ganharam dimensões míticas, é claro: não havia prova alguma de tamanha brutalidade. Porém, depois de ler aquilo, Lydia ficou quase três minutos de olhos fechados até ser capaz de prosseguir. A reportagem também destacava as medonhas estatísticas da ascensão de Javier: durante a transição ao poder, a taxa de homicídios de Acapulco foi a mais alta do México e uma das maiores do mundo. A cidade perdeu turismo, investimentos, jovens, e esse tipo de perda é difícil de reverter mesmo depois que a violência diminui. Também era verdade que, embora o banho de sangue tenha se tornado menos visível para o cidadão médio nos últimos meses, a cidade ainda era acometida por uma dúzia ou mais de homicídios por semana. Além dessas cifras, inúmeras outras pessoas tinham simplesmente desaparecido. A verdadeira essência de Acapulco se alterara; a população se transformara para sempre. Vizinhanças inteiras eram abandonadas à medida que os moradores fugiam dos destroços de sua vida e rumavam para o norte. Para aqueles que partiam, *el norte* era o único destino. Se até uma meca do turismo como Acapulco poderia cair em desgraça, então nenhum lugar do México era seguro.

O perfil de Javier traçava uma linha viva entre sua ascensão e a realidade de Acapulco em ruínas. Era uma nova cidade, global e desumana, e sua decadência era realçada pela memória do glorioso passado que o lugar viveu. O relato de Sebastián era doloroso, sem rodeios e inteiramente convincente. Também atribuía a Javier o início de um resquício de paz, elogiava o controle que exercia sobre seus homens e fazia um apelo para que continuasse com as restrições. Terminava com um perfil psicológico do homem em si, e Lydia sabia que as informações eram exatas. Ao contrário de seus contemporâneos e predecessores, La Lechuza não era exibido, gregário ou mesmo particularmente carismático. Parecia um homem esclarecido. Porém, como todo senhor do tráfico que ascendera a um nível tão alto, era astuto, impiedoso e megalomaniaco na essência. Era um cruel assassino em massa, que se confundia com um perfeito cavalheiro. Um facínora que se imaginava um poeta. A reportagem terminava com a inserção de um poema escrito pelo próprio Javier, e Lydia ficou boquiaberta quando o viu ali. Ela conhecia aquele poema. Foi o primeiro que ele havia lhe mostrado.

— Em nome de Deus, como você conseguiu isso? — murmurou ela.

Sebastián parou de andar de um lado para outro e se debruçou sobre o ombro da esposa. Lydia leu novamente o poema, ainda mais horroroso na tela do que quando Javier lhe mostrara.

— Ah, sim — disse Sebastián. — Foi uma maluquice. Você sabe que promovemos um concurso anual de poesia, não é? A filha de Javier enviou um. Ela apresentou o poema no nome dele. Acho que queria fazer uma surpresa para o pai.

— Uau — disse Lydia. — Marta.

A inclusão do poema foi constrangedora. Serviu para aglutinar todos os fatos em um retrato vívido e para corroborar de alguma forma a precisão da descrição de Sebastián. Ao fechar o computador e se recostar no espaldar da cadeira, Lydia descobriu que a pessoa pode se sentir horrorizada de muitas maneiras diferentes ao mesmo tempo.

— E aí? — Sebastián enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e apoiou as costas na bancada da cozinha. Estava descalço, as meias enroladas formando um montículo na bancada atrás dele. Lydia ficou encarando as meias. — O que achou?

Ela cruzou as mãos embaixo do queixo e balançou a cabeça.

— Acho que está satisfatório.

— Satisfatório? Não está *bom*?

— Não, quer dizer, está bom. Está bom, Sebastián. Não estou falando disso. Quer dizer, acho está satisfatório em relação a Javier.

Ele assentiu.

— Tudo bem.

Os dois ficaram em silêncio enquanto ela refletia um pouco mais.

— Na realidade, acho que é mais do que satisfatório. Acho que ele vai gostar. É justo. Mais do que isso, é quase elogioso.

Ele aquiesceu novamente.

— Está confiante?

Mais uma vez, ela hesitou um instante para garantir que sua resposta fosse verdadeira.

— Estou.

Sebastián foi até a geladeira, abriu duas cervejas e se sentou de frente para a esposa.

— Não vou mentir, estou meio nervoso. — Levou a garrafa à boca e bebeu metade de um só gole. — Mas fico aliviado que você está levando fé na matéria. Tem certeza de que está boa? — Ele observava Lydia revirar a garrafa marrom em círculos na mesa. — Não acha melhor sumirmos por uns dias, só por segurança?

Ela sabia como era importante não ter dúvidas. Ponderou bem antes de falar, e por fim respondeu:

— Não, acho que está tudo bem.

— Tem certeza absoluta?

— Sim. Certeza absoluta. — Ela o empurrou para longe.

Sebastián estava apoiado na bancada. Ele não tinha se barbeado naquela manhã, e seu rosto mostrava um leve sombreado.

— Está surpresa? Será que o texto está indulgente demais? — perguntou.

— Não. Quer dizer, ainda acho horripilante. — Ela tomou mais um gole. — Mas são dados corretos. Você mostra que ele é um ser humano. Em relação à verdade do relato, acho que ele vai apreciar.

Isso aconteceu na noite de uma segunda-feira, havia menos de duas semanas. Lydia se lembra de que era segunda porque tinha acabado de trazer Luca da escolinha de futebol, e ele estava com fome, e ela havia lhe dado uma torrada e uma banana, mesmo que já tivesse passado da hora de dormir. Ele havia deixado um rastro de lama no vestíbulo porque se esquecera de tirar as

chuteiras na porta, e Lydia ficara irritada, pois tinha acabado de varrer o chão. Fazia menos de duas semanas, a lama no chão do seu vestíbulo era uma coisa que aborrecia Lydia. É inimaginável. A realidade do que tinha acontecido era muito pior do que o pior de seus medos imaginários.

Mas ainda podia piorar.

Porque ainda havia Luca.

* * *

No teto do trem, Lydia pega as duas alças de lona da mochila e prende uma delas no passador traseiro da calça jeans de Luca antes de enfiá-la por uma dobra de metal em cima da grade onde estão sentados. Depois repete o processo em si mesma. Ela não sabe se essa pequena tira de lona seria realmente capaz de salvar Luca caso ele caísse, mas só lhe resta tentar. De qualquer modo, imagina que a maioria dos acidentes acontece quando as pessoas estão tentando subir no trem ou saltar dele.

Seus pés não doem tanto assim desde quando ela era criança e voava lá do alto do balanço, quando aterrissava com um estrondo e sentia o eco de sensibilidade reverberar pelas pernas. Estão doloridos, mas não é uma dor ruim. É apenas um lembrete de que ela está viva, de que suas pernas podem ser usadas como êmbolos e molas, que seus pés ainda mantêm a vitalidade. Lydia flexiona uma perna de cada vez, bate os pés contra a grade de metal para aliviar a dor. Rebeca e Soledad estão alguns vagões à frente porque pularam antes, mas logo se aproximam deles, caminhando pelo teto dos vagões, pulando os vãos, abaixando bem quando o trem passa por baixo de um elevado. Lydia observa com admiração e aflição as duas moças.

Pouco depois, estão todos sentados juntos ao lado dos quatro rapazes que já se encontravam lá, inclusive o que segurou Luca. Lydia observa a reação dos homens com a chegada das moças. Estuda o rosto deles, um a um, enquanto os rapazes absorvem a extrema beleza das irmãs e, um a um, se afastam de modo quase imperceptível das adolescentes. Os homens têm uma postura respeitosa. Sabem que a jornada é mais dura para essas garotas, e são solidários em relação aos perigos. Logo tudo será passado. Os homens sorriem para Luca. Cutucam-no e apontam para as paisagens interessantes durante a viagem: uma mamãe vaca com seu bezerro, um amontoado de árvores parecendo uma formação de

rúgbi, uma cruz branca e desolada em cima de uma colina baixa. Os homens se benzem quando passam por um campanário ou um túmulo de beira da estrada. Rezam.

Aquelas primeiras horas em cima de La Bestia são revigorantes. O trem segue lentamente para oeste e noroeste, e Luca tem uma sensação boba de que agora estão realmente *indo em frente*. É tão bom sentir-se um passageiro, avançar depressa com o poder da máquina se ocupando do trabalho. Bebem água de seus cantis e comem barras de cereal. Lydia oferece uma barra para as irmãs dividirem. Soledad e Rebeca sentam-se de costas uma para a outra, os joelhos dobrados como hastes de uma tenda. Soledad come sua parte de uma mordida só. Rebeca saboreia a metade que lhe cabe, apanhando as migalhas dos cantos da boca e deixando-as se dissolverem na língua antes de engolir.

A paisagem se desenrola abaixo deles, suas cores se alterando. Às vezes as árvores se aproximam dos trilhos, raquíticas e curvadas. Às vezes, se mantêm eretas e parecem perfurar o céu. Às vezes os obstáculos surgem no alto do trem e ameaçam empurrar os passageiros para fora: vegetação que extravasa para a linha férrea, a estrutura estreita de uma ponte sobre uma ravina e, o mais assustador, os túneis apertados, nos quais o teto parece passar a apenas centímetros das cabeças, e o eco do barulho ensurdecedor amplifica o medo da queda. Os migrantes ficam alertas a tais perigos: eles se agacham, se deitam, se inclinam. Esticam os braços e as pernas, e prendem a respiração.

Volta e meia, o trem para, e, depois de um tempo, Luca começa a entender como prever aquelas interrupções. Primeiro, há uma mudança brusca de direção — o que significa que há alguma cidade próxima, grande o suficiente para que quem construiu as estradas de ferro determinasse que o trem fosse até lá. A composição vira, dá uma guinada, primeiro reduzindo a velocidade para a mudança de direção, depois diminuindo ainda mais à medida que a cidade se aproxima. A postura de preocupação dos migrantes se transforma, e eles deitam em cima dos vagões. Luca e Lydia fazem o mesmo. Ficam atentos às caminhonetes escuras com estrelas brancas da polícia federal, cujo trabalho é tirar os migrantes dos trens.

— O que acontece se virmos *la policía*? — pergunta Luca.

Ele está completamente deitado, de bruços, estirado entre Mami e Soledad. A jovem olha para Luca e descansa a cabeça na dobra do cotovelo.

— Você corre para salvar sua pele, *chiquito* — responde ela.

Às vezes as paradas são rápidas, levam poucos minutos; às vezes, duram uma hora ou mais, enquanto os migrantes prendem a respiração, os músculos retesados, os sentidos sob pressão. Seus olhos vasculham a paisagem à procura de outros movimentos além daqueles dos homens que carregam e descarregam os vagões. Às vezes os trabalhadores jogam comida para os migrantes no alto do trem antes da partida, ou reabastecem suas garrafas de água com uma mangueira. Em outras ocasiões, é como se os homens tivessem sido avisados para não ajudarem os migrantes, como se fossem invisíveis no trem, e nesses casos a situação parece uma cena coreografada, em que cada um finge não ver ou não ser visto. E então, finalmente, há um apito, um solavanco, e a aceleração gradativa do alívio ao mesmo tempo que o trem retoma sua viagem para a estação seguinte. Quando a luz desce naquela hora dourada, reluzente, quando toca na pele de Soledad como um refletor intrometido, as irmãs se juntam e conversam em voz baixa.

— Não ficamos nos trens à noite — explica Soledad para Lydia mais tarde.

— Vamos descer na próxima estação — acrescenta Rebeca. — Assim que parar de novo.

Lydia aquiesce. Ela não pergunta por quê.

— Vamos sair também, não é, Mami? — pergunta Luca.

É como se as irmãs lhes tivessem feito um convite velado para seguir com elas. Rebeca olha para Lydia, o rosto da menina quase tão esperançoso quanto o de Luca. Soledad, mais difícil de interpretar, está virada de lado, de modo que Lydia só vê o seu perfil. Depois da dificuldade de embarcar, a ideia de saltar do trem enche Lydia de pavor. Agora que eles estão finalmente seguindo adiante, ela gostaria de permanecer ali até chegar a *el norte*. No entanto, por outro lado, é justamente por causa dessas meninas e de suas instruções que ela e Luca conseguiram subir em La Bestia. Elas fizeram a voz de Luca voltar. Elas sabem das coisas.

— Tudo bem — diz Lydia.

Quando o trem para em San Miguel de Allende logo antes do crepúsculo, Luca e Lydia descem a escada junto com Soledad e Rebeca. Com um aceno, se despedem dos homens que permanecem, e, com outro, cumprimentam os homens que estão abrindo um dos vagões para descarregar. Os quatro saem rapidamente em direção à cidade.

San Miguel de Allende é impecável, com muros baixos de pedra ladeando as ruas, árvores bem-cuidadas e flores nas praças. O grupo segue uma avenida larga, onde há uma igreja de tom rosado que se intensifica ao sol poente, com bandeirolas que vão das fachadas aos portões centrais do adro, conferindo um ar festivo ao lugar. Luca ainda consegue sentir nos ossos os resquícios da vibração do trem enquanto caminham. A calçada de concreto lhe traz uma espécie de quietude ativa. Passam por uma loja de móveis, uma farmácia, um bar, uma casa elegante com varandas e três homens à toa sob uma palmeira, o que faz com que as irmãs acelerem o ritmo. Passam por casas novas de estuque e casas velhas de pedra, um supermercado, um campo de futebol, uma moradora de rua, um supermercado melhor e, por fim, uma rotatória que parece demarcar os limites do centro da cidade.

As irmãs caminham por puro instinto, uma habilidade que desenvolveram bem, seguindo os cartazes e as pessoas, dirigindo-se para as regiões mais densas da cidade à procura de *la plaza central*. Elas se sentem mais seguras quando o ambiente é amplo e cheio de gente. Um homem, uma loja de ferramentas, um ponto de ônibus, uma estátua de um anjo alado atacando alguém com uma espada, e a luz do dia muda de rosa para violeta. Ao lado de uma venda de frutas, há um sujeito sentado em um caixote de leite usando um chapéu branco de vaqueiro. Um acordeão estica e encolhe em suas mãos como pulmões exuberantes. Ele começa a tocar, e a rua inteira se volta para a música. Uma mulher está grelhando carne ali perto, e o cheiro faz o estômago de Luca se contorcer de fome, mas eles seguem caminhando à medida que as ruas ficam cada vez mais estreitas, o asfalto dando lugar à pedra. Luminárias de papel se alongam no alto, afixadas às sacadas de ferro forjado e balançando na brisa urbana. É diferente de Acapulco em absolutamente todos os aspectos, exceto um: parece um cartão-postal sensorial de uma cidade mexicana. O sol se põe a oeste, atrás deles, cobrindo tudo com tons avermelhados.

Luca aperta a mão da mãe.

— Mami, estou com fome.

— Bem na hora, *chiquito* — diz Soledad. — Chegamos.

O destino é a Praça Principal de San Miguel de Allende. Eles se abaixam sob o pórtico em arco de um prédio cor de canela e param uns instantes para

descansar. Luca solta a mão de Mami e apoia a mochila na parede. Na praça, as pessoas estão comendo sanduíche e bebendo Coca-Cola. Conversam e riem. Três grupos de *mariachis*, em cores contrastantes — laranja, branco, azul-claro —, mantêm uma curta distância entre si para serem ouvidos além dos sons dos concorrentes. Passeiam pelas esquinas da praça e cativam os turistas com a vivacidade de sua música. Há um conjunto de árvores que preenche o espaço entre eles, com troncos firmes e compactos. Os estranhos galhos estendidos mesclam suas folhas, formando um teto verde, denso e esponjoso. Uma variedade de pináculos cor-de-rosa adornados com uma cruz dourada no topo se eleva da abóboda como um palácio de conto de fadas. Trata-se da Paróquia de San Miguel Arcángel, cuja silhueta em contraposição ao céu do crepúsculo forma uma visão espetacular.

— Que loucura. — fala Rebeca, e era o que todos tinham em mente.

É um dos lugares mais estranhos que Luca já viu. E assim que o último raio da luz solar se eleva da Plaza Principal e desliza pelas torres para desaparecer aos poucos, os postes de iluminação se acendem de repente. As fileiras de luzes ao redor dos troncos das árvores se iluminam e brilham. É maravilhoso estar em um local bonito e festivo como aquele. Lydia se enche de culpa, porque parece incongruente e errado testemunhar o simples encanto de um local bonito. Ela percebe que o mesmo tipo de sentimento surge no semblante de Luca, e pega a mão do filho. A mente do menino comete o horror de avisá-lo que não deve se maravilhar: inunda seu pensamento com a memória de toda a sua família morta, o interminável estrondo do tiroteio através da janela do banheiro de Abuela, os gritos lá fora, a pressão inútil das mãos de Mami em seus ouvidos, a solitária mancha de seu sangue nos azulejos verdes do chuveiro. Todos mortos. Luca morre com eles por um minuto, então não ouve Mami chamar seu nome. Não vê os rostos de Soledad e Rebeca se juntarem em sua direção demonstrando uma preocupação fraternal. Não se dá conta do próprio choro, o modo como aperta a cabeça com as mãos. Ele não sabe por quanto tempo esteve ausente, mas, quando volta do transe, se vê aninhado ao corpo de Mami, que o acalenta. As mãos dela passam pelo cabelo do menino, a voz entoando em seus ouvidos um murmúrio de firme consolo.

— Shh, *amorcito*, está tudo bem — diz Lydia.

Ele aquiesce.

— Desculpe. Desculpe. Já passou.

Mas ela não o larga.

Soledad capta o olhar de Lydia por cima da cabeça de Luca, e um vislumbre de reconhecimento lampeja entre as duas. Ambas percebem o que se passa com a outra, um trauma não falado que precisaram suportar, seus motivos para estarem ali. É tão sutil e expressivo quanto uma pulsação.

— Rebeca, vamos nos apressar para achar comida para o Luca — diz Soledad, por fim. — E pensar em um lugar para dormir.

Lydia irradia gratidão pelo lento piscar de seus cílios.

As irmãs voltam rapidamente com o jantar. É como um truque de mágica, e Lydia percebe pela primeira vez uma certa vantagem na beleza das irmãs. É a melhor comida que Luca e Lydia comeram desde a *quinceañera*, porque as meninas aprenderam coisas importantes. Elas não mexem com os comerciantes de rua, cuja generosidade pode depender da necessidade de alimentar a própria família em primeiro lugar. Em vez disso, Soledad e Rebeca aprenderam que é melhor descobrir um restaurante elegante e fazer amizade com algum homem jovem que talvez apareça para fumar um cigarro ou fazer uma entrega. O rapaz pode se ver cativado pela beleza e pela extrema necessidade de duas jovens que estão sozinhas e tão longe de casa. As irmãs descobriram que, com muita frequência, o rapaz desaparece de repente e volta com duas marmitas grandes com espaguete quente, ainda fumegando, cheio de alho, azeite e sal. Talvez até haja uma colherada de molho bolonhesa e alguns legumes. Um pedaço de pão quentinho. Há sempre um sorriso, uma bênção, uma centelha de reconhecimento por parte do jovem esforçado que, por causa da empatia (entre outras coisas) que a beleza evoca, imagina sua própria irmãzinha, ou prima, ou filha no lugar dessas meninas. Ele lhes deseja uma viagem segura e implora para que tomem cuidado. Às vezes, até fornece talheres. As irmãs são sempre efusivas em seus agradecimentos. Clamam que todas as bênçãos do Senhor recaiam sobre aquele jovem.

Nos degraus largos e rosados da vistosa igreja, Luca, Lydia, Soledad e Rebeca atacam o espaguete, cheios de gratidão. Comem em silêncio, compartilhando os dois garfos, até terminar o último bocado. Lydia agradece às meninas, e seu agradecimento parece absolutamente insuficiente, porque o que ela precisa de fato dizer é que a comida, sim, mas também a generosidade das irmãs, a humanidade e a própria existência delas têm nutrido uma parte essencial e sem viço de si mesma. Rebeca e Luca se afastaram para lavar as mãos no chafariz, mas Soledad olha nos olhos de Lydia.

— Talvez seja melhor ficarmos juntos por um tempo — diz ela.

— Sim — responde Lydia.

A noite cai sobre a cidade. Os bares e os restaurantes se esvaziam e fecham as portas e, com o tempo, até os *mariachis* deixam de perambular por aí e vão para casa. Enquanto as luzes de San Miguel de Allende piscam e se apagam, os quatro viajantes levam suas mochilas e seus corpos para o meio da praça. Esticam-se nos bancos. *Como mendigos*, pensa Luca. É a primeira noite que dormem na rua, e isso não parece nem um pouco uma aventura. Ele quer o seu quarto, com a pilha de livros no chão e o abajur de bola de futebol. Quer a sombra reconfortante de Papi na parede. Mas sua barriga está cheia e sua cabeça está recostada na parte macia da coxa de Mami, e Luca está exausto. Já há um cabo de guerra dentro de seu coração, entre querer se lembrar e precisar esquecer. Nos meses vindouros, às vezes Lucas vai desejar não ter desperdiçado esses primeiros dias de luto. Vai desejar que tivesse deixado o luto penetrar nele, que provocasse mais destruição. Porque, à medida que a parte do esquecimento se instala, o sentimento é de traição. Ele vai acreditar, erroneamente, que é sua própria covardia que apaga os detalhes de Papi: a pinta em cima da sobrancelha esquerda, os pequenos cachos compactos e irregulares do cabelo, o timbre de sua voz ao rir, a aspereza de seu queixo na testa de Luca quando os dois leem juntos antes de dormir. Porém, Luca ainda não sabe de nada disso, nem que — não importa o que faça agora — essa aterradora amnésia é inevitável, e não é culpa dele. Então, fatigado, descarta as recordações e as bloqueia. Recita para si mesmo os pormenores da geografia de Nairóbi, Toronto, Hong Kong. Logo, está ressonando suavemente no colo da mãe.

Apesar da exaustão esmagadora, Lydia é a única incapaz de dormir. Ela se retesa quando um jovem casal se aproxima, levemente embriagado e dando risadinhas. Os dois se escondem atrás das árvores para se beijar e depois param quando veem a silhueta de Lydia sentada no banco, a mochila abraçada na frente como um escudo, além das outras três figuras dormindo por perto. As crianças não se mexem, e o casal logo se afasta. Seus passos ecoam em meio ao canto dos grilos e depois se dissipam.

Lydia inveja o coro das respirações ao seu redor, a capacidade das pessoas mais novas de mergulhar em seu cansaço como se fosse em uma banheira de água quente. Pelo que se lembra, ela fazia isso também antes de se tornar mãe. Era capaz de fazer qualquer coisa na época, antes de adquirir o medo maternal que passou a despertar uma genuína cautela dentro de sua alma. Tinha sido

imprudente na juventude. Quando adolescente, pulava dos penhascos de La Quebrada só pela emoção, pelo estremecimento que a sacudia no momento do salto. Sente um calafrio agora com a lembrança desse perigo desnecessário e se vira para olhar as meninas dormindo, cabeça contra cabeça, no banco vizinho.

Quando finalmente uma tênue luz começa a se infiltrar pela abóboda celeste, sinalizando a segurança da claridade de um novo dia, a mente de Lydia a deixa dormir.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A *brincadeira em* casa sempre tinha sido que Luca e Sebastián não deveriam falar com Lydia de manhã até ela ter tomado sua segunda xícara de café. Ela sempre tomava duas em casa e uma terceira depois de abrir a livraria. Tinha o hábito de limpar o filtro e encher a cafeteira à noite; assim, não precisaria se dar o trabalho de manhã, quando ainda estivesse sonolenta. Era a primeira coisa que fazia todo dia quando desligava o despertador, no caminho para o banheiro: ligava a cafeteira e sentia uma pontada de feliz impaciência ao ver a luz vermelha aparecer. Aos domingos, quando tinha um tempo extra, produzia espuma de leite, ou torrava o café com açúcar e canela para fazer um *café de olla*. Agora não há nenhum tipo de café na maioria das manhãs, o que lhe causa uma dor de cabeça diária, agravada pela exaustão da falta de sono.

Voltam à via férrea cedo, e já há mais de dez pessoas formando um grupo de migrantes à espera do trem. Ali perto, um homem com uma bela calça jeans e camisa de colarinho branca limpa se encontra junto a uma caminhonete com a traseira aberta. Dentro do veículo há uma enorme tigela de arroz e um recipiente abarrotado de *tortillas* fumegantes. Trata-se do padre da igreja das bandeiras que fica ao lado da estrada de ferro, que, antes de alimentar as pessoas, oferece a comunhão e lhes dá uma bênção. Depois recheia as *tortillas* com arroz e entrega aos migrantes. Ele também tem um grande barril laranja com a palavra GATORADE impressa, embora seja apenas refresco. Um dos migrantes despeja o líquido em copos de papel e oferece para quem estiver com sede. Lydia e as meninas se sentam em um dos bancos e comem em silêncio. É Luca que repara uma coisa.

— Por que estão esperando do lado de cá da estrada de ferro?

— Hum? — faz Lydia, mastigando.

Os migrantes estão aglomerados no lado que vai para o sul. Segurando a *tortilla*, Rebeca se encaminha até o grupo de homens. Conversa um pouco e depois volta para explicar.

— Perdemos o Rota do Pacífico — diz.
— O quê? — Soledad parece alarmada.
— Não por muito tempo, não se preocupe. — Rebeca se acomoda ao lado da irmã. — A cidade de Celaya fica a apenas uma hora ao sul daqui.
— Ah, a terceira maior cidade do estado de Guanajuato — interrompe Luca em voz baixa.

As meninas se viram e o fitam espantadas, enquanto Luca, constrangido, sorve o refresco.

— Então — continua Rebeca —, temos que pegar o trem para o sul e fazer a baldeação para o Rota do Pacífico em Celaya.

— Mas por quê? — pergunta Lydia, inclinando-se para a frente. — Não é mais rápido se formos nessa direção?

— Não é seguro — diz Rebeca. — Nosso primo disse...

— Todo mundo disse — corrige a irmã.

— Todo mundo disse para pegar o Rota do Pacífico. Todas as outras linhas são perigosas demais por causa dos cartéis.

Lydia tem dificuldade para engolir a comida.

— Todo mundo diz a mesma coisa — confirma Soledad. — Só o trem Rota do Pacífico é seguro.

Lydia não precisa de argumentos para se convencer, mas tem uma pergunta. As meninas parecem saber muito mais do que ela.

— Vocês sabem quais cartéis controlam que rotas?

— Não, mas Deus está vigiando e nos guardando — responde Rebeca, fazendo o sinal da cruz. — Vamos ficar bem.

Só para garantir, as irmãs entram na igreja para acender uma vela enquanto esperam.

* * *

Ao atravessar San Miguel de Allende, o trem na direção sul não para, mas segue lentamente, e todo o grupo de homens sobe a bordo com facilidade. Luca observa as irmãs correrem ao lado do trem. O medo as torna fortes e graciosas, com movimentos precisos. Os homens esperam no alto da escada para agarrar suas mãos e as puxarem até em cima. Luca não vai ser deixado para trás. Ele corre, Mami ao seu lado, e se sente muito corajoso, mas só até segurar a escada

que fica para fora, quando a vibração acelerada ecoa na palma de sua mão e penetra em todos os ossos de seu corpo. A reverberação faz o menino se lembrar de como ele é pequeno, e como o trem é grande, e como ele morreria se largasse no momento errado. Mami está atrás, e o impulsiona pelas costas, e ele segura a escada com tanta força que as juntas de seus dedos mudam de cor, e ele está quase com medo de soltar uma das mãos para subir o degrau seguinte, mas sabe que precisa fazer isso porque tem que dar espaço para Mami. Então, ele sobe, e o medo é como uma bola em sua garganta, mas agora há dois homens no alto, e um deles estica o braço e o segura pela mochila enquanto outro agarra seu braço, e agora ele está no topo do trem, e Rebeca sorri, e logo Mami aparece. Conseguiram.

— *Qué fuerte, chiquito* — declara Rebeca, impressionada.

Luca abre um sorriso.

* * *

Luca nunca gostou de uma garota antes. Tudo bem, isso não é exatamente verdade, pois gostava da intrépida Pilar, porque ela jogava futebol muito bem, e gostava da prima Yénifer, que era boa com ele em 85% das vezes, mesmo que fosse cruel com o irmão dela, e gostava de uma garota chamada Miranda, sua vizinha, porque usava tênis amarelos chamativos e conseguia dobrar a língua em formato de trevo. Então, talvez seja mais preciso dizer que Luca nunca esteve apaixonado antes. No teto do trem, Luca observa Rebeca e tenta agir como se não a estivesse observando. Não que alguém fosse reparar, de qualquer modo, porque todo mundo está tão ocupado olhando para Soledad que não consegue reparar em mais nada. Escondida pela aura luminosa de Soledad, Rebeca brilha como um sol secreto. Ela está deitada de costas ao lado de Luca.

— Então, por que vocês foram embora de casa? — pergunta ela.

Ele range os dentes e tenta formular uma resposta rapidamente, antes que Rebeca se sinta mal por ter perguntado, mas não consegue pensar em nada para dizer.

— Vocês estão fugindo do seu pai? — arrisca a garota.

— Não — responde Luca. — Papi era ótimo.

Ele se vira de lado para poder fitá-la, mesmo que isso signifique que não tenha mais o braço estendido junto ao braço dela.

— Você é espião? — pergunta Rebeca. — Não vou contar para ninguém, prometo.

Ela segura um pedaço de papelão por cima do rosto para se proteger do sol, e seu cabelo preto está todo enfiado nos buracos da grade de metal embaixo deles.

— Isso mesmo — responde Luca. — Sou espião. Meu governo recebeu uma dica sobre uma ogiva nuclear neste trem. Estou aqui para salvar o universo.

— Graças a Deus, já era tempo. — Rebeca ri. — O universo precisa ser salvo.

O trem balança de modo irregular. Ali perto, Mami conversa com Soledad em voz baixa.

— E vocês? — pergunta Luca. — Por que saíram de casa?

— Suspiro. — Rebeca franze a testa. Ela realmente fala a palavra *suspiro* em vez de suspirar, o que é engraçado apesar da infelicidade de sua expressão. — Tudo estava ruim, no final. — Ela se senta. — Soledad é superbonita, sabe? — Ela levanta o papelão para o lado do rosto onde o sol bate.

— Ah, é? Não reparei — diz Luca.

— *Payaso*. — Rebeca ri e usa o papelão para dar um tapinha na cabeça de Luca. — Mas enfim. Nascemos em um lugar muito pequeno, uma aldeiazinha nas montanhas. Na verdade, talvez nem mesmo uma aldeia, por causa da forma como se estende; é só um conjunto de locais diferentes espalhados onde as pessoas moram. E é um lugar muito afastado de tudo. O pessoal da cidade chama de floresta das nuvens, mas nós chamamos de casa.

— Por que floresta das nuvens? — indaga Luca.

Rebeca dá de ombros.

— Acho que é por causa de todas as nuvens de lá.

Luca solta uma risada.

— Mas todo lugar tem nuvem.

— Não daquele jeito — diz Rebeca. — Na minha terra, as nuvens não ficam no céu; ficam no chão. Vivem com a gente, no quintal, e às vezes até mesmo dentro de casa.

— Uau.

Rebeca dá um sorrisinho.

— Sempre foi agradável lá. Um lugar encantado. E não havia serviço de celular, ou eletricidade em casa, ou coisas do tipo, e nós morávamos lá com a

Mami, o Papi e a Abuela, mas é praticamente impossível ganhar um sustento naquele lugar porque não tem trabalho, sabe?

Luca assente.

— Então o nosso pai ficava quase sempre fora, morando o tempo todo na cidade, em San Pedro Sula.

Luca pensa: *San Pedro Sula: segunda maior cidade de Honduras, quase um milhão de habitantes, capital mundial de homicídios*. Em voz alta, diz:

— Ah, vocês são hondurenhas.

— Não — corrige Rebeca. — Chorti.

Uma interrogação surge no rosto de Luca.

— Indígenas — explica ela. — Meu povo é chorti.

Luca balança a cabeça, assentindo, mesmo que não entenda realmente qual é a diferença.

— Bem, Papi trabalhava como cozinheiro em um grande hotel em San Pedro Sula, que ficava a quase três horas de ônibus do lugar onde a gente morava, então ele só ia para casa de dois em dois meses, mais ou menos. Mas mesmo assim estava tudo bem, apesar de sentirmos falta dele, porque nossa aldeia, nossa pequena floresta das nuvens, era o lugar mais bonito que existe. Nós nem sabíamos disso na época, porque era o único lugar que conhecíamos, com exceção das fotos nos livros e nas revistas, mas, agora que já vi outros lugares, eu sei. Sei como lá era bonito. E nós adorávamos nossa terra mesmo antes de saber. Porque as árvores tinham umas folhas enormes verde-escuras, do tamanho de uma cama, e elas balançavam com o vento. E, quando chovia, dava para ouvir as gotas de chuva, enormes, caindo em cima das folhas, e a pessoa só conseguia ver algum pedacinho brilhante do céu azul se caminhasse um bocado, para a casa de um amigo ou a igreja ou qualquer outro lugar, quando passava por uma clareira e as folhas se afastavam e se abriam. E aí estava lá, o sol a pino, quente, dourado e abafado. E tinha cachoeiras para todo lado, com grandes piscinas de pedra, onde se podia tomar banho, e a água era sempre morna e cheirava a luz do sol. E à noite vinha o som dos sapos e a música da água correndo nas cascatas, além de todas as melodias dos pássaros noturnos, e Mami preparava o *chilate* mais gostoso de todos, e Abuela cantava para nós em uma língua antiga. Soledad e eu colhíamos ervas e as secávamos e amarrávamos em feixes para Papi vender no mercado no seu dia de folga, e era assim que passávamos os dias.

Luca consegue visualizar aquilo. Sente-se transportado para lá, a nebulosa floresta das nuvens, uma choupana com chão de terra batida e uma brisa fresca, com Rebeca e Soledad junto com a mãe e a avó delas, e ele pode até ver o pai, descendo a montanha ao longe e no meio das ruas daquela cidade enorme e congestionada, usando um avental comprido e um chapéu de chef, com os bolsos cheios de ervas secas. Luca consegue sentir o cheiro da lenha no fogo, o chocolate e a canela do *chilate*, e é assim que ele sabe que Rebeca é mágica, pois pode transportá-lo por milhares de quilômetros até seu próprio vilarejo nas montanhas apenas com o som de sua voz.

— As nuvens eram tão espessas que dava até para lavar o cabelo nelas — continua Rebeca. — Mas então um dia uma coisa horrível aconteceu, porque nós estávamos totalmente isoladas ali em nosso canto. Quando os narcotraficantes apareceram, como todos os homens da aldeia estavam fora trabalhando na cidade, os homens maus podiam fazer o que bem entendessem. Podiam pegar as garotas que quisessem sem ninguém para detê-los.

Luca pisca com força. Ele não quer visualizar essa parte. De repente, deixa de gostar da mágica de Rebeca, se aflige por sentir os homens invadindo a floresta, seus corpos quentes vaporizando as nuvens ao redor à medida que avançam, com seus passos pesados, abrindo caminho pela vegetação rasteira. Mas não consegue deixar de formular a pergunta.

— Esses homens maus pegaram vocês?

— Não. — O rosto de Rebeca se transforma, revelando seus dentes brancos e alinhados, mas não se trata de um sorriso, de jeito nenhum. — Tivemos sorte porque ouvimos os gritos de nossas vizinhas, por causa do modo como as nuvens reverberavam o som, mesmo vindo de longe. Então, apagamos o fogo e nos escondemos. Eles nunca descobriram nosso esconderijo.

— Ah. — Luca se sente aliviado. — E depois?

— Mas aí, depois que eles foram embora, descobrimos o que tinha acontecido. Eles tinham levado quatro meninas do nosso lado da montanha. Nossa mãe decidiu naquele mesmo dia que Soledad e eu precisávamos ir embora de lá, apesar de ser o único lugar que conhecíamos no mundo todo. Não queria abandonar nossa terra.

Luca percebe o próprio rosto se enrugando por causa dela, mas tenta manter uma expressão de consolo em vez de dor.

— Aí, no dia seguinte, Mami desceu a montanha comigo e com Soledad e nos colocou no ônibus para San Pedro Sula.

— O quê? Ela não foi com vocês?

Rebeca dobra os joelhos e se abana com o papelão. Balança a cabeça.

— Ela disse que ninguém ia se importar com duas mulheres mais velhas. Então, ela e Abuela ficaram.

Luca engole em seco. Ele não quer fazer a pergunta seguinte, mas faz:

— O que aconteceu com elas?

— Não sei. Não vi as duas desde aquele dia. Chegamos na cidade, encontramos nosso pai no hotel. E ficamos com ele em um apartamento que tinha só um quarto. Era horrível lá. Claro e quente demais, sem contar com o barulho infernal de carros, rádios, TVs e pessoas, mas Papi disse que, no fim das contas, era mais seguro. Ele gostou de ficar conosco, mesmo levando em conta que quase não nos víamos, já que estava trabalhando o tempo todo e queria que fôssemos para a escola.

— A escola era igual a sua antiga?

Rebeca abre um sorriso triste.

— Não, Luca. Nada era igual. — Ela se vira e olha para Soledad por cima do ombro. — Mas, mesmo assim, tentamos fazer o melhor. Não íamos muito à escola em nossa antiga terra, só quando éramos pequenas, então era difícil acompanhar as aulas. E não havia muitos outros indígenas lá, por isso nos sentíamos deslocadas. Tínhamos a esperança de pegar o ônibus para voltar às montanhas em alguns fins de semana com Papi, para visitar Mami e Abuela e nossas amigas, para inspirar o ar das nuvens e recarregar nossa alma, mas as semanas se passaram, depois os meses, e Papi estava sempre trabalhando, e nunca tínhamos tempo de sobra ou dinheiro para o ônibus, e aí Sole sem querer arrumou um namorado.

Luca levanta uma das mãos.

— Espere aí. Como é que se arruma um namorado sem querer?

— Shh — diz Rebeca. — Ela vai acabar ouvindo.

Luca fala mais baixo e se inclina para mais perto.

— Mas como?

— Bem, tipo, ela estava indo para casa sozinha um dia e um garoto reparou nela. Então ele a chamou. Como isso sempre acontecia aonde quer que fosse, Soledad fez o de sempre, que era ignorar, mas ele não gostou nada disso. Aí foi atrás dela e agarrou Sole pelo pescoço e por algumas outras partes, dizendo que dali em diante ele era o namorado dela.

Luca sente seu rosto adotar um tom cinza.

— *Ay*, eu não devia estar contando tudo isso para você — diz Rebeca. — Desculpe.

— Não, eu aguento — responde Luca. — Não precisa se desculpar.

Rebeca pega um fio solto da barra da calça jeans.

— Não consegui conversar com ninguém desde que aconteceu. Apenas Soledad, mas ela não gosta de falar sobre isso.

Luca aquiesce.

— Entendo.

— Mas é como se você fosse meu amigo, sabe? — Rebeca sorri.

— E eu sou — diz Luca, sentindo-se orgulhoso.

— Você parece bem mais velho. Como se fosse um homem velho em um corpo bem pequeno.

Luca tenta assimilar aquilo como um elogio. Seu corpo não é *bem* pequeno; só é um pouco menor do que o de um garoto de oito anos.

— Também já vi coisas ruins.

— É mesmo? — pergunta ela.

Ele confirma com um gesto da cabeça.

— Acho que você não estaria em cima deste trem se não tivesse visto.

— É um pré-requisito — diz Luca.

Rebeca concorda.

— Meu pai morreu — murmura ele.

Luca não queria dizer essas palavras em voz alta, admitir o fato. É a primeira vez, e ele sente as palavras saindo de seu peito, como se alguma coisa estragada tivesse se rompido lá dentro e se soltado. Agora havia uma ferida aberta, onde ele estava guardando essas palavras.

— Ah, não — lamenta Rebeca.

Ela se inclina para a frente como se tivesse perdido o equilíbrio de repente, mas depois encosta a testa na de Luca, e os dois fecham os olhos.

* * *

O restante da história das irmãs emerge em momentos esparsos nos dias seguintes: como o “namorado” não desejado de Soledad era o *palabrero* da célula local de uma gangue internacional. Como, portanto, era violento e poderoso o suficiente para fazer com Soledad o que bem entendesse sem medo

de represálias, mas não violento e poderoso o suficiente para tê-la só para si. Como a vida de Soledad rapidamente se deteriorou para uma série de traumas sombrios. Como Soledad confidenciou parte do problema para Rebeca, mas tentou desesperadamente escondê-lo do pai, pois sabia que, se ele descobrisse o que estava acontecendo, seus esforços para protegê-la o levariam à morte.

Rebeca sabe que Iván, o namorado indesejado, às vezes permitia que Soledad fosse à escola, só às vezes. Mas há muita coisa que ela não sabe. Ele sempre permitia que Soledad fosse para casa à noite, pois a ideia de que ela tinha um toque de recolher servia, em sua mente depravada, para assegurar sua virtude. A decência e a resistência moral de Soledad em relação a ele, o ódio evidente que ela nutria, tudo isso o excitava. E, conforme Soledad percebia isso, ela às vezes fingia apreciar a companhia dele na esperança de que se cansasse dela. E agora, ao lembrar aquele prazer fingido, Soledad se inunda de vergonha. De qualquer modo, era uma providência vã, porque aquele subterfúgio não competia com a beleza da moça.

Certo dia Iván mostrou a Soledad uma foto do hotel onde o pai dela trabalhava e falou o nome dele. Em seguida, lhe deu um celular, instruindo-a a responder sempre que tocasse, não importasse o que estivesse fazendo. Ele ensinou a garota a mandar mensagem de texto.

— É bom estar viva, não é, Sole? — comentou Iván, e ela se contraiu ao ouvir o próprio apelido, como se aquele rapaz fosse alguém que ela amava.

Durante todas aquelas semanas de sofrimento, Soledad mal via Rebeca, pois sabia que a única tênue proteção que podia oferecer à irmã mais nova era manter distância. Quando Iván ligava, Soledad parava o que estivesse fazendo, conforme as instruções, e ia encontrá-lo. Deixava a cesta de compras no meio do corredor de um mercado, ou saía da fila do ônibus, ou se levantava da carteira no meio da aula de leitura, e atravessava a cidade para encontrá-lo, como um ímã zumbi.

Em duas ocasiões, Soledad viu Iván atirar na nuca de alguém. Uma vez, ela testemunhou Iván chutar a barriga de um menino de nove anos até ele cuspir sangue, porque era uma das maneiras como os novos *chequeos* do bando eram iniciados. Naquele dia, ela lhe perguntou o que aconteceria se em algum momento ela não atendesse ao celular, e ele lhe deu um tapa na boca, deixando um hematoma na parte de baixo do queixo e um vergão no lábio que foi difícil de explicar para o pai.

— O que eu quis dizer é se eu estivesse no meio do banho ou coisa parecida — explicou para Iván mais tarde. — Ou se meu pai estivesse comigo e eu não pudesse atender.

Quando ela disse isso, Iván recuou e fingiu que ia bater nela de novo, e Soledad se encolheu. O rapaz começou a rir.

— Apenas atenda o telefone, sua puta.

Depois disso, deixou que um de seus parceiros ficasse sozinho com ela durante uma hora, mediante pagamento.

Soledad não queria morrer de verdade, não exatamente. Ela sempre tinha sido uma criança feliz. Lembrava-se de como era ser feliz, e não tinha certeza se algum dia experimentaria esse sentimento novamente, mas a memória dos bons momentos lhe dava algum tipo de esperança. Ainda assim, durante aquelas longas semanas com Iván, Soledad pensava com frequência em passar uma lâmina nos pulsos. Ou pegar a arma de Iván da mesa de cabeceira, que era onde ele a guardava antes de fazer o que bem entendesse com Soledad, apontar na direção dele e puxar o gatilho. Dar um tiro nele e ter a satisfação de ver seus miolos se esparramarem na parede, e depois virar a arma para si mesma antes que os comparsas dele entrassem para puni-la. Acabar com tudo, ficar livre dessa tortura persistente. Mas então ela pensava no pai, no sofrimento que seu alívio causaria nele. Também na sua mãe e na avó em casa na floresta das nuvens, quando o pai tivesse que voltar para lá e dar a notícia. Porém, mais do que tudo, Soledad pensava em Rebeca. Sua irmã tinha medo, mas ainda estava intacta. Rebeca ainda não fora descoberta, e era o improvável milagre daquela verdade que fazia Soledad persistir. A possibilidade de salvação para sua irmãzinha.

Então, certa tarde, Iván estava deitado de cueca na cama, fumando um cigarro. Ele soprou a fumaça na direção de Soledad, que estava sentada ligeiramente curvada na beirada da cama, perto dos seus pés.

— Ouvi dizer que você tem uma irmã — disse ele, cutucando as costas dela com o dedão. Soledad ficou muito aliviada de não estar de frente para ele ao ouvir aquilo, pois sabia que seu rosto teria demonstrado todo o pânico que essas palavras provocavam. — Como é que você nunca falou dela?

Soledad estava enrolada em um lençol, preso embaixo dos braços. Ela forçou um arremedo de sorriso e se virou para Iván.

— Não somos muito chegadas — respondeu Soledad. — Ela não se parece nem um pouco comigo.

Ela ouvia dois comparsas de Iván discutindo do lado de fora do quarto, mas também crianças brincando em algum lugar, gritando, correndo uma atrás das outras nas proximidades. A luz do sol disparava pela janela aberta.

— Não se parece nem um pouco com você, é? — disse Iván, sentando-se e puxando o lençol até a cintura de Soledad. Deu um tapinha na base do seio dela e o observou balançar. — Não foi o que ouvi dizer. — Depois jogou o cigarro ainda quase inteiro no cinzeiro perto da cama e se ajoelhou na cama. — Porra, garota. Deixa eu meter de novo.

Soledad o tolerou com algo ainda mais imediato e apavorante do que sua repulsa habitual, e, quando ele terminou e a instruiu a voltar na manhã seguinte com a irmã, ela foi para casa, colocou suas coisas na mochila, pegou, na lata de café no alto da geladeira, todo o pouco dinheiro que o pai havia conseguido poupar e depois se sentou à mesa para esperar Rebeca chegar em casa. Escreveu um bilhete para o pai:

Querido Papi

Amo muito o senhor e peço desculpa por estas palavras que sou obrigada a escrever e que com certeza vão partir seu coração. E sinto muito por levar toda a sua poupança, mas sei que o senhor trabalha duro e guarda esse dinheiro só para nós, e sei que insistiria para eu levar e usar para fugir daqui, se soubesse as coisas horríveis que estão acontecendo comigo. Não contei antes porque pensei que poderia proteger o senhor e Rebeca se ficasse quieta e fizesse o que me mandavam, mas existem monstros nesta cidade, Papi, e agora estou com medo, e tenho que tirar Rebeca daqui antes que eles a machuquem também. Por isso, vamos embora hoje. Já fomos embora. E o senhor tem que ficar muito atento e tomar muito cuidado, por favor. Estamos levando o senhor em nossos corações e vamos avisar quando chegarmos ao norte. E vamos mandar buscar o senhor quando tivermos conseguido um trabalho, e o senhor vai poder nos encontrar. Vai poder levar Mami e Abuela, também, e vamos ficar juntos de novo, como deve ser.

Deus abençoe o senhor, Papi, até nos encontrarmos de novo.

Todo o meu amor, de sua filha dedicada, cheia de tristeza,
Soledad

Rebeca não sabe grande parte dessa história. Mas ela sabe que Soledad mandou uma mensagem de texto para o primo César, em Maryland, naquela

mesma tarde, enquanto a esperava chegar em casa. E que César não fez nenhuma pergunta porque já sabia todas as piores respostas possíveis, e tudo o que ele queria fazer era tirar as duas dali. Rebeca sabe que o primo perguntou se elas podiam esperar alguns dias até ele conseguir contratar um coiole para levá-las de Honduras até *el norte*, mas Soledad respondeu que era impossível. Estavam partindo naquele dia, naquele exato momento. Rebeca sabe que César já pagou adiantado para um coiole de confiança, que ia encontrá-las na fronteira para ajudá-las a cruzar para o outro lado. Rebeca não sabe que a soma que o primo pagou foi de quatro mil dólares por irmã. Porém, mesmo que soubesse, aquela quantidade de dinheiro nem fazia sentido para ela. Está tão longe do reino do compreensível que poderia muito bem ter sido quatro milhões de dólares.

À medida que Rebeca revela para Luca os fragmentos da história que sabe, ele começa a entender o que todos os migrantes têm em comum, a solidariedade que existe entre eles, embora todos venham de lugares e circunstâncias diferentes: alguns, da cidade grande; outros, do campo; alguns, de classe média; outros, pobres; alguns, instruídos; outros, analfabetos; salvadorenhos, hondurenhos, guatemaltecos, mexicanos, indígenas. Cada um deles carrega uma história de sofrimento no alto daquele trem, seguindo para *el norte*. Alguns, como Rebeca, compartilham suas histórias com cuidado, de maneira seletiva, descobrindo um ouvido leal e depois entoando as palavras como uma oração. Outros migrantes são como granadas, contando suas angústias compulsivamente para todos os que encontram, liberando os estilhaços de sua miséria interior para que possam algum dia despertar e perceber que seus fardos ficaram mais leves. Luca imagina como seria explodir assim. Mas por enquanto ele permanece travado, seus horrores selados com firmeza dentro de si, o pino da granada bem preso.

CAPÍTULO DEZESSETE

Tanto para Lydia quanto para as irmãs, há um constante conflito entre a horrível sensação de que algo as está perseguindo, de que elas precisam avançar depressa, e uma hesitação física, uma relutância em se mover cegamente rumo a quaisquer demônios desconhecidos que possam surgir adiante. A Casa del Migrante que encontram em Celaya é uma trégua nesse cabo de guerra, o que para Lydia é uma bênção sem comparação após uma noite maldormida ao ar livre.

Ainda é meio-dia quando chegam. Luca e Rebeca jogam basquete no pátio e ninguém mais pode participar, pois é um jogo complicado com uma mistura confusa de regras que eles mesmos inventaram. Lydia e Soledad estão sentadas em um banco próximo, em silêncio, observando o jogo. Elas ajudam na cozinha, ouvindo o noticiário da TV, e depois Lydia tira um cochilo. Ao acordar, observa o filho jogar dominó com Rebeca. Ela percebe a rapidez com que Luca e Rebeca sanaram a diferença entre suas respectivas idades, oito e quatorze anos — Luca parece ter amadurecido e Rebeca parece ter simplificado as coisas de modo bem hábil. Em pouco tempo, os dois encontram uma afinidade no meio do caminho. Tem-se a impressão de que se conhecem desde sempre, como se as irmãs estivessem por perto desde o começo, prontas para se tornarem parte de sua vida. Naquela noite, Luca pergunta para a mãe se pode se aconchegar nos braços de Rebeca no beliche onde ela dorme.

— Isso não é apropriado — responde Lydia, estabelecendo limites.

De qualquer forma, Luca sabia que se tratava de uma tentativa fadada ao fracasso, mas quase nenhuma regra de sua antiga vida parece valer mais, então imaginou que não custava perguntar. Ele sobe na cama sem reclamar. Lydia puxa a mochila para junto dos pés debaixo do lençol e amarra as alças duas vezes ao redor do calcanhar. Todos dormem profundamente. Que glória ter uma porta com tranca.

Soledad não contou para Lydia sobre suas origens ou as provações por que passaram. Lydia tampouco contou alguma coisa acerca das suas circunstâncias familiares, mas, apesar disso, existe entre elas uma ligação tácita de reconhecimento, uma mágica em parte maternal, mas inteiramente feminina. Logo, não causa espanto que, de manhã, a garota, cuja diferença de idade com a irmã parece muito maior do que meros dezoito meses, e que não costuma ser receptiva acerca de assuntos privados relacionados ao próprio corpo, confidencia a Lydia que está grávida. Tomando o exemplo de Soledad, Lydia se esforça para reagir à notícia com tranquilidade e sem rodeios.

— Seu bebê vai ser um cidadão americano — sussurra ela por cima da xícara de café.

Soledad balança a cabeça e se levanta da mesa para limpar seu lugar.

— Não é meu bebê — diz.

Quando ela ergue o braço e a camiseta larga levanta, dá para perceber que a barriga ainda está lisa.

O dia e a noite em que passaram na casa tiveram um efeito tão restaurador que, nas semanas seguintes, quando pensarem nas recordações agradáveis desse lugar, a estadia na casa vai parecer muito mais longa do que de fato foi. Como todos os padres do México, o que administra aquele lugar usa roupas comuns, camisa polo amarela e calça jeans surrada com uma mancha de alcatrão em uma das pernas. Seu único adorno religioso é uma modesta cruz de madeira pendurada por um cordão de couro no pescoço. Ele é magro, com cabelo grisalho e óculos. Há mais de vinte migrantes retomando suas jornadas naquele dia, e o padre os reúne no pátio antes da partida. Faz uma exortação que Lydia avalia como um tipo de discurso motivacional com crise de identidade — porque ele quer incentivar as pessoas, mas não há nenhum estímulo em sua fala. De pé em um caixote na frente do grupo, o que mais faz é adverti-los.

— Se for possível retornar, faça isso agora. Se você pode voltar para casa e construir uma vida no local de onde partiu, se pode voltar em segurança, eu imploro: por favor, faça isso agora. Se houver algum outro lugar para onde você possa ir, de modo a ficar longe desses trens, longe de *el norte*, faça isso agora.

Luca está com a cabeça inclinada para o lado e com o braço em torno da cintura de Rebeca, que, por sua vez, mantém o braço sobre os ombros do menino. Lydia fita o rosto dos dois; eles não vacilam diante dessas palavras duras. Alguns dos outros migrantes demonstram inquietação mudando o peso do corpo de um lado para outro.

— Se você só procura uma vida melhor, vá para outro lugar — continua o padre. — Esse caminho serve apenas para quem não têm opção, nenhuma outra alternativa, apenas a violência e a miséria que deixaram para trás. E a jornada vai ficar ainda mais traiçoeira a partir daqui. Tudo conspira contra vocês, para impedir o seu avanço. Alguns vão cair dos trens. Muitos vão ficar mutilados ou feridos. Muitos vão morrer. Muitos, muitos de vocês vão ser sequestrados, torturados, traficados ou trocados por resgate. Alguns vão ter sorte suficiente para sobreviver a tudo isso e chegar aos Estados Unidos apenas para experimentar o privilégio de morrer sozinhos no deserto sob o sol, abandonados por um coiteiro corrupto, ou baleados por um traficante que não foi com sua cara. Vocês vão ser roubados. Todos vocês. Se conseguirem chegar a *el norte*, vão chegar sem um tostão, isso é certo. Olhem em torno. Vamos, olhem uns para os outros. Apenas uma pessoa em cada três vai conseguir chegar com vida ao seu destino. Será você? — Ele aponta para um homem de uns cinquenta anos e uma barba cuidadosamente aparada e uma camiseta limpa.

— *¡Sí, señor!* — responde o homem.

— Será você? — Ele aponta para uma mulher da idade de Lydia com uma criancinha em silêncio no colo.

— *¡Sí, señor!* — diz ela.

— Será você? — Ele aponta para Luca.

Lydia sente uma onda de desespero se abater sobre ela, mas Luca ergue seu pequeno punho no ar e grita:

— *¡Sí, seré yo!*

* * *

O discurso cumpre a tarefa de energizar os migrantes e fortalecer sua decisão, o que, por sua vez, acaba os deixando inquietos e impacientes durante a longa espera pelo trem. Depois de três horas, alguns desistem de esperar e começam a caminhar. Mais duas horas se passam, e outros seguem o exemplo. Luca, Lydia e as meninas se dirigem para o limite ocidental da cidade em busca de um viaduto, mas o único que encontram é alto demais. Pular dali seria suicídio. Então, em vez disso, procuram uma curva onde o trem possa passar com a velocidade reduzida. Já está tarde quando La Bestia finalmente aparece, e eles

nunca o viram tão lotado. Mesmo a distância, Lydia consegue ver a silhueta de migrantes em cima dos vagões. O trem avança muito mais rápido do que no dia anterior, quando embarcaram em San Miguel de Allende.

Lydia quase diz que devem esperar, que não vão conseguir. Ela quer articular sua hesitação, mas não é tão rápida, e logo o barulho do trem já está alto demais e penetra em seus ossos. Todos correm, e ela agarra a mão de Luca com firmeza. Os homens em cima do trem gritam instruções e palavras de incentivo. Rebeca sobe primeiro, e depois Soledad, que estende a mão para Luca. Com a mão livre, ele segura a mão da garota, e há um momento horrível em que o menino está esticado entre as duas, um braço preso em Soledad, na fera barulhenta, e o outro ligado a Lydia, que corre ao lado dos trilhos. Parece um chiclete, macio e exposto. E então Lydia arremessa o filho em direção ao trem, e ele sobe. Soledad o segura, e em seguida os homens no topo o puxam. Ele está seguro, ele está seguro. Lydia corre, só vai se sentir aliviada quando se juntar ao filho. Ela corre, e o trem está ganhando velocidade, e ela está ficando para trás, não consegue prosseguir, e então uma onda de pânico faz suas pernas se moverem como um pistão, e ela agarra as barras de metal, apavorada, com medo de que suas pernas não sejam capazes de manter a velocidade, que desmoronem, com medo de fracassar, mas não chegou sua hora, porque de repente seus pés encontram o primeiro degrau, e suas mãos estão apenas um degrau acima, e o trem ganha velocidade tão depressa que ela não consegue acreditar na rapidez, mas seu corpo, seus quatro membros estão presos ao trem agora, e ela está curvada na base da escada como um inseto, e se permite um pequeno suspiro de alívio antes de se desencolher e, dando um impulso no degrau de baixo, começar a subir a escada. Quando chega ao topo da composição, ela se aproxima de Luca e logo os amarra com os cintos. Então o abraça e chora baixinho com o rosto no cabelo do filho até seu coração começar a se acalmar.

* * *

Lydia quer manter Luca e as irmãs afastados, deixar claro que seu pequeno grupo é uma unidade à parte. Os homens, no entanto, são muito gentis e solícitos. Solícitos demais para o gosto de Lydia. Não há muitas mulheres em La Bestia, e pouquíssimas crianças; assim, Lydia se sente observada por

absolutamente qualquer homem dali. Ela reconhece que seu modesto grupo *representa* alguma coisa para esses homens. Representa um lar. Ou aparenta ser uma salvação. Ou uma presa. Para um *halcón*, pode significar dinheiro de resgate garantido. E, mesmo que nenhuma dessas hipóteses se confirme, as duas irmãs provocam um alvoroço por onde passam, somente por sua simples presença. Lydia está absorta nessas observações, e é por isso que, apesar de sua cautela constante, não percebe de imediato o rapaz olhando para ela no extremo oposto do vagão.

Mas Luca nota. E se lembra. E, ao se lembrar, experimenta um estranho e incongruente momento de satisfação, uma breve injeção de endorfina que nunca percebeu antes, mas que seu cérebro vem fabricando durante toda a vida, um leve prazer químico de autofelicitação por cumprir essa tarefa de recordação quase perfeita: Luca já viu esse rosto antes. Ele reconhece o rapaz, e antes mesmo que a tatuagem fique visível no ponto onde está sentado, de pernas cruzadas, no extremo oposto do vagão, Luca se lembra: a foice ensanguentada saindo da meia. As três gotas de tinta vermelho-sangue pingando da lâmina. Luca estremece sob o sol quente. O rapaz está olhando direto para Mami. E então, ainda sob a observação de Luca, o rapaz apanha o celular no bolso, o destrava, passa um tempo mexendo nele e depois volta a olhar para Mami. Em seguida, bloqueia o celular e o recoloca no bolso. Luca está paralisado de medo. Ele leva mais de um minuto para conseguir falar alguma coisa, e se restringe a dizer “Mami”.

Ele acha que falou com tranquilidade, apesar de seu corpo, ainda amarrado no alto do vagão, sentir um golpe intenso de pânico. Mami se inclina, mas não se aproxima demais. Ele mexe com a mão para que ela entenda. *Venha aqui. Mais perto. Depressa.*

— Mami, reconheci uma pessoa.

Essas palavras já são suficientes para provocar um calafrio na espinha de Lydia.

— Certo — diz ela, desejando que seu cérebro desacelere. — Quem é?

Ela sente os braços e as pernas perderem o tônus, mas os dedos de uma das mãos continuam apertando a grade. A outra mão vai automaticamente para a corrente em seu pescoço. Ela enfia o dedo indicador na aliança de Sebastián.

— Não vire para trás — diz Luca. — Ele está olhando para você, para nós.

O mantra de Lydia abre espaço em sua consciência, penetrando heroicamente na interferência brutal dessa nova informação. *Não pense, não*

pense, não pense, seu cérebro ordena.

— Certo — repete. — Quem é?

Luca se inclina, de modo que seus lábios roçam o alto da orelha da mãe.

— O cara da primeira Casa del Migrante, em Huehuetoca.

Lydia inspira profundamente. *Certo*. Um rapaz com quem eles cruzaram no caminho. Ela se sente aliviada, embora seus ombros pareçam gelatina.

— Ah, Luca...

Lydia quer repreendê-lo por assustá-la daquele jeito, mas como ele vai saber o que pode ou não provocar um pânico generalizado nesse pântano confuso de suas novas vidas? Então, ela também quer rir, beijá-lo, dizer que não precisa se preocupar tanto. Ela o abraça.

— Está tudo bem — diz. — Tudo certo.

— Você não se lembra daquele cara mau de verdade? Aquele *cholo* que foi expulso da casa porque mexeu com uma garota? Ele fez alguma coisa ruim com ela?

Sim, ela se lembra. *Ah, merda*. As mulheres no café da manhã disseram que se tratava de um *sicario*.

Apenas alguns minutos atrás, Lydia tinha ousado se sentir tranquilizada pelo improvável progresso deles. Tinha se deixado levar em meio a esse novo medo de ameaças anônimas e indiscriminadas. Agora ali estava um *sicario*, só Deus sabe de que cartel, a cem metros de distância, encarando-a. Ela olha para os outros migrantes sentados em torno do rapaz. Qualquer um deles pode ser um narcotraficante. Qualquer um deles pode ser um Jardinero. Ela se curva sobre as pernas de modo que seu rosto quase toca a grade, ou, na verdade, seu corpo faz isso sem que sua mente ordene. Um instinto para se esconder, para se fundir com o cenário, para desaparecer. Luca se abaixa também.

— Tem mais uma coisa — diz ele, porque sabe, embora não entenda como ou o que isso significa, que há algo profundamente perturbador naquela tatuagem.

— O quê? — Lydia está pronta para a informação, qualquer que seja.

— Uma tatuagem. Ele tem uma tatuagem.

A faca de Lydia está amarrada em sua canela, por baixo da calça. Ela consegue sentir a cilha da bainha, o modo como pressiona sua pele. Ela sussurra para Luca:

— Como é a tatuagem?

— Uma faca curvada enorme, Mami — diz ele. — Com três pingos de sangue.

Lydia fica com a boca seca, os dedos frios. Seu corpo treme de dentro para fora, um desconforto que vem do âmago, desde os pulmões. Para Luca, contudo, o rosto da mãe se mostra calmo e impassível.

— Como uma foice? — Ela não quer, mas precisa que ele seja claro. — Assim? — E, com o dedo, traça o formato da arma na palma da mão do filho.

Luca assente.

— Obrigada por me contar, *hijo* — diz ela. — Você fez a coisa certa. Bom menino. — Ela acaricia a orelha dele.

Antes que Lydia formule um plano, antes que possa absorver essa informação, na verdade antes mesmo que possa virar o rosto para dar uma espiada no sujeito com a tatuagem de Los Jardineros, uma gritaria e uma terrível agitação começam dois vagões adiante. Eles se viram por puro instinto na direção do tumulto. Todos prendem a respiração e, então, quase imediatamente, com um longo som do apito, o trem entra em um túnel e tudo fica escuro.

— Mami! — grita Luca.

— Estou aqui. — Lydia tateia procurando a mão dele. — Estou aqui, *hijo*.

— O que aconteceu?

— Não sei.

— Estou com medo.

— Eu sei, *hijo*, está tudo bem.

Ela estende o braço na escuridão e toca a suave penugem da nuca do filho. O túnel é curto, e logo a luz do dia irrompe novamente, e as irmãs, que estavam dormindo em um montinho antes da confusão, sentam-se e piscam rapidamente uma para a outra. Um exausto código morse.

— O que aconteceu? — pergunta Soledad.

Ainda há muita gritaria vindo do tumulto dois vagões à frente, e algumas vozes começam a se destacar no meio do alvoroço. Um homem está se lamentando:

— *¡Hermano, hermano, hermano!*

E então, ele fica de pé no teto do trem, e seus companheiros o agarram e o puxam para baixo. Logo depois a cena se repete, o sujeito parece determinado a pular. Agora a história está viajando pelo trem até chegar ao grupo de homens sentados na frente das irmãs. Um rapaz se vira para partilhar o acontecido.

— O irmão dele caiu.

Soledad engole em seco e faz o sinal da cruz.

— *Dios mío*, como? — pergunta ela.

O homem aponta para o túnel que eles acabaram de atravessar.

— Ele não viu o túnel. Estava ajoelhado, alto demais, e bum. Bateu com a cabeça na borda do túnel e foi jogado para fora.

O rosto de Soledad se transforma em uma expressão de piedade horrorizada. Ela se inclina para observar a cena, porque agora vê, a distância, que o irmão em prantos está de pé pela terceira vez. As palavras saem por instinto da boca da jovem, sua mão aponta na direção do homem.

— Segurem ele! — grita ela. — Agarrem ele com força!

Mas é tarde demais. O homem pulou. Sua silhueta distorcida, com pernas e braços arqueados, contrasta com o amarelo turvo do céu do fim da manhã, até se chocar contra o solo.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus. — A voz de Soledad ainda funciona independentemente de seu corpo.

O vagão onde ela se encontra já está passando pelo ponto onde o homem caiu. Seu corpo rola penhasco abaixo. Luca conta os braços e as pernas da vítima: um, dois, três, quatro. Conta de novo para ter certeza. O homem ainda tem os quatro membros, mas eles parecem não se mexer. Seu corpo para de repente junto a uma moita, e o trem segue trovejando sem ele. Sem o irmão dele.

Soledad fica em um estado quase catatônico após testemunhar o homem saltar, como se o incidente arrebatasse a frágil crosta de seu próprio sofrimento. Ela se deita novamente. Rebeca coloca a cabeça da irmã no colo, alisa seu longo cabelo preto, tirando-o da testa, e canta em voz baixa em uma língua que Lydia nunca ouviu. Soledad continua sem piscar, mas logo sua expressão se suaviza, as sobrancelhas escuras ficam leves, e suas pálpebras tremulam e se fecham. Ela flutua para um estado semelhante ao sono.

* * *

Lydia não encara o rapaz do outro lado do vagão, mas tem uma consciência aguda da presença dele. O sujeito, sentado com as pernas esticadas e apoiando-se com as mãos, observa Lydia e Luca. Ela o reconhece agora, mas apenas

porque Luca mencionou. Ele está usando short vermelho enorme e uma imensa camiseta branca, além de uma gigantesca regata vermelha e preta de algum time profissional de basquete e brincos de brilhante nas duas orelhas. Os brincos devem ser falsos, mas servem para lhe conferir um ar de estrela do hip-hop, que é exatamente a aparência que ele esperou exibir quando raspou dois risquinhos na sobrancelha direita.

Lydia não vira a cabeça. Com a precisão de uma caçadora, acompanha os movimentos do rapaz com sua visão periférica — quando ele levanta o boné preto com aba lisa para coçar a cabeça, quando se curva ligeiramente sobre a borda do vagão para escarrar, quando desenrosca a tampa da garrafa de água para tomar um gole. Ela se pergunta se ele consegue sentir a ansiedade dela, se a estudada indiferença é biologicamente ineficaz, se o corpo está lançando feromônios de alerta que o rapaz consegue detectar. Uma percepção primitiva se estabeleceu entre eles. Assim, ela também monitora as formas como o próprio corpo reage no momento em que, durante uma longa linha reta e aberta da estrada de ferro, o rapaz se levanta e vai em sua direção. Lydia sente o coração disparar, as pupilas dilatarem, sua mão apertando ainda mais a de Luca. Na realidade, todos os seus músculos se retesam, e sua pele formiga de calafrios. As palmas de suas mãos ficam úmidas e pegajosas. Ela solta Luca e apalpa a faca amarrada na perna, por baixo da calça.

Todos observam o rapaz abrir caminho com cautela pelos grupos de migrantes no teto do vagão. Todos sempre observam quando alguém se movimenta: procuram sinais de bebedeira ou comportamento errático. Buscam o brilho de uma lâmina escondida. Ficam especialmente alertas em relação a esse rapaz, pois sua identidade é óbvia. Todos abrem espaço quando ele passa.

— Procurando o vagão-restaurante, amigo? — pergunta um senhor de chapéu de palha.

Os viajantes ao lado começam a rir, mas é uma risada suspeita. Por que ele está sozinho? Aonde acha que está indo?

— Só estou esticando as pernas — responde o rapaz.

Todos dão uma espiada na tatuagem quando ele passa, e demonstram uma cordialidade falsa. A maioria dos migrantes entende o significado dessas três gotas de sangue: uma para cada morte.

Lydia tira a faca da bainha e a puxa para fora da barra da calça à medida que o rapaz se aproxima. Pressiona o botão para liberar a lâmina e fica satisfeita ao tocá-la. Luca a observa em silêncio enquanto Mami esconde a arma sob a

manga. Uma rápida centelha de instinto adverte Lydia a se livrar da faca e procurar um arbusto no caminho, um ponto macio de aterrissagem, e lançar o filho do trem no momento em que detectar um local onde se possa sobreviver à queda. Ela estica a mão e agarra a perna do menino, para garantir que o corpo dela não vai obedecer loucamente a esse impulso idiota. Faz peso sobre a perna dobrada de Luca e se sente agradecida pela segurança da alça de lona. A sombra do rapaz está pairando sobre eles. Lydia não ergue o olhar.

— Ei, acho que te conheço — diz ele.

O rapaz se abaixa no pequenino espaço entre Lydia e as irmãs. Intrmete-se ali, e o corpo dela fica ainda mais tenso, o que parecia impossível. Ela sente Rebeca tentando captar seu olhar, mas ignora a menina, porque não quer metê-la nessa história, seja ela qual for. Rebeca abre espaço para o recém-chegado, e, enquanto isso, o cérebro de Lydia está tão ocupado mandando-a fugir que não teve tempo de inventar um plano adequado. Portanto, ela fala as primeiras palavras que surgem.

— Eu achava que não, mas meu filho reconheceu você de um lugar em que já estivemos nessa viagem, perto da Cidade do México.

Lydia não menciona *Huehuetoca*, pois receia que a memória da expulsão provoque a ira do rapaz. Ela mantém o corpo como uma pistola engatilhada.

— *¡Ah, sí?*

O rapaz se curva e sorri para Luca, o que confunde Lydia. Ela não consegue entender esse papo furado. Se ele é um *sicario*, então por que está ali jogando conversa fora? E onde ele escondeu a arma em toda essa abundância de roupa?

— E aí, *güey*? — Ele se dirige a Luca. — Que boné legal. — Ele se estica para tocar a aba do boné vermelho de Papi, mas Luca se afasta, mantendo-se longe de seu alcance. — Enfim, meu nome é Lorenzo — continua ele, estendendo a mão para Lydia. Ela nunca esteve tão relutante em cumprimentar alguém como agora, mas o faz rapidamente e logo puxa a mão, voltando a agarrar a faca sob a manga. — E você, como se chama?

Ele não pode ter mais do que vinte anos, pensa Lydia. E que jeito de falar é esse, como se ela fosse obrigada a lhe dizer o nome?

— Araceli.

O nome falso sai de sua boca sem confiança, como um surfista deslizando por uma onda fraca.

Lorenzo balança a cabeça.

— Acho que não.

Lydia morde a parte interna da bochecha. Se alguma vez questionou se seria capaz de esfaquear outro ser humano, agora a dúvida não existe mais.

— Como é que é?

— Seu nome não é Araceli.

Sua única reação é bufar baixinho. Luca se inclina em sua direção. Quando Lorenzo enfia a mão no bolso, Lydia retrai tanto o corpo que começa a tremer. Ela vai enterrar a faca no pescoço dele. Mas está em uma posição desfavorável; não há como dar o impulso. Será que ela é capaz de matá-lo? Ou só conseguirá feri-lo, incitá-lo a revidar o malfadado ataque? Seria melhor pular. Dobrar-se sobre Luca como uma concha de modo que pelo menos ele sobreviva. Saltar do trem em alta velocidade. Mas será que Luca conseguiria sobreviver ao que viesse depois, já que a própria mãe estaria morta? Lydia só vai ter uma oportunidade de se sacrificar — e Luca ficaria sozinho para sempre. Seu corpo se retrai com a indecisão. Ela gira o cabo da faca, mas então a mão de Lorenzo emerge do bolso apenas com o celular. Nada de pistola, nada de faca. Ele destrava o telefone e desliza o dedo sobre a tela em busca de uma foto.

Lydia treme por dentro.

— É você, não é?

Ele vira o celular para ela ver. É uma selfie que ela e Javier tiraram na livraria. Estão em lados opostos do balcão, ambos inclinados para a frente, suas têmporas se tocando. Lydia olha direto para a câmera, mas o rosto de Javier está ligeiramente virado, seu olhar voltado para ela. Lydia se lembra do dia em que tiraram a foto, quando ele contou que Marta tinha lhe dado um curso completo sobre a arte da selfie, e de como eles gargalharam depois.

— Lydia Quixano Pérez, não é? — diz o rapaz.

Ela morde o lábio e balança a cabeça uma vez, mas não há nada nem remotamente convincente em seu gesto. Lorenzo segura o aparelho ao lado do rosto de Lydia para comparar os traços.

— Isso, isso. Gente bonita — diz ele. E depois, com uma voz que soa estranhamente sincera. — Sinto muito pela sua família.

O silêncio no trem é o ronco em câmera lenta do motor transportando toneladas de aço com seus ruídos e estalidos ao longo da estrada de ferro. As rodas soltam um guincho agudo nos trilhos, e os engates entre os vagões batem e rangem e chamam. Diversas batidas desse silêncio ritmado se passam antes que Lydia volte a falar.

— O que você quer?

Lorenzo bloqueia o celular e o coloca de volta no bolso.

— O que eu quero? Cacete. — Ele assobia. — O mesmo que todo mundo, acho. Uma casa bacana, alguns luxos, uma garota bonita.

Ele se vira e sorri para Rebeca, que ainda está sentada bem perto deles, mas não parece estar ouvindo. Ela não retribui o olhar de Lorenzo, e Lydia duvida que ela consiga escutar a conversa por causa do barulho do trem. Em seu colo, os olhos de Soledad ainda estão fechados. Lorenzo examina as unhas, procurando uma para roer, enquanto Lydia observa.

— O que você quer *de mim*? — esclarece ela.

Ele encontra uma pontinha de unha branca ainda intacta e a arranca com os dentes. Cospe a unha pela beirada do vagão.

— Nada, não. — Ele dá de ombros. — Só estou sendo simpático.

— Onde você conseguiu essa foto? — Lydia empina o nariz e aponta com o queixo na direção do telefone no bolso dele.

— Mami, lamento dizer isso — responde Lorenzo. — Mas todo mundo em Guerrero tem essa foto.

Lydia engole em seco. Não é exatamente uma novidade, mas acaba por corroborar seu medo.

— Por quê? — Ela quer clareza absoluta.

Lorenzo lhe dá um sorriso afetado e enviesado.

— Está falando sério?

— Preciso saber com o que estou lidando.

Lorenzo faz uma pausa antes de dar de ombros novamente.

— Mandaram levar você de volta.

Isso é uma surpresa. Talvez só os bandidos de Hollywood digam coisas como *vivo ou morto*, mas não era o que Lydia esperava. Ela tenta inserir essa informação em seu HD mental, mas não faz sentido.

— Não é para me matar? — pergunta ela. — Matar a nós dois?

Lorenzo solta um suspiro. Não era assim que essa conversa deveria estar se desenrolando. Ela não deveria ser a pessoa a fazer as perguntas.

— *Güey*, já falei demais. Não quero me condenar à morte também.

Lydia se mexe desconfortavelmente, o cabo da faca cada vez mais suado na mão.

— Então, por que você está aqui? Para nos levar?

Talvez Javier queira matá-los pessoalmente, testemunhar o sofrimento de Lydia. Ela e Luca não vão ser levados por esse rapaz. Ela vai matá-lo se precisar;

vai fazer isso na frente de Luca se for necessário.

— Não, não — diz Lorenzo. — Deixei tudo isso para trás em Guerrero. — Ele faz um gesto com o braço em direção ao sul.

Lydia continua a segurar a faca com firmeza.

— Entendi.

— É sério, virei a página. — Ele abre um sorriso. — Estou fora.

Ela não se sente capaz de avaliar a alegação de Lorenzo e não esboça nenhuma reação.

— Mas como é que vocês conseguiram sair de Acapulco? — pergunta o rapaz, depois de um longo minuto. — Todo mundo estava atrás de vocês. Você tem algum poder mágico ou coisa do tipo? É uma espécie de *santera*? *¿Una bruja*?

Lydia se surpreende ao dar uma risada, mas é apenas um som vazio.

— Imagino que o medo tenha propriedades mágicas.

Ela nunca saberá como sua fuga realmente esteve por um triz de fracassar, pois dois homens de Javier abriram a porta de seu quarto no Hotel Duquesa Imperial exatamente no momento em que ela e Luca estavam entrando no saguão pela porta lateral.

— Então, para onde vocês vão agora? — pergunta Lorenzo.

— Não sei — mente. — Ainda não decidimos.

Lorenzo puxa os joelhos para perto do corpo, e seu short folgado cai. Ele abraça as pernas.

— Vou para Los Angeles — diz ele. — Tem um primo meu se virando lá em Hollywood.

— Parece um bom lugar — comenta ela.

E logo o silêncio do trem volta a se instalar, e naquela quietude turbulenta Lydia fica remoendo: *Por quê?* Se ele tinha boas conexões com Los Jardineros, se estava ganhando dinheiro para bancar esses tênis caros e um celular de qualidade, se estava em paz em ganhar aquela primeira gota de sangue tatuada, e depois a segunda e a terceira, então por que deixar Guerrero para trás? Há uma infinidade de respostas possíveis, ela sabe disso. Talvez o rapaz não gostasse de matar. Talvez os atos de violência que cometia lhe provocassem algum efeito indesejado. Talvez tivesse pesadelos, o rosto das pessoas que assassinara flutuasse diante dele sempre que fechava os olhos. Talvez tivesse a alma assombrada, assustada, atormentada. Ou talvez a verdade fosse exatamente o oposto. Talvez fosse tão desprovido de consciência que tivesse

sido incapaz até mesmo de aderir a qualquer desculpa, por mais deformada que fosse, para o código moral que Los Jardineros exerciam. Talvez tivesse estuprado a mulher errada. Ou roubado dinheiro de um dos *jefes*. Ou talvez tivesse cometido assassinatos com tamanha alegria que sua perversidade o transformava em um perigo. Talvez esteja fugindo também. Ou vai ver não é nada disso. Talvez não tenha abandonado Los Jardineros e esteja ali de fato para capturá-la.

Qualquer que seja o caso, Lydia se sente sem forças com a presença de Lorenzo. Ele *é* uma ameaça ali, ao lado dela, e agora o perigo parece iminente outra vez, rodeando-a. Ela respira a ameaça, e é a mesma de sempre: absurda, confusa, absolutamente apavorante. Parece que Javier está tão perto quanto no primeiro dia em que ela o confrontou na livraria. As matrioskas. Ele pegara sua mão. Ela sente os dedos de Javier pressionando as veias de seu pulso. Pode ouvir aquele *sicario* urinando no banheiro do outro lado da parede de azulejos verdes de Abuela.

Lydia deseja que o rapaz saia de perto dela. Depois de nove dias e 682 quilômetros de fuga, ainda não conseguiram fazer absolutamente nenhum progresso.

CAPÍTULO DEZOITO

Luca gosta das vizinhanças onde todas as casas são alinhadas como soldados usando uniformes idênticos: paredes de estuque branco indestrutíveis, capacetes de telhas vermelhas, todas inclinadas no mesmo ângulo para o sol. Ele gosta do caráter anônimo dessas construções, e pensa em como seria bom morar em uma dessas casas com Mami, como ninguém nunca os encontraria ali. Uma coisa de que ele não gosta é quando os trilhos se desviam temporariamente para o sul, porque, embora tenha saudade de casa, esse sentimento se restringe apenas à vida que existia em Acapulco antes da *quinceañera*, e compreende que aquele lugar não existe mais. É como a nostalgia por um membro fantasma após uma amputação. Então, fica aliviado quando a pista faz uma curva para o oeste novamente e depois, perto de uma agradável cidadezinha em Jalisco, segue ao lado do rio Grande de Santiago e, por fim, faz uma curva bem-vinda em direção ao norte.

A cidade vai aparecendo aos poucos, com os diversos indícios prematuros que, pela observação de Luca, indicam os sintomas familiares de uma metrópole urbana: vendedores de comida, que deixam suas grelhas de lado para acenar aos migrantes de passagem, os esparsos varais de roupas com cores brilhantes agitando-se no vento ensolarado, uma aglomeração de crianças desordeiras junto à cerca do pátio de uma escola. E então, bum, tudo retrocede para uma infinidade de milharais. Isso acontece duas vezes. Três. Quatro. Até que, por fim, para não deixar nenhuma dúvida: Guadalajara.

Segunda maior cidade do México. Capital do estado de Jalisco. População: um milhão e meio de pessoas.

Nos vagões, os migrantes se preparam para desembarcar. Acordam os amigos, enfiam dentro das bolsas os casacos enrolados como travesseiros; apertam as alças das mochilas uns dos outros. Mami se desamarra, mas deixa o cinto de Luca preso na grade. Lorenzo está sentado no mesmo local, na mesma

posição, e fica observando. Luca não gosta de como ele encara Rebeca e Soledad.

— Mami — chama Luca quando o trem desacelera o suficiente para alguns homens começarem a descer a escada do vagão e pularem no chão de cascalho.

Lydia está enrolando seu cinto de lona, e olha para Luca com uma expressão de *O que foi?*.

— Não preciso do cinto — diz ele.

— Você precisa do cinto, sim.

— Mami.

Dessa vez ela faz uma versão mais agressiva de sua cara de *O que foi?*.

— Se eu consigo pular para dentro e para fora de um trem em movimento, você não acha meio bobo ficar me prendendo que nem uma criancinha pequena? — Luca projeta o queixo na direção da mãe. Lydia segura o queixo de Luca e se abaixa, até seu rosto ficar na mesma altura que o dele. A natureza inalterada de seu humor quando o filho faz malcriação é tão reconfortante quanto um banho quente.

— Não é bobo — afirma ela. — Viajamos nesses trens porque não temos opção, mas são extremamente perigosos, Luca. Você não aprendeu nada quando aquele homem caiu...

— Tudo bem — diz ele, irritado. — Está bem.

Luca tenta se desvencilhar da mãe, e ela aperta o queixo dele com mais força. Porém, ele ainda tem controle dos olhos e desvia o olhar do rosto da mãe.

— Não me interrompa — diz Lydia. — E olhe para mim quando eu estiver falando com você.

Ele mira o lóbulo da orelha da mãe.

— Luca. Olhe para mim.

Ele encontra o olhar da mãe por um instante, mas depois desvia os olhos novamente.

— Escute. Sei que tudo isso é uma loucura. É imprudente e insano viajar nesses trens, dormir em lugares esquisitos, comer coisas estranhas. E sei que não disse antes, Luca, mas estou muito orgulhosa de você.

Ele a encara brevemente.

— Estou mesmo — continua ela. — É incrível como você é forte, como você é capaz de fazer coisas inconcebíveis.

Luca tem um pensamento inesperado.

— Você consegue imaginar o que Papi diria?

Lydia solta o queixo do filho e sorri.

— Papi diria que nós dois somos malucos.

As lágrimas brotam nos olhos de Luca, mas ele não quer chorar, então seca o rosto o quanto antes. Lydia reduz a voz a um sussurro.

— Papi estaria muito orgulhoso. Você consegue fazer coisas que eu não imaginei que fosse capaz, Luca. — Ela aperta o joelho do filho. — Eu nunca soube. — Ela estica o braço por cima de suas pernas enroscadas e agarra a mão de Luca. — Mas você ainda é o meu menino, entendeu?

Ele aquiesce.

— *Y por Dios*, se alguma coisa acontecer com você, Luca... Não vou suportar. Eu sei como você amadureceu nesses últimos dias. Mas o seu corpo ainda é o de um menino de oito anos.

— Quase nove — corrige ele.

— Quase nove — concorda ela. — Mas por favor, por favor, me escute. Nunca se acomode. Nunca pressuponha que você está seguro neste trem. Ninguém está seguro, entende? Ninguém. — Ela aperta as mãos dele. — O excesso de confiança pode matar você.

Luca volta a concordar.

O trem desacelera e desliza placidamente, e tanto Soledad quanto Rebeca prendem o cabelo para desembarcar. Já de mochila, elas estão de costas, conversando com o grupo de quatro homens que estava por perto no vagão desde Celaya. Um dos homens já fez essa viagem antes — foi deportado duas vezes de San Diego; é sua terceira passagem por Guadalajara. Ele está dando conselhos. Lorenzo escuta sem ser notado.

— É preciso descer antes de El Verde — explica o homem às irmãs. — Vocês têm que fazer o trajeto seguinte da estrada de ferro a pé.

— Por quê? — Soledad prende o cabelo com mais força.

— O povo da cidade é gentil com os migrantes. Que Deus os abençoe. Vocês vão ser bem recebidas aqui. Mas primeiro têm que escapar da polícia. Eles vasculham os trens em El Verde, e se encontrarem alguém... — O homem termina apenas com um balançar da cabeça.

— Não deixe que a polícia pegue vocês — diz Soledad, completando o raciocínio para ele.

— É isso mesmo — confirma o homem. — E fiquem em grupo. Podem vir conosco, se quiserem.

Seus amigos, um a um, começam a se dirigir para a escada, e ele os segue.

Rebeca passa toda a informação para Lydia e sugere continuar o percurso com os homens. Lydia hesita. Ela sabe como é perigoso confiar em qualquer pessoa em La Bestia. Existem assassinos, estupradores, ladrões e traficantes escondidos entre os policiais em qualquer cidade, mas não é apenas a polícia que merece desconfiança. São todas as pessoas que encontram: comerciantes, vendedores de comida, agentes humanitários, crianças, padres, até os companheiros migrantes. Principalmente os companheiros migrantes. Ela dá uma espiada nos tênis limpos e caros de Lorenzo. É tática corriqueira de pessoas mal-intencionadas viajar nos trens, se passando por migrantes, tentando ganhar a confiança de viajantes incautos, de forma a atraí-los para algum lugar ermo onde possam cometer qualquer tipo de violência. Lydia compreende a probabilidade cada vez maior dessa violência ser perpetrada contra as irmãs. Qualquer gesto de bondade, qualquer migalha de informação compartilhada, qualquer história triste de sofrimento pode ser apenas uma armadilha bem arquitetada. Um prelúdio para roubo, estupro ou sequestro. O cérebro de Lydia faz com que ela se ponha a avaliar tudo isso antes de decidir. Não há tempo, no entanto. O trem prossegue e os homens estão descendo. Na verdade, o trem inteiro parece esvaziar.

Os tais quatro homens parecem gentis. Têm o sotaque áspero da América Central. *Provavelmente são da América Central, não é?* Lydia tem que decidir. Lorenzo também aguarda uma resolução dela. *Por que ele está esperando?* Sua presença constante apressa a decisão. Ela desprende Luca e enfia o cinto na mochila.

— Vamos.

Lorenzo vai atrás deles.

* * *

Durante o primeiro trecho, só há armazéns em um lado da estrada de ferro, e terra, grama e céu aberto no outro, então, Luca tem a impressão de estar caminhando do lado de fora de algum lugar, como se os armazéns fossem uma espécie de fronteira, delimitando alguma coisa melhor atrás deles. O grupo segue grudado nos trilhos, onde dezenas de migrantes andam tanto à frente quanto atrás, numa espécie de caravana em miniatura. Lorenzo paira por ali,

não exatamente andando com eles, mas seguindo apenas alguns metros atrás, no mesmo ritmo do grupo. Luca está preocupado com o rapaz, mas se distrai ao sentir o inconfundível aroma de chocolate, o que prenuncia algo muito melhor ali por perto.

— Está sentindo esse cheiro? — pergunta Luca para Rebeca.

— De chocolate?

Ele confirma.

— Não. Não estou sentindo nada — diz ela.

Luca ri.

— Bom, está cheirando de verdade.

Eles seguem se arrastando, passando por trás da fábrica da Hershey's sem nem perceber. Luca aperta a barriga para abafar o ronco. Já é fim da tarde, e eles não comeram nada desde o café da manhã na casa de Celaya.

— Está com fome? — pergunta Mami.

Ele diz que sim.

— Eu também.

Quando os armazéns dão lugar a casas de blocos de concreto e tijolos, os migrantes são saudados por duas meninas de rabo de cavalo com uniformes escolares, ambas quase do mesmo tamanho, uma com covinhas, e a outra com uma cicatriz no joelho. A mãe das meninas está sentada em um banco de madeira ali perto, com um isopor de bebidas e uma pequena grelha. Ela vende limonada e espigas de milho assadas. Ao seu lado, um bebê gordo dorme em um carrinho. Há uma grande cesta, sobre a qual as meninas se abaixam e de onde retiram uma porção de saquinhos de papel branco, que são passados para os migrantes com suas bênçãos.

— *Bienvenidos a Guadalajara* — dizem as meninas —, e que Deus abençoe sua viagem.

A menina com a cicatriz no joelho enfia um saquinho na mão de Luca e outro na mão de Rebeca.

— Obrigado.

A menina se afasta saltitando, a barra da saia quadriculada azul roçando suas pernas bronzeadas. Luca rasga o pacote.

— Mami! É chocolate!

Ele descobre ali dentro três Hershey's Kisses.

Conforme a cidade fica mais densa, as pessoas atravessam a estrada de ferro, carregando marmitas ou sacolas com mantimentos. Crianças com mochilas

coloridas, de mãos dadas com as mães, pulam nos trilhos. Muitas encaram Luca e Mami e dizem “Deus os abençoe” e sorriem. Luca gostaria de retribuir o sorriso, mas também se sente estranho. Não está acostumado com a piedade alheia.

Em El Verde, há um banco no lado de fora de um jardim bem conservado e murado. O banco está pintado de laranja, rosa e amarelo, e um cartaz no muro tem os dizeres MIGRANTES PUEDEN DESCANSAR AQUÍ. Um homem grande, de bigode, está sentado no banco e, quando vê os migrantes se aproximando, levanta-se, coloca um chapéu de vaqueiro na cabeça calva e apanha do chão um facão do tamanho de um taco de beisebol. Vai na direção da estrada de ferro com a arma ainda embainhada e a mantém apoiada em um dos ombros.

— *Amigos, hoy es su día de suerte* — diz em voz alta para que todos possam escutar. — Vou acompanhar vocês.

Os migrantes na frente de Luca e Mami aplaudem, mas Rebeca e Soledad trocam olhares preocupados. O homem se coloca entre as duas, acompanhando o ritmo dos seus passos.

— Vocês têm todo o direito de ficar com medo — diz às meninas. — Mas não precisam ter medo de mim.

Rebeca fixa os polegares embaixo das alças da mochila e não fala nada.

— Uma longa viagem a de vocês, não é? Honduras? Guatemala?

— Honduras. — Rebeca é a primeira a ceder.

— A viagem está correndo bem até agora? — pergunta ele.

Rebeca dá de ombros. Andam por um tempo em silêncio; o único som é de suas calças jeans enquanto se movimentam. Luca segura a mão de Mami, mas a aperta bem, puxando o braço dela até quase esticá-lo enquanto tenta escutar o que o homem fala com as irmãs.

— Bom, quero que você tenha boas recordações de Guadalajara. — Ele sorri, e nota Luca olhando para ele. O homem é tão grande que poderia usar o facão como palito de dentes. Luca se contrai e encosta em Mami. — Meu nome é Danilo, e, quando você chegar ao seu destino, seja qual for, quando conseguir um emprego e uma boa casa, e quando conhecer um gringo bonito e se casar e tiver filhos, quando um dia for uma senhora idosa e estiver colocando os *nietos* na cama, quero que conte para eles que muito, muito tempo atrás você conheceu um homem simpático em Guadalajara chamado Danilo, e que ele andou ao seu lado, e balançou o facão para lá e para cá a fim de garantir que nenhum babaca pensasse em fazer alguma bobagem.

Rebeca não consegue se controlar e acaba rindo.

— Viu? Não sou tão ruim assim.

Soledad ainda está apreensiva.

— Onde esses babacas estão se escondendo?

— Ah, *amiguita*... — Danilo franze a testa. — Temo que você vai encontrar muitos deles em breve.

Soledad ergue as sobrancelhas, mas não responde.

— Nesta cidade é que nem *Três Homens em Conflito*, o bom, o mau e o feio — diz Danilo.

— E as bonitas! — acrescenta Lorenzo, fazendo um gesto em direção às irmãs.

Lydia se retrai. *Por que ele ainda está aqui?* Ele está logo atrás deles e escuta cada palavra. Ela estremece com a observação do rapaz, reparando como as meninas se aproximam uma da outra de maneira instintiva. Danilo continua como se Lorenzo não tivesse falado absolutamente nada.

— É uma longa caminhada daqui até os locais dos migrantes — diz Danilo. — E há muitos perigos.

— Que tipos de perigos? — pergunta Lydia.

— Os de sempre — responde Danilo. — *La policía*, funcionários da estrada de ferro, guardas da vigilância. É especialmente perigoso para vocês duas. — Ele fita as irmãs por um instante. — Antes de chegar a Las Juntas, é melhor sair da estrada de ferro, entrar nas ruas e procurar um dos abrigos. Tem placas indicando o caminho, e os comerciantes podem ajudar. Se alguém disser que vai levar vocês lá, não aceitem. Se alguém oferecer um emprego ou lugar para ficar, não aceitem. Se alguém abordar vocês primeiro, não falem com a pessoa. Se vocês precisarem de orientação, só perguntem aos comerciantes. Vou acompanhar vocês até La Piedrera. Alguns quilômetros.

— Por quê? — pergunta Soledad.

— Por que o quê?

— Por que vai nos acompanhar?

— Por que não? — pergunta Danilo. — Faço isso pelo menos três vezes por semana, caminhar com os migrantes. É um hobby. Um bom exercício.

— Mas, se é tão perigoso assim, por que se dá o trabalho? O que você ganha com isso?

Danilo tem o tipo de olhos que se projetam ligeiramente de debaixo das pálpebras; logo, não há possibilidade de esconder sua expressão quando ele está

conversando. Luca percebe que Danilo não está aborrecido com o interrogatório de Soledad. Ele gosta do ceticismo da garota.

— Vou lhes contar a verdade — fala. E faz uma pausa por um instante para alisar o bigode com o polegar e o indicador. — Quando eu era adolescente, roubei um caminhão. Meu pai morreu em um acidente de trabalho, e eu fiquei com raiva do patrão dele, então roubei o caminhão do cara. Destruí todas as janelas e os faróis com o martelo do meu pai. E depois rasguei os pneus e joguei o caminhão em uma vala de esgoto.

— Para mim, parece razoável — comenta Rebeca.

— Passei três meses bebendo sem parar e fiz coisas horríveis durante o meu luto. Mas nunca fui pego, e Deus me concedeu uma vida boa mesmo assim, apesar dos meus pecados. Então, essa é a minha penitência. Sou como o diabo da guarda para os migrantes que passam pela minha pequena região. Eu protejo essas pessoas.

Soledad ergue o olhar para ele, estreitando os olhos enquanto procura sinais de mentira na expressão do homem. Não os encontra.

— Tudo bem.

Danilo dá uma risada.

— Tudo bem?

— Sim, tudo bem — confirma Soledad.

Eles voltam a ficar em silêncio por um tempo.

— Você já teve algum problema? — pergunta Lorenzo na retaguarda do grupo. — Já levou uma surra ou algo do tipo?

Danilo se vira sem tirar o facão do ombro e o fita.

— Não mais — diz.

Lorenzo assente e enfia as mãos nos bolsos.

— Legal, legal.

Luca entra na conversa que Danilo trava com as irmãs, então Lydia diminui o passo para andar ao lado de Lorenzo. Ela sente por ele um misto de repulsa e atração pela informação que talvez seja capaz de fornecer. Talvez ele saiba quais cartéis são aliados de Los Jardineros, quais rotas apresentam os maiores riscos de ela ser reconhecida. Lydia não sabe como puxar o assunto, porque, em sua mente, cada pergunta soa como uma acusação. Por fim, faz uma pergunta em voz alta:

— Como foi que você acabou viajando sozinho? Não tem família em Guerrero?

— Não, não exatamente. — Lorenzo puxou uma folha de grama seca perto dos trilhos e a enfiou no canto da boca, e fala com ela presa nos dentes. — Minha mãe se casou há alguns anos e o marido dela não me queria por perto, então fui embora.

Lydia olha de relance para ele.

— Quantos anos você tem?

— Dezesete.

Mais novo do que ela pensava.

— E com quantos anos você saiu de casa?

Lorenzo ergue os olhos e puxa a grama da boca.

— Nossa, nem sei. Treze, quatorze. Idade suficiente para me virar. — Lydia toma o cuidado de evitar contradizê-lo, mas o esforço é em vão. — Nem todo mundo tem uma mãe como você, sabe? Tem mãe que não dá a mínima. — Ele joga o fiapo de grama no chão.

— Sinto muito — diz Lydia.

— Tanto faz. Não importa. — Ele enfia as mãos nos bolsos do short folgado. — De qualquer jeito, eu estava viajando com um amigo. Partimos juntos, porque ele também queria ir embora, mas aí separaram a gente na Cidade do México e não ouvi mais falar dele.

— Mas você tem celular — comenta ela.

— É, mas o dele parou de funcionar.

— Ah.

Seguem em silêncio por alguns minutos, até que ele retoma a conversa.

— Ei, foi bem triste o que aconteceu com a filha do *jefe*, mas, sério, o que ele fez com sua família? Foi uma coisa *de locos*.

Lydia franze a testa.

— O quê?

— La Lechuza. O que ele fez com sua família foi um exagero. Quando vi no jornal aquela menina com um vestido de *quinceañera*...

Aquela menina.

— Minha sobrinha.

— É...

— Minha afilhada. Yénifer.

— É, quando vi a notícia, quer dizer, eu já estava pensando de verdade em pular fora, mas aquilo foi demais. A merda está fora de controle lá.

Lydia não consegue conversar sobre isso. Para ele, são apenas corpos, estranhos no noticiário, pessoas como as que ele mesmo já matou. *Aquela menina com um vestido de quinceañera*. Porém, a mente de Lydia se prende a um detalhe.

— O que aconteceu com a filha dele? — Lorenzo parece confuso, então Lydia esclarece: — A filha de Javier. De La Lechuza. Você disse que foi triste o que aconteceu com ela.

— É, você não soube?

— Soube o quê? O que aconteceu?

* * *

No dia em que a reportagem de Sebastián foi publicada, Javier a leu no banco de trás do carro, enquanto o motorista o conduzia lentamente pelas morosas ruas das manhãs de Acapulco. Durante toda a vida, Javier desfrutara de um talento quase sobrenatural para prever incidentes e suas consequências. Quando tinha onze anos e seu pai foi diagnosticado com câncer de cólon, Javier sabia que a morte viria depressa; sabia que a mãe, que até então tinha sido bondosa, carinhosa e dedicada, não lidaria bem com a situação e trataria seu luto com álcool e novos homens. Previu e aceitou o abandono materno muito antes de ele acontecer. Como resultado dessa aptidão, Javier tinha uma tranquilidade quase intransponível. Nada o surpreendia de verdade.

Assim, foi um ponto fora da curva não ter percebido a possibilidade de uma matéria como aquela ser publicada. Ele imaginou que seu amor por Lydia o tivesse cegado para a inevitabilidade da reportagem, e essa possibilidade fez com que sentisse uma tênue rusga de ressentimento em relação a ela. Mesmo antes de ler e mesmo que a matéria não fosse assinada, Javier, que leu o texto com sua serenidade costumeira, presumiu que fosse obra do marido de Lydia, cuja experiência na cobertura de assuntos ligados ao narcotráfico era conhecida por todos. Inicialmente, não precisou avaliar sua reação, porque o texto não lhe provocou grandes arroubos. Ao contrário, Javier o considerou uma descrição bastante acurada de sua vida. Havia, obviamente, algumas imprecisões marginais, um ou dois casos em que o jornalista incorreu no exagero. Havia mais condenação justificada do que Javier estava preparado para aceitar, mas aquilo era de se esperar. Apesar dos detalhes, pensou Javier, Sebastián tinha

conseguido captar uma certa verdade sobre a essência de Los Jardineros em Acapulco. E ficou espantado, mas inesperadamente satisfeito, pela inclusão do seu poema. Javier supôs que Lydia o tivesse passado de alguma forma ao marido. Será que ela o havia decorado? (Um pensamento lisonjeiro.) Será que o teria fotografado em segredo com o celular? Embora revelasse algo íntimo sobre ele, o poema também destacava sua humanidade, imaginou. Portanto, o prognóstico de Javier era de que a matéria o tornaria querido pelo povo. Não sorriu nem fechou a cara quando dobrou o jornal e o deixou de lado, no assento de couro banhado pelo sol.

Em vez disso, tentou prever o impacto que a matéria teria em seu futuro. Entendeu imediatamente que haveria ramificações, que seu relativo anonimato era coisa do passado, que sua liberdade fora comprometida de modo permanente. Sempre soube que isso aconteceria algum dia. Não imaginara que seria tão cedo, mas se adaptaria. Na pior das hipóteses, tratava-se de um aborrecimento. Por outro lado, talvez pudesse até ser divertido. Não conseguia se recordar de outro momento em que a imprensa tivesse dedicado tanta atenção a um cartel tão novo quanto Los Jardineros. Foram necessários anos de atividade plenamente estabelecida até que as pessoas comuns começassem a reconhecer os nomes de El Chapo Guzmán ou Pablo Escobar, e havia muita gente que ainda adorava esses homens por sua generosidade e sua aura mítica, mesmo após suas derrocadas espetaculares.

A única coisa que deixava Javier verdadeiramente incomodado era especular que Lydia, sua querida Lydia, havia traído sua confiança ao ceder o poema. Essa traição ele não previra, e provocou uma perigosa aceleração em seu peito. Porém, depois se deu conta de que talvez ela não tivesse sido desleal. Talvez tivesse entregado ao marido o poema como uma contribuição de boa-fé, uma alusão ao verdadeiro Javier. Talvez o poema fosse um presente.

Lydia conhecia Javier tão bem quanto qualquer um que tivesse intimidade com ele. A primeira reação de La Lechuza à reportagem fora exatamente a que ela previra.

* * *

Naquele instante, a vários quilômetros, nas cercanias da cidade, em uma espaçosa *finca* com uma vista resplandecente para o mar turquesa, a esposa de

Javier também lia a matéria. Nunca fora uma mulher bonita, mas tomava o cuidado de parecer que algum dia pudesse ter sido. Tinha o cabelo platinado, o rímel e o batom estavam aplicados com bom gosto, os seios eram mantidos pela arquitetura de uma lingerie cara, as unhas, brilhantes e quadradas, e somente um tom mais rosadas do que o natural. Não fumava havia quase três anos, mas lá estava ela, a fumaça saindo em espiral da ponta de seu cigarro mentolado e trêmulo. Ela tinha um nome, mas raramente o escutava. No lugar, ouvia *Mamá*, ou *Mi Reina*, ou *Doña*. Chegara a uma idade na qual esperava que cada dia revelasse alguma pequena tristeza diferente, mas também na qual não havia mais nada que realmente pudesse surpreendê-la. Quando franziu os lábios para tragar, as tênues rugas ao redor de sua boca tornaram-se sulcos. Ela borrou o filtro do cigarro com um brilho do batom coral-dourado e soprou a fumaça por cima de um ombro. Uma empregada nervosa se aproximou sem fazer barulho e serviu mais café na xícara deixada de lado. Havia gaivotas sobrevoando o horizonte azul salpicado pelas nuvens. As buganvílias faziam barulho ao vento. No entanto, ela permanecia imóvel, em silêncio, relendo pela terceira vez a matéria de Sebastián. O texto a angustiava. É desconcertante ver, realçadas pela veracidade do preto no branco, as lutas mais profundamente reprimidas da própria consciência sufocada impressas ali no jornal para o mundo inteiro ler. A esposa de Javier não conseguiu manter um nível mínimo de calma quando a filha, Marta, mais tarde, telefonou do internato em Barcelona e a destruiu com a simplicidade de uma única pergunta: *Mamá, é verdade?* E, por não ter conseguido se acalmar para tranquilizar a filha, ela se culparia para sempre pelo que aconteceu em seguida.

Três dias depois, na véspera da *quinceañera* de Yénifer, o diretor do internato ligou para informar que Marta fora encontrada morta em seu dormitório, enforcada no duto do ar-condicionado com a meia-calça da colega de quarto. A nota de suicídio era endereçada apenas ao pai.

“Mais uma morte não deve fazer tanta diferença.”

CAPÍTULO DEZENOVE

Na periferia de Guadalajara, sentindo o cheiro de chocolate, Lydia fica paralisada. Sua mão voa até a boca. Lorenzo vira o rosto para ela.

— É, acho que a filha leu a matéria que seu marido escreveu.

— Meu Deus — exclama Lydia.

— Você não sabia?

A voz dela não sai.

— Pois é, alguém mandou a reportagem para ela. Aí a garota leu, ficou surtada e se matou. Deixou um bilhete para o pai. Deu uma merda grande. Foi por isso. — A mente de Lydia dispara tentando juntar os fios da história conforme o garoto *sicario* fala. — Foi por isso que ele ficou *loco*. Disse que você traiu ele, que o seu marido era responsável, que vocês todos iam pagar. Ele ficou bem fodido da cabeça.

— Espere aí...

O cérebro de Lydia entra em colapso. Está muito cheio. *Marta*. Lembranças isoladas surgem uma após a outra, e depois estouram e desaparecem como bolhas de sabão. Javier na livraria, conversando por Skype com a filha em Barcelona antes de uma prova. A apreensão da garota, o incentivo paternal. Javier rindo ao contar a Lydia sobre o pula-pula que Marta lhe dera em seu aniversário de cinquenta anos. Como ele tentara usar o brinquedo só para agradar a filha e terminara cheio de dor nas costas. A insistência de Javier ao dizer que Marta era a única coisa boa que ele fizera na vida inteira. *Es mi cielo, mi luna y todas mis estrellas*. Lydia sentiu uma pontada no peito.

— Ela não sabia? Não sabia do pai nem do cartel?

— Acho que não.

— Como é que ela não sabia?

Parece bem improvável, mas Lydia logo percebe a própria hipocrisia. Ela também não sabia. A primeira peça de dominó de sua compreensão balança e cai.

Lorenzo dá de ombros.

— Não sei. Mas ele foi direto na família de vocês e partiu para a vingança. Foi praticamente um comunicado para Los Jardineros. Normalmente, quando há um trabalho a ser feito, dizem apenas o essencial, e são só as pessoas envolvidas que sabem alguma coisa a respeito. Mas dessa vez foi diferente. Todo mundo em Acapulco sabia, todo mundo no estado de Guerrero.

Lydia começa a remexer os pés, mas sua cabeça está zunindo como um motor desengatado. A notícia tocou seu ponto fraco. Todo esse tempo, todos esses quilômetros, a mesma frase inútil e idiota ocupava seus pensamentos. *Isso não deveria ter acontecido. Isso não deveria ter acontecido.* Ela o avaliara mal. Deixara de perceber alguma coisa. Lydia havia repassado mais de mil vezes a conversa que tivera com Sebastián na noite anterior à publicação da matéria. Ele lhe perguntara se deveriam passar alguns dias em um hotel, por via das dúvidas.

— Não, acho que está tudo bem — respondera ela.

— Tem certeza absoluta?

— Sim. Certeza absoluta — dissera Lydia.

Como aquela resposta a assombrava. Como a acompanhava todas as noites. Como revirava, sem perdão, em seu íntimo. Todas as razões frívolas pelas quais não quisera ir para o hotel: ela detestava tirar Luca de seu ambiente e obrigá-lo a faltar aula. Não queria prejudicar a livraria. Detestava a interrupção na rotina deles. E ela acreditava, de verdade, que Javier não os machucaria. O que ela não daria para voltar àquele momento com Sebastián, sugerir outra coisa. Engolir aquelas palavras e apagá-las. *Certeza absoluta*, dissera. Como havia sido presunçosa, imprudente! É claro que ela não teria como calcular todas as eventualidades. Por que não vira aquilo antes? Ela jamais podia ter previsto o que aconteceu, mas devia ter contado com o fato de que alguma coisa imprevisível poderia acontecer. *Por quê, por quê, por quê?* Seu corpo parecia um vidro rachado, já estilhaçado, e ainda de pé apenas por uma lei da física. Um movimento em falso e ela estaria em pedaços.

A morte de Marta mudava tudo, claro. Mudou tudo. Por baixo do choque, Lydia sente ondas de emoções conflitantes, mas faz o possível para enxotá-las. *De nenhuma maneira.* Ela não vai sentir nada por causa da morte da filha de Javier. Não, Lydia não vai nem mencionar o nome dela. Não sentirá nada relacionado ao tormento dele. A nota que Javier lhe mandara no Hotel

Duquesa Imperial: *Sinto muito por sua dor e pela minha. Agora estamos unidos para sempre neste sofrimento.*

Não.

Não.

O luto dele não é igual ao dela. Lydia não sentirá empatia. Sentirá raiva. Vai viver a fúria da própria perda absurda, aquela que Javier engendrou para ela. O que vai fazer é seguir adiante, deixá-lo para trás, e repetir o nome dos dezesseis parentes assassinados. Inocentes, todos eles. Principalmente Sebastián. Um homem honrado cumprindo seu dever.

Ela vai listá-los e repetir seus nomes e se lembrar. Sebastián, Yemi, Alex, Yénifer, Adrián, Paula, Arturo, Estéfani, Nico, Joaquín, Diana, Vicente, Rafael, Lucía e Rafaelito. Mamá. Repetir. Seu marido, sua irmã, sua sobrinha e seu sobrinho, sua tia, seus dois primos e seus filhos lindos. Sua *mamá*. Lydia não vai parar de falar seus nomes.

Lorenzo está falando alguma coisa ao lado dela, mas a voz do rapaz some na avalanche da própria ladainha. Ela precisa se afastar dele. Por isso, vai até Luca e caminha ao lado do filho, pressionando na palma da mão os dedos quentes do menino.

A repetição dos nomes se tornará uma oração.

* * *

Eles passam por vizinhanças mais movimentadas, com cachorros curiosos, crianças andando de bicicleta e mulheres empurrando carrinhos de bebê. Luca vê um homem com um chapéu branco de vaqueiro cavalgando um pônei velho e falando ao celular, o que faz o menino rir. Há também garotas, que parecem ter mais ou menos a idade das irmãs, paradas perto da pista em grupos de duas ou três. Estão vestidas com peças que se assemelham à roupa de baixo de Mami, além de sapatos brancos de salto alto ou botas até os joelhos. Usam batons rosa-neon e, com sotaques da América Central, chamam seus conterrâneos conforme eles passam. As garotas convidam os homens para beber uma cerveja, fumar ou descansar, e Luca sabe que há alguma coisa estranha na aparência delas, nos vestidos, alguma coisa imprópria sobre aquela postura — tão letárgica em meio à agitação do dia. Mas ele não entende como tudo aquilo funciona. Não compreende a diferença entre os homens que balançam a cabeça

com tristeza e desviam os olhos e os que as fitam maliciosamente e assobiam, que correm para desaparecer em locais escuros junto com aquelas moças jovens e enfeitadas. Quando tenta perguntar a respeito delas, Mami se limita a balançar a cabeça e apertar sua mão.

Eles passam com frequência por grupos de homens uniformizados que se agitam quando percebem a aproximação dos migrantes, mas, toda vez que isso acontece, Danilo tira o facão ainda embainhado do ombro e o agita ao lado do corpo enquanto caminha. Faz uns movimentos elaborados com os pés semelhantes a uma dança, e segue cantando:

— *¡Guadalajara, Guadalajara! Tienes el alma de provinciana, hueles a limpio, a rosa temprana...*

Ao notarem a presença de Danilo, os homens de uniforme voltam seu interesse para outra coisa. Então, no momento em que chegam a La Piedrera, Lydia tem a sensação de que Danilo salvou a vida deles pelo menos umas sete vezes. Ela segura a mão do homem e agradece, mas ele age como se aquilo não tivesse importância e lhes deseja segurança no restante da viagem. Dá meia-volta e sai andando sem pressa pelo caminho oposto. O grupo ouve Danilo se afastar cantando.

— *¡Guadalajara, Guadalajara! Sabes a pura tierra mojada...*

— Quem dera se ele pudesse ir com a gente pelo caminho todo até *el norte* — comenta Rebeca com Soledad, observando-o ir embora.

— Posso tomar conta de vocês — sugere Lorenzo.

As irmãs se viram e olham para ele.

— Não, estamos bem — diz Rebeca. — Obrigada.

Lorenzo dá de ombros, mas Soledad não tem paciência para esse *cholo*. De qualquer forma, ela nunca foi a rainha da sutileza mesmo.

— Ainda por aqui? A gente convidou você para se juntar ao nosso grupo ou algo do tipo? Porque não me lembro de ter feito isso.

— Droga, garota. *Cálmate*. Vamos todos para o mesmo lugar, não vamos?

— Vamos?

— Quer dizer... O quê? Você é dona de Guadalajara agora?

Ela dá meia-volta e fala com Rebeca:

— Vamos embora.

As garotas começam a se afastar, e Luca vai atrás delas. Lydia não se mexe. Ela sabe que Lorenzo poderia usar o celular para ligar para Javier neste exato momento. Poderia quebrar o pescoço dela e depois mandar uma foto, ganhar

uma grande recompensa. A morte de Lydia poderia torná-lo um herói de Los Jardineros. Mas não seria possível que, por trás de sua atitude presunçosa típica de um narcotraficante iniciante, ele seja só um garoto amedrontado, sozinho no mundo e fugindo para sobreviver? E talvez, caso de fato não esteja disposto a matá-los, ele saiba mais coisas sobre os cartéis que possam ajudá-los? Lorenzo já serviu de fonte, e Lydia gostaria de ter a chance de conversar de novo com ele, extrair mais informações. Luca e as garotas olham para trás na esquina que estão prestes a contornar e a encaram. Luca e Rebeca estão de mãos dadas. O ritmo de suas vidas se tornou ao mesmo tempo rápido e lento demais; Lydia nunca tem tempo suficiente para tomar decisões. Ela age unicamente por instinto, e seu instinto está lhe dizendo nesse momento para seguir em frente, para se livrar dele.

— Posso fazer uma pergunta? — arrisca Lydia.

Ele dá de ombros.

— Você acha que ele ainda está a nossa procura?

— Sem dúvida nenhuma — responde ele.

Não é uma surpresa, mas a confirmação tampouco traz conforto. O corpo dela parece anestesiado.

— Mas estamos mais seguros aqui, não é?

Lorenzo está usando uma mochila-sacola. Ele pisca e olha ao redor.

— Não sei — diz. — Quer dizer, qualquer lugar é mais seguro do que Acapulco.

— Mas ele tem aliados em outras *plazas*?

— *Claro que sí*, existe muito mais cooperação com os outros cartéis do que antes. Ele tem um bom alcance, com muita penetração em territórios rivais.

— Quais? — pergunta ela.

— Não sei. Você acha que eu sou o quê? Algum tipo de especialista?

Bem. Sim, pensa Lydia.

— Só estou tentando determinar a rota mais segura para nós.

— Até onde sei, não existe rota segura — diz ele. — Você só tem que correr que nem um louco.

Ela encara seu rosto, amplo e jovem. Seus olhos têm as pálpebras pronunciadas, o lábio superior é suavizado por uma penugem fina. Ele tem os resquícios de uma espinha na bochecha. É um autêntico garoto. Que já matou pelo menos três pessoas.

— Lorenzo, você não vai contar para ninguém, vai? — pergunta Lydia, tentando capturar seu olhar, mas ele desvia.

— Não, já falei. Parei com aquilo tudo. Estou fora. — Ele enfia as mãos nos bolsos do short.

Ela assente, imersa em ceticismo.

— Obrigada.

— *Ni modo*.

Lydia reluta em virar as costas para ele, porque ainda tem medo. O choque de uma lâmina entrando em sua carne, rompendo sua espinha. Seu corpo jogado na estrada do lado dos trilhos.

— *Suerte*, Lorenzo — diz ela, e dá meia-volta para seguir em frente.

É ainda mais difícil não olhar para trás depois de voltar à companhia de Luca e das irmãs, mas Lydia sabe que ele poderá interpretar qualquer olhar como uma fraqueza ou um convite. Portanto, só lhe resta imaginar Lorenzo ficando para trás. Ela o imagina seguindo ao longe, escondido, mas não se vira para confrontar sua suspeita. Continua avançando, *adelante*, mantém Luca e as garotas em movimento. Somente horas depois, na entrada de um abrigo para migrantes, ela se permite uma pausa para recuperar a tranquilidade. Logo antes de entrar, ela olha para trás e se põe a esquadrihar a rua vazia nas duas direções. Leva um tempo procurando em cada sombra e agradecendo a Deus. Ele foi embora.

Todos estão exaustos. Há bons serviços para os migrantes na cidade, e, considerando esse fato, além da modesta atitude heroica de Danilo e do chocolate da Hershey's, Luca acaba tendo dificuldade para aceitar a genuína bondade por parte de desconhecidos. Parece impossível que pessoas boas — tantas pessoas boas — possam existir no mesmo mundo onde homens atiram em famílias inteiras em festas de aniversário e depois pisam nos corpos e comem frango frito. Há uma vibração exaustiva de confusão que se forma no cérebro de Luca quando ele tenta conciliar esses dois fatos lado a lado.

No abrigo, Rebeca e Soledad montam guarda uma para a outra do lado de fora da porta do banheiro. É um luxo tirar da pele a sujeira da estrada, ensaboar-se e ficar embaixo de um chuveiro quente, observar a água encardida circular no ralo e desaparecer para sempre. Soledad gosta de pensar nas moléculas de água correndo pelos canos, mesclando-se e dispersando, juntando-se a outros canos sob as ruas da cidade, aumentando em volume e

velocidade em direção a algum destino desconhecido. Ela gosta de pensar na sujeira que tira da pele se diluindo cada vez mais até deixar de existir.

* * *

Embora ainda tenha o celular que Iván lhe deu, Soledad não pode usá-lo para fazer ligações ou mandar mensagens porque não tem créditos. Se tivesse, Soledad ainda assim não o usaria, por duas razões: ninguém que ela conhece, exceto o primo César, tem um celular; além disso, assim como Lydia, ela tem medo de que, ao usar o aparelho, Iván de alguma maneira consiga encontrá-la. Dessa forma, o telefone funciona principalmente como um álbum de fotografias, mas também como um motivador que a faz lembrar o tanto que ela já avançou, e como sua vida vai melhorar assim que chegar a *el norte*.

Portanto, quando o diretor da casa pergunta às irmãs se gostariam de mandar um e-mail ou ligar para alguém, a animação delas é quase demais para assimilar. Finalmente poderão ligar para o pai. Rebeca nunca usou um telefone, nunca levou um aparelho ao ouvido e escutou uma voz familiar de algum ente querido distante. Soledad só recebeu ligações, mas nunca realizou uma. É uma comodidade banal da modernidade que, para as irmãs, ainda carrega o peso de um milagre.

— Como fazemos isso? — pergunta Rebeca à irmã após o diretor guiá-las a uma sala silenciosa, sair e fechar a porta.

Soledad franze a testa.

— Chame o Luca.

O pequeno aposento contém uma mesa com um computador ligado, uma cadeira com rodinhas e um sofá modesto com estampa floral. O telefone está em cima da mesa, ao lado do monitor. Rebeca retorna rapidamente com Luca, que se senta na frente do computador, pergunta às irmãs o nome do hotel onde o pai trabalha e encontra o número de telefone em questão de segundos. Ele escreve o número no único bloco de anotações, mas, quando se levanta para sair, Soledad pede para ele discar também.

— Qual o nome de seu pai? — pergunta Luca, cobrindo o fone enquanto escuta o sinal da chamada.

— Elmer — responde Soledad. — Pergunte por Elmer Abarca Lobo, da cozinha principal.

Luca obedece, mas, quando está prestes a entregar o telefone a Soledad, a recepcionista diz:

— Sinto muito, mas Elmer não veio trabalhar hoje. Só um minuto.

Luca ouve o som da voz da moça abafada por um momento antes que ela volte a falar claramente.

— Posso perguntar quem deseja falar com ele?

— Estou aqui com as filhas dele — responde Luca. — Fiz a ligação para elas.

— Entendo — diz ela.

— Espere, vou dar o telefone para Soledad.

Ele passa o telefone para Soledad, que toma seu assento, o rosto brilhando pela ansiedade e pelo nervosismo. Ela espera que o pai não esteja chateado. Espera que ele compreenda por que elas tiveram que ir embora da maneira como foram, sem avisar, sem tempo para se despedir. Nessas últimas semanas, Soledad tem sido assombrada pela ideia de vê-lo chegando em casa sozinho no apartamento escuro, exausto do turno dobrado, e encontrando o bilhete. Ela tenta não pensar na angústia que aquilo deve ter lhe causado. Ela morde o lábio.

— Alô?

— Alô — diz a recepcionista. — Você está querendo falar com Elmer? É a filha do Elmer?

— Sim, Soledad. Ele está? Posso falar com ele?

— Sinto muito, mas Elmer não veio para o trabalho hoje, Soledad.

Os ombros de Soledad despençam, e ela se reclina na cadeira.

— Tudo bem — diz. — Podemos deixar um recado para ele? É um recado importante, e não sei quando teremos a oportunidade de usar um telefone de novo. Estou aqui com minha irmã, Rebeca, e queremos dizer a ele que estamos bem.

— Soledad... — diz a mulher.

Apenas isso, apenas o nome dela. *Soledad*. Mas alguma coisa a respeito da hesitação naquelas três sílabas faz o estômago de Soledad se revirar. Ela se ajeita na cadeira.

— Sinto muito, mas seu pai vai levar um tempo para voltar ao trabalho.

Soledad segura a ponta da mesa e vira as costas para a irmã. Luca procura a maçaneta da porta, mas Soledad coloca a mão no ombro dele. Sua boca está

aberta, mas ela se recusa a fazer as perguntas que podem esclarecer as coisas. Ela não quer saber.

— Sinto muito, Soledad, mas seu pai sofreu um acidente. Na verdade, não foi um acidente. Seu pai, ele... Ele está no hospital.

Soledad se levanta bruscamente, fazendo a cadeira rolar para trás.

— Por quê? O que aconteceu?

Rebeca se levanta também, e Luca vai para perto dela.

— Está tudo bem com ele? — pergunta Soledad.

A voz da mulher é baixa.

— O estado dele é estável, foi a última coisa que eu soube.

Soledad respira uma vez. *Estável.*

— Mas o que aconteceu?

— Ele foi atacado semana passada quando estava quase chegando ao trabalho.

Ela volta a se sentar pesadamente, mas a cadeira não está mais no lugar e ela quase cai no chão. Luca empurra a cadeira, e Soledad se acomoda.

— Ele foi esfaqueado — diz a mulher. — Sinto muito.

— Qual hospital?

— O Nacional. Lamento muito, Soledad.

A jovem desliga o telefone, e Luca leva menos de um minuto para encontrar o número do Hospital Nacional em San Pedro Sula. Ele mais uma vez faz a ligação, mas agora coloca no viva-voz para que todos possam ouvir a conversa. E a quase dois mil e duzentos quilômetros de distância, na unidade de tratamento intensivo de um prédio verde e azul de seis andares, uma enfermeira de uniforme branco com um estetoscópio azul ao redor do pescoço se dirige à sala da enfermagem e joga um prontuário em cima da mesa já atulhada. Luca, Rebeca e Soledad a escutam atender ao telefone. Os três se inclinam para a frente.

— Acho que meu pai está internado aí — diz Soledad. A voz dela não passa de um fiapo. — Meu pai, Elmer Abarca Lobo. Uma mulher do trabalho dele disse que ele está aí desde a semana passada.

Eles ouvem ao fundo os sons de estalos e bipes. Vozes. Uma criança chorando. A enfermeira não responde de imediato.

— Alô? — diz Rebeca.

— Estou procurando — responde a enfermeira, que está consultando pastas e prontuários em meio à papelada.

Soledad segura a mão da irmã do outro lado da mesa com tanta força que os nós dos dedos de ambas ficam duros e esbranquiçados.

— Uma mulher no trabalho dele disse que ele levou uma facada.

— Ah! — responde a enfermeira, como se subitamente se lembrasse. — Sim, Elmer — diz ela. — Ele está aqui. Não muito bem, mas agora está estável. Ele perdeu muito sangue. Lamento.

Rebeca cobre a boca com a mão livre. Soledad enterra os dedos na pele do queixo.

— Podemos falar com ele?

— Ele está inconsciente — responde a enfermeira. — Vocês podem vir aqui?

Rebeca balança a cabeça, mas Soledad responde em voz alta:

— Não estamos em Honduras. Estamos no México.

Rebeca se detém a um detalhe específico.

— O que quer dizer com ele está inconsciente? O que isso significa?

— Significa que colocamos seu pai para dormir por causa das lesões no cérebro. Ele precisa dormir até o inchaço e o trauma reduzirem.

Soledad se lança para a frente, curvando o corpo sobre os joelhos.

— Lesões no cérebro? — pergunta Rebeca. — Não estou entendendo.

— É isso — diz a enfermeira. — Ele foi esfaqueado no rosto.

— Ai, meu Deus.

As duas garotas começam a chorar.

Luca está cada vez mais inquieto. Ele se afasta do telefone até ficar encostado na parede, perto da porta.

— Ele levou uma facada na barriga e duas no rosto — continua a enfermeira. Ela não está indiferente ao sofrimento das irmãs, mas sabe que precisa transmitir a informação, e é melhor fazer o mais rápido possível, como arrancar um Band-Aid de uma vez só, para que elas possam ir para o próximo passo, onde já sabem todas as informações terríveis e têm condições de processá-las. — A ferida que causou maior dano foi do lado direito da região infraorbital...

— Infraorbital? O que é isso? — pergunta Soledad. — Por favor, simplifique para a gente.

Mesmo a enfermeira mais insensível da emergência na cidade mais violenta do mundo teria dificuldades de comunicar esse detalhe à família.

— O olho — explica ela.

— Ele levou uma facada no olho? — pergunta Soledad.

— Levou — confirma a enfermeira.

— Ai, meu Deus — diz Rebeca mais uma vez.

— Sim — diz a enfermeira.

Ela diz que ele está descansando confortavelmente, que sua condição é estável, que eles o manterão em coma induzido até que o médico sinta que é seguro despertá-lo. Ela não sabe quanto tempo esse processo vai levar. Ela adverte que os ferimentos foram consideráveis, e que talvez haja sequelas permanentes no cérebro. Explica que não há como avaliar esses danos até que o período inicial de repouso e cura esteja concluído.

— Meninas. — A enfermeira fala baixo, e elas escutam uma porta se fechando do outro lado da linha, seguida por um silêncio periférico. — Vocês sabem quem fez isso ao pai de vocês?

Aos prantos, Soledad responde:

— Sim, acho que sim. Eu sei.

Os olhos negros de Rebeca ficam ainda maiores e mais escuros. Uma tormenta perpassa seu rosto.

— Escutem — fala a enfermeira. — Preciso que vocês escutem com atenção.

As duas garotas respiram com dificuldade. Elas estão tremendo.

— Não ousem voltar para cá. Nem pensem nisso. Vocês me ouviram?

O rosto delas está molhado; o nariz, cheio de muco e lágrimas. Rebeca funga e solta um gemido baixo.

— Ele está recebendo o melhor tratamento possível, entendem? — continua a enfermeira, também com a voz embargada. — Estamos fazendo tudo a nosso alcance para seu pai se recuperar. E se vocês voltarem para cá só para ficar sentadas na recepção e chorar e levar uma facada no olho também... Enfim, isso não vai fazer nenhum bem a ele, entenderam?

Elas não respondem.

— Quantos anos vocês têm?

— Quinze — diz Soledad.

— Quatorze — diz Rebeca.

— Muito bem. Seu pai quer que vocês vivam até os cem anos, ouviram? Vocês não vão chegar até essa idade se voltarem para cá. Continuem seguindo seu caminho.

Em San Pedro Sula, no Hospital Nacional, elas ouvem a enfermeira assoando o nariz.

— Meu nome é Ángela. Liguem de novo quando tiverem acesso a um telefone, e aí eu dou notícias.

— Obrigada — diz Rebeca.

A enfermeira limpa a garganta.

— Vou dizer ao seu pai que vocês ligaram.

Após desligarem, as irmãs permanecem em silêncio na sala. Soledad se levanta e se senta de novo pelo menos dez vezes. Rebeca está sentada na beirada do sofá, destruindo um lenço de papel. Luca não se mexe. Ele espera que as irmãs se esqueçam de sua presença ali. Torce para que elas não falem com ele nem lhe perguntem nada. Ele precisa sair desse lugar, mas não consegue se mexer. Seu pai está morto. Luca levanta uma das mãos para tocar na aba vermelha do boné. Ele visualiza o pai no pátio dos fundos da casa de Abuela sem enfermeiras nem cobertores nem máquinas apitando, nada que possa salvá-lo. Ele visualiza o silêncio do sangue formando uma poça. Luca permanece imóvel e se funde com a parede.

Logo em seguida, alguém bate na porta. Soledad fica agradecida, já que um fator externo obriga seu corpo a se ocupar de outra coisa. Ela abre a porta.

— Já terminaram? — Um funcionário da equipe está parado no corredor com outro migrante. — Temos um tempo limite de quinze minutos quando alguém mais está esperando.

— Sim, desculpe — diz Soledad. — Já vamos sair.

Luca escapa para fora da sala antes que o funcionário feche a porta.

Lá dentro, Soledad sussurra:

— Perdão.

— O quê? — pergunta Rebeca, olhando por cima do lenço de papel destruído.

— Me desculpe. Me desculpe. É minha culpa, Rebeca. Me perdoe.

Nesse espaço apertado, Rebeca vai depressa até Soledad e joga os braços ao redor dela, sua pulseira das cores do arco-íris pressionada contra o cabelo preto da irmã, ainda molhado.

— Shh.

— É tudo culpa minha — repete Soledad sem parar, até finalmente Rebeca se afastar dela e a sacudir com força pelos ombros.

— Não seja ridícula. Ninguém tem culpa. Só *ese hijo de puta* que atacou nosso pai.

Soledad se curva ainda mais, envolvida pelos braços da irmã.

— Mas fui obrigada a fazer uma escolha horrível — clama ela. — Era você ou Papi, eu sabia disso. Eu sabia que ele ia ficar em perigo se fôssemos embora. Iván me avisou. Só que eu, eu realmente não acreditei que ele fosse até o fim com aquilo. Pensei que, se fugíssemos, ele...

Ela não se dá o trabalho de terminar a frase porque não interessa o que ela pensou. Estava errada. Trêmulas, as irmãs inspiram ao mesmo tempo, e Rebeca seca as lágrimas de Soledad com os polegares.

— Pare. Pare com isso, Sole. Papi teria feito a mesma escolha. Quando melhorar, ele vai ficar muito orgulhoso de você. Espere só para ver.

Soledad seca o rosto com um lenço de papel limpo. Depois assoa o nariz.

— Você está certa.

— Ele vai ficar bem — diz Rebeca.

— Ele tem que ficar.

* * *

No silêncio entre bipes e cliques no quarto do pai de Soledad e Rebeca no hospital de San Pedro Sula, a enfermeira Ángela entra solenemente com seus tênis brancos. Ela sabia o nome dele, claro, por causa da identidade que encontraram na carteira. Mas ele não havia recebido visitas nem foi procurado por ninguém até aquele dia. Às vezes é mais fácil assim — pode-se fornecer o tratamento de que o paciente precisa, administrar sua dor e cuidar de seu corpo ferido sem o peso extra da aflição do outro. Ángela trabalha como enfermeira nessa cidade há tempo o bastante para saber que a dor da família muitas vezes ofusca a dor do paciente.

Nesta noite, a enfermaria está relativamente silenciosa. Então, depois de verificar seus sinais vitais e trocar o saco de lixo, Ángela tem tempo para se sentar com ele. Ainda não escureceu por completo, mas ela acende o abajur de qualquer maneira, porque acha a luz suave reconfortante. Fecha os olhos brevemente antes de falar com ele. Seus colegas não fazem mais isso porque é muito penoso. Muito pesado. Ángela é a única que ainda faz. A violência agora é esmagadora nesse lugar. Tornou-se um desfile macabro de gangues, para ver

quem é superior e quem derrama mais sangue. A UTI está sempre cheia, mas não tanto quanto o necrotério. As outras enfermeiras usam um humor irreverente para lidar com a situação. Usam uma classificação secreta de smiles para prever as chances de sobrevivência dos pacientes. Ángela não as julga. Elas têm que ir para casa e encontrar os filhos no fim do plantão. Querem continuar casadas. Querem jantar e tomar uma cerveja no quintal com os vizinhos. Porém, depois de vinte anos nesse trabalho, Ángela ainda não consegue se desligar. E nem quer.

Ela puxa a cadeira para mais perto da cabeceira de Elmer e segura sua mão com cuidado para não arrancar o soro. Esfrega o dorso da mão dele com o polegar.

— Elmer, suas filhas ligaram hoje — diz ela baixinho. — Ligaram daqui do México, e estão bem. Suas filhas estão bem. Estão a caminho de *el norte*.

CAPÍTULO VINTE

Mais tarde na mesma noite, quando, passada a onda de choque após a terrível notícia, as irmãs começam a se sentir mais calmas, Lorenzo aparece no abrigo. Lydia está ajudando na cozinha, mexendo uma grande panela de feijão no fogão, quando o vê pela porta aberta da enorme sala de jantar. De longe, o rapaz não é tão ameaçador quanto pareceu no trem. Não é tão alto nem tão corpulento quanto a primeira impressão sugerira. Como qualquer outro migrante ali, tem um ar de cansaço extremo, bem como de alívio por estar em um ambiente protegido onde é recebido pelo aroma de comida quente. Ainda assim, Lydia instintivamente tenta sair de sua linha de visão e acaba deixando cair sem querer a comprida colher de pau dentro da panela.

— *¡Carajo!* — deixa escapar em voz alta.

Ela fecha os olhos e a boca, bem apertados, somente por um instante. A mulher que administra a cozinha percebe e diz para Lydia não se preocupar, então lhe entrega um pegador para pescar a colher de pau de dentro do feijão.

Lydia também ajuda a servir o jantar, em pratos de papel, e os migrantes precisam formar uma fila como se fosse em um restaurante a quilo. Quando chega a vez de Lorenzo, e Lydia lhe serve uma concha de feijão, ele acena para ela com a cabeça sem fazer contato visual, sem nenhum comentário, e aquele comportamento estranho provoca ainda mais medo em Lydia. Será que ela o ofendeu, ou o provocou, fazendo com que ele desistisse de deixar o grupo deles em paz?

— Quer mais um pouco? — pergunta ela, mas ele já seguiu para a parte onde estão servindo arroz.

As irmãs e Luca estão atrás dele na fila, e, enquanto esperam, Soledad sente uma mão deslizar por baixo do seu braço e apalpar seu seio. É um movimento bem rápido. Seu corpo inteiro se retrai com aquela mão, mas, ao girar a cabeça para confrontar o assediador, ela se depara com três homens, todos de frente uns para os outros. Estão em uma conversa tão intensa, e tão alheios à presença

dela, que não há como determinar quem foi que a agarrou. O desinteresse deles é tão convincente que Soledad se pega pensando se o abuso não foi fruto de sua imaginação. *Não*, diz para si mesma. *Não estou maluca*. Ela trinca os dentes e cruza os braços. Mantém o corpo curvado como um aviso.

Depois do jantar, todos se reúnem na sala para ver televisão, menos Lorenzo. Lydia não sabe se fica aliviada ou preocupada pela ausência do rapaz. Talvez os dois. Ela quer mantê-lo à vista e ao mesmo tempo espera nunca mais olhar na cara dele.

Na TV, ninguém quer assistir ao noticiário porque é tudo familiar demais, então colocam nos *Simpsons*. Em casa, Mami não gosta que Luca veja esse desenho porque acha Bart grosseiro, e não quer que Luca comece a falar coisas como *cómete mis calzoncillos*, mas o que Mami não sabe é que Luca e Papi sempre viam *Os Simpsons* juntos quando ela não estava em casa, e Papi se esticava no sofá descalço com os dedos dos pés se mexendo nas meias, e Luca se enroscava no peito dele como um cobertor, e Papi esfregava as costas do menino enquanto eles assistiam. Era uma cerimônia secreta entre pai e filho. Eles imitavam as vozes, e Papi mantinha o controle remoto por perto, pois, se Mami chegasse de repente, ele poderia trocar de canal para *Arte Ninja* na mesma hora. Luca não gosta da ideia de ficar vendo *Simpsons* ali naquela sala azulejada com lâmpadas fluorescentes e todos sentados em cadeiras de armar com os braços cruzados e os sapatos calçados. Ele suporta a situação desamarrando e amarrando os tênis três vezes, e, quando termina, Mami sugere a Soledad e Rebeca que rezem juntas um terço em prol da completa recuperação da saúde do pai delas. Além disso, ela sabe que fazer isso servirá para acalmar os próprios nervos e aliviar sua agitação antes de tentar dormir. Elas se afastam em direção às mesas, que ficam no canto da sala, e várias outras mulheres vão junto. As irmãs ficam agradecidas, e é a primeira vez na vida de Luca que rezar o terço não parece uma chatice. Ele escuta as vozes melodiosas das mulheres reunidas, primeiro a cadência solitária da mãe.

Bendita sois vós entre as mulheres.

E então o coro de resposta.

Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte.

Amém.

Outra vez.

Luca segura o terço de pedras azuis de Abuela e acompanha as orações. Ele aperta as contas tão forte entre os dedos que a pressão deixa marcas em sua

pele. Ele imagina se Abuela alguma vez fez isso, quantas vezes ela passou aquelas contas pelas mãos idosas. Quando esse pensamento lhe ocorre, o menino quase consegue ouvir sua voz no meio do coro, *Santa María, Madre de Dios*. Fica com um nó na garganta. Não consegue falar, não consegue acrescentar a própria voz à oração, mas tudo bem, porque ouvir é um tipo de reverência, e, de qualquer modo, ele sente uma energia emanando das contas e fluindo para a ponta de seus dedos como uma pulsação. O terço é um tipo de corrente, e, se ele o agarrar bem apertado, preservará sua conexão com Abuela e Adrián e todos os outros. Com Acapulco e seu pequeno quarto com abajur de bola de futebol e o cobertor estampado com os carros de corrida. Com sua casa. Luca fecha os olhos e escuta a corrente de orações que o liga a Papi.

Durante a oração, as irmãs assumem uma nova postura que lhes deixa com uma aparência curvada. Parecem diminuídas. Ao abrir os olhos e emergir dos próprios pensamentos, Luca reconhece aquela postura porque lhe é familiar. É relativamente nova para Mami, também, e Luca pensa nela como “curvada de tristeza”. Lamenta de verdade a angústia das irmãs e de Mami; então, pede a Deus que alivie o sofrimento delas.

Naquela noite, Luca dorme e não sonha nenhuma vez. O melhor tipo de sono.

* * *

Ninguém combinou nada em voz alta, mas intuitivamente Lydia e Luca vão viajar com Soledad e Rebeca pelo máximo de tempo possível. Tanta coisa aconteceu que cada hora da jornada parece um ano, mas há alguma coisa além disso. O vínculo de viver um trauma, de compartilhar uma experiência indescritível juntos. O que quer que aconteça, ninguém mais em suas vidas compreenderá na plenitude a provação dessa peregrinação, os personagens que encontraram, o medo que viaja com eles, a dor e a fadiga que os consome. Sua determinação coletiva de continuar avançando rumo ao norte. Isso os aglutina, de modo que agora eles têm a sensação de formar uma quase família. Também é verdade que, por puro egoísmo e uma questão de estratégia, Lydia espera que a adição de mais duas pessoas a seu grupo de viagem sirva como uma camada extra de camuflagem, e possa confundir quem, à primeira vista, suspeite que ela possa ser a esposa desaparecida do jornalista morto. Antes de dormir, Lydia

fecha a caixa mais hedionda de sua mente e se permite pensar adiante, em sua vida nos Estados Unidos. Em vez de Denver, pensa em uma casinha branca no deserto com paredes grossas de tijolos crus. Ela viu fotos do Arizona: cactos e lagartos, a paisagem avermelhada e o céu de um azul profundo. Ela imagina Luca com uma mochila limpa e o cabelo cortado, entrando em um grande ônibus escolar amarelo e acenando pela janela. E então ela concebe um terceiro quarto naquela casa para as irmãs. O bebezinho de Soledad, talvez uma menina. O cheiro de fraldas. Uma banheira na pia da cozinha.

Todos eles estão ansiosos para se livrar de Lorenzo, sobretudo Lydia. Por isso, embora o abrigo seja confortável e eles estejam exaustos, e fosse tentador ficar mais uma noite ou duas se Lorenzo não estivesse ali, Luca, Lydia, Soledad e Rebeca se levantam quando ainda está escuro lá fora no dia seguinte. Os quatro tomam o cuidado de passar pelo dormitório masculino sem emitir nenhum som. Saem antes do amanhecer.

Lydia tem uma sensação aguda de que precisam sair de Guadalajara o mais rápido possível, e não só por causa de Lorenzo. A cidade é como uma planta carnívora, e ela enxerga evidências que corroboram esse sentimento por toda parte conforme andam depressa pelas ruas antes do alvorecer. Os migrantes chegam com ímpeto, a caminho de *el norte*, e encontram na cidade um pouco de acolhimento, de conforto, alguma segurança relativa longe dos trilhos, então ficam um dia a mais para recuperarem o fôlego. Em seguida, outros três dias. Depois cem. Olhe ali, dormindo em um canto ermo de um estacionamento, estirados sobre um pedaço de papelão, uma mãe descalça e uma criança pequena com as roupas sujas. E ali, com olhos vidrados e uma sacola de papel marrom com Deus sabe o quê, um adolescente magricela, machucado e com marcas de agulha. Ali, ali e ali, tantas garotas jovens cambaleando com saltos altos em lugares obscuros, os brancos de seus olhos destoando na penumbra. Lydia apressa Luca e as irmãs para longe do abrigo e em direção à via férrea, enquanto a luz ao redor se amplia com o nascer do sol.

Soledad e Rebeca, por outro lado, sentem uma dose crescente de relutância sobre essa parte da viagem, porque souberam na noite anterior, por intermédio de uma mulher no abrigo, que logo cruzarão o estado de Sinaloa, lugar famoso entre os migrantes por dois motivos: sua capacidade de fazer mulheres jovens desaparecerem e o vigor de seu cartel. Ainda assim, não há como chegar a *el norte* sem atravessar algum lugar famoso por essas coisas, e elas escolheram a Rota do Pacífico justamente por ser a mais segura. Então, talvez seja o trecho

mais perigoso da rota mais segura, e, de qualquer modo, quanto mais cedo o enfrentarem, mais cedo o deixarão para trás. Soledad também assumiu uma determinação nova e cada vez mais forte: o que aconteceu com Papi não terá sido em vão. Ela agora está desesperada para chegar a *el norte*, arrumar uma vida lá que seja boa e próspera, uma vida que honrará os sacrifícios de sua família. Portanto, há um senso de urgência e inquietação no grupo que segue na direção noroeste ao longo dos trilhos, com os ouvidos atentos o tempo todo, esperando qualquer som do trem. Lydia olha para trás de maneira compulsiva, e, quando finalmente o trem aparece, eles embarcam com facilidade, sem nem muita preparação ou comunicação. Ao refletir sobre o assunto, esse fato assusta Lydia.

— Nós nem paramos para pensar no embarque — diz para Soledad, após afivelar Luca com segurança no gradeamento.

— Estamos virando profissionais — responde a jovem.

Lydia, no entanto, balança a cabeça.

— Não, estamos ficando apáticas.

Soledad franze a testa.

— Mas é normal se acostumar, não é? Nós nos adaptamos.

Lydia toca em uma mecha grossa do cabelo de Luca que estava para fora do boné. O cabelo dele está comprido demais. Ela enrola no dedo um dos grossos cachos negros e, na ternura daquele ato, é transportada de volta ao quintal da mãe por um momento. Inclinando-se sobre o corpo sem vida de Sebastián, o cabo do espeto enterrado no seu corpo. Ela havia tocado na testa do marido, e seu cabelo áspero, ainda crescendo dos folículos, havia feito cócegas em seu pulso. Sebastián usava um xampu com cheiro de menta. Um soluço solitário cresce no âmago de Lydia e desaparece com o barulho do trem. Ela desvia o olhar de Luca e fita Soledad.

— De agora em diante, quando embarcarmos, sempre que embarcarmos, vou lembrar a você de ter medo — diz ela. — E você vai me lembrar também: isso não é normal.

— Isso não é normal — concorda Soledad.

* * *

O céu começa a ficar mais brilhante, e uma faixa de um tom laranja-claro se expande no horizonte, mas o ponto onde os trilhos encontram a terra ainda conserva a coloração da alvorada. Há alguns migrantes no teto do trem, mas o número nem de perto se compara à multidão do dia anterior, e, embora esse fato possa ser explicado por causa da hora, serve igualmente para ressaltar a sensação de Lydia de que Guadalajara engole alguns viajantes. Ela sente o peito se abrir com algo parecido com alívio à medida que o trem se distancia da cidade. Cerca de meia hora depois na direção norte, a paisagem é dominada por quilômetros de plantas baixas e espinhosas, que se espalham ao longo dos dois lados dos trilhos, suas frondes cinza-esverdeado como um milhão de mãos acenando. O trem desacelera ligeiramente na periferia de uma cidadezinha onde os prédios são pitorescos e bem-cuidados. Lydia sente a fragrância doce e viscosa de plantas de agave fermentando. Tequila. Em um vagão atrás deles, dois migrantes descem em uma escada lateral e esperam por um lugar seguro para saltarem. Luca tenta mantê-los à vista, mas o trem faz uma curva, e os homens desaparecem, e o garoto precisa se contentar em pensar, sem provas, que aterrissaram no solo em segurança. Ele tem apenas a determinação da própria mente para conjurar aquela verdade.

O trem continua barulhento em sua jornada em direção a Tepic, depois a Acaponeta e El Rosario. Em seguida, ficam um longo tempo sem cruzar com coisa alguma. Apenas mato, terra, árvores e céu. Uma construção aqui e ali, uma vaca muito de vez em quando. A paisagem é pastoral, linda, e o ar da manhã está fresco. Lydia sente uma pontada traiçoeira de deleite reprimido, uma confusão de ver o migrante como um turista, como se eles estivessem de férias admirando uma paisagem exótica. A sensação dura pouco.

Apesar da distância cada vez maior entre ela e Lorenzo, permanece o travo de angústia que a presença dele incute. É alarmante pensar que ele os tenha encontrado com tamanha facilidade, tão por acaso. Ele nem estava procurando. Mas Javier está, com todos os seus inesgotáveis recursos, com todas as suas conexões. Lydia vira o rosto para o sul, com a ridícula sensação de que vai vê-lo parado ali no alto do trem. Como se ele fosse empurrar os óculos no alto do nariz e abordá-la. Não vai acontecer dessa maneira, ela sabe. Quando esse encontro acontecer, não será exatamente Javier, com um sorriso no rosto e um casaco, segurando um livro de poesia. Será algum assassino sem rosto, algum garoto de capuz, demonstrando frieza ao despachá-la para a morte. O *sicario* não sentirá nada quando disparar a bala que matará seu filho. Lydia talvez seja

um hamster em uma roda. Ela sabe que o carrasco pode estar naquele trem, mas mesmo assim quer que ele siga com mais velocidade, quer continuar se desviando daquela selfie com Javier, enquanto a foto pipoca de celular em celular, cruzando o México de uma ponta a outra. Lydia estremece entre as irmãs. Ela desliza o dedo para dentro da aliança de Sebastián.

* * *

Na altura de uma pequenina aldeia circundada por mangueirais, La Bestia entra em Sinaloa sem aviso. Soledad está estirada, a mochila servindo de travesseiro e os dedos enroscados na grade. Seu rosto parece tomado por uma palidez macilenta.

— Como está se sentindo? — pergunta Lydia.

O vocabulário da sua vida passada é inadequado agora, mas é tudo o que ela tem.

Soledad abre a boca, mas depois a fecha novamente sem responder e balança a cabeça.

— Quando eu estava grávida do Luca, azeitona me ajudava com o enjoo — comenta Lydia em voz baixa.

Depois sua mente repete uma ladainha de contra-argumentos. *Quando eu estava grávida do Luca, não tinha apenas quinze anos. Quando eu estava grávida do Luca, não tinha que viajar milhares de quilômetros em cima de um trem de carga. Quando eu estava grávida do Luca, não carregava dentro de mim um filho concebido por estupro.*

— Azeitona? — Soledad faz uma careta.

Então a jovem ajeita a cabeça na mochila e fecha os olhos, mas não adianta. Depois de respirar fundo duas vezes, ela arremete para a lateral do trem e vomita por cima da borda.

Rebeca observa, os olhos arregalados de preocupação. Depois passa a mochila para Luca e engatinha até a irmã. Massageia as costas de Soledad e espera a náusea diminuir.

O ar ganha um toque salgado à medida que a estrada de ferro se aproxima do oceano e os mangueirais dão lugar a palmeiras em solo arenoso. Nas cercanias de uma cidade minúscula, mais de vinte migrantes homens montaram um grande acampamento. Eles comemoram quando veem o trem se

aproximando, mas a fera não diminui a velocidade. O gigante de ferro está se movendo rápido demais para possibilitar o embarque, então os homens permanecem parados, sem esperança, observando-o passar com seu barulho retumbante. Luca acena, e alguns acenam de volta. A maioria volta a seus lugares na sombra escassa para descansar enquanto espera pelo trem seguinte, mas um deles decide tentar. O homem corre ao lado dos trilhos enquanto os outros assistem. Eles gritam e incentivam, uma porção de barulhos concomitantes, avisos conflitantes. Ele consegue se segurar em um degrau, mas as pernas não acompanham o movimento. Com o braço enganchado na escada, o sujeito continua com as pernas suspensas. Os homens que assistem gritam em um frenesi cada vez maior.

— Luca.

Mami tenta chamar a atenção dele para outra coisa, mas o menino se curva para assistir, hipnotizado pelo homem pendurado. Todos estão.

Fica claro que ele não vai conseguir, que ele não tem como erguer o próprio corpo naquela posição. Apenas um braço o liga à velocidade de La Bestia. Todos prendem a respiração. O rosto do homem está virado para cima, de modo que Luca pode ver seu semblante, o momento em que muda de determinação para resignação. Depois disso, por um instante ele demora para se soltar, e Luca tem a impressão de que o homem está saboreando a situação, aqueles segundos finais em que sua vida ainda está intacta. Quando finalmente suas forças se esgotam e ele tomba, ainda há uma esperança, mínima, de que vá aterrissar longe dos trilhos. Isso acontece às vezes. Um golpe de sorte da física e da biologia. Mas, não. O homem é sugado instantaneamente para baixo das rodas da fera.

Seus gritos lacerados podem ser ouvidos em meio aos sons do trem se sacudindo. Luca olha para trás e vê os migrantes se aglomerando na pista, juntando os pedaços da vítima retalhada. Lydia não chora pelo homem, mas lhe dedica uma oração. Reza pedindo que ele não sobreviva a essa mutilação, que a morte tenha a misericórdia de alcançá-lo rapidamente. Com ainda mais fervor, reza para que qualquer impressão que o incidente deixe em Luca não lhe cause mais nenhum mal. Certamente seu filho atingirá em breve um limite do quanto uma criança resiliente consegue suportar antes de desencadear danos permanentes.

— Não se preocupe, *amorcito* — diz Lydia ao filho. — Aquele homem vai ficar bem.

— Ele foi partido em dois, Mami — protesta Luca.

— É para isso que os médicos servem — responde Lydia, com a voz suave. Ela finge confiança de um jeito que todas as mães fazem diante dos filhos. Usa a aguerrida armadura materna da enganação. Permite apenas que um segundo se passe antes de mudar de assunto, virando-se para Rebeca. — Então, o que vocês duas vão fazer quando chegarem à fronteira? Têm algum plano de como cruzar?

— Temos. Nosso primo cruzou ano passado, pelo Arizona, e depois pegou uma carona até Maryland. E ele mora lá, e nós vamos ficar com ele. Estamos usando a mesma rota e o mesmo coioite.

— Como ele encontrou o coioite?

Lydia se lembra a todo instante de que seus conhecimentos não têm qualquer serventia aqui, que ela não tem acesso ao tipo de informação que realmente importa nessa travessia. Em comparação com os migrantes, ela sabe bem menos que todos. Como encontrar um coioite, garantir que ele tenha uma boa reputação, pagar para cruzar a fronteira, tudo isso sem ser enganado.

Felizmente, Rebeca tem bastante conhecimento nesse assunto.

— Um monte de gente da nossa cidade já usou esse coioite. Ele foi bem recomendado. Porque não dá para simplesmente pegar qualquer um. Muitos roubam seu dinheiro e depois vendem você para o cartel, sabe?

Lydia nunca conheceu um coioite. É possível que nunca tenha conhecido alguém que conheça um coioite.

— Vocês deveriam usar o nosso — diz Rebeca. — A não ser que já tenham algum combinado.

Lydia balança a cabeça.

— Não temos.

Rebeca sorri.

— Então podemos ir juntos. Meu primo César fala que esse cara é o melhor. Eles só levaram dois dias andando e depois alguém pegou os dois em um trailer do outro lado e levou para Phoenix. De lá, deram passagens de ônibus para o destino deles. É muito caro, mas é seguro.

— Quanto? — pergunta Lydia.

Rebeca olha para Soledad, ainda deitada, a cabeça apoiada nos braços cruzados. Rebeca continua esfregando as costas da irmã.

— Quanto, Sole?

Soledad responde sem levantar a cabeça ou abrir os olhos.

— Quatro mil cada uma.

Lydia fica perplexa pela quantia.

— Achei que fosse bem mais do que isso, uns dez mil pesos pelo menos.

— Dólares — diz Soledad, a voz abafada pela manga da camisa. — Quatro mil dólares.

Dios Santo. Lydia leva um susto. Ela aceita dólar na livraria, então está acostumada com as taxas de câmbio usuais, mas não nesses valores. Ela se esforça para fazer a conta na cabeça. É muito dinheiro, mas eles têm o suficiente. Vão até ficar com uma pequena quantia sobrando, para começarem a vida do outro lado. Mas aí ela se lembra do discurso do padre em Celaya. *Vocês vão ser roubados. Todos vocês. Se conseguirem chegar a el norte, vão chegar sem um tostão, isso é certo.*

De qualquer modo, é bom ter um plano, ter em mente algo além do que eles vão comer hoje ou onde dormirão à noite. Lydia não se sente pronta para pensar no futuro, mas está começando a considerar o assunto. Ao mesmo tempo, ela definitivamente não está pronta para olhar para trás, e espera que consiga realizar uma coisa sem necessitar da outra.

— E onde vocês vão encontrar esse coioote? Ele está esperando por vocês? — pergunta Lydia.

— Está, o nome dele é Chacal...

Ah, claro, pensa Lydia. *Por que o nome de um coioote seria Roberto, Luís ou José se pode ser Chacal?*

— Ele trabalha perto de Nogales. Quando chegarmos lá, vamos ligar para o celular dele. Olhe. — Rebeca afrouxa a pulseira de arco-íris do braço esquerdo e enfia o dedo em um burquinho dentro. De lá desenrola um papelzinho com o número do coioote.

— Ótimo — aquiesce Lydia. — Entendi.

Portanto, agora eles têm um plano sólido.

* * *

É impressionante como viajar no teto de um trem de carga possa se tornar maçante, mas é verdade. O tédio é espetacular. O barulho alto do motor e do metal é tão constante que os migrantes já nem percebem. Nas cidades onde o trem desacelera ou para, migrantes saem, migrantes entram, e eles prosseguem.

O sol passeia alto no céu e brilha até a pele deles ficar tão quente que dê para sentir seu cheiro, levemente chamuscada, e a força da luz descorar as cores da paisagem.

Sem parar, atravessam Mazatlán, onde os trilhos correm ao longo do oceano por um tempo. A visão da areia e do azul do mar fazem Luca se lembrar de casa, o que o deixa arrasado em vez de feliz. Ele se sente melhor quando o trem desvia para o interior e a praia fica para trás. Mas aí voltam as horas do tédio, os tons mesclados de marrom, verde e cinza. Por isso, é quase uma distração bem-vinda quando, alguns quilômetros depois de Culiacán, a monotonia é quebrada por gritos. Uma voz solitária repete as palavras várias e várias vezes, como uma sirene: *¡la migra, la migra!*

Em volta deles, os migrantes agarram suas coisas rapidamente; alguns nem se preocupam com isso — observam na terra os rastros formados pelos pneus das caminhonetes se aproximando, escolhem o lado oposto do trem e fogem.

— Vamos, Soledad, acorde! — diz Rebeca, a voz tensa de pânico. — Temos que descer.

O trem desacelera, mas não para, e os homens no teto não esperam. Eles disparam e se dispersam.

— *¡A la mierda con esto!* — xinga Soledad, colocando a mochila nos ombros.

— O que está acontecendo, Mami? — pergunta Luca.

Na teoria, *la migra* não é uma ameaça para Lydia e Luca. Como são mexicanos, eles não podem ser deportados de volta à Guatemala ou a El Salvador; ao contrário da maioria dos companheiros migrantes, não estão ilegalmente no país. Estão cometendo apenas uma infração menor, a de viajar no teto no trem. Assim, talvez seja apenas o pânico generalizado ao redor, talvez seja contagioso. Mas, não, Lydia simplesmente *sabe*. Ela tem certeza de que *los agentes de la migra* não estão lá para aplicar a lei e a ordem. Ela sabe, pelo medo entranhado em seus ossos, fruto apenas do instinto, que não pode confiar na sua nacionalidade para protegê-los. Eles estão em perigo mortal, ela pode sentir nos poros, na pele.

As caminhonetes convergem como animais de carga, trazendo homens mascarados e armados. Lydia luta freneticamente para abrir o fecho do cinto de Luca, mas suas mãos estão tremendo, e ela precisa de três tentativas até conseguir soltá-lo.

— Mami? — A voz de Luca está ficando mais aguda.

A dela é baixa.

— Temos que correr.

CAPÍTULO VINTE E UM

Há três caminhonetes, todas pretas e brancas com enormes barras de proteção, correndo juntas pela terra, fora da estrada, espirrando cascalho e poeira. Há pelo menos quatro agentes de pé na caçamba de cada veículo, além dos que estão no interior, todos equipados como se fossem para a guerra. Luca os encara boquiaberto. Os homens usam botas, joelheiras, capacetes, enormes coletes à prova de balas e estão guarnecidos de luvas e viseiras pretas, de modo que não é possível ver os olhos deles, com o rosto totalmente coberto por balaclavas pretas. Todos têm armas presas no corpo inteiro, além de um imenso rifle pendurado em diagonal no peito, e Luca não consegue imaginar o motivo de tanto armamento, se é apenas para capturar alguns migrantes, e então ele também pensa que seria impossível saber a diferença, com todo aquele equipamento, entre um agente federal de *migración* e um narcotraficante disfarçado, e Luca não tem certeza se existe muita diferença entre eles de qualquer modo, porque, afinal, uma arma é uma arma. O menino faz xixi na calça.

Ninguém se importa. Os migrantes estão se jogando do trem. As escadas estão abarrotadas, e alguns homens nem esperam sua vez: pulam do topo, e Luca estremece quando os observa aterrissar. Um homem não se levanta depois de saltar. Ele se contorce no chão segurando a perna quebrada. Muitos tropeçam e arquejam quando atingem o chão, mas precisam se recuperar depressa e disparam a toda velocidade. Luca tem muitas dúvidas, mas compreende que não é o momento de tirá-las, então ele escuta Mami e faz exatamente o que ela manda. Eles são os últimos a alcançar o topo da escada, e a única parte boa disso é que agora está vazia — todos já se foram, e Luca os vê saltitando como lebres pelos campos, mas não adianta. Luca percebe que é inútil. Porque *la migra* planejou a batida perfeitamente — o trem onde embarcaram está no meio de um descampado, nada além de campos e mais campos, tudo plano, marrom e pelado. Não existe nenhum lugar para os

migrantes fugirem, por mais rápidos ou espertos que sejam. Assim que descem do trem, estão perdidos. Não há nenhuma cidade, nem prédio, nem árvore, nem arbusto, nem vala, nem abrigo. E Luca quase abre a boca para compartilhar essa informação com a mãe, para sugerir que talvez seja melhor permanecerem lá, mas então o trem engata o freio e todos são arremessados para a frente, e Rebeca perde o equilíbrio na escada e Soledad se lança para agarrá-la, mas não consegue pegar sua mão, mas logo agarra seu cabelo somente porque ele se soltou em meio à correria. Quando ela puxa a irmã de volta pelo cabelo, ambas começam a chorar. Todos sentem o coração entalar na garganta, e Luca não fala nada quando o trem por fim interrompe sua marcha com um tranco.

Eles correm não porque nutrem qualquer expectativa de que terão uma chance de escapar, mas para desafiar a inevitável futilidade de correr, pois o pavor os impele a isso. Eles correm porque cada um deles entende que, se forem pegos, quando forem pegos, todo o suado progresso que conseguiram até esse ponto terá um fim abrupto. O que quer que tenham sofrido para chegarem tão longe na viagem terá sido em vão. Eles entendem que o ideal agora é ser capturado por um homem que respeite o próprio uniforme, um homem que os deterá e os processará, e então apagará a jornada inteira, mandando-os de volta para onde começaram. Esse é o melhor cenário. Por outro lado, sabem que essa captura pode não ser nada burocrática. Talvez não haja ninguém esperando para processá-los, fichá-los e mandá-los para casa. Em vez disso, essa apreensão pode acabar sendo muito mais nefasta: sequestro, tortura, extorsão, um dedo arrancado e fotografado com um texto ameaçador que eles mandarão para a família em *el norte*. Uma morte lenta e excruciante se a família não pagar. As histórias são tão comuns quanto as rochas nesse campo. Todo migrante já ouviu. Eles correm.

A mente de Lydia está livre de todos os pensamentos, menos o de correr com Luca ao longo da terra sulcada o mais rápido que seus corpos consigam avançar. Na frente deles, as irmãs começam a se distanciar. Luca está correndo o mais rápido possível, mas suas pernas são curtas. Não importa. O trem prossegue adiante para onde foi instruído a parar, e as caminhonetes cruzam os trilhos atrás dele, e um agente em uma daquelas caminhonetes usa um megafone para se dirigir aos migrantes.

— Parem de correr. Não têm para onde ir. *Hermanos migrantes*, sentem-se e parem onde estão. Estamos aqui para buscar vocês. E faremos isso com ou sem

sua cooperação. Sua opção agora é nos deixar felizes ou nos deixar irritados. *Hermanos migrantes*, temos água e comida. Sentem-se e parem onde estão.

Nessas circunstâncias, a voz sem corpo, vinda do amplo peito de um homem mascarado, viajando pelas áreas descampadas e acompanhada pelo ruído estridente do megafone, é a coisa mais apavorante que Luca já ouviu. A mensagem pretende debilitá-los, fazê-los entender a impotência de sua situação, objetivo que funciona com alguns dos homens. No meio dos grupos em fuga, alguns indivíduos param de correr. Colocam as mãos nos quadris, nos joelhos, os peitos ofegantes. Olham para o céu com um misto de raiva impotente, pavor e resignação. Sentam-se na terra, as pernas estendidas, as cabeças entre as mãos.

Mas a voz não debilita Luca; pelo contrário, faz com que ele corra ainda mais rápido. Faz com que ele se lembre das vezes, na casa de Abuela, quando ela lhe pedia que fosse até o porão pegar outra garrafa de refrigerante para colocar na geladeira. Ele tinha que ir lá, mas o lugar era assustador. Mesmo que todas as luzes fossem acesas e você cantasse alto para si mesmo o tempo todo, ainda estaria na metade da escada voltando antes de sentir aquele frio no estômago com a certeza de que alguma coisa maligna o estava perseguindo, que estava logo atrás de você roçando sua nuca, que iria agarrar seu tornozelo e arrastá-lo para as profundezas a qualquer momento. O megafone gera a mesma sensação, mas mil vezes pior, porque é real.

Luca corre com a calça molhada e a mão de sua mãe e todas as memórias terríveis do chuveiro verde de Abuela. E então Mami grita e tudo acontece em câmera lenta: o grito de Mami, uma coisa corpórea, estridente, sai dela como se fosse um pássaro e voa. Mas Mami, não. Ela vai para a outra direção, para baixo, para o chão. Ela tomba devagar, bem devagar. E Luca, já acostumado com pessoas levando tiros, tendo observado há pouco as muitas e muitas armas de *la migra*, e levando em conta que todas as outras pessoas de sua família foram mortas por balas, presume naturalmente que Mami também morreu. Por que outro motivo ela gritaria daquela maneira? Por que cairia no chão? É uma lentidão impressionante. Primeiro as mãos dela. Depois a cabeça, o ombro. Por causa de sua considerável velocidade, ela tropeça. Suas costas, suas nádegas. Seus joelhos. Ela está de joelhos na terra, e Luca não está mais segurando sua mão. Ela está de quatro. Luca alcança o braço dela. Mas tem medo de puxar. Medo de que ela esteja apoiada naquela posição somente por algum estranho truque, e de que, se ele o desestabilizar, o corpo da mãe

desmorone e nunca mais se mexa de novo. Ele enxota o medo e agarra o braço de Lydia.

— Mami, vamos. Mami, precisamos correr.

Não tem sangue, ele nota. Sem sangue. *Gracias a Dios*. Ele sente que voltou a respirar.

— Não consigo correr — diz Mami. — Não consigo. Sinto muito, Luca. Meu tornozelo.

Ela fica de pé. É o tornozelo! Apenas o tornozelo. Ela testa o peso sobre o pé machucado. Um pouco de dor. Não é tão forte. Ela manca em um círculo pequeno. Ela consegue andar, mas não correr.

— Ainda bem — diz Luca.

O rosto dele está encharcado.

Ele se vira e vê Rebeca e Soledad ainda correndo, cada vez menores à medida que a distância se amplia, e tudo parece eufórico agora, nesse terrível momento. Porque a voz de Mami ainda funciona e as irmãs ainda estão avançando. Ele agarra a mãe na altura do abdome, e ela o cobre com um dos braços. *Nada mais importa*, pensa Luca. *Desde que ela fique bem*.

Lydia mantém a cabeça de Luca pressionada contra o corpo, para que ele não veja as lágrimas que deslizam em seu rosto. Ela não sabe quão suja de terra está, não percebe que as lágrimas abrem trilhas reveladoras em seu rosto, trilhas que mais tarde evidenciarão suas lágrimas, mesmo após secá-las.

— Está tudo bem, *hijo* — diz ela. — Temos todo o direito de estar aqui, de viajar em nosso próprio país. Somos mexicanos. Não podem fazer nada conosco. Vai dar tudo certo.

Luca acredita, mas Lydia não consegue convencer a si própria. As caminhonetes se espalharam para formar um círculo em torno de todos os migrantes. A mais distante já passou das irmãs, e está voltando, cercando-as.

— *Hermanos migrantes*, parem de correr. Sentem-se e fiquem onde estão.

Um agente salta da caminhonete mais próxima e se aproxima de Luca e de Lydia, mantendo a mão na arma grande. Ele a usa para gesticular e mostrar, sem usar a voz, para onde devem ir.

Quando Lydia era adolescente, seu tio morreu, e sua tia se casou de novo com um homem que tinha uma fazenda de gado em Jalisco. Para o casamento, Lydia fez uma viagem de dois dias subindo a costa com os pais e a irmã. Ela nunca se esqueceu da sensação de estar naquela *hacienda*, o vento soprando alto nos ouvidos e os cães do novo tio pastoreando o gado assustado. Eles eram

incansáveis, aqueles cães pretos e brancos, correndo em arcos longos, acelerando para conduzir as vacas nervosas, que batiam os pés e se retorciam de irritação. Lydia se lembra de como todo mundo naquele dia ficou maravilhado com os cães, ofegantes, com expressões felizes, correndo cheios de vitalidade. Como eram disciplinados! Como pareciam fazer aquilo sem esforço algum! Lydia foi a única que sentiu pena das vacas apavoradas. Todos pareciam esquecer que elas também eram animais. Aquela recordação retorna agora quando a caminhonete se precipita em arco ao redor dos migrantes em pânico. Seja de propósito, seja por algum acidente metafórico da psicologia, Lydia nunca tinha se comparado a um animal. Então, um desespero esmagador acompanha essa recordação. Como eles estão animaiscos no meio desse campo. Ela se sente uma presa.

Assim que *la migra* junta todos os migrantes, Soledad e Rebeca incluídas, os agentes os conduzem para a estrada pavimentada mais próxima. Todos estão suados, desgrehados e sem fôlego por causa da corrida. Soledad e Rebeca conseguiram ir mais longe do que quase todo mundo, até que a caminhonete deu a volta e as forçou a recuar. Rebeca para e apoia as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. Soledad cospe na terra. Todos estão zangados, frustrados e relutantes em obedecer, mas os agentes os cutucam de maneira ríspida quando não andam na velocidade que eles exigem. Luca conta os migrantes acossados, o que não fornece muita informação sobre potenciais fugitivos, porque, como ele não havia contado antes de se espalharem, não tem um número que sirva de base. Não importa, pensa ele, pois sua vista alcança até o horizonte, a tênue curva marrom da terra. Ninguém escapou. Ao lado de Luca, Lydia manca, a dor no tornozelo se transformando em um latejar incômodo. Eles esperam à beira da estrada, e ninguém lhes diz o que estão esperando, ou de quanto tempo será a espera. Há vinte e três migrantes ali, as feições crispadas pelo desespero. Enquanto aguardam, Lydia mantém o rosto baixo sob o chapéu molenga cor-de-rosa e observa os agentes em busca de pistas sobre que tipo de captura deve ser essa. Um dos migrantes está revoltado. Ele não tem nenhuma intenção de cooperar.

— Quem está a cargo aqui?

O homem se levanta, embora a ordem tenha sido para que ficassem sentados, e fala sobre o ombro de um policial que ficou encarregado de montar guarda, em direção ao sujeito que todos suspeitam ser o responsável, o agente sentado na caçamba aberta da caminhonete com um pé plantado na terra e o

outro pendurado para fora. Tem um ar distraído; logo, surpreende a todos quando se levanta rapidamente e vai até o migrante que se dirigiu a ele. Lydia observa, prendendo a respiração, porque essa conversa talvez lhes diga tudo de que precisam saber sobre as próximas horas. Ela não percebe que está enterrando as unhas no braço de Luca a tal ponto que ele tenta se desvencilhar. Ela solta e, como se pedisse desculpa, esfrega as pequenas marcas de arranhão que deixou sem querer na pele do filho.

— Que que você quer?

O agente está parado muito perto do migrante, e Lydia entende que se trata de uma atitude deliberada, que ele espera intimidar o outro homem, uma tática tanto juvenil quanto efetiva na opinião dela.

— Tenho nacionalidade mexicana. Vocês não têm o direito de me deter aqui — diz o migrante. — Quero saber quem é o encarregado desta unidade.

O agente é tão alto que o migrante precisa espichar o pescoço e olhar para cima, seu queixo no nível do topo do colete à prova de balas.

— Eu estou no comando — diz o agente, dando uma batidinha no ombro do colega ao lado. — E ele está no comando. E você está vendo aquele cara lá? Com a arma? Ele também está no comando. Todos os que se parecem comigo? Com esse uniforme? Nós estamos no comando. E temos o direito de deter quem nos der na telha. Agora sente-se.

Após alguns minutos de conversa longe dos migrantes, a maioria dos agentes entra em duas das três caminhonetes e vão embora, restando apenas cinco na estrada. Com a saída dos dois veículos, desaparecem também as esperanças dos migrantes de que essa possa ser uma experiência administrativa com alguma transparência. Menos uniformes significam menos testemunhas. Os capturados olham com nervosismo uns para os outros, mas ninguém se mexe. Mesmo que os cinco agentes remanescentes não estivessem tão fortemente armados, mesmo que um dos migrantes se sentisse inclinado a fugir, não há nenhum lugar para ir. Devido às circunstâncias, as algemas, quando surgem, parecem tanto gratuitas quanto alarmantes. Não são algemas de verdade, mas lacres de plástico. Primeiro Lydia espera que só algemem os homens. Eles começam pelo fim, obrigando os migrantes a ficar de pé um por um. Revistam-nos à procura de armas, celulares, dinheiro. Tiram suas mochilas e prendem seus pulsos às costas. Um homem reclama quando pegam seu dinheiro, e o agente bate no rosto dele com o rádio. Os olhos de Luca se arregalam.

— *Hijo*, olhe — diz Mami, puxando Luca para perto. — Olhe para aquela nuvem.

— Parece um elefante — diz o menino.

— Isso, e está vendo ali? O que ele está pegando com a tromba?

Luca pestaneja. Ele sabe o que a mãe está fazendo, tentando distraí-lo. Ela não quer que ele veja nada daquilo. E ele podia garantir a ela que não faz diferença, que já viu muita coisa pior, mas entende que aquela distração serve tanto para ele quanto para ela. Lydia precisa se sentir ainda capaz de agir como sua mãe, ainda lhe fornecendo algum alívio, não importa que horrores estejam acontecendo a cinco metros de distância. Luca ouve o homem chorar baixinho. Imagina, sem levantar os olhos para confirmar, que uma gota brilhante de sangue desce do nariz ou do lábio do homem. O menino se concentra na nuvem de elefante porque é algo que pode fazer por Mami.

— Acho que ele está pegando uma flor.

Mami encosta o rosto na bochecha do filho.

— Acho que está apertando a mão de um rato.

Quando todos os homens migrantes estão presos, dezenove segundo a contagem de Luca, os agentes se dirigem às irmãs. Eles miram Rebeca primeiro, mas Soledad se mete na frente dela.

— Todo mundo quer ser herói — murmura um dos agentes.

Seu parceiro ri.

Eles viram Soledad de costas e levam um bom tempo revistando-a. Muito mais tempo do que levaram em qualquer um dos homens. Luca sente Mami tremendo a seu lado. Os policiais sacodem a barra da enorme camiseta branca de Soledad, deixando o ar entrar por baixo, e depois se curvam para olhar. Enfiam as mãos por ali.

— Você acha que ela está escondendo alguma coisa?

— Ah, acho que a gente vai ter que procurar direitinho.

Quando amarram seus pulsos, puxam sua camiseta nas costas de forma que fique bem justa, juntando todo o resto de tecido que sobrou e prendendo no lacre, junto com os pulsos. O tecido sobe, revelando alguns centímetros da barriga, e todos os migrantes homens mostram sua solidariedade por ela voltando os olhos para o chão.

— Assim está melhor — diz o agente que a prendeu. Ele joga a mochila confiscada de Soledad na caçamba da caminhonete junto com as outras, mas, quando a jovem se move para se sentar no chão com os outros migrantes, ele a

segura pelo ombro. — Você vai se sentar aqui. — E aponta para a caçamba aberta.

O rosto de Soledad não demonstra qualquer emoção. Ela se senta onde mandam, e faz questão de não olhar enquanto eles fazem o mesmo procedimento com Rebeca. Logo, a irmã está sentada a seu lado, e as duas se inclinam uma contra a outra, consolando-se com o calor dos ombros se tocando. Em seguida, é a vez de Lydia. Eles a viram de costas para Luca e tiram seu chapéu para estudar seu rosto. Ela semicerra os olhos diante da luz do sol, mas eles recolocam o chapéu sem comentar nada antes de apalparem seus seios e suas nádegas. Encontram a faca amarrada a sua perna, e riem enquanto desafivelam a bainha. Um dos homens a joga na caçamba da caminhonete com um barulho seco.

— Não se preocupe, *hijo*, vai ficar tudo bem — fala para Luca sem olhar nos olhos dele.

Luca está sentado de pernas cruzadas com os cotovelos nos joelhos. Tanto Soledad quanto Rebeca o fitam silenciosamente, como se pudessem criar uma bolha de proteção em torno dele apenas com o poder do olhar.

O policial fala com Lydia sem inflexão na voz, sem raiva ou hostilidade, exatamente no mesmo tom que ela usaria para falar com o atendimento automático ao ligar para o banco e fazer uma transação.

— Bico fechado — diz o agente, deslizando a mão entre as pernas de Lydia. Esfrega o dedo mínimo para a frente e para trás ao longo da braguilha do jeans dela. Lydia fecha a boca com força e começa a chorar.

Luca se inclina para se levantar, mas Rebeca o chama.

— Qual é a terceira maior cidade dos Estados Unidos? — pergunta ela.

Luca fica confuso.

— O quê?

Rebeca repete a pergunta.

— Bem, essa é fácil, é Chicago — diz Luca. — Quando você chega na quinta ou na sexta maior cidade, fica bem mais difícil, porque as populações oscilam muito a cada ano, mas... Espere, por quê?

Sentada na caçamba com as mãos atadas às costas, Rebeca dá de ombros.

— Só curiosidade.

Os policiais terminam com Lydia e a colocam sentada de volta no chão com Luca.

— Vamos, rapazinho — chamam os policiais.

Luca se levanta. Abre os braços e as pernas e faz um formato de X com o corpo. Eles tiram sua mochila e a jogam na caçamba junto com as outras. Ele não reclama. Puxam os forros dos seus bolsos para fora. Ele não reclama. Tiram o boné vermelho de Papi da sua cabeça.

— Que boné bonito. Você é fã dos Yankees? — pergunta um deles.

— Você não pode ficar com ele — diz Luca. — Era do meu pai.

— Ah, é? E cadê seu pai agora?

— Morreu. — Luca empunha a verdade como um machado de guerra.

O policial fica impassível, mas assente e recoloca o boné na cabeça de Luca. O menino se vira e junta os pulsos para que possam algemá-lo. Os policiais riem.

— Não, *chiquito*, não vamos amarrar você — diz o primeiro. — Aquela lá é sua mãe? Vá ficar perto dela.

Luca não sabe explicar por quê, mas se sente envergonhado por não ter sido amarrado. Diminuído. Seu rosto fica vermelho e quente, mas, apesar disso, obedece e se senta no colo de Mami, que é uma coisa que ele não faz há pelo menos dois anos.

Duas vans aparecem, e os policiais abrem as portas de trás e conduzem os migrantes para dentro. Os veículos não têm assentos nem janelas. São vans de carga sem marca, e Lydia sabe que aquilo provavelmente significa que todos vão morrer. Sua cabeça está ao mesmo tempo vazia e congestionada. Ela não se recorda dos detalhes, das palavras, dos números exatos ou das datas, mas se lembra do desaparecimento dos 43 estudantes do ônibus em Guerrero em 2014. Do massacre de 193 pessoas em San Fernando em 2011. Dos 168 crânios humanos descobertos em uma vala comum em Veracruz, apenas alguns meses atrás. Quem dará por falta de Luca e Lydia se eles desaparecerem? *Nós já desaparecemos*, pensa ela. *Já não existimos*. Quando olha para Luca, Lydia percebe o formato do crânio sob a pele dele.

Os migrantes homens são colocados nas vans escuras primeiro. Eles se sentam sem o menor conforto, com as pernas estendidas e as mãos algemadas atrás do corpo, tentando não tombar uns sobre os outros. Alguns já estão chorando. A primeira van lota e as portas se fecham. Lydia e Luca são os últimos a serem colocados na segunda van. Rebeca e Soledad ainda estão sentadas na caçamba da caminhonete de *la migra*.

— Minhas filhas — diz Lydia ao policial que a apalpou enquanto ele a empurra para os fundos da van.

— Suas o quê?

Lydia aponta com o queixo para as irmãs na caçamba da caminhonete.

— Aquelas são suas filhas? — pergunta ele, embora os dois saibam que as garotas da América Central, com sotaque hondurenho e a pele de um tom completamente diferente da de Luca, não são filhas de Lydia.

— São — responde ela. — Precisamos ficar juntas.

— Não tem espaço — diz ele, levantando Luca para dentro da van. — A van está lotada.

Ele bate a porta do lado esquerdo, mas Lydia estica a perna para fora e bloqueia a segunda porta com o pé.

— Por favor — diz, olhando para as garotas em silêncio. Rebeca e Soledad a encaram de volta, o rosto variando entre uma miríade de expressões. — Por favor, precisamos ficar juntas.

— Não se preocupe — diz o homem, empurrando a perna de Lydia de volta para dentro do veículo. — Vamos dar uma carona às garotas.

Quando ele bate a porta, Lydia fica quase agradecida pela escuridão.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Além do medo mais imediato de ser morta em circunstâncias obscuras, ou pior, ver Luca sofrer alguma brutalidade, Lydia também teme que esses homens, não importa para quem estejam trabalhando, possam descobrir sua identidade e submetê-la a um tipo diferente de morte. Mesmo que não estejam ativamente procurando por ela, podem descobri-la de maneira fortuita, como aconteceu com Lorenzo. Se estiverem trabalhando para um cartel, o que parece cada vez mais inegável, e a reconhecerem, não precisariam necessariamente ser aliados de Los Jardineros para identificá-la como um produto valioso. Poderiam usá-la de diversas maneiras: como moeda de troca, oferta de paz, forma de humilhar inimigos, amostra de violência aos rivais. Lydia ainda tem seu título de eleitor na carteira. Por quê? Por que não se livrou dele? Se sobreviver a essa captura, vai destruí-lo antes de seguir seu caminho. Vai renunciar ao próprio nome; já abandonou todo o resto. Lydia pensa novamente em Marta, pendurada no duto do ar-condicionado daquele distante dormitório. Pensa em Javier de luto. E, embora não consiga conceber a ideia de perdoá-lo pelo que ele fez, ela também se pergunta, agora que sabe sobre Marta, se poderia ter argumentado com ele, se tivesse tido a chance, e apelado para aquela parte paternal e arrasada de Javier. Para implorar por misericórdia, pela vida dela e do filho.

A seu lado, Luca pressiona a cabeça contra seu braço.

— Mami, estou com medo.

— Eu sei, *amorcito*.

— Para onde levaram a Rebeca?

— Não sei, *amorcito*.

Ela recosta o rosto na cabeça do filho, porque é o único conforto que pode lhe dar. Tenta não pensar no que Soledad e Rebeca estão enfrentando no momento. Seu corpo estremece no esforço de bloquear a imaginação. O suor escorre pelas costas, e o ar quente dentro da van está úmido e abafado. O

cheiro de medo é forte. Porém, quando Luca desliza sua mãozinha sob o cabelo dela e segura sua nuca, a sensação macia da palma da mão do filho em sua pele é como uma injeção de determinação. Eles vão sobreviver. Eles precisam sobreviver. No escuro, ela curva o corpo inteiro sobre Luca.

Quando finalmente a porta da van é aberta, a completa escuridão dá lugar a uma claridade dolorosa. Os migrantes estão suados, tontos e morrendo de sede. As calças de Luca não secaram porque estava úmido demais dentro da van. A urina velha traz um odor forte, mas ninguém fala nada. Talvez o cheiro não venha só de Luca. Os migrantes se arrastam em direção às portas abertas e tentam descer sem cair. O chão que encontram é de cimento, iluminado por fracas lâmpadas fluorescentes bem no alto. Encontram-se no interior de um grande armazém, e os homens responsáveis pela captura não estão mais usando uniforme. Lydia leva um tempo para assimilar esses fatos. Não é uma delegacia nem uma cadeia, nem um centro de detenção da imigração, mas um armazém anônimo, sombrio. *Carajo*.

No canto, há uma pia com água corrente, e os migrantes têm permissão de enfiar a cabeça embaixo da torneira, um de cada vez, e beber um pouco. A água turva tem gosto de ferrugem e ovo cozido. Luca não alcança a pia.

— Por favor, o senhor pode me desamarrar para eu ajudar meu filho? — Lydia pergunta a um dos guardas.

Ele não responde, mas, em vez disso, levanta Luca para que ele possa enfiar a boca embaixo da torneira.

— Que fedor é esse? — pergunta o homem, e então, percebendo que é Luca, joga o garoto no chão. — Seu porco!

Luca segura o choro. Ele fica imóvel perto da mãe. Os migrantes são instruídos a se sentar no chão, e por um bom tempo ficam ali, enfileirados ao longo da parede, escutando qualquer som do ambiente: uma gota de água pingando de maneira ritmada em uma pia imunda, o tilintar de alguma coisa de metal por perto, o sussurro furtivo e ocasional de um migrante cochichando com outro, as vozes descontraídas dos guardas ecoando de um cômodo próximo, onde eles conversam e riem. Estão fumando também. Luca sente o cheiro. Os migrantes não fazem perguntas nem reclamam. Ninguém se mexe. Alguns rezam juntos baixinho. Depois do que parecem horas, uma enorme porta de rolo é levantada em uma das paredes, e todos os migrantes semicerram os olhos com a inesperada luz do dia. Uma caminhonete entra, a que carrega todas as mochilas, a que leva Rebeca e Soledad sentadas na caçamba, olhando

para trás, de costas para a cabine, os pulsos ainda presos. A porta volta a se fechar rapidamente.

— Mami! Elas estão aqui — diz Luca, fazendo menção de se levantar.

— Luca, não olhe para elas nem fale nada ainda — instrui Mami, fazendo o filho se sentar de novo. — Espere um minuto. Vamos ver como elas estão.

Luca se senta, embora não compreenda totalmente o que Mami quer dizer com “como elas estão”. *Elas estão aqui!* Ele estava com medo de nunca mais ver as duas. Mami se inclina para a frente na luz escassa e se posiciona de forma que o filho não tenha outra escolha a não ser encará-la.

— Luca, esses homens são muito maus. Você entende?

Luca crispa os lábios. Ele observa uma pontinha de borracha soltando da sola do seu sapato.

— Precisamos ter cuidado e não podemos chamar muita atenção, certo? Você tem que ficar quietinho e não se mexer até descobrirmos o que vai acontecer.

Luca puxa a borracha até arrancar.

— Ouviu, *hijo*?

Ele não responde.

Lydia se surpreende com a chegada das garotas. Ela também achava que nunca mais as veria. Assim que terminassem com as duas, os homens poderiam escolher entre mantê-las, vendê-las ou matá-las, e isso francamente era o que Lydia imaginava, até onde se permitia imaginar alguma coisa. Lydia enterrara aquela suspeita em algum lugar distante pelas últimas horas. Não tinha espaço para aquilo.

As irmãs não parecem bem.

Soledad tem um olho roxo e a face arranhada do mesmo lado. Seu cabelo está desgrenhado e cheio de terra. Rebeca está sangrando na têmpora. Apenas uma linha vermelha fina e brilhante na pele. Sua boca está inchada e ferida. Um guarda as puxa pelos tornozelos, uma de cada vez, em direção à abertura da caçamba da caminhonete e as atira no chão como sacos de arroz. Soledad e Rebeca não demonstram qualquer contrariedade pela voz, pelo rosto, pelo corpo. Ambas estão fracas — não reagem mais. As irmãs aterrissam no fim da linha dos migrantes, e não se mexem. Rebeca fecha os olhos. Soledad mantém os dela abertos. Ela levanta o queixo, se inclina para a frente, e olha ao longo da fila até ver Luca saindo um pouco do alinhamento do resto dos migrantes. Ela acena para ele com cabeça uma vez.

— Soledad — diz Luca, alto o suficiente apenas para que ela ouça. Porque de algum modo ele sabe que o ato de falar o nome dela nesse momento é o marco que ela precisa para se recompor. — Rebeca — chama também.

Rebeca, no entanto, fecha os olhos com ainda mais força. Não está pronta. Ela abraça os joelhos e abaixa a cabeça.

Os cinco homens que estavam na caminhonete com as irmãs descarregam as mochilas sem qualquer cuidado. Eles usam camisetas brancas para fora das calças do uniforme azul-marinho, e Lydia se pergunta se são agentes de verdade que também trabalham para o cartel, ou se os uniformes e as caminhonetes não passam de disfarces bem elaborados. *Qué importa*. Eles ficam de pé na caçamba e jogam tudo no chão, formando uma pilha. Luca sente a fila inteira de migrantes prestando atenção, todos empertigados. Uma efervescência de nervosismo no ar. Alguns outros homens saem do escritório para se unir ao grupo, e logo o responsável pela ação se coloca diante deles. Os outros o chamam de comandante.

— Alguém aqui é cidadão mexicano? — pergunta ele.

— Eu — diz Lydia.

Três ou quatro vozes se juntam à dela.

O comandante se aproxima do primeiro homem, sentado exatamente ao lado de Rebeca. Cutuca o sapato gasto dele com a ponta da bota.

— Você é mexicano?

— Sim, senhor.

— Está mentindo para mim?

— Não, senhor.

— Você não mentiria para mim?

— Não, senhor.

— De onde você é?

— De Oaxaca.

— Cidade?

O homem aquiesce.

— Em que estado fica a cidade de Oaxaca? — pergunta o comandante.

O homem hesita.

— Estado de Oaxaca?

Ele está inseguro.

— Sim, amigo. A cidade de Oaxaca fica no estado de Oaxaca. Parabéns. Você deve ter ido muito bem na escola... em Oaxaca.

O migrante se remexe, inquieto.

— Então me diga — continua o comandante. — Quem é o governador de Oaxaca?

— O governador?

— Sim, o governador. Do estado de Oaxaca. De onde você é.

Outra hesitação.

— Nós, há... As eleições foram há pouco tempo. O governador, o último governador, ele era... há... — O homem balança a cabeça.

— É claro que você sabe o nome do governador, não sabe? — continua o comandante.

— Esperanza?

O comandante se vira para um guarda que está no celular pesquisando Oaxaca no Google. O guarda balança a cabeça.

— O governador de Oaxaca é Hinojosa.

O comandante volta sua atenção para o migrante.

— Então, gostaria de me dizer novamente de onde você é?

O homem engole em seco.

— Oaxaca — responde em voz baixa.

O comandante saca a pistola e atira na testa do homem.

Rebeca se sobressalta. Lydia grita, assim como todos os migrantes da fila. Luca começa a chorar e a berrar. Ele tapa os ouvidos e fecha os olhos bem apertados, e não para de se sacudir.

— Não, não, não.

Irritado, o comandante pigarreia, um som ínfimo que é mais alto do que todo o barulho reverberando no cômodo. Com os olhos arregalados e os dentes trincados, Rebeca encara o homem curvado a seu lado. Os olhos dele ainda estão abertos quando tomba no colo da moça. Ele sangra nas pernas dela. Rebeca não se mexe.

— Se alguém mais estiver interessado em mentir para mim sobre o lugar de origem, sugiro que reconsidere — diz o comandante. — Agora vou perguntar de novo: quem aqui é mexicano?

Luca está balançando a cabeça freneticamente, mas Lydia respira fundo e fala:

— Eu.

Desta vez ela é a única.

O comandante se vira e se aproxima dela.

— Esse é seu filho?

Ela não respira.

— Somos de Acapulco, estado de Guerrero — continua ela. — O governador é Héctor Astudillo Flores, e a capital do estado é Chilpancingo.

Antes que ela consiga impedir, Luca se põe rapidamente de pé. Ele está tremendo, mas se levanta, com a postura ereta, inclina a cabeça para trás e fecha os olhos. Sua voz é clara quando ele assume por Mami.

— Apesar de ter influências culturais remontando até os olmecas do século VIII, a zona de Acapulco só foi estabelecida como um porto importante com a chegada de Cortés na década de 1520. A cidade tem uma população de mais de seiscentos mil habitantes, e um clima tropical com estações secas e de chuvas distintas...

— Ele está falando sério? — interrompe o comandante, olhando para Lydia.

— Está — responde ela.

O rosto do homem fica muito diferente quando ele sorri, como agora, por causa de Luca. Parece um avô. Imponente. Sobrancelhas espessas e desgrenhadas. Uma pincelada de grisalho salpicado nas têmporas. O mesmo homem que acabou de atirar na testa de um ser humano amarrado.

— O turismo é a principal ativi...

— *Hijo*, pare — diz Mami.

Luca se cala de súbito e volta a ocupar o colo da mãe. Ele se vira de lado, de modo que seu corpo quase cobre o de Lydia. O comandante apoia as mãos nos joelhos.

— Onde você aprendeu tudo isso? — pergunta.

Luca dá de ombros.

— Você inventou?

— Não.

— Você não ia mentir para mim, não é?

— Não.

Luca faria xixi nas calças novamente se não estivesse desidratado. Ele enterra o rosto no pescoço de Mami.

O comandante se empertiga de novo.

— Então vocês são de Acapulco.

Ela hesita, embora seja tarde. Já disse a verdade porque não tinha alternativa; não pode mudar a resposta agora.

— Somos.

— E por que deixaram aquele lugar tão glorioso?

O comandante olha para o rosto de Lydia, que não detecta ali nenhum sinal de reconhecimento. O rosto de Sebastián, o repórter assassinado, chegou ao noticiário nacional, mas o dela, não. Nem o de Luca, ou de Abuela, ou Yénifer, muito menos o de qualquer outro ente querido que morreu. Somente aquela mensagem de texto divulgada pode identificá-la. Lydia respira fundo. Ela não vai mentir; vai contar uma parte da verdade.

— A cidade ficou extremamente violenta e assustadora. Não consegui mais manter os custos do meu negócio.

— Então você foi embora.

— Fui.

— Para ir atrás de uma vida melhor para seu filho extraordinário. — Ele abre um enorme sorriso para Luca.

— Isso.

— Inteligente.

Lydia não responde.

— Fiquem de pé, então — instrui o comandante.

Luca se levanta como um filhote acuado e ajuda Lydia, que tem dificuldade por conta dos punhos amarrados. Ela se apoia em Luca e se põe de pé. O tornozelo ainda dói, mas está melhorando. O latejar de uma torção leve. Se estivesse em casa, colocaria gelo, usaria como desculpa para não preparar o jantar daquela noite. Mandaria Sebastián comprar comida.

— Alguém mais? — pergunta o comandante.

Rebeca, estupefata, encara o homem morto caído no seu colo. Soledad parece considerar a ideia de falar alguma coisa, mas Lydia a silencia, com um balançar aflito de cabeça.

— Desamarrem essa aqui — diz o comandante para um dos guardas, que se aproxima de Lydia com uma lâmina afiada. Ela estremece com a sensação da pressão desagradável contra a pele, mas logo depois há um estalo e suas mãos estão soltas. O lacre de plástico ainda está amarrado a um braço, que ela estende para que o homem corte e o arranque de seu pulso. Ela deveria agradecer? Lydia não emite nenhum som.

— Junte suas coisas — instrui o comandante.

Luca também dá um passo à frente, e os dois recolhem suas mochilas da pilha. Lydia sabe que é bobagem procurar pela faca e sua bainha, mas procura

assim mesmo. Não estão lá, claro.

— Me sigam. — O comandante volta ao escritório, e Lydia e Luca vão atrás.

Lá dentro, ele manda os dois se sentarem. Há um caderno em cima de uma velha mesa de metal, atrás da qual o comandante se acomoda em uma cadeira estofada. A caneta sobre o caderno é dourada e tem alguma coisa gravada na superfície, e a incongruência daquela caneta, da papelada a ser preenchida, enquanto o cadáver de um homem ainda está quente do outro lado da porta, é demais para Lydia. Ela sente a mente falhar. Com certeza aquele é o pior momento da vida dos dois. Quer dizer, não. Toda a sua família foi assassinada. Nada pode ser pior do que aquilo. Mais uma vez, ela e Luca parecem escapar do destino terrível de todos ao redor. Como isso continua acontecendo? Quando a sorte deles vai acabar? Será que vai ser agora? Será que o comandante vai reconhecê-la, conferir a foto no celular e disparar uma bala na testa dela em nome de Javier? A respiração de Lydia está entrecortada.

— Muito bem — diz o comandante. Ele abre a gaveta da mesa e pega um celular, o coração de Lydia retumba nos ouvidos. — Fique parada ali perto do cartaz.

Ele indica um pedaço de papel azul preso na parede. Lydia fita o cartaz, relutante em obedecer. Relutante em desobedecer. Ela fica parada na frente do cartaz, e o comandante tira uma foto.

— Agora você — diz a Luca, que faz o que ele manda, e depois volta a se sentar ao lado da mãe.

— Você tem algum documento de identidade? — pergunta o comandante.

— Tenho.

— Me mostre, por favor.

O tiro que matou o migrante ainda ecoa em seus ouvidos. Lydia abre a mochila com os dedos trêmulos e encontra a carteira. De lá, tira seu título de eleitor, prova tanto de que é cidadã mexicana quanto de que é a mulher que Javier Crespo Fuentes está caçando. Parece um barco salva-vidas e uma bomba-relógio ao mesmo tempo. Ela o coloca na mão do homem, tomando o cuidado de não tocar na pele dele. O comandante faz um gesto com os dedos indicando que ela também deve entregar a carteira. Ele fotografa o documento, e depois enfia de volta na parte onde estava. Em seguida, pega o dinheiro e conta: apenas setenta e cinco mil pesos, cerca de três mil e novecentos dólares. Lydia penou muito enquanto pensava na melhor maneira de dividir e guardar o

dinheiro deles, tentando antever casos de roubo. Na primeira Casa del Migrante, ainda em Huehuetoca, outro migrante a havia alertado para se certificar de esconder o dinheiro em lugares diferentes, pois, se fossem roubados — quando fossem roubados —, os ladrões não encontrariam tudo. Assim, ela colocara um terço de tudo o que tinham na carteira. Era uma quantia razoável. A maioria das pessoas não esperaria que ela tivesse mais do que aquilo. Ela dividira o restante em dez partes iguais, de quinze mil pesos cada uma, e as escondera em lugares variados: um maço está costurado em seu sutiã, embaixo da axila esquerda, outro está na calcinha no lado direito do quadril. Um continua no envelope do banco dentro do compartimento secreto da mochila de Luca. Outro está enfiado embaixo das palmilhas dos tênis dourados de Abuela. No momento, Lydia se sente feliz por ter posto esse plano em prática, mas também aterrorizada com a hipótese de ser castigada se o comandante encontrar alguma fração do que está escondido. Ele abre outra gaveta da mesa e coloca a maior parte dos 75.000 pesos em um envelope. Devolve o restante à carteira.

Lydia não consegue acreditar no que está vendo. *Que merda é essa, alguma espécie de código moral? Esse monstro está nos devolvendo parte do dinheiro?* Um guarda está parado no canto observando. É o mesmo homem que pesquisou o governador de Oaxaca no Google. Ele olha fixamente para Lydia enquanto o comandante escreve o nome dela no livro junto com o dinheiro que tomou. Ele franze a testa ao ver, escrito com sua própria letra, o nome dela e bate a ponta da caneta na página. O guarda solta um pigarro.

— Está pensando em alguma coisa, Rafa?

O guarda estava apoiado na parede e agora está de pé com postura ereta, balançando ligeiramente a cabeça.

— Ela é familiar. Você não acha?

O comandante levanta os olhos do caderno para examinar Lydia mais de perto.

— Não tenho como afirmar. Você é familiar?

A garganta de Lydia ficou seca.

— Eu tenho um rosto comum — diz ela.

O comandante volta a atenção para a papelada, mas Rafa fixa os olhos no rosto de Lydia, e ela percebe sua expressão, o modo como vasculha os arquivos da memória tentando identificá-la. Ela percebe nos traços de sua boca e de seus olhos, na maneira como ele a examina: *Onde ele a viu antes?* E o corpo de Lydia

parece tremer de pânico. *Qualquer que seja essa transação, meu bom Deus, faça com que seja rápida, antes que esse homem se lembre.* Ela se remexe na cadeira, em um esforço sutil de esconder o rosto. Inclina-se em direção a Luca, mas ainda pode sentir o escrutínio do guarda como um relógio maldito: o tempo do anonimato deles está expirando.

O comandante, contudo, segue adiante.

— Qual é seu nome, filho? — pergunta a Luca.

Luca olha de lado para a mãe.

— Diga a verdade.

— Luca Mateo Pérez Quixano.

— Quantos anos você tem?

— Oito.

Na linha embaixo do nome dela, usando a caneta chique, o comandante escreve +1, com o nome de Luca e a idade.

— Em que cidade vocês pretendem morar?

— Não temos certeza ainda — diz Lydia. — Talvez Denver.

Ele escreve aquilo também.

— Você entende o que está acontecendo aqui? — pergunta o comandante.

Lydia não sabe como responder. Ela não quer dizer: *Violência, sequestro, extorsão, estupro.* Não quer dizer: *Maldade e perversidade.* Não quer dizer: *Minha morte, se não sairmos daqui o mais rápido possível.* Não há uma resposta satisfatória.

— Às vezes nos deparamos com algum efeito colateral desagradável. — O comandante acena vagamente na direção do homem morto no cômodo ao lado, e sorri para Luca, cujo rosto está totalmente inexpressivo. — Mas vocês vão se lembrar disso. E essa lembrança vai servir para manter seu silêncio e, por conseguinte, seu futuro bem-estar.

As palavras *futuro bem-estar* trespassam o coração de Lydia como uma sirene. Ela fica paralisada. O comandante recoloca a tampa na caneta, fecha o caderno e se inclina para a frente com as mãos cruzadas.

— De qualquer maneira, garotão, quase todos esses homens são maus. É importante que você entenda isso. Eles não são inocentes. São membros de gangues, estão vendendo drogas. São ladrões, estupradores ou assassinos, como afirma o presidente *norteño*. *Hambres* maus. — Ele pronuncia errado a palavra *hombres*, da mesma forma que o presidente dos Estados Unidos, que, tentando chamar os migrantes de *homens maus*, acaba falando sem querer *hambre*, fome.

Esse fato agora se tornou uma piada, cheia de ironia. “Fome má.” O comandante prossegue conforme o esperado. — Eles tinham que sair de onde vieram porque se meteram em alguma encrenca lá, entende? Pessoas boas não fogem.

Luca abre a boca, e Lydia o observa ponderando se responde ou não. Cada molécula de seu corpo implora para que ele fique em silêncio. Luca fecha a boca.

— Mas, assim mesmo, quase todos vão ficar bem — continua o comandante. — Alguns vão conseguir pagar o próprio resgate. Como vocês. Os que não conseguirem, provavelmente têm família em *el norte* disposta a ajudar. Eles vão ficar aqui apenas um ou dois dias, vão pagar o que devem e depois seguir caminho. Entenderam? Não há motivo para se preocupar. — Ele se levanta da cadeira, mas permanece do outro lado da mesa. — Tenho certeza de que não preciso pedir para mantermos esse assunto entre nós.

Lydia balança a cabeça.

— Não, senhor.

— Vocês não precisam ouvir sobre as coisas horrorosas que acontecem com as pessoas que abrem a boca em Sinaloa.

Ela balança a cabeça novamente. Para quem ela contaria?

— Muito bem, então — diz *el comandante*. — Nosso negócio está concluído. Rafa? — Ele se vira para o guarda. — Leve os dois para fora e traga o próximo.

Rafa se vira para Lydia, cujos movimentos são marcados pela arrebatadora esperança de libertação. Eles estão sendo dispensados. Ela mal consegue acreditar. Agarra a mão de Luca e, tremendo, se levanta da cadeira. No canto atrás da mesa, Rafa abre uma porta de metal que Lydia ainda não tinha notado. É fechada em cima, mas ele estende o braço e a destranca. Força a barra que abre a porta, e um fio da luz do dia entra no perímetro. Lydia segue na direção daquela luz milagrosa.

Mas Luca não se mexe, e o braço dela fica preso pelo peso do filho, ancorado no chão.

— Luca, vamos — fala com um toque de histeria na voz. Volta-se para puxá-lo, mas ele se desvencilha. — Luca, o que está fazendo? — Ela agarra o braço dele, tão inquieta que ela mesmo poderia matá-lo.

— Não podemos deixar as duas aqui — diz ele.

O coração de Luca parece um pássaro batendo asas no peito, como naquela vez que um pardal sem querer entrou voando no apartamento deles pela varanda e não conseguiu achar o caminho de volta, e então ficou batendo contra o vidro várias e várias vezes até Papi pegá-lo com uma toalha e levá-lo para fora. O coração de Luca sente um pavor semelhante, como se o material de sua caixa torácica pudesse se despedaçar e ruir. Isso se a estrutura sanguinolenta de seu coração não se destroçar antes, tornando-se uma massa inerte.

Sua mãe o encara estupefata. *O que ele está fazendo?*

— Luca...

— Não, Mami, elas não têm como pagar — argumenta ele. — Elas não têm dinheiro.

O comandante afunda de volta na cadeira com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos entrecruzadas. Parece estar se divertindo com a conversa. Luca se vira para encará-lo.

— O que acontece com as pessoas que não podem pagar?

— Garoto, sua lealdade é admirável...

— O que vai acontecer?

Alguma coisa horrenda atravessa o rosto do comandante, e mais uma vez Lydia segura Luca. Mas as feições do homem se abrandam.

— Tudo bem, não vou machucar o menino — diz a Lydia. — Respeito a coragem dele. Por favor, sentem-se.

Lydia olha para a porta. Está aberta. Ela tinha vislumbrado a luz evanescente do dia além da porta, e está relutante em abdicar dessa promessa de liberdade. Mas lá está Luca, firme na cadeira, com mais medo de abandonar as irmãs do que de ficar mais tempo nesse pesadelo. Apesar de tudo o que ele passou, ou talvez por causa disso, seu filho está considerando mais o apelo da consciência do que o apelo da própria salvação. *Se sobrevivermos a isso*, pensa Lydia, *vou ficar muito orgulhosa*. Ela encolhe cinco centímetros, o corpo inteiro ruindo, e se senta ao lado do filho, com o cuidado para manter o rosto virado para o lado oposto ao do guarda.

— De quem ele está falando? — pergunta o comandante.

— Das duas garotas — diz Lydia —, com as pulseiras de arco-íris.

— Seu filho é um juvenzinho impressionante — diz ele.

Para Lydia, aquele elogio é profundamente perturbador.

— As garotas não têm nenhum parente que possa ajudar — diz ela.

— Elas só têm a gente — complementa Luca.

O comandante respira ruidosamente, balançando a ponta da caneta de leve em cima do caderno.

— Aquelas garotas teriam um bom preço no mercado aberto. Duas belezas daquelas? — Ele assobia, depois olha novamente para Luca. — Mas desejo recompensar sua bravura e fidelidade. Realmente impressionantes. — Ele se senta. Volta seu olhar para Lydia. — Vocês têm dinheiro?

Lydia hesita.

O comandante ri.

— Uma mulher como você, que fala como você? Você tem mais dinheiro, não tem?

Lydia fecha os olhos, e naquela escuridão visualiza o primeiro encontro com Soledad e Rebeca, no viaduto perto de Huehuetoca, suas vozes melodiosas, suas pernas balançando. Visualiza a vivacidade e a personalidade das duas irmãs. Sua mente também reproduz, naquele momento, a renda branca e a escura mancha vermelha no vestido da *quinceañera* de Yénifer. A vontade de chorar surge em seu âmago, mas nada acontece. Lydia abre os olhos. Ela concorda.

O comandante levanta a voz.

— Rafa, traga as garotas. — E para Lydia: — Vai custar setenta e cinco mil pesos.

Ela fica boquiaberta.

— Cada uma.

Aquela soma é quase todo o dinheiro que sobrou. O comandante está pedindo mais por cada irmã do que o montante que pegou por Luca e Lydia juntos, e ela tem a repulsiva constatação de que essa quantia é predeterminada. É o valor calculado pelo que eles valem como capital humano. Se Lydia não pagar, outra pessoa vai comprar as irmãs. E então ela quase na mesma hora percebe como seu próprio preço vai disparar se aquele guarda se lembrar de onde a conhece. A possibilidade daquele reconhecimento é como uma bomba-relógio ali na sala.

Luca observa o rosto da mãe. Por ele, Lydia não hesita.

— Vamos pagar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Tudo o que resta das economias de Lydia e Sebastián é a quantia irrisória que o comandante devolveu à carteira dela depois de cobrar o preço pelos dois. Um total de 4.941 pesos, ou cerca de 243 dólares. Na vida normal, é um bom dinheiro. Compraria mantimentos para várias semanas. Pagaria o aluguel, as contas dos médicos ou abasteceria o Fusca. Mas agora é insignificante. Eles não têm nada. Se chegarem ao norte, terão que começar do zero. Já precisam de sapatos novos. Os de Luca estão começando a ficar com as solas finas, e os tênis de lamê dourado de Abuela estão descascando no dedão. Se subtrair os sapatos novos da quantia de 243 dólares... a conta não fecha. Lydia se sente desamparada. Mas graças a Deus eles ainda têm o dinheiro da mãe dela no banco, o suficiente para pagar um coioote para ajudá-los a atravessar. É tudo em que ela consegue pensar por ora.

Quando finalmente o guarda abre a porta, e os quatro cambaleiam para fora do cativeiro, Lydia já não está mais pensando no dinheiro. O guarda não sai de sua cabeça, sua expressão inquisitiva, como se buscasse na memória o rosto dela. Lydia sabe que ele ainda está lá, que pode se lembrar dela a qualquer momento: *Sim, Dios Mío, é ela, a que pertence a Los Jardíneros.*

Eles correm. Não sabem onde estão, a que distância do trem ou da cidade. Tinham saído de um grande armazém para uma paisagem rural e não ouvem nenhum ronco de locomotiva ou motor de carro ao longe. Correm em direção ao brilho que resta no céu — o rosa se transformando em roxo, onde o sol acabou de se pôr, a oeste sobre o terreno irregular —, por sulcos, valas e buracos escavados por animais invisíveis, por entre rochas, raízes e montinhos de plantas, na esperança de sair em uma estrada que vai do sul ao norte. O tornozelo de Lydia só dói quando ela flexiona o pé, então tenta mantê-lo reto. As duas garotas também estão mancando, mas Soledad é como uma bola de fogo, e se debate contra a dor enquanto corre. Luca incentiva a todos como um líder de torcida sem fôlego durante a corrida.

— Vamos, Rebeca, você consegue. Continue, Mami, vamos lá.

Soledad avança. Ela correria até *el norte*. Eles param quando chegam a uma estrada. Não há nenhum sinal de carro, o crepúsculo ainda pinta a paisagem de rosa. Soledad fica perto de Lydia e segura a mão dela.

— Obrigada.

Lydia está tremendo, assolada pela culpa. Estava pronta para deixá-las para trás.

— Foi Luca — diz ela.

Soledad enfia a mão no cabelo de Luca, se abaixa e olha no rosto dele.

— Você salvou nossa vida. Sabe disso? Você e sua mãe — diz, sem soltar a mão de Lydia.

Luca sorri, e Rebeca começa a gritar, um som agudo e engasgado que o assusta. Com o rosto contorcido de angústia, ela arfa entre um berro e outro. A calça jeans está coberta de sangue do morto misturado ao dela, e o botão foi arrancado do cós, que não fica mais fechado. Lydia tira um dos cintos da mochila e amarra a calça da menina. Rebeca se encolhe e estremece, mas aceita a gentileza e prende, ela mesma, a fivela. Soledad faz um rabo de cavalo no cabelo preto da irmã, revelando um hematoma escuro no pescoço dela. Toca o local suavemente com o dedo. Rebeca se vira para trás, e as duas se abraçam. Rebeca estremece e chora, e todos esperam até que ela consiga caminhar novamente. A menina cruza os braços na frente do corpo porque está sem o sutiã.

O grupo vira para a estrada, e a luz se desvanece do roxo para o anil e depois para o azul. Quando passam pelos arredores de uma vila, já está escuro. Lydia olha para trás o tempo todo, esperando aparecer uma luz distante, um tiro. Sua exaustão nem se compara ao medo, e ela continua avançando o mais rápido possível. Todos estão com muita sede, ficaram sem água horas atrás, e não há loja, rio ou córrego por perto. Parece perigoso demais se aventurar na pequena vila. Ainda não estão longe o suficiente do armazém e daqueles homens. Não querem se expor. Mas não comeram hoje, e estão com fome. Apesar da adrenalina, acabaram ficando sem forças durante o trajeto. De vez em quando, faróis de carro se aproximam, e eles se afastam da estrada depressa, escondendo-se, muito quietos, atrás de qualquer coisa que consigam encontrar. Sabem tacitamente que esse novo medo é um fardo que carregam em conjunto, aquela sensação de que, no fundo, não escaparam coisa nenhuma, não estão em segurança. Qualquer um daqueles carros poderia estar levando os homens que

os sequestraram. Aqueles homens, com ou sem o conhecimento do comandante, podem decidir ir atrás deles e repetir um sem-número de vezes as coisas que fizeram com Rebeca e Soledad na traseira da caminhonete. Podem decidir arrastar Lydia pelo cabelo para o porta-malas de um carro, arrancar Luca de seus braços, atirar nele na beira da estrada e depois levá-la durante a noite de volta a Acapulco, até Javier. Ele está esperando por ela lá.

Por fim, eles começam a perceber uma ou outra luz indicando uma cidade ao norte. Passam por um cruzamento, e o tráfego fica mais estável. Já não podem mais fugir da estrada toda vez que um carro passa, porque são muitos.

— Vamos pegar água — diz Lydia. — Lá na frente tem um lugar. Alguém nos vai nos dar.

Não há indício algum disso, mas é o que ela precisa dizer, e basta para que os outros acelerem o passo. O terreno é plano, e as luzes da cidade logo aparecem. Um carro passa por eles, diminui a velocidade e para mais à frente no acostamento. Lydia estende a mão para fazer Luca parar. Rebeca e Soledad congelam e se aproximam uma da outra. O carro dá marcha à ré, e as meninas tentam fugir da estrada, mas não há para onde ir. Lydia fica onde está. Automaticamente, faz menção de pegar a faca, esquecendo que ela se foi. Xinga baixinho — 243 dólares menos dois pares de sapatos e uma faca nova. Puxa Luca para trás de si. A porta do motorista se abre, e um homem de botas de caubói, calça jeans e camisa de botões salta. Para ao lado do carro, não tenta se aproximar.

— Vocês estão bem? — pergunta na escuridão.

— Estamos — responde Lydia.

— Migrantes?

Lydia fica calada.

— Vemos muitos migrantes nesta estrada à noite, alguns em péssimo estado — explica o homem. — E ninguém sabe de onde vêm. Vocês estão bem fora da rota de migrantes. Como vieram parar aqui?

Lydia comprime os lábios, mas ele continua falando, sem se deixar intimidar pela reticência do grupo.

— Eu sou médico. Tenho uma clínica, não muito longe daqui. Se quiserem, posso levá-los para um lugar seguro.

Soledad deixa escapar uma risada, mas Rebeca aperta o braço dela.

— Não tem graça.

Soledad se rende à histeria.

— Tem alguma coisa errada? — pergunta o homem.

— Um lugar seguro! — Soledad uiva de tanto rir.

Luca gruda em Mami.

— Por que ela está rindo, Mami? O que deu nela?

— Shh — diz Lydia. — Ela já passou por muita coisa. Às vezes as pessoas perdem o controle por um minuto. Daqui a pouco ela volta ao normal, *hijo*.

O homem vai até a traseira do carro e abre o porta-malas. Lydia agarra a nuca de Luca e dá dois passos para trás, mas o homem só tira de lá um galão de água e o coloca no acostamento.

— Olha, vou deixar isto aqui para vocês. Talvez eu tenha... — Ele para de falar e volta a olhar o porta-malas. — Pensei que tivesse alguns biscoitos aqui também, mas meu filho deve ter comido. Vou deixar a água. — Luca ouviu as chaves tilintarem na mão dele. — Mas, se algum de vocês precisar de cuidados médicos, talvez eu possa ajudar. Se estiverem com fome, posso arranjar comida.

Lydia espia as irmãs um pouco afastadas. Seus olhos se acostumaram à escuridão, então ela consegue ver o rosto delas, mas não ler suas expressões.

— A cidade fica longe? — pergunta Soledad.

— Não muito — diz o médico. — Mais uns quatro quilômetros. Em uma hora andando vocês chegam à entrada.

— Que cidade é essa? — Quem fala é Luca.

A palavra *cidade* o empolgou, pois indica um lugar maior do que ele esperava.

— Navolato. Cerca de trinta quilômetros a oeste de Culiacán.

Luca fecha os olhos para olhar o mapa em sua mente. Consegue ver Navolato lá, um pequeno ponto ao lado de um maior, Culiacán, mas não tem nenhuma informação armazenada sobre o lugar. *Trinta quilômetros*, pensa Lydia. *Como em nome de Deus voltaremos ao trem?* As irmãs não têm condições de andar muito mais.

— Há serviços de migrantes em Navolato? — pergunta Lydia.

— Não — diz o homem. — Acho que não. Mas tem uma igreja. Eles sempre ajudam.

— E em Culiacán? Há serviços de migrantes lá?

— Talvez. Não tenho certeza.

Lydia deixa escapar um grande suspiro. A onda de gratidão que ela sentiu, mesmo que atordoada, quando todos os quatro saíram daquele armazém, vivos

e juntos, ainda está presente, mas começando a ser engolida pela exaustão e pelo medo constante.

— Vocês estão com fome?

— Sim — diz Luca.

— Querem uma carona?

Mais uma vez, Lydia olha para as irmãs.

— Não — responde Soledad.

A própria decepção de Lydia e sua ânsia em confiar naquele homem a surpreendem, mas ela quer encontrar provas de bondade no mundo. Precisa de um vislumbre ao menos. Ela vê apenas a silhueta do homem à frente, iluminada pelo farol do carro, atrás dele.

— Obrigada mesmo assim — diz Lydia.

Ela arrisca alguns passos em sua direção, e Luca corre à frente. O galão de água está perto do para-choque traseiro e dos pés do homem. Luca tira a tampa e tenta levantar o recipiente, mas não aguenta o peso e se afasta desajeitadamente. O homem ajuda, segurando o galão enquanto Luca bebe com sofreguidão. O menino vira o rosto para respirar antes de dar mais um longo gole. Lydia espera, atrás dele. Ouve as irmãs se aproximando, mas sem sair da escuridão.

— Ouçam, não quero pressionar vocês — diz o médico. — Mas não é seguro ficar na estrada à noite. Há muita atividade nesta área. Já ouvi histórias terríveis. Talvez vocês também.

Soledad solta outra risada, mas desta vez para na mesma hora. Não consegue mais ver a mesma graça de antes. O rosto do médico é tomado de preocupação. Ele acende uma minilanterna pendurada no chaveiro. Aponta o pequeno fecho de luz para as pernas das garotas para confirmar o que sua visão prejudicada pela escuridão e seu olfato denunciavam: uma quantidade significativa de sangue. E não apenas na calça jeans de Rebeca, conforme Lydia constata. Soledad também está encharcada de sangue. Luca continua bebendo água. O médico desliga a lanterna.

— Por favor. Me deixem ajudar.

Soledad cruza os braços. Rebeca trava o maxilar. É Luca quem fala:

— Como podemos ter certeza de que você é médico mesmo?

— Ah. — O homem levanta um dedo e pega a carteira do bolso de trás, com um crachá.

Uma foto e o nome: “Dr. Ricardo Montañero-Alcán”. Luca examina o documento quase grudado no rosto e o devolve.

— Isso não prova nada — observa Soledad. — Mesmo sendo médico você pode ser um narcotraficante. Mesmo sendo médico, professor, padre. Até um policial federal pode assassinar pessoas.

O médico assente, enfiando a carteira de volta no bolso, e admite:

— É verdade.

— E por que quer nos ajudar? — pergunta Soledad.

O homem toca o crucifixo de ouro pendurado no pescoço.

— *Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber.*

Lydia automaticamente faz o sinal da cruz.

— *Fui estrangeiro, e vocês me acolheram.* — Ela completa o versículo das Escrituras, passando a água para Rebeca, que bebe apenas um pouco e entrega para Soledad.

— Vamos com ele — declara Luca.

O homem deixa Soledad olhar o telefone dele primeiro. Mostra a ela sua página no Facebook, fotos da esposa e dos filhos. Soledad está morta de fome, esgotada. E com sede.

O médico quer levá-los para a clínica, mas eles recusam, então ele vai para a cidade, para um edifício de dois andares mal caiado de branco, com uma loja no térreo e grades nas janelas acima. Grandes letras vermelhas identificam o prédio como Motel Techorojo. A loja abaixo tem um toldo vermelho e um balcão ao ar livre, de onde duas jovens de avental olham para os clientes que se aproximam com considerável desconfiança. Atrás delas, há lanches embrulhados em papel-alumínio brilhante e garrafas de refrigerante em cores neon. Há também uma chapa, soltando aroma de carne fritando, e um rádio barato tocando *música nortenha*, pesado no acordeão. O médico compra comida e paga pelo quarto.

— Se vocês quiserem uma carona para Culiacán amanhã, posso passar aqui de manhã — diz ele, e então vai embora antes mesmo que tenham tempo de agradecer.

Depois de todos comerem e se trancarem no quarto minúsculo, depois de conseguirem arrastar a mesa de cabeceira grande e pesada pelo tapete até a porta para reforçar a segurança, Lydia recolhe as calças de todos. O quarto não tem banheiro, mas, estranhamente, um vaso sanitário e uma pia amarela no

canto. A água que sai da torneira tem cor de areia, mas Lydia não se importa, porque qualquer cor é melhor do que as que ela tem que tirar do jeans. De Luca, Rebeca e Soledad. Ela usa uma barra de sabão rachada e esfrega, esfrega, até que finalmente a água que ela torce do jeans retorna à cor escura original.

Quando termina, Luca ronca baixinho em uma das duas camas de solteiro do quarto, e as irmãs também já estão dormindo, abraçadas. Soledad segura a cabeça da irmã nos braços, e os cabelos das duas se misturam em uma onda negra no travesseiro compartilhado. Lydia vasculha a mochila em busca da escova de dentes e coloca só um pouquinho de pasta nas cerdas. Avalia a água amarronzada por um instante, e então enfia a escova embaixo da bica. Em casa, Lydia tinha toda uma rotina antes de ir para a cama. Às vezes, podia levar até vinte minutos. Sabonete, tônico, hidratante, fio dental, creme dental, enxaguante bucal, protetor labial. Em algumas noites, o processo incluía pinças, cortadores ou lixas de unhas. Além, claro, de esfoliante ou máscara vez ou outra. Creme para mãos. Meias fofas, se os pés estivessem gelados. Sebastián sussurrava do quarto, tentando não acordar Luca com sua impaciência:

— *Madre de Dios*, mulher, a Torre Eiffel levou menos tempo do que isso para ser construída!

Mas, quando ela terminava, ele sempre levantava as cobertas para recebê-la. E a cobria depois que ela se aninhava em seu peito, dando um beijo na esposa com um hálito fresco.

Lydia evita o próprio reflexo sob a dura luz amarela do espelho enferrujado. Cospe na pia e lava a boca. Joga água turva no rosto e no pescoço e se seca com a camisa que usou nos últimos dois dias. Quando finalmente se deita na cama ao lado de Luca, antes que possa sequer invocar seu mantra *não pense*, a exaustão bate como anestesia e apaga todo o resto. Eles dormem.

Algumas horas depois e bem antes do amanhecer, Rebeca acorda Lydia de um sono sombrio.

— Soledad — sussurra Rebeca para Lydia. — Tem alguma coisa errada com ela.

Lydia se desembaraça de Luca, que resmunga enquanto dorme e depois se encolhe mais e vira para a parede. Uma grande quantidade de luz entra pela única janela do quarto, pois a cortina não é páreo para a energia do poste lá fora. Lydia vai até a outra cama de solteiro, onde Soledad está se revirando com a mão na barriga.

— Soledad? Você está bem?

Ela trinca os dentes e balança o corpo para a frente.

— Só uma cólica muito forte.

Lydia olha para Rebeca, cujo rosto é pura preocupação.

— Fique aqui com Luca — diz Lydia. — Não deixe ele acordar.

Rebeca se senta ao pé da cama do menino.

— Você consegue ficar de pé? — pergunta Lydia.

Soledad reúne suas forças e se levanta, com dificuldade, deixando no colchão uma mancha escura e o cheiro de sangue. Lydia a segura pelo cotovelo, contorna a cama e a leva ao canto do quarto onde fica a pia. Puxa a cortina transparente para dar a Soledad o máximo de privacidade possível enquanto ela aborta o bebê.

* * *

Como prometido, o médico volta pela manhã e os leva a Culiacán. Os jeans das meninas ainda estão úmidos e rígidos depois de terem sido esfregados por Lydia, mas mesmo assim estão no corpo, e não demora para que sequem ao sol, que também acaba com a umidade das roupas, do cabelo e da pele de todos. Rebeca está se movimentando melhor que no dia anterior, enquanto Soledad tem um pouco mais de dificuldade. Lydia quer comprar um pacote de absorventes para a jovem, mas, como são caros, ela deixa de lado o constrangimento e pede ao médico, que, sendo médico, não acha o pedido estranho e atende sem hesitar. Ele também compra café da manhã e filtro solar para os quatro, pedindo que usem, e uma revista em quadrinhos para Luca. Quando se despede, o faz abruptamente, dispensando qualquer tentativa de gratidão.

Lydia mal pode esperar para voltar ao trem, para se afastar das lembranças tenebrosas do lugar, para viajar para o norte em alta velocidade. Percorre, apavorada, os trilhos pela cidade, pensando que eles podem ser vistos, que o guarda de ontem pode estar indo para o trabalho — *aqueles homens vão para o trabalho? É assim que chamam o que fazem? Dão um beijo, todas as manhãs, na esposa e nos filhos, então entram no sedã da família, partem para um dia de estupro e extorsão, depois voltam para casa exaustos à noite, famintos por uma carne de panela?* — e ele a verá, verá os quatro caminhando pelos trilhos, a ficha vai cair, e ele vai se lembrar: o rosto dela sorrindo ao lado de Javier naquela foto. Ela dá

um empurrãozinho delicado nas costas de Luca, apressando-o. Eles atravessam um rio lamacento por uma ponte ferroviária e descobrem um pátio de trens, onde um lado dos trilhos tem uma fileira de pedras gigantes. Há alguns grupos de migrantes esperando, cercados pelas cores sujas de lixo e detritos, lama e ervas daninhas. No meio deles, há um menino, um pouco mais velho do que Luca, mas certamente mais novo do que Rebeca. É o único de pé no meio dos outros sentados e encolhidos. Olhos desfocados, e a coluna curvada. As mãos flutuam instáveis à frente, e ele balança estranhamente nas pernas tortas.

— Mami, o que aquele garoto tem? — pergunta Luca.

É a criança mais perturbadora que Luca já viu. Parece estar alheio aos outros, alheio a qualquer coisa. Mami balança a cabeça, mas Soledad responde com uma única palavra: *drogas*. Eles passam rapidamente pelo garoto, para longe do grupo de migrantes onde ele orbita. Na verdade, estão prestes a deixar o pátio da ferrovia quando três moças bem-vestidas aparecem em um cruzamento à frente nos trilhos. Elas balançam os braços para cima e gritam:

— *Hermanos, ¡tenemos comida!*

Os homens se levantam, limpam a poeira da calça e se reúnem para a oferta de comida. Uma das três mulheres lê a Bíblia em voz alta, enquanto as outras duas distribuem *tamales* e *atole*. Luca não está com fome porque, graças ao médico, eles tomaram café da manhã, mas aprendeu a nunca recusar calorias. Eles comem de bom grado e, quando as mulheres começam a arrumar suas panelas e recolher o lixo, Lydia se pergunta se também deveriam sair dali. O lugar parece sórdido e perigoso, mas há um boato de que um dos trens estacionados está sendo carregado e em breve seguirá para o norte. Os homens já estão subindo a escada e espalhando as mochilas em cima do trem. Os ferroviários observam e não tentam detê-los. É muito sem sentido e arbitrário como o governo tira os migrantes dos trens em alguns lugares, gastando milhões de pesos e dólares para construir aquelas cercas nos trilhos nos estados de Oaxaca, Chiapas e México, enquanto faz vista grossa para outros locais. Há até um policial municipal estacionado na esquina, observando a reunião dos migrantes. Ele bebe café em um copo de papel. Aquilo tem cara de armadilha, mas Lydia está grata demais para manifestar desconfiança.

As irmãs estão fracas e abatidas, principalmente Soledad, que sofreu um aborto. É uma sorte poderem embarcar enquanto o trem está parado, então os quatro sobem com cuidado. Atrás de Soledad, Lydia ainda consegue sentir cheiro de sangue vindo da jovem. Eles se encaminham para o fim do trem até

chegarem a um carro onde há espaço para os quatro se acomodarem. No instante em que estão se instalando, Lydia tirando os cintos de lona da mochila, uma garotinha aparece espiando na borda do vagão. Ela sobe rapidamente e se aproxima de Soledad sem hesitar. É mais nova que Luca, talvez tenha uns seis anos, e está sozinha. De cabelo curto, preto e sedoso, usa calça jeans e botas de couro marrom. Ela se agacha muito perto de Soledad, que se assusta com a ousadia da garota, com a demonstração de intimidade. A criança fala depressa, com o rosto colado ao de Soledad, que se afasta.

— Você precisa de trabalho? Minha tia tem um restaurante aqui e precisa de uma garçonete. Quer um emprego? — A garota puxa Soledad pelo braço. — Venha, rápido. Venha comigo, vou mostrar o lugar.

Ela puxa o cotovelo de Soledad, e Soledad fica tão surpresa que quase se levanta para seguir a criança. Ela sabe que não deveria fazer isso, que a garota é presunçosa, quase intimidadora. Mas há um conflito entre mente e corpo: sua mente desconfia daquela garotinha insistente, mas seu corpo é biologicamente suscetível à fofura da criança, à bela inocência de seu rosto juvenil. Soledad se sente momentaneamente dividida entre essas duas verdades, mas o feitiço logo é quebrado quando o policial municipal sai do carro e fica parado sobre uma faixa de lama lá embaixo, ainda com o copinho de café na mão, e grita para a garotinha:

— Ximenita, deixe as garotas em paz! Desça daí.

A menina se vira de repente e sai correndo. Larga o braço de Soledad, pula da beira do vagão de carga e desce a escada, reaparecendo lá embaixo logo depois, fugindo entre pedras e detritos.

O policial grita:

— Avise a seu pai que eu disse que não há vítimas hoje!

Soledad está ansiosa pelo silvo dos freios desengatados e pelo ronco da locomotiva. Quando finalmente começam a se mover, em vez de felicidade ou alívio, todos sentem uma breve e hesitante suspensão do medo.

Durante a viagem, Luca presta atenção aos sinais para que possa marcar nomes de lugares conhecidos em seu mapa mental ou adicionar novos pontos aos desconhecidos: Guamúchil, Bamoa, Los Mochis, confere, confere, confere. Aproximadamente três horas depois de deixarem Culiacán, no meio do nada, chegam a um lugar onde os trilhos cruzam com outros, e então surgem mais, pelo menos mais meia dúzia. Quando o trem desacelera, Luca vê que há muitos migrantes reunidos esperando ali, onde também não há cercas nem

policiais. Parece que ninguém se importa que aquelas pessoas embarquem em La Bestia. O trem para e, no mínimo, uns cem homens sobem, mas então a locomotiva desliga o motor, e os trabalhadores desembarcam e se encaminham para carros estacionados em um pátio próximo, e todos no topo do trem reclamam e xingam. La Bestia fica três noites parado.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Há campos cultivados em ambos os lados dos trilhos, e Luca observa o fazendeiro, às vezes de trator, às vezes a pé, cuidando das fileiras de qualquer lavoura que ele espera cultivar ali nos ricos veios de terra. O fazendeiro deixa os migrantes esfarrapados encherem suas garrafas em uma mangueira longa, com água quente mas limpa. Às vezes, uma família chega para vender comida e refrescos em um caminhão, mas não é sempre, então Luca sente muita fome. Eles contam com a bondade dos colegas migrantes, que compartilham suas provisões limitadas. À noite, faz frio, e alguns homens montam fogueiras alegres. Algumas pessoas dormem amontoadas dentro de um dos vagões vazios, mas ele fica lotado e fedorento, e, mesmo que proteja do vento, o metal parece injetar o frio nos ossos dos migrantes durante o sono. Então Luca e Mami ficam aninhados perto de uma das fogueiras, vestindo todas as roupas e enrolados no cobertor como um burrito colorido. Todos estão exaustos e nervosos, e, no meio do segundo dia naquele lugar árido e desolado, alguns migrantes desistem de esperar e saem andando. Luca não consegue imaginar aonde eles vão, porque não havia nenhuma cidade a quilômetros antes dali. E se também não houver mais adiante? Ele fica preocupado e reza quando vê as pessoas seguirem pelos trilhos. Quando uma equipe de trabalhadores do *ferrocarril* chega na manhã do quarto dia e prepara o trem para partir, o campo é tomado por comemorações, e todos os migrantes começam a embarcar, mas Luca aperta a mão de sua mãe e insiste que devem esperar.

— Porque este aqui está todo na pista da direita — explica ele. — Aquele ali deve ir para o leste quando os trilhos se dividirem.

Ele aponta para o norte, onde as dezenas de trilhos diferentes começam a se fundir. Depois de um viaduto rodoviário, o número de trilhos diminui para três e, depois, novamente, se fundem em dois. Ele e Rebeca saíram para explorar no dia anterior e encontraram o lugar onde, enfim, os dois trilhos giravam em direções diferentes, um para leste e outro para oeste. Mas Lydia

está ansiosa. Já esperaram por tanto tempo que ela não consegue imaginar não entrar naquele trem. A mãe balança a cabeça exasperada.

— Ele tem razão.

Dois homens pelo menos uma geração acima de Mami continuam sentados no lado oposto de uma pista vazia.

— Existem dois trilhos paralelos daqui até a vila, e depois se separam — diz um deles. — Esse trem está indo para Chihuahua.

— Estamos esperando o trem da Rota do Pacífico — diz o outro. Os dois sujeitos devem ser gêmeos idênticos. Têm o mesmo rosto castigado pelo tempo, o mesmo bigode bem aparado, o mesmo timbre caloroso nas vozes baixas. — Se vocês querem atravessar em Nogales ou Baja, precisam pegar o trilho esquerdo daqui.

— Obrigada — diz Lydia.

— Como vocês sabem? — pergunta Soledad.

— Fazemos esse caminho a cada dois anos. É a nona vez.

Lydia fica boquiaberta.

— Por quê? — pergunta Soledad.

Os homens dão de ombros ao mesmo tempo.

— Vamos para onde o trabalho está — diz o primeiro.

— Voltamos para visitar nossas esposas e filhos — acrescenta o segundo.

— E então fazemos tudo de novo. — Os dois dão risada, como se fosse um número de comédia que realizam há anos.

Soledad tira a mochila que havia colocado nas costas para a partida e a joga no chão.

— Estamos esperando há três dias — diz ela. — Onde está esse trem? E se ele nunca vier?

É difícil não se desesperar com o passar das horas, vendo o nascer e o pôr do sol tantas vezes. Honduras não está mais longe hoje do que ontem.

— Ele virá, *mi hija*. — Um dos homens assente. — E sua paciência será recompensada. — Ele enfia a mão no bolso da frente da mochila e abre um pacote embrulhado de carne-seca. Entrega duas tiras para Soledad e depois compartilha com os outros. — O trem chegará em breve.

Luca morde com gratidão a tira salgada e borrachenta. Ele a rasga com os dentes. O segundo homem se inclina para a frente e fala baixinho com Soledad, que está sentada na mochila com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— E não se preocupe, *morrita*. Em breve, Sinaloa estará bem atrás de você. Você vai sobreviver. Você tem o olhar de uma sobrevivente.

Ela abaixa a cabeça por um momento, e Luca fica preocupado. Ele imagina que ela esteja chorando, que esteja enfim sentindo o peso de tudo que sofreu, que esteja se sentindo soterrada. Mas, quando ela levanta a cabeça, é o contrário. Seu rosto absorveu as palavras do homem, e ela está, na verdade, parecendo uma guerreira asteca.

Os gêmeos contam histórias enquanto esperam, sobre suas casas em Yucatán, sobre esposa e filhos, sobre as fazendas onde trabalham por temporada no norte e sobre o terceiro irmão, um trigêmeo, que ambos concordaram que era o mais bonito entre os irmãos antes de ter morrido, seis anos atrás, quando a ceifeira-debulhadora que ele dirigia em uma fazenda em Iowa atingiu um fio de alta tensão. Eles fazem o sinal da cruz quando dizem o nome dele. *Eugenio*. Luca reconhece a alquimia de repetir o nome do irmão e faz o sinal da cruz, porque é um oitavo sacramento para os migrantes: repetir os nomes dos amados mortos. Ele tenta fazer o mesmo baixinho em sua própria língua:

— Sebastián Pérez Delgado.

Mas aquele nome ainda é áspero, pesado, intenso demais. Inunda sua boca de tristeza, e, por um momento, ele precisa esconder o rosto. Precisa respirar na escuridão do esconderijo oferecido pelo próprio braço. Precisa encher a mente com outras coisas. *A capital da Noruega é Oslo. Existem 6.852 ilhas no arquipélago japonês.*

Os irmãos são uma presença profundamente tranquilizadora. São como pão saindo do forno. São abrigo. E logo, exatamente como garantiram que aconteceria, o trem chega. O veículo para brevemente, e eles conseguem embarcar com facilidade. Depois de ajudá-los a subir a escada, os irmãos se mudam para outro carro, onde podem se espalhar e dar a Lydia e às crianças um pouco de espaço.

— Vejo você *en el norte, manito* — diz um deles para Luca. — Procure por nós quando chegar em Iowa. Podemos comer um hambúrguer juntos.

Ele estende a mão para bater na de Luca e se vira para seguir o irmão pela parte de cima do trem.

Rebeca se senta exatamente onde eles estão.

— Primeira classe — brinca Soledad enquanto Mami prende Luca na grade. Ela abre os braços. — Consegui uma cabine particular para nós.

O trem parte e, quando cruzam o rio Fuerte, a paisagem muda quase que imediatamente de verde para marrom. Eles percorrem as difíceis terras agrícolas por uma hora e meia e, enfim, passam por uma placa que indica a travessia para o estado seguinte. Luca lê em voz alta:

— *Bienvenido a Sonora.*

— *Y vete con viento fresco a Sinaloa.* — Rebeca deseja uma boa viagem a Sinaloa, mas aquela fronteira invisível pouco alivia sua recém-intensificada sensação de medo constante.

Bacabachi, Navojoa, Ciudad Obregón, confere, confere, confere. O deserto se apresenta em sua plenitude. Logo, Luca consegue sentir o cheiro do mar, mas, desta vez, não lembra em nada Acapulco, porque não há verde, nem árvores, nem montanhas, nem solo mineral denso por perto. Não há boates, navios de cruzeiro ou *estadounidenses*. Tudo é arenoso, empoeirado e seco, e as formações rochosas que se erguem do chão têm uma beleza brutal. Até as árvores parecem sedentas ali, e Mami não precisa incomodar Luca para beber. Ele bebe o tempo todo do seu cantil e fica com o cabelo úmido de suor sob o boné de Papi. Ao pôr do sol, quase que inacreditavelmente, eles chegam à cidade de Hermosillo, que é o lugar mais seco, marrom e estranho que Luca já viu, mas essa estranheza não o impressiona, tamanha excitação crescente dele.

— Rebeca, estamos quase chegando! — diz ele.

O menino vem tentando bombear oxigênio para a companheira enfraquecida há dias. Ele é como um pequeno fole humano, e ela, uma fogueira que se transformou em brasas.

— Quase chegando aonde? — pergunta ela.

A luz está se retirando do céu, o trem está diminuindo a velocidade e, no carro à frente deles, os gêmeos estão se preparando para o desembarque.

— Quase *en el norte* — responde Luca.

Ela lhe lança um olhar cético, que não era a resposta que ele esperava. Luca enfia o queixo dentro do casaco, mas Mami se inclina para a frente e pede que ele repita o que disse.

— Estamos quase *en el norte*. Estamos ao sul de Nogales agora, a menos de quinhentos quilômetros.

— Quinhentos quilômetros — repete Soledad. — O que isso significa? Até onde chegamos?

— De Honduras?

— Sim.

Ele levanta a cabeça e semicerra os olhos para pensar.

— Eu diria que mais de três mil quilômetros.

Soledad arregala os olhos. Um sorriso hesitante toma conta de seu rosto. Ela faz um esforço mínimo para vencê-lo, assentindo.

— Mais de três mil quilômetros. Já percorremos mais de três mil quilômetros?

— Sim.

— E agora temos quinhentos pela frente?

— Sim, é o que estou dizendo. Estamos perto.

— Quanto tempo vai levar para percorrer quinhentos quilômetros? — pergunta Soledad.

Luca balança a cabeça.

— Não sei, algumas horas?

— Por quê, você quer ficar no trem? — Rebeca parece preocupada. — Vai escurecer em breve.

— Olha, estamos parando — diz Mami.

Os irmãos já desembarcaram e percorreram um bom trecho, então o som que eles emitem naquele momento facilmente passaria despercebido, se Luca, Lydia, Soledad e Rebeca já não estivessem familiarizados, tanto por experiências recentes quanto por seus pesadelos. Os irmãos estão gritando:

— *¡Migra! ¡La migra! ¡Huyan, apúrense! ¡Viene la migra!*

* * *

Desta vez, o terror não vai acumulando ou crescendo, mas chega em um golpe só. Lydia puxa o cinto de Luca em um movimento tão brusco e violento que ele quase grita. As irmãs já estão na metade da escada e não esperam por um local razoável para descer. A lembrança de Sinaloa as torna rápidas; e, nesse caso, o corpo ferido não é um impedimento, mas um propulsor. Elas dão um salto selvagem para o chão irregular, com as mochilas soltas batendo nas costas. Luca é o próximo, e depois Lydia, e graças a Deus já estão na cidade, porque descem o barranco raso e imediatamente veem becos, ruas e muros, jardins, casas e garagens abertas, uma menininha descalça olhando para eles enquanto lambe um picolé, uma mulher com um carrinho de comida preso à bicicleta, um cachorro com uma mancha sobre um olho e grama alta ao redor dos

tornozelos, piso de concreto, e os irmãos seguindo em uma direção diferente, além de outros três ou quatro migrantes vindo atrás. Faz quatro dias que Lydia torceu o tornozelo, e ela está aliviada ao sentir que a pontada desapareceu. O tornozelo está firme e forte. Ela olha para as irmãs à frente e imagina o que aconteceria se elas se separassem agora. Pensa em como elas se encontrariam novamente, e até mesmo se isso seria possível. Corre atrás das duas o mais rápido possível, arrastando Luca freneticamente atrás de si. Eles passam correndo por um jardim sombreado, onde um garotinho está de joelhos fazendo malabarismos com uma bola de futebol e uma mulher de jeans e chinelos desbotados rega seus vasos de ervas. Ela para quando os vê e, sem mexer a cabeça ou levantar a voz, diz “Oye!”, tão sutil que Lydia quase não escuta. Mas o rosto da mulher chamou sua atenção, e, quase sem mover nenhuma parte do corpo, ela indica com o queixo a porta escura de um galpão coberto no canto de trás do jardim.

— Rápido — diz, novamente, no mesmo tom.

Lydia não hesita em considerar os prós e os contras. Segura o ombro de Luca com uma das mãos, e então chama o mais baixo possível:

— Rebeca. Aqui.

E as irmãs derrapam, virando-se para olhar para eles. Lydia já empurrou Luca pelo portão, e ele está correndo por baixo de uma árvore frondosa com flores cor-de-rosa e se escondendo dentro do galpão escuro. Lydia está logo atrás dele, e lá vêm as irmãs, até que todos estejam juntos, espremidos no pequeno espaço frio e mofado, e o esforço da respiração dos quatro parece terrivelmente alto, e Lydia pode ouvir o sangue latejando em seus ouvidos, uma pulsação terrível e vulgar, e ela enfia a cabeça entre os joelhos e enlaça os dedos na nuca. Luca a abraça pelas costas e todos ficam o mais quietos e silenciosos que conseguem até que, depois de alguns minutos, ouvem a mãe chamando o menininho e dizendo:

— Vamos, peguei orégano para o jantar. Para dentro, vamos lá.

E, no momento silencioso que se segue, os contras em que Lydia não havia parado para pensar antes surgem e se alojam em sua garganta. *Aquela mulher nos prendeu aqui. Ela foi chamar a polícia. Ela foi chamar alguém muito pior do que a polícia. Este será nosso fim. Por que confiei nela? Por que não continuamos correndo?* É tarde demais para esses medos, é claro, porque a decisão foi tomada, e eles não podem arriscar sair porque perderam a vantagem que tinham e agora estão presos ali enquanto *la migra* vasculha o bairro. Lydia apela

para seu único método de controle. *Não pense, não pense, não pense.* E então eles ouvem o barulho de uma porta, e a mulher chama novamente pelo filho.

— Feche o portão antes de entrar!

E ouvem um rangido e um barulho quando ele bate o portão, o eco da bola quando o menininho a deixa cair, e então o ronco de um carro ou caminhão, a porta de um veículo se abrindo, batendo, passos e uma nova voz.

— Você viu visitantes? *Migrantes?*

O coração de Lydia parece um motor no peito. Rebeca e Soledad estão de pé, de frente uma para a outra, os dedos enroscados na escuridão, as cabeças inclinadas em oração. Eles não ouvem a resposta do menino, mas então a batida da porta e a voz da mãe voltam:

— Víctor, já falei para você entrar — diz ela.

Um homem, do outro lado do portão, diz:

— Estávamos perguntando se ele tinha visto algum migrante. Alguns desceram do trem no fim da rua.

— Não vimos ninguém — diz ela. — Eu estava aqui com ele agorinha mesmo. Vá para dentro.

A porta bate mais uma vez.

— A garotinha na rua viu um grupo vir nesta direção.

— Eles devem ter virado antes de chegar aqui. Passamos a tarde toda do lado de fora. Você tem um celular, ou é só ligar para a delegacia se virmos alguma coisa?

As vozes ficam mais baixas, momentaneamente indiscerníveis. Lydia arregala os olhos, como se assim pudesse aumentar seu alcance auditivo. Neste exato momento, Lydia sabe, a mulher pode estar apontando para a porta do galpão. Pode estar sussurrando as palavras *tem quatro dentro do galpão*. Os agentes de *la migra* podem estar pegando suas armas. Lydia treme ao pensar nisso e fecha os olhos novamente. Desliza o dedo para dentro da aliança de Sebastián. *Não pense, não pense, não pense.* E então há uma espécie de milagre, uma pequena distração: o dedo dela se move distraidamente pelo vazio do anel de Sebastián e provoca uma ideia engraçada: que é como o anel mágico do *Hobbit*, que, se ela deslizar o dedo inteiro para dentro e agarrar Luca, os dois ficarão invisíveis. *Seguros*. Ela volta a entender as palavras da mulher. Uma mudança do vento.

— Colhi orégano demais para o jantar. Por favor, aqui, leve um pouco com você.

Depois que os passos recuam para o veículo e o motor retumba, e a mulher abre e fecha a porta da casa novamente, Soledad e Rebeca se juntam a Lydia e Luca sentados no chão. Lentamente, os batimentos cardíacos retornam a um ritmo normal. Eles começam a sussurrar entre si na escuridão.

— Devemos sair? — pergunta Soledad.

— Ainda não — diz Lydia. — Eles ainda estão vasculhando o bairro. Vamos esperar até escurecer.

Rebeca está chorando, debruçada sobre as pernas. Luca segura a mão da garota, que se solta, e ele fica magoado. Mas, em vez de recuar, ele insiste, e então Rebeca cede, como uma porção de manteiga amolecendo em uma panela. Luca puxa a cabeça dela para seu ombro e acaricia seu cabelo, dizendo:

— Está tudo bem, nada de ruim aconteceu. Está tudo bem.

— Não aguento mais. É muito assustador.

— Pare com isso! — diz Soledad.

— Só quero morrer. Quero que isso acabe — insiste Rebeca, sem nenhuma inflexão na voz.

— Bem, você não tem escolha, Rebeca — responde a irmã.

— Quero ir para casa.

— Não existe mais casa. Vamos fazer uma nova. Este é o único caminho a seguir, então vamos em frente. *Adelante*. Agora chega de chorar.

Soledad seca o rosto da irmã com os polegares, e a dura demonstração de amor funciona. Rebeca se senta, funga alto e dá um fim a seu desespero.

— Estamos quase chegando — diz Soledad. — Você ouviu Luca antes. Quinhentos quilômetros, certo, *chiquito*?

— Isso mesmo.

— Quinhentos quilômetros — continua Soledad. — E isso chega ao fim. Todo esse pesadelo, tudo, tudo. Estaremos *en el norte*, onde ninguém mais pode nos machucar. Construiremos uma vida boa e segura. E Papi vai melhorar e vamos mandar alguém buscá-lo, e depois traremos Mami e Abuela também. Tudo vai melhorar, você vai ver.

Rebeca não acredita em uma única palavra. Nem entende como Soledad pode preservar esse tipo de ingenuidade depois de tudo o que passou. Rebeca perdeu a inocência. Ela sabe que não há lugar seguro para eles no mundo, que *el norte* será igual a qualquer outro lugar. A esperança não pode sobreviver ao veneno de sua prova recente: o mundo é um lugar horrível. San Pedro Sula foi horrível, o México é horrível, *el norte* será horrível. Até suas lembranças

douradas da floresta das nuvens estão começando a apodrecer e cair por terra. Quando se volta para as próprias lembranças agora, não é a voz de sua mãe que lhe vem à mente, nem o cheiro de ervas secas, nem o coro dos sapos das árvores à noite, nem a sensação fria das nuvens em seus braços e cabelos. É a pobreza que levou seu pai e todos os homens para as cidades. É a ameaça crescente dos cartéis, a falta de recursos, a fome sempre à espreita. Então é apenas pelo bem da irmã que Rebeca assente.

— Tudo o que passamos? — insiste Soledad. — Tudo valerá a pena. Vamos deixar para trás e ter um novo começo.

Rebeca olha para o chão, mas seus olhos estão desfocados.

— Como se nunca tivesse acontecido — diz ela.

* * *

Eles ficam no galpão enquanto Víctor e a mãe jantam em casa, enquanto os vizinhos chegam em casa do trabalho e cumprimentam a família, enquanto as nuvens deslizam pela tampa de Hermosillo e o sol se põe, laranja, no horizonte. Além do perímetro da cidade, o deserto de Sonora troca calor com o céu. Enquanto o crepúsculo esfria a terra e a cidade se prepara para dormir, o deserto aparece e ganha vida. Lydia e as irmãs planejam descansar até que o bairro esteja completamente quieto, para escapar durante as horas mais escuras da noite. Luca está com muita fome para dormir, então fica muito agradecido quando a mulher aparece com uma panela de feijão frio e uma pilha de *tortillas* secas. Ela coloca os itens no chão entre eles e depois volta para a porta. Luca nem espera ela sair. Usa uma *tortilla* para colher os feijões e quase morde o próprio dedo na pressa. Não há luz, mas seus olhos se adaptaram ao escuro. A mulher sussurra:

— Vocês podem descansar aqui por um tempo. Mas, por favor, precisam ir embora antes do amanhecer.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Antes do amanhecer, Lydia, Luca e as irmãs entram na cidade, onde descobrem que a cerca ferroviária de Hermosillo é um negócio sério, uma infraestrutura cara. Pesos de impostos colocados em ação. Na verdade, não é uma cerca, mas um muro de concreto com ameaçadoras espirais de arame farpado no topo. De um lado do muro, passa um trem com os migrantes dormindo em cima, braços cruzados, chapéus cobrindo o rosto. Do outro, seis homens migrantes dormem enroscados na mochila, enquanto um deles fica de vigia. Ele está descalço. E os cumprimenta quando se aproximam.

— O que aconteceu com seus sapatos? — pergunta Lydia.

— Foram roubados — diz ele.

Soledad reconhece o sotaque hondurenho.

— *Ay, catracho, ¡qué barbaridad!*

Ele assente e coça o queixo.

— Pelo menos não pegaram minha barba.

Lydia não consegue parar de pensar no homem, mesmo depois de estarem bem longe dele, mais para dentro da cidade, onde precisam encontrar café da manhã e reabastecer o suprimento de água. Como podia fazer uma piada assim, um homem tão carente que teve até os sapatos roubados? Lydia está racionando pasta de dente. Está com o cabelo oleoso e a pele seca. Tem consciência desses desconfortos diariamente. Ela pensa que, se alguém pegasse seus sapatos, desistiria. Seria a indignidade suprema. Ela pode sobreviver a dezesseis membros da família mortos, desde que os dedos dos pés não estejam nus diante do mundo.

Os quatro encontram um grande parque com amplas passarelas pavimentadas e uma série de banheiros químicos laranja que foram usados em um show no dia anterior. Luca se debruça na borda de uma fonte e mergulha os braços até os cotovelos. Lydia tem uma sensação crescente de que sua própria humanidade está sitiada. Assim, como uma defesa frágil contra esse

ataque, ela se permite gastar dez pesos em uma xícara de café de um ambulante. A cafeína atinge sua corrente sanguínea como um sonho de outra vida. Ela sorve devagar e permite que o vapor se enrosque em seu rosto enquanto pensa naquele homem e em seus sapatos. O encontro provocou nela uma sensação urgente sobre a importância dos sapatos. E decide destinar parte do dinheiro restante em sapatos novos agora. Ali em Hermosillo, nesse mesmo dia. Olha também para os pés das meninas e percebe que os tênis de ambas precisam ser trocados. Elas usam Converse de cano baixo. Os de Soledad são pretos, e os de Rebeca, cinza. Lydia diz a si mesma que os calçados estão desgastados e desbotados pelo sol, mas pelo menos são confortáveis e estão bem amaciados. Ela deseja ter um dinheiro extra. Esperam no parque até as lojas abrirem, e Lydia gasta quase metade da quantia restante em dois pares decentes de botas para ela e Luca. São apenas botas de couro comuns, com costuras fortes e solas grossas de borracha. Mas, não. São milagrosas, extraordinárias. São sandálias aladas mitológicas. São as botas que atravessarão o deserto até *el norte*. Lydia sente o que parece uma cratera se abrir no peito quando entrega o dinheiro.

* * *

Há muitos migrantes reunidos ao lado dos trilhos em Hermosillo, e alguns dos acampamentos parecem permanentes. Há um casal mais velho sentado em um sofá xadrez embaixo de uma lona, com a mulher cuidando de uma fogueira onde se esperaria uma mesa de café. Do lado de fora do caro portão, ninguém parece se importar que os migrantes estejam esperando La Bestia. A cerca termina na abertura do portão do outro lado dos trilhos e, logo depois, há dois guardas sentados à sombra de uma pequena cabana, esperando para abrir e fechar o portão quando o trem estiver pronto. O portão, como a cerca, é coberto com arame farpado, mas não há nada que impeça os migrantes de passarem deslizando por baixo, onde há uma brecha de uns sessenta centímetros que facilmente comportaria Luca. Qualquer um poderia passar por baixo da cerca ali, e os guardas não parecem interessados em evitar isso, mas ninguém tenta. Eles se contentam em esperar do lado de fora do portão, onde, como informam os outros migrantes a Lydia, o trem acabará saindo de sua gaiola, lentamente, e todos embarcarão.

A espera ali com os outros migrantes parece a mais longa extensão de horas da vida de Soledad. Desde que Luca disse a ela o quanto estavam perto *de el norte*, ela imagina conseguir sentir o cheiro no horizonte, de McNuggets e tênis da Nike novinhos. Ela quase pode vê-los cintilando ao longe, e todo o seu corpo se contrai de expectativa. Inclina-se para o norte com a coluna, os olhos e os pulmões. Enquanto os outros dormem naquela noite na terra fria e compactada contra a parede de blocos de concreto dos jardins vizinhos, ela anda pelos trilhos ao luar, tensa com o medo de que algo mais aconteça agora que estão tão perto, de que algum novo horror se abata sobre eles e roube o sonho quase realizado. Ela tenta cochilar e, quando a cabeça começa a latejar, percebe que está prendendo a respiração.

De manhã, um morador coloca uma mangueira por cima do muro do jardim para que os migrantes possam escovar os dentes, molhar o rosto e encher os cantis. Um contingente de senhoras mais velhas caminha pelos trilhos, distribuindo bênçãos com sanduíches e pickles caseiros. Um guarda da cabana chama Luca e lhe passa um pirulito de uva pela cerca de arame. Lydia está atenta o tempo todo agora, por Lorenzo ou por alguém feito Lorenzo, que possa reconhecê-la. Sempre que há um atraso desse tipo, cresce a preocupação dela de que ele os alcance, de que ele aparecerá vindo ao encontro deles a qualquer momento. Ou que outra pessoa tenha tempo demais para pensar no assunto e que de repente tudo se encaixe! Que tenha um momento de revelação! Ela mantém a aba do horroroso chapéu rosa sobre o rosto o tempo todo.

— Mami, posso usar meus tênis? — pergunta Luca.

Ele está usando as botas novas desde ontem, e elas estão duras. Ela quer que ele amacie o calçado, mas precisa ser aos poucos. Não faz sentido deixar o filho com bolhas antes mesmo de chegarem ao deserto. Os tênis azuis estão amarrados pelos cadarços e pendurados em uma tira da mochila.

— Pode trocar — diz ela.

Quando ele tira as botas, ela as amarra da mesma maneira. Ela também troca para os sapatos antigos.

Já é quase hora do almoço quando se ouve um guincho do rádio na cabana dos guardas, e os migrantes se sentam, atentos. Minutos depois, os guardas abrem os portões caros e o trem aparece ao longe. A gaiola está aberta, e agora tudo o que precisam fazer é esperar o gigante de ferro se aproximar lentamente. Os migrantes embarcam em grupos, mulheres e crianças primeiro. Os homens

ajudam enquanto os guardas observam. Um guarda chega a jogar de volta uma mochila que caiu do trem para um dos migrantes.

Lydia faz contato visual com Soledad.

— Não se esqueça de ter medo — diz ela.

— Isso não é normal — responde Soledad.

Mas elas sobem depressa. Com facilidade. E o trem não ganha velocidade substancial até que todos estejam a bordo, quase como se o maquinista estivesse preocupado em acomodar os migrantes com segurança. Para dar-lhes um empurrãozinho. Lydia faz o sinal da cruz de qualquer maneira. Ela traça o sinal da cruz na testa de Luca todas as vezes.

E então algo estranho acontece durante a viagem de Hermosillo para o deserto de Sonora: eles começam a perceber outros migrantes seguindo na direção oposta. São poucos, a princípio, dois a pé e depois outros dois, e Lydia não consegue imaginar de onde eles estão vindo, caminhando para o sul daquela forma, surgindo do que parecem infinitos trechos de deserto vasto e árido. Sem dúvida são migrantes. Ela não tem certeza de como sabe disso, mas sabe. Ainda assim, há algo diferente neles, além de estarem viajando na direção errada. Lydia não consegue identificar o que é. Então, apenas poucos quilômetros ao norte de Hermosillo, uma segunda linha de trilhos se aproxima ao lado deles. Como a grande maioria das ferrovias mexicanas é formada por linhas de pista única, de vez em quando existem esses leitos, essas rampas de saída em miniatura, em intervalos para que um trem possa sair do caminho e ficar parado, aguardando a passagem de outro vindo da direção oposta. Dessa forma, os trens podem passar um pelo outro, ao norte e ao sul, e continuar usando a mesma linha de trilhos até seu destino. É em um desses leitos que eles veem um trem a caminho do sul agora parado, e Soledad se estica e protege a vista da claridade para ver melhor quando chegam perto. Ela achava que podia estar sendo enganada, mas não, é aquilo mesmo: o trem do sul está cheio de migrantes. Eles acenam, saúdam e cumprimentam os outros quando o trem do norte diminui a velocidade até ranger nos trilhos.

— Aonde eles estão indo? — pergunta Rebeca a ninguém em particular.

A segunda linha de trilhos é separada da deles por um espaço de apenas cerca de dois metros, e um menino, não muito mais velho que Luca, está de pé no topo do trem do sul. Ele parece estar avaliando se consegue ou não saltar pelo vão entre os dois. Um grupo de homens grita e gesticula bruscamente para ele, que decide descer a escada mais próxima e pular para o chão. Então ele

corre ao lado do trem que vai para o norte. O trem segue bem devagar agora, e Luca, espantado, se debruça na borda para observar o garoto correndo lá embaixo. Ele olha para Luca e sorri. Segura a escada do vagão de carga em movimento e se pendura. Luca se inclina para trás e espera a cabeça do garoto aparecer no topo do vagão, preto e brilhante à luz do sol do deserto. Do trem parado, as pessoas comemoram pelo embarque bem-sucedido do garoto, que responde aos berros, todos sorrindo e acenando.

— *¡Vaya con Dios!* — grita o garoto para os homens que está deixando para trás. — *¡Ya me voy para el otro lado!*

Mais uma comemoração.

— Tenha cuidado, e que Deus abençoe você! — grita outro homem.

E então o trem volta a ganhar velocidade, o rangido dos trilhos retoma seu rumor estridente, e o garoto caminha até eles sem sequer se agachar e depois desaba sem muito cuidado. Ao contrário da maioria dos migrantes, o garoto não leva nada, nem um chapéu para proteger o rosto escuro do sol. Por conta disso, seus traços estão ressecados e queimados. Ele tem os lábios rachados com cascas esbranquiçadas, mas as rachaduras não interferem no brilho de seu sorriso. Ele estende a mão para dar um soquinho no punho de Luca, que responde instintivamente, como qualquer garoto de oito anos faria, sem sequer pensar.

— *Qué onda, güey?* — pergunta o garoto, usando a gíria da fronteira que o classifica imediatamente como um nortista.

Luca não sabe exatamente o que *qué onda, güey* significa, porque não conhece ninguém que fale assim, mas entende o suficiente para saber que é uma saudação amigável, então responde dizendo “olá”. Lydia, que acreditava que sua capacidade de se surpreender havia se esgotado, fica atônita com a chegada do garoto. Não sabe o que fazer com ele. Por um lado, ele passa a impressão instantânea de ser gregário, amigável, carismático. Por outro, desconfia de todos que conhece agora e, embora a criança pareça muito nova, ela sabe que os meninos dessa idade são os principais candidatos ao recrutamento das gangues. E por que ele está sozinho? Por que está sendo tão amigoso com Luca? Ela passa um braço defensivamente ao redor do filho. O rosto da criança é redondo, os olhos, o nariz e as bochechas: é tudo redondo. Suas pálpebras parecem inchadas, mas os olhos negros por baixo são claros e intensos. A respiração dele chia um pouco e, sob o olhar de todos, ele retira um

inalador do bolso da calça jeans, agita-o vigorosamente, coloca-o nos lábios e dá uma tragada. Então respira fundo e tosse um pouco.

— Está vazio. — Ele dá de ombros, guardando o inalador no bolso. — Mas a lembrança do remédio ajuda.

Luca sorri, mas Lydia franze a testa.

— Você vai ficar bem sem isso? — pergunta ela.

Mesmo com sua desconfiança instintiva, ela não deixa de ser uma mãe, e ninguém consegue fingir um chiado daqueles.

O garoto tosse novamente, uma, duas vezes, e depois cospe algo sólido lá embaixo.

— Vai passar em um minuto — responde ele, chiando.

Eles o observam em busca de sinais de alguma emergência, embora não saibam como poderiam ajudar se a crise não passar. Ele se senta com a postura ereta, olha a paisagem, dobra as pernas na forma de um pretzel e se concentra em respirar lentamente. Enquanto faz isso, Lydia fica aliviada ao ver um buraco na sola de seu tênis. Um garoto com um inalador vazio e um tênis furado não poderia pertencer a uma gangue ou um cartel.

Depois que consegue recuperar o fôlego, o garoto se vira para Luca e diz:

— Eu sou o Beto. Qual é seu nome?

— Oi, Beto. Eu sou o Luca.

Beto assente. O trem passa por uma vila que parece ter brotado do outro lado dos trilhos — nada mais que um aglomerado de casas da mesma cor enferrujada da terra e duas *taquerías* concorrentes uma em frente à outra na rua solitária.

— Sua respiração está melhor agora? — pergunta Luca.

— Sim, está bem. Acontece sempre que corro muito rápido, mas a gente aprende a ficar calmo até passar, porque, se surtar, vai piorar.

Luca assente.

— É legal conhecer outra criança — anuncia Beto. — Não vejo muitas por aqui. Quantos anos você tem?

— Oito.

— Tenho dez. Quase onze, na verdade. — Ele diz isso como se fosse um velho muito sábio.

Luca tem aproximadamente mil perguntas para Beto, mas tê-las todas tão concentradas, todas juntas no cérebro, só serve para que nenhuma se solte e passe pelo gargalo da mente. Lydia aproveita a brecha do silêncio de Luca.

— Beto, você está viajando sozinho? — Luca percebe que sua mãe tenta não transparecer nenhum julgamento, mas o esforço não é lá muito bem-sucedido.

Beto não demonstra se importar, ou sequer perceber.

— Sim, só eu. — Ele sorri, mostrando a ausência de dois dentes de baixo, um canino e um molar, lado a lado; uma janela dupla.

Beto enfia a língua no espaço.

Agora é a vez de Soledad.

— Você estava viajando para o sul?

— Estava. Por um tempo. Mas agora vou para o norte — diz ele, sem ironia.

Soledad não sabe muito bem o que responder, mas Beto evita o problema mudando de assunto.

— *Guanu*, você é muito bonita — comenta ele. Soledad pisca, mas não responde. — Deve ser um pé no saco, hein?

Ela ri.

Ele se volta para Luca.

— E então, de onde vocês são?

Luca olha para Mami, que assente discretamente.

— Mami e eu somos de... Puebla — improvisa. — E as irmãs são equatorianas.

Beto assente. A mentira não faz diferença nenhuma. Por ele, poderiam muito bem vir da Antártida ou de Marte.

— E você? — pergunta Luca. — De onde você é?

— Eu sou de Tijuana — diz Beto. — Mas chamamos de TJ. Nasci lá, no *dampe*.

Uma informação totalmente esquisita. Tão estranha, na verdade, que Luca nem sabe se entendeu. É mais uma palavra desconhecida, *dampe*. Luca olha para Mami buscando a tradução, mas ela também parece confusa.

— O que é um *dampe*? — pergunta ele.

Beto sorri.

— Você sabe, um *dampe*, onde as pessoas jogam lixo. Os caminhões passam. Você sabe, um *dampe*.

— Tipo um *vertedero*? — retruca Luca, usando a palavra em espanhol para “lixão”.

— Isso, um *vertedero*.

Lydia, por ter o inglês um pouco mais sofisticado que o de Luca, começa a entender que a língua nativa daquele garoto não é exatamente o espanhol do México, nem o inglês dos Estados Unidos, mas um tipo de híbrido de fronteira semântica. Ainda assim, essa percepção não esclarece o que o garoto quer dizer com “nasci em um *dampe*”. Luca literalmente coça a cabeça — e Lydia percebe que não viu o filho fazer tal gesto desde a dizimação de sua família. Na verdade ela nunca havia notado isso, e, portanto, não sentiu falta quando desapareceu, mas agora, vendo o filho fazer o gesto novamente, fica chocada ao se dar conta de que o trejeito, um polegar em cima da orelha, três dedos esfregando o cabelo, é específico da curiosidade intelectual de Luca. É um tique que acontece apenas quando ele fica intrigado com alguma coisa, quando acha algo interessante. O reaparecimento desse gesto, portanto, parece a Lydia uma evidência de que seu filho pode sobreviver, de que ele talvez seja capaz, depois de quinze dias e dois mil e duzentos quilômetros, de se perder temporariamente em um momento de curiosidade. A sensação que pulsa no seu esterno é *esperança*.

— Então você nasceu em um lixão? — insiste Luca, com cuidado, tentando não ser grosseiro, e sem entender que não há nada de descortês na pergunta, porque Beto não tem vergonha de sua origem nem, aliás, consciência de que sua origem possa incitar algum desconforto em outras pessoas.

Sua origem é simplesmente sua origem, e ele conta a história sem qualquer tipo de percepção do efeito que isso pode provocar.

Ele ri.

— Sim, bem, não nasci *no lixo*, na verdade. Só perto. Em Colonia Fausto González. Já ouviu falar?

Luca balança a cabeça.

— É meio famoso — diz Beto com orgulho.

Lydia sabe um pouco sobre as colônias de Tijuana porque leu os livros, porque Luis Alberto Urrea é um de seus escritores favoritos e escreveu sobre os lixões, sobre crianças como Beto que moram lá. Essa chama de reconhecimento lhe dá a sensação de já conhecer o menino, pelo menos um pouco, mas é também algo meio oco, uma sombra na parede. Porque embora ela possa compreender ligeiramente as circunstâncias de sua vida, não conhece *aquela criança*. Ainda assim, essa familiaridade basta para derrubar a barreira que tinha erguido para ele.

E então Beto conta toda a história de sua vida, sem parar, sem nem mesmo tomar fôlego: não se lembra do pai, que foi para *el norte* quando Beto ainda era bebê. Mas se lembra de sua mãe, uma catadora de lixo em *el dampe*, antes de o lixão ser fechado. E se lembra do irmão mais velho, Ignacio, que ainda está em *el dampe*, enterrado sob uma cruz azul-celeste pintada à mão, com o nome de IGNACIO e as palavras MI HIJO, 10 AÑOS.

Beto lembra a Luca que ele mesmo tem dez anos e explica que essa é a idade que seu irmão, Ignacio, tinha quando foi esmagado pelo pneu traseiro de um caminhão de lixo ao correr atrás da esfera milagrosa, redonda e sem mácula no meio do lixo. Um tesouro sem precedentes. Beto, que tinha oito anos e estava por perto na hora, ficou tão surpreso com os gritos de Ignacio que não conseguiu resgatar a bola para o irmão moribundo. (Um garoto cheio de espinhas chamado Omar acabou ficando com o troféu.) Por causa da maciez do solo sob os pneus do caminhão, explica Beto, Ignacio não foi totalmente esmagado, mas pressionado contra o lixo embaixo dele — na medida certa para sobreviver por três dias terríveis. Não muito depois disso, e da cruz azul-celeste, a mãe de Beto também desapareceu, primeiro em um estupor bêbado, depois em uma nova névoa mais rançosa e, finalmente, no éter.

Beto tem medo de fazer onze anos, porque parece uma traição ao irmão.

— Mas acho que seria pior não fazer onze, certo? — Ele ri, e Lydia e as irmãs tentam acompanhar.

Luca não ri, mas se sente compelido a dar ao garoto algo em troca da história. Abre o bolso lateral da mochila em seu colo e pesca seu protetor labial sabor laranja e manga. Ele o oferece a Beto, que aceita sem dizer nada, retira a tampa, passa nos lábios e, em seguida, solta um *ah* alto. Devolve o protetor labial para Luca e não diz obrigado, mas Luca sabe que o *ah* foi uma expressão de gratidão.

— Então, espera — diz Soledad, enfim se colocando de frente para ele. — Tijuana não fica bem na fronteira?

— Sim, fica — responde Luca, olhando para Soledad com aprovação.

Ela o encara.

— Você não é o único capaz de ler um mapa aqui — diz ela, voltando-se em seguida para o recém-chegado. — Então, o que você está fazendo aqui se já estava na fronteira? Por que estava voltando para o sul? Você e todos aqueles outros migrantes?

— Ah, aqueles caras foram todos deportados.

Soledad se encolhe.

— Todos eles?

— Claro. — Beto dá de ombros. — TJ está cheio de deportados. Tem mais gente indo para o sul do que para o norte em Tijuana. Dá para diferenciar eles dos migrantes normais por causa dos uniformes.

— Uniformes? — questiona Luca.

— Sim, todos os migrantes usam o mesmo uniforme, certo? Jeans sujos, sapatos detonados, boné de beisebol.

— Você não está de boné — observa Luca.

— Não sou um migrante de verdade. Só faço o tipo.

— Então, qual a diferença nos deportados? — Soledad o puxa de volta ao assunto.

— Eles são assombrados pelos gritos de seus filhos abandonados *en el norte*.

Todos olham para ele.

— É brincadeira — diz ele. — É que eles não têm mochilas.

Lydia estala os dedos.

— As mochilas! Sim, era isso que estava faltando. As mochilas.

— Por que eles não têm mochilas? — pergunta Luca.

— Porque eles foram deportados. Eles moram nos Estados Unidos, *güey*. Sabe, há muito tempo. Uns dez anos, por aí. Desde que eram bebês, talvez. E então um dia eles estão indo para o trabalho, ou voltando da escola, ou jogando futebol no parque, ou comprando tênis novos no shopping, e então *bam!* São deportados apenas com a roupa do corpo. Então, se não estiverem carregando uma mochila quando forem pegos pela *migra*, eles vêm de mãos vazias mesmo. Às vezes, as mulheres estão de bolsa ou coisa parecida. Eles não vão para casa fazer as malas. Mas costumam estar com roupas boas, pelo menos. Sapatos limpos.

Lydia agarra a mochila. Não quer pensar nisso. O sonho de chegar aos Estados Unidos é a única coisa que os mantém naquele momento. Ela não está preparada para começar a pensar em todas as coisas horríveis que podem acontecer depois, se tiverem a sorte de alcançar esse primeiro objetivo mais fundamental.

Soledad se encosta e morde o lábio.

— Então, quando são deportados, eles simplesmente desistem e vão para casa? Por que não tentam atravessar de volta?

— Alguns tentam — explica Beto. — Mas agora é impossível atravessar em Tijuana. Só com muito dinheiro ou trabalhando para um dos cartéis. Eles têm túneis. Alguns anos atrás, era fácil. Eu até conheci uns caras do *el dampe* que ganhavam um dinheiro com a travessia de migrantes. A cerca estava cheia de buracos, e tinha também escadas, barcos... Mil jeitos de atravessar.

— E agora?

— Agora é uma zona de guerra, cheio de drones, câmeras e *la migra* só esperando por lá feito uma gangue de goleiros que ganham uma fortuna. Além disso, os deportados têm dinheiro. Ficaram todos ricos de trabalhar no norte. Então, podem pagar por umas férias antes de voltar. Eles vão para casa fazer uma visita.

Soledad morde a parte interna da bochecha, nervosa.

— Mas não se preocupe — diz Beto. — Nogales deve estar melhor. Quer dizer, é mais fácil atravessar, porque ninguém quer atravessar o deserto, sabe, então não tem tanta patrulha de fronteira. Por isso não tentei atravessar em TJ. Estou indo para Nogales.

Beto comprime os lábios, e Luca sente cheiro de laranja e manga. Isso causa nele uma sensação de alegria.

— É para onde este trem está indo, certo? Nogales? — pergunta Beto, apoiando-se nos cotovelos e esticando as pernas.

— É, sim — diz Luca.

— Tem mais um cruzamento importante — diz Beto. — Em Benjamín Hill, os trilhos se dividem. Bem a caminho de Nogales, ou a oeste para Baja. Quando estava descendo, eu devia ter saltado lá e trocado de trem, mas não paramos, então continuei seguindo para o sul até chegarmos naquele local. — Ele suspira. — Espero que a gente não volte para Tijuana. Imagine só fazer uma excursão turística com La Bestia pelo campo e terminar de novo em *el dampe*?

Soledad resmunga.

— Então quer dizer que podemos ter que mudar de trem de novo? Estando tão perto?

— Vamos ter que esperar para ver — diz Beto, enfiando a mão no bolso e tirando um punhado de sementes de girassol.

Ele mastiga e cospe as cascas para fora do trem, sem se levantar. Ele oferece as sementes para os outros, mas suas mãos estão suadas, e ninguém aceita sua generosidade.

— Há quanto tempo você está viajando? — pergunta Soledad.

— Faz só alguns dias. Acho que é meu terceiro ou quarto dia. Aquela é sua irmã?

Ele aponta para Rebeca com o queixo. Ela só olha para eles de soslaio, observando a passagem da paisagem impossível: o verde brotando da terra empoeirada, o arco de um tom quente de azul acima deles, o marrom serrilhado das montanhas distantes, a cada vez mais rara visão de um veículo na rodovia paralela.

— Sim, aquela é Rebeca. E eu sou Soledad.

— Por que ela está tão quieta? Ela não fala?

Rebeca vira o rosto para ele, mas não o encara.

— Falava. Mas não falo mais.

Beto se senta e bate o sal e os restos das sementes de girassol da ponta dos dedos.

— Está certa.

Duas horas depois, o trem diminui a velocidade, mas não para ao passar pela pequena cidade de Benjamín Hill, e Luca ganha coragem ao ver que, depois que o emaranhado de trilhos recua para uma única linha, eles emergem na rota mais oriental, que segue para o norte em direção a Nogales.

Santa Ana, Los Janos, Bambuto, confere, confere, confere. No início da tarde, Luca vê um avião voando baixo, cada vez mais baixo e aumentando de tamanho, até parecer que vai bater no trem. Todos se agacham e se deitam, colados no topo de La Bestia, ao passarem pela pista do Aeroporto Internacional de Nogales.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Nogales faz com que eles se sintam quase como se já tivessem chegado aos Estados Unidos. O trem diminui a velocidade e atravessa a cidade fazendo muito barulho. Luca nunca viu ruas tão largas. Os carros são maiores. Há uma lata gigante de Coca-Cola no alto de um prédio e inúmeras torres de rádio quase tocando o céu. E então... todos veem ao mesmo tempo. Uma enorme placa de sinalização verde com letras brancas e uma seta. A placa tem apenas três letras: EUA.

Soledad começa a chorar. Nem tenta se controlar: deixa as lágrimas escorrerem e o ranho encher e transbordar do nariz, limitando-se apenas a limpar com o pulso. Rebeca a abraça, aumentando ainda mais o choro da irmã.

— Conseguimos — sussurra ela para a caçula.

Beto se levanta em cima do trem (atitude que deixa Lydia instantaneamente à beira da histeria) e diz, sem crueldade intencional:

— Ainda não, vocês não conseguiram.

Luca belisca a parte de trás da perna do garoto.

— Ai! — diz Beto. — Quer dizer, vão conseguir. Vão, sim.

— Você não tem ideia de como chegamos longe — diz Soledad. — Ainda que só para ver.

O trem diminui a velocidade e dá o solavanco com que todos já se acostumaram. Beto cambaleia um pouco, um ou dois passos à frente, meio passo atrás, e Lydia não consegue mais se segurar e grita:

— Pelo amor de Deus, senta aí! Quer morrer? Você não é de borracha!

Em seguida fica constrangida, porque não era para ter soado tão severa em seu rompante, mas Beto se senta sem discutir e sorri. Ela aperta o peito.

— Obrigada — diz.

Eles esperam o trem parar antes de descerem. Não há estação ali, mas o trem parou em um sinal vermelho, nem tão longe a ponto de terem que andar quilômetros nem tão perto a ponto de darem de cara com *la migra*.

Assim que põe os pés no asfalto, Lydia sente um tremor de empolgação percorrer o corpo. Ela sente a exaustão da jornada deixando seus ombros, todo o trauma, a dor, a culpa e o horror submergem sob uma pele de novas possibilidades. Ela se vira novamente para a escada e levanta Luca pelas axilas.

— Mami, eu consigo — diz ele, e Lydia percebe que a presença de Beto devolveu mais uma das características temporariamente suspensas de seu filho: vergonha dos pais. Ela fica feliz de ver isso.

— Desculpe — diz.

— Estão com fome? — pergunta Beto. — Estou morrendo de fome, vou atrás de um *lonche*. Querem vir?

— *Lonche*? — pergunta Luca.

— *Almuerzo* — traduz Mami. Almoço.

— Sim, eu quero um *lonche* — diz Luca.

— Eu comeria um *lonche* — concorda Soledad.

Lydia pensa no dinheiro que lhes resta: pouco mais de cem dólares. Eles precisam comer, mas o dinheiro não vai durar muito.

Beto vê sua hesitação.

— Eu pago — diz ele.

O grupo segue para o norte na avenida principal e, quando Beto avista uma *birriería*, eles param e pedem cinco porções do ensopado picante. Quando o menino abre o bolso para pegar o dinheiro, Lydia vê o grande maço que ele tem lá e, de repente, seu medo retorna. Eles haviam sido tolos de confiar naquele garoto assim tão fácil, independentemente do buraco no sapato e do inalador vazio. Nenhum garoto de dez anos deveria andar com todo aquele dinheiro em Nogales. Lydia sabe que existe apenas uma fonte de renda potencial para uma criança assim. Ela paralisa, mas o vendedor está lhe entregando uma tigela de isopor com vapor perfumado ao redor do cabo da colher. Sem se controlar, ela avança para a comida. A última vez que comeram bem foi em Culiacán. Suas suspeitas podem esperar até depois do *lonche*.

— *Ay, Dios mío*, obrigada — diz Soledad, de boca cheia.

Beto assente.

— Vamos ver, eu quero ver — pede Soledad.

— É só olhar — retruca Beto, apontando com a colher.

Soledad segue a direção da colher e vê, a menos de meio quarteirão de onde estão virados para o norte, tremulando contra o sol forte, as listras vermelhas e brancas e o campo azul estrelado da bandeira americana.

— Está bem ali? — pergunta ela, esquecendo a comida por um momento.
— Não é aquilo ali, é?

— É, sim. — Beto enfia uma colherada na boca.

— Mas parece tão... — Soledad não sabe como terminar a frase.

A rua termina em um aquário de concreto: uma fileira de lojas à direita, belos edifícios do governo à esquerda e um muro bem na frente, encimado por um segundo muro, que por sua vez é encimado por um terceiro muro, este, coberto com arame farpado e com câmeras instaladas. É atrás desse muro, estendendo-se bem alto, que a bandeira americana balança suavemente com a brisa. Apenas a alguns metros de distância, deste lado da cerca, uma bandeira mexicana também tremula.

— Olhem — diz Beto, apontando para a mexicana. — Este é o problema, certo? Estão vendo aquela bandeira americana ali? Toda colorida e brilhante. Parece nova. Agora olhem para a nossa. Toda detonada e esfarrapada. O vermelho nem parece mais vermelho. Está rosa.

Luca e as irmãs caminham na direção da bandeira mexicana e passam por ela. Eles se aproximam do muro em uma parte de tela aberta, onde conseguem ver do outro lado. Lydia fica para trás com Beto, que já viu tudo aquilo antes. É bom ter um minuto a sós com ele. Ela quer interrogá-lo sobre o dinheiro.

— É como se não tivéssemos orgulho, como se nem ligássemos — diz Beto.
— Quer dizer, por que a bandeira deles precisa estar tão mais alta? É tão difícil assim conseguir um mastro maior?

Lydia olha para cima e vê que ele tem razão. A bandeira mexicana ali parece esfarrapada e desbotada, enquanto a vermelha, branca e azul logo atrás está imaculada, como se tivesse sido substituída nessa manhã.

— Não sei — responde ela. — Imagina só como seria caro trocar essa bandeira toda semana. Que diferença faria?

Beto joga a colher em uma floreira e leva o isopor à boca.

— Parece nacionalismo exagerado, na minha opinião — diz Lydia.

— Parece o quê?

— Desperdício de dinheiro.

— Acho que sim. — Beto dá de ombros. — Quer dizer, esses *estadounidenses* são obcecados pela bandeira deles.

Ele vira o resto do ensopado na boca e joga o isopor na floreira.

— Posso te perguntar uma coisa? — diz Lydia. — Falando em dinheiro?

— Claro. — Mas quando ouve a palavra “dinheiro”, ele fica desconfortável.

Ela pigarreia.

— Não pude deixar de notar que você está carregando uma grade quantia.

Beto leva a mão instintivamente ao bolso. Lydia fica de olho em Luca e nas irmãs enquanto se abaixa para pegar a colher e a tigela descartadas de Beto. Ela coloca sua própria tigela de ensopado pela metade na borda da floreira e leva o lixo de Beto para uma lixeira ali perto. Quando volta, ele está sentado na floreira, ao lado de sua *birria*. Ela pega o pote e se senta ao lado dele, levando outra porção à boca.

— É meu dinheiro. Eu não roubei.

— Não — diz Lydia. — Não estou acusando você.

— Também não fiz nada de ruim para conseguir.

Lydia continua comendo.

— Não é da minha conta, eu sei — diz, entre uma colherada e outra. — Mas é claro que fiquei curiosa. Às vezes, dinheiro é motivo de preocupação. Especialmente aqui. Especialmente quando é uma pessoa muito nova, sem emprego ou família rica, que tem muito dinheiro.

Beto olha fixamente para um chiclete mascado ao lado de seus pés.

— Eu poderia ter um tio rico.

Lydia franze a testa.

— Olha, você parece um garoto legal, mas já tivemos problemas demais. Não conseguimos dar conta de mais um.

Beto se empertiga e responde, na defensiva:

— Consegui o dinheiro vendendo umas coisas.

Lydia coloca a colher na tigela de isopor vazia e espera um pouco; como ele não continua, ela instiga:

— Que tipo de coisa?

Beto apoia os cotovelos nos joelhos, o que não é fácil para ele, já que seus pés quase não alcançam o chão.

— Encontrei uma arma. — Ele avalia a reação dela, mas Lydia não demonstra nenhum choque. — E algumas drogas.

Ela assente.

— Está bem.

— E na verdade nem vendi essas coisas, só devolvi para o cara no *dampe* que provavelmente era o dono.

— Então o dinheiro foi mais uma recompensa?

— É, acho que sim. Ele me perguntou se eu queria trabalhar para ele, e eu disse que o que queria mesmo era sair do *dampe* e ir para o norte, então ele me deu o dinheiro.

— Mas tanto assim?

Beto dá de ombros.

— Acho que ele se sentiu mal por mim por causa de Ignacio e do resto. Todo mundo no *dampe* tinha pena de mim depois daquilo e depois que minha mãe desapareceu.

Lydia morde o lábio.

— Ele nem contou o dinheiro. Foi até o cofre e pegou um maço gordo de notas. Me disse para ir a Nogales se eu quisesse mesmo atravessar.

— Ele nem contou?

— Não.

Lydia não acha que ele se daria o trabalho de mentir. Ele parece completamente inocente, e não deve nenhuma explicação a ela, de qualquer maneira. Mas é muito improvável. Por que alguém daria tanto dinheiro a uma criança? Como parece quase impossível ofender Beto, ela continua:

— Tem certeza de que não pegou o dinheiro quando ele estava dormindo ou coisa parecida?

Ele ri.

— *Güey*, só tendo uns *huevoz* e tanto para fazer algo assim! — Ele balança a cabeça. — Só se eu quisesse morrer.

— Está bem.

— Eu não quero morrer — esclarece ele. — Eu gosto de estar vivo.

— Que bom — diz ela.

— Apesar de tudo.

Lydia esmaga a tigela de isopor na mão sem querer, e um pouco de molho escorre. Ela limpa a mão na calça e olha para o rosto redondo de Beto. *Ele é um filósofo*, ela pensa. Pode não ser refinado, mas sabe o que diz, e sua abertura é uma provocação. *Apesar de tudo, ele gosta de estar vivo*. Lydia não sabe se isso vale para si mesma. Para as mães, a questão é imaterial. A sobrevivência dela é mais uma questão de instinto do que desejo.

— Se você quer saber a verdade, acho que é mais do que ele pretendia me dar — confessa Beto de repente. — Ele estava muito chapado.

— Ah! — Aquilo fazia mais sentido.

— Eu disse a ele que devolveria quando conseguisse um emprego no outro lado, mas ele disse: “Depois que atravessar, simplesmente siga em frente. Nunca mais olhe para trás.”

Lydia assente.

— Então foi isso?

— Foi isso. E aqui estou eu!

— Aqui está você.

Luca olha para eles, um pequeno bumerangue de segurança — apenas verificando se eles ainda estão lá. Então volta o olhar para o norte.

— E ninguém está vindo atrás de você, certo?

— Espero que não — diz ele. — Pago meus impostos, nunca fui preso, sempre paguei a pensão alimentícia. — Ele pigarreia e cospe na calçada. Estreita os olhos para o muro, ao norte. — Sou um homem livre.

Lydia começa a rir.

— Você é uma figura.

— É o que sempre dizem. Figura.

Ela joga a tigela no lixo.

— Bem, parece que você estava precisando de um pouco de sorte mesmo.

— É isso aí, é a minha vez — diz ele. — *Darle la vuelta a la tortilla*.

— Então, como você vai atravessar? — pergunta ela. — Você tem planos?

Beto se estica e estuda *la línea* de onde estão sentados. Parece tão impenetrável quanto em TJ.

— Às vezes, as crianças vão direto ao estande e se entregam — diz ele. — Algumas pessoas da América Central podem conseguir asilo. Você sabia disso?

— Claro, ouvi falar sobre as caravanas.

Lydia ouvira falar das caravanas de migrantes vindas da Guatemala e de Honduras como as pessoas de situação confortável que levam vidas estáveis ouvem falar da miséria. Ela ouviu as histórias no rádio enquanto preparava o jantar em sua cozinha. Mães empurrando carrinhos de bebês por milhares de quilômetros, crianças pequenas andando até furar as sandálias Crocs cor-de-rosa, centenas de famílias se unindo em busca de segurança, formando uma multidão rumo ao norte por semanas, pegando carona nas traseiras de caminhões ou em La Bestia sempre que possível, dormindo em igrejas e estádios de futebol, indo pedir asilo. Lydia ouviu essas histórias cortando cebolas e coentro na cozinha. Eles fugiam da violência e da pobreza, de gangues mais poderosas que seus governos. Ela ouviu sobre o medo e a determinação

deles, sobre como estavam decididos a chegar aos Estados Unidos ou morrer tentando, porque assim tinham mais chance de sobreviver do que se ficassem em casa. No rádio, Lydia ouviu aquelas mães cantando para seus filhos na travessia e sentiu uma pontada de comoção. Jogou legumes picados no óleo quente, e a panela chiou em resposta. A dor que Lydia sentiu tinha muitas partes: raiva da injustiça, preocupação, compaixão, desamparo. Mas, na verdade, era um sentimento pequeno que, quando ela percebeu que estava sem alho, foi absorvido pela irritação doméstica. O jantar ficaria sem graça. Sebastián não ia reclamar, mas ela registraria a leve desaprovação em seus traços e se sentiria provocada. Tentaria não começar uma briga.

Beto está falando ao lado dela.

— Ouvi dizer que se sua vida está em perigo no lugar onde você morava, eles não podem mandar você de volta.

Para Lydia, soa como lenda, mas ela não pode deixar de perguntar:

— É preciso ser da América Central? Para pedir asilo?

Beto dá de ombros.

— Por quê? Sua vida está em perigo?

Lydia suspira.

— Qual vida não está em perigo?

CAPÍTULO VINTE E SETE

As irmãs ligam para o coiole de um telefone público. Agora, elas se sentem usuárias profissionais de telefone e fazem a ligação sem a assistência de Luca. Soledad diz ao coiole que elas chegaram a Nogales e agora têm mais três pessoas que querem se juntar à travessia.

— Eles conseguem andar? — pergunta ele. — Este é o pacote sem frescuras. Eles precisam estar em boa forma.

— Sim — assegura Soledad. — Eles estão bem.

— Onde vocês estão agora?

Soledad aperta o fone no ouvido e olha em volta.

— Não sei, estamos bem na fronteira. Perto dos trilhos do trem.

— Você consegue ver a bandeira americana, naquele grande edifício branco?

— Consigo.

— Ok, já sei onde vocês estão.

O coiole diz a ela para encontrá-lo em uma praça a alguns quarteirões de distância. Ele estará lá dentro de uma hora. Ela desliga o telefone animada. Conta a Lydia e aos meninos a notícia.

— Ele disse que tudo bem vocês virem. Mas temos que ir encontrá-lo agora.

Elas querem ligar para o pai primeiro, e tentam três vezes, mas, como é uma ligação internacional, e elas não entendem todos os códigos, finalmente precisam pedir a ajuda de Luca. No fim das contas, elas não têm dinheiro suficiente, então se contentam em fazer uma oração.

— Ele vai ficar bem — insiste Rebeca.

Se ela disser isso várias vezes, talvez vire realidade.

* * *

Na praça Niños Héroes, há bancos ornamentados pintados de um dourado vívido, mas, como todos na sombra já estão ocupados, Luca e Beto sentam-se

na beira de outra floreira, e Lydia, em um degrau baixo ali perto. As irmãs dão voltas pela praça, caladas, os braços cruzados com firmeza, e as cabeças inclinadas uma para a outra. Lydia vê as pessoas as observando, a beleza notável e a exaustão visível delas.

Lydia está preocupada com tantas coisas que não consegue avaliar apenas uma. Ela teme ficar em campo aberto assim, ser reconhecida. Sempre que alguém olha para ela e depois para o celular, a adrenalina atravessa seu corpo como um cavalo de corrida em miniatura. A sensação é maior no estômago e nas articulações. Ela se senta perto da parede com a mochila aos pés, onde imagina que chame pouca atenção. Esse é o único benefício de ser um migrante, de ter efetuado esse disfarce tão completamente: migrantes são quase invisíveis. Ninguém olha para eles, aliás; as pessoas se esforçam para *não* olhar. Ela espera que a indiferença geral se estenda aos *halcones*, se Javier os tiver ali em Nogales. Outra preocupação é o dinheiro. O quanto o coioote pode custar, como ela terá acesso à conta bancária da mãe e, mesmo que funcione, quanto dinheiro restará depois da travessia. Ela também se preocupa com o coioote. A poupança da mãe é sua última esperança, e a ideia de pegar todo esse dinheiro e entregar a um estranho é enlouquecedora. O que ela terá que perguntar a ele para atestar seu caráter? Depois que receber o dinheiro, que incentivo ele tem para levá-los ao destino em segurança? O que o impede de levá-los até o meio do deserto e deixá-los lá apodrecendo? E, finalmente, que escolha ela tem?

Luca e Beto conversam tranquilamente ali do lado, balançando os pés, batendo os calcanhares no concreto abaixo. Beto passa um galho pelo topo da floreira como se fosse um lápis. Luca arranca duas folhas de um arbusto e entrelaça seus caules, torcendo-as nos dedos. Então Lydia tem todas essas preocupações e, ao mesmo tempo, um novo entendimento sobre a futilidade de se preocupar. O pior pode até acontecer, e não há aflição que faça diferença no rumo das coisas. *Não pense*. Ela apoia os cotovelos nos joelhos.

* * *

Quando chega, El Chacal encontra as irmãs sem fazer esforço.

— *Dios mío* — diz ele, a título de introdução, balançando a cabeça.

Soledad sente a avaliação dele, observando os ângulos do rosto, o problema de sua beleza. Ela sente a hesitação que isso causa nele, e prefere ver hesitação

do que outra coisa. Fica aliviada ao vê-lo superar sua relutância. Ele assente.

— Soledad?

— Eu. E esta é minha irmã, Rebeca. — Ela aperta o cotovelo da irmã, que assente.

Ele é um homem pequeno, apenas um pouco mais alto do que elas. Tem o rosto bonito, com maçãs angulares e bem barbeado. Suas bochechas são um tom mais rosado que o resto da pele, o que lhe dá um aspecto alegre. Ele é magro e forte em sua calça Levi's e sua camiseta da Gap vermelha. Ele próprio parece um migrante, a não ser pelo Adidas novinho em folha.

— Onde estão os outros?

— Sentados. Lá. — Soledad vai até eles, com o coioate atrás.

— *Ay* — diz ele, quando os vê. — Uma mulher e duas crianças? — Ele balança a cabeça.

Os meninos conseguem ouvir e pulam da floreira.

— Você não precisa se preocupar comigo — diz Beto. — Tenho vinte e três anos, é só um distúrbio de crescimento.

Beto conhece as palavras *distúrbio de crescimento* porque uma das crianças que ele conheceu em *el dampe* tinha isso. Embora fosse da mesma idade de Beto, o garoto parou de crescer aos seis anos, e Beto continuou até ficar com o dobro da altura dele. Foi um dos padres de San Diego em visita ao local que lhes falou sobre distúrbios de crescimento. Não importava, porque saber as palavras não fez o garoto voltar a crescer. Beto sorri para o coioate.

— Vinte e três, *de verdad?* — pergunta El Chacal.

— Além disso, tenho a voz de um anjo — diz Beto, colocando então a mão no peito e começando a cantar.

Uma versão muito alta e não totalmente desafinada de alguma música pop que Luca já ouviu antes, mas não sabe como se chama. Quando chega à parte do rap, El Chacal pede que o menino pare.

— Mas é impressionante, não? — comenta Beto. — Eles me chamavam de J. Balvin de *el dampe*.

O coioate olha impassível para Beto, que improvisa um sapateado bem no meio da praça.

— Está bem, está bem, *siéntate*. — El Chacal não gosta de chamar a atenção.

Beto se senta de novo na floreira.

Lydia se levanta.

— Meu filho e eu viemos de Guerrero até aqui. Andamos em La Bestia. Nós somos capazes. Não vamos atrasar você.

Rebeca se pronuncia:

— Você nem imagina as coisas que esse garotinho é capaz de fazer. Ele pode caminhar por uma semana no deserto, se for preciso.

O coioote franze a testa e se vira para Soledad.

— Seu primo disse que eu tenho um bom histórico, não é?

— Disse.

— Sabe por que eu tenho um bom histórico?

Ela balança a cabeça.

— Porque não levo crianças. Não gosto de deixar pessoas para trás. Não gosto de pessoas morrendo no deserto. Então, só levo pessoas que não vão morrer.

Luca segura a mão da mãe.

— Eu não pretendo morrer — diz ele.

El Chacal se volta para o garoto e responde:

— Ninguém *pretende* morrer.

— Sim — admite Luca. — Mas eu pretendo *não* morrer. — Lydia prende a respiração. Pode ver que Luca está dizendo a que veio. — É diferente.

— Ah, é? — O coioote se inclina para trás para ver melhor o rosto de Luca sob o boné de Papi.

— Sim — diz Luca. — Eu considereei isso.

— Você considerou isso! — El Chacal ri. — Morrer?

— Claro.

— E?

— E ainda não estou interessado.

O coioote assente.

— Entendo.

— Então vou ficar vivo.

— Está bem.

— Com ou sem sua ajuda — diz Luca. Lydia aperta levemente a nuca dele.
— Mas, é claro, sua ajuda seria uma vantagem significativa.

Agora o coioote ri ainda mais.

— *Órale!* — Entrelaça as mãos. — Está bem, está bem.

Beto pula no chão. O garoto sabe quando ficar quieto; ele não diz uma palavra.

— Está bem — repete o coiole. Então olha para Lydia. — Você pode pagar? Ela tenta não expressar nenhuma reação, manter a voz tranquila.

— Qual é o preço?

— Cinco mil para você. Seis para cada criança.

— Dólares? — Lydia fica boquiaberta.

— Claro.

As irmãs pagaram apenas quatro cada uma.

— Mas pensei que...

O coiole interrompe.

— Não é uma negociação. Tenho *pollitos* suficientes para atravessar sem você. Não preciso do dinheiro. Se você quiser vir, esse é o preço.

Lydia fecha a boca. Ela não tem esse montante todo. Não sabe exatamente quanto falta, mas sabe que não vai dar. Ela sente o estômago afundar e, pela primeira vez em dias, acha que vai chorar. As narinas se contraem, é quase um alívio. Ela não tinha certeza de que ainda era capaz de chorar.

— Quanto custa isso em pesos? — Beto tira o maço de notas do bolso e começa a contar.

O coiole empurra as mãos de Beto.

— Guarde isso. Você está tentando ser morto ou simplesmente roubado?

Beto enfia o dinheiro de volta no bolso, enquanto o coiole olha em volta para ver se alguém os observa.

— Olha só, se vamos fazer isso, a primeira coisa que vocês têm que fazer é não serem idiotas, está bem?

Beto fica envergonhado e não faz nenhuma brincadeira.

— Tudo bem — diz ele com genuíno remorso. — Desculpe.

O coiole assente.

— Não faça nada até eu pedir, certo?

Beto assente mais uma vez.

— Vocês não fazem nem xixi ou espirram sem a minha permissão. E, pelo amor de Deus, não é para tirar um maço de dinheiro e começar a contar no meio da rua.

— Está bem.

El Chacal se vira para Soledad.

— Vai ser um quarto apertado no apartamento com superlotação, mas são só alguns dias.

— Apartamento? — Ela pega a garrafa de água na mochila.

Luca e Beto juntam suas coisas.

— Sim, um lugar que eu uso para a preparação. Vocês ficarão lá por um dia ou dois até que os outros cheguem. — Ele começa a andar, e Lydia pega a mochila para ir atrás dele.

— Preciso passar no banco primeiro — diz ela.

Ele olha para ela, as sobrancelhas erguidas, como se ela tivesse pedido para dar uma passadinha na Lua.

— Um banco?

— Sim. Para pegar seu dinheiro.

— Um banco! — repete El Chacal. — Talvez eu devesse ter cobrado mais de você! — Ele ri quando diz isso, e embora Lydia fique animada com sua inesperada simpatia e a risada fácil, não consegue rir também.

* * *

Lydia fica aliviada ao encontrar uma agência do banco da mãe nas proximidades e deixa Luca do lado de fora com as irmãs. O edifício parece recém-caiado de branco, deixando evidente o quanto ela está com a aparência cansada e suja. Lydia para alguns instantes para olhar seu reflexo na fachada. Está usando a mesma blusa azul de botões há três dias. Suas axilas estão úmidas, e o cabelo, um emaranhado. Espera cheirar bem, não sabe mais dizer. Lydia nunca usava maquiagem quando mais jovem, mas, desde que completou trinta anos, adquiriu o hábito de passar um pouco de pó quase toda manhã, uma leve cobertura para as linhas de expressão na testa. No trabalho, usava uma leve camada de rímel e um pouco de brilho labial nude. Ela lavava o cabelo a cada dois dias, e geralmente fazia um rabo de cavalo quando ia arrumar as prateleiras. A mulher refletida no vidro não se parece em nada com aquela Lydia de pouco tempo atrás. Essa mulher é mais magra e mais escura, com nós musculares no pescoço e nos braços. Essa mulher sem banho tem olheiras e um rosto sombrio. Ela deseja a armadura de sua pequena bolsa de maquiagem, pendurada pela alça em um gancho de madeira no banheiro de casa, mas a perplexidade é quase reconfortante. Talvez ninguém a reconheça pela fotografia de Javier, afinal. Ela também gostaria de tirar o chapéu e enfiá-lo na mochila, porque se sente ridícula, como se estivesse indo à igreja de maiô. Mas, mesmo com as mudanças na aparência, ela se sentiria muito exposta sem

ele. *Chega de desejar.* Há uma câmera de segurança montada em um suporte acima dela, e Lydia não quer aparecer ali. Abaixa o rosto embaixo do chapéu quando abre a porta do banco e entra.

No salão com ar-condicionado e iluminação fluorescente, Lydia fica imediatamente arrepiada. Seu corpo se desacostumou a confortos elétricos. Ela esfrega os braços para se aquecer, pega o cartão da mãe da bolsa e verifica o saldo da conta novamente no caixa eletrônico. Ainda está tudo lá, intocado: 212.871 pesos. Lydia sopra o ar pelos lábios entreabertos. Há um limite de retirada de 6.000 pesos por dia, e Lydia adiou esse momento por vários motivos, inclusive por não ter certeza de como ia conseguir colocar a mão no dinheiro sem a documentação necessária. Ela sabia que era mais seguro deixar no banco durante a viagem. Mas não podia negar que adiar o saque também foi mais fácil, já que não está pronta para ratificar a terrível verdade de que sua mãe não estava mais ali. Será como roubar o dinheiro de Abuela. Ela quer ter essa sensação. Como Lydia não foi capaz de viver o luto, em certo aspecto muito significativo parece só que ela e Luca partiram, que o resto da família ainda está são e salva, vivendo feliz em Acapulco como se nada tivesse acontecido. Ela imagina Sebastián passando pela bolsa de maquiagem pendurada no banheiro todas as manhãs, úmido do banho, o corpo nu enrolado na toalha azul. Lydia gostaria de poder adiar ainda mais a suspensão desse artifício.

Mas a existência desse dinheiro eletrônico é um milagre. Um paraquedas único. Ela escreve o nome da mãe em uma pasta no balcão e espera em uma cadeira ser chamada para um cubículo particular pela gerente da agência. Lydia se senta, colocando a mochila na cadeira vazia ao lado. Considera um pouco de sorte estar sentada diante de outra mulher. A gerente usa um blazer azul-marinho e tem uma única mecha grisalha no cabelo. Tem o rosto gentil. Lydia estuda os traços da mulher por um momento e toma uma decisão repentina. Vai contar tudo. Tudo. Vai apostar na misericórdia do rosto gentil daquela estranha.

É apenas a terceira vez que Lydia conta sua história. A primeira foi para Carlos, no escritório acima da igreja em Chilpancingo, e a segunda, para a freira Hermana Cecilia, na primeira Casa del Migrante, em Huehuetoca. Nas duas vezes, o relato foi difícil para Lydia, mas, em ambas, ela recebeu em troca uma espécie de salvação.

— Em que posso ajudá-la hoje? — pergunta a gerente da agência, cruzando as mãos sobre a mesa.

Ela não se afasta, nem olha com desconfiança para a mochila. Ela é gentil, e seu nome é Paola, de acordo com o crachá quadrado e marrom.

— Eu — começa Lydia, mas então suas narinas se contraem e todas as palavras ficam presas na garganta. Lydia fecha os olhos devagar e começa de novo: — Eu preciso fechar a conta de minha mãe.

— Tudo bem — diz Paola. — Posso ajudar você com isso. Sua mãe... Ela pode vir com você para fazer isso ou...

— Ela morreu.

— Ah, sinto muito por sua perda. — Paola não é desagradável, mas fala de um jeito mecânico, só porque é o que se diz nesses casos.

Não era assim que Lydia queria começar, tão formal, tão fria. Ela balança a cabeça, aproxima a cadeira da mesa. Paola não se afasta.

— Eu preciso de sua ajuda — diz Lydia.

Paola assente.

— É claro. — Ela estende a mão para dar um tapinha na de Lydia antes de voltar para a mesma posição de antes. — Só precisamos do atestado de óbito e de uma cópia do testamento, se você tiver disponível...

Lydia pigarreia para interromper a mulher. Ela não olha para o rosto de Paola, mas para o nó das mãos sobre a mesa, para a simples aliança de ouro. Ela fala sem olhar para cima.

— Minha mãe foi assassinada. Toda a minha família foi assassinada pelo cartel em Acapulco. Meu marido, minha irmã. Dezesseis membros da minha família. — Ela está falando muito baixinho agora, debruçada na mesa para ficar mais perto. Ouve a respiração de Paola mudar, ou melhor, parar. Ela olha para o rosto da mulher e vê a mesma quietude lá. É uma paralisia que vem da empatia, e Lydia busca o resto das palavras rapidamente, antes de perder a coragem ou o fio da meada, antes de começar a chorar. — Meu filho e eu escapamos. Ele está ali, do lado de fora. Nós tínhamos dinheiro, mas fomos sequestrados em Sinaloa e agora não temos mais nada. Precisamos do dinheiro de minha mãe para pagar o coio. Para atravessar. Sou a única herdeira que sobrou de minha mãe.

Agora Paola só mantém uma das mãos na mesa, a mão da aliança. A outra subiu até o rosto, à boca, onde talvez tenha reprimido alguma reação mais impulsiva.

— Ah, meu Deus — diz a gerente. O que mais poderia dizer? Ela pega uma caixa de lenços de papel da gaveta e coloca na mesa. — Aquele massacre da festa de aniversário em Acapulco, eu li sobre você. Sua família, ah, meu Deus. Eu sinto muito.

— Obrigada. Era a *quinceañera* de minha sobrinha, Yénifer.

Paola amassa um lenço de papel e o segura debaixo do nariz. Lydia pega um também. Então elas se olham nos olhos. Lydia sussurra:

— Você tem filhos?

— Três.

— Receio que vamos morrer. Esse dinheiro é a única maneira de salvar meu filho.

Paola afasta a cadeira da mesa.

— Espere aqui.

Depois do que parece uma eternidade, ela volta com uma pasta cheia de documentos. Lydia endireita a postura. Paola se senta, abre a pasta e mexe no computador.

— Você tem algum documento?

— Sim. — Lydia vasculha a mochila e encontra o título de eleitor.

Ela o entrega a Paola, que o analisa por um momento, olha mais de perto o rosto de Lydia e o coloca na pasta.

— Cartão do banco?

— Sim. — Ela apresenta o cartão também.

— Você é a depositária da conta de sua mãe?

— Não.

— E não tem um atestado de óbito, imagino.

— Não.

— Ou uma cópia do testamento?

— Não.

Lydia tenta não entrar em pânico. Certamente esta mulher tentará ajudá-la. Ela entende. Ela sabe que Lydia não tem nenhum desses documentos e não tem como obtê-los sem retornar a Guerrero e ser assassinada. Mas e se for simplesmente impossível? E se Paola estiver tentando ajudar Lydia a encontrar uma brecha, mas só encontrar uma confirmação do fato inevitável de que Lydia não tem direito legal a esse dinheiro? Lydia tenta respirar fundo, mas está tremendo da cabeça aos pés.

— Qual é sua profissão? — pergunta Paola.

— Sou dona de uma livraria em Acapulco. Ou era. Acho que ainda sou.

Paola digita.

— Nome da empresa?

— Palabras y Páginas.

Ela digita um pouco mais e depois vira o monitor para que Lydia possa ver. Lydia percebe que ela não está preenchendo formulários. Ela está fazendo uma pesquisa no Google. Verificando a história. Certificando-se de que não é um golpe.

— Esta é você?

Ela abriu o site que Lydia pretendia atualizar. Ali está a foto dela na seção “fale conosco”. Ela está usando leggings pretas e um suéter largo, uma roupa que ela nunca mais usará. Está no cesto de roupas sujas em sua casa em Acapulco. A felicidade perceptível de Lydia na fotografia a deixa sem fôlego, e ela solta um soluço. Lydia gostaria que as paredes do cubículo fossem até o teto. Seus olhos são duas linhas, sua boca, uma linha. Ela assente para Paola, que se estica e aperta a mão de Lydia. Então ela se levanta e dá a volta na mesa. Tira a mochila de Lydia da cadeira e se senta a seu lado.

— Meu sobrinho desapareceu em agosto do ano passado — sussurra Paola.

— Ficou desaparecido por três dias. Quando o encontraram, a cabeça dele...

— Ela faz uma longa pausa, Lydia chega a pensar que não vai continuar. Mas a mulher está apenas reunindo forças. — A cabeça dele estava separada do corpo.

— A mão dela treme. Elas apertam a mão uma da outra com força. — Ele era um menino lindo.

E agora é a vez de Lydia experimentar a paralisia da empatia. A profundidade de seu sentimento a surpreende: como ela ainda pode ter qualquer dor restante disponível para outras pessoas, pelo sobrinho assassinado de Paola? Mas está lá, uma angústia que a faz sentir-se oca, um desespero por um garoto bonito que Lydia não conheceu. Pelas inúmeras dores de todos aqueles garotos roubados, que se estendem de família em família, como um joguinho de ligar os pontos de Luca. É tão grande a dor. É exponencial. Cada morte violenta se amplifica cem vezes, mil vezes. Todo mundo naquele banco conhece uma parte pequena ou grande desse sofrimento. Todos em Nogales. Todo mundo que mora em um lugar dividido em *plazas* e distribuído para a governança de homens como Javier. *Para quê?*

Lydia deixa toda a torrente de emoção que vinha controlando fazia semanas vir, tudo tentando sair de uma só vez. Ela se enrola toda na cadeira de madeira

e soluça baixinho, seu corpo é um nó de tristeza, e Paola é uma estranha, mas suas mãos nas costas de Lydia são as mãos de Deus. São as mãos de Sebastián, Yemi e Yénifer. São as mãos da mãe. Lydia chora no colo de Paola, e Paola chora com ela. Elas choram por si mesmas e uma pela outra. E, quando terminam, secam as lágrimas usando apenas o lenço de papel na mesa da gerente.

Paola esfrega o joelho de Lydia bruscamente e depois assoa o nariz. Ela joga o papel na lixeira do outro lado do cubículo, como se estivesse convertendo uma cesta de três pontos. E então:

— Posso perder meu emprego — diz ela, baixinho. — Mas vou conseguir esse dinheiro para você.

Lydia sente a cabeça latejar com força. Fecha os olhos, agradecida, incrédula. Sente como se houvesse uma britadeira nos seios nasais.

* * *

Demora alguns minutos, mas logo há um envelope cheio de dinheiro e, em seguida, Paola tira sua própria bolsa de uma gaveta trancada no fundo do armário-arquivo e entrega a Lydia uma nota extra de quinhentos pesos.

— Para seu filho — diz ela.

Lydia a abraça, mas não há como agradecer. É impossível.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O apartamento é estranhamente agradável, embora impessoal e quase sem mobília. Como é o nível mais baixo de uma casa construída em uma colina, fica a meio lance de escada da rua. O imóvel tem quatro cômodos amplos: uma sala de estar (com dois sofás de couro preto, uma TV de tela plana e algumas obras de arte sombrias), uma cozinha (com apenas um pote de maionese e dois ovos na geladeira) e dois quartos (totalmente vazios, exceto por um cabideiro de arame solitário no chão de ladrilhos de um e um inseticida no peitoril da janela do outro). No elegante balcão da cozinha, Lydia entrega o dinheiro deles. O preço cobrado por El Chacal era de onze mil dólares. Ela dá metade em pesos e metade em dólares, porque o banco não tinha dinheiro suficiente para dar tudo na mesma moeda. As duas pilhas de notas que ela entrega a ele incluem todo o dinheiro da conta da mãe, a nota de quinhentos pesos que Paola deu a ela e cada centavo que ainda tinha na carteira. Como a taxa de câmbio estava ruim, a soma total ficou em 10.628 dólares. Algumas semanas antes, quando o peso estava mais caro, teria sido suficiente. Hoje, ela tem 372 dólares a menos. O coioote conta o dinheiro, calcula o câmbio no celular e, quando percebe que está faltando dinheiro, devolve o montante para ela, balançando a cabeça.

— *No es suficiente.*

— Mas está faltando só um pouco. Talvez eu consiga pagar quando chegarmos ao outro lado. Quando eu arranjar um emprego, pago a diferença.

— Não é assim que funciona.

É inconcebível que tudo possa se resumir a isso. A 372 dólares.

— Tínhamos mais, mas fomos roubados no caminho. — Ela ouve o desespero na própria voz.

— Todo mundo é roubado no caminho — diz ele, impassível.

— Não — diz Soledad. — Ela pagou para nos resgatar.

— Ela salvou nossa vida com aquele dinheiro. — Rebeca se vira para a irmã. — Podemos pedir a César. Precisamos fazer isso.

Soledad fica receosa de pedir mais dinheiro ao primo, mas assente. Um toque de histeria passa de uma expressão a outra. Apenas o coioote parece imune.

— Só vamos sair daqui a um ou dois dias — diz ele. — Você pode ficar aqui com seu filho. Se conseguir o dinheiro até lá, vocês podem ir.

Dois dias, pensa Lydia. Eles viviam de maneira frugal em Acapulco, sem nunca tocar nas economias, levando marmita para o trabalho quase todo dia, comprando roupas novas apenas quando as antigas não tinham mais conserto. Jantavam fora raramente, iam ao cinema de vez em quando. Eram esses seus caprichos. No aniversário de casamento do ano anterior, Sebastián comprou para ela um frasco de óleo de lavanda, para que ela colocasse uma gota no travesseiro todas as noites antes de dormir. Que luxo foi aquilo! Mas quando ela pensa agora no pequeno e ensolarado apartamento de dois quartos cheio de sapatos e livros acumulando poeira, a despensa da cozinha cheia de milho, feijão e cereais fechados, as roupas de cama dobradas no armário do corredor, duas taças de vinho redondas secando no escorredor ao lado da pia, tudo parece uma extravagância. Ela não tem mais nada. O que poderia vender? Como poderia conseguir quatrocentos dólares em dois dias? Lydia pensa em pessoas a quem poderia pedir dinheiro. *Mortas. Todas mortas*. Se tivesse o número do tio em Denver, poderia ligar. No desespero, pensa vergonhosamente no próprio corpo. Quanto conseguiria em troca de sexo? É uma ideia doentia e obscena, e Lydia agradece por conseguir descartá-la antes de pensar muito no assunto. Ela vai dar um jeito.

Beto e Luca estão sentados em um dos sofás de couro preto, entretidos com algum jogo de carros, mas sentem o estranho clima de agitação na sala, e acabam atraídos por isso. Eles aparecem magneticamente, um de cada lado de Lydia.

— Qual é o problema, Mami?

— Nada, *amorcito*, *no te preocupes*.

Mas Beto, acostumado a ter que resolver as coisas sem ninguém para lhe explicar nada, olha para o maço de dinheiro na bancada, para o rosto de Lydia e então para El Chacal, e diz:

— Quanto está faltando?

El Chacal pega o telefone na bancada e lê na tela:

— Trezentos e setenta e dois dólares — responde, largando o telefone de volta.

— Quanto é isso em pesos? — pergunta Beto.

O coioote faz o cálculo.

— Cerca de sete mil e quinhentos.

Beto enfia a mão no bolso e pega seu bolo de notas enquanto Lydia observa. Ele já pagou pela própria travessia e ainda tinha dinheiro para torrar. *Conhecemos esse garoto hoje de manhã*, pensa ela. *Ele nem entende quanto dinheiro tem*. Ela rejeita sua desconfiança instantaneamente. Ele cobre o valor.

Ela o abraça.

— Obrigada.

* * *

El Chacal diz que eles atravessarão quando os outros *pollitos* chegarem e que podem se acomodar enquanto esperam. Ele vai embora sem deixar qualquer instrução, e Lydia se pergunta se ele voltará. Ela deu tudo o que tinha a ele, sua última chance de escapar para *el norte*. Ele não parece um ladrão, mas e se for? E se ele for atropelado por um ônibus? Ela cerra os punhos e diz a si mesma para calar a boca. *Não pense*.

Todos tiram os sapatos assim que o coioote sai, e é incrível o prazer de estarem descalços. Poder mexer os dedos dos pés livremente, sem bloqueios. *Con un olor a queso*. Luca e Beto correm de um lado para outro do corredor entre a cozinha e os quartos, sentindo os azulejos frios nos pés úmidos e deixando pequenas pegadas do calor da pele condensando no chão. Soledad enfia a camiseta para dentro da calça e mostra um truque que sabe fazer: fica de ponta-cabeça, apoiada nos braços e com o pé na parede. Os meninos aplaudem. Quando tentam ver TV, descobrem que o aparelho não funciona. Lydia encontra um livro surrado em uma das gavetas da cozinha e lê enquanto os meninos e as irmãs tiram um cochilo. É um romance antigo de Stephen King que Lydia leu muitos anos atrás, e voltar àquela história é como se teletransportar por um instante, como voltar no tempo e se comunicar com a pessoa que era quando o leu pela primeira vez. Esse ato de comunhão parece ao mesmo tempo afortunado e sagrado. Quando os outros acordam, ela abandona o livro com certa relutância, deixando-o com as páginas para baixo no sofá,

aberto na 73. Todos estão ansiosos por um banho e ficam decepcionados ao descobrir que não há água quente. Também não há comida ou panelas, apenas uma frigideira na cozinha, mas Lydia aquece o pouco de água que pode ali, para esfregar a poeira e o suor da pele. Não comem nada, contentando-se com a memória relativamente recente da *birria*, e vão dormir quando o sol se põe.

Bem cedo na manhã seguinte, logo quando discutem como e o que comer, a porta se abre, e Lydia morre de alívio ao ver El Chacal descendo os quatro degraus, seguido por dois homens e uma senhora. Ele ainda está ali. Não os abandonou. O alívio é logo seguido pelo medo: quem são essas pessoas? Lydia os observa em busca de pistas, de reconhecimento. Os homens parecem se conhecer. São jovens e usam os bonés de beisebol quase cobrindo os olhos, conversando baixinho entre si e ignorando os outros. Mangas compridas e calças jeans escondem qualquer possível tatuagem. Lydia é tomada por uma náusea, logo vencida pela fome.

— Não vão longe — diz o coioote. — Se não estiverem aqui na hora de partir, não vamos esperar.

O clima fica tenso no apartamento depois que El Chacal sai. As irmãs e Luca voltam para o quarto onde passaram a noite, e a nova mulher se tranca no banheiro. Lydia deseja descobrir tudo o que pode sobre os recém-chegados, mas também quer manter distância, permanecer imperceptível. E, de qualquer maneira, ela está com fome. Luca está com fome.

— Vocês estão com fome? — pergunta ela aos homens, que estão sentados no sofá.

Estão.

— Eu cozinho, se vocês tiverem dinheiro para comprar comida.

Ela fará omeletes. Uma porção calorosa de familiaridade para Luca. Os homens lhe dão alguns pesos, e ela e Luca saem em busca de um mercado.

— Vista suas botas novas — diz ela. — Vamos amaciá-las.

Eles estão a apenas meia quadra do apartamento quando ouvem alguém chamando.

— *¡Hola! Perdón, senhora, ¡disculpe!*

Lydia se vira no susto e vê a nova mulher do apartamento correndo atrás deles.

— Pensei em ir com vocês, se não se importam. Também preciso comprar algumas coisas.

Ela carrega uma bolsa roxa e está vestida como se estivesse indo a um bom restaurante: calça preta, bata e sandálias de tira. É magra e tem a pele escura, cabelo curto, preto com reflexos prateados; usa uma pulseira dourada discreta demais para ser bijuteria. Não tem cara nenhuma de migrante, então Lydia se lembra de que também não tem. Ou pelo menos não tinha quando ela e Luca embarcaram nessa jornada.

— Eu me chamo Marisol. — A pulseira balança quando a mulher estende a mão.

— Lydia.

— *Mucho gusto*.

— E este é meu filho, Luca.

— Olá, Luca!

Na esquina, há um senhor sentado à porta de uma casa, e Lydia pergunta a ele onde fica o mercado mais próximo.

— Preciso comprar frutas — diz Marisol enquanto caminham. — Sou acostumada a comer salada todos os dias, e meu estômago está em péssimo estado desde que voltei.

— Voltou? — pergunta Lydia.

— Da Califórnia.

— Ah! Você já estava na Califórnia?

— Sim, fazia dezesseis anos. Sou praticamente uma *gabacha*, agora.

As duas dão risada.

— Mas então por que voltou? — pergunta Lydia.

— Não tive escolha.

Lydia estremece.

— Minhas filhas ainda estão lá, em San Diego.

Ela enfia a mão no bolso lateral da bolsa e pega um iPhone com uma capa brilhante. Desbloqueia a tela com o polegar e abre uma fotografia de duas lindas jovens, talvez da idade de Soledad e Rebeca. Ela mostra as filhas para Lydia, cheia de orgulho. A mais nova está usando um vestido de *quinceañera*.

— Essa é a minha Daisy. Ela queria usar um vestido Chiapas no aniversário, apesar de ter nascido em San Diego. Ela nem fala espanhol! — Ela bloqueia o telefone e o guarda de novo. — E a mais velha, América, agora está na faculdade, tentando cuidar da irmã mais nova e da casa.

Marisol soa tensa e cansada.

— Há quanto tempo você está longe?

— Quase três semanas. Mas fiquei em um centro de detenção por mais de dois meses antes disso.

Ela balança a cabeça e comprime os lábios em um gesto que Lydia reconhece. É quando estamos decididos a manter o controle, apesar da voz trêmula e do peito apertado de tristeza. Luca parece não estar ouvindo, mas Lydia sabe bem; agora o filho está sempre atento, andando alguns passos à frente e observando os carros passarem.

— O que aconteceu? — pergunta Lydia.

Marisol respira fundo antes de responder.

— Fomos legalmente, quando América só tinha quatro anos. Meu marido era engenheiro. Como ele trabalhava lá, conseguimos visto. Então Daisy nasceu, e muitos anos se passaram. A gente nem vê o tempo passar.

Lydia percebe que está instintivamente se aproximando de Marisol enquanto elas caminham, subindo e descendo as ruas ensolaradas da encosta, dobrando as esquinas e atravessando cruzamentos tranquilos. Luca dá passos pesados com as botas novas.

— Então, cinco anos atrás, Rogelio, meu marido, morreu. — Marisol se benze, e Lydia arfa involuntariamente.

— Sinto muito.

Marisol assente.

— Foi muito repentino. Um acidente de carro voltando do trabalho.

Aquilo desperta um sentimento traiçoeiro e cruel, quase uma inveja daquela forma de viuvez. Uma morte normal e não violenta. Mas então ela conclui: Rogelio está tão morto quanto Sebastián. Quando aperta o braço de Marisol, sua compaixão é genuína novamente.

— Nossos vistos expiraram quando ele morreu. Deveríamos ter voltado para Oaxaca. Só Daisy tem permissão de ficar, porque é cidadã.

— Mas isso é um absurdo — diz Lydia. — Quantos anos ela tem?

— Quinze.

— *Ay*.

Ela ouviu as histórias, é claro. Mas é diferente conversar com uma mãe que de fato está vivendo a situação. Lydia não pode imaginar ser separada de Luca, além de todos os outros sofrimentos. Ele está logo ali, andando na frente delas, mas Lydia precisa lutar contra o desejo de pular em cima do filho e abraçá-lo.

Lydia sempre foi uma mãe dedicada, mas nunca do tipo codependente, que sente falta do filho quando ele está na escola ou dormindo. Sempre valorizou

esse tempo para si mesma, para habitar os próprios pensamentos, para dar um tempo no clamor emocional contínuo da maternidade. Houve até momentos em Acapulco em que sentiu certo ressentimento por ele invadir tanto seu coração e sua mente sempre que estava por perto, a energia de Luca usurpando tudo o mais que houvesse ao redor. Ela amava o filho de todo o coração, mas, Deus do céu, houve dias em que ela só conseguia respirar quando o deixava no portão da escola. Tudo aquilo havia acabado. Agora, ela colaria o corpo do filho no dela, costuraria Luca em sua pele, grudaria nele e não soltaria mais, se pudesse. Ela faria o próprio cabelo crescer no couro cabeludo dele, tornando-se sua mãe-gêmea siamesa. Ela renunciaria a qualquer pensamento particular em sua mente pelo resto da vida, se pudesse mantê-lo seguro. Luca espera na esquina e Lydia olha para além dele, para o outro lado da rua, onde a lateral de um prédio está pintada com grafite. Um ponto de interrogação gigante. Não. Não, não é um ponto de interrogação. Lydia para de andar. Ela estende a mão para Luca.

— *Hijo*.

— Você está bem? — pergunta Marisol.

Não é um ponto de interrogação. É uma foice. E, embaixo da foice, em tinta preta fresca, as letras inclinadas alertam: VIENEN LOS JARDINEROS. Empoleirada na lâmina curva há uma coruja. La Lechuza. E então algo novo, algo que Lydia nunca tinha visto: uma representação perfeita e sem rosto dos característicos óculos de Javier. A forma exata de invocar o próprio na lembrança dela. Onde estariam as lentes, alguém rabiscou: AÚN TE ESTÁ BUSCANDO. Ele ainda está procurando por você.

Por mim. Ele está procurando por mim, Madre de Dios. Lydia se vira.

— Luca, venha.

— Mas, Mami...

— Venha! — A voz soa como um chicote.

Marisol corre para alcançá-la.

— Você está bem? — insiste.

Depois de dezessete dias, dois mil e quinhentos quilômetros. Ali, na porta para *el norte*, os malditos Jardineros. Com que perfeição o artista retratara os óculos de Javier! Como se fosse algo familiar. Como se os tivesse visto pessoalmente, ali, em Nogales. Lydia vai cair no meio da rua. Os joelhos vão ceder. O vento passa por seu corpo como se ela fosse feita basicamente de buracos, um fantasma já. Marisol estende a mão para apoiá-la.

— Não podemos ir por aí — diz Lydia, andando rápido agora, não muito, não o bastante para chamar atenção dos três meninos encostados na parede da bodega.

Ela sente os braços meio soltos nas juntas, os joelhos cedendo de pânico.

— Certo, está tudo bem.

Marisol passa o braço pelo ombro de Lydia, e as duas caminham juntas, o passo de Lydia acidentalmente acompanhando o da mulher. E ali está Luca, enfiado debaixo do outro braço. E eles já estão a meio quarteirão de distância, na direção oposta, e viram em uma rua mais escura, e Lydia não sabe se pegaram um caminho mais seguro do que o anterior, e será que Marisol sabe aonde estão indo? Ela os está levando a algum lugar? Lydia se desvencilha do braço da mulher.

— Obrigada, estou bem agora. Eu estou bem, estamos bem. — Ela agarra Luca pela mão. — Acabei de me lembrar de algo que precisamos fazer. Nos vemos no apartamento mais tarde.

Marisol para, confusa.

— Ah.

— Vamos voltar logo — diz ela, arrastando Luca para outra rua, deixando Marisol sozinha.

* * *

Eles precisam sair da rua, se esconder. Ir para um lugar onde não possam ser reconhecidos. Los Jardineros estão ali, em Nogales. Talvez como parte de uma aliança. Talvez como um mercado de teste, uma guerra por território. Talvez apenas para caçá-la, encontrá-la, levá-la de volta a Javier para que ele possa terminar o trabalho de erradicar toda a família de Sebastián em compensação pela morte de Marta. Lydia pode ver como se estivesse lá, naquele dormitório em Barcelona: um som rangendo lá de cima. Os pés de Marta balançando, um sapato preto e pesado ainda calçado no pé esquerdo, o direito caído no chão. Lydia bloqueia a mente para a imagem e para a certeza de que Javier a seguiria até ali, de que ele a seguirá cegamente, pelo território de qualquer um, até encontrá-la. Somente em *el norte* o poder dele será limitado. Em *el norte*, onde não há impunidade para homens violentos. *Pelo menos não para homens violentos feito ele*, pensa Lydia.

Não há calçadas onde eles estão. Os portões dos jardins e as fachadas das lojas ficam diretamente no meio-fio. Os carros precisam desviar dos pedestres. Não há onde se esconder. Eles viram na esquina seguinte e voltam pelo caminho de onde vieram. Lydia não está de chapéu. Por que não colocou o chapéu? Ela detesta aquela coisa molenga e cor-de-rosa. Tinha gostado da ideia de se libertar dele por tempo suficiente para comprar mantimentos e fingir normalidade por uma hora. Até o grafite no muro, parecia um passeio. As coisas tinham corrido bem no banco. O apartamento era confortável. Eles estavam tão perto! Ela baixou a guarda. *Estúpida.*

Uma velha encostada no batente da porta fala com eles quando passam:

— *¿Fruta, pan, leche, huevos?*

Não é o supermercado que Lydia estava procurando, mas talvez seja melhor: uma mulher vendendo o básico em uma loja improvisada na sala da própria casa. Eles entram, e Lydia fica de olho na rua pela porta. Eles compram ovos, *tortillas*, cebolas, abacate e algumas frutas.

— Você tem um chapéu? — pergunta Lydia.

— Chapéu? — A mulher balança a cabeça.

— Ou um lenço? Algo para o meu cabelo?

— Não. *Lo siento.*

— Tudo bem. Obrigada, mesmo assim.

— Espere.

A mulher estala os dedos e cambaleia até a cozinha. Volta com um fino pano de prato azul estampado com flores e beija-flores. Ela o apresenta a Lydia como uma garrafa de vinho fino e aponta para a cabeça.

— Quanto? — pergunta Lydia.

— *Cien pesos.*

Lydia assente, e amarra o pano na cabeça.

— E para ele? — A velha aponta para Luca com o queixo, e Lydia se vira para o filho, confusa. — Vocês vão atravessar? — pergunta ela, apontando para o norte, para *la frontera*.

Lydia hesita por apenas um momento, e então confessa:

— Sim, vamos atravessar.

— Ele vai precisar de um casaco — diz a senhora. — Faz muito frio.

— Ele tem uma camiseta e uma jaqueta quente.

— Espere.

A mulher desaparece na cozinha de novo, e Lydia e Luca podem ouvi-la batendo em armários, mexendo em coisas, arrastando uma caixa pelo chão. Luca ri no que resta de silêncio, mas Lydia está nervosa demais para fazer o mesmo. Ela olha para as duas portas, a de dentro e a de fora. A mulher volta carregando dois bolos de fios azuis tricotados que espalha no balcão para que Lydia possa avaliar suas formas: um chapéu e um cachecol. Talvez um pouco grande demais para Luca, mas o fio é grosso e quente. Lydia toca a lã macia com as pontas dos dedos e assente.

— Quanto?

A velha acena para Luca.

— *Un regalito. Para la suerte.*

* * *

Eles andam pelas ruas depressa e com cuidado. Cada janela e porta parece uma potencial armadilha. Ela conta os passos para tentar manter a calma. Luca leva os ovos e as *tortillas*. Ela leva a sacola com o restante das compras. Pensa em Marisol no caminho, em sua suposta bondade e tristeza. Por trás do medo, Lydia encontra uma brecha para se sentir mal pela forma abrupta como largou Marisol no meio da rua. A mulher não tentou segui-los, nem insistiu em levá-los por outro caminho, o que parece a Lydia uma prova razoável de que ela não estava mal-intencionada. Provavelmente não é uma impostora, mas uma mãe deportada, como diz ser, desesperada para voltar para as filhas na Califórnia. Quando Lydia vê o edifício onde fica o apartamento, prende a respiração. Olha para trás. Há apenas um carro na rua. Ele se aproxima lentamente, e Lydia não solta o ar até passar por ele, de onde o casal de idosos dá um tchauzinho para Luca.

— Graças a Deus — diz ela em voz alta, quando eles entram e fecham a porta.

Ela se recosta na porta por um instante e se permite respirar antes de ir com Luca para o apartamento. Ouvem vozes e risos, e está mais quente lá dentro do que na rua. O ar está úmido pela aglomeração de pessoas. Quando chega ao último degrau, Lydia deixa cair a sacola de compras no chão.

— Surpresa!

Lorenzo está sentado no sofá.

Lydia não consegue responder logo de cara. Um abacate sai rolando da sacola. Seu terror a deixa muda. Ela vai até ele.

— O que você está fazendo aqui? — Ela pega o abacate no chão.

— O mesmo que você, indo para *el norte*.

O abacate está parado na mão de Lydia como uma natureza morta.

— Mas como você nos encontrou?

— *Putá*, não se iluda. Não encontrei você. Encontrei El Chacal. Foi uma surpresa agradável quando entrei e vi que as gêmeas gostosas estavam aqui.

Marisol está na cozinha com um copo de água, e os dois homens de boné estão sentados na bancada jogando cartas. Lydia está atrás de um dos sofás, de frente para Lorenzo, esparramado no outro.

— Enfim, esse cara é o melhor coio de Nogales — diz Lorenzo. — O que você pensou? Que ninguém mais saberia disso?

— Você não é...

Como não sabe como concluir, ela para de falar. A pergunta fica pela metade.

Ele está de bermuda preta, com a pele queimada de sol, mas todo o resto está igual: os brincos de diamantes, o boné de beisebol de aba reta, ligeiramente desbotado pelo sol, mas limpo. As meias estão brancas demais para um migrante, mas os sapatos caros estão começando a parecer gastos. Ele se endireita no sofá e põe os pés para baixo.

— Olha, eu sei que deixo você desconfortável, e não dou a mínima. Não é problema meu — diz ele. — Mas juro que não segui você. Eu não estava procurando por você. Como falei, para mim chega de toda essa merda de Jardinero. Estou fora.

Lydia o analisa por um instante. Porque não há nada que possa fazer em relação à situação como um todo — o grafite anunciando a presença de Javier, a proximidade revoltante de Lorenzo, a profunda desconfiança que sente constantemente de todos que conhece: Marisol, que sai da cozinha para pegar e desembalar as compras, os homens sentados na bancada jogando cartas, Lorenzo sorrindo no sofá. Qualquer um deles poderia significar problemas para ela. Qualquer um deles poderia matar Luca durante o sono. Ainda não haviam feito isso. Então, talvez não venham a fazer. Lydia esfrega as coxas por cima da calça jeans. Talvez seja apenas uma coincidência ele estar aqui. O grafite.

— Está bem — diz ela.

— *Así que tranquila*.

Ela o observa por outro instante.

— Mas, se for verdade, se você está mesmo fora dessa... — Ela faz uma pequena pausa para conseguir se concentrar, medir as palavras. — Tem uma coisa que precisa saber.

— É? O quê?

— Los Jardineros estão aqui.

Uma revelação calculada. Compartilhar essas informações pode beneficiá-la de várias maneiras.

— Em Nogales?

Ela assente. Talvez ele se sinta em dívida com ela. De qualquer forma, isso lhe dá a oportunidade de observar a reação dele. E ele reage. Ele empalidece. Já era o sorriso, a postura arrogante. Ele se empertiga e limpa a garganta. Seus ombros se curvam automaticamente, então Lydia vê que é autêntico. Lorenzo está com medo.

— Como você sabe?

— Vi uns grafites deles. — Ela se senta no braço do sofá oposto.

Está ciente dos dois homens na bancada, ouvindo. Eles continuam com as cartas nas mãos.

— Aqui perto?

— A alguns quarteirões daqui. — Ela se vira para Luca. — Por que você não vai falar com as meninas? Vá ver o que Beto está fazendo. — Ele corre pelo corredor até o quarto onde todos dormiram na noite anterior. Para Lorenzo, ela diz: — Quer omelete?

* * *

Enquanto as duas estão cozinhando, Soledad sai do apartamento. O que parecia espaçoso para os cinco ficou apertado com nove, especialmente com o reaparecimento daquele *naco* revoltante do Lorenzo.

Eles estão no extremo oeste da cidade, a poucos passos da fronteira, e Soledad anda pela rua em frente, para cima e para baixo da ladeira, observando o vazio do outro lado. A fronteira é antinatural ali: uma linha reta e arbitrária que corta o deserto, restringindo a crescente cidade atrás dela ao sul. Não há quase nada que Soledad possa ver no lado norte daquela linha — talvez realmente não haja nada por lá, ou talvez esteja tudo escondido pela paisagem.

Na terceira vez que desce a rua, ela vai um pouco mais longe e encontra um lugar impressionante onde a paisagem se afunila. Há um trecho de terra sem vegetação ao lado da estrada, e um pequeno acostamento elevado parecendo uma rampa. Na verdade, o acostamento é mais alto do que a cerca por conta de uma queda significativa, onde a fronteira é mais baixa do que a estrada. Soledad para nessa rampa, e seu coração dispara como um pássaro. Ela quase poderia correr e se jogar do outro lado. Talvez conseguisse pular dali. Desce os poucos metros abaixo do aterro de cascalho até onde a cerca vermelha enferrujada é cravada na terra, enrola os dedos em duas grossas colunas vermelhas e encosta a testa nas barras. Consegue ver muito claramente que a cerca é apenas uma barreira psicológica, e que o verdadeiro impedimento para a travessia ali é a tecnologia do outro lado. Há uma estrada de terra que vai até sabe-se lá onde acaba a paisagem irregular. A estrada é desgastada pelo constante movimento dos pneus pesados da Patrulha de Fronteira dos Estados Unidos. Soledad não consegue vê-los, mas pode senti-los em algum lugar ali. Ela sabe que eles estão perto pelo zumbido dos eletrônicos montados em postes altos que pontilham as encostas. Não sabe o que são aquelas engenhocas — câmeras, sensores, luzes ou alto-falantes —, mas sente que detectam sua presença. Ela enfia a mão pela cerca e contorce os dedos do outro lado. Os dedos dela estão em *el norte*. Ela cospe do outro lado da cerca. Só para deixar uma parte de si mesma na terra americana.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Lydia pega emprestado o facão de um dos homens para cortar a cebola e o abacate, porque não tem faca na cozinha. Há pratos de papel em uma das gavetas, mas nada de garfos. Então eles embrulham os ovos nas *tortillas* e comem. Lorenzo parece preocupado.

— Você precisa comer mais — diz Lydia quando ele devolve o prato pela metade à bancada. — Precisa de muitas calorias se espera caminhar pelo deserto.

Ele fica parado com a mão caída ao lado do corpo e olha para ela. Parece perdido. Lydia pega o prato e serve mais uma colherada de ovos e uma fatia de abacate.

— Aqui. — Ela empurra o prato para ele. — Quer uma banana?

Ele apoia os cotovelos na bancada, pega a *tortilla* pelo canto e acaba dando uma mordida. Então fala com a boca cheia:

— Por que você está sendo tão legal?

Ela reúne os pratos de papel vazios que os outros homens deixaram, escolhe uma banana do cacho para si mesma e começa a descascar a fruta.

— Eu sei como é fugir deles. Eu sei como é ter medo.

* * *

Depois da refeição, o dia passa com uma ansiedade torturante. Lydia tenta puxar assunto com os homens, mas eles se atêm aos jogos de cartas, carrancudos, pela maior parte do dia. Nos raros momentos em que falam, Lydia tenta identificar os sotaques, mas acaba desistindo. Mais uma vez se pergunta: para quê? Se eles são homens violentos, se a conhecem ou se vão reconhecê-la e decidir trocar a vida dela por uma pequena fortuna, ela descobrirá em breve.

Todos dormem cedo, descansando enquanto podem. Lydia, as irmãs e os dois meninos dividem o mesmo quarto do dia anterior. Marisol se junta a eles, e todos empilham as mochilas contra a porta fechada. Eles se enroscam nos cantos ou se deitam fazendo os jeans enrolados de travesseiros. Rebeca joga um braço sobre Luca como um ursinho de pelúcia, e os dois roncam baixinho juntos. Beto dorme esparramado de costas em forma de X com a boca aberta. Os dois homens quietos dividem o outro quarto, e Lorenzo fica com o sofá.

Luca sonha com um poço profundo de pedra. No fundo do poço estão os dezesseis corpos crivados de bala de sua família. Ele sabe disso não porque olha dentro do poço — na verdade, ele toma o cuidado de se afastar bastante do poço sempre que precisa passar ali perto durante o dia —, mas porque os escuta conversando lá embaixo. Ele ouve os ecos de risadas e conversas animadas. Ouve Papi contando piadas para Yénifer e Tía Yemi. Ouve Tío Alex brincando de luta de monstros com Adrián, e o primo gritando e rindo enquanto o pai faz cócegas nele. Luca até ouve Abuela dando bronca em todos eles; não que ela esteja mesmo desaprovando nada, Luca percebe, mas uma bronca de leve é a maneira de Abuela participar. E no fundo é isso que faz Luca entender que o sonho é real. Porque essa percepção sobre Abuela é nova, algo que Luca nunca tinha reparado quando ela estava viva. Assim, Luca sabe que eles ainda estão lá. No fundo do poço. E ele quer ir até lá. Quer estar com eles. Sabe que a água benta lá embaixo é vida, é essencial, que vai satisfazer todas as suas necessidades, que fez todos eles reviverem. Então ele vai, ele finalmente vai até o poço, sem medo, sem hesitação. Mas, quando se aproxima, as vozes e as risadas cessam. Ele ouve apenas o gotejar invisível ecoando nas profundezas sombrias. Então Luca puxa a corda. Pensa em tirar o balde de dentro do poço, considerando que talvez possa ir nele até o fundo. Todos podem se reunir novamente. Mas ele sabe pelo cheiro que alguma coisa está errada. Antes de ver o balde por completo, ele já sabe. Há uma podridão. Ele leva o balde para a luz, e vê apenas um lampejo de vísceras. Dedos, olhos, dentes. O lóbulo da orelha de Papi, uma mecha do cabelo de Yénifer. Tudo flutuando no balde podre de sangue.

Luca acorda do pesadelo com o coração disparado, mas não está com medo. Ou talvez seja mais preciso dizer que não está com mais medo do que o normal agora. Está principalmente irritado, porque Beto está peidando ao lado dele enquanto dorme. Ele solta mais um, e Luca continua lá, pestanejando, no fedor. Foi um sonho ótimo, até ser transformado pelo cheiro.

— Papi — diz Luca em voz alta no escuro.

Ele rola para o lado e cobre o nariz com a manga.

Todos são despertados ao amanhecer pelo som de uma chave na fechadura e pelo barulho de botas pesadas na escada de madeira. El Chacal estava chegando com mais cinco migrantes — dois irmãos de Veracruz chamados Choncho e Slim, com seus dois filhos adolescentes, David e Ricardín. Os irmãos são homens grandes e fortes, e até os filhos adolescentes são homens grandes e fortes, e é impossível dizer quem é filho de quem, porque todos são muito parecidos. Eles têm vozes fortes, antebraços grossos e pescoços musculosos. Todos usam jeans, camisas xadrez e galochas enormes. Eles precisam abaixar a cabeça quando chegam ao último degrau. Com os quatro, o apartamento atinge a superlotação. Mas há também um quinto homem, chamado Nicolás, que tem altura mediana, mas é pequeno em comparação aos outros. Como Marisol, ele foi deportado. Tem sobranceiras marcadas incríveis que, para Luca, parecem ter sido desenhadas no rosto com caneta. Ele veste uma camiseta dos Wildcats do Arizona e óculos de armação grossa. Foi jubilado de um doutorado da Universidade do Arizona.

El Chacal diz para todos dormirem, descansarem o máximo que puderem e se hidratarem.

— Garantam todos os suprimentos necessários. Um casaco quente para as noites e sapatos decentes para caminhar. Sem cores chamativas. Apenas tons que se misturem com o deserto, camuflagem. Quem não tiver o equipamento certo não vai fazer a jornada.

Lydia não havia pensado nas cores. Faz um rápido inventário mental de suas roupas. Acha que vão servir. O coioote continua:

— Eu vou fornecer água. Partiremos antes do pôr do sol.

* * *

O apartamento está sufocante agora, lotado de corpos e expectativa. No quarto, Lydia e Marisol estão de joelhos, desembalando e reembalando os pertences para a viagem.

— Não sei por que mandei minhas filhas enviarem todas essas roupas — diz Marisol, revirando uma pequena mala preta. — Vou acabar deixando tudo isso para trás. E terei que fazer compras em San Diego.

A mulher parece ter esquecido o comportamento estranho de Lydia na rua, ou pelo menos está fingindo não ter se incomodado.

— Sinto muito por ontem. — Lydia quer explicar, mas há muito pouco que possa dizer sem se expor. — Eu me assustei. Eu vi, nós vimos tanta atrocidade, que às vezes não sei mais o que é real. Em quem confiar...

— Por favor — interrompe Marisol. — Não peça desculpa. Tenho certeza de que você está certa em ser cautelosa.

Lydia respira fundo.

— Se quer continuar viva, é assim que tem que ser.

Marisol para de enrolar uma camiseta e olha para Lydia. Ela assente.

Desta vez, Marisol vai ao mercado sozinha, e, quando volta, guarda metade na geladeira para mais tarde, e então ela e Lydia preparam a comida juntas. *Uma quantidade enorme*, pensam. Mais uma vez, há ovos, arroz, feijão e *tortillas*. Também bananas-da-terra e mais abacate, e até um pouco de queijo, nozes e iogurte, todos caros, mas cheios da proteína que seus corpos exigirão para a jornada. Os irmãos grandalhões e os filhos ficam felizes com a comida e, educadamente, garantem que todos comam o suficiente; mas, quando fica claro que o grupo terminou de comer e ainda resta comida, eles devoram cada pedaço que sobrou. Soledad e Beto fazem a limpeza, enquanto os outros conversam nos sofás e bancos.

Luca se senta no chão entre as pernas da mãe e ouve os adultos contando histórias. Mesmo que seja um bando de estranhos reunidos, o clima do apartamento é de festa. Luca fica muito quieto e alerta. Os irmãos de Veracruz são sociáveis. Eles contam histórias e cantam canções, e suas vozes ecoam pela sala, independentemente do volume pretendido. Eles estão mostrando aos filhos como estar no mundo, como preencher ainda mais espaço do que seus corpos já demandam, sem dar margem para ideias erradas, deixando as pessoas ao redor à vontade com seu tamanho incomum. Eles contam histórias dos anos que passaram trabalhando em *el norte*, colhendo milho e couve-flor em Indiana, como empacotadores em uma fábrica de laticínios em Vermont, enviando todos os seus salários para Veracruz. Ricardín, filho de Slim, traz uma *armónica* no bolso do peito, e, quando a pega para tocar, seu pai bate na perna no ritmo da música, fazendo Beto trocar a cozinha pelo meio da sala, onde empurra para o lado a mesinha de centro e abre espaço para dançar break. Rebeca se retira para descansar no quarto, e os dois homens quietos que chegaram primeiro desaparecem também, mas o resto continua lá, conversando

e tomando café instantâneo em copos de papel. Luca é atraído principalmente por Ricardín, por conta de seu sorriso aberto e da *armónica*. Ricardín nota o olhar de Luca e levanta a *armónica*.

— Quer tentar?

Luca assente e se levanta. Primeiro, olha para Mami para se certificar de que está tudo bem e, em seguida, com o incentivo dela, se aproxima de Ricardín para estudar como ele toca a coisa, como a usa para tirar a música do nada. Mesmo sentado no sofá, Ricardín é mais alto que Luca, que precisa levantar a cabeça para olhar em seu rosto. Quando ele leva a *armónica* até a boca, o instrumento desaparece dentro de sua mão enorme, como se estivesse usando uma luva de beisebol. Os dedos dele se movem para cima e para baixo, para cima e para baixo, mostrando vislumbres do metal embaixo. Luca observa atentamente, e então Ricardín entrega a *armónica* para ele.

— Vá em frente. Tente.

Luca pega o instrumento e o leva até a boca. Ele sopra e fica surpreso por, imediatamente, conseguir emitir um som encantador.

— Ei! — Ricardín sorri para ele. Luca sorri e tenta devolver o instrumento, mas Ricardín o empurra para ele novamente. — Continue. Mais uma vez!

Ele bate palmas gigantes enquanto Luca passa o instrumento de metal pelos lábios, experimentando os diferentes sons produzidos. É fácil.

— Que demais, *güey* — diz Beto. — Posso tentar?

Luca entrega a *armónica* a ele. Enquanto os meninos passam o instrumento um para outro, Choncho pergunta a Marisol sobre sua família na Califórnia. Ela conta que foi presa em um check-in de rotina da imigração há quase três meses.

— Espere aí, você vai mesmo a essas coisas? — pergunta Nicolás, o doutorando.

— Claro! Eu sigo as regras!

— O que é isso? — pergunta Lydia.

— Um check-in de rotina da imigração? — retruca Marisol.

— É.

— É uma consulta, geralmente anual. Eu preciso me apresentar a um oficial da ICE para que eles possam analisar meu caso.

— Mas para quê? Para conseguir seus documentos?

— Não, só para eles me vigiarem — diz Marisol.

— E ICE é...? — questiona Lydia, confusa.

— Immigration and Customs Enforcement, imigração e fiscalização aduaneira — explica Nicolás. — Nunca fui a nenhum.

— Acho que não faz diferença — diz Marisol. — Nós dois acabamos no mesmo barco. E pensar em todas aquelas passagens de ônibus jogadas fora.

— Mas não consigo entender — continua Lydia. — Eles sempre souberam que você estava lá?

— Claro, há anos. Depois que meu marido morreu e eu não saí no prazo que eles me deram, recebi um aviso para fazer esse check-in. Eu ia todos os anos. Nunca faltei.

— E eles não deportaram você? Mesmo você não tendo o visto?

— Até então não.

— Mas por que não?

Marisol dá de ombros.

— Nunca cometi nenhum crime. Tenho uma filha que é cidadã.

— Eles têm arbítrio — diz Nicolás. — Eles têm direito de usar o próprio arbítrio para desviar recursos para deportar bandidos. Membros de gangues, criminosos.

— Mas agora, de repente, estão deportando pessoas apenas por aparecerem nos check-ins — diz Marisol.

— E foi isso que aconteceu com você? — pergunta Lydia.

Marisol assente. Era uma terça-feira de manhã, as filhas estavam na escola, ela vestiu seu uniforme vermelho-escuro, planejando ir direto para o trabalho após a consulta. Trabalhava como técnica de diálise. As três estavam preocupadas com o próximo check-in havia meses, é claro. Todo mundo vive preocupado com isso agora. As consultas antigamente eram apenas processuais, uma maneira fácil de o governo exercer algum controle sobre um sistema sobrecarregado e uma oportunidade para o migrante melhorar seu status legal, demonstrando sua cooperação. Mas ultimamente todos andavam assustados com o aumento das prisões, e algumas pessoas simplesmente pararam de comparecer. Marisol continuou. Ela não estava disposta a submeter as filhas a uma vida clandestina. San Diego era o único lar que elas conheciam, então no fundo ela jamais acreditou que deportariam alguém como ela, uma mulher de classe média com o inglês perfeito que entrara no país legalmente, uma proprietária de imóvel, profissional da área médica. Três meses depois, ela ainda não consegue acreditar. Ricardín faz um riff de blues com a *armónica* para

concluir a história, dando um ar cômico, e não trágico, ao desfecho. Todos dão risada.

— Então você ficou detida por dois meses? — indaga Nicolás.

Marisol assente.

— E como foi?

Ela pensa na pergunta por um instante e, ao lembrar, estremece.

— Sabe... — Ela procura uma palavra para descrever as memórias que tem daquele lugar, mas não consegue encontrar nenhuma substancial o bastante. — Horrível? Como seria de se esperar, eu acho. Eu dormia em uma esteira em uma cela fria. Fazia muito frio o tempo todo, *como una hielera*. Sem cobertores, travesseiros, apenas aquelas coisas de papel-alumínio. Eu acordava toda travada e dolorida todas as manhãs, com torcicolo. Eles não substituíram a minha solução para as lentes de contato, então, quando acabou, pelo menos eu não precisava ver as paredes ao meu redor.

Nicolás se encolhe enquanto ela fala.

— Eu não conseguiria dar conta. Sou claustrofóbico.

— Sim, foi totalmente desumano. — Marisol suspira. — Mas meu advogado achava que eu tinha boas chances, então me mandou ser forte, disse que tudo valeria a pena.

— Parabéns por ter suportado — diz Nicolás. — Vim embora depois de dois dias. Eles iam me transferir para El Paso, então parti por conta própria. Preferia atravessar o deserto a passar mais um dia naquele lugar.

— Mas foi uma perda de tempo! — exclama Marisol. — Fiquei dois meses naquela cela sem minhas filhas. — Ela fecha e abre os olhos. — Tantas mães lá sem as filhas, sem os filhos. — Ela olha para o chão, e sua voz vira um sussurro, mas todos conseguem escutá-la na sala silenciosa. — A maioria daquelas mulheres foi separada dos filhos na fronteira. Quando foram pegas entrando. Algumas tiveram seus bebês arrancados dos braços. Eu achava que aquelas mulheres enlouqueceriam. Elas nem sequer sabiam onde estavam os filhos. Alguns eram tão pequenos que nem sabiam falar, novos demais para lembrar o próprio nome.

Lydia se aproxima de Luca, sentado entre suas pernas. Ela aperta a camiseta dele entre o indicador e o polegar. Aquilo foi demais para ela. Todos a olham sem querer. Não querem que ela pense a mesma coisa que eles, então rapidamente desviam o olhar. Marisol tenta mudar de assunto. De volta a Nicolás.

— Você não era elegível para um visto de estudante? Como candidato a doutorado?

— Tirei um semestre sabático. — Ele dá de ombros. — Não sabia que precisava preencher uma papelada extra para isso.

— Então foi isso? — pergunta Marisol. — Você foi deportado por causa de burocracia?

— Sim. — Ele assente, endireita a coluna e abre bem as mãos, palmas para cima, como estivesse em um número de mágica.

Sua deportação era uma façanha ridícula a ser admirada.

Lydia não vai pensar em nada daquilo. Sobretudo nas famílias separadas na fronteira. Nas crianças arrancadas dos braços das mães. Ela não pode pensar nisso, nem por um segundo. Não é possível perdê-lo depois de ter chegado tão longe. *Não*. Ela passa as mãos pelo cabelo de Luca. Ela junta os dedos como uma tesoura e pensa no corte que fará quando chegarem ao Arizona. Esse é o tipo de coisa em que seu cérebro aguenta pensar.

* * *

Ao meio-dia, eles tiram um cochilo. Dormirão durante a tarde e acordarão a tempo de fazer uma última refeição no México antes da jornada da noite. Todos esticam o corpo no espaço que escolheram para dormir. Choncho e Slim se juntam aos dois homens quietos no quarto dos fundos, seus filhos David e Ricardín encontram espaço no corredor e no chão da cozinha. Lorenzo e Nicolás ocupam os sofás. Somente Soledad não consegue descansar. Ela volta a andar pela rua lá fora. Lorenzo vai até a janela enquanto todo mundo está dormindo e a observa.

Ao voltar para o apartamento quente e tranquilo, a jovem se assusta ao encontrar Lorenzo sentado no sofá olhando para ela. Ele está sem os sapatos, mas parece que não dormiu. Ela passa rapidamente por ele e entra na cozinha, onde enche sua garrafa com água da torneira e toma um longo gole. Pode senti-lo olhando para suas costas, mas não se vira para interceptar o olhar dele. Enche a garrafa novamente e depois vai para o quarto onde a irmã e os outros estão dormindo.

— Ei, qual é a pressa? — Ele fala com a voz baixa, com cuidado para não acordar Nicolás, que dorme com a respiração pesada.

A tentativa de paquera de Lorenzo soa ameaçadora.

Mas Soledad não tem medo dele. Há uma dúzia de pessoas naquele apartamento. Não há nada que ele possa fazer ali. Além disso, depois do que Soledad passou nos últimos meses, quase nada a assusta mais. Ela é dura na queda. A garota se vira e estreita os olhos para ele. Fala com um tom de voz inequívoco.

— Estou com pressa para descansar um pouco. Você deveria estar também.

Lorenzo se acomoda no sofá, estica o torso e deita a cabeça nas almofadas.

— É. Tanto faz — diz ele.

Soledad percebe então que ele está segurando um celular. Ele se inclina para a frente e o atira no braço do sofá a seus pés. Ela hesita, vira de costas para ele novamente e dá um passo em direção ao quarto antes de mudar de ideia. Então se volta para ele.

— Esse telefone funciona?

Lorenzo levanta a cabeça do sofá.

— Pfff... Claro que funciona. O que você acha, que é decoração?

Ela dá dois passos para trás, em direção à sala, coloca a garrafa de água na bancada e fica ali por um momento. Não quer dever nada a uma pessoa que nem ele, mas pode levar dias até que tenha outra oportunidade.

— Posso fazer uma ligação?

Lorenzo sorri para ela.

— Quanto vale para você?

Soledad sente o amargor subir pela boca. Ela não responde, mas finge que acha graça. Seu sorriso é vazio, mas funciona com ele. Bastou aquilo — um sorriso falso, e ele ficou todo derretido e esperançoso. Na mente dele, ela já está nua. *Que cretino*, pensa Soledad.

Ele estende o telefone para ela.

— Fique à vontade.

Ela se estica para pegar o telefone de longe.

— Obrigada.

A porta do quarto já está aberta para circulação de ar, e as luzes estão apagadas lá dentro. Rebeca e Luca dormem perto da porta, abraçados e sonhando, porque a objeção inicial de Lydia a esse tipo de proximidade está tão distante que eles mal se lembram. Soledad dá dois passos para dentro do quarto e se agacha ao lado da irmã adormecida. Hesita em acordá-la.

— Rebeca — sussurra, tocando levemente o ombro da irmã. Os olhos de Luca se abrem, mas Rebeca continua dormindo. — Me desculpe — diz ela a Luca, mas ele já pegou no sono de novo. — Rebeca — insiste ela, sacudindo a irmã com mais força.

Rebeca respira fundo e não se mexe. Soledad se levanta e se move silenciosamente pelo apartamento, sobe a escada e volta para a rua.

Ela pega no bolso um pedacinho de papel dobrado com o número de telefone do hospital. Digita os números. São necessárias duas tentativas, mas o telefone do Hospital Nacional em San Pedro Sula está tocando.

— Alô?

São feitas várias transferências até que Soledad ouça a voz familiar da enfermeira Ángela na linha. Ela pode sentir a adrenalina correndo pelos ombros, pelo pescoço. Quando Soledad relembra aquele momento pelo resto da vida, quando o reviver, ela acreditará que na verdade já sabia o que a enfermeira ia dizer. Que já sabia muito bem antes que as palavras saíssem de sua boca e viajassem até aquele telefone distante, antes de saltarem por meio de torres de celular e satélites e reverberarem de volta para aquele aparelho emprestado ali na fronteira dos Estados Unidos e caírem em seu ouvido. Ela passará a acreditar que sabia, desde o momento em que Lorenzo lhe entregou o celular, desde antes disso, desde quando ficou na calçada de Nogales e passou os dedos pelas barras que demarcavam a fronteira dos Estados Unidos, desde quando se sentou naquele banheiro sujo e frio em Navolato enquanto aquele bebê indesejado, mas mesmo assim amado, saía de dentro dela, desde o primeiro dia em que sentiu o estrondo e o zumbido de La Bestia nos ossos, desde a primeira vez que Iván a estuprou, muito antes de colocar os olhos na cidade de San Pedro Sula, desde os dias em que o pai a levava nos ombros e ela passava os minúsculos bracinhos ao redor da testa suada dele, que abria caminho em meio à floresta das nuvens com seu facão. Ela passará a acreditar que sabia dessa verdade desde o dia em que nasceu, quando o pai a abraçou pela primeira vez e contemplou seu lindo rosto com amor, amor e amor.

— Sinto muito — diz Ángela.

* * *

Sozinha na rua, Soledad se dobra ao meio, plantando a palma das mãos com força nos joelhos. Ela não chora, mas treme sem parar. Ela caminha de um lado para outro, mas não consegue encontrar lugar para escapar do pânico. Ela diz a palavra *não* em voz alta mais de cem vezes, espremida pela garganta. Agita as mãos para tentar tirar de lá a adrenalina, mas a dor tomou conta de si como uma besta demoníaca, e ela percebe imediatamente que o fardo daquela dor deve ser só dela, e de mais ninguém. Rebeca precisa sobreviver ao deserto, e talvez não consiga se precisar percorrê-lo carregando esse monstro nas costas. Ela não vai contar para a irmã. *Minha culpa*. Então se ajoelha ali na rua e sente as pedras afiadas espetando sua pele através do jeans. Ela reza para que Deus tenha levado seu pai rapidamente ao céu, para que, de alguma forma, ele a perdoe pela morte que ela lhe causou.

— Sinto muito, Papi. Perdoe-me, Papi, por favor — diz sem parar.

Como está com as pernas bambas, ela se senta no meio-fio, perguntando-se vagamente como as notícias subirão a montanha até a vila. Ela se pergunta se Mami e Abuela já sabem. Ela se pergunta se algum dia verá as duas ou ouvirá a voz delas de novo. Porque Papi, o único elo entre elas, já não está mais ali. Um dos outros homens da montanha que trabalha na cidade ficará sabendo, ela pensa, e levará com tristeza a notícia profana no ônibus, três horas pelas estradas estreitas e turvas até as nuvens. Ele dará a notícia para a mãe e a avó. Ela fecha os olhos diante desse pensamento. Ela o afasta, porque já enfrentou o suficiente para saber que está no seu limite, que não pode mais avançar nessa angústia sem desaparecer para sempre. A única coisa que importa agora é Rebeca. Ela ainda pode salvar Rebeca.

Quando se levanta daquele meio-fio, Soledad já é um fantasma de si mesma. Talvez bem no fundo ainda exista ali dentro alguma brasa que um dia foi sua chama, mas ela não consegue senti-la. Abre a porta do apartamento e desce a escada.

CAPÍTULO TRINTA

Todos haviam arrumado seus poucos pertences, preparado e comido o que restava e estavam tomando café instantâneo quando o sol começa a se inclinar no horizonte e El Chacal retorna. Beto não tem nada para arrumar. Marisol havia trocado os sapatos de salto de tiras pretas por um tênis de trilha da Adidas. Ninguém diz nada enquanto sobe a escada para deixar o apartamento pela última vez. Há duas caminhonetes de carroceria aberta estacionadas do lado de fora, e a traseira de uma delas está cheia com dezenas de galões de água pintados de preto. Lorenzo se aproxima da caminhonete branca, então Lydia conduz Luca para a azul. Beto, as irmãs e Marisol sobem atrás dos dois, entre os galões de água. Nicolás também. Ele se senta ao lado de Marisol.

— Você tem namorada na faculdade? — pergunta ela.

Nicolás balança a cabeça.

— Sabe, minha filha é estudante universitária em San Diego. Está fazendo sociologia. Qual é seu campo de estudo?

As sobranceiras de Nicolás sobem até o meio da testa.

— Estudo biologia evolutiva e biodiversidade no deserto — diz ele.

— Ah. — Marisol não consegue elaborar nenhuma pergunta adequada.

— Que diabo é isso? — pergunta Beto.

Nicolás ri.

— Pesquiso como os organismos evoluem e quais fatores ambientais influenciam essa evolução e vice-versa.

Beto olha inexpressivo para ele.

— Para ser mais específico, estudo os padrões de migração de determinadas borboletas do deserto e o efeito desses padrões nos arbustos floridos.

— Borboletas do deserto, é? — comenta Beto, desconfiado.

— Sim.

— Você estuda, tipo, para onde elas vão?

— Sim.

— E isso é, tipo, seu trabalho? Você só faz isso?

Nicolás sorri para Beto.

— Cara, quero ir para a faculdade — diz o garoto.

El Chacal está prendendo a porta da traseira da outra caminhonete, e agora vai até a deles. Olha para cada um individualmente, verificando os equipamentos. Usa calçados de caminhada robustos e leves, empoeirados o suficiente para parecer que poderiam pertencer a qualquer migrante — um com condição de comprar botas de caminhada. Está vestido como no dia em que os conheceu na praça — jeans justos e, desta vez, uma camiseta cinza. Sua mochila, no banco da cabine, é pequena. A jaqueta, feita de teflon impermeável, é leve o suficiente para ser amarrada em sua cintura fina. As bochechas dele, como sempre, estão de um alegre tom rosado no rosto moreno. Tudo no corpo de El Chacal parece projetado para o deserto. Ele é magro, musculoso, compacto e se move com destreza ao passar de migrante a migrante, examinando calçados, ânimo, peso da mochila. Ninguém fungando ou espirrando poderá fazer a viagem. Ele para diante de Beto.

— Onde está sua mochila?

Todo mundo está abraçado à própria mochila. Beto não tem nada.

— Não preciso de mochila, *güey*. Tudo de que preciso está aqui. — Ele bate na têmpora com um dedo.

— Esse seu cérebro maluco vai manter você aquecido hoje à noite?

— Como assim, aquecido? — questiona Beto. — *No manches, güey*. Estamos no meio de uma onda de calor. Está fazendo um milhão de graus aqui fora.

É abril no deserto de Sonora, e está incomumente quente esta semana. A máxima do dia foi de trinta e seis graus.

— Então você não tem uma jaqueta? Um casaco, um blusão, nada? — insiste El Chacal.

— Vou ficar bem!

— Para fora do caminhão. — El Chacal destrava e abre a porta traseira.

— *Órale, güey*. É sério, estou ótimo, não preciso de jaqueta.

— Fora — repete El Chacal. — Fui bem específico. Eu disse o que vocês precisavam, avisei o que aconteceria se vocês não estivessem preparados.

— Mas...

— E se encontrar um coioote que diz que leva você para o outro lado sem o equipamento certo, não dê seu dinheiro a ele. Porque ele não dá a mínima para

sua vida, e você vai morrer, entendeu? Agora, vamos lá. Fora.

— Vou arranjar um casaco! Vou arranjar uma jaqueta! — A voz de Beto está subindo para um tom frenético.

— Agora já era — diz o coio, batendo com impaciência na carroceria da caminhonete. — Arranje um casaco, e eu levo você da próxima vez.

Beto se levanta e vai lentamente para a porta traseira, relutando com todas as células do corpo. Luca puxa o braço de Mami, mas ela não responde. Ela deveria ter verificado com ele. Beto parece ter mil anos, mas só tem dez, e os salvou. Ele comprou a passagem deles. Então, qual a dificuldade de perguntar: *Beto, você tem um bom casaco, certo?* Mas ela não fez isso. E agora é tarde demais. Não há nada que ela possa fazer. Ela aperta a mão de Luca, um singelo pedido de desculpa por seu fracasso na previsão, por seu heroísmo escasso. O resto dos migrantes olha impotente para Beto, mas Nicolás está abrindo a própria mochila. Beto se senta lentamente na parte de trás da porta da caçamba, os pés pendurados, procrastinando. Vasculha a mente em busca de um argumento ou apelo que possa fazer.

— Aqui. — Nicolás atira um agasalho com capuz, pesado, com forro de lã e zíper, no colo do garoto.

O rosto de Beto se ilumina imediatamente, e Lydia abre um sorriso aliviado. Luca sorri. Beto pega o tecido grosso e marrom e se levanta. Ele amarra os braços do moletom na cintura, enquanto Nicolás fecha a mochila.

El Chacal observa o jovem doutorando.

— Você tem outro?

— E uma blusa térmica, além de um poncho de chuva.

O coio assente e bate a porta da caçamba. Beto já voltou para se acomodar ao lado de Luca, mas El Chacal dá a volta na caminhonete e fala baixinho no ouvido do garoto, apoiando-se no caminhão. Beto se vira para ouvi-lo, um joelho caído e o outro apoiado.

— Sua sorte é que Nicolás ajudou. É por isso que nunca levo crianças. Não sou babá e não quero ninguém morrendo por burrice. Não faça com que eu me arrependa de levar você.

O rosto de Beto sustenta uma rara quietude, e ver a sinceridade naquela expressão quase faz Lydia se manifestar.

— Quando eu digo que alguma coisa é importante, você me atende, compreendido? — diz El Chacal.

Beto assente seriamente.

— Porque quando eu digo *importante*, significa que você vai morrer se não me escutar. Esta jornada não é brincadeira. Se eu mandar pular, você pula. Se eu disser *cállate*, você cala a boca. Se eu disser que você precisa de um casaco, você precisa da porcaria do casaco. — Ele dá um passo para trás e se vira para ver os migrantes nas duas caçambas. Levanta a voz para que todos possam ouvi-lo. — O mesmo vale para todos vocês. Me ouviram? Esta é uma jornada cansativa. São duas noites e meia de caminhada intensa, e eu sou sua única salvação. Se houver algum problema com isso, ou se acharem que não vão conseguir, é a última chance de falar.

O coioete leva uma pistola nessas travessias para ajudar a convencer os migrantes relutantes sobre a natureza absoluta de sua autoridade. Para garantir que os migrantes saibam disso, ele não esconde a arma que carrega em um coldre pendurado na cintura. É um suporte psicológico muito útil, e ele raramente precisa usá-la. Beto não fica impressionado com a arma, que vislumbrou quando o coioete estava ao lado do outro caminhão, mas com a intensidade sutil das palavras do homem. Beto sabe reconhecer a verdade.

— *Oye* — diz o garoto. — Desculpe.

Beto parece uma lua cheia brilhando sobre o coioete, e algo em seu anseio traz a lembrança de Sebastián para a mente de Lydia. Quanto tempo a memória do pai bastará a seu filho? Quanto tempo até ele olhar para estranhos dessa maneira? A adrenalina do sofrimento toma conta de seu corpo, mas Lydia fecha os olhos e espera que ela passe.

El Chacal assente, abre a porta do carona e entra.

Eles dirigem para sudoeste, em direção ao pôr do sol no deserto. Não há nada incomum em caminhonetes cheias de migrantes saindo de Nogales a caminho do deserto. Ninguém tentará detê-los. Quem olha sabe o que eles estão fazendo, mas ninguém ali se importa. Lydia é a única preocupada em se esconder. Ela afunda na caçamba da caminhonete e protege o rosto com o chapéu desbotado quando passam por outros veículos.

— Por que para o sul? — pergunta Luca quando eles saem da cidade, mas ela não sabe.

Fica aliviada quando o caminho se volta para estradas mal pavimentadas que acabam se tornando estradas não pavimentadas que, por fim, se tornam trilhas que mal podem ser chamadas de estradas. São vias cheias de buracos e sulcos, e o cascalho parece solto sob os pneus. Estão sozinhos no deserto agora, não há nenhum outro carro por quilômetros ao redor, e os migrantes agarram-

se às beiradas e saltam desconfortavelmente nas caçambas das caminhonetes, quase quebrando quando atravessam, aos solavancos, uma vala inesperada. Lydia segura Luca para impedir que o filho saia voando, e o progresso é cuidadoso e lento.

Quando as caminhonetes finalmente viram para oeste e depois para noroeste, Luca se pergunta se eles agora estão seguindo perpendicularmente àquela fronteira, naquele lugar onde a cerca desaparece, e a única coisa que separa um país do outro é uma linha que algum cara aleatório desenhou em um mapa muitos anos atrás. Para passar o tempo, já que ninguém vê outro veículo há quase uma hora, Nicolás cita algumas espécies de animais que vivem ali, que eles podem vir a encontrar em suas viagens: jaguatiricas, lincos, quatis, caititus, lagartos-rabo-de-chicote, leões-da-montanha, coiotes, cascavéis.

— Cascavéis? — pergunta Marisol.

Coelhos, codornas, veados, beija-flores, onças.

— Onças! — exclama Beto.

— São raras, mas certamente ainda não estão extintas em Sonora. Raposas, gambás... — continua Nicolás. — E nem me façam começar a falar das borboletas.

Luca pensa em todos aqueles animais correndo livremente, de um lado para outro da fronteira, sem passaporte. É uma ideia reconfortante. Rebeca está apenas entreouvindo. Ela não quer de fato pensar em que tipo de vida selvagem eles podem encontrar. Não está nem um pouco preocupada com isso. Ela pensa em seu próprio lugar remoto e selvagem, cheio de criaturas barulhentas de olhos grandes. Parece quase impossível que a floresta das nuvens ainda exista. Ela quer fechar os olhos e viajar de volta para lá. Quer sentir na bochecha e nos cílios a suavidade fria das nuvens. Quer ouvir o eco da chuva caindo entre as folhas grandes e carnudas. A lembrança daquele lugar brilhante, líquido e etéreo está desaparecendo da mente. Quando fecha os olhos agora, não consegue se recordar do som de sua avó cantando ou do cheiro do *chilate*. Tudo foi apagado, e a tristeza dessa erradicação parece um peso que ela precisa carregar com suas pernas e braços. Quando respira, naquele lugar deserto, o ar entra seco no nariz, o couro cabeludo está chamuscado pelo sol.

Rebeca apoia a cabeça no ombro da irmã e observa as mudanças na coloração da paisagem. O sol afunda diante deles e transforma a terra arenosa em laranja e rosa. O céu também está repleto de tons rosa e roxos, azuis e amarelos-vívidos e malucos, e as cores demoram a ficar mais intensas,

escurecendo lentamente, mas, quando enfim desaparecem, a escuridão é mais profunda e vasta do que qualquer coisa que Luca já viu. Ele não consegue enxergar nem os joelhos dobrados diante de si. Não consegue enxergar os próprios dedos balançando na frente dos olhos. Ele procura a mão de Mami na escuridão, e, quando sente o filho, Lydia o puxa para perto e o coloca debaixo de sua asa. Ninguém fala muito depois do pôr do sol. Todos abrem bem os olhos e aproveitam qualquer sugestão de luz. Ficam cada um na própria mente, pensando nas horas seguintes.

Lydia se lembra de um programa de sua infância, bem diferente desses desenhos animados de qualidade que Luca vê, programas transmitidos para o mundo todo com seus monstros de olhos arregalados e vozes estridentes. Era um programa memorável, um trabalho de baixo orçamento incrível com bonecos feitos à mão e uma verdadeira magia de sucata. Lydia se lembra da música-tema, em que todos os personagens se aproximavam da terra em um latão de lixo bagunçado. O latão de lixo era uma espécie de biga, mas só quando todos os amigos estavam a bordo, porque se um deles estivesse faltando, o latão não passava de uma lixeira velha e comum atraindo moscas. Mas, quando todos os amigos estavam juntos, a lixeira brilhava e disparava no céu, soltando estrelas pelos canos de escapamento — e não pergunte a Lydia por que uma lixeira tinha canos de escapamento, ela só tinha seis anos quando via aquilo, mas, *dios mío*, era impressionante.

Ela não sabe por que está se lembrando daquele programa agora. Não pensava nisso havia anos, e aquela caminhonete azul não é uma lixeira mágica. Mas Lydia tem a mesma sensação de quando assistia àquela erupção de estrelas de sucata, quando via como os amigos seguravam firme na beira da embarcação, não importando a gravidade ou a física, ou a realidade ardente da atmosfera planetária. Tudo era possível.

— Você se lembra daquele programa, de quando éramos crianças? — pergunta ela a Marisol na escuridão. — Aquele da lixeira voadora?

Marisol lembrava.

Durante a segunda hora do trajeto, há uma luz no caminho à frente, e as caminhonetes param em um ponto de controle. Há luz suficiente apenas para Soledad reconhecer o uniforme de *los agentes federales de migración*. Imediatamente, Rebeca começa a chorar. Ela arrasta os calcanhares pela caçamba da picape e se contorce de volta para os braços da irmã. Soledad a

tranquiliza e acomoda o rosto de Rebeca em seu pescoço, pedindo que ela feche os olhos. Cantarola baixinho para a irmã no conforto de sua língua natal.

— Tudo isso vai passar. Em breve estaremos a salvo. Feche os olhos, irmã.

Rebeca respira fundo no pescoço de Soledad, e suas lágrimas molham silenciosamente a pele da irmã. El Chacal sai da caminhonete e vai até dois guardas, armados com lanternas e fuzis AR-15. Eles o cumprimentam de uma maneira familiar, e El Chacal lhes entrega um envelope. Eles conversam por uns dois minutos e, quando o coioete retorna à caminhonete, *los agentes se* aproximam, apontando as lanternas para o rosto de cada migrante. Rebeca não tira o rosto do ombro de Soledad quando a luz atinge sua pele. Soledad trinca os dentes e olha diretamente para o feixe. Seus olhos lacrimejam, mas ela não pisca.

— *Oye, jefe*, talvez a gente fique com esta aqui — diz um dos guardas a El Chacal, cuja janela na cabine do caminhão está totalmente abaixada.

O coioete está debruçado na porta, mas, antes que ele possa responder, Luca fica em pé, assustando Lydia, que pula em cima dele.

— Você não pode ficar com ela! — grita ele. — Você não pode ficar com ela, ninguém tem permissão de ficar com ela. Ela é uma pessoa, e vem com a gente!

O feixe da lanterna gira em direção a Luca, e o círculo de luz encontra seu rosto no escuro. Os olhos negros do menino brilham, e ele está com as mãos cerradas em punhos apertados.

— *¡Mira, el jefecito!*

— Luca, senta! — Lydia o agarra e o segura no colo com força.

Mas o guarda está dando risada. Ele se inclina para dentro da caçamba da caminhonete, e Soledad aperta Rebeca ainda mais.

— Não se preocupe, homenzinho — diz o guarda a Luca. — Eu estava só brincando. — Ele aponta a luz de volta para Soledad. — Sorte sua ter um guarda-costas tão corajoso e apavorante, *señorita*.

— Sim — diz Soledad mecanicamente.

Ele se volta para Luca.

— Continue lutando, homenzinho. Esse é o tipo de coragem de que você vai precisar em *el norte*.

Lydia volta a respirar, mas não solta Luca. Quando é sua vez de suportar o feixe de luz em suas feições, prende a respiração de novo. Ela mantém os olhos abertos e abaixados e reza para que esses homens não trabalhem para Javier. Ela

reza para que seu rosto não esteja em alguma mensagem em um dos celulares deles. A lanterna permanece apontada para ela, e depois segue para Marisol. Lydia volta a respirar.

— Vão com Deus! — grita o guarda, enquanto se afasta do caminhão.

— *¡Nos vemos pronto!* — saúda El Chacal acenando para os homens ao prosseguirem com sua jornada.

Mais de três horas depois de deixarem o apartamento em Nogales, as duas caminhonetes, agora com os faróis apagados e cobertas por uma espessa camada de poeira do deserto, param. Sem a luz ambiente dos painéis e lanternas traseiras, os migrantes se veem na escuridão absoluta. Estão a oitocentos metros de caminhada dos Estados Unidos. El Chacal os alinha do lado de fora dos caminhões e diz que precisam apenas estar cientes da pessoa à frente e da pessoa atrás. Está escuro demais para vê-lo, mas sua voz assume uma animação tão calorosa que é quase visível, uma dose de cor contra o preto da noite. Ele representa segurança e autoridade. É uma energia profundamente contagiante. Com a orientação dele, todos acreditam que aquilo é possível. Nem sequer sabem o nome verdadeiro do coioite, mas confiam a ele a vida. El Chacal diz que eles vão andar rapidamente e que é vital manter o passo. É fundamental que ninguém se separe do grupo.

— Se ouvirem este barulho, parem. — Ele faz um assovio curto e baixo. — Se eu fizer esse barulho, significa que vocês devem ficar absolutamente imóveis e em silêncio até eu dizer que podem se mexer de novo. Este é o sinal para se mexer de novo. — Ele estala a língua duas vezes seguidas, inacreditavelmente audível. — Se formos pegos... Todo mundo está ouvindo? Isso é importante. Se formos pegos, não digam qual de nós é o coioite. Entendido?

— Por quê? — É Lorenzo quem pergunta.

— Você não precisa saber o porquê, mas vou dizer, só para não terem ideias idiotas — diz El Chacal. — Se formos pegos, e descobrirem que sou o coioite, todos vocês serão deportados sem mim, certo? Vou ser preso, e vocês serão mandados para casa. Se *los carteles* descobrem quem dedurou o coioite e interrompeu o fluxo de renda, essa pessoa enfrentará um inferno. Você já tem problemas suficientes com *los carteles*, não?

Lorenzo faz um barulho que serve de afirmação.

— Então, fiquem calados. Se formos pegos, todos seremos deportados juntos, voltaremos e tentaremos de novo. Vocês ganham três tentativas pelo preço de uma. De acordo?

Todos concordam, e El Chacal acende uma luz baixa e passa alguns minutos se preparando. Ele desenrosca a tampa de um pote de alho picado e instrui todos a esfregarem um pouco nos sapatos como repelente de cascavéis. O cheiro lembra Lydia de cozinha, de casa, mas ela tem mais medo de cobras do que de nostalgia, então é generosa com suas botas novas e com as de Luca. Em seguida, o coioete dá a todos a água que devem carregar. Os galões são pesados e é difícil carregá-los, mas eles já passaram por coisas piores. Lydia usa um de seus cintos de lona, passando-o pelas alças do galão e depois pelas tiras inferiores da mochila. As garrafas balançam e batem no quadril durante a caminhada, então Lydia aperta as tiras para fixá-las no lugar. Luca carrega apenas uma garrafa, porque é o que aguenta. Os homens carregam quatro galões cada um, e Nicolás também tem uma mochila de caminhada cheia de água com um longo tubo por cima do ombro por onde ele pode beber. Todos tentam não pensar no calor do deserto, na distância que devem percorrer para alcançar a segurança depois de atravessar e na quantidade de água que transportam.

* * *

Os migrantes permanecem nas posições que El Chacal lhes designa: o coioete é o primeiro, seguido por Choncho e Slim, seguidos por Beto e Luca, Lydia, as irmãs e depois Marisol. O resto dos homens está na retaguarda. Eles seguem para o norte em um ritmo surpreendentemente rápido, e Lydia tenta enxergar a silhueta quase invisível de Luca à frente. O ar fresco entra frio em seus pulmões e, depois daqueles dias inquietos no apartamento, é emocionante estarem seguindo para o norte, sobre a terra iluminada pelas estrelas. Ninguém diz nada, a única conversa são os passos contra o terreno irregular e os pequenos sons de esforço que seus corpos emitem. Todos se concentram em não cair, não pisar errado, não esbarrar na pessoa da frente. Eles se mantêm alertas para o perigo real de torcerem um tornozelo. Eles tentam, fracassando na maioria das vezes, reprimir o medo da invisível e onipresente Patrulha da Fronteira.

Não há cerca neste trecho do deserto, porque não há necessidade. Eles estão a mais ou menos trinta quilômetros a leste de Sasabe e trinta quilômetros a oeste de Nogales, onde as montanhas Pajarito servem como cerca da fronteira.

Está frio. Luca está vestindo todas as peças de roupa que eles compraram em Diamante antes de deixarem Acapulco: jeans, camiseta, moletom com capuz, jaqueta e meias grossas. As novas botas estão amarradas com nó duplo. O boné de beisebol de Papi está guardado cuidadosamente no bolso lateral da mochila, e ele está usando o chapéu e o cachecol de tricô que ganhou da senhora de Nogales, mas, mesmo com tudo isso, mesmo que se sinta úmido de suor nas costas, o nariz e os dedos estão congelando. Luca queria ter pensado em comprar luvas também. Às vezes, El Chacal faz o assovio rápido, e todos ficam absolutamente imóveis e silenciosos até que ele estale a língua duas vezes para que continuem. Em algum lugar Luca consegue ouvir o zumbido eletrônico de máquinas invisíveis. Choncho dá um passo para o lado de Luca e aponta para uma luz vermelha piscando no alto de um poste próximo. Eles estão quase diretamente abaixo dele. Aquilo gira. E quando o olho vermelho piscando desvia o olhar, El Chacal estala a língua duas vezes de novo, e eles andam depressa, quase correndo pela escuridão, até subirem e superarem um pequeno cume, além do alcance daquele olho mecânico giratório.

— Parabéns — sussurra Choncho para Luca. — Você acabou de passar por sua primeira câmera da Patrulha de Fronteira dos Estados Unidos.

Luca sorri no escuro, mas Lydia sente um aperto no estômago, uma tristeza passageira pelo que isso deve significar.

— Já estamos nos Estados Unidos? — sussurra ela.

— Estamos — responde Choncho.

Lydia esperava que a travessia fosse algo importante. Que aconteceria em um instante, que ela, em um passo, deixaria o México e entraria nos Estados Unidos. Ela esperava poder fazer uma pausa, ainda que breve, para olhar para trás e refletir, física e metaforicamente, sobre o que estava deixando para trás: o medo onipresente de Javier e seus capangas. Depois de dezoito dias e dois mil e quinhentos quilômetros de resistência, ela quer sentir que está escapando do território dele. Mas também quer olhar para além disso, para sua vida antes do massacre, para sua infância feliz em Acapulco. Quer se lembrar do maiô laranja que usou todos os dias do verão de seu sexto aniversário. Dos mergulhos dos penhascos de La Quebrada quando era adolescente. Das caminhadas por Barra Vieja com o pai, quando ainda era pequena o suficiente para segurar a mão dele sem vergonha. Dos milhões de queixas carinhosas de sua mãe. Da faculdade, de Sebastián, da livraria. De segurar Luca fora de seu corpo pela primeira vez. Lydia esperava um momento em que essas noções a inundariam,

de uma só vez, como uma pequena morte. Um portal. Ela esperava, como uma daquelas cascavéis do deserto, perder a pele de sua angústia e deixá-la para trás na terra mexicana. Mas o momento da travessia já havia passado, e ela nem percebeu. Ela não olhou para trás, não cometeu nenhum pequeno ato de cerimônia para ajudá-la a entrar na nova vida do outro lado. Nada pode ser desfeito. *Adelante.*

* * *

O céu está claro e estrelado, mas é lua nova. Assim, mesmo quando aparece, a lua não ilumina o caminho. Condições ideais para a travessia, o coioote garante enquanto eles tropeçam no escuro. Durante uma hora, caminham pelo deserto em silêncio. Às onze horas, eles se abrigam sob um afloramento rochoso, porque, explica o coioote, é horário de intensa patrulha de fronteira, e *la migra* é farta naquele setor. Ele pede que descansem, mas nenhum deles descansa. Todos ficam sentados, com medo, os olhos piscando como lâmpadas estragadas. Eles passam três horas assim, ouvindo os sons estranhos do deserto ao redor. É aterrorizante ouvir grunhidos, bufos, estalos e urros, às vezes ao longe, às vezes bem perto, e não ser capaz de ver que tipos de criaturas estão fazendo todo esse ruído. É uma sensação estranha a vulnerabilidade de estarem sentados sem proteção entre os animais noturnos, sabendo que eles podem vê-los, farejá-los e senti-los lá. Sabendo que não serão vistos, caso decidam se aproximar. Cada um dos migrantes reza enquanto espera. Até Lorenzo lembra que um dia acreditou em Deus.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Pouco antes das duas horas da manhã, El Chacal os coloca em movimento de novo. Quer montar acampamento antes do amanhecer. Ele já percorreu aquela rota dezenas de vezes antes. Sabe muito bem para onde estão indo e quanto tempo leva para chegar lá. Sabe que podem precisar de muito menos água se evitarem andar durante o calor do dia. Mas é fim da primavera, e as noites estão ficando mais curtas. Portanto, também sabe que há pouco tempo sobrando antes que a luz volte. Ele pressiona o grupo para seguir em ritmo máximo. Eles provavelmente estão cinco quilômetros ao norte da fronteira, mas algumas horas ainda os separam da segurança, da cidade mais próxima, da próxima vez que El Chacal assovia. Desta vez, Beto, meio adormecido, tropeça em Slim à sua frente, e os dois caem feito dominó no chão do deserto. Beto ri e pede desculpa, mas El Chacal se vira com o dedo nos lábios. Slim enfia a mão carnuda na boca de Beto para garantir o silêncio.

À frente, no sopé de uma colina que eles já percorreram quase pela metade, Luca pode ver o leve traço branco de uma estrada serpenteando na paisagem. Eles estão de pé embaixo de um amontoado de árvores desfiguradas, mas, abaixo, há pouca ou nenhuma cobertura até o outro lado da estrada. Várias centenas de metros à direita, há quatro caminhonetes estacionadas juntas.

— *Carajo* — diz El Chacal em voz alta.

Até ali, Luca estava gostando dessa vantagem de ter sua vida inteira aniquilada: de uma hora para outra, ele se vê em um mundo onde os adultos às vezes xingam em alto e bom som. Ele até tentou algumas dessas palavras, mas, naquele caso, ouvir El Chacal dizer *carajo* ao ver aquelas picapes faz Luca se sentir profundamente inquieto.

— O que estão fazendo aqui a esta hora da noite? — pergunta Choncho ao coiote em voz baixa.

El Chacal balança a cabeça.

— Não sei. Há uma trilha lá. — Ele aponta para o outro lado da estrada. — Às vezes, vamos por ali se não tem ninguém. É uma trilha pouco usada. Mas isso... — O coioote cospe na terra a seus pés. — Não é o tipo de gente que anda por aí de dia...

El Chacal pega um binóculo pendurado no pescoço: está escuro demais para ver qualquer coisa, exceto o contorno das caminhonetes e uma luz interna da cabine que foi deixada acesa. Ainda está muito escuro ali, mas a escuridão está começando a se difundir em uma variedade de cinzas discerníveis. Em breve, a luz se seguirá. El Chacal desfaz a fila e reúne os migrantes ao redor para falar com todos de uma só vez.

— Há quatro caminhonetes estacionadas na trilha abaixo. É uma trilha remota. Eu nunca tinha visto ninguém parado ali antes. Então, meu palpite é que é um cartel aguardando uma entrega. Nesse caso, cuidem-se, porque alguém pode estar vindo atrás de vocês.

O corpo de Lydia fica tenso, e ela puxa Luca no escuro.

— Ou, mais provavelmente, é um daqueles grupos loucos de vigilantes — diz o coioote. — Brincando de Power Rangers noturnos. Nesse caso, fiquem de olho no caminho à frente, porque esses *hijos de puta* adorariam ter a cabeça de um migrante empalhada acima da lareira de casa.

Luca faz uma careta, mesmo que aquilo lhe pareça meio engraçado: a ideia da cabeça dele empalhada e pendurada em um pedaço de madeira lustrada em uma cabana *yanqui* em algum lugar.

Já Lydia não consegue ver a mínima graça nisso. Ela não havia sido ingênua o suficiente para pensar que eles já estivessem livres, mas achava que a natureza do perigo mais premente tinha mudado a esta altura. Ela pensava que ali em *el norte* teria que se preocupar mais com a Patrulha da Fronteira, com a possibilidade de Luca ser tirado dela, e menos com homens aleatórios armados aplicando suas próprias leis. Ela evita classificar as possibilidades em termos de seu potencial de violência. Quaisquer que sejam os uniformes, sotaques, rostos, não importa. Ela sabe que qualquer um que eles encontrarem ali, naquele lugar selvagem e desolado, significará o fim.

— O que vamos fazer? — pergunta Marisol.

El Chacal já está tirando a mochila das costas.

— Vamos esperar aqui. Esta é a única cobertura. De qualquer modo, as caminhonetes parecem mais de vigilantes do que de *carteleros*.

— Como você sabe? — pergunta Choncho.

O coioote entrega a Choncho os binóculos sem retirá-los do pescoço. O grandalhão espia.

— Não são tão extravagantes quanto os narcotraficantes — responde El Chacal. — E, se eles são vigilantes, como suspeito, provavelmente foram caçar migrantes na trilha do outro lado. Vamos esperar aqui. Quando finalmente voltarem para as picapes, poderemos passar.

— Mas e se forem narcotraficantes? — pergunta Marisol. Lydia estremece sem querer, esfrega as mãos no rosto e levanta o capuz. — Não estaremos sentados exatamente entre eles e a remessa, qualquer que seja, que estejam esperando?

— *Mira*, já paguei o pedágio para passar até aqui — diz El Chacal. — Eu jogo as regras deles.

— As regras de quem? — Lydia não consegue mais guardar a pergunta para si.

Ela precisa saber qual cartel é o dono automeado daquele pedaço de deserto.

— Los Jardineros? — pergunta Lorenzo.

O coioote não responde, e, no silêncio que se segue, Lorenzo faz contato visual com Lydia. Lorenzo caminha de um lado para outro como um animal enjaulado. Essa terrível hipótese finalmente pesa na consciência de Lydia: seria pior ser pega por norte-americanos, que tirariam Luca dela? Ou pelos mexicanos, que os devolveriam a Javier? Com esforço, ela reprime a especulação. Nenhum dos dois cenários pode se tornar realidade. Eles precisam conseguir. Ela bate os punhos contra as coxas e estica as pernas doloridas.

Choncho devolve o binóculo a El Chacal e começa a retirar a mochila. Slim e os filhos fazem o mesmo, colocando os galões de água no chão em silêncio, recostando-se nas mochilas.

El Chacal toma um gole cuidadoso de água do próprio galão.

— Encontrem um lugar para se esconder, caso o sol nasça antes que a gente consiga avançar.

A cobertura não é boa ali, naquele amontoado de árvores desordenadas, mas há um bosque perto, e Rebeca, Soledad e Lydia se voltam para trás, observando o caminho que já percorreram até a metade da colina, esperando que as formas de seus pesadelos surjam do escuro. Luca fica de costas para Mami, e tem tempo de considerar o quanto é estranho que, na condição de migrante, passem mais tempo parados do que em movimento. A vida deles se tornou

uma roda irregular de cinesia e paralisia. Beto adormece. Nicolás adormece. Marisol gostaria de adormecer. Todos ficaram cansados. A luz aumenta no céu a leste, e, quando as dezenas de homens se aproximam das quatro caminhonetes na estrada abaixo, descendo a trilha na colina em frente, há luz suficiente para El Chacal vê-los pelos binóculos.

— Vigilantes — confirma.

Os homens, vestidos inteiramente de camuflagem e portando armas visíveis o bastante para qualquer desavisado presumir que se tratava de militares autorizados, passam o tempo nas caminhonetes. Eles abrem caixas de isopor, de onde tiram bebidas e alimentos. Reúnem-se na traseira e passam de mão em mão uma garrafa térmica de café. Estão tão perto agora que, dependendo da direção do vento, os migrantes ouvem uma gargalhada aqui, umas palavras soltas ali. Essas acústicas mutáveis são aterrorizantes, porque os sons também devem viajar no caminho contrário. Todos os migrantes ficam subitamente cientes da própria anatomia. Ninguém quer espirrar ou peidar. Eles rezam para que os homens saiam dali. O café da manhã leva uma eternidade, e, quando parece que todos estão prontos para partir, eles descobrem a luz interna da cabine deixada acesa em um dos caminhões. A bateria morreu.

Quando acham alguns cabos de ligação em ponte, os homens manobram as caminhonetes, conectam tudo, colocam a caminhonete para funcionar, passam de cinco a dez minutos se parabenizando por isso e, finalmente, desfilam pela estrada até sumir. E o sol está a pino no deserto.

Os migrantes ainda estão a quase um quilômetro e meio do local oculto onde El Chacal pretende acampar. Agora, eles precisam enfrentar o perigo da luz do dia. Ele sacode Nicolás e Beto para acordá-los.

— Vamos — diz ele. — Rápido.

Os membros de Luca estão rígidos de tanto tremer no chão frio. Ele fica feliz em colocá-los em movimento novamente e em sentir o calor começando a se infiltrar nas pernas. A estrada abaixo é totalmente diferente do que Luca imaginava encontrar nos Estados Unidos. Ele achava que todas as estradas ali seriam largas como uma avenida, perfeitamente asfaltadas e alinhadas com fachadas fluorescentes. Aquela estrada se parece com a pior estrada mexicana que ele já viu. Terra, terra e mais terra.

A noroeste, há uma cadeia de colinas mais altas do que as que eles percorreram até o momento, e, depois de atravessarem a estrada, El Chacal

começa a subir a ladeira da mais próxima. É uma subida íngreme, e todos concentram a energia em mover o corpo com destreza colina acima.

— Por que não damos a volta? — reclama Lorenzo.

— Porque seguimos meu caminho — responde El Chacal.

— Mas aquele caminho parece muito mais fácil. — Lorenzo aponta para o norte.

— Vai você, então.

El Chacal não gosta de Lorenzo. Luca compreende que há uma tensão entre os dois, porque há uma tensão entre Lorenzo e todo mundo que ele encontra. A maioria, por decoro, tenta disfarçar o conflito, mas o coiole não se dá o trabalho, e Luca gosta disso. Pelo contrário, quando Lorenzo fala, El Chacal faz uma careta que é tipo o oposto de um revirar de olhos: seus traços ficam bem imóveis, e ele desvia o olhar de Lorenzo com as pálpebras entreabertas, e ele apenas espera que as palavras desapareçam. Depois de um momento, ele se reanima e continua.

Quando alcançam o cume da colina e contemplam a vista do outro lado, um sentimento desconfortável de exaltação e medo faz o corpo inteiro de Luca estremecer. É tão forte que Mami chega a ver, pelo canto do olho, o tremor dos membros dele e vira o rosto. Ele se certifica de não fazer contato visual. De qualquer forma, ele está encantado com o panorama. Todos estão.

Do outro lado daquela colina existem mais cem exatamente iguais, e provavelmente mais cem além daquelas que eles não conseguem ver, porque as colinas vão ficando mais altas, mais íngremes e mais formidáveis. A luz do sol as atravessa em fachos desordenados. As colinas estão cobertas de gramíneas douradas, batidas pelo vento, plantas pontiagudas e árvores raquíticas. Há imensos pedregulhos por toda parte, cravejados nas dobras das colinas, empoleirados em saliências precárias, reunidos em cavidades como famílias intransigentes. Algumas das rochas são tão gigantescas que ofuscam as colinas abaixo. O céu está impiedoso, rodopiando nuvens para mudar a luz, fazendo truques, tornando impossível medir distâncias, mas nunca cobrindo o globo quente e implacável do sol. Luca faz uma pausa para pegar o chapéu da cabeça e enfiá-lo no bolso do casaco. De repente, está coberto de suor. Ele tira o cachecol e a jaqueta e abre o zíper da mochila para guardá-los. Pega o boné vermelho de Papi e cheira a tira antes de prendê-la na cabeça e colocar a mochila nos ombros, mas o coiole olha para ele e balança a cabeça.

— Você não pode usar o boné. Dá para ver o vermelho a um quilômetro de distância.

Luca franze a testa para Mami, mas ela assente, e o menino, muito triste, tira o boné do pai. Ele o entrega à mãe, que tenta colocá-lo de volta na mochila dele.

— Você pode usar meu chapéu. — Lydia o tira e oferece para o filho.

— Mas é rosa — reclama ele.

— Não exatamente.

— Eu aceito! — diz Beto.

Lydia ri.

— Queria ter um sobrando para você — diz. Ela coloca o chapéu na cabeça de Luca e tenta guardar o de Papi dentro da mochila dele. A mochila está cheia. Ela para e puxa uma camiseta branca de dentro. — Aqui — diz, entregando a camiseta a Beto. — Use isto.

Ele prende a gola da camiseta na cabeça e deixa o tecido cair sobre seu pescoço para proteger a pele do sol. O menino sorri para Lydia.

— Obrigado.

Todos fizeram uma pausa ali, subitamente se dando conta do calor crescente. Tiram camadas de roupas e se reagrupam. Slim e Choncho dividem a água de um dos galões. Há um motivo para esse cenário ser desprovido de pessoas, não é à toa que ainda dá para atravessar por ali. É praticamente impossível que qualquer criatura consiga sobreviver em tal lugar.

— Nem parece real — diz Mami.

Ao lado de Luca, Lorenzo tira o próprio boné e seca a testa. Aquela peça estava intacta na primeira vez que Luca o viu, no abrigo para migrantes em Huehuetoca. Agora, a aba ainda está plana, mas o sol fez o preto virar cinza. É uma mudança surpreendente para Luca. Ele não está acostumado com a potência do sol de Sonora, com a rapidez com que corrói tudo sob seu olhar. Ele tira da cabeça o chapéu de Mami para examiná-lo mais de perto e percebe que o rosa não é mais rosa mesmo. É apenas uma reminiscência esbranquiçada do rosa, uma cor de areia suja. Foi o que Mami quis dizer quando falou *não exatamente*. Lorenzo apoia as mãos nos joelhos e olha para a paisagem sem esperança.

— *Ay, no manches, cabrón* — diz ele. — Você só pode estar brincando comigo.

— Acho que foi isso que ele quis dizer com *cansativo* — chia Beto, puxando o inalador vazio do bolso para chupá-lo.

— Você está bem? — pergunta Luca, apontando para o inalador.

Beto dá de ombros e tenta estabilizar a respiração, apertando os olhos contra o sol.

— Por quê? Você tem albuterol aí? — Ele cutuca a mochila de Luca. — Porque eu aceito, se você tiver!

Os dois garotos dão risada, e Beto soa como um balão esvaziando.

— *Venga, hijo* — diz Mami, puxando Luca para a frente dela. — Você também, Beto. Você está bem para caminhar?

Ele não gasta mais fôlego com palavras, mas assente e começa a se mexer.

Parece que levaria meio dia para subir e meio dia para descer cada colina. Os migrantes seguem ladeira abaixo no ritmo de El Chacal. Estão em silêncio agora, descendo para a primeira costura do vale, lutando para se manter sãos enquanto enfrentam a enormidade de suas empreitadas. O vento dispara pela paisagem e transforma o cabelo de Rebeca em um tornado preto. Seus pés esmagam a vegetação feia e amarela, e o corpo de Luca é inundado por uma emoção terrível. Eles estão nos Estados Unidos, e já parece um cenário de filme, mas com animais do deserto reais que podem matar, como escorpiões, cascavéis e leões-da-montanha. Luca experimenta um pântano de confusão formigante e nauseante.

— Luca. — Mami está logo atrás dele. Às vezes é como se ela pudesse ouvir o que ele está pensando. — Você está bem?

Ele assente.

— Estou orgulhosa de você, *hijo* — sussurra ela para que ninguém mais possa ouvir. Ela faz um muque. — *Eres bien fuerte*. Papi ficaria orgulhoso.

* * *

El Chacal sabe onde há uma estação de água, um lugar onde os trabalhadores humanitários deixam a água para os migrantes que passam. Ele os fez economizar seus suprimentos mesmo assim, porque às vezes não tem água lá — às vezes, a Patrulha da Fronteira ou os vigilantes a encontram primeiro e a destroem. Mas hoje tem água, marcada por uma bandeira azul no alto de um poste, três garrafões enormes sobre um caixote embaixo de uma lona. Não está

gelada, mas é a melhor água que Lydia já provou. A cabeça dela estava começando a latejar, porque ela estava economizando seu suprimento, mas agora bebe bastante de seu cantil e sente a dor diminuir de imediato. Beber água parece um milagre. Ela enche o cantil novamente e bebe mais um pouco. Luca bebe muito pouco.

— O máximo que você puder, *amorcito* — insiste ela.

— Mas vou ficar com câibra. Precisamos andar muito rápido.

— Câibras não matam. Beba.

Eles descansam ao lado da estação de água por dez minutos, enchendo seus galões e bebendo muito, enchendo os cantis novamente antes de seguir avançando no vale. El Chacal os alertou que ficassem em silêncio, para ficarem o tempo todo atentos ao som dos motores, mas o vento está fazendo barulho demais para isso. Beto começa a conversar com Choncho.

— De onde vocês são? — pergunta Beto.

Choncho demora para responder, não por relutância, apenas porque é o jeito dele.

— Veracruz.

— No México?

Outra pausa.

— Sim.

— Eu não sabia que faziam mexicanos grandes como você.

Choncho começa a rir e contagia o grupo todo. Beto olha de Choncho para o irmão, Slim, e para os dois filhos deles.

— Todo mundo em Veracruz é alto assim?

— Não — responde Choncho, lentamente. — Muito mais alto.

Beto está listando as pessoas mais altas que consegue lembrar em *el dampe*, quando El Chacal faz o assovio de advertência. Marisol identifica o problema ao mesmo tempo e, inadvertidamente, dá um grito. Ela aponta para um cume do outro lado do vale, onde um rastro de poeira castanha se ergue pela folhagem. El Chacal assovia, ordenando que todos se abaixem, e é obedecido instantaneamente. Eles se atiram ao chão como se tivessem sido baleados, todos os quinze exatamente onde estavam.

— Fiquem na sombra, se conseguirem — diz ele.

A luz é muito forte ali. Quem estiver na claridade está exposto, quem estiver fora da claridade está escondido. Quando a luz do sol do deserto brilha sobre qualquer pedaço de cor em movimento, essa cor irradia como um farol. Mami

e Luca se amontoam sob a sombra de uma pedra, encostados ao lado de uma árvore da seda. Flores compridas pendem de seus galhos em cortinas verde-claras no cabelo de Mami. Escondidos naquela alcova escura e enroscados atrás das mochilas, eles ficam invisíveis para o cume de onde aquela nuvem de poeira cresce constantemente do outro lado da encosta em uma linha crepitante. Ao redor, os outros migrantes se contorcem para se esconder, grudando o corpo em meio à vegetação ressecada, enroscando-se nas sombras pontiagudas das folhas de yuca, encolhendo-se na silhueta de um cipreste. Todos ficam perfeitamente imóveis e silenciosos. Até Beto está quieto, deitado entre as hastes douradas. Depois de três minutos, eles finalmente ouvem o ronco distante de um motor se arrastando na direção do vento. Depois de mais um minuto inteiro, o veículo aparece em uma ladeira não muito acima, na próxima colina. É o característico Chevy Tahoe branco e verde da Patrulha da Fronteira dos Estados Unidos.

O rosto de El Chacal não entrega nada.

— Ninguém se mexe — diz ele calmamente.

Ele está bem escondido entre Marisol e Nicolás, à sombra de uma pedra alta. Como sabe que pode levar algum tempo até que possam se mover novamente, El Chacal sempre se certifica de parar em uma posição confortável. Ele senta com os joelhos levantados e aponta os binóculos para o banco do passageiro do Chevy Tahoe, onde um agente da Patrulha da Fronteira aponta os próprios binóculos de treinamento militar de volta para eles.

Estamos invisíveis, Luca diz para si mesmo, fechando os olhos. *Somos plantas do deserto. Somos pedras*. Ele respira fundo devagar, tomando cuidado para que seu peito não suba e desça com o ciclo da respiração. A quietude é um tipo de meditação que todos os migrantes devem dominar. *Somos piedras, somos piedras. Somos piedras*. A pele de Luca endurece até virar uma concha pedregosa, seus braços ficam imóveis, as pernas, permanentemente fixas na mesma posição, a pele das costas e a sola dos pés se fundem com o chão embaixo dele. Ele entra na terra. Nenhuma parte de seu corpo coça ou pulsa, porque seu corpo não é mais um corpo, mas uma laje de pedra nativa. Ele está parado naquele lugar há milênios. Aquela árvore da seda cresceu da coluna dele, as plantas indígenas floresceram e morreram ali ao redor de seus tornozelos, os pardais-raposas e os polícias-inglesas fizeram ninhos em seu cabelo, as chuvas, os ventos e o sol bateram em toda a extensão de seus ombros e Luca nunca se mexeu. *Somos*

piedras. Por fim, o Tahoe termina sua viagem barulhenta e indiscreta pelo cume e desaparece atrás de uma borda baixa na próxima costura do vale adiante.

El Chacal não perde tempo com bate-papo. O sol está cada vez mais alto no céu quente e brilhante, e eles deveriam ter chegado ao acampamento uma hora atrás. Não é seguro se expor sob a luz do sol. Isso vai esgotá-los.

— *Vámonos* — diz ele. — *¡Apúrense!*

Tão depressa quanto caíram, todos se levantam, recolhem seus pertences e mais uma vez se põem em movimento.

No fim da manhã, exatamente quando o sol está sugando toda a umidade de seus corpos cansados, no momento em que Rebeca está pronta para desistir, atrás dos contornos de uma colina íngreme, eles chegam a uma dobra sombreada de terra onde um grupo de árvores esconde um bom acampamento. O sumagre e o mogno da montanha se juntam sob os cumes irregulares, encobrendo por completo o acampamento. Eles estão na mais densa sombra, e é um alívio abençoado estar longe da luz do sol. Por toda a clareira há sinais de campistas anteriores: garrafas de água descartadas, uma camiseta preta rasgada coberta com manchas de sal, um tênis rosa gasto, muito menor que o de Luca. El Chacal vai diretamente para um amontoado macio de areia embaixo de uma árvore de onde todas as rochas foram removidas. Ele joga a mochila ao lado do tronco e imediatamente se acomoda para dormir. Os outros seguem o exemplo. É fácil para os homens, que parecem dormir onde encostam. Marisol está deitada de bruços e descansa a cabeça sobre os braços estendidos. Ela também pega no sono na mesma hora. As irmãs estão inquietas e mudam de posição várias vezes antes de encontrar uma confortável.

Apesar da exaustão, Lydia imagina que terá problemas para dormir. Ela estende o cobertor de qualquer maneira, e ela e Luca deitam ali. O sol do deserto é tão claro que, mesmo ali, na sombra profunda, Lydia se vê apertando os olhos para bloquear a luz. Quando abre os olhos para olhar em volta, a paisagem além da nesga de sombra é uma ampla extensão de sépia, tudo esbranquiçado em fraturas variadas de marrom pelo sol inflexível. Choncho percebe sua vigília e faz um aceno sombrio, que Lydia interpreta como uma promessa de cuidar dela e de seu filho adormecido. *Você descansa. Vou garantir que nada aconteça com vocês*, é a interpretação que ela escolhe para o aceno ambíguo. E, com esse voto de proteção imaginado, ela cai no sono imediatamente.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Eles não esperam escurecer para recomeçar a caminhada. Assim que o sol se põe perto das colinas, no extremo oeste do vale, e suas sombras se prolongam em faixas escuras ondulantes ao longo do solo, El Chacal pede que se preparem.

— Esta noite é *difícil* — diz o coiole. — Treze quilômetros, terreno acidentado. Vocês precisam acompanhar o ritmo. Se ficarem para trás, não podemos esperar. Não vou arriscar o grupo inteiro por um indivíduo. Então, ouçam, *esto es importante*. É questão de vida ou morte. — El Chacal limpa a garganta para garantir que todos estejam ouvindo. — A oeste daqui, a estrada que atravessamos cedo hoje de manhã corta para o norte e corre meio que paralela à rota que estamos tomando, está bem?

Todos assentem.

— Se vocês se separarem do grupo. Se caírem, torcerem o tornozelo, decidirem descansar, mijar ou tirar um cochilo, se, por algum motivo, não conseguirem acompanhar, sigam para aquela estrada. É a Ruby Road. A Patrulha da Fronteira e os moradores locais passam por lá regularmente. Vocês não vão morrer aqui se chegarem à estrada. Em poucas horas, alguém encontrará vocês lá.

A Ruby Road é uma ideia sombria, e nenhum deles consegue cogitá-la por enquanto, se as coisas forem bem. No momento, aquela estrada deve ser evitada a todo custo, ela é a materialização do medo deles. É impossível para os migrantes imaginar o desespero que possa, em poucas horas, convencê-los a ir lá buscar socorro.

— Nós vamos por este caminho — El Chacal aponta. — Para o norte. Então, para que lado é a estrada? Quero que todos saibam. Lorenzo! Para que lado é a estrada?

Lorenzo não responde.

— Para oeste — repete El Chacal, com exasperação. — Para que lado fica o oeste?

Lorenzo pega o telefone, mas não há sinal no deserto.

— É para lá. — Luca aponta para a direção certa.

— *Claro que sí.* — O coioote bagunça o cabelo de Luca. — Este garoto não vai morrer no deserto.

Eles comem nozes e tiras de carne-seca enquanto caminham. O doutorando Nicolás tem um tipo de proteína em pasta de dose única em tubos de papel-alumínio. Tem cheiro e aparência nojentos, mas são cheios de nutrientes e, de fato, a energia dele é impressionante. Ele está exatamente atrás de Lydia nesta noite e conversa baixinho. Ela se pergunta se os tubos de proteína têm cafeína.

— Seja lá o que fizer, não vá para Arivaca — diz ele. — Se você estiver morrendo de sede, aquelas pessoas vão pegar uma cadeira de jardim e ficar bebendo limonada na sua frente.

— Ah, eles não são tão ruins — interrompe El Chacal lá da frente. — Há pessoas boas em Arivaca, também. A vida é complicada para eles, tão perto da fronteira.

Nicolás levanta as sobrancelhas impressionantes. Embora Arivaca seja uma localidade minúscula e remota, com menos de setecentas pessoas, a quarenta e cinco minutos de carro por estradas vazias da cidade vizinha mais próxima, Nicolás, como a maioria das pessoas que moram no sul do Arizona, conhece sua reputação como um posto avançado, impiedoso e difícil de lidar, um lugar onde milicianos vigilantes assassinaram uma menina de nove anos e o pai dela anos atrás, na esperança de atribuir a culpa a migrantes ilegais. Como queriam alimentar o medo da comunidade e incitar a indignação, inventando um grupo de migrantes bichos-papões assassinos, invadiram a casa da família Flores e atiraram na cabeça da pobre Brisenia. Ela estava usando calça de pijama azul-turquesa e tinha as unhas pintadas de vermelho quando morreu, enroscada no sofá da sala de estar. Mas como Nicolás é um jovem liberal e politizado que nunca esteve em Arivaca, não sabe como a vergonha daquele assassinato ainda pesa sobre a pequena cidade. Ele nunca esteve perto de uma tragédia tão bárbara, nunca viveu um choque tão primitivo que mexesse com ele até o âmago de suas crenças. Em suma, Nicolás nunca teve uma mudança de opinião fundamental. Portanto, ele não sabe como a terceira lei de Newton pode ressoar em um lugar como este: para cada maldade, existe uma possibilidade igual e oposta de redenção. De qualquer forma, a questão é irrelevante. Lydia

não tem intenção de ir a Arivaca, cuja única saída é se entregar, pedir ajuda. Ela e Luca vão chegar a Tucson, em segurança.

Eles caminham quase cinco quilômetros sem incidentes, e é incrível ver as cores voltarem ao deserto depois do branqueamento do dia. Lydia percebe que há um instante, ou não, mais do que um instante — um período de talvez quinze minutos exatamente no crepúsculo — em que o deserto é o lugar mais perfeito que existe. A temperatura, a luz, as cores, tudo fica suspenso em algum precipício perfeito, como os carros de uma montanha-russa percorrendo muito lentamente o ápice antes da queda. A luz se afasta cada vez mais no céu, e Lydia consegue sentir o cheiro do calor do dia deixando sua pele. A mochila de Luca balança na frente dela. Pela primeira vez desde que ela se levantou da cadeira no quintal da casa da mãe em Acapulco e deixou a *paloma* gelada na mesa, Lydia sente que eles podem sobreviver. Uma estranha sensação semelhante a alegria. E então, de repente, está muito escuro e muito frio. Mais frio do que na noite anterior, se ela não estiver imaginando, e aquele frio tem o efeito de apressar o grupo. O terreno é irregular, cravejado de pedras, descendo e subindo imprevisivelmente, marcado pelos esconderijos de animais invisíveis. Lydia reza para ninguém cair. Ela percebe que as irmãs estavam incomumente quietas, e fica preocupada com a resistência delas, afinal o corpo das duas mal se recuperou dos traumas anteriores. Lydia reza também pelos pés de Luca em suas botas novas, pelos pés de Soledad e Rebeca, pelos próprios pés. *Querido Deus, mantenha-os fortes e sem bolhas, deixe-os pisar apenas em lugares onde os pés humanos devem ir.*

El Chacal segue em um ritmo implacável. O ponto de encontro fica pouco menos de vinte quilômetros ao norte da fronteira, mas são quilômetros que percorrem alguns dos terrenos mais acidentados da América do Norte, com mudanças de altitude de até dois mil metros. O caminho de dois dias e meio serpenteia os trechos mais intransponíveis e os afunila na direção de tanques de gado, para o caso de ficarem desesperados por água, sempre os mantendo o mais distante possível de trilhas de caminhadas populares e conhecidas rotas de patrulhamento de *la migra*. No fim da caminhada desta noite, perto do amanhecer, quando acamparem em uma formação semelhante a uma caverna alguns quilômetros a oeste de Tumacacori-Carmem, no Arizona, eles estarão quase livres. Ainda não sabem disso. Na verdade, não sabem de nenhum detalhe, porque El Chacal gosta de manter as coisas relativamente secretas. Se algo der errado, se um deles se afastar ou ficar para trás e for apanhado, o

coiote não quer que a pessoa confesse tudo para a Patrulha da Fronteira. Por enquanto tudo que eles precisam saber é que devem seguir El Chacal. Fazer o que ele mandar. Se escutarem, se obedecerem, se perseverarem, ele fará com que sobrevivam à jornada. Amanhã à noite, serão agradavelmente surpreendidos pela brevidade da caminhada. Haverá sons encantados de admiração quando se aproximarem do acampamento, onde dois trailers estão esperando para levá-los pela estrada bruta e não pavimentada que uma hora ou outra vai dar na estrada suave do norte que todos imaginavam: o asfalto liso e largo da Rota 19 os aguarda. O posto de Patrulha da Fronteira fica fechado por um número específico de horas por semana. O coiote, com a troca de dinheiro regular por informações confiáveis, sabe quando é.

É uma viagem de quarenta e cinco minutos de lá até Tucson, até o anonimato otimista do Arizona urbano. É muito perto. Os migrantes nem percebem quanto. Mas agora, na quinta hora da caminhada intensa, enquanto o cascalho solto da encosta escura que eles estão descendo em algum desfiladeiro sem nome desliza traiçoeiramente sob seus pés, no instante em que o espírito começa a espelhar a fadiga do corpo, há um estalo poderoso no céu, seguido por uma chuva torrencial. Eles são pegos de surpresa, todos, e até Nicolás e El Chacal, ambos bem preparados com equipamentos de chuva, ficam encharcados antes de conseguirem vestir seus ponchos. Seus corpos pedem que procurem abrigo, e leva alguns minutos para que todos acalmem esses instintos e voltem ao ritmo, caminhando com dificuldade pela cortina de chuva.

Os jeans de Luca estão pesados com água da chuva, e ele precisa caminhar com as pernas abertas, porque o tecido úmido esfola a parte interna das coxas e o quadril esquerdo. Ele fica contente com as novas botas de caminhada e com Mami, por ter insistido que ele as usasse dentro do apartamento o tempo todo durante os dois dias em Nogales, para amaciá-las. Está contente também por não ter reclamado ou discutido, mesmo que fosse sua vontade na hora. Mas, mesmo com aquela prática extra, a cada passo, está cada vez mais consciente de um ponto, um minúsculo ponto da largura de um fio de cabelo, na parte de trás do calcanhar esquerdo que está começando a incomodá-lo. A princípio, ele ignora. Então, pensa na questão. Diz ao ponto que nenhuma dorzinha ridícula e insignificante o impedirá de chegar a seu destino. Ele diz que suportaria cem dessas dores, mil, sem piscar. Ele é Luca! Toda a sua família foi assassinada! Ele é indomável!

— Mami. — A voz dele sai sofrível, entrecortada.

— O que foi, *hijo*?

— Estou com uma bolha — confessa.

A dor é excruciante. Ele não consegue continuar.

Mami comprime os lábios e o puxa para o lado da trilha, para fora da fila. Os outros migrantes não param nem diminuem o passo. Eles continuam caminhando com velocidade e, quando Lydia está de joelhos, com a perna de Luca enrolada para cima e a meia abaixada, todos já passaram. É difícil ver no escuro e na chuva, mas El Chacal proibiu lanternas, então Lydia aproxima o rosto do calcanhar de Luca para examinar. As meias dele estão ensopadas, e ela passa a mão na parte de trás do pé, onde pode sentir uma bolha se formando. Não há nada que ela possa fazer por ele, devido à umidade da pele, à umidade do jeans, à umidade de tudo. Band-Aids são impossíveis. Mas ela precisa tentar. Ela tira a mochila das costas, encontra o compartimento com zíper de um lado onde enfiou um punhado de Band-Aids antes de saírem. Eles estão molhados, é claro, mas Lydia pega o mais seco. Ela abre o casaco e se inclina sobre o tornozelo dele, tentando protegê-lo da chuva com o corpo.

— Tire a bota — diz ela.

— Mas, Mami, eles estão indo embora — diz ele. — Nós não temos tempo.

— Tire, rápido.

Luca obedece, puxando os cadarços, arrancando a bota, que dá um salto mortal no chão embaixo.

— Senta aqui. — Ela aponta para a mochila, e Luca se senta. — Tire a meia também.

Então ela olha pela cortina de chuva, para onde acha que consegue ver o último do grupo desaparecendo na escuridão. Ela prende o Band-Aid entre os lábios. Luca tira a meia molhada e a enfia no bolso, tira a blusa por baixo do agasalho e usa o tecido para secar o pé da melhor maneira possível. Seus dedos estão enrugados. Ela enfia o pé dele na sua axila quente e, em seguida, estende a mão por cima do ombro de Luca para abrir o zíper da mochila dele. Ela sabe que existem dois pares de meias dentro, do lado direito, perto do fundo. Tem medo de perder a precisão por causa do pânico, de não conseguir encontrar as meias, Tateando cegamente na mochila, de encontrar e logo em seguida perder as meias, e de deixá-las encharcadas e inúteis, e assim perder o grupo por nada e morrer ali, não alvejados por balas de um cartel durante uma festa de família,

mas sozinhos no deserto. Ambos vão morrer por causa de uma bolha. Por causa da chuva. *Não*. Pronto, os dedos dela roçam em uma bola macia de meias enroladas, ainda secas. *Gracias a Dios*. Ela puxa o par para fora e as enfia na axila com o pé, fechando o pacote. Os outros migrantes já se foram. Ela não pode mais vê-los ou ouvi-los, mas todos os seus sentidos estão focados neles, ela direciona sua mente para seguir a direção deles. *Deus, por favor, deixe-nos encontrá-los*, reza. Ela tira a embalagem do Band-Aid, cospe os papéis no chão, limpa outra vez o pé de Luca com a barra da blusa, sopra o pé úmido com a respiração entrecortada e aperta o curativo na pele dele. *Por favor, Deus, faça grudar*. Ela abre as meias secas e coloca uma no pé de Luca. O processo parece levar horas, o movimento do pé pelo tecido, a colocação correta da costura no dedo do pé, o ajuste do algodão seco em torno do calcanhar ferido. Ela pensa em colocar a segunda meia nele também. Uma camada extra de proteção entre a bota e a pele. Isso seria melhor ou pior para a bolha? Proteção extra, mas um ajuste mais apertado. A restrição de tempo é o fator decisivo. Ela enfia a outra meia seca embaixo da alça do sutiã e pega a bota caída. Afrouxa os cadarços e puxa a lingueta. Limpa o interior da bota com a camisa e Luca enfia o pé. Lydia puxa os cadarços.

— Deixa que eu faço isso, Mami — diz ele.

Ela segura o casaco acima do menino, enquanto ele amarra a bota rapidamente e, por incrível que pareça, diz:

— Estou bem. Eu estou bem, Mami. Obrigado. — E ele se levanta da mochila dela. Dá alguns passos para testar o curativo. — Muito melhor.

Lydia fechou novamente o zíper lateral da mochila e já está andando atrás dele, correndo, na verdade, enquanto coloca a mochila de volta nos ombros. Os galões de água batem e se agitam embaixo.

— Vá, *hijo*, rápido, precisamos alcançá-los — diz ela.

No total, o atraso custou a eles uns dois minutos e meio. Quem sabe três. Tempo suficiente para se perderem completamente do grupo. Eles estão fora do alcance da audição, porque só conseguem ouvir o estrondo da chuva martelando ao redor. Lydia sente pânico, todos os seus medos comprimidos em uma bola apertada que se aloja no peito. *É assim que acontece*, pensa. E sua voz soa desesperada quando ela pede que Luca vá mais rápido, mas ele também se lembra daquele dia fora de Culiacán, quando *la migra* corria atrás deles e Mami torceu o tornozelo e caiu. Tudo que eles não precisam agora é um tornozelo

torcido, pensa Luca, e essa preocupação o desacelera para um ritmo cauteloso demais. Então, talvez seja isso: eles morrerão por excesso de zelo.

— *Apúrate, hijo*, por favor.

Lydia luta contra um grito crescente na garganta, e agora há uma nova dúvida: e se estiverem correndo na direção errada, divergindo apenas ligeiramente do caminho, um entroncamento, e a cada passo se afastarem um pouco mais do grupo? *Foi por aqui que eles seguiram, não foi?* Não há possibilidade de rastreá-los com aquela chuva, aquela escuridão. Eles precisam apenas ir. Seguir. Continuar andando. Desesperada, Lydia quebra a regra crucial sobre o silêncio e os chama, mas não há resposta. Eles caminham, tropeçam e se apressam no escuro por algum tempo e, a cada poucos minutos, ela quebra a regra novamente, chamando mais alto e mais desesperadamente cada vez que tenta um nome.

Soledad.

Rebeca.

Beto.

Socorro.

Nicolás.

Choncho.

Onde vocês estão?

Luca não está mais na frente ou atrás dela, mas ao lado, segurando sua mão, e ela olha de vez em quando para a escuridão dos olhos dele e vê que o filho está calmo. Ele não compartilha do pânico dela.

— Está tudo bem, Mami — diz, tranquilamente. — Este é o caminho certo.

Ela acredita nele porque precisa acreditar. E ele sabe dessas coisas.

Não sabe?

Chacal.

Marisol.

Slim.

Olá?

A única resposta são as rajadas de chuva, chicoteando seus ombros como cordas grossas, gotas enormes respingando no capuz. Ela avança com afinco pela escuridão e, em algum canto distante de sua mente, onde as operações ainda estão funcionando normalmente, ela faz piadas consigo mesma, sobre estar perdida no deserto por quarenta dias, quarenta milênios. Sua visão

católica do inferno está toda errada: não há fogo nem chama eterna. O inferno é molhado, frio, escuro e perdido. Seu cérebro se agita e se contrai, e então... Então. Ela vê um vulto se movendo na escuridão. Uma sombra. Um movimento quase imperceptível, uma mancha distante de preto que é um tom ligeiramente mais escuro do que todos os pretos fixos ao redor. Lydia grita e sente um lampejo de esperança atravessar-lhe o peito, e aperta a mão de Luca e o arrasta em um ritmo mais rápido, dispara atrás daquela mancha preta enquanto se move pela paisagem invisível, e não está imaginando. Não é uma miragem. O ponto continua sua trajetória, tum, tum. Ele se move para a frente, e Lydia não tira os olhos, o segue, puxa Luca, corre, sem prestar atenção ao terreno traiçoeiro sob seus pés, até que a forma fique maior, mais próxima e seja uma mochila. É a mochila de Ricardín. Ela chama mais uma vez.

Ricardín.

David.

E a forma para. Vira-se para ela. Eles se encontraram. Eles estão salvos.

Salvación. Salvación. Lydia chora.

Ricardín a apressa para ocupar a fila à sua frente, à frente de seu primo David. E ali estão as irmãs, Rebeca e Soledad. É fácil para Lydia acreditar que as meninas podem não ter notado sua ausência. Está muito escuro, e a chuva é tão forte que fica difícil observar algo além dos limites de seu capuz, das mãos estendidas e dos pés agitados. Lydia não quer saber se as irmãs notaram que eles sumiram, se mencionaram a El Chacal ou pediram que ele parasse e esperasse. Se não souber, não precisa se perguntar o que poderia ter feito no lugar delas. Está tudo bem agora, então isso não importa. *Está tudo bem.* Lydia abraça a si mesma na escuridão. Respira. Inspira a chuva sem fim.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A *chuva para* tão abruptamente quanto começou. E, em seu rastro, Luca ouve um novo coro desconfortável entre eles. Seus sapatos fazem barulho. O jeans encharcado solta um murmúrio áspero quando suas pernas roçam uma na outra. Os dentes de Luca batem, e ele sente tanto frio que quase consegue ouvir o próprio cérebro tremendo no crânio. Ele começa a se perguntar se o frio e a umidade após a chuva podem ser piores do que a própria chuva, da mesma forma que o corpo, uma vez acostumado à água fria do Pacífico na Baía de Acapulco, pode ansiar pelo manto gelado depois que emergimos para a areia quente e seca de Playa Condesa. O corpo pode se confundir com o quente e o frio, conclui Luca, mas então começa a chover novamente, e ele percebe que sua hipótese era *una mierda*. A noite é sofrível, entre chuva torrencial e períodos intermitentes de descanso. Lydia tenta preservar a sensação de alívio, o sentimento de que eles estão salvos. Mas as mochilas e os jeans irritam a pele, e então volta a chover. Cada um deles, pelo menos uma ou duas vezes, se desespera. A única coisa que os sustenta é pensar que cada momento que suportam essa tortura é um a menos de sofrimento.

— Há uma bênção da chuva — diz El Chacal, enquanto percorrem o caminho sinuoso por um desfiladeiro. — Todo mundo odeia.

Luca e Lydia voltaram a seu lugar original da fila, atrás de Choncho, Slim e Beto. Rebeca e Soledad estão logo atrás, seguidos por Marisol, Nicolás, Lorenzo, David e Ricardín, e depois os dois homens calados que mantêm seus nomes em segredo. Os pedregulhos daquela área são largos e lisos; quando molham, ficam escorregadios, e Luca percebe que consegue começar a distinguir suas formas no escuro. Chegam a um local em que as pedras formam uma espécie de escada natural pela qual os migrantes descem e então se veem cercados pelas paredes do desfiladeiro de ambos os lados. Caminham pelo fundo de uma ravina, onde uma corrente de água da chuva passa pelos tornozelos. Eles seguem El Chacal do lado esquerdo da ravina, onde o caminho

está mais seco, com pedras de bordas irregulares. É exatamente o tipo de paisagem que a intrépida Pilar da escola gostaria de escalar se estivesse ali, pensa Luca. Mas agora ele sabe que poderia escalar também. Ele é capaz de fazer coisas que Pilar nunca sonhou fazer. Os primeiros traços de luz cinza-escura do dia pintam as paredes do desfiladeiro aos poucos enquanto o coioote fala.

— Quando chove, os narcotraficantes ficam em seus SUVs. Os agentes de *la migra* ficam em suas tocas. Enquanto eles se abrigam, nós passamos de fininho.

— Só os migrantes se aventuram na chuva — diz Choncho.

— Só os lunáticos — corrige Slim.

Mas a chuva é volúvel no deserto e, à medida que a tampa da noite se levanta lentamente, Luca observa as nuvens opressivas rolando como as rodas de La Bestia no céu ainda escuro. Essas nuvens se juntam, esmagam e demolem e, depois que passam, deixam um vazio cinzento atrás delas. Em breve, o sol virá e preencherá o vazio com cores quentes. Em breve, *la migra* retornará.

Eles caminham depressa.

— Quanto ainda falta? — pergunta Beto, porque faz um tempo que ninguém fala nada e, mais do que uma resposta, ele quer ouvir o som tranquilizador de outra voz humana.

— Uma hora, talvez menos — responde o coioote.

* * *

A maioria das pessoas que conhece El Chacal nessa fase de sua vida presume que ele recebeu seu apelido por causa do trabalho de coioote (uma espécie da família do chacal), mas na verdade sua família o chama assim desde que ele tinha doze anos. Certo dia na infância, Juan Pedro, como era conhecido na época, encontrou um filhote de coioote na beira da estrada, em Tamaulipas. A mãe do bichinho havia morrido atropelada. Os outros companheiros de ninhada se dispersaram ou foram apanhados quando Juan Pedro chegou e encontrou o filhote solitário sentado ao lado do corpo frio da mãe. Juan Pedro levou o coioote para casa, e, conforme foi crescendo, apesar do cuidado e do carinho meticolosos que lhe oferecia, o animal se tornou uma coisa selvagem, arisca. As pessoas da vila começaram a chamá-lo de “o chacal”, o que não era

um problema para Juan Pedro, que gostava da natureza selvagem do apelido. Mas então passaram a chamar Juan Pedro de “mãe do chacal”, e disso ele não gostava tanto. Ele suportou o apelido por algum tempo, mas ficou feliz quando, enfim, as pessoas se limitaram a chamá-lo de “El Chacal”.

Apesar do nome, El Chacal não tinha intenção de se tornar um coiote. Poucas pessoas têm. Ele fez a travessia uma vez muitos anos atrás, quando ainda era um jovem à procura de trabalho, e não pretendia fazer mais do que aquela. Era muito mais fácil naquela época, mas mesmo assim não era moleza. Não no Arizona. Os outros migrantes que estavam presentes acharam a viagem difícil, penosa. Mas El Chacal descobriu que gostava daqueles lugares desérticos. Percebeu que o ambiente lhe fazia muito bem, abria seus pulmões e aquecia seu corpo. Passou alguns meses trabalhando como lavador de pratos em uma lanchonete em Phoenix e, sempre que tinha uma folga, gostava de caminhar pelos desfiladeiros. Não demorou muito para que voltasse a Tamaulipas. A segunda vez que atravessou foi sozinho, sem nenhum guia. Foi uma loucura, mas ele não passou aperto. Usou um mapa e uma bússola e, no fim das contas, apreciou a aventura, da mesma forma que algumas pessoas gostam de acampar ou correr maratonas. Gostou da tensão nos músculos e na mente, da sensação de que sua vida estava em perigo. Então fez de novo. Várias vezes, sem companhia. E, a cada vez que atravessava, ficava mais forte e inteligente, ajustando sua rota, aperfeiçoando seus passos. Então levou um grupo de amigos de Tamaulipas. O pessoal ficou tão impressionado com o conhecimento dele sobre a terra, com a destreza que ele demonstrava ao navegar o terreno difícil, que o contrataram para levar namorada, filhos, primos, pais. Acidentalmente, El Chacal viu-se com um negócio próspero no contrabando de seres humanos.

Depois de uma vida de mediocridade em Tamaulipas, era emocionante para ele ser bom em alguma coisa. Sua reputação cresceu e, à medida que a fronteira se estreitava e suas rotas anteriores se tornavam intransitáveis, era obrigado a adentrar cada vez mais o deserto. Percorrendo trilhas mais árduas e perigosas o tempo todo, El Chacal percebeu que poderia cobrar muito dinheiro pelo serviço. Foi aí que os cartéis entraram.

Portanto, ele não ganha tanto dinheiro agora e, além do mais, não gosta mais do trabalho como antes. Antigamente ele se sentia um pequeno herói, um guia com o poder de levar as pessoas à terra prometida. Agora, ele paga a *la migra* e aos cartéis pelo privilégio de atravessar esse pedaço binacional de terra.

Eles comem seus lucros e sua liberdade. Quando pedem favores, ele não pode dizer não. Às vezes, pedem que carregue algo que ele não quer carregar. De vez em quando, dizem para ele pegar alguém que ele não quer pegar. Logo, El Chacal se aposentará. Guardou dinheiro suficiente e, perto de completar trinta e nove anos, as dificuldades dessa jornada repetitiva estão começando a superar seu senso de aventura juvenil. Ele vai para casa, em Tamaulipas. Talvez se case com Pamela, seu amor desde criança. Talvez ela finalmente diga sim. Por que não? Enquanto isso, ele tenta ser severo com os migrantes. Tenta não se apegar, porque o apego pode ser fatal. Ele precisa ter liberdade para tomar decisões para o bem do grupo, e, se gostar demais de um de seus *pollitos*, fica mais difícil tomar uma decisão dura rapidamente, deixar alguém para trás se perceber que a pessoa não vai conseguir. Mas, recentemente, tem sido difícil para ele distinguir o quanto de sua insensibilidade ainda é mera atuação. Ele usa um rosário no pescoço para combater as preocupações com a revelação da condição de sua alma. A tatuagem no antebraço direito diz JESÚS ANDA CONMIGO e, na maior parte do tempo, ele ainda acredita nisso. Ele quer que seja verdade.

* * *

Quando ouvem o grito, os migrantes instintivamente se abaixam, mas El Chacal, ainda de pé, se vira para olhar. Por cima da cabeça dos migrantes ele vê, aproximando-se por trás deles, tão ligeira quanto um pesadelo pelas cores de carvão do cânion, uma massa negra de água fluindo. Descendo a escadaria por onde eles passaram.

— Levantem-se! *¡Arriba!* — A voz dele reverbera e ecoa nas paredes do cânion, mandando para os ares qualquer tendência à discrição. Ele grita: — Levantem-se!

Então avança pulando de pedra em pedra até chegar a uma borda larga um pouco acima da cintura e sobe. Os migrantes seguem, e El Chacal se vira para ajudá-los, primeiro Luca e Beto, depois as irmãs e Lydia, enquanto Lorenzo já vai subindo sozinho.

— Ajude eles! — grita El Chacal, então Lorenzo se inclina, dá a mão a Marisol e a puxa para cima, e assim, um a um, os migrantes fogem da parede de água que avança, e os que estão na frente tentam subir mais, a fim de abrir espaço para os outros, e ali há outra saliência, um pouco mais alta, para que

eles continuem subindo, pela pedra, até saírem do fundo do desfiladeiro. E de onde estão, com a água vindo tão depressa, com a descoberta do caminho alternativo, mais alto, composto inteiramente de reentrâncias na pedra, fica muito óbvio que ali embaixo é um leito de rio antigo. *Jesucristo*.

Mesmo estando perto da linha da frente, Choncho, Slim e seus filhos ainda estão abaixo, na ravina, porque ficaram para ajudar os outros. Os migrantes na borda recuam para que os retardatários subam, se espalhem e continuem escalando. Slim consegue subir para o nível logo abaixo dos outros e puxa David, o antebraço grosso dos dois colide quando um segura no pulso do outro, e Slim levanta o sobrinho. Agora Choncho também sobe, mas Ricardín, o filho de Slim, fica por último. E a água, tão rápida e alta, não chega primeiro nos tornozelos dele para depois alcançar as pernas, mas o atinge com tudo nas costas e o joga para a frente, e ele é arrastado como uma boneca de pano. Todos gritam, e El Chacal e os dois irmãos correm e saltam de uma pedra à outra atrás dele, ou melhor, da mochila, porque só conseguem ver isso, a mochila grande flutuando, a mesma que foi a redenção de Lydia na escuridão, e então os braços de Ricardín emergem, agitados, e ele de alguma maneira consegue se virar. A mochila é imediatamente arrancada de seu corpo, as alças deslizam para longe dos braços e se perdem para sempre, e Ricardín a princípio tenta alcançar a mochila. Em seguida, percebe que isso não é prioridade e volta a atenção para o próprio corpo agitado, sua estrutura incomumente grande, cuja força nunca lhe falhou antes. Seu pai e seu tio estão na margem acima, e o coioote também, e ninguém consegue acreditar na rapidez com que tudo aconteceu, na água saindo do nada, tão rápida, forte e profunda. Eles estão com os braços estendidos para ele, chamando-o, e, embora ouça a voz do pai, Ricardín não consegue fazer nada, porque a água prende seus braços, as pernas se debatem, e ele não para de cuspir água, porque sua boca toda hora é invadida por um novo jato, e não só de água, mas de água e terra, gravetos e detritos, e ele vai se afogar naquilo. Ricardín sabe que vai se afogar e pensa que seria quase engraçado se afogar em uma inundação repentina no deserto, e então se dá conta de que não quer que sua morte seja engraçada, nem de longe, então concentra toda a sua energia nos músculos abdominais, dobrando-se ao meio, e consegue erguer o tronco da água, uma vez, duas vezes, ele estende a mão para o pai e erra, até que... *bam...* bate com a cabeça em uma pedra duas vezes seguidas. Começa a sentir gosto de sangue. O dente... O dente da frente está mais afiado do que nunca, e o lábio sangra. Mas ele não vai morrer ali, ele

se recusa a morrer ali, de maneira tão estúpida e indigna, tendo um corpo grande e forte para se salvar. Então ele olha para o pai na margem ali em cima e consegue se virar apenas o suficiente para atingir a próxima pedra submersa com os pés, e de novo e de novo, até estar quase pulando dentro da água, de pedra em pedra, até que usa isso e a correnteza para se catapultar para a borda, sem conseguir alcançar a mão do tio de novo, mas os homens gritam para incentivá-lo e acompanham seu rápido progresso quase se atropelando no processo, e ele sabe que seu plano é bom, e se conseguir repetir a manobra, vai funcionar. Então ele gira de novo na água, só que, desta vez, quando chega na próxima pedra, a perna dele fica presa em uma fenda, e a água leva seu corpo, mas a perna continua presa, e ele sente o osso quebrar e grita de dor, mas agora seu pai e seu tio estão muito perto, e a dor é terrível, mas eles conseguem alcançá-lo. Seu pai está segurando seu braço, e seu tio, o capuz do moletom, e os dois o puxam de volta contra a corrente e no sentido da perna torcida. Quando o coioete chega, ele não sente nenhum alívio; os homens colocam as seis mãos fortes nele e, juntos, tiram seu tronco da correnteza. O corpo dele está torcido em um ângulo estranho, mas ele está a salvo agora, eles o resgataram. Ricardín não vai se afogar. A água do corpo encharcado mancha a superfície da pedra de uma cor mais escura, e seus dedos arranham a terra, mas a parte de baixo do corpo ainda está na água, presa.

Ele não sente alívio porque sabe.

— Minha perna está quebrada. — Ricardín não chora. — Está quebrada, tenho certeza. Eu quebrei minha perna.

E é melhor que os outros migrantes não tenham seguido até ali, porque ninguém quer ver ou ouvir o negócio horrível que é remover a perna do garoto da fenda.

* * *

A única questão é quem ficará com ele. Slim e Choncho já fizeram aquela jornada vezes suficientes para saber como funciona e aceitar o terrível destino sem reclamar. Eles não fazem apelos a El Chacal ou aos outros migrantes. Não imploram por ajuda nem pedem que fiquem. Embora fosse uma reação razoável para uma circunstância como essa, eles não se entregam à histeria com

a ideia de serem deixados sozinhos e imobilizados ali no deserto. É Choncho quem toma a decisão final.

— Porque eu sou o irmão mais velho, por isso.

Slim assente.

— Vou ficar com meu afilhado — diz Choncho. — Vocês vão na frente e, quando ele estiver com ânimo, eu o levarei para a Ruby Road. Você pega o David e vai encontrar trabalho para as nossas famílias.

Os irmãos se abraçam, o abraço duro de quebrar as costelas dos trabalhadores braçais. Então Slim puxa a cabeça molhada do filho para seus braços.

— Sinto muito, Papi — diz Ricardín.

Slim balança a cabeça.

— *Gracias a Dios* você escapou com vida. Isso é tudo o que importa.

Ricardín e David rezam com seus pais antes dos quatro se separem.

— Ligue para Teresa quando encontrarem um telefone, quando forem apanhados — diz Slim ao irmão. — E eu ligo para ela quando chegarmos a Tucson para ter certeza de que vocês estão a salvo.

Choncho assente.

— E fiquem com isso. — Slim coloca um de seus galões de água ao lado do filho.

— Papi...

— Pegue, Ricky.

Slim se agacha e olha nos olhos do filho, depois aperta o ombro dele e se levanta com o chapéu puxado para baixo. Ele vira o rosto rapidamente.

Atrás, Choncho abraça o filho, a mão como uma luva na nuca de David. Ambos têm mais de um metro e oitenta de altura. Choncho beija a cabeça do rapaz e depois dá um empurrãozinho para que ele vá em direção ao tio.

— Não arrume confusão.

— Mantenha o sol nascente atrás de você — diz El Chacal. — Ruby Road fica a menos de um quilômetro e meio daqui.

Um quilômetro e meio, pensa Luca. Com uma perna quebrada.

* * *

Quando o coiole conduz os migrantes de volta a sua rota, quando eles sobem do desfiladeiro até o amanhecer rosa e quente, apenas Luca se vira para Ricardín e seu tio ainda sentados na borda abaixo. Os outros continuam andando, e Luca pode sentir sua vontade unificada, avançando como engrenagens em máquinas, como uma escada rolante. Eles não podem parar o motor ou nem mesmo desacelerá-lo. Ele continua se movendo, apesar da nova ferida em seu espírito coletivo. Até a energia do coiole parece estar diminuindo. Mas eles seguem em frente. Eles seguem em frente.

Os migrantes estão passando por Luca, que hesita agora. Atrás deles, Choncho afunda a aba do boné de beisebol diante dos olhos, e o rosto de Ricardín é um emaranhado de dor. *Como eles vão sair dali se ele não consegue andar?*, Luca se pergunta. *Como eles chegarão à estrada?* Então ele tira aquilo da cabeça e reza. *Por favor, deixe-os chegar à estrada.*

— Luca, *ven* — diz Mami.

Ele corre para alcançá-la.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

A caverna, quando finalmente chegam, é quente e seca, e o sol nascente pinta a parede do fundo de laranja, rosa e amarelo. Não é uma caverna subterrânea com um fosso escuro como Luca imaginou quando ouviu a palavra *cueva*; está mais para um enorme pedaço de terra escavado com uma colher de sorvete, depois limpo e asseado pelas intempéries. Há diversos pregos de cobre presos no topo da abertura da caverna, e El Chacal tira da mochila um lençol tingido com listras terrosas, as cores exatas da paisagem. Ele prende o lençol nos pregos acima, fazendo uma sombra suave para os migrantes.

Entre a luz da manhã anterior e a de agora, os migrantes parecem diferentes. Alguns já sabiam que eram capazes de se afastar de um homem ferido, de abandonar uma pessoa no deserto para se salvar. Marisol, por exemplo, acredita que faria qualquer coisa, até as mais desprezíveis, para voltar a ver as filhas. Lorenzo pisaria em um bebê para chegar a *el norte*. Para outros, a descoberta da própria conformidade é uma surpresa desagradável. Todos sabem a sorte que foi ter sido Ricardín a quebrar a perna e não eles, e a constatação dessa sorte faz com que cada um se sinta amaldiçoado, condenado. Inescrupuloso.

— Os homens saem primeiro — ordena o coioite quando o lençol é colocado no lugar.

Lorenzo geme, mas os outros passam sem reclamar. Rebeca está encharcada e um cheiro úmido emana de sua nuca, onde o capuz do agasalho acumulou os óleos que escorreram do cabelo ensopados. Os dedos dos pés dela estão congelados, e seus pés estão em carne-viva dentro dos sapatos, mas está com pânico de tirar a roupa.

— É a única maneira de ficarmos secas. — Soledad se deita de costas e tira os tênis encharcados. Os dedos dos pés estão formigando. — Já estou me sentindo melhor.

Todos trocam as roupas. Ninguém se olha. Beto fica apenas de cueca, porque não tem mais o que vestir, então Lydia entrega ao menino a mesma

camiseta extra que ele usou como chapéu improvisado no dia anterior. A chuva afetou seus pulmões, e ele chia sem parar quando levanta os braços para tirar a camiseta preta. Lydia encontra sua própria muda de roupa extra enrolada dentro de um saco plástico na mochila razoavelmente seca. As de Luca também. Soledad se levanta e tira o suéter, fazendo com ele uma cortina para Rebeca se trocar. Todos tiram as roupas dos corpos molhados. Vestem camisetas grandes e trocam as roupas de baixo. Terão que estender os jeans para secar nas pedras do lado de fora.

* * *

Embora exista uma nova solenidade entre eles com a ausência de Choncho e Ricardín, o consolo daquele lugar, naquele momento, é extraordinário. A provação da chuva faz com que Lydia valorize o conforto da secura de uma forma que ela nunca levou em consideração antes. Enquanto os homens se despem e se trocam na caverna, ela e Luca se sentam do lado de fora do lençol, com as pernas nuas estendidas ao sol. A manhã está só começando no deserto, mas a temperatura sobe rapidamente. A rocha está macia e seca embaixo deles, e o sol aquece as partes onde a pele está irritada e sensível. Luca quer perguntar a Mami o que eles farão quando chegarem a *el norte*, mas teme que ela não tenha uma resposta e, além disso, não quer contar com a chegada antes do tempo para não dar azar. Mas há uma pergunta que não o deixa em paz.

— E Rebeca e Soledad? Você acha mesmo que elas vão para Maryland?

Lydia estreita os olhos contra o brilho do dia e coloca os pés dele em seu colo para examinar a bolha. Por incrível que pareça, o Band-Aid ainda está bem preso ao calcanhar, então ela não mexe. Lydia pode sentir o peso do anel de Sebastián na base da clavícula. Uma brisa leve passa por seus joelhos nus, e Luca contorce os dedos dos pés.

— Sempre foi o plano delas — diz Lydia com cuidado.

— Mas elas não podem mudar de planos? Se a gente pedir?

A chuva deixou o céu limpo e azul, mas todos os vestígios da água evaporaram da terra ao redor. Parece um sonho, toda aquela chuvarada. *Isso é um ciclo*, pensa ela. Todos os dias, um novo horror, e, quando acaba, esse sentimento surreal de deslocamento. Quase uma descrença no que eles acabaram de suportar. A mente é mágica. Os seres humanos são mágicos.

— Tudo é possível, Luca — diz ela, olhando por entre os dedos dos pés a paisagem avermelhada.

E talvez elas realmente possam mudar de planos. Lydia pensa em como os migrantes devem ser adaptáveis. Precisam mudar de ideia todo dia, toda hora. Devem cismar com apenas uma coisa: sobrevivência.

A lua apareceu como uma casca de ovo branca e frágil em contraste com o azul do céu diurno.

— Elas podem ficar com a gente? — pergunta Luca. — Podem morar com a gente?

— Sim — responde Lydia com tranquilidade. — Se quiserem.

Lydia não consegue imaginar se despedir de Soledad e Rebeca agora. Outra despedida.

— E Beto também?

— Ah, meu Deus! — Ela ri. — Vamos ver.

Luca não pergunta se Mami acha que Choncho conseguiu levar Ricardín para a Ruby Road. Não pergunta se ela acha que alguém já os encontrou, se eles estão bem. Ele já inventou as respostas na própria mente. São as respostas de que ele precisa.

* * *

O suprimento de água está começando a acabar, o que parece um absurdo depois de todos aqueles galões. O coite os instrui a beber o que precisam, mas a guardar o máximo possível. Na grande caverna, eles dormem a manhã toda e, no meio da tarde, estão com sede, suados e famintos, e o relativo conforto do lugar derreteu com o calor opressivo do dia. Eles se esforçam para dormir apesar do desconforto. Sabem que aquela noite é a última e estão todos ansiosos para sair dali, para chegar ao destino, para descer daquele fim de mundo sem ar, sem água e sem cor até a estrada lá embaixo, para segui-la até onde há vida.

O ambiente fica sufocante na caverna, porque a camuflagem do lençol pendurado, agora preso com pedras na parte de baixo para não ser levado para dentro e para fora pelo vento, também impede que a brisa os refresque. Fica difícil descansar, e Rebeca está com calor e frustrada quando se senta e encontra todo mundo dormindo. Ao redor, os outros migrantes emitem os

sons ofegantes do sono inquieto. Beto é o mais barulhento, cada respiração faz um chiado impressionante, mas ele não se mexe. Ele usa um braço como travesseiro e dorme com a boca aberta, tentando extrair o oxigênio do ar. Rebeca enfia os pés descalços nos tênis e passa por cima do menino. Os tênis estão duros e deformados por terem ficado tão molhados e secado novamente, mas ela não se dá o trabalho de amarrá-los. Só precisa encontrar um lugar para fazer xixi. Lorenzo abre os olhos quando a garota passa entre os migrantes adormecidos. Olha para a pele macia de sua perna e é recompensado pela visão da calcinha amarela de algodão por baixo da camisa branca folgada. Ela se abaixa sob o lençol pendurado e sai. Sem fazer barulho, Lorenzo se senta, tira os sapatos e a segue.

Rebeca contorna a lateral da caverna, deixa a rocha lisa para trás e entra no emaranhado de vegetação rasteira em busca de um lugar para esvaziar a bexiga. Há árvores raquíticas ali, e ela se abaixa ao lado de uma, puxando a calcinha de algodão até os joelhos e se agachando à sombra. Antes mesmo de ver Lorenzo, ela o escuta resmungar baixinho por causa dos espinhos das plantas e das pedras sob seus pés. Ela se levanta imediatamente, deixando uma gota de urina escorrendo pela perna. Puxa a calcinha até os quadris e a camiseta para baixo.

Ele lhe dá um sorriso torto, uma tentativa de fazer charme.

— Eu deveria ter calçado os sapatos — diz ele, caminhando dolorosamente em direção a ela pelas rochas. — Acho que não sou tão inteligente quanto você.

Rebeca dá dois passos para trás. Para longe dele. Ela estende a mão e toca a casca áspera do pau-rosa que acabou de regar. Seus galhos são baixos. Um pequeno ramo emaranha em seu cabelo.

— Só vou mijar — diz ele. — Assim como você.

Ele não está de camisa, apenas de cueca boxer com elástico na cintura, que abaixa bem na frente dela, colocando o pênis inchado para fora. Rebeca não quer ver aquilo. Ela olha para o caminho atrás dele, o caminho que percorreu ao redor da caverna, e sabe que não pode voltar por ali, não sem ir até ele, sem passar bem ao lado dele com seu pênis ereto nojento. Ela já está chorando quando se vira e se abaixa sob o galho da árvore atrás de si, arrancando uma mecha de cabelo ao sair. Lorenzo é rápido, muito mais rápido do que ela pensava que ele seria sem sapatos, e, antes que ela consiga ir muito longe, ele a alcança, primeiro com um puxão violento no pulso e depois com a umidade quente da boca em tudo: rosto, pescoço, orelha. Rebeca luta, balançando o

braço livre, mas então ele agarra esse braço também, imobilizando-a, os dois pulsos da menina presos aos grilhões das mãos fortes dele, que ainda coloca todo o seu peso em cima dela. Ele a pressiona contra a face rochosa, e ela sente o volume duro da anatomia dele contra sua barriga. Ela sabe que tem lágrimas escorrendo pelo rosto, mas se sente totalmente impotente para mudar qualquer coisa. Tenta assim mesmo, balançando o joelho para cima, e descobre que suas pernas também estão presas sob o peso dele. Então, ela ataca com a única coisa que lhe resta: a cabeça. E consegue, uma vez, duas vezes, ela dá cabeçadas nele, que apenas ri e diz que gosta de garotas difíceis. Ela luta, chora e tenta soltar as mãos, tenta usar os dentes, os cotovelos, tenta colocar os braços entre eles, para empurrá-lo, mas não grita, segura o grito, porque eles estão nos Estados Unidos agora, e se ela gritar e tiver sorte, será Slim ou David quem responderá ao grito, mas, se tiver azar, será *la migra*. Quando foi que ela teve sorte? A cabeça dela fica mole. O pescoço, mole. Rebeca olha para além do rosto tenso de Lorenzo que representa todo o perigo que ela está vivendo agora. Olha para o céu azul e aguarda a pior parte acontecer. Ela só quer que acabe.

Mas, não. Não acontece. Porque no instante em que ela sente a brutalidade das mãos dele viajando por seu corpo tenso, no instante em que ele puxa o tecido da calcinha, há outra voz.

— *Oye naco*, saia de cima dela agora mesmo antes que eu estoure seus miolos.

De repente, a violência recua. A pressão diminui. O peso cruel do corpo dele não está mais em cima dela, e Rebeca desliza pela face da rocha até o chão, tremendo.

Lorenzo se levanta, arrumando o short.

— *Chingada, güey*, a gente só estava se divertindo, certo? *Relájate, hermano*.

Rebeca está tremendo violentamente e se afasta da sombra dele o mais rápido possível. O tremor de seus braços e de suas pernas é muito intenso. Ela se sente esquelética, trepidante. Sacode e estremece, e sente como se suas pernas não fossem aguentar, mas logo ela está longe dele e perto de El Chacal, que está com a pistola apontada para Lorenzo. Agora, Soledad está ali também, e Rebeca chora, buscando a irmã, mas Sole passa por ela. Os olhos de Soledad estão severos e negros à luz impiedosa do deserto. Brilham voltados para Lorenzo, de cueca boxer folgada. Ela olha para o corpo alto e musculoso dele, o leve sorriso que contorce sua boca, seus pés descalços. Ela vê a tatuagem da foice com suas três gotas de sangue, visíveis apenas quando ele fica de perfil, a

mão dele ainda encostada na rocha. Ela consegue ver sua ereção sob o tecido da cueca, e estende a mão muito deliberadamente para o coiole, ao lado.

El Chacal nunca leu teorias acadêmicas sobre a psicologia do trauma, mas viu milhares de variedades diferentes ali no deserto. Ele é, em todos os sentidos práticos, um especialista. Sabe que não deve dar a arma a Soledad. Mas, por outro lado, o coiole não sente nada além de nojo por Lorenzo. Depois de dezessete anos transportando pessoas pelo deserto, ele aprendeu a distinguir o bem do mal, mesmo em circunstâncias difíceis. Ele entende que, de vez em quando, não vale a pena salvar uma pessoa. Então, talvez não seja inteiramente acidental, o que acontece. Talvez El Chacal intencionalmente confunda o gesto de Soledad com outra coisa. Quando ela estende a mão e pega a pistola, ele permite, ele abaixa a arma. Diz a si mesmo que é uma intervenção tática feminina, uma pacificação. O coiole mal reage quando ela o desarma.

E então acontece muito rápido. Ela dá um passo abrupto à frente, levanta a pistola e a aponta para o estuprador da irmã. *Carajo*. Não era isso que El Chacal esperava, não mesmo. Ele vai para trás dela, estende a mão para a arma.

— Soledad.

Ela balança a arma na direção do coiole por apenas uma fração de segundo, mas é suficiente para convencê-lo a ficar onde está. Depois ela rapidamente a aponta de novo para Lorenzo, que parou de sorrir. Ele levanta as mãos à frente do corpo.

— Ei — começa ele, talvez na intenção de se desculpar.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Soledad **puxa o** gatilho, e Rebeca assiste sem reagir. Não estremece, não pula, não prende a respiração. Não desvia o olhar. Soledad gostaria de atirar nele várias vezes mais. Ela imagina buracos de bala em *todos los agentes* em Sinaloa, imagina o cérebro de Iván espalhado no teto, e gostaria de continuar atirando em Lorenzo para sempre. Ela nem precisa sair do deserto agora, porque a satisfação de estar ali atirando é tudo de que precisa pelo resto da vida. O tempo parece parar. É como se horas ou anos se passem enquanto ela está lá, segurando a arma. Ao mesmo tempo lhe ocorre que ela ainda pode usar uma daquelas balas em si mesma e, ao fazer isso, se juntar ao pai, mas então se pergunta se ainda poderá chegar até o pai, ao bom lugar onde ele está. Olha para a arma em sua mão e a vê, lá no fim do próprio braço, como se a uma grande distância, e, enquanto observa, gira o cano lentamente para si, deixando o buraco de onde as balas saem quase que de frente para seu rosto. Mas há outras mãos cobrindo as dela agora, fortes e gentis, e, juntas, as quatro mãos viram a arma para o chão. El Chacal afrouxa os dedos de Soledad e solta o pedaço quente de metal de suas mãos.

Quando Soledad finalmente tira os olhos das mãos e se volta para a irmã, o que vê no rosto de Rebeca é um espelho do que ela mesma sente. É um nada. É o vazio daquele lençol pintado soprando no vento quente do deserto. Não há alegria nem alívio, arrependimento ou descrença. As irmãs se dão as mãos com força e caminham cuidadosamente de volta à caverna, abrindo caminho entre as pedras e as plantas pontiagudas com os olhos bem abertos.

* * *

El Chacal está parado ao lado do corpo. Culpado. Não é a primeira vez que um de seus *pollitos* morre no deserto. Inferno, talvez nem seja a primeira vez

naquele dia. Mas aquele ele poderia ter evitado. Sabe que é responsável. Ele faz o sinal da cruz sobre o cadáver, mas é a Deus que ele se dirige.

— *Perdóname, Señor.*

* * *

Eles precisam sair do acampamento rapidamente, caso alguém por perto tenha ouvido o tiro. Quando o coiota retorna à caverna, os migrantes já estão vestindo as roupas secas e enrijecidas. Estão angustiados, especialmente os dois meninos. Beto sacode o inalador vazio e dá uma baforada inútil, mas todos podem ver a pele sendo sugada pelas depressões acima das clavículas a cada respiração. Ele se inclina e coloca as mãos nos joelhos. Fecha os olhos para se concentrar na respiração profunda e lenta. Marisol esfrega suas costas.

— Ele está bem para caminhar? — pergunta El Chacal. — Temos que ir.

Marisol se inclina para Beto, a manga de sua blusa fazendo uma pequena cortina para ele, como uma enfermeira puxaria em torno de seu leito, como se ele estivesse em uma clínica de emergência em Tucson. Beto não responde, mas, com os olhos ainda fechados, assente. Marisol dá a El Chacal um sinal de positivo.

— Ele está bem.

A respiração de Beto crepita como uma cascavel.

As irmãs se movem mecanicamente para se vestir e arrumar seus pertences. Expressões impassíveis. Marisol e Nicolás ajudam as duas, fechando as mochilas, preparando os sapatos. Os dois homens silenciosos estão parados do lado de fora, separados. Slim e David parecem taciturnos e abatidos. A morte confirmada de um dos migrantes os forçou a contemplar o que até então haviam conseguido manter bem longe da mente: que o irmão e filho, o tio e pai a essa altura podem já ter atingido um fim semelhante. Ou não, não semelhante. Muito pior.

Eles provavelmente conseguiram sair do desfiladeiro, com Ricardín passando o braço em volta do pescoço forte do tio. Talvez tenham feito uma tala para escalar as pedras. Talvez Ricardín tenha aguentado a dor de caminhar, de alguma forma, mais um quilômetro com a perna esmagada e retorcida. Certamente eles beberam as reservas de água na jornada, por mais que tenham demorado, quentes e expostos ao sol intenso do deserto. Talvez tenham

conseguido economizar alguns goles para o fim. Se conseguiram chegar até a Ruby Road, com o sol sugando toda a umidade do corpo, por quanto tempo conseguiram se manter lá, naquela terra sem sombra, enquanto esperavam que alguém os encontrasse? Quanto tempo leva para uma pessoa desidratar e morrer no deserto de Sonora? O que acontece quando o corpo fica com tanta sede que não segue mais comandos básicos como *continuar, agitar os braços, pedir ajuda. Não feche os olhos. Acorde. Acorde!* A gente tem consciência, quando nosso companheiro cai na terra do nosso lado, quando o corpo dele não consegue dar nem mais um passo? A gente sente nossos próprios rins parando de funcionar, o fígado falhando, a pele murchando nos ossos? É possível sentir o cérebro cozinhando dentro do crânio? Ou a gente perde a consciência antes de tudo isso?

Misericórdia.

O coioote diz a todos para irem rápido. Ele puxa o lençol dos pregos e o enrola em uma bola. Sabe que nunca mais voltará a esse lugar.

* * *

Lydia não se sente mal com a morte de Lorenzo. Também não lamenta que tenha sido pelas mãos de Soledad, a não ser pelo efeito emocional que a verdade pode um dia vir a causar na garota de quem ela gosta tanto. Mas teme que algo vital possa ter sido quebrado dentro de si mesma, porque Luca está chateado, como é de se esperar, mas parece que a morte — mesmo a repentina e violenta — talvez não tenha mais a capacidade de chocá-la. É um medo que ela precisa apertar como se fosse um fermento, para testar sua sensibilidade. Os dois calcanhares de Luca estão revestidos por Band-Aids e meias limpas, as botas amarradas firmemente aos pés. Ele está de mãos dadas com Rebeca. A magia que existe entre aqueles dois se eleva e os cobre como um campo de força. A presença dele reanima Rebeca, apagando seu vazio e preenchendo-a com um traço de cor. Essa energia, por sua vez, acalma Luca e o devolve a si mesmo.

— Só vou demorar um segundo — diz Lydia a El Chacal, enquanto ele coloca a o lençol colorido na mochila. — Eu preciso vê-lo.

— Espere — diz o coioote, e então se inclina para o espaço onde Lorenzo estava dormindo.

A camiseta descartada dele está lá, com short e sapato. El Chacal enfia a mão no bolso do short e tira uma carteira de lona preta estampada com personagens de Minecraft. Há um barulho de velcro quando o coioete abre a carteira, mas não há nenhum documento dentro. Ele esperava algo que pudesse deixar com o corpo, porque identificar o corpo é o único ato de gentileza que El Chacal pode fazer. Ainda assim, talvez alguém reconheça a carteira, que permanecerá intacta por muito tempo depois que a pele se for, muito tempo depois que a carne tiver sido totalmente decomposta. Os corpos desaparecem com uma velocidade surpreendente no deserto. Encontrar algum item pessoal próximo aos ossos branqueados pode ajudar. Ele entrega a carteira para Lydia.

— Deixe isso com ele — diz El Chacal.

Quando o coioete retorna à bagagem do jovem, Lydia percebe o celular também escondido dentro de um dos tênis caros de Lorenzo. Ela o pega. Luca a observa, mas ele está calmo agora, com Rebeca. Ela acena para ele, sai da caverna e vai até onde o corpo de Lorenzo ainda está fresco na terra. Parece errado vê-lo assim. Não apenas morto, mas também sem roupa. É constrangedor ver a vulnerabilidade de seu peito nu. Os olhos estão abertos, e Lydia pensa em fechá-los, mas não deve isso a ele. Não quer tocar nele, mas dá um chute fraco em seu pé descalço e observa sua perna balançar e parar. Ele está realmente morto. E ainda assim ela não sente nada. Lydia se levanta para que sua sombra caia sobre o rosto dele e reza uma ave-maria. Ela faz a oração de Fátima, ela tenta.

* * *

Ó meu Jesus, perdoa-nos nossos pecados, salva-nos dos fogos do inferno e leva todas as almas ao céu, especialmente as que mais precisam de tua misericórdia. Amém.

Não basta.

Ela não está rezando por Lorenzo. Fecha os lábios com tanta força que seus dentes mordem a carne. Está orando por si mesma, por graça. Por tudo o que perdeu. Por todos os erros que cometeu. Pelas desculpas que nunca mais pode pedir a Sebastián. Por estar errada sobre Javier. Por estar errada sobre tudo. Por sobreviver quando todo mundo morreu. Por estar tão entorpecida. Ela está rezando por seu filho e pela vida dizimada deles.

Um vento repentino assovia pela árvore de pau-rosa nas proximidades e sacode o cabelo de Lydia. Ela se agacha ao lado de Lorenzo e tem um violento flashback do quintal de Abuela. A sensação a invade pelos ombros e logo toma conta do corpo todo. A dor aguda do afeto, a meia-lua das unhas rosadas de Sebastián. Havia amor. Havia amor. Ela tinha uma família, mas os perdeu. Todos de uma só vez, os corpos espalhados em formas grotescas pelo quintal. O vestido branco de Yénifer, vermelho. O lindo cabelo dela. A bola de Adrián abandonada na grama perto de seus pés.

Mamá.

Então ali está. O reservatório de dor, agudo e profundo sob a ferida, a prova de sua humanidade, ainda intacta. Ela precisa enterrá-lo de volta onde estava. Ela não pode ceder ainda. Imagina um buraco no chão do deserto com toda a sua dor lá dentro. Imagina-se cobrindo-o com terra, apertando a terra com as mãos sujas. Lydia enfia a carteira de lona do Minecraft embaixo de um braço esguio e esticado. Pode ver agora, da nudez do peito de Lorenzo, no contorno dos ombros, o que ele estava escondendo sob aquela concha problemática. Ele é apenas um garoto. Ela se levanta e olha novamente para os restos do corpo jovem ali embaixo. É o momento.

É o momento da travessia de Lydia. Ali, no fundo daquela caverna em algum lugar nas montanhas Tumacacori, Lydia abandona a pele em carne viva de tudo o que aconteceu com ela. A pele escorre do couro cabeludo, formigando pelos ombros e por toda a extensão do corpo. Ela respira fundo. Cospe na terra. Javier. Marta. Tudo. Toda a sua vida antes daquele momento. Todas as pessoas que ela amava e se foram. Seu arrependimento monumental. Ela vai deixar ali.

Ela está aos pés de Lorenzo.

Ela se afasta dele.

— Eu perdoo você — diz ela.

* * *

Lydia já está de costas quando se lembra do celular. Ela se abaixa novamente para deixá-lo onde alguém possa encontrá-lo. Estende a mão e a vê ali, a coisa inócua e brilhante, plástico preto e metal cintilando em sua mão. Ela fecha os dedos e se levanta. Aperta o botão para ligar; sabe como fazer isso, porque é

uma versão mais nova e melhor de seu próprio telefone, o telefone que no momento está desligado, sem o chip e enfiado dentro de meias sobressalentes no fundo da mochila. Ela não pode ser rastreada. Mas, e Lorenzo? Ele chegou a considerar como seu sinal poderia estar apitando entre as torres de telefonia, indicando sua localização? O objeto ganha vida na mão dela, e não pede senha ou combinação, e Lydia precisa cobrir a tela para enxergar sob o brilho do sol. Ela caminha até a sombra do pau-rosa. Há mensagens de texto, sete delas. Não lidas. O polegar dela paira sobre a tela. Então ela levanta a cabeça e olha em volta. Eles estão a quilômetros do nada. Sozinhos. Do que ela tem medo? Ela toca o polegar na tela e as mensagens aparecem. São de alguém chamado *El Él*. O Ele. Lydia se curva sobre o telefone, e é instantâneo como consome as informações. Não leva tempo para ler todas as mensagens e saber.

El Él.

L L.

La Lechuza.

Ela sente o estômago apertar. Ele a está rastreando.

Dezenove dias. Dois mil seiscientos e dezesseis quilômetros.

Apenas alguns segundos antes, ela estava se sentindo livre. Livre dele, do medo dele. Ele não pode segui-la para onde ela está indo. *Não*.

— Não! — grita Lydia.

Ela quase joga o telefone longe. Quase chuta Lorenzo nas costelas mortas por sua traição, por sua farsa, por sua natureza. Meu Deus, ela gostaria de bater a cabeça dele naquela pedra, matá-lo novamente. Não vai ajudar em nada. Não há nenhum ato que apaziguaria o ímpeto violento que ela sente percorrer o corpo. Não há palavras mágicas o suficiente para aliviar um pouco dessa violência. Ela é um tornado. Ela é uma erupção. Ela é um *huracán*.

Ela lê as mensagens novamente. Sobe para ver as mensagens anteriores. Para Guadalajara. Onze dias atrás. Lorenzo os havia entregado, dito que havia rompido com Los Jardineros para sempre e insistido que aquela informação era um presente de despedida para o *jefe*, um gesto de boa-fé. Ele havia enviado a Javier uma fotografia clandestina de Lydia de perfil. Ela estava enroscada em Luca, os dois apertando os olhos no alto de La Bestia. *Tus amigos están en Guadalajara, Patrón*, dizia a mensagem.

Javier estava no escritório do legista em Barcelona quando recebeu a mensagem, e a esposa o havia advertido por olhar para o telefone enquanto eles estavam lá para identificar o corpo da filha e preencher a papelada que lhes

permitiria levar Marta para casa. O desprezo que sentia pela esposa naquele momento era inteiramente novo, e Javier nem se deu o trabalho de responder. Olhou para ela com ligeiro desgosto e voltou a atenção para a tela.

Você não está livre até que eu esteja livre, respondeu ele. *Devolva-a para mim.*

— *Ay, no* — diz Lydia em voz alta sob o pau-rosa. — Não.

A bateria do telefone está quase cheia, mas há apenas uma barra de sinal. Lydia levanta o aparelho e o leva de um lado para outro. Sai de debaixo da árvore, passa por cima do corpo de Lorenzo e sobe a parede de pedra ao lado dele com o telefone. Ali. Duas barras, três barras. Por impulso, abre o contato de El Él e aperta o botão de videochamada. Já está tocando. Lydia conhece o toque. É Pavarotti cantando “Nessun Dorma”. Ridículo. Pretensioso. Vulgar. Ele se achava aristocrático porque escrevia poesia ruim e ouvia ópera. Ele é um assassino. Ele é desprezível. Ele é burguês. Mas ela está nas mãos dele agora. Ela sabe. Ela está no topo de uma caverna no meio do deserto de Sonora. Ela está de pé sobre o cadáver do assassino dele, e tem a vantagem, e ele não a seguirá em sua nova vida. Ele não a assombrará, e ela não terá medo, não. Ela e Luca estarão livres. Isso termina aqui.

Ela ouve a voz dele antes de vê-lo.

— Diga — diz ele.

Ansioso pelas notícias da morte dela.

— Dizer o quê? Que estou morta? Que meu filho está morto?

— *Dios mío*, Lydia.

Ele diz o nome dela. *Lydia*. E soa como sempre soou em sua boca. *Lydia*.

— Lamento decepcioná-lo, mas estamos vivos. *Estamos vivos*.

— Lydia — diz ele de novo, e é muito confuso.

Porque o ódio dela por ele é enorme. É o maior sentimento que já sentiu. É ainda mais forte do que o amor que ela sentia por Sebastián no dia em que eles se deram as mãos e se beijaram em frente ao altar na catedral Nuestra Señora de la Soledad. É mais profundo do que o sentimento colossal e inominável que viveu no dia em que colocou Luca no mundo. É mais sombrio que o buraco que seu pai deixou para trás quando morreu sem se despedir. Seu ódio é um súcubo vivo, vasto, rápido e perverso o suficiente para saltar de seu coração e ganhar asas, expandir-se pelas centenas de quilômetros entre eles, engolir toda a cidade de Acapulco, cobrir a sala em que ele está, ofuscá-lo e vencê-lo, entrar em sua boca e sufocá-lo de dentro para fora. Ela o odeia tanto que pode matá-

lo a dois mil e seiscentos quilômetros de distância, apenas pela força do desejo. Mas ele está dizendo o nome dela.

— Lydia.

O rosto dele está abatido. Esquelético.

— Nunca desejei sua morte — diz ele. — Certamente você sabe disso, Lydia. Se eu quisesse você morta, você estaria morta.

Ela pisca. Afasta a câmera do rosto. Fecha a boca e examina a paisagem do deserto. E, de repente, sabe que o que ele está dizendo é a mais perfeita verdade. Todo esse tempo, todo o seu planejamento, toda a sua estratégia e autocongratulações, era tudo uma ilusão.

— Eu jamais conseguiria fazer mal a você, Lydia.

Ela abre a boca soltando um ar incrédulo.

— Fazer mal! Você jamais poderia me fazer mal? Você me fez mal. Você me torturou. Você destruiu meu mundo inteiro, tudo.

— Não, Lydia. Eu nunca quis...

— *¡Cállate la boca!* — grita ela por cima dele. — Você acha que eu me importo com o que você *quis*? Ou com como você justifica suas monstruosidades? Estou ligando apenas para dizer que acabou. Está entendendo? Acabou.

Javier dá um suspiro fraco do outro lado do telefone. Ela o vê fazer isso. Um maneirismo familiar, que um dia lhe foi querido. E isso vira sua psique de cabeça para baixo.

— Mas isso nunca pode acabar, Lydia — diz ele, triste. — Nós dois perdemos tudo.

Não.

— Isso é besteira, Javier. Você perdeu uma coisa. Uma!

Ele faz uma pausa, levantando os olhos úmidos.

— A única coisa.

Os batimentos cardíacos de Lydia parecem marteladas, mas sua voz fica mais baixa.

— A coisa mais importante — admite ela. — Mas isso não lhe dava o direito! Nenhum direito!

Ele está sob um confortável raio de sol em Acapulco, a cidade dela, com uma xícara de café expresso perto do cotovelo. Ela está imunda, sem um tostão, sem teto, viúva e órfã no deserto. Ele coloca o telefone em algum lugar diante

de si, para que sua imagem fique estável na tela dela. Tira os óculos, limpa as lentes. Sua boca é uma carranca quase irreal.

— Eu não sei, eu não sei — diz ele, piscando rapidamente.

— Eu vou sobreviver — afirma ela. — Porque eu ainda tenho Luca. Eu tenho Luca.

A boca dele é um talho.

— Isso precisa acabar agora — diz ela.

Javier coloca os óculos de volta no rosto e os empurra pelo nariz.

— Eu matei o *sicario* que você enviou.

— Você o quê?

— Sim. Ele está morto. Veja.

Lydia corre até a beira do cume e aponta o telefone para Lorenzo. Mais tarde, talvez ela se sinta culpada por isso, por usar o corpo dele para promover seu próprio objetivo, por celebrar a morte de Lorenzo, mesmo que de mentira. Mais tarde, talvez ela se pergunte por que as últimas sete mensagens de Javier ficaram sem resposta, não lidas. Ela pode até se perguntar sobre o potencial extinto de redenção de Lorenzo. Mas agora, não. Ela volta o telefone para o próprio rosto.

— Então podemos terminar agora? Ou devemos continuar matando pessoas?

Javier solta um ruído que é meio soluço, meio riso. Ele quer se declarar inocente por motivo de tristeza. Ela sabe que o luto é uma espécie de loucura. Ela sabe.

Lydia é um farol naquele cume.

A aversão em sua boca tem gosto de bile.

— Adeus, Javier.

Ela não se incomoda em desligar. Atira o celular na terra, e a câmera se volta para o céu vago.

* * *

Em frente à caverna, no calor da tarde do deserto, três horas antes da partida planejada em segurança com o sol se pondo, os outros estão descendo rapidamente a ladeira em direção ao vale. Luca, com Rebeca, está esperando por ela. Lydia pega a mão dele.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Não é longe. El Chacal continua dizendo a eles que não é longe. É basicamente ladeira abaixo, diz a eles. Três quilômetros. Menos, até.

— Vamos lá, vocês conseguem. Estamos quase lá.

Mas não é o terreno ou a distância. É o calor. Há um motivo para os migrantes andarem pelo deserto principalmente à noite, ao nascer e ao pôr do sol, e não é para se esconder na escuridão. Afinal, *la migra* em *el norte* tem helicópteros, câmeras de detecção de movimento, holofotes, todos os equipamentos noturnos. *La migra* tem óculos de visão noturna. É o sol assassino. Não pode haver mais racionamento de água, porque o corpo deles precisa de hidratação, o corpo deles não vai mais continuar sem isso. Eles bebem suas provisões, e não é suficiente. A água escorre deles, pela pele. Encharca as roupas, os pescoços, os cabelos. Beto para a todo instante para se inclinar, respirar. É um trabalho extra, uma cobrança extra. Ele está tonto e começa a tossir. El Chacal xinga baixinho. São apenas mais três quilômetros. Eles chegaram tão longe, estão quase lá. *Carajo, vamos lá.* O progresso está lento demais. É um pesadelo.

Aquela é a pior travessia que o coioite fez em anos. Ele sabia que não deveria ter trazido uma criança. Duas crianças. Quatro mulheres. Ele sabia que haveria problemas. Mas também tem que admitir que foram esses seis que sobreviveram à jornada até o momento. Eles são mais fortes do que ele havia julgado, até o asmático. *Droga*, El Chacal jamais teria concordado em trazer aquele garoto se soubesse que ele tinha asma. *Pendejito* sorrateiro. Queria torcer o pescoço do garoto. Mas, primeiro, precisa levá-los até a sombra, até a água.

— Vamos! Andem!

Não há tempo a perder.

Ele realmente tenta, mas Beto não consegue se mexer. Ele não consegue *andar*. Ele tosse e escarra, balança a cabeça e se apoia nos joelhos, e o sol bate na nuca. Seu cabelo preto engole e digere o calor do sol, e a cabeça dele está

muito quente, o pescoço todo queimando, e Beto quer fazer uma piada. Ele tenta pensar em uma piada que possa fazer sem usar palavras, sem gastar um fôlego precioso. Sente dor. É muito assustador. Uma pressão enorme no peito, *gigante*. Um elefante, um hipopótamo, os gigantescos pneus duplos de um caminhão esmagando o lixo em *el dampe*. Esmagando seus pulmões. Uma avalanche de lixo. Ele não consegue respirar. *Não consigo respirar*. Não há piadas.

Marisol esfrega suas costas e murmura em seu ouvido, porque já viu isso antes. Sua filha Daisy tinha asma quando era pequena. Não tão ruim, mas, ainda assim, Marisol sabe como é. Daisy teve crupe quando bebê, e, quando ela era um pouco maior, Marisol e Rogelio fizeram o exame de alergia. Cães, gatos, pólen. Eles tinham que tomar cuidado com ela, porque sempre que algo provocava a alergia, ela ficava dias passando mal. Já foi preciso levá-la à emergência para ser medicada com albuterol. Uma vez, ela teve um ataque de asma na casa de uma amiguinha. Foi assustador, porque Marisol estava sentada na cozinha com a outra mãe, tomando chá, e Daisy levou muito tempo para pedir ajuda. Quando por fim falou com a mãe, a situação já era crítica. Marisol procurou freneticamente a bolsa e não encontrou nada. O inalador tinha ficado na pia do banheiro em casa. Elas saíram correndo tão rápido que Marisol nem sequer afivelou o cinto de segurança. Quando saiu, bateu no para-choque de um carro estacionado na saída da garagem e nem ao menos parou para deixar um bilhete. Em casa, ligou o chuveiro quente para aquecer o banheiro e deu a Daisy três baforadas do inalador. Então uma quarta. Daisy ficou sentada na tampa fechada do vaso sanitário, e Marisol ficou parada em meio ao vapor, segurando o telefone, pronta para ligar para a emergência. Foram momentos de tensão e medo, mas em poucos minutos os sons de sucção no pequeno peito de Daisy diminuíram. O chiado cedeu. Ela respirou.

Beto piora. Foi-se a tosse solta e borbulhante que ele teve a semana toda. Foi-se o chiado. A tosse está seca e apertada.

Marisol fala mais alto que a angústia dele.

— Fique calmo. Tente respirar devagar.

Mas os próprios batimentos cardíacos dela estão rápidos como o de um coelho.

Não há sombra ali. El Chacal gira em círculos, vasculhando a paisagem em busca de um local melhor, um pequeno refúgio do sol. Se eles tiverem que fazer

uma pausa, precisa ser à sombra. Cada minuto ali diminui ainda mais a água no corpo deles. Mas não há nada por perto, e o garoto não consegue se mexer.

— Tente se esticar — diz Marisol.

Ele tenta, ele se desdobra. Mas, desta vez, quando ele tosse ao expirar, não há mais inspiração. Seus olhos estão arregalados de pânico, as mãos voam até a garganta, e a pele do pescoço é sugada. Então, ouve-se um chiado fraco, e ele tosse novamente. E, mais uma vez, ele não consegue inalar. E agora seus lábios estão ficando azuis. As unhas de Beto estão ficando azuis. Tudo acontece muito rápido. Ele bate as mãos perto do pescoço.

Marisol pega o inalador, sacode, coloca na boca e aperta, mas está vazio como o céu, estéril. Não há nada. Beto cai de costas, e é quase cômico, porque ele é tão *payaso* e sempre faz todo mundo rir, então é quase engraçado, porque ele cai de bunda como um bebê de fralda, com as pernas esticadas, mas não tem graça nenhuma, porque ele está se contorcendo agora, e até a tosse dessecante cessou. Eles estão todos reunidos em volta do menino agora, todos aterrorizados, sem ar, mas não há nada que possam fazer, mesmo que a dez quilômetros de distância, enquanto o corvo voa, em um prédio laranja brilhante na Frontage Road, na minúscula comunidade de Río Rico, Arizona, haja uma farmácia. Atrás do balcão da farmácia, há uma caixa contendo quatro novos inaladores de albuterol. Obviamente, também existem alternativas sem receita e corticoides para quando os sintomas são agudos. Quando Beto desmaia, Nicolás inicia compressões torácicas. Ele não sabe se é a coisa certa a fazer, mas é a única opção que tem, então Marisol se junta a ele, inclina a cabeça de Beto para trás, aperta o nariz e respira em sua boca. Sopra com todas as forças, mas não consegue levantar o peito dele.

Eles estão de joelhos no deserto, todos eles. Os migrantes rezam enquanto Marisol e Nicolás trabalham em Beto. Eles permanecem assim por muito tempo, muito mais do que seria sensato esperar que seus esforços pudessem dar frutos. Ninguém quer reconhecer a passagem do tempo. Ninguém quer ser o responsável por declarar a morte, nem mesmo El Chacal. Eles sentem como um perigo crítico para suas almas imortais ser aquele a admitir: Beto se foi. Soledad e Rebeca estão chorando, Lydia está chorando, Luca está chorando. Mas não há lágrimas, com todo esse choro. Não resta água no corpo deles para produzir lágrimas. El Chacal enfim coloca a mão no ombro de Nicolás.

— *Basta* — diz ele.

Nicolás termina suas compressões, mas depois impede que Marisol se incline novamente, para tentar outra respiração. Ele passa o braço por cima de Beto e coloca as mãos nos ombros dela. Eles se apoiam um no outro com o garoto no meio. Fazem uma barraca.

— Não — diz Marisol.

Ela coloca as mãos nele, na testa, na quietude do coração dele. Ela segura as mãos do menino, as traz para a frente, ainda flexíveis.

Ele é muito pequeno.

As outras mortes. Ou outras perdas. Foram dolorosas.

Mas pareceram... racionais. De alguma forma, honestas: havia um risco assumido. E o risco às vezes resulta na cobrança de um pagamento injusto.

Mas isso. Jesus.

Marisol desaba sobre ele, todas as respirações que ele não conseguiu ter. Ela as engole, as aperta nos punhos.

— *Papá Dios*. — Ela chora por ele até que El Chacal a afasta.

Um por um, ele os afasta. Ele para entre eles e o corpo de Beto. Ele toca em seus braços ou ombros e os libera. Slim e David estão ao lado do coio carrancudo, cada um segurando o ombro do outro.

— Nós vamos carregá-lo — diz Slim.

El Chacal olha para ele. Considera o ângulo do sol, a falta de água, a fadiga de seus corpos esgotados.

— Não. — Ele balança a cabeça. Pega o lençol tingido na mochila e, para Slim, diz: — Ajude-me a enrolá-lo.

El Chacal, então, pega um telefone da mochila, liga e marca o local no mapa.

— Vou voltar para buscá-lo.

Todos o encaram, mas ninguém se mexe.

— Prometo — diz ele. — Precisamos ir agora.

Desta vez, Luca não olha para trás.

* * *

Em um acampamento no fim de uma estrada não identificada que não é percorrida com frequência pelas caminhonetes da Patrulha da Fronteira dos Estados Unidos, há dois trailers esperando. Eles estão estacionados lá há dois

dias, com postes na frente segurando lonas esticadas, refrigeradores cheios de cerveja e comida. Há cadeiras de jardim em volta de uma fogueira e música country em um rádio antigo com uma antena retrátil e um botão em um dos lados. Os homens sentados naquele acampamento todos os dias se certificaram de acenar e cumprimentar os agentes da Patrulha da Fronteira que passavam. Os homens naquelas cadeiras haviam feito o trabalho agradável e casual de se fazerem conhecidos, assim como seus veículos. Os agentes pararam um dia e conversaram com eles por uns dez minutos. Os homens permitiram que olhassem dentro dos trailers. Eles não tinham nada a esconder.

Quando El Chacal e seus dez migrantes restantes chegam ao acampamento duas horas e meia mais cedo, os homens não estão prontos. O ponto de verificação da Patrulha da Fronteira na Rota 19 ainda está aberto. Eles têm que ficar ali por pelo menos mais três horas. E se alguém aparecer antes disso? Onde vão esconder onze pessoas no meio do nada? Está muito quente para ficarem dentro dos trailers. Não há gasolina suficiente para alimentar os aparelhos de ar-condicionado durante a espera.

El Chacal dá de ombros e se limita a responder:

— Não tínhamos escolha.

* * *

É um pequeno acampamento confortável e escondido, e eles estão relativamente protegidos ali do barulho do vento implacável. Então, desligam o rádio e ficam em silêncio, esperando ouvir o motor de qualquer veículo se aproximando ao longe antes que alguém apareça ali. Ninguém aparece. Os migrantes bebem água, água e mais água. Eles se sentam à sombra dos trailers e tomam isotônico também. Marisol chora abundantemente, sem piscar, assim que seu corpo está hidratado o suficiente para produzir lágrimas. Ela não tem controle, as lágrimas escorrem sem parar. Descontroladamente, como afluentes. Elas se reúnem em poças brilhantes em suas mãos. Luca e Lydia mantêm os olhos e a boca fechados.

Ninguém fala.

Às cinco e quinze, os dois homens começam a arrumar as malas e a conduzir os migrantes para dentro. Marisol e as duas irmãs embarcam primeiro. Lydia quer dizer algo a El Chacal. Algo para expressar sua gratidão e

acalmar a consciência ferida do homem. Não há nada a dizer. Ela coloca uma das mãos brevemente no braço dele, e ele não tira os olhos do chão sob os pneus. Assente uma vez, concentrando-se nos pedaços de grama selvagem, nas pedras brilhantes na terra. Lydia entra no trailer. Luca está no último degrau atrás dela, mas não vai junto. Ele para ao lado de El Chacal também.

— Ele precisa de uma cruz azul-celeste — diz Luca.

O coioite assente uma vez e há lágrimas nos olhos dele. São as primeiras dessa natureza.

— Uma cruz azul-celeste — confirma o homem.

Luca assente.

— Vou cuidar disso, *hijo* — diz o coioite.

E então Luca se aproxima e sussurra algo no ouvido do coioite. E o homem pega o menino nos braços, que se pendura no pescoço dele, e os dois ficam abraçados por um longo momento, depois se afastam rapidamente e Luca sobe os degraus. Lydia observa pela janela quando El Chacal tira a mochila de uma das cadeiras do gramado, levanta seu suprimento de água reabastecido e volta para o deserto.

— O que você disse a ele? — pergunta Lydia quando o filho se senta ao lado dela.

Luca dá de ombros.

— Eu disse que ele era um bom homem por nos trazer até aqui.

* * *

Existem compartimentos ocultos embaixo dos bancos e das camas, conforme os homens mostram. Eles precisam entrar nesses compartimentos e se encolher ali dentro. Soledad ouviu histórias de outros coioites forçando os migrantes a se despirem nesta fase da jornada, para que ninguém cause problemas. Tirar as roupas dos migrantes é uma espécie de apólice de seguro, para que ninguém tente escapar antes que o coioite esteja pronto para libertá-los. Ela ouviu dizer que, às vezes, os coioites obrigam os migrantes nus a usarem fraldas também, para que possam ficar escondidos no escuro por horas. Ela esfrega as coxas e se sente grata por sua armadura de jeans. No segundo trailer, o motorista examina Slim e David e pergunta:

— Vocês acham que cabem?

Slim assente.

— Vamos dar um jeito.

— São apenas quarenta e cinco minutos, certo? — pergunta David.

— Por aí — diz o motorista.

David experimenta uma gíria americana que vinha guardando.

O coração de Luca bate forte no peito. Eles ouvem o motor dar a partida, sentem o ronco da máquina vibrar em seu corpo. O motorista gira o volante e puxa a cortina atrás da cabeça.

— Próxima parada: Tucson! — diz o motorista em voz alta.

O trajeto é lento. Dolorosamente lento. Existem buracos fundos e curvas fechadas, e a estrada só permite a passagem de um veículo por vez. Assim, quando há tráfego contrário, os trailers precisam parar e aguardar a passagem do outro carro. Por fim, eles entram em uma estrada um pouco mais larga e, pouco depois, o homem no banco do motorista avisa, baixinho:

— Patrulha da Fronteira. Fiquem parados.

O motorista acena para os agentes no veículo que se aproxima, e eles o reconhecem como um dos campistas parados ao sul de Lobo Tank nos últimos dias. Os agentes se chamam Ramirez e Castro, e eles pensam em parar o cara, checar o trailer. Mas é um cara branco com chapéu de cowboy e um bigode que parece estar crescendo em seu rosto muito antes de eles sequer se tornarem irônicos. Além disso, o turno deles está quase no fim. Ninguém quer fazer trabalho burocrático no happy hour. Eles o cumprimentam e passam o Chevy Tahoe pelo trailer com centímetros de distância. Na parte de trás, os migrantes prendem a respiração quando ouvem os pneus do veículo que passava estalando do lado de fora da janela e, em seguida, o *clique* do volante quando o motorista centraliza o trailer na estrada novamente. E então eles seguem seu rumo.

— Tudo bem — diz o motorista.

* * *

Luca gruda em Mami no cubículo escuro, mesmo que haja espaço suficiente para os dois, ele a aperta como se precisasse estar perto dela para sobreviver, porque agora que eles estão aqui, agora que estão tão perto, a poucos minutos de começarem uma vida nova, ele não quer mais isso. De alguma forma

primitiva, sabe que, quando ele e sua mãe estiverem seguros, os monstros que até agora foram repelidos vão aparecer, e serão mais monstros. Uma horda. Ele pode senti-los arranhando a porta. Mas ainda não.

Ele aperta Mami, que o abraça. Ela o encaixa em seu corpo e se torna seu escudo mais uma vez. Ela puxa a mãozinha dele na escuridão e desenrola os dedos. Ela desliza a auréola de ouro solta do anel de Papi em torno do mindinho esticado do menino. A estrada passa embaixo deles. Eles cruzam o estrondo surpreendente de um mata-burro, e Luca deita a cabeça no peito dela. Lydia passa a mão pela testa dele e fecha os olhos. Uma sacudida final do trailer desajeitado e, de repente, tudo indica que o caminho será de asfalto a partir dali.

O ponto de verificação da Patrulha da Fronteira está fechado, como previsto. Eles passam sem parar, e os trailers ganham velocidade enquanto seguem para o norte no crepúsculo. Perto deles, Soledad e Rebeca apoiam a cabeça uma na outra, entrelaçam os dedos e respiram no mesmo ritmo. Estão imóveis e se movendo ao mesmo tempo. Cada um deles tem segredos agora. E, no entanto, apesar de tudo o que sofreram, naquele momento, juntos, estão cheios de algo maior do que esperança.

* * *

Lydia não consegue ver do lugar escuro onde está, mas pode sentir. Ela sabe que é a hora perfeita do dia lá fora, no deserto. Ela imagina as cores. O asfalto cinza brilhante, a terra vermelha sofrida. Os tons extravagantes riscando o céu. Quando fecha os olhos, consegue vê-las, as tintas no firmamento. Deslumbrantes. Roxo, amarelo, laranja, rosa e azul. Ela pode ver aquelas cores perfeitas, quentes e brilhantes, um cocar de penas. Abaixo, a paisagem estende seus braços.

EPÍLOGO

Cinquenta e três dias, a 4.232 quilômetros do local do massacre

Não é a casinha no deserto que Lydia imaginava. Mas há o ônibus escolar amarelo, que Luca pega todas as manhãs com uma mochila limpa e um novo par de tênis. Ele não usa mais o boné de Papi porque é um item muito especial. Como um artigo de museu. Fica em cima de sua cômoda azul ao lado de seus outros tesouros: o rosário de Abuela e uma borracha em forma de dragão que Rebeca lhe deu. O cabelo de Luca está bem cortado e lavado com xampu que tem o cheiro do cabelo de Papi, com um traço de menta. O ônibus chega ao fim da quadra arborizada e Luca entra com duas crianças hondurenhas, uma menina equatoriana, um menino somali e três *estadounidenses*. Lydia enfia o dedo no anel de Sebastián todas as manhãs quando o ônibus vai embora. *Hoje não será o último dia que vejo nosso filho.*

Ela trabalha faxinando casas. Sua mãe teria considerado uma grande ironia. Lydia, cuja casa nunca estava um exemplo de limpeza. O dinheiro não é bom, mas é um começo. Eles moram com o primo das meninas, César, e a namorada dele. A tia da namorada mora ali, também, e todos contribuem com o que podem. Eles se revezam nas compras e na cozinha.

O inglês de Lydia ajuda, mas há muitos idiomas diferentes em *el norte*. Existem códigos que Lydia ainda não aprendeu a decifrar, diferenças sutis entre palavras que significam quase, mas não exatamente, a mesma coisa: *migrante*, *imigrante*, *estrangeiro ilegal*. Ela aprendeu que existem bandeiras que as pessoas usam ali, e que essas bandeiras podem ser um alerta ou boas-vindas. Ela está aprendendo. As livrarias, invariavelmente, são um refúgio. Há uma na cidade onde eles moram, e na primeira vez que Lydia se aventurou a entrar, ficou sem fôlego. Precisou se apoiar em uma prateleira. O cheiro de café, papel e tinta. Não é nada parecido com a pequena livraria que tinha na sua terra. O acervo dessa livraria americana tem principalmente livros religiosos e — em vez de

calendários e brinquedos — rosários, figuras de Buda, quipás. Ainda assim, as lombadas dos livros são um alicerce. Firmes. Há uma seção de poesia internacional. Hafiz. Heaney. Neruda. Lydia passa os vinte poemas de amor e lê “A canção desesperada”. Ela o lê desesperadamente, ávida, debruçada no livro no corredor da livraria silenciosa. Seus dedos preparam a próxima página enquanto devora as palavras. O livro é como água no deserto. Custa doze dólares, mas Lydia o compra mesmo assim. Ela o guarda enfiado na cintura da calça, onde pode senti-lo na pele.

* * *

Lydia tenta não sentir ciúme quando eles acordam juntos e Luca diz a ela, com os olhos ainda pegajosos de sono, que Papi o visitou em seus sonhos novamente. Lydia se enrosca nele como se pudesse absorver a visita com seu corpo.

— O que ele disse?

— Ele nunca diz nada. Só fica sentado comigo. Ou nós caminhamos juntos.

O corpo de Lydia palpita.

— Que bom, *hijo*.

A distância até a biblioteca é de quase um quilômetro e meio, e eles caminham juntos até lá nas manhãs de sábado. Na terceira visita, a bibliotecária os convida a solicitar os cartões da biblioteca e, quando Lydia recusa, a mulher recorre ao espanhol para dizer que não há perigo para eles, que eles têm direito, independentemente da situação de imigração. Lydia fica em dúvida no começo, mas, se não puder confiar em uma bibliotecária, vai confiar em quem? Ela e Luca recebem seus cartões, e é milagroso, restaurador, uma mudança de vida. Rebeca vai com eles algumas vezes, mas Soledad, nunca.

As irmãs também estão matriculadas na escola agora, e é difícil para elas. Não por terem um inglês ou escolaridade rudimentares. Ambas são inteligentes, aprendem rápido. Mas a vida delas foi vasta demais, e seus traumas, adultos demais. São jovens mulheres, e agora seus dias se resumem a um fichário. Devem guardar o casaco no armário e flertar com os meninos no corredor da escola. Devem regredir para se encaixar em formas que nunca lhes serviram. Elas não entendem as expectativas dos adolescentes de *el norte*.

* * *

Lydia está voltando do trabalho um dia quando um garoto sentado a sua frente se levanta e dá sinal para o ônibus parar. Quando ele estica o braço, a manga recua, revelando seu pulso, e Lydia nota uma tatuagem na forma de X: uma foice e uma pá. O sinal de parada toca, o ônibus diminui a velocidade. Lydia se encolhe no assento. Enquanto o ônibus assobia e sacode, deixando o garoto para trás, ela o observa pela janela cobrindo a cabeça com o capuz. Na maioria dos dias, Lydia luta para aceitar como sua vida se tornou periférica. Hoje, é uma pessoa grata por se sentir invisível. É impossível não se perguntar sobre Javier. Geralmente, ela o mantém trancado do lado de fora da mente, mas há momentos em que ele desliza pelo buraco da fechadura. Ela se pergunta se ele lamenta o que fez com ela. Se ele se sente vingado. Ela se pergunta se ele sente alguma coisa agora, ou se ele se fechou para tudo, se a morte de Marta foi demais para ele, se ele então encontrou uma brecha, uma saída da humanidade. Lydia é mais forte do que ele. Ela sente todas as moléculas de sua perda e a suporta. Não está diluída, mas amplificada. Seu amor por Luca se tornou maior, mais forte. Lydia é cheia de vida.

* * *

Na escola, Lydia tem uma reunião com a diretora, que quer falar sobre a aptidão de Luca para a geografia.

— Há um concurso anual de geografia — disse a mulher ao telefone. — Acho que deveríamos inscrevê-lo.

Lydia vai até lá preencher a papelada. Senta-se em uma cadeira confortável em frente à diretora, uma mulher de sua idade. Ao longe, ela ouve um sinal tocar, e, de repente, a vista da janela está cheia de crianças para lá e para cá. Elas gritam, correm, escalam e balançam, e todo esse barulho bonito e feliz é um pano de fundo estranho para o que a diretora está dizendo.

— Eu não sabia que seu filho não tinha documentos. — A mulher balança a cadeira, expressando-se com cuidado. Lydia percebe que aquilo é desconfortável para ela. — Sinto muito, mas ele não será elegível a ganhar o prêmio.

É absurdo, Lydia sabe, sentir-se arrasada por um concurso de geografia. Isso não deveria significar nada em comparação aos enormes traumas recentes de sua vida. Ela olha pela janela, para as crianças gritando. A diretora se junta momentaneamente a seus devaneios e depois fala baixinho na sala, cruzando uma barreira que não deveria transpor. É uma fronteira que ela desconsiderou muitas vezes antes.

— Meus pais eram imigrantes das Filipinas sem documentos — conta ela.
— Eles me trouxeram para cá quando eu era mais nova que Luca.

Lydia não sabe como responder. Aquilo é um tipo de solidariedade? Ela deveria se sentir encorajada? O que sente é exaustão. Cansaço. Suas mãos estão rachadas.

— Conheço alguns bons advogados de imigração, se você precisar de ajuda.

* * *

No quintal de sua casinha na rua arborizada, eles enterram dezoito pedras pintadas. A cruz azul-celeste de Beto. A de Adrián é uma bola de futebol. Luca visita a pedra enterrada de Papi todos os dias depois da aula. Ele conta à pedra enterrada do pai sobre sua nova vida em Maryland, o quanto gosta de dividir o quarto com Mami. Como ele gosta de Rebeca mais do que de Soledad e às vezes se sente mal por isso, mas não tão mal, porque todo o resto do mundo ama Soledad. Ela não precisa do amor dele como Rebeca precisa. Ele conta a Papi sobre sua professora e sobre as brincadeiras com seu novo amigo Eric, no recreio. Kickball. Quatro quadrados. Luca chora bastante. Mas ele também fala, ri, lê. Ele vive. Soledad e Rebeca visitam a pedra do pai delas com menos frequência, mas lentamente começam a passar um tempo lá fora. Na semana anterior, quando Lydia estava capinando, encontrou uma carta de baralho, o rei de copas, encostado na base da cruz do pai das meninas. De vez em quando, quando está de frente para a janela da cozinha lavando a louça, Lydia vê uma das meninas sentada em silêncio na grama. Às vezes, elas movem os lábios como se estivessem rezando.

* * *

Eles ainda dormem com as luzes acesas, ou melhor, Luca dorme. Lydia geralmente não. Ela fica sentada na cama ao lado dele, com o filho ocupando agora o espaço onde Sebastián dormia. Ela acaricia o cabelo dele e espera que Luca esteja sonhando novamente com o pai. Espera que uma noite, em breve, Sebastián possa escapar do sonho do filho e entrar no dela, como se ele fosse uma presença física, átomos e partículas no quarto que possam migrar do cérebro de Luca para o dela, de uma orelha a outra. *Una frontera santificada*. Até tarde da noite, ela lê, e a luz do abajur cai em um círculo suave sobre seus joelhos, sobre as mantas quentes, sobre a respiração de Luca. Em sua nova casa, Lydia relê *Amor en los tiempos del cólera*, primeiro em espanhol e depois em inglês. Ninguém pode tirar isso dela. Esse livro é só dela.

NOTA DA AUTORA

Em 2017, a cada vinte e uma horas, um migrante morreu em algum trecho da fronteira entre os Estados Unidos e o México. Esse número não inclui os muitos migrantes que simplesmente desaparecem a cada ano. Em todo o mundo, em 2017, quando eu terminava de escrever este livro, um migrante morria a cada noventa minutos, no Mediterrâneo, na América Central, no sudeste africano. A cada uma hora e meia. Então, são dezesseis mortes de migrantes para cada noite que coloco meus filhos na cama. Quando comecei minha pesquisa, em 2013, era difícil encontrar esses dados, porque ninguém registrava esse tipo de coisa. Mesmo agora, a Organização Internacional para as Migrações adverte que as estatísticas disponíveis são “provavelmente apenas uma fração do número real de mortes”, porque muitos migrantes que desaparecem nem chegam a ser contabilizados. Então talvez o número esteja mais para duzentas mortes a cada pilha de roupa que eu lavo. Atualmente, existem cerca de quarenta mil pessoas desaparecidas no México, e os investigadores encontram diariamente valas comuns contendo dezenas, às vezes centenas, de corpos.

Também é verdade que, em 2017, o México era o país mais perigoso do mundo para os jornalistas. A taxa de homicídios em todo o país foi a mais alta já registrada, e a esmagadora maioria desses assassinatos não foi resolvida, fossem as vítimas migrantes, padres, repórteres, crianças, prefeitos ou ativistas. Os cartéis operam com impunidade. Não há recursos para vítimas de violência.

Eu sou uma cidadã dos Estados Unidos. Como muitas pessoas em meu país, venho de uma família de culturas e etnias mistas. Em 2005, me casei com um imigrante sem documentos. Namoramos por cinco anos antes de nos casarmos, e, se nosso namoro levou tanto tempo, entre outras razões foi porque ele queria o *green card* antes de me pedir em casamento. Meu marido é uma das pessoas mais inteligentes, trabalhadoras e honestas que conheço. Ele tem ensino superior, é dono de uma empresa de sucesso, paga impostos e gasta uma

fortuna em plano de saúde. No entanto, depois de anos de tentativas, descobrimos que não havia caminho legal disponível para ele receber seu *green card* sem ser pelo casamento. Durante os cinco anos de namoro, vivíamos com medo de que ele pudesse ser deportado. Uma vez, na Rota 70, fora de Baltimore, um policial nos parou por estarmos com a luz traseira quebrada. Os minutos em que esperamos o policial retornar a nosso veículo foram alguns dos mais torturantes de minha vida. Ficamos de mãos dadas no banco da frente do carro. Achei que o perderia.

Então, eu sei do que estou falando.

Mas a verdade sobre meu interesse nesta história é mais complicada do que isso.

Existem outros dois fatores que provavelmente contribuíram mais para meu interesse no assunto do que a situação de imigração de meu marido. O primeiro é o seguinte: quando eu tinha dezesseis anos, duas primas minhas foram brutalmente estupradas por quatro estranhos e jogadas de uma ponte em St. Louis, no Missouri. Meu irmão foi espancado e também empurrado da ponte. Escrevi sobre esse crime horrível no meu primeiro livro, minhas memórias, *A Rip in Heaven*. Como esse crime e a subsequente redação do livro foram experiências que moldaram minha vida, eu me tornei alguém que está sempre, automaticamente, mais interessada em histórias sobre vítimas do que em algozes. Eu me interesso por personagens que sofram dificuldades inconcebíveis, por pessoas que conseguem superar traumas extraordinários. Personagens como Lydia e Soledad. Tenho menos interesse em histórias violentas e cheias de testosterona sobre bandidos e policiais. Ou, de qualquer forma, acho que o mundo tem muitas histórias assim. Algumas ficções ambientadas no mundo dos cartéis e dos narcotraficantes são convincentes e importantes. Li muito sobre isso durante minhas primeiras pesquisas. Esses livros fornecem uma compreensão das origens de algumas das violências ao sul de meu país. Mas a representação dessa violência pode alimentar os piores estereótipos sobre o México. Então, vi uma brecha para um romance que traria um caráter um pouco mais intimista a essas histórias, para imaginar as pessoas do outro lado dessa narrativa predominante. Pessoas comuns que nem eu. Como eu reagiria se morasse em um lugar que começa a desmoronar a minha volta? Se meus filhos estivessem em perigo, até onde eu iria para salvá-los? Eu queria escrever sobre essas mulheres, cujas histórias são muitas vezes esquecidas.

O que me leva ao segundo fator, o mais definitivo na minha decisão de abordar esse assunto. Levei quatro anos para pesquisar e escrever este romance, ou seja, comecei muito antes de caravanas de migrantes e construção de muro entrassem no *zeitgeist* dos Estados Unidos. Mas, mesmo assim, fiquei frustrada com o teor do discurso público em torno da imigração. A conversa sempre parecia girar em torno de questões políticas, com a exclusão absoluta de preocupações morais ou humanitárias. Fiquei chocada com a maneira como os migrantes latinos, mesmo cinco anos atrás — e tudo ficou exponencialmente pior desde então — eram caracterizados dentro desse discurso público. Na pior das hipóteses, nós os enxergamos como uma multidão invasora de criminosos predadores e, na melhor, como uma espécie de massa marrom, desamparada, empobrecida e sem rosto, batendo a nossa porta para pedir ajuda. Raramente pensamos neles como seres humanos. Pessoas com livre-arbítrio para tomar as próprias decisões, pessoas que podem construir um futuro brilhante para si mesmas e para os outros, como tantas gerações de imigrantes fizeram no passado.

Quando minha avó chegou de Porto Rico aos Estados Unidos, na década de 1940, ela era uma jovem bonita e glamorosa de uma família rica da capital e noiva de um oficial da Marinha. Ela esperava ser recebida como tal. Mas descobriu que os americanos tinham uma visão muito reducionista do que significava ser porto-riquenho, do que significava ser latino. Tudo nela confundia seus novos vizinhos: seu tom de pele, seu cabelo, seu sotaque, suas noções. Ela não era o que eles esperavam que um *boricua* fosse.

Minha avó passou boa parte da vida adulta nos Estados Unidos, mas nem sempre se sentiu bem-vinda. Ela se ressentia dos perpétuos equívocos a seu respeito. Nunca superou esse ressentimento, e os ecos de sua indignação ainda têm algumas manifestações peculiares em minha família. Um dos sintomas sou eu. Sempre brigando contra um desprezo evidente, sempre lutando contra a ignorância nas ideias dominantes sobre etnia e cultura. Tenho consciência absoluta de que as pessoas que chegam à fronteira sul dos Estados Unidos não são uma massa marrom sem rosto, mas indivíduos singulares, com histórias, bagagens e motivos para vir que são únicos. Sinto essa consciência em meu âmago, em meu DNA.

Por isso, tinha esperança de oferecer uma dessas histórias pessoais únicas — uma obra de ficção — como uma maneira de honrar as centenas de milhares de histórias que talvez nunca possamos conhecer. E, ao fazer isso, espero criar

uma ruptura, a partir da qual o leitor possa começar a individualizar. Quando aparecerem migrantes no noticiário, possamos lembrar: são pessoas.

Foram essas as minhas razões. E, no entanto, quando decidi escrever este livro, fiquei com medo de que meu privilégio me deixasse cega a certas verdades, de que eu entendesse tudo errado, como posso muito bem ter entendido. Tinha medo de que, não sendo imigrante ou mexicana, eu não tivesse o direito de escrever um livro quase todo passado no México, inteiramente entre migrantes. Mas, então, pensei: *Se você é uma pessoa que tem a capacidade de ser uma ponte, por que não?* Então, comecei.

Nos primeiros dias de minha pesquisa, antes de me convencer totalmente de que deveria contar esta história, entrevistei uma estudante muito gentil, uma mulher notável que era presidente do Departamento de Estudos Chicana e Chicano da Universidade Estadual de San Diego. O nome dela é Norma Iglesias Prieto, e eu listei minhas dúvidas a ela. Expliquei que me sentia compelida, mas não qualificada, a escrever este livro. Ela disse: “Jeanine, precisamos do maior número possível de vozes contando essa história.” O incentivo dela me manteve pelos quatro anos seguintes.

Fui cuidadosa e meticulosa em minha pesquisa. Viajei muito por ambos os lados da fronteira e aprendi o máximo que pude sobre o México e os migrantes, sobre as pessoas que moram nas regiões de fronteiras. As estatísticas deste livro são verdadeiras e, embora eu tenha mudado alguns nomes, a maioria dos lugares também é real. Mas os personagens, apesar de representarem as pessoas que conheci durante minhas viagens, são fictícios. Não existe um cartel chamado Los Jardineros, nem a organização fictícia baseada em um cartel específico, embora reflita a natureza geral e a composição dos cartéis que encontrei. La Lechuza não é uma pessoa real.

Uma coisa que tive que aprender durante minhas viagens foi a arrancar a palavra *americano* de meu vocabulário. Em outras partes do Hemisfério Ocidental, há certa exasperação por os Estados Unidos terem se apropriado dessa palavra, quando, na verdade, os continentes americanos contêm múltiplas culturas e povos que se consideram americanos, sem as conotações culturais sequestradas. Em minhas conversas com os mexicanos, raramente ouvi a palavra *americano* para se referir a um cidadão de meu país. Para isso, eles usam uma palavra que nem existe em inglês: *estadounidense*. Enquanto eu viajava e pesquisava, até a noção do sonho americano começou a parecer proprietária. Há um grafite maravilhoso no muro da fronteira em Tijuana que

se tornou, para mim, o motor de todo esse empreendimento. Eu o fotografei e o deixei como papel de parede do computador. Sempre que hesitava ou me sentia desanimada, voltava para a área de trabalho e olhava para a imagem: TAMBIÉN DE ESTE LADO HAY SUEÑOS.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a muitas pessoas por ajudarem esta história a se tornar um livro.

Por lerem os primeiros rascunhos deste romance e serem sinceras sobre o quanto estava ruim: Carolyn Turgeon, Mary Beth Keane e Mary McMyne. Por lerem rascunhos posteriores deste romance e me incentivarem na direção certa: Pedro Ríos, Bryant Tenorio, Reynaldo Frías e Alma Ruiz. Por lerem rascunhos quase finais deste romance e compartilharem conhecimentos inestimáveis: Bob Belmont, Jenifer A. Santiago e Alejandro Duarte.

Por me permitirem observar seu trabalho importante e pacientemente me ensinar coisas sobre o México e a imigração que eu jamais teria entendido sem a percepção deles: Pedro Ríos (novamente, mil vezes), do American Friends Service Committee; Laura Hunter, da Water Stations; Elizabeth Camarena, da Casa Cornelia; Robert Vivar, da Unified US Deported Veterans; Norma Iglesias Prieto, da Universidade Estadual de San Diego e do Colegio de la Frontera Norte; irmã Adelia Contini, do Instituto Madre Asunta Esmeralda; Siu Márquez, da Coalición Pro Defensa del Migrante; Joanne Macri, do NYS Office of Indigent Legal Services; Enrique Morones, da Border Angels; Cesar Uribe, do Rancho el Milagro; padre Óscar Torres, do Desayunador Salesiano Padre Chava; Misael Moreles Quezada, do Rancho San Juan Bosco; padre Pat Murphy, Andrew Blakely, Kate Kissling Blakely e toda a equipe da Casa del Migrante em Tijuana; padre Dermot Rodgers e amigos, da Missão Católica Romana de São Pedro de Roma. Obrigado a Gilberto Martínez por me mostrar a cidade de Tijuana e compartilhar percepções culturais comigo. Obrigada a Alex Renteria, da Patrulha da Fronteira dos Estados Unidos, por responder às minhas perguntas. Obrigada a todos os corajosos homens e mulheres que conheci em diferentes estágios de suas jornadas e que falaram comigo sobre suas experiências.

Sou grata aos seguintes escritores, cujo trabalho você deve ler se quiser aprender mais sobre o México e as realidades da migração obrigatória: Luis

Alberto Urrea, Óscar Martínez, Sonia Nazario, Jennifer Clement, Aída Silva Hernández, Rafael Alarcón, Valeria Luiselli e Reyna Grande.

Sou supergrata a meu agente, Doug Stewart, por sua amizade, seu entusiasmo e talento. Sou grata a Amy Einhorn por amar este romance e por não ter sossegado quando estava bom o suficiente. Agradeço a MaryAnne Harrington por ser absolutamente dedicada a este livro. Agradeço a minha equipe de direitos estrangeiros, Szilvia Molnar e Danielle Bukowski. Obrigada a Caspian Dennis, da Abner Stein. Agradeço a todos da Flatiron por sua paixão e brilho, especialmente Nancy Trypuc, Marlena Bittner, Conor Mintzer, Bob Miller, Cristina Gilbert, Katherine Turro, Keith Hayes, Emily Walters, Vincent Stanley e Don Weisberg. Obrigada a Cecilia Molinari por elevar este livro com um copidesque preciso, sensível e perfeitamente bilíngue. Obrigada por todo o apoio global da equipe da Tinder Press e Hachette Australia. Além disso, a todas as pessoas que não estão trabalhando neste livro, mas que acreditaram nele e me apoiaram, mesmo que não seja o trabalho deles: Megan Lynch, Sonya Cheuse, Libby Burton, Carole Baron, Emily Griffin e Asya Muchnick. A Rich Green, do Gotham Group, e a Bradley Thomas, da Imperative Entertainment, obrigada.

A minha primeira família, minha mãe, Tom e Kathy, por seu amor e apoio incondicionais. A Joe, obrigada por não insistir que eu arrumasse um emprego em um banco. Obrigada por se preocupar comigo e me incentivar sempre. Aoife e Clodagh, eu não poderia estar mais orgulhosa das pessoas que vocês são e que estão se tornando, tão cheias de compaixão e coragem. Podem esquecer essa história de mover montanhas. Vocês, meninas, moverão planetas. *Mi querido hermano, Padre Reynaldo, por la resucitación de mi fe rota durante el peor momento de mi vida.* E para meu pai, que morreu uma semana antes de nosso 45º presidente ser eleito, e cuja súbita ausência de minha vida fez com que a tristeza se tornasse este livro.

SOBRE A AUTORA



© Joe Kennedy

Jeanine Cummins é autora dos romances *The Outside Boy* e *The Crooked Branch*, além do livro de memórias *A Rip in Heaven*. *Terra americana* é seu primeiro título publicado no Brasil. Atualmente ela mora com o marido e os dois filhos em Nova York, Estados Unidos.

LEIA TAMBÉM



Um caminho para a liberdade
Jojo Moyes



Um lugar bem longe daqui
Delia Owens



Noite em Caracas
Karina Sainz Borgo